

H

Henrique Dias. Homem de côr preta, mas clarissimo por suas acções, filho de africanos, liberto talvez, ou filho de liberto, tendo por descendentes os filhos escravizados das livres regiões africanas, Henrique Dias nasceu nos primeiros annos do seculo XVII, sem duvida na cabana da propriedade agricola de algum rico colono, fóra da capital, ou na senzala de algum engenho no meio dos escravizados compatriotas de seus paes.

A sua vida começa, pode-se assim dizer, em 1633, quando sua patria já por trez annos gemia sob o jugo dos invasores hollandezes, em cuja epocha abre-se o livro das suas epopéas, e começou a immortalisar o seu nome.

Henrique Dias parte do centro da provincia á frente de um punhado de homens de sua côr, penetra no Campo Real do Bom Jesus, e offerece a sua espada e os seus serviços para combater em defesa da patria; e o general Mathias de Albuquerque, acceitando os seus serviços, deu-lhe *a gineta de capitão e cabo de muitos minas e creoulos, que com animo intrepido e fiel se alistaram para servir na guerra. Antes de mim a minha patria, exclama Henrique Dias, por ella, por meu Deus e por meu Rei, serão meus braços columnas de ferro para sustentar tão charos objectos. Que importa morrer? Quando assim seja, a liberdade bem dirá meu tumulo, e o meu sangue regando a terra servirá de fonte que para o futuro brotará mil fructos.*

A 8 de Setembro de 1633, Henrique Dias á frente de 35 pretos bate-se com os hollandezes, que seguiam em socorro da villa de Iguarassú, que cahira em seu poder; foi terrivel a peleja, o capitão dos pretos portou-se com enexcedivel bravura e foi ferido por dous mosquetagos; e desse tempo, até a rendição do forte do Bom Jesus, em 1635, de cujos defensores foi Henrique Dias um dos mais illustres, tomou elle parte em diversos combates parciaes, e cada dia conquistava novos titulos de consideração, pelo seu valor e distincção.

Henrique Dias cahiu então prisioneiro de guerra, mas os hollandezes ignorando do seu valor e prestigio, e mais pelo accidente da côr, não ligaram-lhe nenhuma consideração, e deixaram-no partir livremente; e em Abril do anno seguinte elle vò a as Alagôas onde se achava o acampamento pernambucano, interna-se pelas mattas capitaneando os poucos pretos que restavam da sua phalange, reune-se ao exercito em Porto Calvo, e a 9 de Junho mede de novo as suas armas em combate travado com os hollandezes, e conquista nesse feito de armas novos triumphos.

A' fama dos feitos de Henrique Dias, cresce o numero dos seus soldados, e ao seu valor e disciplina, desenvolviam-se elles, e tornavam-se heróes. Tomando parte na batalha de Porto Calvo, ferida a 18 de Fevereiro de 1637, bateuse a frente de 80 pretos que então contava a sua companhia; a sorte das armas nos foi adversa mas elle ostentou tanta intrepidez e valentia, que na phrase de Frei Raphael de Jesus, *deve ser posta em parallelo com o que a historia nos refere de mais assombroso*. No calôr da peleja, recebe Henrique Dias um ferimento de bala de mosquete na mão esquerda que lhe interrompia os movimentos; vò as barracas da ambulancia do exercito, manda immediatamente fazer amputação da mão, e apenas terminada a operação, volta de novo ao combate dizendo: *Basta-me uma só mão, para servir a meu Deus e a meu Rei; cada um dos dedos desta outra, me fornecerá os meios de melhor vingar-me*.

A fama de tão heroica façanha, diz Fernandes Pinheiro, transpoz o Atlantico, e o governo de Madrid quiz recompensal-o conferindo-lhe o habito de Christo, e dando-lhe o fôro de fidalgo, que naquellas eras parecia mais estimado do que hoje.

Dous annos depois, por patente do governador geral D. Fernando de Mascarenhas, datada de 4 de Setembro de 1639, mereceu Henrique Dias a confirmação do seu posto e commando, em virtude da mercê que lhe fizera Sua Magestade, *para que, com mais luzimento e commodidade continuasse no seu serviço; em satisfação ao honrado procedimento com que o serviu na guerra de Pernambuco, pelejando em muitas occasiões como valente soldado*.

Com a queda de Porto Calvo, terminou o primeiro periodo da guerra da invasão hollandeza em Pernambuco. O Conde de Bagnuolo, commandante em chefe do nosso exercito, atravessou o S. Francisco, e foi levantar os seus acampamentos no territorio bahiano. Henrique Dias o

acompanhou com os seus pretos, e logo depois teve de medir as suas armas por occasião da invasão da provincia da Bahia.

Consequindo os hollandezes a conquista de Pernambuco, mallograda a da Bahia, houve uma especie de armisticio; mas os soldados pernambucanos não ficaram inactivos. Henrique Dias, a frente dos seus pretos, mette-se pelo interior do paiz, e leva o exterminio aos campos das plantações e fazendas hollandezas. Do Rio Grande do Norte a Bahia, por terra, pelo interior do paiz, sempre em marcha, sempre em destruições e combates, ora aqui, ora alem, trazia Henrique Dias os inimigos em completo sobresalto, sem que elles o podessem perseguir, pois apenas conseguida a victoria do assalto de um lugar, embrenhava-se pelas mattas, e no dia seguinte já outro era assaltado.

« Tenham por certo, disse elle em uma carta dirigida aos hollandezes ao terminar um destes celebres encontros; tenham por certo que desse Arrecife onde nossas armas os tem acurralado, lhes não fica mais sabida que para Hollanda; e se atiram a outro alvo, basta os meus negros para lhe o fazer errar. E dado o caso que pretendam vencer nossa constancia com sua perfidia, lhes poremos a terra em estado que lhes não possa dar mais que a sepultura; porque saberemos queimar-lhes em uma noite, tudo quanto plantarem em um anno; e para que não duvidem desta verdade, tenham entendido que é Henrique Dias o que escreve, pegando na penna com a mesma mão que pega na espada. »

Tal foi a sua attitude enquanto não soou a hora em que os pernambucanos deram o grito da revolta, que restaurou esta provincia do dominio hollandez; e quando essa hora chegou, elle parte do rio Real, atravessa o S. Francisco, e chega aos arraiaes do exercito restaurador. Empenhado como se achava Portugal em luta com a Hespanha pela proclamação da sua independencia, temeroso por consequente de uma guerra com a Hollanda, se francamente apoiasse e coadjuvasse a revolta, ostentava publicamente a sua reprovação, ordenava o exacto cumprimento das treguas assignadas, mandava mesmo perseguir os revoltosos; e assim, apparecem alguns documentos que poriam em duvida os nobres e generosos sentimentos de Henrique Dias, se não fosse sabida a politica simulada do governo portuguez relativa a guerra da restauração; isto é, publicamente condemnando-a, e particularmente promovendo-a.

Acoimado como desertor, perseguido simuladamente por tropas que despedira em seu alcance o governador geral da Bahia, para acobertar aos hollandezes a politica do governo portuguez, Henrique Dias mette-se pelo interior do paiz, inflamma o pronunciamento da revolta em Alagôas, e faz junção com João Fernandes Vieira e o capitão Antonio Dias Cardoso, que se achavam á frente da insurreição.

A batalha da Casa Forte, e o ataque das fortificações hollandezas entre o forte de Afogados e o das Cinco Pontas, foram os primeiros tropheos que conquistára Henrique Dias na guerra da restauração. Em fins de 1647 quando os chefes da revolta resolveram atacar a forte posição dos hollandezes no Rio Grande do Norte, confiaram esta empresa ao valente Henrique Dias; elle parte a frente do seu regimento, reforçado com algumas companhias dos indios de Camarão, e em principios do anno seguinte, deu começo as suas operações. No sitio denominado Guarairas, diz Fernandes Pinheiro, onde o inimigo se havia entrincheirado, favorecido pela optima posição topographica, ostentou coragem e pericia dignas da inveja dos mais esforçados capitães de que resa a historia. Instigados pelo seu nobre exemplo, arrojam-se os soldados ás agoas do lago que moldurava a fortaleza, e mergulhados até a cintura escalaram-na á ponta de baioneta.

A este feito, seguiu-se logo outro no dia immediato em Cunhaú. Achando-se neste ponto os inimigos fortificados, Henrique Dias marcha sobre elle e intima aos inimigos que se rendão. O chefe hollandez para ganhar tempo, responde com palavras equivocas, mas conhecendo elle qual era o seu fim, ordena o ataque, vence os inimigos, apresiona-os, toma as suas munições de guerra, arsasa as fortificações, e volta victorioso ao seu acampamento.

Nessa epocha de 1648, tão propicia ás armas pernambucanas, procuraram os hollandezes obter com ardis, aquillo que não obtinham com as armas em luta franca e leal nos campos do combate. Espalham pelos caminhos e estradas, innumeradas copias de um amplissimo perdão, pelo qual promettiam o esquecimento de culpas, e offereciam premios a todos aquelles, que, arrependidos, viessem para o Recife, no prazo de 10 dias, receber salvo conducto e prestar juramento de fidelidade. Aos chefes do nosso exercito, dirigiram-se directamente por cartas, incluso ás quaes remetteram o tal perdão, pedindo-lhes resposta em certo

prazo. Henrique Dias, recebendo uma destas cartas e o respectivo perdão, não tardou em responder aos holandezes, e assim o fez:

« Esta variedade e multidão de papeis que os meus soldados acham pelos caminhos, e que Vv. Ss. mandam deitar nelles, são folhas de que sempre conhecemos a flor. Não lhes tem ensinado a experiencia que o negro nem recebe outra côr, nem perde a que tem? Para que gastam a sua tinta, pintando o seu desejo nestas cartas, se as cartas se dão a conhecer pela pinta? O que Vv. Ss. imaginam suborno nestes cartazes de perdão, é para cada um dos meus negros cartel de desafio. Matar-se-hão facilmente com quem lhes fallar em dominio hollandez:... »

De quatro nações se compõe este regimento: Minas, Ardas, Angolas e Creoulos; estes são tão malcreados, que não temem nem devem; os Minas tão bravos, que aonde não podem chegar com o braço, chegam com o nome; os Ardas tão fozozos, que tudo querem cortar de um só golpe; os Angolas tão robustos, que nenhum trabalho os cansa; considerem agora se romperão a toda a Hollanda, homens que tudo rompem. O poder da gente, armas e municiões que Vv. Ss. repetem para lhes causar temor, servem de os alvoroçar. A crueza dos tapuias não podia fazer impressão em soldados, que por natureza são nús e crús... E assim lhes aconselho que se valham da força: convidem-nos com uma pendencia que, pelo interesse de se verem vestidos e calçados, se metterão nella a todo o risco; mas tambem lhes asseguro que, sem os matar a todos, nunca se hão de ver livres de contrarios. »

Estas palavras de Henrique Dias, as cartas que os outros chefes dirigiram sobre o assumpto, e o desprezo dos soldados ás offeras propostas, tudo isso fez comprehender aos holandezes, que, sómente a sorte das armas decidiria da posse do territorio occupado.

No intuito de pôr a cidade do Recife em um apertado cerco, crearam-se diversas estancias ou pontos fortificados nas principaes entradas e sahidas para o campo, cabendo a guarda de um destes pontos ao intrepido Henrique Dias. O lugar da estancia que lhe fôra confiada, chamava-se então sitio de João Velho Barreto, e hoje ainda conserva o nome de Estancia, recordando assim, os feitos heroicos que alli tiveram logar.

Marchando Henrique Dias a tomar posição no posto que lhe fôra confiado, estabeleceu o seu quartel em umas

casas que encontrou abandonadas, pertencentes ao holandez Giles Van Ufel. N'uma destas casas, havia uma especie de torre ou minarete alto, de cujo cimo descortinava-se não só o Recife, como tambem as suas cercanias; era por tanto a Estancia de Henrique Dias um magnifico ponto, não só strategico, como de observação.

Por sua vantajosa posição, era esta estancia o ponto que mais encommodava aos hollandezes, e elles no intuito de o tomar, por mais de uma vez o atacaram, mas sempre sem resultado algum. Entre as suas tentativas nota-se a de 15 de Agosto de 1648, em cuja acção Henrique Dias elevou-se á altura de um grande capitão, e sempre firme, jamais os hollandezes puderam se apossar da sua Estancia.

As duas batalhas dos Guararapes, são mais dous triumphos, mais duas paginas gloriosas da vida de Henrique Dias, conquistadas pelo seu valor e heroismo. Acompanhar chronologicamente todos os feitos desse illustre guerreiro, seria acompanhar todos os feitos da guerra da restauração hollandeza. O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, em duas palavras assim os recapitula: « De 1645 a 1654 Henrique Dias tomou parte em numerosos combates, commandou por alguns dias as forças que cercavam o Recife, enquanto os outros chefes tentavam a conquista de Itamaracá. Cobriu-se de gloria nas duas batalhas dos Guararapes, e em 21 annos de guerras ou de guerrilhas, em que sempre entrou, com excepção feita da capitulação honrosissima do Arraial do Bom Jezus, em 1636, nunca foi vencido ou derrotado, e sempre fulgurou vencedor, ou guerrilheiro retirou-se feliz e garboso, tendo causado ao inimigo graves damnos. »

Na sanha dos combates, nos lances apertados e duvidosos, elle arremecava o bastão do seu commando ás cerradas columnas dos inimigos, ou sobre as muralhas de suas fortificações, e bradava aos seus soldados: *A' espada, filhos; ou haveis de restituir a insignia do meu mando, ou aqui ficaremos todos sepultados.* E assim estimulados os seus soldados, redobravam de esforços, arrojavam-se impetuosos sobre os inimigos, e com a victoria restituíam-lhe a insignia do seu mando.

Terminada a guerra, Henrique Dias entrou em triumpho na vencida cidade do Recife a frente do seu regimento de heroes; e depois, quando reaes mercês foram prodigalisadas sobre aquelles que menos do que elle trabalharam pela restauração das provincias do Brazil, elle fi-

cou esquecido, ninguém mais fallou em Henrique Dias, e ninguém sabe como se deslisou a honrada velhice do Scévola brasileiro! E' de crer, conclue um escriptor, que a consumissem reclamando o pagamento de atrasados soldos, pedindo indemnisações que nunca chegaram e deixando a sua mulher e filhos por unico legado, a herança do seu nome.

E realmente, Henrique Dias, o illustre soldado das guerras da invasão e da restauração hollandeza, morreu pobre, que os funeraes do seu enterro, foram feitos pelos cofres da fazenda real, por ordem do governador Brito Freire, cujas despesas importaram em 48\$720!!

As unicas recompensas que teve depois da guerra, foram: uma data de terras feita pelo governador Barreto de Menezes por provisão de 26 de Setembro de 1656, em virtude do Decreto de 29 de Abril de 1654, que mandava repartir pelos soldados as terras, que, de qualquer maneira podessem pertencer a corôa, nas capitánias do Norte que occuparam os hollandezes; e nesta conformidade, *em respeito ao muito merecimento, que o governador Henrique Dias tinha grangeado em servir a corôa de Portugal nas guerras deste Estado*, foi-lhe dada as casas que foram do flamengo Giles Van Ufel, as olarias que foram de Gaspar Coque, e todas as terras annexas as mesmas, junto ao rio Capibaribe, até a ilha de Santo Antonio, e bem assim o terreno em que estava o cemiterio dos judeus: dous escudos de vantagem por mez, sobre qualquer soldo, por acto do mesmo governador, de 12 de Setembro de 1654, em virtude da Provisão regia de 29 de Abril do mesmo anno, *em respeito ao bem que tem servido nesta guerra, e ao valor e satisfação com que procedeu em as occasiões desta recuperação de Pernambuco, em que o seu valor córrespondeu bem a obrigação do seu cargo, e pelo animo, satisfação e talento com que se portou*: e por Carta Regia de 20 de Março de 1658, foi elevado ao posto de mestre de campo *ad honorem*! Taes foram as recompensas dos serviços prestados pelo benemerito Henrique Dias!

Em vão requereu elle o pagamento dos soldos atrasados que se lhe devia, e para receber uma insignificante quantia, foi preciso ir a Portugal reclamar o seu direito, e a rainha, *em virtude de vir de novo ao Brazil a continuar no serviço, e ser muito pobre*, ordenou por carta de 26 de Novembro de 1657, que se fosse pagando o seu soldo vencido, e mesmo assim, só em 28 de Fevereiro de 1660, obteve

despacho definitivo do governo geral da Bahia para lhe ser pago do soldo que alli vencera, cuja importancia orçava em 513\$727 réis, porém não lhe foi possível receber então dita quantia, *porque não havia dinheiro nos cofres da real fazenda!*

Pela data de terras concedida a Henrique Dias, ficou elle de posse do mesmo terreno, onde estabeleceu a sua Estancia, cuja defesa heroicamente manteve, cuja conquista obtivera pelo seu valor e patriotismo.

Ainda no calor da guerra, depois que alcançara a victoria de 15 de Agosto de 1648, dia em que a egreja celebra a festa da Assumpção de Nossa Senhora, ergueu Henrique Dias, em acção de graças uma pequena e modesta capella dedicada a mesma Senhora, no sitio em que se travára a peleja, e onde os inimigos foram derrotados, cujo terreno para este fim obtivera por doação de D. João IV. Henrique Dias edificára apenas, uma pequena capella de taipa, esperando para depois da terminação da guerra levantar um monumento mais duravel; porém a morte arrebatou-o antes da realisação desse projecto, e legando aos seus fieis soldados essa divida, esse compromisso a elevação desse monumento que recordaria as suas glorias e renome, elles cumpriram o legado de honra do velho soldado, e ainda hoje, se vê erguida e respeitada pelo tempo, a imperial capella de N. S. da Assumpção, nas fronteiras ou Estancia de Henrique Dias.

Assim morreu esquecido e pobre, o homem que tanto contribuíra, que tanto trabalhára, pela restauração de sua patria, o illustre Henrique Dias, aos 8 de Julho de 1662. O governador Brito Freire tomando a si a iniciativa dos seus funeraes, ordenou ao provedor da Fazenda Real, o pagamento da importancia do seu enterro; este porém o impugnou, *por ser contra a forma do regulamento*; mas sem embargo da duvida apresentada pelo provedor, Brito Freire ordenou que se desse cumprimento ás suas ordens, *visto o muito que deve o serviço de Sua Magestade, e o Estado do Brazil á memoria do defunto mestre de campo.*

Henrique Dias foi sepultado no convento de S. Antonio do Recife, em local hoje ignorado; mas conjecturamos, que existindo já por esse tempo a confraria de S. Benedicto, erecta nesse mesmo convento, irmandade da gente de cor preta, talvez a ella pertencesse Henrique Dias, e como tal, fosse sepultado no lugar reservado aos irmãos

dessa confraria, o qual segundo Jaboatão no seu *Orbe Serafico*, era na quadra do claustro, em que fica a capella de S. Boaventura, a qual pertence hoje a dita confraria.

Henrique Dias teve 3 filhas, das quaes houve legitima descendencia por casarem duas; uma, D. Benta Henriques, casou com o capitão Amaro Cardigo, e outra, com Francisco Rodrigues Freire. Existem, pois, os descendentes deste heroe, entre nós, porém talvez sem conhecerem a sua nobilissima ascendencia.

Como vimos, fôra Henrique Dias um dos heroes das guerras da invasão e da restauração de Pernambuco, que menos recompensa tivera dos serviços que prestára. Quando outros tiveram commendas lucrativas, lotes de terras immensos, titulos de fidalguia, elevação de postos, e outras graças, elle relativamente nada obtivera; augmento de 2 escudos no soldo que recebia, as honras de mestre de campo, e um pequeno lote de terras, eis a remuneração dos seus serviços! O habito de Christo que possuia, não lhe fôra conferido pelo governo portuguez, mas sim pelo hespanhol, quando o Brazil acompanhando a sorte da metropole, a elle ficou sugeito. Felipe IV, diz um escriptor, dera em relação á Henrique Dias, lição de justiça que D. João IV não soube aproveitar.

Tal foi a vida do illustre Henrique Dias, que na phrase de um escriptor, deu provas de lealdade sô igual a sua bravura, e mostrou-se homem tão grande pelo valor, como pela honra. Ignorante, quasi rude, revelou capacidade militar e recursos estrategicos que ninguem esperava d'elle. Era homem de côr preta, e pela côr amesquinhado; mas pela sua intrepidez, pelo seu merecimento, pelos seus serviços e brilhantes feitos, mostrou-se a par de Vidal de Negreiros, de Camarão e de Fernandes Vieira. Foi verdadeiro heroe. Expulsos os hollandezes, todos os chefes pernambucanos foram merecida e amplamente galardoados e premiados... menos elle. No Brazil perpetuaram sua mais que alva, fulgurante memoria, dando o nome de *Henrique Dias* ao regimento de homens pretos.

Hermillo Peregrino David Madeira. Filho do Padre João David Madeira um dos martyres da revolução de 1817, nasceu a 30 de Abril de 1831, no sitio Canôas, em terras do engenho Catolé, freguezia de Maranguape.

Na idade de 5 annos, David Madeira veio para o Recife, e aqui começou com applicação e aproveitamento os seus

estudos primarios, e ao depois os secundarios, aprendendo o portuguez, latim e francez. Entrando posteriormente no Seminario Episcopal de Olinda com o fim de proseguir nos seus estudos e ordenar-se, e quando já havia conseguido prestar alguns exames, e já tinha encetado o estudo de algumas das materias scientificas do curso, teve de abandonar tudo isso, e fixou-se em Agua Preta na propriedade de seu pae, á ajudal-o na vida agricola, pois elle era o filho mais velho, e contava então os seus 15 annos de idade.

Não obstante ter deixado os seus estudos em tão verdes annos, quando rarissimo apparece o desejo do saber e o amor ás letras, não obstante ainda a vida laboriosa que abraçára, mesmo assim, o seu gosto e dedicação aos estudos não o levaram a abandonal-os de todo, e nas suas horas de ocio se entregava a leitura de quanto livro lhe chegava ás mãos, conseguindo assim um certo gráo de bem soffrivel instrucção no que muito lhe coadjuvou os seus conhecimentos da lingua franceza, na qual era versado.

Exercendo o primeiro cargo policial em Agua Preta, David Madeira prestou valiosos serviços, não só a ordem e tranquillidade publicas, como tambem por occasião da construcção da via ferrea de S. Francisco, mostrando-se sempre independente, energico e justiceiro. Na politica, embora local, foi o que havia sido como autoridade; militando nas fileiras do partido liberal, intransigente com os seus principios, David Madeira nunca attendeu a conveniencias locaes ou pessoas, quando mais convinha tratar das geraes, e nessa posição se viu algumas vezes inteiramente só, e mesmo em opposição aos seus proprios amigos politicos.

Patriota, altivo e exaltado, o mais acrisolado amor da patria o inflammava; e quando o governo imperialprehendido pela atrevida empresa do Paraguay convidou os brasileiros para a defesa da honra nacional, e Pernambuco mostrou que não tinha amortecido o seu enthusiasmo de gloria, que é um dos nobres caracteres que o distinguem, alguns cidadãos não desmentindo os brios que enobrecem os seus antepassados, ergueram o espirito publico por meio do exemplo, offerecendo-se voluntariamente, e mostrando ao Brasil que em Pernambuco havia gente que não trepidava em sacrificios ante a defesa dos brios e da honra da patria; e dentre esses cidadãos, notava-se o vulto de Hermillo Peregrino David Madeira.

No goso de uma vida abastada e independente, considerado em sua localidade, senhor do engenho Santa Fé em Agua Preta, eleitor dessa parochia, vice-presidente da camara municipal da villa desse nome, á frente dos negocios de sua familia, David Madeira abandona a todas as suas conveniencias particulares, deixa os commodos e confortos de sua vida, e levado por esse nobre enthusiasmo de propugnar pelos brios de sua patria e pela defesa dos sagrados direitos dos seus concidadãos, parte para o Recife, e a 27 de Fevereiro de 1865 se offerece voluntariamente á marchar para a guerra do Paraguay.

E' com verdadeiro desvanecimento e ufanía, dizia no dia seguinte um conceituado jornal desta capital, que noticiamos ao publico factos como este, que tão bellamente concorrem para pôr em alto relevo os sentimentos de sincero patriotismo desta heroica provincia, cuja historia nol-a mostra sempre fertil em actos de dedicação patriótica e grandeza de animo, todas as vezes que se trata dos brios e dignidade nacionaes,

Recebendo a patente de capitão, por portaria da Presidencia de 20 de Março de 1865, no dia 27 de Abril embarcou David Madeira fazendo parte do 1.º batalhão de Voluntarios da Patria, que partiu desta provincia, o qual passou a ter no exercito o n.º 11. Em 7 de Agosto escrevia elle de Ayuy, no Uruguay, junto a villa da Concordia, uma carta em que dizia: «Já me chegou a vez de fazer piquete, sendo tirado com 50 bayonetas para o piquete chamado da frente, que é a guarda do exercito;... posso dizer que dispuz, por espaço de 24 horas dos destinos de uma grande parte do exercito. Tive a felecidade que nada houvesse, soffrendo porém chuvas desde as 8 horas da manhã até ao meia dia, hora em que cheguei no abarracamento.

Em Março de 1866 já se achava em Corrientes, e a 23 de Abril escrevia do acampamento do forte de Itapyrú: «No dia 16 pelas 9 da manhã, effectuou o general Osorio a passageira da primeira divisão do exercito a qual pertence o 11.º; o inimigo fez pouca resistencia... Entraram nesta façanha soldados do 2.º de linha e voluntarios, e 6 praças do 11.º, gente esta que desembarcou em primeiro lugar, e que commandados por mim, levamos o inimigo debaixo de fogo até quasi meia legoa, onde se debandaram, e tambem onde por duas vezes recebi ordem para não avançar mais. Esta gloria foi immensa para mim, embora não se trate de uma acção renhida; todavia, fui o primeiro

brasileiro e Voluntario da Patria, que repelliu o inimigo em seu proprio territorio ;... e ainda mais, porque indo officiaes de linha na minha frente no começo do fogo, no calor do combate, porém, achei-me quasi só, sendo eu mesmo que apresentei-me em frente dos soldados, quando os inimigos fugiam. »

O capitão Hermillo Peregrino David Madeira, acompanhando todo o movimento do exercito, figurou digna e honrosamente em todos os combates e batalhas. Ferido gravemente na celebre batalha de 24 de Maio, na qual envolveu uma bravura digna de imitação, assumiu depois ao commando do batalhão, na qualidade de official mais antigo, no impedimento do respectivo commandante e do major do mesmo corpo, feridos e fóra de combate. Partindo para Corrientes, em virtude de um outro ferimento que recebeu em combate, escrevia d'ahi em 8 de Agosto : « Agora escrevo sem ter nada á accrestar ; communico apenas que vou partir para o exercito, e talvez que em breve tenha de voltar, porque estou com uma perna bastante doente. »

Apenas restabelecido, David Madeira voltou de novo ao campo da batalha, e tomando parte no combate de 22 de Setembro de 1866, e quando tecia com o seu heroismo uma das paginas mais gloriosas dos annaes guerreiros do Brazil, depois de haver já perdido dous dedos, recebe um ferimento de metralha que lhe offendeu a espinha dorsal, gravissimo ferimento que pôz esse valente soldado fóra de combate, e do qual veio a fallecer no dia 8 de Outubro.

Pernambucano distincto, arrojado e Valente, Hermillo Peregrino David Madeira pela estreiteza do tempo de campanha não pôde attingir á postos e titulos elevadissimos, que ainda mais realçassem o seu merecimento e valor ; deixou porém a sua memoria enobrecida por actos de bravura e heroismo, deixou o seu nome estampado na historia patria em caracteres indeleveis, deixou finalmente aos contemporaneos e aos vindouros um exemplo nobre e elevado, que sempre lhes despertará os brios e o patriotismo. Inhumado o seu cadaver no cemiterio da Santa Cruz em Corrientes, foi lavrada sobre a sua sepultura a seguinte inscripção, que é uma verdadeira homenagem ao seu alto merecimento : *Aqui jazem os restos mortaes do Capitão do 11.º corpo de Voluntario da Patria Hermillo Peregrino David Madeira. Respeitem as cinzas de um bravo.*

I

Ignacio Firmo Xavier. Nasceu na freguezia de S. Antonio do Recife, em 10 de Junho de 1825, e foram seus paes Ignacio Firmo Xavier, feitor conferente da Alfandega desta provincia, e D. Maria Gertrudes de Jesus Xavier.

Terminando os seus estudos de humanidades em Pernambuco, Ignacio Firmo seguiu para o Rio de Janeiro, e matriculou-se na Escola de Medicina, mais veio concluir os seus estudos na Bahia, onde doutorou-se em 13 de Dezembro de 1850; versando a these que apresentou a academia, sobre *O homem e o medico*.

Regressando para Pernambuco logo depois da sua formatura, foi nomeado medico da freguezia de S. José, afim de prestar-se gratuitamente as pessoas pobres atacadas das febres reinantes; por Decreto de 18 de Agosto de 1852 foi nomeado cirurgião-mór da Guarda Nacional do municipio do Recife, e neste mesmo anno foi nomeado medico do Hospital Militar, e no anno seguinte passou a servir no Hospital de Caridade, hoje Pedro II, na qualidade de 2.º medico; e em 3 de Dezembro recebeu a nomeação de secretario da Junta de Hygiene Publica, na qual já servia como adjunto, sendo posteriormente nomeado inspector da saude publica. Em 1856, quando reinou de modo devastador o colera morbus, o Dr. Ignacio Firmo prestou relevantes serviços, já como encarregado do serviço clinico da freguezia de S. José e do hospital provisorio, já como medico da enfermaria do Carmo. Tambem serviu como medico do Hospital dos Lazaros, Collegio das Orphãs, Hospicio dos Alienados em Olinda, e do Gymnasio Pernambucano.

Em 1848, ainda estudante, foi nomeado medico gratuito do batalhão de voluntarios, merecendo por seus serviços, especialmente pelos que prestou por occasião da epidemia do colera, a condecoração do habito da Ordem da Rosa em 1858, sendo depois agraciado com o de Christo.

Si no exercicio da medicina, quér nos diversos cargos que exerceu, quér em sua clinica particular, o Dr. Ignacio Firmo Xavier conquistou os fóros de um profissional distincto, não menos se distinguio como homeni de letras. Modesto, sem fazer alarde do que sabia, alguns escriptos que publicou revelam o talento e a illustração que possuia.

Dos que podemos colligir, sem contar as suas producções esparsas pelos jornaes do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, principalmente poesias, encontramos os seguintes :

Um gemido, folheto em verso. Pernambuco, 1849.

O homem e o medico. These apresentada a Academia de Medicina da Bahia em 1850.

Reflexões sobre a educação physica e moral da infancia. Recife, 1854.

Breve memoria sobre as casas de maternidade e sua utilidade no Brazil. União (Pernambuco) de 17 de Março de 1855.

As epidemias (artigo historico) *Diario de Pernambuco* de 11 de Agosto de 1855.

Discurso proferido no jantar que em 4 de Outubro de 1855, os frades franciscanos desta cidade deram aos pobres, no refeitório do convento, por occasião da festa do seu padroeiro. *Diario de Pernambuco* de 11 do mesmo mez e anno.

Além destas producções, e de outras que se encontram nos jornaes desta provincia, Rio de Janeiro e Bahia, publicou uma poesia anonyma sob o titulo *Immaculada Conceição*, umas poesias e um hymno á SS. MM. II. em 1859, e outras por occasião dos funeraes da rainhas de Portugal D. Maria II e D. Estephania.

Cultor apaixonado da arte dramatica, escreveu entre outras composições, um drama sob o titulo *Independencia do Brazil*, que foi levado á scena no theatro Santa Izaabel a 7 de Setembro de 1855, e mais algumas comedias que foram apresentadas no Conservatorio Dramatico, do qual fazia parte, e depois representadas.

O Dr. Ignacio Firmo era um homem nimiamente artista; o theatro, a musica e a pintura, tinham nelle um cultor dedicado e apaixonado, e se, bem pouco produziu, contudo, por varias vezes o publico desta cidade teve occasião de apreciar as suas composições, principalmente theatraes e musicas.

O Dr. Ignacio Firmo Xavier falleceu aos 45 annos de idade, no dia 7 de Novembro de 1870, e foi sepultado no dia seguinte no Cemiterio Publico do Recife.

J

Jacob de Andrade Velloso. Nasceu no anno de 1639, na epocha do maior auge do dominio hollandez, sob o governo do principe Mauricio de Nassau. Seu pai era hollandez; mas o seu sobrenome — *Andrade*, indica que sua mãe era pernambucana, ou talvez portugueza.

Enganadamente dizem alguns escriptores que Velloso nascêra em 1659, e que se retirára para Amsterdam depois da restauração de Pernambuco do dominio hollandez, como Barbosa Machado e o conselheiro Pereira da Silva, sem ao menos attenderem que a expulsão dos hollandezes foi em 1654, 3 ou 4 annos antes da epocha que assignalam ao seu nascimento!

Aos 15 annos de idade, passou-se Velloso para a Hollanda em companhia de seu pai, quando os seus compatriotas foram obrigados a sahir desta provincia em 1654 depois da capitulação do Taborda, e foi residir na cidade de Amsterdam, ahi continuou os seus estudos encetados no Recife, e formou-se em medicina.

Bem cedo os talentos e illustração do joven medico deram-lhe reputação e nomeada; e dedicando-se tambem ao estudo das sciencias naturaes, publicou varias memorias e outros trabalhos scientificos, em hollandez, os quaes mereceram louvores dos sabios e escriptores de sua patria adoptiva. Tambem em medicina foi insigne e como diz o autor da Bibliotheca Lusitana, mereceu grande fama pela suas curas.

Dos trabalhos publicados pelo Dr. Jacob de Andrade Velloso, de bem poucos temos noticia, sendo apenas conhecidos os seguintes:

Theologo religioso. Consta que é uma invectiva contra

o livro do judeu portuguez Bento Spinoza, que tem por título — *Theologo politico*.

Messias Restaurado. Esta obra é uma refutação ás *Dissertações do Messias*, do ministro calvinista Jaquetot.

Além destas obras corrigio, expurgou e annotou a obra *Epitome de la verdad de la ley de Moysés*, de R. Morteira, e escreveu além de suas obras de medicina, interessantes memorias sobre o Brazil, das quaes, segundo o Sr. Conselheiro Pereira da Silva, ainda no seculo passado existiam diversas em manuscripto nos archivos de Portugal.

O Dr. Velloso residio não só na cidade de Amsterdam, como tambem nas de Haya e Flandres, e em todas ellas firmou ainda mais os seus creditos de grande medico e celebre naturalista. O Dr. Jacob de Andrade Velloso falleceu no anno de 1712, aos 73 annos de idade, e a Hollanda, a nova patria dessa illustre pernambucano, guarda reverente os seus restos mortaes, e celebra o seu nome incluindo-o merecidamente em o numero de seus mais illustres heróes.

Jeronymo de Albuquerque Maranhão. Nasceu na cidade de Olinda em 1548. Foram seus pais o velho capitão portuguez Jeronymo de Albuquerque, cunhado do 1.º donatario desta capitania Duarte Coelho e parente do grande Affonso de Albuquerque, o heróe das Indias, e D. Maria do Espirito-Santo Arco-Verde, filha do indio *Arco-Verde*, cacique ou chefe da tribu dos Tabayares.

Nos seus primeiros annos, cursou Jeronymo de Albuquerque as aulas do collegio dos jesuitas de Olinda e exercitou-se no manejo das armas nas luctas que os colonisadores sustentaram com os indigenas para os subjugar.

Aos 20 annos de idade, figurou Jeronymo de Albuquerque dignamente na occupação do porto da Parahyba, e pelo seu valor e procedimento, foi escolhido pelo governador de Pernambuco Manoel Mascarenhas Homem, para commandar as tropas destinadas ao Rio-Grande do Norte e que deviam acompanhal-o nesta empreza.

Parte a expedição de Pernambuco e aos 18 de Dezembro de 1597 desembarca no Rio Grande e funda a cidade do Natal, hoje capital dessa provincia.

Retirando-se Manoel Mascarenhas, ficou Jeronymo de Albuquerque só em campo; e pôde conseguir em pouco tempo impedir aos francezes o trafico do pão-brazil e redu-

zir a obediencia os indios Potyguares sublevados, que submissos vieram a frente de um dos seus chefes chamado Sorobabé depôr aos seus pés as suas armas de guerra em signal de paz e alliança.

Tão grandiosos serviços não podiam passar desaperebidamente. A fama das suas conquistas, o seu valor e heroismo, na reivindicacão dos dominios da corôa portugueza, usurpados por invasores estrangeiros, chegaram até ao monarcha; e elle, como galardão dos seus feitos, conferio-lhe por patente de 9 de Janeiro de 1603, o fôro de fidalgo de sua Real Casa e o provimento do governo do Rio Grande do Norte, pelo tempo de seis annos.

Occupando os francezes engajados em Diepe pelo armador Jacques Riffault, as terras do Maranhão, desde 1594, despertou finalmente a côrte de Madrid, que ordenou ao governador geral Gaspar de Souza, que tratasse de os expellir, devendo, para maior facilidade das expedições, fixar a sua residencia em Olinda.

Por informações de Gaspar de Souza, mandou El-Rei que se nomeasse para chefe dessa empreza a Jeronymo de Albuquerque, « varão recommendavel por seu character e serviços e já na idade de 65 annos, apparentado por sua mãe com os indigenas, de quem sabia o dialecto e entre os quaes gozava estima e exercia influencia. »

A sua provisão de nomeação foi lavrada aos 29 de Maio de 1613, e em virtude do cargo que lhe foi conferido, ficou vencendo annualmente 200\$, sendo metade em dinheiro e metade em fazendas, pagos no almoxarifado da dita conquista, a contar do 1.º de Junho seguinte.

Mas Jeronymo de Albuquerque, diz o commendador Mello, não foi honrado só com a nomeação de capitão, commandantê em chefe do descobrimento e conquista; coube-lhe mais a gloria de receber carta directa e particular do monarcha, empenhando-o á empreza aventurosa, honra extraordinaria e grande que os príncipes rarissimo dispensam aos seus vassallos ou subditos.

Aprestada a expedição, partiu Jeronymo de Albuquerque do porto do Recife em 1 de Junho de 1613, e depois de chegar ao Maranhão, desembarcou no lugar denominado Buraco das Tartarugas, fundou a fortificação de N. S. do Rosario, guarneceu-a e voltou á Pernambuco por terra, a solicitar novos auxilios, temendo arriscar-se em lance tão desigual, onde não havia soccorro algum.

De novo nomeado ou confirmado por patente de 17 de

Junho de 1614. pelo governador Gaspar de Souza, para a conquista do Maranhão, « pela confiança que delle tinha, e ser experimentado nas guerras deste Estado e pela satisfação que tinham de sua pessoa os indios », partiu de Pernambuco, e depois de innumerados trabalhos e soffrimentos por que passou nessa penosa viagem da Parahyba para o norte, e muitas arribadas ao Rio Grande e Ceará, foi aportar á bahia de S. Marcos, no Maranhão.

Saltando á terra, fundou em Guaxenduba o arraial de Santa Maria e se fortificou convenientemente.

Já então havia Jeronymo de Albuquerque tomado posse daquellas terras em nome da corôa de Portugal, como seu procurador « autorisando o acto e o documento com o signal publico de nossa redempção, que mandou logo levantar com as devidas solemnidades e com a pompa que as circumstancias permittiam. »

Não tardou muito, que avisado Ravardiere da occupação daquelle ponto por Jeronymo de Albuquerque, viesse atacal-o nas suas fortificações com mais de 400 francezes e 4,000 selvagens, no dia 19 de Novembro de 1614, tendo já no dia 11 tomado duas das suas maiores embarcações e uma das pequenas.

Ao amanhecer daquelle dia, desembarcaram os francezes; fere-se o combate, e depois de 6 horas de um renhido batalhar, são elles derrotados, abandonam o campo, e o deixam juncado de cadaveres. No dia 22 pediu Ravardiere uma suspensão de armas, e no dia 27 assignaram os dous chefes os artigos pelos quaes deviam cessar as hostilidades até o ultimo de Dezembro de 1615, tempo sufficientemente necessario para as duas côrtes resolverem a respeito da posse da ilha do Maranhão.

Assignadas as treguas e expedidas as necessarias communicações á Pernambuco, ao governo de Madrid e ao embaixador hespanhol em Pariz, Jeronymo de Albuquerque em acção de graças ao Todo Poderoso, deu começo a construção da igreja de Nossa Senhora da Ajuda; porém, sendo a tregua que celebrara desapprovada pela côrte de Madrid, por serem ellas concluidas com piratas, El-Rei ordenou que marchasse sobre o Maranhão uma outra expedição, que acabasse quanto antes com a sua conquista, e que apoiada pelas tropas que lá já existisse, expellisse immediatamente os francezes.

O mando dessa expedição foi confiado a Alexandre de

Moura, com a dignidade de *capitão da armada, e general da guerra*. « Jeronymo de Albuquerque, diz um historiadôr, á vista de tão notavel injustiça, ferido o seu amor proprio, esquecidos os seus longos serviços, desprezada a sua tão notavel experiencia, mostrou-se superior a todos os desgostos, e usando de toda a grandeza de sua alma tão nobre, resignou-se, sujeitou-se aos revezes da fortuna e obedeceu. Em 30 de Outubro, já sob o commando de Alexandre de Moura, aquartelou junto a *Fonte das Pedras*, para perseguir o inimigo acastellado no Forte do Bularte; e em 2 de Novembro foi a capitania arrebatada do poder dos francezes. »

No dia 31 de Outubro de 1615, Jeronymo de Albuquerque moveu as suas tropas sobre a fortaleza de S. Luiz, e no dia 1 de Novembro entrou naquella Bahia a armada de Alexandre de Moura, e a 2 foi lavrada e assignada a capitulação, pela qual Ravardiere obrigava-se a entregar o forte e toda a ilha, e a retirar-se com os seus compatriotas.

Comparando-se estas datas, vê-se claramente, que Alexandre de Moura nenhuma peleja teve, nenhuma acção dirigiu, e nem um só tiro disparou. Cabe, pois, exclusivamente a Jeronymo de Albuquerque, a gloria do grandioso resultado dessa arriscada empreza, cujas palmas do triumpho e hymnos de victoria, fizeram lhe esquecer as privações, os incommodos, os perigos e tantas outras difficuldades que heroica e resolutamente affrontou este illustre e venerando ancião.

Jeronymo de Albuquerque foi constituido por Alexandre de Moura, em virtude dos seus plenos poderes, capitão-mór da capitania do Maranhão, *premio condigno ao muito que nella havia trabalhado*, e começou a governar todo o Estado, que então comprehendia o Pará e Amazonas. Desse dia por diante, Jeronymo de Albuquerque addicionou ao seu nome o de Maranhão, em commemoração do termo da sua gloriosa empreza.

Eis como o Sr. Vadhagem aprecia este facto em uma Memoria lida no Instituto Historico Brasileiro:

« Asseguro-vos, Senhores, que estremecei de alegria e de entusiasmo quando pela primeira vez attentei na nobre audacia que o heróe pernambucano, com uma sem cerimonia quasi selvagem, e bem natural a um chefe de indios, lavrou para assim dizer por si mesmo alvará, intitulado-se, pela primeira vez, *Maranhão* ao sellar com a sua

assignatura a capitulação feita com o chefe francez inimigo Ravardiere. »

« Oh ! que coração robusto não devia ser aquelle do tal pernambucano para ousar ir adoptando esse cognome, arrostar as satânicas risotas dos contemporaneos, e até as hostilidades dos seus emulos. » « Mas ainda bem ! esse martyrio momentaneo lhe valeu o estarem ainda hoje perpetuando seu grande feito todos os seus descendentes, todos os que se appellidam *Albuquerque Maranhão*. »

Confiado ás suas mãos as rédeas da administração daquelle Estado, e quando ja não era preciso desembainhar a sua espada, J. de A. Maranhão entregou-se afanosamente a fundação e edificação da capital, dando-lhe nova fôrma e ordem, segundo as instrucções da côrte de Madrid.

Chamou a obediencia os índios da ilha de S. Luiz, mandou explorar as riquezas do Pindaré, protegeu aos indigenas, cuidou dos negocios da administração organisando-os convenientemente, e a nada se popou e a nada se eximio para dar prosperidade e engrandecimento áquella terra que havia conquistado palmo a palmo com a sua espada, com o seu valor.

Porém no curto espaço que sobreviveu á restauração, não pôde Jeronymo de Albuquerque colher os fructos das suas fadigas e labores; dir-se-hia que o Autor dos Mundos lhe havia sómente concedido o tempo necessario para ajuntar a sua gloria de guerreiro, a de fundador de uma das mais bellas cidades do Brazil, a de S. Luiz do Maranhão. « Dous annos mais e alguns dias, diz o padre Jaboatão, governou *Jeronymo de Albuquerque* o Maranhão, como seu capitão-mór, conquistador e novo povoador daquella colonia, que a custa de trabalhos e varias guefras, que ainda teve com os gentios, especialmente em um levantamento que fizeram ahi no anno de 1617, ao mesmo tempo que se haviam levantado tambem ao do Grão-Pará, defendeu, conservou e augmentou com grandeza de animo, esforço de capitão e liberalidade de principe. »

E assim, no sabbado 11 de Fevereiro de 1618, falleceu Jeronymo de Albuquerque Maranhão, o heroico conquistador das terras dessa provincia, o seu primeiro governador, e fundador da cidade de S. Luiz, sua capital.

Enumerar todos os serviços prestados a causa da civilisação e da patria, por Jeronymo de Albuquerque Maranhão, seria necessario escrever dia por dia os annos des-

sas conquistas, a sua propria historia emfim. Sò um Plutarcho poderia fielmente descrever a vida e os gloriosos feitos deste illustre pernambucano. Os seus proprios inimigos reconheciam a nobreza e generosidade daquella grande alma. Ravardiere, aquelle que pelo peso das suas armas, vio-se forçado a evacuar o Maranhão, comparou a sua clemencia, o seu cavalheirismo, ao do grande Affonso de Albuquerque, o heróe das Indias, um dos seus illustres ascendentes. A gloria desse heróe, que orgulha e enobrece o nome pernambucano, é a gloria dessa provincia, a qual legou os seus restos mortaes, e da qual como os irmãos Scipões, depois da conquista da Africa e Asia, tomou o seu nome, o nome de Maranhão.

Jeronymo Cesar de Mello. Nasceu pouco mais ou menos no meiado do seculo XVII. Era filho do coronel Agostinho Cesar de Andrade e D. Laura de Mello, neto paterno de Francisco Berenguer, e materno de Jeronymo Cadena, fidalgo da Casa Real e D. Maria de Mello.

De sua vida e educação, nada encontramos; cremos porem que se dedicou á vida agricola, pois foi senhor de varios engenhos, e capitão-mór das ordenanças de Maranguape, onde sempre viveu. Foi tambem administrador do *Vinculo de S. Miguel*, instituido por seu cunhado o Rvd. Dr. Manoel Fernandes Vieira, vigario da freguezia de Itamaracá.

Jeronymo Cesar de Mello assentando praça de soldado no exercito de segunda linha desta capitania, subiu a todos os postos, e já em 1698 recebia a patente de tenente coronel de infantaria das ordenanças de Itamaracá, lavrada pelo governador Caetano de Mello e Castro. Restaurando o governador e capitão general D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro o posto de capitão-mór da freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres de Maranguape, mereceu Jeronymo Cesar de Mello ser provido nesse posto pelo mesmo governador, por patente de 24 de Junho de 1699 *pela sua qualidade, prudencia e valor*, no qual foi confirmado por Patente Régia de 27 de Setembro de 1700, *por haver servido em praça de soldado sete annos, assistindo na fortaleza do Brum com boa satisfação, e depois com o posto de capião de cavallos passar ao de tenente coronel de infantaria de ordenanças, e no dito posto proceder com singular zelo do real serviço, e da mesma maneira nos cargos*

que occupou, servindo varias vezes de vereador e juiz com igual inteireza e rectidão na justiça que administrava; como reza a mencionada patente régia.

A revolta de 1710, conhecida na historia por *Guerra dos Mascates*, encontrou no capitão-mór Jeronymo Cesar de Mello, um dos seus mais illustres heróes. Ao brado da nobreza contra os *Mascates* ou mercadores do Recife, correu pressuroso da sua habitação dos Maranguapes á cidade de Olinda, fez parte do congresso da Camara do Senado, onde se pronunciou contra a proposta do capitão Bernardo Vieira de Mello para que se desse o grito de república, votando porem pela proposta da eleição do bispo diocesano D. Manoel Alvares da Costa, para assumir ao governo da capitania, em virtude de haver fugido para a Bahia o respectivo governador Sebastião de Castro e Caldas.

Por occasião do levantamento dos mascates do Recife, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, « mostrou quanto se scandalisára, acudindo logo com as suas ordenanças para o assedio geral; na distribuição dos presidios, tocou-lhe a mais importante das estancias qual era Olinda, pela multidão dos pontos que era necessario guarnecer: desempenhou os seus deveres, sempre com applausos publicos até a vinda do governador Machado: então se retirou para a sua residencia, sem chegar a nossa noticia a razão de não ser prezo, sendo cúmplice, accusado e devassado, »

O tenente-coronel Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, tratando de Jeronymo Cesar de Mello na sua *Nobiliarchia Pernambucana*, diz que a natureza dotou-o de um animo generoso e de muitas prendas; que teve grande propensão para as sciencias philosophicas, e que foi excellente poeta.

No entretanto nenhuma das composições poeticas de Jeronymo Cesar de Mello, ou qualquer outro trabalho litterario, chegaram aos nossos dias! E assim perdeu talvez a nossa historia litteraria bellas e valiosas paginas, pela incuria e desamor dos homens, que só vivem do presente, e para o presente.

Porem podemo-nos firmar no competente juizo do erudito Borges da Fonseca, que o chama—*excellente poeta*.

Pelos seus serviços e honrosos precedentes, alem da patente de capitão-mór das ordenanças de Maranguape, foi condecorado com o habito da Ordem de Christo e recebeu o fôro de fidalgo da Casa Real.

Jeronymo Cesar de Mello falleceu no anno de 1738, foi casado com D. Maria Joanna Cesar, filha de João Fernandes Vieira e de Cosma Soares, de cujo consorcio deixou numerosa descendencia.

Jeronymo Fragoso de Albuquerque. Nasceu em Olinda em fins do seculo XVI, sendo seus paes o capitão Alvaro Fragoso, natural de Lisboa, e D. Joanna de Albuquerque. Foram seus avós paternos o Dr. Braz Fragoso, desembargador da Casa da Supplicação, e D. Maria de Mello; e maternos, Jeronymo de Albuquerque, fidalgo portuguez, e a india D. Maria do Espirito Santo Arco Verde.

A 5 de Outubro de 1615 seguiu Jeronymo Fragoso para o Maranhão fazendo parte da expedição que partiu de Pernambuco para a conquista daquella provincia do poder dos francezes, tocando-lhe o commando de um dos navios que conduzia dita expedição. Jeronymo Fragoso, tomando parte em todas as operações militares da conquista do Maranhão, distinguio-se por seus feitos, e nobilitou-se por suas acções de valor e patriotismo.

Terminada a campanha, e passando aos dominios da corôa portugueza a rica capitania do Maranhão usurpada pelos francezes, o commandante em chefe da expedição, Alexandre de Moura, ao retirar-se com a sua armada para Pernambuco, despachou para Portugal a Jeronymo Fragoso, incumbindo-o de communicar ao governo o resultado da sua empresa, a noticia da restauração do Maranhão.

Jeronymo Fragoso partiu para Lisboa em principios de 1616, e cumprindo a sua missão, voltou despachado governador do Pará, em 1619, e tocando em Pernambuco seguiu para o seu destino, em 16 de Março, e a 6 de Abril aportava na capitania do Maranhão. Jeronymo Fragoso de Albuquerque, fidalgo da casa real, diz Berredo, que nas occasiões de maior honra se havia feito merecedor de grandes empregos, tinha chegado ao Maranhão com o de capitão-mór do Grão Pará, e continuandó a sua viagem até a cidade de Belém, tomou posse delle nos ultimos de Abril, com uma geral satisfação daquelles moradores.

Jeronymo Fragoso *voltando todo o seu animo bellicoso* para o castigo dos Tupinambás, apromptou logo uma expedição de quatro embarcações de quilha e muitas canoas, com a equipagem de 100 soldados alem de grande numero de indios, e a 4 de Junho partindo em direcção ao sitio do

Iguapé deu-lhes tão vigoroso ataque, que os deixou inteiramente derrotados. Passando depois á bater os indios Guanapus e Carapys, voltou de novo ao Iguapé, e tomando outras direcções sempre em demanda dos mesmos indios, conseguiu afinal derrotal-os e internar, os poucos que restavam, pelo centro do paiz.

Chegando, por esse tempo, a cidade de Belém, o capitão Bento Maciel Parente, com a expedição que levantára em Pernambuco, para a guerra dos Tupinambás, foram taes os seus actos de barbaridade e exterminio, e com tanto excesso de escravidão e de tormento de milhares de selvagens, que Jeronymo Fragoso viu-se forçado, pelos mais generosos sentimentos, a ordenar que não mais se proseguisse na obra da vingança e do terror, embora Maciel Parente no seu phrenesi devastador não o obedecesse.

Sem forças necessarias á manter as suas ordens, Jeronymo Fragoso viu-se forçado pela prudencia a dissimular, e recolheu-se a capital de Belém, assegurando a paz e o socego da colonia pelas suas conquistas sobre os indios. Jeronymo Fragoso de Albuquerque, quando ia iniciar a serie de trabalhos necessarios ao bem estar da capitania, então livre dos ataques dos indios, foi accommettido de aguda molestia, *que lhe tirou a vida, quando a tinham feito merecedora de maior duração as suas virtudes.*

Jeronymo Fragoso de Albuquerque, capitão-mór e governador do Pará, fidalgo da casa real, falleceu no ultimo de Agosto de 1619, em meia jornada da vida, mas deixou o seu nome nobilitado pelos seus serviços na campanha da restauração do Maranhão, e nas guerras indigenas da capitania do Pará.

Jeronymo Vilella de Castro Tavares. Nasceu no Recife aos 8 de Outubro de 1815. Foram seus paes o Dr. Jeronymo Vilella Tavares, e D. Rita Maria Theodora de Castro Tavares.

Jeronymo Vilella chegára a sua adolescencia no periodo em que a carreira das letras no Brazil, pela creação dos cursos juridicos e outras faculdades, offerecia aos jovens brasileiros a vantagem de no seu proprio paiz encontrar de portas abertas esses tabernaculos da sciencia que se chamam academias. Haviamo-nos emancipado da tutella politica da metropole; emancipamo-nos tambem da tutella scientifica, com a creação dos cursos de instrucção superior, nacionalisando assim o estudo das sciencias.

Vivacidade de espirito, talento precocemente revellado, Jeronymo Vilella quer no estadio da instrucção primaria, quer no da secundaria, começou a dar inequivocas provas dos dotes immensos com que a natureza o enriquecera, pela sua applicação, desenvolvimento e progressos. Considerado e distinguido por seus mestres, entre elles o Padre Lopes Gama, e Frei Carlos de S. José, elles ufanavam-se de tal discipulo, havendo-lhe leccionado entre outras materias, rhetorica e poetica, philosophia racional e moral.

Terminando aos 15 annos a serie de preparatorios necessarios ao curso de direito, matriculou-se Jeronymo Vilella na Academia Juridica de Olinda, no anno de 1831. Ahilogo no primeiro anno, diz um seu biographo, conquistou uma brilhante reputação sobresahindo entre os seus mais distinctos collegas — *por sua applicação, e conhecimentos, que com ella adqueriu, e por sua honrosa conducta, a ponto de ter sido premiado com uma medalha de ouro* aos 19 de Outubro de 1833; sendo que o respectivo *certificado de merito* (contendo as supraditas palavras) era assignado pelos seus dignissimos lentes os Drs. Manoel José da Silva Porto e João José de Moura Magalhães, cuja austeridade não pôde ser contestada pelas pessoas que bem os conheceram. Alem disto, cumpre observar, que, pelos Estatutos que então regiam os Cursos Juridicos do Imperio, a concessão de taes premios, *era dependente de difficeis provas*, e sobretudo — *da unanimidade de votos* da respectiva Congregação; entretanto, Jeronymo Vilella teve justos titulos de benemerencia para conquistar mui nobremente todos esses suffragios dos seus illustres mestres.

Alem de tudo isso falla tambem eloquentemente o resultado obtido em todos os seus exames, e honrosos attestados despidos dessa graciosidade commum, entre outros os dos Drs. Pedro Aufran da Matta e Albuquerque Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, depois Visconde de Camaragibe, e do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, director do Curso Juridico.

O anno de 1835, foi para Jeronymo Villela de expletidos e honrosos triumphos; elle contava então 20 annos de idade. A 11 de Novembro, recebeu a carta de bacharel em sciencias juridicas e sociaes; a 20 de Dezembro, depois de brillantemente sustentar as suas theses, recebeu o gráo de doutor; e ainda neste mesmo anno, apresentou-se ao concurso para a substituição de uma cadeira vaga, na mesma Faculdade, mas a idade legal a que ainda não havia at-

tingido, não lhe permittiu concorrer a essa justa scientifica. O Dr. Jeronymo Villela porém, não desanima e apresenta-se a um segundo concurso, mas é preterido; em 1842, de novo apresenta-se a concurso, e desta vez o seu merito e talento não foram postos de parte para dar passagem a mediocridades protegidas quasi sempre, e mereceu da respectiva congregação o ser proposto ao governo imperial para o preenchimento da vaga. Obstaculo immenso, apresenta-se então á nomeação do Dr. Jeronymo Villela. Filho de um patriota decidido, liberal, por cujas idéas de emancipação fôra arrastado aos carcereiros da cadeia da Bahia, nascendo em uma epocha em que Pernambuco lançava as bases do monumento da liberdade, emballado pelos hymnos festivos e marciaes, e pelo troar do canhão saudando a regeneração da patria em 1817, despertado em 1824 pelo grito patriótico da Confederação do Equador, o Dr. Jeronymo Villela nascêra patriota, era liberal.

Adversa politica, dirigia então o timão da náó do governo; nesta provincia, reinava a familia Rego Barros e Cavalcante, o Dr. Jeronymo Villela estava nos arraiaes da opposição, batia a situação dominante na imprensa e na tribuna; eis o seu crime; eis o obstaculo á sua nomeação.

Na imprensa, na opposição, destacava-se o vulto do Dr. Jeronymo Villela. Poeta, satyrico, era essa a arma que de preferencia manejava nas lutas politicas, era esse o escarpello com que arrancava as podridões do corpo social. Ainda hoje, quando já tantos annos são passados depois dessas lutas em que elle tomou parte, quando já se vão perdendo as amargas allusões de factos e pessoas, são apreciados os escriptos politicos do Dr. Jeronymo Villela, por sua graça e colorido, que até aos proprios adversarios a quem diziam respeito, faziam rir de envolta com o seu enfurecimento; e como caracteristico de sua lyra homoristica, basta citar esta quadra chistosa, que tornou-se então como sentença ou proverbio:

*Quem viver em Pernambuco,
Deve estar desenganado;
Ou ha de ser Cavalcante,
Ou ha de ser cavalgado.*

Por mais de dous annos jazeu atirada aos archivos da secretaria do ministerio do imperio, a sua proposta para lente da Academia de Olinda, sem que fosse possível obter do governo a respectiva nomeação. E' que nesta

terra de tudo se faz politica ; até o direito de conquista nas justas scientificas, não é mantido e respeitado ; seja qual fôr a situação que a dirija, a cousa é a mesma, a mesma uniformidade é mantida e seguida, quer por gregos, quer por troyannos. O mal é antigo, e males antigos tornam-se chronicos, não se curam, soffrem-se.

Raia porém, uma nova aurora no horisonte politico do Brazil ; subia ao poder a 7 de Junho de 1844 o partido liberal, e occupando a pasta do ministerio do Imperio, o conselheiro José Carlos Pereira de Almeida Torres, despachou immediatamente a proposta da congregação da Academia Juridica de Olinda, nomeando seu lente substituto ao Dr. Jeronymo Villela de Castro Tavares.

Bem cêdo ficára elle privado de seu pae, e bem cêdo tomára sobre os seus hombros, o peso da enorme familia, unica riqueza que lhe ficára. Com a sahida do cadaver de seu pae para a sepultura, entrara-lhe pela porta as privações e a necessidade. O Dr. Jeronymo Villela constitue-se então o arrimo de sua mãe, e de seus irmãos menores, ainda por educar. Mas o que poderia elle fazer, quando a sua propria carreira litteraria ainda não havia terminado? Entretanto, obteve por portaria da presidencia de 22 de Agosto de 1834, o cargo de vice-director do Collegio dos Orphãos de Olinda, no qual entrou em exercicio a 3 de Fevereiro do anno seguinte, e apesar da sua idade, *desempenhou as respectivas funcções mui satisfactoriamente*, como attestou o director desse estabelecimento, frei Carlos de S. José, depois bispo do Maranhão.

No anno seguinte ao de sua formatura, foi nomeado aos 18 de Abril de 1836, promotor publico da comarca do Bonito, cargo esse que desempenhou até a sua supressão pela lei provincial de 19 de Agosto do mesmo anno; e posteriormente occupou os cargos de secretario da presidencia da Parahyba, nomeado por titulo de 11 de Junho de 1838, do qual foi exonerado a seu pedido a 3 de Abril seguinte; o de promotor publico da comarca do Rio Formoso, por portaria de 26 de Fevereiro de 1840; e sendo removido para a de Garanhuns em 12 de Janeiro do anno seguinte, não assumiu ao exercicio desse cargo; finalmente serviu como secretario da presidencia desta provincia por titulo de 18 de Dezembro de 1847, até 1 de Abril seguinte, quando foi exonerado, e além destes cargos, exerceu interinamente o de director geral da instrucção publica, em 1859.

Tomando conta da sua cadeira de lente em 1844, o Dr.

Jeronymo Villela absorveu-se inteiramente no cultivo das sciencias, diffundindo-a largamente aos seus discipulos, até que em 1848, feridos os brios do partido liberal, a revolução o veio arrancar desse templo, do qual era um dos seus mais dignos e illustres sacerdotes.

O Dr. Jeronymo Villela occupava dignamente uma cadeira no parlamento nacional como representantê de sua provincia, quando subiu ao poder o partido conservador; foi então dissolvida a camara dos deputados, e elle voltou á Pernambuco. Aqui, como politico moderado que era, e sectario das idéas de reformas effectuadas pelos meios regulares e pacificos, oppoz-se tenazmente aos planos da revolução; mas, quer elle, como muitos outros liberaes, não foram attendidos; uns vagos rumores de traição que já se fazia ouvir, arrastaram-nos assim aos campos da revolução; e elle a tudo affrontou em defesa e ostentação da causa liberal. A sorte das armas foi adversa aos liberaes; o governo dispondo de todos os elementos e recursos, de tudo lançou mão, e sahiu triumphante. Os compromettidos ou rebeldes, como então se chamavam, são arrastados as presingangas e aos carcereiros das fortalezas, acorrentados como vis malfeteiros; e condemnados, vão comer o pão amargo do desterro na ilha de Fernando de Noronha.

O Dr. Jeronymo Villela foi um dos martyres da revolução de 1848. Preso no dia 3 de Fevereiro de 1849, atirado ao porão da corveta *Euterpe*, condemnado á prisão perpetua com trabalho, gráo maximo do artigo 110 do código criminal, como cabeça de rebellião, seguiu a sorte dos seus companheiros, e partiu para o exilio. Ali, ás privações, perseguições, soffrimentos, e tyrannias de que foi victima, e as saudades da terra natal e da familia, e á perda da liberdade, achou lenetivo na poesia, e tudo isso cantou na vida do desterro, mas em pallidos versos, cheios de melancolia, repassados de tristeza, saudades e sentimentalismo. Os versos do Dr. Jeronymo Villela, esses cantos que trouxe do desterro, foram colleccionados e impressos nesta provincia em 1850, *por um seu amigo e patricio*, e tornaram-se popularissimos; e alguns postos em musica pelo proprio Dr. Villela Tavares, apaixonado amator da arte dos Bellini e Mercadante, e outros nomeadamente pelo velho compositor Lima Cantuaria, cujo talento musical a propria Europa apreciou, tornaram-se as delicias da sociedade pernambucana em suas reuniões familiares, onde *taes modinhas* eram a porfia executadas ao piano e violão.

Na poesia *O meu passado*, canta o exilado de Fernando de Noronha, o tempo das passadas alegrias, a perda da liberdade, os acerbos rigores de sua vida, e descreve a transformação do seu physico, pelas agruras e privações do degredo. São bellas e expressivas estas estrophes, verdadeiras inspirações, pelo sentimentalismo, da lyra de Lamartine :

Priscos tempos já não voltam,
Emmurcheceram meus dias,
Das passadas alegrias,
Só a lembrança me resta :
O sol a fronte me cresta,
Os cabellos 'stão pintando,
Longa barba cobre o rosto
As faces vão se enrugando.

.....

Perdi patria e liberdade,
Perdi tudo quanto tinha ;
Minha vida se definha
Nos mais acerbos rigores :
Vivendo vida de dores
Tão longe de minha terra
Tudo que é triste no mundo
Meu coração só encerra.

.....

A poesia a *Sorte do patriota*, é uma synthese perfeita do fim desses apostolos da causa do bem publico ao triumpho da tyrannia ; é uma exposição suscinta, mas revestida de cores brilhantes e expressivas ; o inferno de martyrios em que elle viveu, a par de malfeitos, as privações, a sede e fome, todo esse conjuncto formam o todo de um bello quadro : e por colorido final, termina essa poesia com uma apostrophe bellissima, repassada de patriotismo e resignação.

S'tou preso, s'tou condemnado
A' prisão perpetuamente ;
Um inferno de martyrios,
Minh'alma agora só sente ;
Perdi minha liberdade,
Ando a par de malfeitos,
Cheio de susto e d'horrores ;
Quanta perfidia e maldade !

Ser livre é todo o meu crime,
Foi um monstro o meu processo,
Loucura o meu julgamento
O meu juiz um processo !
Foi meu destino, meu fado
Por um algoz resolvido ;
Como s'eu fôra um bandido
Vim para aqui desterrado !
.....

Desterrado sem soccorro
Da lei, nem d'autoridade,
Soffro os reveses da sorte,
Passo afflicto a mocidade :
Supportando sede e fome,
Ouvindo os roncões do mar,
Sempre na patr'a scismar
Minha vida se consome.
.....

Que sorte a do patriota,
Como é recompensado,
De andrâjos, vive coberto
Come um pão amargurado.
Arrasta ferreos grillhões,
Soffre um labéo affrontoso
Como réo e criminoso
Passa a vida nas prisões.

Qu'importa ? eu desprezo os ferros,
Não m'intimida o desterro,
S'errei, querendo ser livre,
Quero viver neste erro :
Nunca aviltei minha terra,
Soffro por minha vontade,
Por amor da liberdade
Aos tyrannos faço guerra.

Assim foi a vida do Dr. Jeronymo Villela, no seu desterro da ilha de Fernando. Ali, assaltado por uma grave enfermidade, obteve voltar para Pernambuco em Novembro de 1850, no brigue *Legalidade*, e foi recolhido á fortaleza do Brum. Quasi 3 annos viu passar o Dr. Jeronymo Villela, á sombra dos carcereiros, até que a munificencia im-

perial houve por bem perdoar-lhe da pena de prisão perpetua que lhe fôra imposta, e ao mesmo tempo decretou a reintegração da sua cadeira delente da Academia de Olinda que havia perdido, por Decreto de 28 de Novembro de 1851.

Quatro annos depois, por Decreto de 23 de Maio de 1855, foi nomeado lente da primeira cadeira de direito civil do 4.º anno, e por Decreto de 1 de Agosto do mesmo anno, foi transferido para a de direito ecclesiastico do 2.º anno. O Dr. Jeronymo Villela, foi um dos lentes da nossa academia, que pelo seu talento e illustração deram brilho e realce a esse estabelecimento. Elle regêu a sua cadeira, diz um seu collega, « com todo zelo, dedicação e assiduidade, a par de muita proficiencia, geral admiração e applausos dos seus discipulos, e mais pessoas que o ouviram, » até as vespervas de sua morte.

Em 1853 publicou o Dr. Jeronymo Villela o seu *Compendio de direito ecclesiastico*. A acceitação que teve esta obra, merecendo ser approvada e premiada pelo governo imperial, como consta do Aviso de 17 de Agosto de 1858, assim como mandado adoptar para o ensino em ambas as Faculdades do imperio, os subidos elogios que lhe tecera o sabio bispo Conde de Irajá e outros do Brazil e Portugal, e os mais illustres lentes da Universidade de Coimbra, tudo isso prova por demais do valor e merito do seu trabalho; e tal acceitação teve, que em 1862, era publicada uma segunda edição, mais desenvolvida e consideravelmente augmentada.

O Dr. Jeronymo Villela foi deputado a assembléa geral legislativa, em 4 legislaturas, como representante de sua provincia, e em uma á assembléa provincial. Como deputado, occupou o Dr. Jeronymo Villela lugar proeminente no parlamento nacional, honrou as bancadas da deputação pernambucana. A sua physionomia era habitualmente tranquillá, diz um seu biographo, mas, quando fallava, parecia de repente outro homem. Um novo fogo brilhava de improviso nos seus olhos, como se estivera inspirado. Era — sem duvida alguma — consumado orador. Por isso mesmo sua palavra naquelle augusto recinto dos representantes da nação sempre foi ouvida, e considerada como muito eloquente e autorisada. A leitura dos seus luminosos discursos sobre os diversos ramos da administração publica demonstra á toda a luz o seu subido merito.

Como escriptor publico, como jornalista, era o Dr. Jeronymo Villela um dos campeões da imprensa pernambu-

cana, um dos seus mais denodados e illustres batalhadores, quér na arena da sciencia, quér na arena politica, e tudo isto proclamam os diversos jornaes que redigiu, e outros em que collaborou, nomeadamente a *Regeneração*, *Aurora*, o *Guarda Nacional*, a *Tempestade*, *Vapora da California*, *Diário Novo*, e outros muitos; « sendo que por uma logica vigorosa, estylo agradavel e critica sublime alcançava pulverisar os adversarios, e esmagar os ruídosos zoilos. »

Sempre que se aventava alguma questão, principalmente as que disiam respeito aos negocios e disciplina da egreja, em cuja sciencia era versadissimo, o Dr. Jeronymo Villela era um dos primeiros batalhadores que empunhavam as armas dessas lutas pacificas, a penna, ostentando á luz da sciencia o vigor do seu talento e a vastidão de sua erudição e illustração. E assim, bateu-se com o sabio arcebispo Marquez de Santa Cruz D. Romualdo Antonio de Seixas, acerca do parecer de S. Exc. sobre a seguinte consulta: *Se os parochos podem ser processados e punidos pelo poder temporal, quando violam as obrigações mixtas, e a lei do Estado*, escrevendo no *Diário de Pernambuco* uma serie de *Cartas*, que depois foram impressas em folheto em 1862; discutiu a questão a respeito da posse por procuração do fallecido bispo desta diocese D. Emmanuel do Rego Medeiros, sem o beneplacito imperial, e finalmente, a da denegação de sepultura ecclesiastica, ao cadaver do general José Ignacio de Abreu e Lima, alem de outras questões de menor transcendencia.

O Dr. Jeronymo Villela, era tambem um distincto advogado, « um dos mais brilhantes ornamentos do Fôro desta capital. » Como advogado, diz uma autoridade competente, a causa do infeliz sempre foi para elle *sagrada* — *Res est sacra miser*. — Só curvava a fronte ao imperio da lei, e sabia com toda a independencia e coragem, na defesa dos seus clientes profligar os excessos, as injustiças e prepotencias, que lhes fasiam os infractores da mesma lei.

Tal foi a vida do Dr. Jeronymo Villela, como professor, parlamentar, litterato, jornalista, Jurisconsulto, advogado, e politico. A causa da sciencia, da educação da mocidade, a causa da patria em fim, prestou grandiosa coadjuvação, com os seus serviços e trabalhos, com o seu amor, dedicação e desinteresse. Elle morreu pobre, mas legou um nome respeitavel, que a posteridade proclama reverente, em face dos monumentos de sabedoria que nos legou,

embora nem todos vissem a luz da publicidade; mas os seus discursos academicos e parlamentares, que foram impressos, as suas obras que deixamos já mencionadas, e os seus artigos quér scientificos, como litterarios e politicos, insertos nos jornaes desta provincia, e da côrte do imperio, ahi estão como que proclamando a posteridade, um nome illustre e respeitavel. E em premio de tantos e valiosos serviços que ao paiz prestára, apenas lhe fôra conferido o officialato da imperial ordem da Rosa, por Decreto de 17 de Abril de 1860! Mas elle presava mais os seus titulos scientificos e academicos, porque importavam uma conquista do talento, e assim, aos 20 annos de idade conquistara o titulo de Doutor, conferido pela Academia Juridica de Olinda, assim como pelo seu merito e illustração os de membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de honorario do Instituto Episcopal do Rio de Janeiro, e o de effectivo da Imperial Sociedade Amante da Instrucção Publica, da côrte do imperio.

O Dr. Jeronymo Villela, falleceu aos 25 de Abril de 1869, contando de idade 53 annos 6 mezes e 17 dias, e foi sepultado no Cemiterio Publico do Recife. Depositado o seu cadaver na igreja de Nossa Senhora do Carmo, d'ahi teve lugar o sahimento do funebre cortejo para o cemiterio no dia seguinte, sendo numerosissima a concurrencia de pessoas de todas as classes e jerarchias, dos seus collegas e discipulos, que a mão o condusiram até a sua derradeira morada. Depois, foram os seus restos mortaes traslados para o antigo cemiterio da igreja matriz de Santo Antonio do Recife, e ahi depositados em um tumulo de marmore, onde foi gravada esta inscripção :

Deus, Patria e Liberdade.

Urna funeraria

Das venerandas cinzas

do

Doutor

Jeronymo Villela de Castro Tavares,

Lente cathedratico

Da Faculdade de Direito do Recife.

Offerecida pelos Lentes e Academicos

Do 1.º anno da mesma Faculdade

em

1869

João Antonio Salter de Mendonça, (Visconde de Azurara.) Nasceu no engenho Goyanna Grande, pertencente a comarca de Goyanna, no anno de 1746. Foram seus paes o Dr. Jorge Salter de Mendonça, e D. Antonia Francisca Pessôa de Luna.

Seu pae tendo exercido na Parahyba o cargo de ouvidor geral, passou-se á Pernambuco, casou-se em Goyanna, e ficou residindo em Ilamaracá. Nomeado posteriormente desembargador da Relação de Gôa, partiu para ahi com sua familia, e depois passou-se para Portugal, á exercer igual cargo na Relação do Porto. Salter de Mendonça acompanhando seus paes em toda essa digressão, concluiu a sua educação em Portugal, cursou com distincção a Universidade de Coimbra, formou-se em direito, e dedicou-se a magistratura, exercendo então os seguintes cargos: auditor do Regimento da Marinha em 1763; desembargador da Relação do Rio de Janeiro, onde foi tambem procurador da corôa e juiz da fazenda, em 1772; desembargador da Relação do Porto em 1779; procurador fiscal da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, em 1783; juiz conservador da mesma companhia em 1788; desembargador da Casa da Supplicação em 1789; deputado da Junta da Administração do Tabaco, procurador fiscal e juiz conservador, em 1794; procurador da corôa em 1799; deputado e chanceller da casa de Bragança, em 1801; desembargador do Paço em 1802; secretario da regencia dos reinos de Portugal e Algarves, em 1807; chanceller da Casa da Supplicação em 1812; guarda-mór da Torre do Tombo em 1813; além dos cargos de regedor da justiça da Casa da Supplicação, e presidente da commissão para o *exame dos foraes e melhoramentos da agricultura*.

D'entre todos estes cargos, cada qual mais elevado, bastaria para caracterisar o merecimento e elevados dotes do Dr. Salter de Mendonça, o de mêmbro da regencia do reino, *pela grande confiança que n'elle tinha, e pela sua larga experiencia nas cousas do governo*, como diz o proprio principe-regente no Decreto de sua nomeação; e o de Regedor da Justiça da Casa da Supplicação, para o qual, segundo a lei, se requeria um—*homem fidalgo, limpo de sangue, são de consciencia, prudente, de muita autoridade e letrado, de inteireza e abastado de bens*.

O Dr. Salter de Mendonça, fazendo parte da regencia do reino, no momento em que a familia real abandonava

as plagas portuguezas, e as hostes de Napoleão já transpunham as fronteiras da Beira, prestava ao soberano e ao paiz um serviço grandiosissimo, um verdadeiro e heroico sacrificio; e quando Junot entrou em Lisbôa, declarou cessar a casa de Bragança de reinar em Portugal, ficando o paiz sob a protecção e governo do imperador Napoleão, e exigiu que as primeiras corporações e tribunaes do reino lhe fossem render homenagem do seu reconhecimento e submissão á seu soberano, e quando geralmente foi obedecida esta sua imposição, solicitando muitos portuguezes um outro rei, houve um homem de energia e patriotismo elevadissimos, que repelliu tudo isso indignado, houve um vassallo fiel e altivo que não renegou o seu soberano ausente; o procurador da corôa João Antonio Salter de Mendonça!

Evacuado Portugal, foi reconstituída a regencia por Decreto de 2 de Janeiro de 1809, e o Dr. Salter de Mendonça foi um dos conservados. Ainda por mais trez vezes tentou Napoleão a posse de Portugal, mas teve de ceder ante o patriotismo portuguez e o valor do exercito anglo-luso. Nenhum escriptor daquelles acontecimentos, diz o commendador Mello, deixa de reconhecer e elogiar o animo heroico, a actividade incansavel, e as providencias energicas de todo o genero, em que abundou a regencia. E apesar de tantas calamidades e pobreza do thezouro publico, reformavam-se abusos escandalosos introduzidos na administração, e os interesses materiaes do paiz não foram abandonados. A agricultura recebeu especial protecção, repararam-se muitas estradas, e construíram-se novos edificios commodos para estabelecimentos publicos. Muitas dessas providencias foram inspirações, e obras do sabio e honrado secretario João Antonio Salter de Mendonça. Elle tinha á seu cargo as repartições do reino, justiça e fazenda, e algumas vezes accumulou o expediente das da guerra e estrangeiros, nos impedimentos do seu collega, alem de outros encargos, e sem coadjuvação alguma.

Salter de Mendonça que foi por assim dizer o primeiro vulto da regencia, occupou particularmente uma posição elevadissima por occasião da guerra da restauração do poder dos francezes, e conseguida esta, a gratidão nacional manifestou-se dignamente, os seus grandiosos e heroicos serviços tiveram condigna remuneração e elevadissimos cargos lhe foram confiados. Permanecendo na regencia até 1820, quando foi proclamada a monarchia con-

stitucional representativa, Salter de Mendonça então já elevado ao titulo nobiliarchico de Visconde de Azurara, deixou o governo; e convidado, por seus amigos á tomar parte na nova ordem de cousas, escusou-se tenazmente: estava velho e cansado, já havia attingido aos 74 annos de idade, era preciso descansar das fadigas e trabalhos de uma vida inteiramente consagrada aos serviços do Estado.

Eram então mui precarias as fontes de renda do paiz, e enormissimos os compromissos á realisar; a situação financeira por conseguinte, era muito grave. O Visconde de Azurara, abre mão então, dos seus recursos particulares, e offerece ao governo o quartel de todos os ordenados que venceu até o anno de 1807, a tença de 30\$000, entrando os vencimentos futuros, os quinze annos de atrasados que se lhe devia, o montepio que venceu uma de suas irmãs, e o terço dos seus ordenados de desembargador do Paço, e da Casa da Supplicação, em quanto durasse as urgencias do Estado.

O conselheiro João Antonio Salter de Mendonça, Visconde de Azurara, commendador da Ordem de Christo e de N. S. da Conceição da Villa-Viçosa, fidalgo da casa real, e membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa, morreu naquella cidade a 14 de Junho de 1825, e foi sepultado na egreja do Salvador. A *Gazeta de Lisboa* em seu numero de 27 do mesmo mez noticiando o passamento do illustre e benemerito Visconde de Azurara, consagrou estas palavras á sua memoria: « Os distinctos talentos deste illustre magistrado, as suas virtudes, o seu acrisolado patriotismo, o seu zelo incansavel, a sua constancia, a sua inabalavel fidelidade ao soberano, a solida piedade, e um coração puro sem affectação, o tornarão saudoso aos seus amigos e compatriotas. A inveja, esta paixão baixa, e cruel, que algumas vezes perdôa ás virtudes, mas nunca aos talentos; a inveja mesma não lhe poderá disputar a gloria destes bellos titulos, que ornarão tão conspicuamente o Exm. Visconde de Azurara na sua vida, e que depois da sua morte inscreverão o seu nome no Pantheon dos illustres portuguezes deste seculo. »

Frei João da Apresentação Campelli. Nasceu na freguezia de Santo Antonio do Recife, no anno de 1690. Foram seus paes João Baptista Campelli escrivão da Fazenda Real desta capitania, e D. Brites Bandeira de Mello.

Fazendo em sua provincia natal os seus estudos primarios, seguiu para a Bahia, matriculou-se no collegio ou Seminario de Belem, estudou os primeiros rudimentos de latinidade e humanidades, e entrou depois no collegio da Companhia de Jesus, onde por dois annos estudou as sciencias philosophicas.

Deliberando seguir a vida religiosa, abandonou o Seminario, e entrou nos claustros da ordem Seraphica, e aos 20 de Novembro de 1708 recebeu o habito no convento de Santo Antonio de Paraguassú, e a 21 do mesmo mez do anno seguinte fez a sua solemne profissão.

Bem cedo começou o jovem pernambucano a colher as palmas dos seus triumphos. O pulpito, a cadeira de mestre, e a penna de escriptor, tecem a laurea de Frei João da Apresentação Campelli.

Da Bahia, passou-se para Pernambuco, ditou theologia no convento de Olinda, e artes no do Recife.

Frei João da Apresentação Campelli, diz o Padre Jaboatão no seu *Orbe Seraphico*, foi pregador de fama, e grande theologo, e por este respeito mereceu, entre os sabios e doutos, distincto logar, e o teve muito especifico no grande conceito do illustrissimo bispo de Pernambuco D. José Fialho, elegendo-o para examinador do bispado, theologo das suas juntas e consultas, e companheiro das suas missões, que fazia nas visitas da sua diocese ás suas ovelhas, e em outras occasiões, nas quaes pregava igualmente com sua illustrissima. Com elle, continua o Padre Jaboatão, sendo elevado á cadeira metropolitana da Bahia, passou para esta cidade, e d'ahi para o reino, quando tambem passou para bispo da Guarda, donde por fallecimento deste prelado voltou á Bahia. Nesta derrota, que fez ao reino, levou tambem a incumbencia de ir votar *Pro-Ministro ao Capitulo Geral*, celebrado em Valladolid no anno de 1740. Voltou a côrte, e conseguiu do Tribunal do Santo Officio o ser seu Qualificador. Passou a Bahia, e na congregação de 1745, o fizeram commissario de Terceiros, que exerceu até 18 de Fevereiro de 1751, em que completou a carreira dos dias. Foi sugeito com applicação, e genio dado aos estudos theologicos, moraes, expositivos e da historia, e nestes com bastante pratica e maior applicação aos predcativos. Destes deixou copiosos fructos em muitos livros, e quadernos de folio, que nós vimos em sua mão.

Alem dos cargos citados por Jaboatão, occupou

também Frei João da Apresentação Campelli o de penitenciário geral da sua ordem, e o de lente de theologia moral do clero da diocese da Guarda, em Portugal.

O nome deste illustre pernambucano, é celebrado por varios escriptores, entre os quaes, Barbosa Machado na sua Bibliotheca Lusitana. No entretanto, diz Innocencio Francisco da Silva no seu Diccionario Bibliographico, que Barbosa Machado *desconheceu a sua existencia, pois delle não fez menção!*

Frei João da Apresentação deixou varias obras em manuscripto, das quaes cremos, que somente foi impressa, a vida de D. Frei José Fialho.

D'entre as suas produções apenas foram encontradas as seguintes por Frei Antonio de Santa Maria Jaboaão, no archivo do convento da Bahia, as quaes enumera na sua obra *Orbe Serafico*, e são ellas:

Epitome da vida, acções, e morte do Illustrissimo Reverendissimo Bispo de Pernambuco, Arcebispo da Bahia, e Bispo da Guarda, D. Frei José Fialho.

Tractatus prolusorios ad Sacram Scripturam intelligendam, et ad Verbi Dei Praecones, et Paedicatores erudiendos, in duas partes distributus. A primeira parte desta obra estava concluida, e a segunda apenas começada.

Respostas sobre o facto de um homicida, que em fragante adulterio, mas de caso pensado, com outras circumstancias de mais consideração, matou a um Ecclesiastico; se incorreu, ou não, na censura do cap. SIQUIS SUADENTE, que sendo resolvido por varios Theologos, quenão, eabsolto pelo Bispo; foy a Resolução do Author, que sim, em um largo, douto e bem composto tratado. Manuscripto in folio.

Approvação ao livro Letras Symbolicas.

Carta ao Author do Discurso pregado na nova celebridade do Beato Gonçalo Garcia, impressa na mesma.

João Baptista da Fonseca. Nasceu na freguezia da Boa-Vista no anno de 1790; era filho legitimo de Francisco Rodrigues Ramos.

Fazendo em Pernambuco os seus estudos de humanidades seus pais mandaram-no depois para Portugal, afim de matricular-se na Universidade de Coimbra, nas aulas do curso de theologia, mas, pouco depois, é Portugal invadido pelos francezes, fecha-se a Universidade, e elle se vê obrigado a interromper a sua carreira litteraria, e regressar á Pernambuco.

Aqui, por obediencia e respeito a vontade paterna, ainda que contrariando a sua vocação e legítimas aspirações, João Baptista da Fonseca dispõe-se a seguir a vida ecclesiastica, partiu para a Bahia, ordenou-se presbytero, recebendo das mãos do arcebispo D. Frei José de Santa Escholastica a unção sacerdotal, e logo que regressou á Pernambuco, foi nomeado coadjutor da freguezia da Boa Vista.

Estavamos então em uma epocha de effervescencia e exaltação politica. Nos clubs, nas academias, nas lojas maçonicas, nos saráos, jantares e festas campestres, por toda a parte em fim, erguiam-se altares á liberdade, ardia o fogo sagrado do patriotismo, e traçava-se o plano da revolta que devia proclamar a independencia da patria.

O padre João Baptista da Fonseca, votando-se ao ministerio da igreja, seu espirito não arrefeceu do fogo sagrado do amor e liberdades patrias. A causa da revolução que havia de conferir ao Brazil a carta da sua liberdade, desprendendo-o dos laços de união com Portugal, achou no padre João Baptista da Fonseca um apostolo dedicado, um dos seus mais illustres coripheus.

Rompe a revolução no dia 6 de Março de 1817, e o padre João Baptista na occasião suprema do perigo, não desanimou, não desmentiu do seu patriotismo, do seu amor e empenho pela causa da liberdade brasileira. Mas quão ephemero foi o seu imperio... e pouco tempo depois, é o padre João Baptista preso por ordem de Rodrigo Lobo, arrastado ao immundo porão do navio *Mercurio*, levado á Bahia, e atirado aos carcereiros da cadeia da Relação.

« Digno e virtuoso sacerdote, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, não sabemos que o seu enthusiasmo passasse de alguns louvores excessivos á liberdade; algumas declamações temerarias contra o rei e sua familia, algumas ameaças violentas contra os europeus na crise, ou proximas da liberdade, e da constante frequencia com que assistia a todas as grandes e pequenas sessões patrioticas, banquetes e saudes; taes foram os delictos que lhe attrahiram a raiva do tyranno Rodrigo Lobo, por cuja ordem foi preso. »

Na cadeia da Bahia, em carcereiros immundos, onde escassamente penetrava a luz do dia, lutando com privações horribes, coberto de insultos e maldições da população rude, gemeu esse illustre martyr da liberdade, por espaço

de 4 annos; mas em 1821, a revolução do Porto abriu-lhe as portas do carcere, em virtude da geral amnystia concedida pelas côrtes de Portugal, e elle sahio abatido da prisão, soffrendo de uma gastro-interite, que adquerira, da qual veio a fallecer depois.

Nomeado capellão do 3.º batalhão de caçadores, exerceu por algum tempo esse cargo, até que foi nomeado lente da cadeira de philosophia de Goyanna, em 15 de Abril de 1824; e nesse mesmo anno, serviu de secretario do governo provisorio da Parahyba, no dominio da revolução, para o que fôra requisitado pelo respectivo presidente.

De 1817 até o dia em que cerrou os olhos a luz da vida, foi a peregrinação do padre João Baptista da Fonseca um livro aberto de perseguições e martyrios, pelos notaveis acontecimentos politicos de que foi theatro esta e outras provincias do imperio. Ao voltar a Pernambuco, em 1821, encontrou a lucta travada com Luiz do Rego; depois a da independencia; após, a revolução republicana de 1824, por cujo compromettimento expatriou-se, e foi condemnado a morte pela commissão militar, e finalmente a luta que deu em resultado o acto da abdicação em 7 de Abril de 1831.

E o padre João Baptista da Fonseca, já com a penna, já nos comicios politicos erguendo a sua voz, era um constante e extrenuo propugnador dos direitos do povo, da causa do Brazil emfim; e esta força d'alma que tanto o elevou nas crises por que passou, tambem o animava nos revezes de sua vida particular.

Espirito indagador, ambicioso de saber e de possuir immenso cabedal de illustração, desejoso de alargar e desenvolver a esphéra de sua illustração, e de tornar-se assim mais util a sua patria, elle saudou radiante o memoravel decreto de 11 de Agosto de 1827, creando os cursos juridicos de Olinda e S. Paulo, e no anno seguinte quando abriram-se as suas aulas, foi elle um dos primeiros 38 estudantes matriculados no curso de Olinda.

Com immensos sacrificios, matriculou-se; mas a protecção de alguns amigos, e animado das mais lisongeiras esperanças, encetou a vida academica, já aos 38 annos de idade, quando bem pouco tempo restava-lhe de vida.

Na academia de Olinda, ostentou todo o viço de sua intelligencia e illustração, já desenvolvida pelos annos e pelo aturado estudo das sciencias do direito a que se entregou; e havendo cursado e feito acto até o terceiro anno,

não chegou a matricular-se no quarto, porque aggravando-se a sua molestia, falleceu no dia 1.º de Fevereiro de 1831.

Poeta distincto, philosopho, sacerdote notavel por suas virtudes, talentos e illustração, espirito forte que não sos-sobra ante a ameaçadora borrasca da morte, o padre João Baptista conhecendo que já não lhe era possível resistir ao mal que ha tantos annos o atormentava, convoca os seus amigos mais intimos, declara-lhes as suas ultimas disposições, e com a serenidade de Socrates, prepara-se para receber o golpe final. E assim, acabou sem ver a sua frente, já laureada pela poesia, laureada pela sciencia do direito.

Como poeta, além de varias produções ineditas e outras publicadas nos jornaes desta capital, deixou o seguinte poema que teve publicação posthuma:

A victima da amizade, poema em um canto, feito em 1820. Rio de Janeiro, 1832.

Este poema, segundo uma nota do editor, foi dedicado ao coronel Joaquim José do Rego Barros, um dos seus companheiros de martyrio na Bahia onde compoz o seu poema, de cujo original foi extrahida a copia para a impressão.

Das publicações que fez dos seus trabalhos o padre João Baptista da Fonseca, apenas encontramos informações veridicas dos seguintes:

Oração de acção de graças, recitada na igreja de S. Pedro no dia dos annos ao Sr. D. Pedro I, imperador constitucional e perpetuo defensor do Brazil, offerecida ao mesmo augusto senhor. Pernambuco, typ. do Diário—1829.

Poesias, dedicadas as senhoras brasileiras. Pernambuco, 1830.

Oração de acção de graças, recitada na igreja de S. Pedro no dia 25 de Março de 1830, anniversario do juramento de Sua Magestade o Imperador á Constituição. Pernambuco, typ. do Diário—1830.

Encontramos tambem algumas poesias do padre João Baptista da Fonseca, no seguinte trabalho publicado em fasciculos por Luiz Pereira Vianna, n'esta provincia, pelos annos de 1852: *Collecção de poesias patrioticas liberaes brasileiras, recapituladas dos jornaes desde o anno de 1826 até 1851*; assim como uma ode feita na Bahia em 1820, quando ainda preso, e offerecida ao governador Conde da Palma, a qual foi impressa pela primeira vez em seguida a este artigo, na publicação que fizemos na *Provincia de Pernambuco*, em seu numero de 4 de Setembro de 1879.

Frei João Baptista da Purificação. A data do seu nascimento e morte, e outros dados de sua vida, são ignorados; apenas sabemos que nasceu na cidade do Recife, e que João da Silveira Borges e D. Josepha Maria da Silva foram seus paes.

Inclinado á vida religiosa, entrou de noviço no convento de Santo Antonio do Recife, professou a regra Franciscana, e concluindo o curso necessario recebeu ordens sacras e assumiu ao presbyterato.

Por muitos annos regêu Frei João Baptista a cadeira de theologia dogmatica do convento do Recife, e bem cedo pelo desenvolvimento e cultura do seu talento conquistou um nome honroso e respeitavel como orador.

Frei João Baptista tornara-se então o orador predilecto escolhido para todas as solemnidades religiosas celebradas quer no Recife quer em outras localidades da provincia, tal a fama e celebridade que conquistára os seus bellos o

nos primorosa-
n-se por conse-
estado de suas
a é o — *Discurso*
senhor, que no
do Recife, cujo
1818.

justos tributos
ptista como um
em a sua fronte
ram-na com as

e biographica
João Baptista,

arreatadoura,
maior delicadesa
n incomparavel
ar o de Bocage,
nia do rythmo,
ovas os bellos,
nos restam. O
dade; e ainda
ante, se denun-
essa divina arte
extrema facili-

mente acabados ficaram irreditos, perderam
guinte, e o unico monumento, o unico at-
glorias e triumphos oratorios que nos rest
pela faustosa acclamação d'El Rei nosso
plausivel dia 13 de Maio recitou em a matri-
trabalho foi impresso no Rio de Janeiro em

Mas a posteridade não rende somente
de homenagem á memoria de Frei João Ba-
orador notavel; as musas cingiram tamb
com os louros fulgentes do Parnaso, e toc
luses da inspiração.

Padre Lino, na sua *Memoria historica*
do clero pernambucano, consagrou a Fre
como poeta, estas palavras:

« Dotado de uma imaginação viva e
elle sabia dar as formas da linguagem a n
e elegancia, e exprimia os pensamentos co
brilho e magestade. Seu estylo fazia lemb
á cuja escola notavel pela fluidez e harmo
pertencia irrecusavelmente; disto dão pr
bem que mui poucos escriptos, que delle
estro desabroxeu-lhe desde a primeira
nesses ensaios da musa novel e principi
ciavam as subidas qualidades, que, para
lhe prodigalisára a natureza. Poetava con

dade, e fazia divisar nos improvisos, que, segundo referem pessoas entendidas daquelle tempo, eram obras primas de gosto e de belleza artisticas. »

Como poeta, rarissimos tambem são os productos da lyra afinadissima e melodiosa de Frei João Baptista; restam-nos apenas a noticia de dous sonetos impressos em Lisboa; um que finalisava uma Nenia ao passamento de uma senhora desta provincia, e outro dedicado ao poeta portuguez Antonio Joaquim de Abreu, que por algum tempo aqui esteve, e uma Ode tambem dedicada ao mesmo poeta, o qual inseriu-a no seu livro de versos publicado em Lisboa no anno de 1815.

Esta ode, bellissima e de feliz inspiração, « esse energico producto de sua imaginação, na phrase de Abreu, que apesar da rapidez com que foi concebido, conserva uma harmonia tão regular e ajustada, que não deixa duvidar da natureza e do genio de seu autor, » constitue por si só a reputação de poeta desse illustre religioso; e alem da publicidade que lhe deu Abreu no seu livro de versos, vem tambem inserta na citada obra do Padre Lino.

Antonio Joaquim de Abreu no seu já referido livro, dedicou ao religioso poeta Frei João Baptista da Purificação, diversos sonetos, significativa manifestação do seu raro talento; e ao mesmo teceram justos e merecidos encomios, o Padre Francisco Ferreira Barreto, Conego Miguel do Sacramento Lopes Gama e o Padre José Marinho Falcão Padilha, competentes e autorisados juizes.

Frei João Baptista, em cuja fronte resplendia uma triplice corôa, a corôa de poeta, de orador e de theologo, era tambem um sacerdote respeitavel por suas virtudes evangelicas, um religioso exemplarissimo, de uma vida pura, jamais maculada pelo mais leve acto que a deslustrasse.

Elle morreu ignorado, e nem ao menos é sabida a epocha em que cerrou os olhos á luz do mundo, e vôou á eternidade. Mas o nome do sacerdote virtuoso, do poeta inspirado e mavioso, do orador eloquente e arrebatador, e do theologo profundo, ficou; e a posteridade inscreve-o reverente no Pantheon da patria, porque lhe sobram titulos para nelle dignamente figurar.

Frei João Baptista da Purificação, morreu no convento de Santo Antonio da cidade do Recife, cujo claustro guarda os seus restos mortaes, em lugar infelizmente ignorado; e ao terminarmos estas linhas consagradas á sua memo-

ria, permita-se-nos inscrever o seguinte soneto, bellissima poesia do illustre Vigario Francisco Ferreira Barreto, dedicada ao não menos illustre Frei João Baptista:

Vate assombroso, de assombroso encanto,
Que, ornada a fronte de Apollíneo louro,
Grandiloquo, embocando a tuba d'ouro,
Dás aos Numes prazer, a terra espanto!

Muito embora rouqueje o negro canto
Do mocho piador de infausto agouro:
Fétido, immundo, rosnador bisouro
Não voléta no cume sacrosanto.

E apenas travejaste embravecido
(Empunhando o fulgente, o Delio sceptro)
Contra o Mevio ruaz e desabrido:

Oh! mudança! oh! milagre! oh! vate! oh! Plectro!..
Calou-se, immudeceu, fugiu vencido...
Graças, meu Jonio, graças ao teu metro.

Este soneto como se vê, tem um duplo valor; a um tempo, Ferreira Barreto vulto proeminente do templo das Musas, confere honorifico titulo ao nosso poeta, fazendo-o subir ao alto do Parnaso, chamando-o

Vate assombroso, de assombroso encanto,

e igualmente, celebra uma victoria, esplendida victoria que conquistára na luta travada na arena do Parnaso com o Tenente Deodato Pinto que viveu em Pernambuco no tempo do governador Caetano Pinto, pois, *graças ao seu metro, empunhando o fulgente, o Delio sceptro, contra o Mevio ruaz e desabrido, calou-se, immudeceu fugiu vencido.*

Tal foi em ligeiros traços, Frei João Baptista da Purificação.

João Barbosa Cordeiro. Nasceu em Goyanna em 1792, e era filho legitimo de Manoel Barbosa Cordeiro e D. Maria José de Menezes.

Abraçando a vida ecclesiastica, ordenou-se sacerdote, e foi nomeado vigario da freguezia de Porto Alegre, no Rio

Grande do Norte, onde já se achava quando rompeu a revolução de Pernambuco, de 1817.

O padre João Barbosa, sem duvida iniciado nos planos de independencia de sua provincia, partiu para a cidade do Natal, promoveu a adhesão do Rio Grande, «e com o seu exemplo conquistou muitos proselitos.» Voltando depois para a sua freguezia, divulgou-se a noticia de que o governo provisório, estabelecido na capital, lhe mandava por commandante o capitão-mór Antonio Ferreira Cavalcante, homem geralmente antipathisado, e então oppoz-se a sua nomeação, e reunido com outros patriotas estabeleceu uma junta provisoria, da qual sahiu eleito membro.

O padre João Barbosa Cordeiro prestou immensos serviços a causa da liberdade de sua patria, e fez quanto lhe foi possível para mantel-a; mas a 25 de Abril era de novo restabelecida a autoridade real na cidade do Natal, e pouco depois igual sorte experimentou a freguezia de Porto Alegre. Elle occultou-se então, passou-se para a Parahyba, onde foi preso a 11 de Junho, e em Agosto veio para Pernambuco, *«por ser um dos membros do governo provisório da villa de Porto Alegre e serra do Martins, e tão obstinado, que por occasião da restauração não quiz assignar o seu auto, ficando em casa; e fugiu á buscar soccorro nas visinhanças do Caiacó, que suppunha pelos insurgentes,»* como declara a nota relativa ao seu nome, na lista dos presos remettidos da Parahyba.

De Pernambuco seguiu para a Bahia, foi condemnado a 5 annos de degredo em Angola, mas permaneceu em prisão naquella provincia até 1821, quando recobrou a sua liberdade.

Surgindo a epocha da independencia, representou um papel muito saliente pelos seus feitos, e logo após, em 1824, na quadra revolucionaria de Pernambuco, quando proclamou-se a separação do Norte, cuja adhesão estendeu-se até a provincia do Ceará, o padre Cordeiro envolveu-se na revolução, foi enviado pelo governo provisório da Parahyba para tratar de negocios politicos com o presidente de Pernambuco, Manoel de Carvalho, mas por occasião da restauração do governo imperial cahiu preso, e foi condemnado a 10 annos de degredo no Rio Negro.

Permanecendo em Pernambuco, e transferido da cadeia para o hospital, por motivos de molestia, conseguiu evadir-se, e refugiou-se no interior da provincia, em Pesqueira, em casa do capitão-mór Manoel José de Siqueira;

e tomando o nome de João Patricio Leal, dedicou-se ao ensino primario e secundario, foi professor dos filhos do dito capitão-mór, e dos de outras famílias, e consta até que se vira constrangido a casar-se, pois andava disfarçado para fugir da perseguição dos seus inimigos politicos.

Em 1826 já se achava o padre Cordeiro de volta do seu exilio, quando é injusta e aleivosamente accusado e perseguido como cúmplice da morte de Domingos Lourenço Vaz, em Goyanna, pelo que foi pronunciado na devassa procedida. Mas justificou-se, appareceu a verdade, e a propria viuva do finado, por uma escriptura desistiu de toda a accusação. Por esse tempo, quando de novo luctava com o infortunio, escreveu um bello soneto, que, por ser inteiramente desconhecido, aqui o consignamos.

Quarenta e duas vezes accusado,
Foi o grande Catão, grande em virtude!
Por sentença a beber lethal segude
Foi Socrates prudente, condemnado!

Milciades, heróe sempre lembrado
Em ferros espirou!... Oh! sorte rude!!!
Jesus, filho de um Deus, que não se illude,
N'uma cruz, como réo, foi pendurado!!!

Neste quadro fiel, que ao mundo ostento,
Verá quem reflectir, que premio alcança
A virtude, a rasão, merecimento!

Do retorno do bem que dá esperanza?!
Valor! genios sublimes, soffrimento
Recompensa eternal, Deus affiança.

Mas a serie de perseguições de que foi victima o padre Cordeiro, ainda não se havia terminado; e em 1827, achou-se de novo preso no hospital militar, por motivos politicos, sem duvida. Obtendo posteriormente a vigararia da freguezia da Granja, no Ceará, regeu-a por muito tempo, mas permutando-a em 1848 com a de N. S. dos Prazeres, em Maceió, para ali seguiu em 1850, e entrou em exercício.

Eleito deputado geral por sua provincia natal, tomou assento na camara na legislatura de 1834 a 1837, e « como representante da nação, correspondeu bem á confiança, que nelle se depositou, e no recinto do parlamento deu in-

concussas provas do seu talento.» No Rio de Janeiro, começou o padre Cordeiro a publicar em 1834 o periodico—*Bussola da Liberdade*, cuja publicação continuou em Pernambuco no anno seguinte, e prolongou-se por algum tempo. A *Bussola da Liberdade* tinha por epigraphe:

*Da liberdade o norte mostrarei
A despeito de tudo quanto é vão,
Ou com ella vencer como Aristides,
Ou com ella morrer como Catão.*

Em 1843, escreveu em Pernambuco o periodico politico—*Chora Menino*, e em 1852 começou a publicar em Macaé o—*Propugnador Catholico*, jornal dedicado aos interesses da religião, por elle redigido, e sustentado pelo clero daquella capital. Quer nos jornaes citados, por elle redigidos, quer em outros das diversas provincias em que residiu, encontram-se innumerous trabalhos do padre Cordeiro, não só religiosos, sobre o que escreveu muito e sustentou grandes polemicas, como também litterarios e politicos, além das obras que publicou, das quaes apenas encontramos noticia das seguintes:

Imploração Parahybana. Ceará, typ. Nacional, 1824. E' um escripto politico dirigido a José Pereira Figueira.

O bramane viajante ou a sabedoria popular de todas as nações, por Fernando Deniz. Maranhão, typ. da Temperança, 1841, (trad.).

Logica Popular, por M. Ad. Leconte, romanciada da 2.^a edição de Pariz, e extrahida da Bibliotheca Popular. Ceará, typ. de J. A. d'Oliveira. 1847, (trad.).

Arte de fallar e escrever, ou tratado de rhetorica geral, por Augusto Husson. Pernambuco, 1848, (trad.).

Homenagem poetica á Sua Santidade o muito liberal e magnanimo Pio IX. Pernambuco, typ. da União, 1848.

Arco Verde, ou a gloria dos Tabayares. Drama historico-nacional, 1850.

Chronica escandalosa do Sr. D. João da Purificação Marques Perdigão, desde a sua cega nomeação para bispo de Pernambuco em 1829 até o presente. 1862.

Sobre estes dous ultimos escriptos, do primeiro não encontramos noticia do lugar em que foi impresso; e do segundo, ainda que não traga o nome do autor e nem o logar da impressão, é comtudo sabido que é de sua composição, e que foi impresso em Pernambuco.

O padre João Barbosa Cordeiro, foi um sacerdote distincto pelos seus conhecimentos, dotado de um bello talento, bom poeta, e um dos homens que mais figuraram nas lutas politicas do Brazil em prol da sua independencia e liberdade, a cuja causa serviu patriotica e dedicadamente, prestou immensos serviços, soffrendo por amor de suas idéas, ora o martyrio em rigorosas prisões, ora a mais desabrida e tyrannica perseguição; morreu em avançada idade, sendo vigario da freguezia de N. S. dos Prazeres em Maceió, possuindo as insignias de conego e o habito da Ordem de Christo.

João de Barros Rego. Nasceu na cidade de Olinda na segunda metade do seculo XVII, e foram seus paes André de Barros Rego e D. Adriana de Almeida Vanderley, seus avós paternos Arnáu de Hollanda Barreto e D. Luzia Pessôa, e maternos, Gaspar Vanderley, capitão do exercito hollandez e D. Maria de Mello.

João de Barros Rego seguindo a carreira das armas, em 1688 já occupava o posto de capitão de cavallaria de ordenanças da freguezia de S. Lourenço, por patente do governador João da Cunha Souto Maior, datada de 5 de Março do mesmo anno, *por ser pessoa de merecimento e um dos homens nobres e principaes desta capitania*, cujo acto foi confirmado por Patente Régia de 13 de Dezembro tambem do mesmo anno, *por haver servido nas occasiões em que foi occupado para as guerras dos Palmares, concorrendo com o que lhe foi possivel com bôa satisfação e por esperar que com a mesma se haveria d'ahi por diante em tudo que se lhe encarregasse conforme a confiança que fazia de sua pessoa.*

Em 1668 Barros Rego exerceu o mandato de vereador da camara do senado de Olinda, em 1691 o cargo de juiz ordinario, e depois o de provedor da fazenda real, no qual se achava em 1710, assim como no de capitão-mor da cidade de Oliuda.

Condecorado *pelos seus serviços e merecimento* com o habito de Christo, em cuja ordem professou a 22 de Março de 1693, nas mãos do bispo diocesano, D. Mathias de Figueiredo e Mello, que lhe sagrou o habito na cathedral de Olinda, bemfeitor da Santa Casa de Misericordia da mesma cidade, de cuja instituição foi provedor por muitas vezes, e onde em 1702 instituiu uma collegiada, a qual foi inaugurada a 9 de Julho desse mesmo anno, mandando cele-

brar ás suas expensas uma festa solemniissima em acção de graças, e fazendo o patrimonio necessario para a sua sustentação; João de Barros Rego, pois, illustre por seus serviços e merecimento, pela distincção e nobresa de sua familia e pelos honrosos e elevados cargos que exerceu, assim como pelos de provedor da fazenda real e de capitão-mór de Olinda que desempenhava na epocha em que vamos entrar, occupava uma posição elevada na sociedade, era um homem de prestigio e influencia, de character honradissimo, rico, abastado e nimiamente liberal e bem-fasejo; e ainda mais vieram realçar todas estas qualidades e elevar o seu nome, a cruenta guerra dos Mascates que devastou esta provincia em principios do seculo passado, cujos feitos repassados de patriotismo e abnegação tornaram-no benemerito e immortal.

O capitão-mór João de Barros Rego, foi um dos primeiros pernambucanos que oppuseram tenaz resistencia a pretensão dos portuguezes do Recife para elevar a nova povoação a cathegoria de villa e capital da capitania, apenas respirou este plano. Pertencendo por laços de parentesco ás principaes familias de Olinda, membro da nobresa como então se chamava, homem independente, de character firme e resolutu, patriota decidido e zeloso das glorias e tradições da legendaria Olinda, jamais as lisonjas e politica do governador Sebastião de Castro e Caldas, e as vantagens e offertas dos corruptores mascates o fiseram afastar-se do seu posto de honra, bandear-se com elles, apoiar os seus projectos, cooperando assim para a queda de Olinda, o que importava a propria queda dos brios e dignidade dos pernambucanos.

Rompendo a guerra e reunida a camara do senado de Olinda para deliberar sobre quem recahiria o governo da capitania pela deposição do governador Sebastião de Castro, e mesmo sobre a fôrma do governo á adoptar-se, Barros Rego foi um dos que apoiaram a opinião de Bernardo Vieira de Mello, para que se desse o grito de republica *ad instar* dos venesianos, mas resignou-se com a maioria da camara para que se entregasse o governo ao bispo diocesano e se mantivesse obediencia á metropole.

Com esta deliberação, os mascates mostraram-se acalmados, mas apparentemente; e a 18 de Junho de 1711 rebellam-se de novo, prendem o bispo e o ouvidor, e quando Barros Rego marcha sobre o Recife á frente das tropas do seu commando, recebe a noticia da fuga do bispo para Olin-

da, o que deu lugar á fazer entrar os rebeldes nos limites do seu dever sem effusão de sangue, sendo então deliberado um rigoroso assedio no Recife. Assim, coube ao intrepido capitão-mór Barros o commando do presidio de Afogados, como o mais importante e perigoso, e a 22 de Junhoahi já se achava acampado com as suas tropas, e conseguindo descobrir o fim dos sediciosos pela franquia que deu aos almocreves de conduzir a povoação os seus generos e mantimentos, e por fim, depois de esgotados todos os meios de brandura e persuasão, veio a estabelecer absoluta prohibição da passagem dos mesmos generos.

João de Barros Rego desempenhou essa missão com tanta galhardia e satisfação, que o bispo resolveu demittirse do governo militar, e o nomeou general em chefe de todas as forças, as quaes reunidas e em numero de 1000 praças, no dia 11 de Julho marcharam ao encontro de uma força rebelde, que vinha do interior romper o assedio do Recife e soccorrer os mascates. No sitio dos Prazeres, em Guararapes, foram encontradas as tropas inimigas em numero de 800 praças, e immediatamente cercadas e cortadas as retiradas; e os seus chefes vendo-se então perdidos, lançaram mão do expediente de assegurar que, longe de ser um soccorro aos mascates, pelo contrario eram amigos do partido da nobreza, e que sob palavra de honra podiam contar-se lhe uniriam no outro dia; mas á noite fugiram em debandada, sendo necessario seguir-lhes pela manhã.

O bispo notando a grande falta do illustre capitão-mór João de Barros Rego no commando do arraial de Afogados, a chave do assedio do Recife, o incumbiu de novo do commando desse ponto, mas em breve elle parte á procura do insolente inimigo; porem a esperança da patria ficou sepultada nos campos da batalha de Pindoba. No desalento geral elle não esmoreceu, proclama aos briosos pernambucanos, aos seus amigos e parentes, e viu-se cercado de mil combatentes á cuja frente marcha á se offerecer á vingar o ultrage, á castigar os inimigos e arrancar-lhe as palmas e o orgulho da victoria.

A proclamação que então dirigiu Barros Rego, é um documento memoravel, repassado de patriotismo, dignidade e altivez, « Que opinião é a nossa? interroga o velho soldado. Deixal-os triumphar do nosso nome, da nossa fé e da nossa lealdade? Até onde chega, e para quando se guarda o valor pernambucano que deu realce ao braço portuguez

em todo o mundo? Que determina, que espera? Consentir que em vil escravidão nos ponha aquelle infame canalha?» Depois de increpar aquelles que se bandearam pelo ouro dos mascates, Barros Rego falla da trama contra a sua vida, e assim termina a sua proclamação: « Não quero persuadir-me a que coubesse acção tão odiosa, em animos que se dispõe para emprezas que os acreditem; e quando para incentivo dos que me vêem e me acompanham, não baste o meu zelo, e de alguns o temor, ou conveniencia objectiva os desanime, para que me desamparem, fugindo ou passando-se para o inimigo, constará ao mundo que sacrificio a minha vida nas aras desta campanha, satisfazendo por credito da minha patria as obrigações com que nella nasci, e de quem sou, para não a ver no abatimento em que a malicia intenta lançal-a; e ver-me-hão mais facilmente rendido ao impulso de uma bala, do que a copia de mil cruzados com que me fizeram tiro de bem perto. »

Acceito o offerecimento patriotico que fizera o capitão-mór Barros Rego, o governo ordenou-lhe que partisse, e que acampasse no engenho Velho do Cabo á espera de novas ordens. Depois seguiu para Ipojuca em busca do inimigo, e tendo de ferir a batalha, elle generosa e desinteressadamente abdicou o generalato em favor do general Francisco Gil Ribeiro, offerecendo-se e sugeitando-se a marchar sob as suas ordens, sem que ambos ambicionassem outra gloria, que não fosse a da salvação e lustre da patria. Ganha a batalha de Ipojuca, depois de uma luta renhidissima durante um dia inteiro, na qual o nosso heróe ostentou-se briosa e dignamente, voltou para o acampamento do Cabo, e ahi, as suas praticas e patriotismo, as suas virtudes e generosidade, conseguiram dissipar uns restos de rebeldia, e chamar á causa pernambucana um cem numero de proselitos.

Aporta então a esta provincia o novo governador Felix José Machado, e Barros Rego corre apressadamente para Olinda, e ignorando a parcialidade do governador para com os mascates, pede ao bispo para entrar com as suas tropas no Recife, castigar os inimigos, e assim dar maior realce não sò ao triumpho da nobreza, como tambem ao do delegado do governo da metropole; mas recebe em resposta, que immediatamente levantasse o cerco e debandas-se as suas tropas! Contrariado com esta ordem, e com a certeza da soltura dos prisioneiros, principalmente dos

seus mais implacaveis inimigos, vendo então a predilecção e acatamento com que eram tratados os mascates, previu facilmente o futuro e as adversidades que o aguardavam, e ainda mais o esmoreceram, a entrada triumphal de Camarão no Recife, o agasalho pomposo que lhe deram no convento dos Padres da Madre de Deus, e a solemne erecção da villa do Recife.

Barros Rego abandona então a cidade, interna-se pelos bosques, e aberta a devassa foi condemnado como chefe de rebelião, banido por ausente, confiscada toda a sua riqueza, e declarados inconfidentes todos quantos lhe prestasse asylo ou auxilios. Forma-se então a liga de Tracunhãem, com o fim de resistir a oppressão defendendo-se da tyrannia dos mascates, até que o governo da metropole melhor informado mandasse pôr termo as perseguições, e Barros Rego para ahí se retira; mas, descoberto o seu asylo por um seu confidente barbaramente violentado para o indicar, aos 28 de Maio de 1712 cahe em mãos dos seus crueis inimigos.

Conduzido ao Recife, é alvo das maiores injurias e insultos dos mascates, e depois de percorrer as ruas da povoação, o illustre prisioneiro foi atirado aos cárceres da fortaleza do Brum. Tão applaudida pelos mascates a prisão de João do Rego Barros, quão sentida pela nobreza, o seu zelo, o seu talento e o seu valor, tornavam-no charo a esta e detestavel áquelles. Acostumado á vida commoda e confortavel de sua casa, opulenta e abastada, ao trato e convivencia de amigos, no meio da abastança e da riqueza, ás privações do carcere, o opprobrio e ludibrio dos seus inimigos, as humilhações porque passava, e a falta de trato aos seus incommodos de saude, aggravaram-nos sensivelmente, e depois de um martyrio de sete mezes, cheio de resignação e heroismo, viu approximar-se a hora tremenda do seu passamento, e assim acabou esse insigne e heroico pernambucano, victima da sua lealdade e patriotismo, cerrando os olhos a 28 de Dezembro de 1712.

A morte do benemerito Barros Rego, foi um signal de alarma, de regosijo e de festas entre os mascates, porém mesmo assim, ainda duvidavam e não se julgavam seguros do seu braço. Não criam que morrera, e quando muito que algum accidente o assaltára. Vendo-o então sem movimentos vitaes, mandaram examinar se respirava, se realmente estava morto; e o ultimo exame com que terminaram as suas duvidas e profanações, foi o acto barbaro de

cravarem-lhe os pés com um sovelão que passou de um a outro lado, tal a duvida da sua morte, o receio de que isso fosse um plano de fuga, o temor que lhes inspirava o valor e a fama de tão illustre capitão.

João de Barros Rego foi sepultado na capella de N. S. do Pilar, em Fóra de Portas, no jazigo dos seus antepassados, sem pompas e sollemnidades apparatusas, não só porque todos os seus bens estavam confiscados, como para comprazer aos seus inimigos.

« Assim se sepultou para sempre este memoravel Aníbal, Scipião famoso, diz o contemporaneo historiador da *Guerra dos Mascates*; mas não se sepultaram as memorias de seu nome, que nas de seus naturaes viverão eternamente recordadas, com aquelles applausos das prerogativas que teve em sua vida, de nobre, rico, liberal e alentado, cavalheiro professo na Ordem de Christo, provedor da fazenda real e da Santa Casa de Misericordia de Olinda. »

Frei João da Conceição Loureiro. Nasceu na cidade do Recife; mas a epocha, o nome de seus paes, e os primeiros actos de sua vida, tudo esqueceu-se, tudo é inteiramente ignorado.

Abraçando a vida ecclesiastica, professou á ordem de S. Francisco, foi lente de theologia, e em 1817, achava-se na guardiania do convento de Santo Antonio do Recife.

Pernambucano por nascimento, religioso por vocação, Frei João da Conceição Loureiro alimentava em seu peito o fogo sagrado do patriotismo, sonhava com a independencia da patria.

Concebido o plano da revolta que devia proclamar a independencia da patria, Frei João foi um dos primeiros pernambucanos que se iniciarão no apostolado dessa grandiosa propaganda; e nos clubs, ou academias do Cabo e Paraíso, tornara-se pelas suas ideas, pela sua dedicação e enthusiasmo, um dos primeiros vultos desses mysterios democraticos. Desposou-se pois fogosamente com a liberdade, diz um escriptor contemporaneo, a qual se consagrou totalmente, mas portando-se com tal tino, que, durante o curso pacifico da revolução, jamais perdeu a estima, que suas virtudes lhe haviam grangeado no publico.

Rompendo a revolução a 6 de Março de 1817, Frei João da Conceição Loureiro, prestou a causa patriótica os mais assinalados serviços; no seu caracter de sacerdote, encontrou

immensas vantagens para accelerar aqui e alli o pronunciamento da causa liberal; o pulpito, o confeccionario, a cella de religioso, as palestras amistosas, em tudo era elle o dedicado apostolo da liberdade, tudo isso offerecia-lhe vastissimos campos a semear o germen da independencia. Elle convoca os religiosos seus governados e exulta-os a acompanhar o pronunciamento; com a palavra inspirada do patriotismo, com vivissimas cores, elle pinta a imagem da liberdade de um lado, e do outro a da escravidão, com o seu funebre cortejo de tyrannias, inspirando-os no santo amor da patria; mas o illustre guardião dos franciscanos nada poudo obter dos seus religiosos: elles tremem, vacilam, e por fim deixam-no só em campo.

E quando a revolta regeneradora pendia para o aniquilamento, quando as tropas reaes pisavam o solo pernambucano á restaurar a autoridade real, Frei João abandona tambem os seus religiosos, despede-se de governal-os, e lança-lhes em rosto a negra ingratidão com que pagavam a esse generoso povo, que tão caridosamente os alimentava com suas esmolos, que tantos favores e obsequios lhe havia prestado.

Partia pois para o interior o exercito patriota. Frei João, resolutu a morrer ou conquistar na campanha contra os realistas os louros da victoria, ergue a sua voz, e ao seu appello forma-se um numero soffrivel de patriotas, despe o burel de religioso, enverga a farda do soldado, constitue-se commandante desse punhado de bravos, e parte a sua frente, na columna com que o governador Domingos José Martins foi reforçar as tropas do general Suassuna.

Deixando o habito pela farda Frei João deixou tambem o seu nome religioso, e d'ahi por diante adoptou o nome de — Cachico; — em meio caminho, porém, teve de retroceder por ordem superior, para encorporado a tropa sob o commando de Manoel Correia de Araujo ir castigar os traidores de Santo Antão; mas estando tramada a mais infame perfidia, elle cahiu prisioneiro.

Preso, estando já Rodrigo Lobo de posse do Recife, é Frei João enviado para aqui, e atirado ao porão do navio *Carrasco*, com mais 70 companheiros de martyrio, e segue para a Bahia, « onde, entre molestias habituaes, a ferocidade dos carcereiros e o despreso geral dos seus padres e do povo, foi morrendo lentamente, até que a revolução de

Portugal adoptada na Bahia em 1821, lhes restituiu a honra, vida e liberdade, dando a patria um heroe que bem depressa vae vingal-a das injurias de Portugal. »

Frei João da Conceição Loureiro, volta então á Pernambuco, em uma epocha em que a sua patria reclamava o amor e patriotismo de seus filhos, em prol das regalias constitucionaes, que Luiz do Rego a despeito das ordens da Assembléa Constituinte Portuguesa, teimava em não fazer jural-a, vindo a final a fazel-o secretamente, colligado com os seus camaradas, sem consultar a nenhum dos filhos do paiz, nem esperar ordens do Rio de Janeiro.

Frei João não envolveu-se logo nos primeiros movimentos dessa epocha; doente, curvado ainda ao peso e sofrimentos do longo martyrio de 4 annos, contentou-se em applaudil-os. O movimento de Goianna que depoz Luiz do Rego, a eleição do governo provisório, o pronunciamento de S. Paulo a favor do principe regente, a sua deliberação de pôr-se a frente dos brasileiros, tudo isto applaudiu esse patriota religioso.

Mas, vendo ao mesmo tempo, « a negligencia do governo provisório e os pretextos com que parecia querer e dever retardar em Pernambuco a suspirada independencia, » brilha então o fogo do seu patriotismo, conspira de novo, une-se immediatamente ao partido que promovia o reconhecimento de D. Pedro como chefe do poder executivo independente de Portugal, e desenvolvendo-se o espirito publico, proclama-se a 2 de Junho de 1822 a D. Pedro, erguia-se o brado da independencia, negando-se obediencia ao governo portuguez.

Porém os actos da Junta nesta questão, e os subsequentes ao seu desideratum, não satisfasiam as patrioticas ambições de Frei João. Trabalha pois com todo o ardor e perseverança pela deposição dos membros da Junta, afim de se eleger outros dotados de mais nobres intuitos, e a 16 de Setembro rebenta a revolta, a Junta é deposta, no dia seguinte crea-se um governo temporario, e no dia 23 estava eleita a nova Junta.

E Frei João havia com os seus esforços, trabalhos, amor e patriotismo, contribuido em grande parte para tudo isto. Estavam completos os seus desejos, satisfeitas as suas ambições de brasileiro, a terra que lhe dera o berço já não tinha que reclamar delle cousa alguma em prol da causa da liberdade. Mas o Ceará gemia ainda sob o jugo da escravidão e tyrannia, e convidado por Felippe Mena Ca-

lado da Fonseca e Antonio Francisco Carneiro Monteiro, não duvidou associar-se a tão illustres patriotas, partiu para o Ceará, desembarca no Aracaty, e começa a sua missão pregando com eloquencia, ardor e enthusiasmo patrióticos, a extrema necessidade de se organisar tropas ligeiras, á expulsarem do seio da patria os seus oppressores.

As suas palavras foram ouvidas com enthusiasmo, e o seu effeito foi esplendido, maravilhoso. Frei João da Conceição Loureiro reúne tropas, põe-se em movimento, os refractarios são castigados, o governo expulso, creado outro, e declarada a independencia imperial.

Frei João estava ufanoso e satisfeito do bom exito da sua missão; mas a sua saúde estava seriamente comprometida. Volta á Pernambuco, recolhe-se ao seu convento, e pouco tempo depois, no anno de 1823, o raio da morte fere-o implacavel. Frei João da Conceição Loureiro, sacerdote virtuoso, orador eloquente e fogoso, foi um patriota illustre, um apostolo sincero e dedicado á independencia e liberdades patrias, e martyre das suas idéas; um heroe a cuja memoria a posteridade curva-se reverente, pelos seus feitos de patriotismo e abnegação. Morreu, mas a independencia da patria já estava firmada, e adormeceu, ouvindo ainda os hymnos patrióticos da victoria, da liberdade, de cuja idéa foi um dos seus mais illustres apostolos, um dos seus martyres.

João Evangelista Leal Periquito. Nasceu na cidade de Olinda a 27 de Dezembro de 1797, e foi baptisado na matriz de S. Pedro Martyr a 21 de Janeiro do anno seguinte; o sargento-mór Antonio Gomes Leal e sua mulher D. Marianna dos Santos e Miranda Motta, foram seus paes.

Entrando no Seminario Episcopal em 1808, cursou todas as suas aulas, e em 1817 já havia concluido a serie de estudos necessarios ao sacerdocio. João Evangelista Leal Periquito recebeu a prima tonsura na igreja da Madre de Deus, a 3 de Abril de 1813, ministrada pelo bispo de Malaca D. Frei Alexandre da Sacra Familia, que aqui se achava de passagem, e seguindo para o Rio de Janeiro, ali recebeu ordens de sub-diacono, ministradas pelo bispo capellão-mór D. Caetano da Silva Coutinho, a 7 de Abril de 1821, na capella do palacio da Conceição, de diacono a 15 de Abril, e de presbytero a 22 do mesmo mez e anno, ambas ministradas pelo bispo do Pará D. Romualdo de Souza Coelho, então de visita no Rio de Janeiro.

Durante esse periodo Leal Periquito serviu na cathedral de Olinda, de moço de côro extra-numerario em 1811, de capellão em 1813, e numerario em 1817; foi mestre de ceremonias em 1818, escrivão do crime e civil do juizo ecclesiastico de Olinda e escrivão da camara episcopal por esse mesmo tempo.

Ainda no Rio de Janeiro quando se deram os primeiros movimentos da nossa emancipação politica, Leal Periquito offereceu o seu concurso em prol da causa da patria, e quando a divisão auxiliadora portugueza pretendeu obrigar o principe regente á seguir para Portugal, em observancia aos Decretos das côrtes constituintes, e os brazileiros se uniram para manter a permanencia do principe no Brazil, elle assentou praça de soldado no 2.º batalhão de linha de caçadores da côrte, pelas 11 horas da noite de 11 de Janeiro de 1822, e não olhou a sua dignidade de sacerdote, prestou os seus serviços gratuita e patrioticamente em prol da independencia, os quaes constam de uma attestação honrozissima, firmada pelo marechal de exercito Barão da Barra Grande, então tenente-coronel e commandante do corpo em que se alistou.

Quando se consolidou a obra da independencia do imperio, e terminaram as suas lutas, Leal Periquito regressou para Pernambuco, e celebrou a sua primeira missa na egreja do recolhimento de N. S. da Conceição de Olinda, a 8 de Dezembro de 1823. Apresentado vigario da freguezia de N. S. da Boa-Viagem de Pasmado, por Carta de 23 de Junho de 1823, e examinado e approved pelo tribunal da Mesa de Consciencia e Ordens, foi collado na mesma egreja a 5 de Abril de 1824, sendo este acto celebrado na cathedral de Olinda.

Neste mesmo anno, por occasião da proclamação da *Confederação do Equador*, o padre Periquito fez parte de uma comissão enviada ao Rio de Janeiro afim de advogar perante o imperador a causa da provincia, sendo elle representante do clero, por designação do cabido de Olinda, tendo por companheiros Bazilio Quaresma Torreão, representando a classe militar, e João Francisco Bastos Junior a civil; missão esta que não correspondeu aos seus generosos fins pela má vontade do imperador, e cujo resultado é assim narrado por um jornal contemporaneo, o *Typis Pernambucano*, em seu numero 23 de 1824:

« A 2 de Maio chegaram á côrte do Rio de Janeiro os nossos deputados, e acharam S. M. fóra da cidade; e depois

de sua volta, houveram dous conselhos de estado sobre o destino, que se daria a deputação. Era fóra de toda a expectativa o que constou dos votos, que la appareceram! Uns opinaram, que fossem presos os deputados; outros, que se mandassem retirar sem audiencia; outros, que fossem sim ouvidos, mas sem o character de deputados; afinal venceu-se, que fossem ouvidos como taes, porém, em uma audiencia ordinaria, depois do despacho dos requerimentos. »

« Teve, com effeito, lugar esta audiencia no dia 14 de Maio, e S. M. não se dignou attendel-os com aquelle bom gasalhado, que costuma liberalisar a todos, e que era de esperar da magnanimidade e genêrosidade de um principe. Respondeu-lhes, que, *já se havia determinado a final sobre os negocios de Pernambuco, do qual só a cidade do Recife lhe era desobediente*; e querendo um dos deputados fallar a este proposito, o mandou S. M. calar de uma maneira que dá azos á acrimonia e maledicencia do *Portuguez*. Rogaram então os deputados licença de se retirarem, e S. M. lhes tornou no mesmo theor: *Quanto antes*. O que fizeram d'ahi a cinco dias, passando por todos aquelles despachos e gastos, que são do estylo para com homens particulares. »

Agraciado pelo imperador com o habito de Christo a 13 de Maio de 1824, e no dia seguinte, como vimos, mal acolhido pelo mesmo imperador, como membro da deputação pernambucana, o padre Periquito retirou-se para Pernambuco com os seus companheiros, sem obter resultado algum na missão que os levou á côrte do imperio; e logo que chegou publicou com elles um *Manifesto* dando conta aos seus constituintes do resultado da sua missão, no qual vem narrado minuciosamente todo o occorrido.

Fazendo opposição á vigaria da egreja de N. S. da Conceição da villa de Flores, em 1834, foi approvedo e proposto em primeiro lugar pelo ordinario, « em attenção aos seus muitos serviços ecclesiasticos e civis, a sua morigeração e conducta, e a um grande abaixo assignado dos povos da villa de Flores, que o pediam para seu parochio »; mas o presidente da provincia determinou em seu conselho que fosse nomeado o terceiro proposto, apesar da provisão que havia sido passada ao padre Periquito. A' esta resolução do presidente, os parochianos de Flores empenharam-se, e enviaram-lhe uma representação á favor do padre Periquito, mas nada obtiveram da sua tenacidade, e no anno

seguinte de 1835, a Camara Municipal em officio de 25 de Fevereiro apresentou a Assembléa Provincial uma representação do povo de Flores, firmada por 530 pessoas reclamando a sua restituição, em cujo officio se lê estas honrosissimas palavras sobre o merecimento e serviços do padre Periquito:

« Chegando a esta parochia de Flores, o Revd. vigario Periquito, para tratar de sua saude, e residindo aqui por espaço de trez annos, prestou valiosos e importantes serviços aos habitantes desta villa. Administrou em todo esse tempo, apesar do seu penivel estado physico, os Sacramentos aos povos, coadjuvando assim o parocho em todos os trabalhos espirituaes da egreja; e isto não só com o maior desvello e caridade, como tambem com o maior desinteresse. Elle dirigiu as eleições de Flores com toda a prudencia e circumspecção, e recitou nessa occasião a oração, não querendo por este serviço mais do que prestar aos seus concidadãos, e utilizar a esta Camara, a qual aconselhou e dirigiu por muitas vezes em suas operações. Rompendo a revolução de Pinto Madeira, elle compoz a primeira proclamação que se ouviu no acampamento de Macapá, e foram organisadas por elle todas as correspondencias officiaes, que tiveram lugar entre as autoridades civis e militares da dita villa, e as do Ceará e mesmo para as desta provincia, durante a guerra do Cariri Novo, e organisou a guarda nacional do municipio de Flores, prestando-se sempre voluntariamente, com zêlo e patriotismo. Estes e muitos outros serviços que omittimos, grangearam ao Revd. Periquito a estima geral; e fallecendo o parocho desta villa, os seus freguezes rogaram ao mencionado padre, que houvesse de fazer opposição áquella egreja, por isso que desejavam que lh'es administrasse o pasto espiritual; e assim instado prestou-se a concurso e foi approvedo. »

Nesse interim, o padre Periquito foi nomeado vigario da vara, por provisão de 27 de Agosto de 1834, e em 1837 e 1838 foi autorisado pelo bispo diocesano para administrar o Sacramento da confirmação nas freguezias de Flores, Piancó e Fazenda Grande, nas quaes chrismou 18,123 pessoas. Supprimida a freguezia de Pasmado, da qual era vigario collado, foi apresentado na de Flores, por acto da presidencia de 6 de Outubro de 1837, e assim viram os parochianos dessa freguezia entre si o benemerito sacerdote

que conquistára o seu amor e confiança, cuja noticia foi recebida entre as maiores demonstrações de alegria.

O vigario Periquito regeu conjunctamente a freguezia do Senhor Bom Jezus dos Afflictos de Fazenda Grande, e em 1842, simultaneamente com a de Flores, a freguezia de N. S. da Penha da Serra Talhada. Deputado provincial na legislatura de 1838 e 1839, presidente da Camara Municipal de Flores em 1841, delegado da Associação da Propagação da Fé na mesma localidade, o vigario Periquito quer como sacerdote, quer como cidadão, prestou serviços taes, que tornou recommendavel o seu nome a honrosa menção dos posterios.

Homem intelligente e laborioso, dos seus escriptos nenhuns chegaram ao nosso conhecimento, a não ser as suas proclamações e correspondencia official das guerra de Pinto Madeira e Cariri Novo, e uma *discripção da freguezia de Pasmado*, citada por Figueira de Mello no seu *Ensaio sobre a Estatistica civil e politica da provincia de Pernambuco*.

O vigario João Evangelista Leal Periquito, falleceu a 7 de Novembro de 1851.

João de Mello. Nasceu no anno de 1706. Foram seus paes João Fernandes da Silva e D. Izabel Gomes de Figueiredo.

Os jesuitas reconhecendo o seu bello talento, diz o Dr. Joaquim Manoel de Macêdo no seu *Anno Biographico*, attrahiram o jovem João de Mello para o seio da Companhia, e disso em breve se applaudiram, vendo realisarem-se todas as suas esperanças.

Sendo o sacerdocio a sua vocação, seus paes confiaram-no aos padres da Companhia de Jezus, e elle seguiu para a provincia da Bahia, e no respectivo collegio recebeu a roupeta de Jesuita aos 12 de Fevereiro de 1721, quando contava os seus 15 annos de idade. Ahi, diz Barbosa Machado, estudou letras humanas em que sahio sufficientemente versado, assim como na poesia latina e vulgar.

Assumindo ao sacerdocio, o padre João de Mello tornou-se em breve tempo um dos luminares da ordem dos filhos de Loyola, pelas suas virtudes, pela sua sabedoria, pelos triumphos do pulpito e pelo primor e bellezas de suas produções poeticas.

Escassos como são os apontamentos que podemos encontrar do padre João de Mello, nenhuma de suas com-

posições quer oratorias quer poeticas podemos obter. O abbade Diogo Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*, apenas cita uma glosa joco-seria a oitava de Camões, da egloga 5 da primeira parte das suas rimas que começam com estes versos :

A vós se dêem a quem junto se ha dado
Quatro decimas, e um romance

.....

Estas duas produções foram publicadas em Lisboa em 1742, em applausos do Dezembargador Ignacio Dias Madeira, ouvidor geral da Bahia. Eis, pois, o pouco que podemos obter da vida desse veneravel sacerdote, desse illustre filho das muzas.

O padre João de Mello, diz o Dr. Joaquim Manoel de Macêdo, foi poeta e litterato notavel. Elle honrou a Companhia de Jezus pela sua vasta illustração, e por seus serviços na predica e nas missões. Escreveu poezias em portuguez e em latim, sendo nestas reputado distincto e de superior merecimento. O abbade Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana* e outros criticos louvam as poezias do padre João de Mello pela puresa da lingua, e pelo fino gosto.

João Nepomuceno Carneiro da Cunha. Nasceu no engenho Araripe de Cima, na freguezia de Iguarassú, aos 16 de Maio de 1767, e foram seus paes Sebastião Carneiro da Cunha e D. Maria Francisca de Jesus, ricos proprietarios e senhores do mencionado engenho.

Carneiro da Cunha começou a sua educação litteraria em Iguarassú, continuou-a em Olinda, onde estudou o latim, e veio depois para o Recife, applicou-se aos estudos de philosophia racional e moral, e á theologia, por ser vontade de seus paes que abraçasse o estado ecclesiastico ; mas elle que não se sentia inclinado para isso, dedicou-se á vida commercial, e constituiu um pequeno capital para começar o seu negocio, vendendo os seus livros de estudos e outros que formavam a sua pequena bibliotheca.

Homem laborioso, economico e criterioso, Carneiro da Cunha perseverou no seu trabalho, venceu as primeiras difficuldades de sua vida commercial, e, depois de alguns annos, conseguindo accumular um soffrível capital, desen-

volveu as suas transacções commerciaes, adquiriu fortuna, e a sua casa tornou-se uma das mais importantes e conceituadas da praça do Recife.

De instrucção não vulgar, com a intelligencia cultivada, de genio emprehendedor e de vistas largas como se costuma dizer, Carneiro da Cunha era um dos assíduos frequentadores da casa do Dr. Antonio Carlos de Andrade e Silva, onde se davam largas conversações, planos e discussões sobre a idéa assente do movimento emancipador do Brazil, e *tendo sobre tudo a vantagem de ser seu discipulo propecto*, envolveu-se na conspiração, fez parte das Academias do Cabo e Paraíso, e quando a revolução rompeu em 1817, *fez serviços eminentissimos á causa da liberdade, e pode-se dizer, que grande parte das proezas do insigne capitão-mór de Iguarassú Francisco Xavier de Moraes Cavalcanti, a elle são imputaveis, e por isso mereceu a autonomia publica de—Braço direito do dito capitão-mór: todavia, seus esforços e fanatismo republicano não poderam salvar a liberdade, servindo somente de o fazer réo no tribunal dos tyrannos.*

Preso e remettido aos carcereiros da Bahia, Carneiro da Cunha foi accusado pela alçada de—*tratar da revolução ha muito tempo, de beneficiar para isto o povo, de prestar-se em sua casa o juramento de fidelidade ao governo rebelde, de escrever cartas para soccorro da rebellião, de fazer proclamações, de segundo commandante do exercito que marchou para Páu d'Alho; e como tal foi condemnado a dez annos de degredo para Matto Grosso.*

Restituido a sua provincia natal em 1821, Carneiro da Cunha foi um dos principaes motores do movimento politico de Goyanna, foi eleito membro do governo provisório alli installado, e tão patriota, como cheio de abnegação e desinteresse, não acceitou este cargo que a confiança dos seus amigos lhe conferiram, assim como regeitou no anno seguinte, 1822, identico cargo quando teve lugar na capital a eleição da nova junta do governo, declarando, *que seria mais útil fóra, que dentro do governo.*

E na verdade, João Nepomuceno Carneiro da Cunha foi um patriota distincto, prestou immensos serviços á causa da emancipação politica do seu paiz, e possuindo avultada fortunna, ganha em sua vida commercial, e augmentada pela sua actividade nos trabalhos da agricultura a que depois se entregou, como proprietario dos engenhos Mussupe e Caraú, em Iguarassú, a sua generosidade ac-

companhou sempre os seus rasgos de liberalidade e patriotismo; e ainda que não tomasse parte no movimento separatista de 1824, contudo auxiliou immenso os patriotas compromettidos.

Perseguido em 1829 por motivos politicos, elle absteve-se desde então de qualquer iniciativa, retrahiu-se e inteiramente se absorveu nos seus negocios particulares; e poucos annos depois, a 29 de Novembro de 1833, falleceu no seu engenho Caraú, em Iguarassú, legando um nome venerando e respeitavel, por suas virtudes e patriotismo, tão bellamente memorados em um artigo editorial do *Diario da Administração Publica de Pernambuco*, em seu numero de 23 de Dezembro de 1833.

João do Rego Barros. Nasceu na villa de Olinda em principios do seculo XVII, e foram seus paes o capitão Francisco do Rego Barros, fidalgo da casa real e cavalleiro de S. Thiago, e D. Archangela da Silveira de Moraes; Luiz do Rego Barreto e D. Isabel de Góes, foram seus avós paternos, e maternos, Domingos da Silveira e D. Margarida Gomes da Silva, ambos naturaes de Vianna em Portugal.

Ainda bêm creança, em 1635, quando talvez contasse os seus dez annos de idade, pois seus paes casaram-se em 1623, João do Rego Barros acompanhou-os á provincia da Bahia, quando as tropas invasoras da Hollanda lograram a posse total de Pernambuco. Ao grito da revolta em 1645, elle alistou-se nas fileiras do exercito restaurador de sua patria, como praça de soldado, porem brevemente passou a alferes de infantaria, e tomou parte nas acções mais importantes da campanha, nas quaes procedeu com valor e dignidade; e como remuneração dos serviços da campanha teve um escudo de vantagem, e a promoção ao posto de capitão do terço de infantaria do mestre de campo André Vidal de Negreiros, por nomeação do general Francisco Barreto de Menezes, de 26 de Fevereiro de 1652, e patente do governador geral conde de Castello Melhor, a qual foi confirmada por patente régia de 17 de Junho de 1655.

Depois da restauração de Pernambuco e mais dominios do poder dos hollandezes, por cujos serviços merecera ainda João do Rego Barros, a conferencia do habito da Ordem de Christo e o fôro de fidalgo da casa real, foi nomeado capitão-mór e governador da capitania da Parahyba, a qual governou de 1663 a 1670.

Homem de educação esmerada, intelligente e circumpecto, e nobilitado pelos serviços que prestou ao estado, quer como militar, na guerra da restauração de Pernambuco, quer como administrador no governo da Parahyba, João do Rego Barros gosou de merecidas honras e conceito, não só do soberano, como também dos diversos governadores desta capitania, sob cujas ordens serviu; recebendo como ultimo galardão o provimento no importante e elevado cargo de provedor proprietário da fazenda real desta capitania de Pernambuco, por Carta Régia de 19 de Julho de 1675, cargo este que desempenhou com distincção e dignidade.

Como Vidal de Negreiros, Dias, Vieira, Barreto de Menezes, e Christovão do Rego e D. João de Souza, seus companheiros de campanha, João do Rego Barros legou-nos também um monumento perduravel, que ainda hoje recorda o seu nome illustre e a memoria dos seus feitos: a capella de N. S. do Pilar, em Fôra de Portas, a qual dotou com magnificencia, e instituiu o vinculo desse nome.

Obtendo por carta de sesmaria do governador desta capitania Ayres de Souza Castro, de 31 de Maio de 1679, uma data de vinte e cinco braças de terra, no local em que esteve o fôrte de S. Jorge, João do Rego Barros edificou a capella de N. S. do Pilar sobre as reliquias desse glorioso baluarte, aproveitando ainda em sua construcção grande parte do material existente, e dando começo as obras em 1680, quando voltou de uma viagem a Portugal, teve o prazer de as ver concluir, e de collocar a imagem da padroeira, que trouxera de Lisboa.

João do Rego Barros falleceu em avançada idade no anno de 1697, e foi sepultado na capella-mór da sua igreja de N. S. do Pilar, na parede do lado da epistola. Capitão-mór, provedor da fazenda real, fidalgo da casa real, cavalleiro do habito de Christo e provedor da Santa Casa de Misericordia de Olinda por duas vezes, João do Rego Barros nobilitou-se por seus serviços e merecimento; foi militar distincto, administrador zeloso e funcionario honrado.

João do Rego Dantas Monteiro. Nasceu na cidade do Recife em 1774.

Seguindo a carreira das armas, assentou praça de soldado, foi promovido a alferes da quinta companhia do regimento de linha da guarnição da praça do Recife, por

Patente Regia de 24 de Setembro de 1808, e a primeiro ajudante do regimento de infantaria de linha por Patente de 2 de Setembro de 1816.

Iniciado nos tramas revolucionarios da emancipação da patria, membro activo da Academia do Paraíso, frequentando a casa e os banquetes politicos de Domingos José Martins, João do Rego Dantas Monteiro foi um dos primeiros compromettidos na revolução de 1817, e um dos seus martyres quando a tyrannia reergueu o seu imperio. Denunciado ao governador Caetano Pinto os planos da revolta, e tomadas todas as providencias para impedi-la sua marcha, no dia 6 de Março Dantas Monteiro recebe ordem do commandante do seu regimento, o brigadeiro Luiz Antonio Salazar Moscoso, para que, acompanhado do seu companheiro Manoel de Souza Teixeira seguissem á uma hora da tarde para a fortaleza das Cinco Pontas, e que esperassem pelas ordens que lhes seriam transmittidas, o que executaram promptamente, sem que ambos soubessem que se tratava de prisão.

Quando o brigadeiro Salazar prudentemente ássim obrava para conseguir a prisão dos seus officiaes, o brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro reúne um conselho de officiaes, increpa-os do seu procedimento com epithetos injuriosos, e ao dar-lhes ordem de prisão cahe ferido pela espada de José de Barros Lima, e no meio da geral confusão os officiaes formam a tropa, salvam os seus amigos já em prisão, e proclamam a revolução, a liberdade, a independencia da patria.

Dantas Monteiro livre da prisão e firme nas suas idéas, une-se logo com o seu corpo ao regimento de artilharia, e no dia 7 marcha com o exercito para a fortaleza do Brum onde se havia refugiado o governador, assiste a capitulação, e volta para o campo do Erario, chamado então pelos patriotas — Campo da Honra —, e toma parte na eleição do governo provisório da nascente republica.

Merecendo plena confiança do governo, Dantas Monteiro tomou parte muito activa em toda a marcha dos negocios publicos, prestando-lhe decidido apoio e coadjuvação. Quando começaram os primeiros rumores de descontentamento no Sul da provincia e o sol da republica começou a eclipsar-se, e apromptou-se rapidamente uma forte divisão para reforçar Tamandaré, e embarcou um reforço de cem valentes veteranos, coube o seu commando ao intrepido ajudante Dantas Monteiro.

Confiado ao seu zelo e patriotismo, partiu a expedição contra os rebeldes do Sul, mas a reacção tinha-se espalhado com rapidez tal, que ao passar por Ipojuca Dantas Monteiro já não encontrou nos habitantes acolhimento benigno, e nenhum desejava tomar parte nos seus trabalhos apesar de lisongeiros promessas. Alli veio elle a saber do desastre das forças republicanas em Porto de Pedras, e reconhecendo a inutilidade da sua marcha com uma tão pequena força por entre povoações hostis, em condições que não lhe permittiam avançar, tomou a deliberação de se fortificar na Barra Grande, lugar menos sujeito a emboscadas ou sorpresas, informando o governo do que havia feito e observado, e requerendo as ordens necessarias.

Extendendo-se a contra-revolução das Alagôas às mais proximas localidades da cidade do Recife, o capitão João do Rego isolado na sua posição e firme no seu posto, estava ameaçado por todos os lados, e corria o risco de succumbir ou de fazer deshonrosa retirada, se energicas e efficases providencias não fossem tomadas.

Ao perigo material a que este capitão estava exposto, refere Muniz Tavares, ajuntou-se outro, que, para rechassal-o não bastava a força das baionetas; requer-se firmesa de character e probidade inteira; veio então assaltal-o a seducção com o engodo das honras e a segurança da preservação de males eminentes. Figurava na contra-revolução de algumas das villas da comarca do Recife, o capitão de milicias Barroso, sogro de Dantas Monteiro, velho portuguez, abastado e emprehendedor, que sujeitou-se como os demais a nova ordem de cousas, e que seria um bom republicano se a fortuna sorrisse aos brasileiros. A variação das Alagôas, o triumpho dos libertecidos e o bloqueio do porto do Recife, o decidiram a pugnar pelo partido reputado mais seguro; amava o genro porque não o podia detestar, julgou-o perdido e interessava-se em salvá-lo.

Correspondendo-se secretamente com Rodrigo Lobo, commandante do bloqueio, de quem recebeu a permissão de enviar a Dantas Monteiro um mensageiro com carta sua e de outros amigos, descrevendo o lamentavel estado dos patriotas, e advertindo-o a salvar-se quanto antes com a gente que commandava, e vir prestar os seus serviços em prol da monarchia assegurando-lhe, se assim procedesse, a vida e larga recompensa, e que, se o contrario fizesse, não só arruinaria a si proprio como a sua esposa e filhos. As cartas foram entregues, mas o honrado cida-

dão ferido em seus brios e dignidade, deu esta breve, energica e patriotica resposta: *Prefiro a morte com todos os seus horrores, á mancha indelevel de traidor da Patria. O sentimento de familia, bem que altissimo, perde todo o seu valôr, quando é posto em contacto com o dever patriotico, a salvação da Patria.*

De tão penosa e difficil situação o veio tirar o capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, que reconhecendo o perigo da posição que occupava, ordenou-lhe que na melhor ordem possível se retirasse para o engenho Velho do Cabo, o que foi habilmente executado. Dantas Monteiro teve então occasião de figurar na batalha de Utinga, na qual pelejou heroica e briosamente, assim como na de Pindoba, cujo revez fez perder todas as esperanças da salvação da patria e da liberdade.

Nada mais restava então aos patriotas, a causa da republica estava completamente perdida; retirando-se para o Recife, no momento em que as tropas invasoras tomavam conta do vencido baluarte, e se restaurava a decahida autoridade real, Dantas Monteiro não tardou em cahir nas mãos dos seus inimigos, porque a sua mesma fama o trahiua, na phrase de um historiador do tempo.

Preso por ordem de Rodrigo Lobo, em 30 de Maio, e mettido em ferros á bordo do brigue Mercurio, seguiu para a Bahia, e atirado aos carcereiros da cadeia da Relação, gemeu por quatro annos, até que, em 1821 lhe foi restituída a patria e a liberdade.

Entrando no gôso dos seus direitos e das perdas prerogativas, nesse mesmo anno, por Portaria de 10 de Dezembro, a junta do Governo Provisorio lhe conferio o commando militar da villa e termo de Serinhãem. Em 1822, Dantas Monteiro já se achava elevado ao posto de capitão e foi incumbido do commando militar de Una, merecendo pelos seus serviços e dedicação honrosos louvores da Junta Provisoria por officio de 21 de Fevereiro, *pela sua prudencia, zelo e interesse que tomou pela paz e socego dessa villa, uma das localidades mais notaveis desta provincia.*

Nesse mesmo anno de 1822, seguiu para o Rio de Janeiro, incumbido de uma deputação ou commissão por parte do governo provisorio, e nesta occasião, solicitou e obteve a sua reforma no posto de capitão que exercia. Regressou então para esta provincia, e recolhendo-se á vida privada bem pouco sobreviveu; e a 24 de Setembro de 1824, quando as tropas republicanas da Confederação do Equador, se

batiam com as forças imperiaes na Ponte dos Carvalhos, esse illustre e benemerito patriota exalava o derradeiro suspiro. João do Rego Dantas Monteiro falleceu no engenho Buranhem, na villa do Cabo, e jaz sepultado na capella do mesmo engenho.

João Ribeiro Pessôa de Mello Monte Negro. Nasceu na freguezia de Tracunhaem aos 28 de Fevereiro de 1766; foram seus paes Manoel de Mello Monte Negro e sua mulher D. Genebra Francisca Pessôa, ambos naturaes desta provincia; seus avós paternos o capitão Domingos de Mello Monte Negro e D. Thereza Maria de Mello, e maternos o capitão mór João Ribeiro Pessôa e D. Genebra de Vasconcellos Castro.

Dos primeiros passos da educação de João Ribeiro nada sabemos; cremos porém que ella foi bem limitada pelas circumstancias de seus paes, sendo mesmo *condemnado a viver sem gloria e morrer sem nome, se o illustre naturalista Dr. Arruda Camara, não conhecesse e cultivasse o talento do jovem João Ribeiro, seu visinho e amigo.* Desde então ficou elle sob direcção de Arruda Camara, e o acompanhando sempre nas viagens, que, na qualidade de naturalista do estado, constantemente fazia pelo interior do paiz, começou a desenvolver o seu talento, e a adquirir um grande cabedal de illustração.

Dedicando-se tambem ao estudo de dezenho, em que fez muitos progressos, o Dr. Arruda Camara incumbiu-o de dezenhar os objectos das suas investigações de naturalista, principalmente de botanica, sciencia em que eternizou o nome do seu discipulo, denominando *Riberia Serbilis* a planta vulgarmente conhecida por mangabeira, e já descripta por Linneu sob o nome de *Achras-Zapota*.

Determinando abraçar a vida ecclesiastica, João Ribeiro deixou as suas excursões scientificas, veio para o Recife e entrou no convento de N. S. do Carmo. Passando-se depois para o Seminario de Olinda, na qualidade de professor da cadeira de dezenho, continuou ao mesmo tempo o curso dos seus estudos, porém desejoso de se aperfeiçoar na bella arte a que se dedicára, assim como com o fim de obter maior somma de instrucção, deliberou seguir para Portugal, e chegando a Lisboa matriculou-se no Collegio dos Nobres.

Regressando á Pernambuco, e já investido da dignidade sacerdotal, entrou o Padre João Ribeiro no exercicio

da sua cadeira no Seminario, cabendo-lhe ao mesmo tempo a regencia de outras na falta dos seus respectivos lentes.

Por esse tempo começou em Pernambuco a lavrar a a idéa separatista, a idéa da independencia, e o Padre João Ribeiro em cujo coração ardia a pyra da liberdade, patriota distincto e dominado dos mais nobres e generosos sentimentos, «poude catechisar, persuadir e conquistar, não só os que propendiam para taes idéas, senão ainda muitos dos maiores refractarios; todavia, era sempre o Seminario a sua principal campanha e por elle cultivada com tanto zelo e assiduidade, como convinha a quem bem conhecia quanto valem, e quanto duram as primeiras lições e impressões.» Neste interim chega a Pernambuco Domingos José Martins. Por esse tempo já se achava estabelecida a Maçonaria pernambucana, crearam-se as academias do Cabo, Suassuna e Paraíso, e assim se multiplicavam os clubs em que discutiam-se os planos da futura independencia. Então, diz um escriptor, a sociedade pôz em movimento as mais possantes molas, para se transferir de Olinda para o Recife a cadeira de dezenho com o seu professor, e tudo se conseguiu, dando-se-lhe a administração do hospital do Paraíso, para novo e mais proprio lyceó dos amigos da patria, incumbindo-se-lhe a doutrina occulta com os fascinantes titulos de aula de dezenho e bibliotheca publica.

Já anteriormente a essa deliberação havia o Padre João Ribeiro, coadjuvado por alguns amigos, dado começo a formação de uma bibliotheca particular na casa de sua residencia, que a todos era franqueada. E assim iam os patriotas trabalhando na obra da regeneração da patria, quando uma denuncia dada ao governador fez accelerar o rompimento, transtornar todos os planos, mallograr em fim a sua tentativa.

O Padre João Ribeiro apontado como um dos chefes da revolução, foi em vista da denuncia designado á prisão, mas os acontecimentos de 6 de Março que fez inopinadamente romper o movimento, livrou-o de ser preso. No dia seguinte, quando capitulou o general Caetano Pinto, e a fortaleza do Brum cahiu em poder dos patriotas, voltou o exercito ao campo da Honra, procedeu-se a eleição dos membros do governo provisório, e coube ao Padre João Ribeiro a incumbencia dos negocios ecclesiasticos, e installando-se no dia 8 o novo governo, tomou elle posse da repartição á seu cargo.

«Nenhum como elle, diz um escriptor contemporaneo,

era capaz de desempenhar a sua commissão, porque invocando sempre a Deus com *Te-Deum* e outras festas da egreja, ninguém sabia resistir-lhe. Nós, continua o mesmo escriptor, o ouvimos rodeado de parochos e ecclesiasticos de toda a ordem, assim como de capitães-móres, juizes e vereadores, e grande affluencia de outros muitos que vinham sugerir-se, exclamar: *Olhe! olhe! quem chama tanta gente, tão grada! tão religiosa! é Deus, é Deus certamente que protege a nossa causa!...* E logo abraçava e beijava a quantos se apresentaram, derramando lagrimas copiosissimas. Era tambem um espectaculo novo, de que só elle era capaz, vel-o todos os domingos e dias santos, posto á frente de todas as tropas desarmadas, marchando do campo da Honra ao templo do collegio dos Jesuitas, e nelle dizer missa devotamente, e recolher-se novamente, fazendo gala de ser capellão dos patriotas. Sem jámais decahir da sua immensa popularidade, se conservou no governo até o fim, sem haver resolução de momento, em que não fosse escutado. »

Por occasião do solemnisimo *Te-Deum* celebrado em acção de graças, na matriz de Santo Antonio a 21 de Março, pretendia o respectivo vigario receber debaixo de um riquissimo pallio os novos governadores, e conduzil-os ao altar como objecto divino, guiando-se sem duvida, como diz um historiador, pelo antigo habito das adulações, que os idolos do dia costumavam arrogantemente exigir. O padre João Ribeiro conhecendo a baixeza desse acto, sem mais demora dirige-se ao vigario, e lembra-lhe que, segundo o antigo rito catholico, o pallio devia ser exclusivamente reservado ao Deus Sacramentado, e o recusou formalmente; acto este que mereceu dos seus companheiros inteira approvação, e as mais estrondozas acclamações do povo em calorosos vivas.

Porém a republica já tinha tocado ao zenith da sua gloria, e caminhava para o occaso. As tropas reaes marchavam em demanda do Recife, e os patriotas reduzidos ás suas unicas forças, viram com maxima dôr obscurecer o sol da liberdade, e de novo restabelecida a autoridade real.

Chegando a noticia dos desastres do exercito patriotico no sul da provincia, o governo e a pequena tropa que guarnecia a capital marcharam para Paulista, onde ainda se lhe offereciam alguns recursos, e o padre João Ribeiro acompanhou-os á pé, com um sacco ás costas e uma espingarda aos hombros.

Para qualquer lado que volviam os olhos, diz um escriptor do tempo, não viam senão perigo difficil de superar-se, concordavam nas suspeitas que os soldados, que ora os rodeiavam, não tardariam a abandonal-os, e que talvez, para justificar-se, não duvidariam garroteal-os e entregal-os nas mãos dos delegados do rei. Desta idéa fixa deduziam que o unico meio de salvação era a occultação e immediata fuga; mas ponderaram que este mesmo meio apresentava grandes embarços; unidos não podiam caminhar, porque mais facil seria a descoberta, e nulla a defeza em razão do pequeno numero comparado com aquelle que os perseguia, divididos, havia alguma probabilidade de poder senão todos, ao menos um ou outro evitar a perseguição. A probabilidade antolha-se com certeza nos casos desesperados. Elles por tanto resolveram subtrahir-se quanto antes a presença dos soldados, e cada um em trages desconhecidos seguir a vereda, que mais adoptada parecesse. O padre João Ribeiro assistiu a essa imperturbavel sessão procurando inspirar a aquelles amigos a calma da sua alma bem formada. Abandonando a cidade com a tropa, não foi sua intenção evitar a crueldade dos realistas; vinha tomar parte nos perigos, a que via expostos tantos cidadãos benemeritos, e ao mesmo tempo confortal-os. Quando ouviu a resolução da fuga vergonhosa, certificou-se que era abraçada; perdido o resto da esperança, que até então nutria de ver mais tarde a republica triumphante, enfasiado dos homens, desgostoso da existencia, determinou finalisal-a. Comsigo trazia uma porção de veneno, e a este recorreu sem effeito: parece que a Providencia comprazia-se em manter tão preciosa vida, e que fôra compellida a ceder na luta do homem retinente; elle lançou mão de uma corda, e ligando-a ao pescoço, expirou.

Sepultado o seu cadaver na capella do engenheiro Paulista, e sabido esse acontecimento pelos realistas, tres dias depois parte um troço de tropas por ordem do marechal Mello, invade a capella, procede a exhumação do cadaver já em adiantado estado de putrefacção, mutilam-no, separam-lhe a cabeça do tronco, e trazem-na em triumpho para o Recife, percorrem as ruas da cidade mostrando-a como um tropheo da sua victoria, e por fim expuzeram-na no Pelourinho, fincada em um poste!

Um escriptor francez, Mr. Ferdinand Deniz, tratando da execução de alguns chefes da revolução de 1817, diz o seguinte sobre o padre João Ribeiro: Entre estes homens,

a quem falleceu a prudencia, mas nunca o valor, ha um, que merece por certo mais que os outros as sympathias do historiador: é o padre João Ribeiro... Homem instruido, mas não favorecido da fortuna, tinha uma philosophia practica sufficiente para se contentar com a posição em que a sorte o collocára. Como outros muitos ecclesiasticos da America meridional, havia-se applicado á leitura dos philosophos do ultimo seculo, e como elle mesmo dizia, amava em extremo a liberdade. As obras de Condorcet tinham principalmente influido no seu espirito; elle punha, segundo dizem, a maior confiança nos progressos do espirito humano. Sua imaginação corria mais veloz que o seu seculo, e sobretudo muito mais que o genio dos seus compatriotas... Confundido na presença de tanta miseria humana e de tantos desenganos da vida, diz agora Varnhagem na sua Historia do Brazil, o honesto e sizudo padre João Ribeiro perdia o juizo, e vendo baldada a tentativa de envenenar-se, buscou a morte enforcando-se. Fim triste, e na verdade digno de lastima, do mais bello caracter que apresentou a mallograda revolução pernambucana de 1817.

Frei João do Rosario. Nasceu na villa hoje cidade do Recife, no anno de 1726.

Ainda bem jovem seguiu para a provincia da Bahia, entrou de noviço no convento de S. Antonio de Paraguaçu, e professou a regra daquella ordem a 8 de Março de 1742. No curso dos seus estudos, ostentou o jovem religioso o seu talento, não só nas materias relativas ao que era necessario á vida monastica, como tambem no estudo da litteratura amena, da poesia; *com a profunda e boa intelligencia que tinha da logica e suas partes*, diz o Padre Jaboatão, *ajuntava a agudeza e cadencia para as musas, assim na poesia latina como na vulgar, e não menos para a predica.*

Quando em 1750 chegou á Bahia, a noticia do fallecimento de El-Rei D. João V, Frei João do Rosario compoz uma bella elegia, a qual foi impressa em Lisboa em 1753, com as demais producções não só relativas a morte d'esse monarcha, como tambem as que foram recitadas nas sollemnes exequias mandadas celebrar na cathedral metropolitana pelo arcebispo D. José Botelho de Mattos.

Não foi somente essa elegia o tributo rendido por Frei João do Rosario á memoria de D. João V. Compoz mais um epitaphio acrostico, e uma inscripção tambem acrostica, em versos latinos, 9 epigrammas sobre algumas vir-

tudes moraes e outras circumstancias notadas por occasião da morte do mesmo monarcha, 6 sonetos ao mesmo assumpto e uma oitava ou epitaphio a sua memoria, cujas poesias foram impressas na obra sob o titulo — *Gemidos Seraphicos*, — assim como a elegia de que já fallamos.

Seja-nos licito pois, apresentar como caracteristico do seu talento e merecimento poetico, assim como dos seus conhecimentos da lingua latina, os seguintes versos d'entre os que acabamos de mencionar :

—nclitus exanimis	—acet sub hac sede sepulchr—
Orbes Rex ingens	Olim memorabile mundo
—bsque pari exemplo	—lcides virtute stupenda
—umine retrice	Zortus, lapsis que levame
Zorma et virtutis	Zutrix, pacisque nutrime
—solio ad solium	—rectus, pacisque quiete
—ydera subpeditans	—apiens dominabitur astris

Como vimos, estes versos heroicos, começando e acabando pela ordem das sete letras que compõe o nome latino *Joannes*, e alem disto, com outra ordem das mesmas letras no meio de cada verso, constituem um trabalho primoroso, pela sua belleza e curiosidade, e revellam não só os dotes e engenho poeticos do seu autor, como tambem o perfeito conhecimento da lingua em que estão escriptos.

A inscripção acrostica que se segue, não é menos bella, interessante e curiosa, se não mais difficil, porque começando cada verso pelas mesmas letras do nome latino *Joannes*, constam de cinco dicções, as quaes tambem começam pelas letras relativas ao mesmo nome, deste modo:

—ngemat	—nteritu	—oannes	—actitet	—mbres
Omnis	Olysipo	OfficioSSI	Obrutus	Orbis
—stipuletur	—quis	—ssitat	—merica	—manter
Zecnon	Zaiandum	Zutum	Zonnulla	Zegare
Zolit	Zobiscum	Zunc	Zotificare	Zecesse
—xtium est	—uge	—ffugiant	—picedia	—podon
—uccedat	—ubiit	—upremus.	—ydera	—alvus.

Depois de conquistar um nome respeitavel na velha capital do Brazil, pelas suas virtudes, pelo seu talento poetico e pelos seus triumphos na tribuna evangelica, voltou Frei João do Rosario á Pernambuco pelos annos de 1754, e em 1760 foi nomeado lente da cadeira de theologia e pri-

ma do convento de S. Francisco de Olinda, por deliberação do capitulo de sua ordem, de cujas materias, assim como das demais que compunham o curso dos estudos, já havia dado exuberantes provas do seu saber, quando na Bahia, logo depois do seu presbyterato, pois exerceu o cargo de pascante ou substituto das cadeiras do curso do convento de Paraguaçu.

No primeiro de Janeiro de cada anno, ataviava-se e cobria-se de gallas a antiga capella do Senhor Bom Jesus das Portas, erguida sobre os gloriosos baluartes do forte desse nome, pelo general André Vidal de Negreiros, quando governador e capitão general de Pernambuco. Em 1755, quando ia celebrar-se a costumada festa, a capella regorgitava de povo, a belleza das ornamentações, a harmonia dos canticos sagrados, o respeito e devoção tão proverbias nesses bons tempos de outr'ora, tudo prendia, tudo dominava; mas a hora da oração panegyrica da solemnidade, era esperada com anciedade.

E' que a fama, o nome do pregador que devia occupar nesse dia a tribuna sagrada, havia ecoado pelos quatro angulos da florescente villa do Recife; é que esse orador sagrado era o sabio religioso franciscano Frei João do Rosario. Chega a hora, elle sóbe ao pulpito, e profundo e religioso silencio reina na capella, só interrompido pelo rumor das ondas a quebrarem-se de encontro a muralha do forte do lado de Leste.

Dos labios do orador, ungidos pela sabedoria, desprendem-se as primeiras palavras, recita o texto latino do evangelho do dia, entra no exordio do discurso, e assim passando ás diversas partes divisorias, elle foi gradualmente subindo, elevando-se, até a peroração, soberba e eloquente, cheia de crença e de fé, verdadeirô primor de eloquencia; e desce da tribuna sagrada, deixando extasiados e arrebatados todos quantos o ouviram.

Este discurso em que Frei João do Rosario ostentou todo o brilho e esplendor de sua illustração e eloquencia, foi impresso em Lisboa em 1755, sob o titulo: *Sermão pregado na capellinha do Bom Jesus, que chamam das Portas, no Recife de Pernambuco*; é este o unico dos seus trabalhos oratorios que podemos obter, sobre cujo merecimento, entre os diversos juisos ou informações que deram o prelado de sua Ordem, o Tribunal do Santo Officio, o Ordinario e o Desembargo do Paço, o que era indispensavel á im-

pressão de qualquer obra nesse tempo, apresentamos em substancia as dos dois ultimos, juisos estes que muito dizem do valor e primor de tal trabalho, e do talento e illustração do seu autor.

« Considerando eu, diz o Ordinario, que este egregio sermão era primicias da sabedoria do seu autor, admirando-se nelle tanta elegancia no estylo, e tanta propriedade no modo de provar, parece que se lhe podia accommodar sem lisonja o que Salomão deixou escripto no livro da sabedoria — *Attingit a fine usque ad finem*: tão especioso é o talento e engenho do seu autor, que, já no principio dos seus escriptos parece chegar ao fim dos seus estudos: e se estes são os seus principios, quaes virão a ser os seus progressos? Para illustrar e engrandecer a sua Ordem, na qual tem florescido tantos varões iminentes em letras, bastava o autor deste sermão com este e outros escriptos; mas tudo cede em credito, honra e applauso da provincia de que dignamente é filho, que assim tanto se illustra com um engenho tão sublime, com um orador tão eminente... »

« ... Neste sermão, falla agora o censor do Paço, não se acha regra que não esteja respirando eloquencia, nem pagina, em que se não entre em um mar de erudição sagrada e profana. O seu estylo é breve e claro; a accomodação das escripturas a mais natural, e obvia, e sobretudo o assumpto proprio, bem dedusido e cabalmente desempenhado; me parece pois muito digno de se dar ao prelo, para que todos admirem a fecundidade e doçura deste novo engenho brasiliense... »

Estas palavras, sobre o merito de uma das primeiras peças oratorias que produzia Frei João do Rosario, ainda bem jovem, quando acabava desahir dos claustros do convento de Paraguaçu, são os seus titulos de illustração e sabedoria, a conferencia dos louros que enramam a sua corôa litteraria, cujos titulos conquistaram-lhe um nome e reputação honrosissimas.

O Padre Jaboatão, escrevendo o seu *Orbe Seraphico*, impresso em 1761, consagrou uma parte da sua obra á memorar os nomes dos religiosos mais illustres e notaveis de sua ordem, e assim, mencionando o de Frei João Rosario, apenas tratou de sua vida até essa epocha, apenas mencionou os trabalhos que até então publicou.

Tal foi a phrase conhecida da vida do illustre franciscano Frei João do Rosario, eis pois em rapido escoreço o

que elle foi — um poeta distincto, latinista illustre e abalissado, orador arrojado, eloquente e consumado, uma das glorias em fim desta terra que lhe dera o berço. —

João Soares de Albuquerque. Filho de Fernão Soares da Cunha, juiz de orphãos de Olinda, e de D. Catharina de Albuquerque, nasceu em principios do seculo XVII.

Tendo-se dedicado á agricultura, foi proprietario do engenho Muribeca, adquiriu fortuna, figurou muito em sua epocha, principalmente no movimento restaurador do dominio hollandez.

Rompendo a revolta em 1645, João Soares de Albuquerque, que figurava como um dos patriotas iniciadores da conspiração, foi eleito capitão do districto de Muribeca, afim de reunir a gente necessaria para a guerra, pôz em campo a revolução, e sahiu de seu engenho para o acampamento de Covas á frente de uma companhia de 20 homens de sua casa, e de todos os moradores do lugar, todos armados e convenientemente preparados.

Tomando parte na batalha de Tabocas, muito se distinguuiu acudindo com a sua gente os pontos mais disputados, principalmente no combate parcial de Tapacurá, onde muito se distinguuiu. Homem de bem, zeloso e valente, na phrase de Frei Raphael de Jezus, promoveu a revolta em Serinhãem, formou uma companhia de 49 mancebos, tomou as armas de todos os visinhos para que não cahissem ellas em poder dos inimigos, metteu a pique 3 barcos que elles tinham no porto curregados de mantimentos, e promptos á seguir para o Recife, e causou immensos danos aos hollandezes.

A subsequente batalha da Casa Forte, que foi, por assim dizer, a sancção da victoria de Tabocas, foi tambem um feito em que o capitão João Soares conquistou immorredoura fama pela sua attitude briosa e distincta. Elle fez parte do *Batalhão de capitães briosos*, formado por Dias Cardoso, para que, depois das primeiras cargas sobre um esquadrão inimigo, e no calor do combate, se arremecasse de espada e dardo sobre o mesmo, afim de o desbaratar. E quando os soldados se atiraram sobre um monte de lenha, e encherem os baixos e contornos da casa em que se haviam fortificado os hollandezes, e lançaram fogo sobre a mesma, e o inimigo tentava sahir por uma escada, João Soares avança á impedir-lhe o passo, e *for dos primeiros que com o seu exemplo, abriram caminho a todos os mais,*

para semelhante hostilidade, por meio da qual fizeram-se senhores da casa, adiantando-se a todos o capitão João Soares, á impedir ao inimigo a serrentia da escada, seguindo-se a esta heroica determinação outros muitos capitães e soldados, iguaes no valor, ainda que segundos no exemplo,

João Soares de Albuquerque figurou tambem nas duas batalhas dos Guararapes, combatendo na segunda como capitão de infantaria do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, tendo então já recebido a confirmação do seu posto, por patente de 2 de Fevereiro de 1649; e anteriormente coube-lhe o commando do forte do Arraial Novo do Bom Jezus, quando Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira sahiram á levantar uma fortificação que oppozesse resistencia a que o inimigo havia construido na Seca.

Soldado distincto, vulto grandioso da guerra da restauração, João Soares de Albuquerque viu emfim a sua patria livre do jugo estrangeiro, e os seus serviços dignamente apreciados; foi depois coronel das ordenanças do Recife, S. Amaro e Varzea, por patente do governador D. Pedro de Almeida, de 4 de Setembro de 1674, e posteriormente foi promovido ao posto de mestre de campo da infantaria.

João de Souto Maior. Nasceu na freguezia de S. Lourenço de Tejucupapo, sendo seus paes illustres e honrados.

Ao brado da patria aos 6 de Março de 1817, chamando seus filhos a libertal-a do jugo que a opprimia, João de Souto corre ao seu reclamo, e para firmar a sua liberdade, não conhece perigos nem obstaculos.

Porém, bem pouco durou a famosa republica pernambucana, e sendo de novo proclamada a autoridade real, João de Souto foi preso pelo exercito do marechal Mello, posto a ferros a bordo da corveta *Mercurio*, e em companhia de mais 29 patriotas seguiu para a capital da Bahia a disposição do conde dos Arcos, donde voltou para Pernambuco em 1821, em virtude da geral annistia concedida pelas côrtes de Lisboa.

Na Bahia teve João de Souto a immensa dôr de ver perceber á miseria, em seus braços, dous de seus irmãos, tambem como elle compromettidos na revolução; o padre Antonio de Souto Maior e João Roberto da Cunha Souto Maior.

Chegando a Pernambuco com seu irmão Manoel Anto-

nio da Cunha Souto Maior, arruinados de fortuna e sem recursos, foram viver na sua propriedade de Tejucupapo, unico bem que de seus paes restava, e ahi, com seu irmão entregou-se a vida agricola.

Ainda não estavam terminados os trabalhos e soffrimentos de João de Souto, pois que, uma facção capitaneada pelo vigario da freguezia Manoel Alves Calheiros, mui dedicado ao governador e capitão general desta capitania Luiz do Rego Barreto, e monarchista exaltado, não deixara de perseguir os irmãos Soutos, cujos vandalismos e insultos, conquistavam graças e favores do general.

O arrojo desse padre chegou ao ponto de, em um domingo deixar de celebrar a missa conventual a que era obrigado, sómente porque os irmãos Soutos se esqueceram de tirar as esporas das botinas, por chegarem justamente na occasião da missa; e então o padre declarou ao povo que deixava de dizel-a naquelle dia, *porque os patriotas João e Manoel de Souto estavam de esporas dentro da igreja, e que todo o patriota era judeu, etc.*

João de Souto dirige-se ao vigario, explica-lhe o motivo de estar com esporas na igreja, e com aquella energia e audacia que lhe eram peculiares, obriga-o a celebrar a missa! « O vigario Calheiros, homem de mãos instinctos e vingativo, protestou acabar com a vida dos dous irmãos Soutos, sómente pelo facto de ser constrangido a dizer missa, estando presentes dous patriotas de 1817!!! »

E realmente; tempos depois acabava ás mãos dos sicarios mandatarios do vigario Calheiros, seu irmão Manoel, assassinado a bacamarte, em pleno dia, em Tejucupapo, cuja sorte tambem estava reservada a João de Souto, se tivesse tido a infelicidade de acompanhar seu irmão naquella occasião.

Sete dias depois desse acontecimento, João de Souto vinga a morte de seu irmão, e então dirige-se para a cidade do Recife, onde uma grandiosa missão o chamava, e para a qual verdadeiros, illustres e desinteressados patriotas pediam o seu valioso concurso em prol da causa da mãe patria, ameaçada e injuriada pela tyrannia de Luiz do Rego.

João de Souto chegára sedento de vingança, e encontrando a geral indignação contra Luiz do Rego, associou-se logo a conspiração que era geralmente sabida.

Luiz do Rego foi um dos governadores que exerceu mais pressão, e mais tyrannias sobre esta provincia. Mandou enforcar os infelizes pernambucanos compromettidos

na revolução de 6 de Março de 1817, cortar mãos e cabeças, pregal-as em postes, e arrastar os seus cadáveres á cauda de cavallo; mandou assassinar os fanaticos da serra do Rodeador, no Bonito; incendiar as suas habitações e lavouras, e com ellas até gente; e os miseraveis que escaparam foram por sua ordem conduzidos para o Recife, imundos e quasi nús; mandou tocar um rebate falso, para que um pernambucano militar se encorporasse ao seu batalhão, emquanto elle occupava a sua casa; suspeitando porém o official, volta a ella, e é assassinado pelos capangas do general! Nem os conventos das freiras foram respeitados, senão o de Goyanna, por defesa de João de Souto.

Não finda aqui os crimes e os actos de selvageria e barbaridade praticados por Luiz do Rego: a historia bem poucos os enumera, porém a tradição, e alguns contemporaneosahi estão para contal-os.

Neste lastimoso estado a que tinha chegado esta provincia, os pernambucanos congregam-se, e conspiram contra Luiz do Rego: muitos destes galgaram elevadissimas posições no actual imperio.

João de Souto que havia tentado contra Luiz do Rego em seu proprio palacio, o que não conseguira porque o seu amigo o padre Venancio de Rezende lançara vinagre nas pistollas, foi o escolhido para salvar a pátria, e quebrar o jugo da tyrannia, arrancando á vida daquelle que a trazia na oppressão.

A noite de 21 de Julho de 1821, foi a designada, e então os conspiradores, temendo a quebra do segredo se fosse confiado a gente de baixa esphera, fizeram elles mesmos a emboscada, no meio da ponte da Boa-Vista, lugar em que certamente passaria Luiz do Rego. Dirigia-se pois Luiz do Rego a cavallo, para a sua casa no Mondego, acompanhado por mais duas pessoas, quando ao passar pela ponte, desfecha-lhe João de Souto um tiro, a queima-roupa.

Luiz do Rego sentindo-se ferido, e não podendo seguir para a sua casa, alojou-se na de seu amigo o capitão mór Antonio de Moraes e Silva (o autor do Diccionario Portuguez) morador á rua Nova, hoje do Barão da Victoria, e ahi esteve por espaço de 15 dias, onde despachava todos os negocios administrativos da provincia.

Antes de João de Souto tentar contra a existencia de Luiz do Rego, pelos reclamos da patria, os ouvidores de Olinda e do Recife, tiravam devassas e summarios vagos por ajuntamentos sediciosos, e premeditação de assassi-

nios, e positivos contra o major Antonio Joaquim Guedes, e mais individuos seus adherentes empenhados em trans-tornarem a ordem publica e contra o tenente-coronel Francisco de Albuquerque Mello. Dadas as pronuncias, já se haviam capturado umas 8 ou 10 pessoas, quando teve lugar o mallogrado plano contra Luiz do Rego.

Então multiplicaram-se as perseguições, os insultos e as prisões: treze dos presos foram deportados para o presidio de Fernando de Noronha, e 42 embarcaram para Lisboa no brigue *Intriga*, sem processo algum e a despeito da legislação, que prohibia remetterem-se do ultramar para Portugal presos alguns, sem culpas, que aqui deviam ser formadas, e sem primeiro haver ordem expressa do rei. Luiz do Rego, para ver se descobria o chamado assassino, mandou, por officio de 23 de Julho de 1821, dirigido ao Dr. desembargador e ouvidor geral da camara do Recife, Antero José da Maia e Silva, que publicasse um edital prometendo 1:000\$000, e alforria, sendo escravo, á pessoa que descobrisse o autor d'aquelle attentado, o que seria promptamente feito, obrigando por isso a sua palavra.

João de Souto errando a pontaria, e vendo-se perseguido, lança-se ao rio; porém, ou não podendo lutar com o elemento das aguas, ou cahindo sobre alguma pedra, veio a succumbir, e no fim de tres dias é encontrado o seu cadaver já bastante desfigurado e comido dos peixes.

Fez-se o que foi humanamente possivel para saber-se quem era; sentaram-no em uma cadeira sobre a calçada da matriz de Santo Antonio, postaram uma guarda, e perguntavam com interesse a quem passava se o conhecia, fazendo-se os offerecimentos que já vimos; porém, muitos conhecendo o cadaver de João de Souto, nada diziam a esse respeito, nada revellaram.

Assim acabou o infeliz João de Souto Maior, esse digno emulo de Brutto, esse novo Curio, na phrase de um escriptor, *por pretender salvar a patria, unindo-se a conspiração, e tentando contra a vida do general Luiz do Rego.*

Segundo o auto de exame e achada do cadaver de João de Souto, elle representava ser um homem ainda moço, «de 25 até 30 annos, branco, claro, de altura mais que mediana, refeito de corpo e bem proporcionado, cabello preto, de gadelhas á moda, suizas raspadas, dentes brancos, iguaes e sem falta alguma, e uma cicatriz na testa, acima do nariz, fazendo um angulo para a parte esquerda: tinha vestido uma camisa de panninho encorpado de collarinhos

à moda e casas nos pulsos, calças de riscadinho com riscos miudos e pardos, suspensorios de algodão branco e jaqueta de chita vermelha com riscas brancas fingindo entrançado, e raminhos verdes e amarelllos, mostrava ter chinelas que se haviam perdido n'agua, pois se achou descalço, tendo os pés e mãos mimosas, que mostravam não ser de homem de trabalho. »

D. João de Souza. Nasceu nos primeiros quatro lustros do seculo XVII; era filho de D. Luiz de Souza e de sua consorte D. Catharina Barreto. Pelo lado paterno, foram seus avós o commendador D. Francisco de Souza, que foi governador geral do Brazil, e D. Violanta Henrique; e pelo materno João Paes Barreto, um dos mais ricos e conceituados colonos de Pernambuco, fundador do hospital da Santa Casa de Misericordia de Olinda, e de sua consorte D. Ignez Guardez.

De 1633, datam os serviços prestados por D. João de Souza a causa da patria, nas epochas calamitosas das guerras da invasão e restauração hollandeza, assentando praça por esse tempo, como simples soldado. Em 1635, quando os pernambucanos emigraram desta provincia para a de Alagôas, e d'ahi para a da Bahia, por ocasião da total occupação do nosso territorio pelos hollandezes, D. João de Souza fez parte dessa caravana de martyrio com sua mãe; mas já era orphão, seu pai não existia, pois na lista dos principaes emigrantes que menciona o marquez de Basto nas suas *Memorias Diarias da Guerra do Brazil*, figura e nome de D. Catharina Barreto, sua mãe, *viuva de D. Luiz de Souza*.

Dado o grito da guerra da restauração, D. João de Souza vò a aos arraiaes patrioticos, empunha de novo as suas armas, bate-se carajosamente, e em 1649 já possuia a patente de capitão de infantaria, e como tal assistiu a segunda e gloriosa batalha de Guararapes, a 19 de Fevereiro desse anno, na qual ostentou muito brio, valor e distincção.

Não foi somente a batalha dos Guararapes o theatro das maiores glorias de D. João de Souza, durante a guerra da restauração; Rio da Jangada, Cabo de Santo Agostinho, povoação do Pontal e outros feitos, o foram tambem; e depois de haver recebido o baptismo de sangue na guerra da restauração, seguiu elle para a Bahia, com seu primo o valente Luiz Barbalho Bezerra, e ostentou sempre o mesmo brio e intrepidez que o distinguiram na campanha de Per-

nambuco, merecendo os seus novos feitos a honrosa menção do seu nome nas paginas da historia d'aquella provincia.

Fazendo parte da tropa pernambucana que foi soccorrer a Bahia, caminhando nessa penosa viagem emprehendida por terra, mais de quatrocentas leguas a pé, foi depois mandado pelo marquez de Montalvão, vice-rei do estado do Brazil, a desalojar o inimigo em Sergipe de El-Rei; e tomádo parte do combate da ilha de Itaparica, sahiu levemente ferido na perna direita.

Da Bahia voltou D. João de Souza para Pernambuco, onde ainda tomou parte nos ultimos combates que libertaram sua patria do jugo hollandez, e a 27 de Janeiro de 1654 entrava em triumpho com o exercito libertador na vencida cidade Mauricia, onde já tremulava o pavilhão das Quinas.

Os valiosos serviços que prestára a causa da patria, aquella bravura e intrepidez, aquellas fadigas e trabalhos que affrontou nessa guerra cheia de privações, somente dominado pelo sentimento patriotico, mereceram do monarcha a devida remuneração. E foi por taes serviços, que El-Rei D. João lhe fez mercê por carta regia de 16 de Setembro de 1664, do posto de mestre de campo que ficára vago por promoção a André Vidal de Negreiros, esperando El-Rei que elle — *mui a seu contento lhe serviria em tudo aquillo que o encarregasse, conforme a confiança e estimação que de sua pessoa fazia.*

Terminando a guerra e livre Pernambuco do dominio hollandez, que soffreu por 24 annos, D. João de Souza foi incumbido do commando do regimento de infantaria do Recife, e por occasião do conflicto entre o governador André Vidal de Negreiros e o governador geral do Brazil Francisco Barreto de Menezes, foi elle nomeado para assumir ao governo de Pernambuco, o que não se verificou, porque Vidal de Negreiros desistiu das suas pretensões, executou todas as ordens e decisões do governador geral, o qual revogou então o seu alvará de suspensão. Depois, com aprisão e deposição do governador desta capitania, Jeronymo de Mendonça Furtado, promovida e effectuada pela camara do senado de Olinda em 31 de Julho de 1666, foi D. João de Souza um dos trez nomeados para o governo provisorio, cujo triumvirato governou a capitania daquella data, a 24 de Janeiro do anno seguinte, quando entregou a administração ao general Vidal de Negreiros, de novo despachado governador de Pernambuco.

A' par da gloria militar e dos serviços prestados ao estado por D. João de Souza, nota-se a da instituição de uma obra philantropica e memoravel, qual a fundação da egreja e hospital de N. S. do Paraíso e S. João de Deus, no bairro de Santo Antonio do Recife, para cujo patrimonio, elle e sua consorte D. Ignez Barreto de Albuquerque vincularam avultados bens, sendo a escriptura, não só da doacção das terras para a edificação da egreja e hospital, como a dos bens em terras, predios, dinheiro e dividas á receber, para constituir o patrimonio do estabelecimento, lavrada no engenho Jurissaca em 31 de Outubro de 1684, pelo tabellião José Cardoso de Moreno, servindo de testemunhas, o Padre Gonçalo Ramos de Alvin, Manoel Lopes Teixeira e Gonçalo Barbosa.

Lançando os fundamentos dessa instituição, *como obra meritoria a bem dos pobres enfermos e desamparados*, D. João de Souza proseguiu na sua obra, em 1686 já estava levantada a egreja cuja data se conserva n'uma pedra collocada no centro do frontão da porta da entrada; mas não lhe estava reservada a satisfação de vel-a concluida.

A data de sua morte é desconhecida, mas em 1689 já não existia, pois a 19 de Agosto desse anno, foi lavrado o alvará regio de confirmação da instituição do hospital do Paraíso, como requerera D. Ignez Barreto de Albuquerque, *viuva de D. João de Souza*. Segundo uma verba testamentaria de sua consorte, evidencia-se que falleceu elle em seu engenho Algoioaes, na comarca do Cabo, que fôra sepultado na capella de S. Francisco do mesmo engenho, e que depois foram os seus restos trasladados para o tumulo subterraneo da egreja do Paraíso, em cuja pedra estão gravadas as suas armas.

Foi pois D. João de Souza um varão illustre e distincto, e dotado de uma alma inteiramente bemfazeja e caridosa, de cujos sentimentos legou-nos um robusto padrão, que ainda hoje campea attestando a sua grandeza e generosidade d'alma, não só pela instituição em si, como pelos avultados bens que legou para a sua sustenção.

Como soldado illustre e valente, conquistou D. João de Souza pela sua bravura e heroismo nos campos da batalha, os postos successivos de simples soldado a mestre de campo, as commendas de Santo Eurico e S. Fins, da ordem de Christo, e o fôro de fidalgo cavalleiro da casa real; como cidadão, como homem virtuoso, constante na mais

bella das praticas evangelicas, a caridade, conquistou as benções dos contemporaneos, que hoje a posteridade converte em louvores.

João Velho Barreto do Rego. Nasceu em Olinda em principios do seculo XVII. Luiz do Rego Barreto, natural de Vianna em Portugal, e D. Ignez de Goes e Vasconcellos, natural de Olinda, foram seus progenitores: e seus avós paternos, Affonso de Barros Rego e D. Maria Nunes, e maternos, Arnáo de Hollanda, natural de Ultrech, e D. Brites de Vasconcellos, natural de Olinda.

Fazendo João Velho Barreto do Rego os seus estudos em Olinda, seguiu para Portugal, onde foi admittido no Real Collegio de S. Paulo aos 15 de Junho de 1628, e cursando depois as aulas da faculdade de Theologia da universidade de Coimbra, recebeu a borla e o capello de doutor em Canones.

Fixando a sua residencia em Portugal, o Dr. Barreto do Rego assumiu aos mais importantes e elevados cargos, quer da magistratura, quer da politica e da administração do paiz, cujas nomeações são provas robustissimas do seu merito, são attestados incontestaveis do seu talento, illustração e criterio, porque segundo as judiciosas palavras de um escriptor, — Durante os tempos do governo colonial, o adiantamento e distincção de um brasileiro em qualquer carreira dependente da acção official, eram provas irrecusaveis do mais incontestavel merecimento; e se algumas excepções houve desta regra, só se explicarão pela linhagem dos protegidos pertencentes a nobres e ricas familias da metropole.

O Dr. João Velho Barreto do Rego occupou successivamente os cargos de desembargador da relação do Porto, do Paço, da Casa da Supplicação e dos Aggravos, Juiz da Corôa, conselheiro e secretario de El-Rei D. Pedro II, e chanceller-mór do reino, para cujo cargo foi nomeado em 1668. Como chanceller-mór do reino, o seu nome figura no *Repertorio das Ordenações*, no cathalogo que traz dos chancelleres-móres, cujo cargo, pela sua importancia, pela sua elevação e exigencias, e pelo gráo de confiança que requer, tudo traduz, tudo patenteia: o merecimento, a illustração e o criterio do douto varão que o exerceu. O Titulo 2, do Livro 1 das Ordenações, tratando do cargo de chanceller-mór, terminantemente prescreveu, que, *sendo um officio de grande confiança, e de muita parte da justiça, deve-se esco-*

lher para elle pessoa que seja de bôa linhagem e de bom entendimento, virtuoso, letrado e de bom acolhimento ás partes; e de tão bons costumes e autoridade, que seja merecedor do logar.

O Dr. Barreto do Rego representou um papel muito importante na celebre questão suscitada para nullificar o casamento entre a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia e seu marido El-Rei D. Affonso VI cujo vinculo foi dissolvido judicial mas tumultuariamente, a requerimento da dita rainha, que veio a casar-se com seu cunhado o infante D. Pedro, depois acclamado rei, pela deposição de seu irmão o infeliz D. Affonso VI que terminou os seus dias nos mais apertados carcerees.

Conseguida a nullificação, e privado D. Affonso da corôa, extremaram-se os partidos; uns pela elevação do principe D. Pedro ao throno, outros pela investidura do cargo de governador do reino, assentando então a nobreza com assentimento do principe, ainda que, com decidida opposição do clero, que, antes de se deliberar sobre tão importante assumpto, e tomar uma resolução qualquer, *se devia mandar communicar-a aos letrados, theologos e juristas, que fossem avaliados por mais doutos, por ser esta questão tanto de consciencia como de direito*; e assim, entre nove pessoas escolhidas para esse fim, pelas suas luzes e sabedoria, figura o nome respeitavel do douto conselheiro João Velho Barreto do Rego.

Reunindo-se os membros desta commissão, de cujas luzes e deliberação ia depender a solucção de uma tão melindrosa e importante questão, foi decidida a conferencia do titulo de governador ao principe D. Pedro, votando unicamente contra, e por conseguinte pela sua elevação ao throno, o Dr. Barreto do Rego.

Assumindo o principe D. Pedro ao governo do reino, chamou para junto de si o Dr. Barreto do Rego, conferindo-lhe o cargo de secretario e conselheiro de estado. Elle foi então o seu braço direito; o seu talento, elevada illustração e grande pratica dos negocios da alta administração, imprimiam em todos os seus actos o cunho da sabedoria, da equidade e da justiça; e o soberano grato por tantos serviços, por tanta dedicação, conferiu-lhe o titulo de fidalgo de sua real casa, e o de prior da ordem de S. Bento de Aviz, cargo que elle não acceitou.

Tal foi o Dr. João Velho Barreto do Rego, o theologo e jurista profundo, que deixou o seu nome immortalisado

nos annaes da jurisprudencia portugueza, um varão illustre e respeitavel, uma gloria e renome para a sua pátria, cuja luz da vida apagou-se no anno de 1680, na cidade de Lisbôa.

Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, assim termina o artigo que lhe consagrou na sua obra inedita — *Nobiliarchia Pernambucana*, — assim apregôa e realça o merito de tão illustre pernambucano :

« O Dr. João Velho Barreto do Rego, foi um varão egregio, de grande erudição e litteratura, de integerrimos costumes, incorruptivel ; pelo que foi geralmente applaudido, venerado dos grandes, estimado dos principes, e muito particularmente do Senhor Rei D. Pedro II, que nos casos de maior importancia mandava ouvir o seu voto. »

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. Nasceu em Fóra de Portas, bairro de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife, em Agosto de 1779, e foram seus paes Domingos da Silva Rabello e D. Francisca Maria Alexandrina de Siqueira. Na sua genealogia, que elle proprio apresentou em um de seus escriptos, em contestação a injustas arguições que lhe fizeram, traçou minuciosamente o quadro de sua ascendencia ; esse escripto tem por titulo : *O caçador atirando segunda vez á Arara Pernambucana*.

Frei Joaquim do Amor Divino Rabello, cujo ultimo nome substituiu pelo de *Caneca*, nome hoje legendario e tradicional em Pernambuco, em virtude da arte de tanoeiro que professava seu pae, por cujo motivo o vulgo deu-lhe o apellido de *Caneca*, não exhibiu nesse trecho genealogico de sua polemica, titulos de nobreza e fidalguia, brazões e pergaminhos honorificos, mas sómente o nome plebeu de seus avós, e tão plebeu como o que elle acabava de tomar. Porém nessa burguezia, nessa origem a que muita gente chamará talvez baixa e humilde, havia muita grandeza, e constituia essa grandeza o culto que se tributava ás virtudes, á honra e ao patriotismo. Não corar do nome de seu pae, diz Lamartine, é a nobreza do plebeu ; e Frei Caneca tomando esse nome do baptismo popular de seu pae, conquistava essa nobreza.

Admittido como noviço no convento do Carmo do Recife, tomou o habito aos 8 de Outubro de 1796, e no anno seguinte fazendo a sua profissão, e terminados os necessarios estudos, ordenou-se em 1801, contando apenas 22

annos, para o que foi necessario impetrar-se do Nuncio de Portugal a respectiva dispensa apostolica da idade, afim de poder receber as ultimas ordens.

No curso do seu noviciado, nos estudos necessarios ás ultimas ordens, manifestou Frei Caneca o seu talento, adquiriu muita erudição, accumulou muito cabedal scientifico, e apenas deixou as bancadas do apprendizado, recebeu a patente de leitor em rhetorica e geometria, em 1803, e com applausos leu a cadeira de philosophia. Na sua ordem occupou Frei Caneca o cargo de definidor, e em 1809 foi nomeado secretario de Frei Carlos de S. José e Souza, depois bispo do Maranhão, incumbido da missão de visittador da mesma ordem.

Passando-se Frei Caneca ás Alagôas, em virtude do provimento que teve da cadeira de geometria, voltou depois a Pernambuco, e aqui foi posteriormente provido em igual cadeira na cidade do Recife, em 19 de Janeiro de 1822. Abrindo um curso publico e gratuito de rhetorica e poetica, philosophia racional e moral, e geometria, por 5 annos leccionou essas materias com geral aproveitamento de seus discipulos.

Já sacerdote e mestre, Frei Caneca deixava a sua cadeira, e ia assentar-se nas bancadas dos discipulos do Dr. Antonio Francisco Bastos, e com elles tomar licções de mechanica e calculo. O estudo assiduo a que se entregava, a sêde de sabedoria que o dominava, impelliam o mestre a fazer-se discipulo, e é por isso que as suas obras, variadissimas pelos assumptos, resplendem raios de sabedoria, pela ostentação de seus conhecimentos, pela riqueza de sua illustração; e quem as lêr, admirará o genio desse homem, educado numa simples colonia, onde a instrução ia pouco além da primaria, pobre, sem recursos, tudo centralisado pela metropole, e então, não opporá duvidas ao titulo de sabio que lhe confere um de seus biographos, o commendador A. J. de Mello.

Iniciado nos planos do movimento separatista, membro da Academia do Paraíso, um dos clubs conspiradores, quando a revolução rompeu no dia 6 de Março de 1817, Frei Caneca apresenta-se aos arraiaes patrioticos, saúda a aurora regeneradora de sua patria, e quando a sua idéa perigava em Alagôas e no centro da provincia, e o governo provisorio fazia uma expedição militar afim de suffocar as sublevações, elle marcha voluntario e vai pôr-se á frente dos revoltosos, e não recua ante o perigo, e affronta a vida

nas diversas refregas e combates que se travaram. Muniz Tavares, na sua *Historia da Revolução de 1817*, assim descreve essa phase patriótica da vida de Frei Caneca: « Foi no engenho Velho do Cabo, que essa tropa expedida do Recife se reuniu: para alli encaminhou-se também o chefe acompanhado por dous religiosos carmelitas, Frei Joaquim do Amor Divino e Frei José Maria Brayner, ambos excellentes patriotas, sobresahindo o primeiro ao segundo pelos seus conhecimentos em litteratura, e particularmente, em mathematica, requesito que o habilitava a exercer o posto de conselheiro, entretanto que o Brayner servia de secretario e de capellão. »

Ephemera vida estava porém, reservada á patriótica iniciativa dos pernambucanos; a liberdade annuviava-se no horisonte da patria, a republica caminhava para o seu ocaso, triumphava mais uma vez a causa do absolutismo tyrannico, mas esse triumpho foi também ephemero, teve apenas a existencia de um lustro.

Foi terrivel a reacção; ás saudações enthusiasticas do patriotismo, pelo nascimento da liberdade, surgiram as perseguições, o martyrio e a morte. Frei Caneca havia representado um papel compromettedor, a sua adhesão á causa republicana, á causa das liberdades patrias, attrahiram-lhe as iras dos realistas; é preso e remettido aos carceres da cadeia da Bahia. O acto do embarque dos presos, teve o apparato e solemnidade de uma procissão triumphal; dir-se-hia que havíamos voltado aos tempos do barbarismo feudal. Os patriotas marcham em filas de tres, unidos pelos braços presos por cordas, com a cabeça descoberta e pesada gargalheira ao pescoço. Alas de soldados guardavam os flancos do prestito; abria-o uma banda militar como que a convidar a população a testemunhar tão lugubre quadro, que era fechado por grossa escolta. Depois de percorridas assim as principaes ruas da cidade, foram os presos mettidos a bordo do brigue *Mercurio*; atiraram-nos ao fundo do porão, e ahi, sobre as alcatroadas taboas permaneceram deitados e abatidos pelos pesados grilhões que lhes prendiam os pés, e pelas gargalheiras que, unindo estreitamente o pescoço de todos, cravavam as suas extremidades nas cavernas do navio.

Frei Caneca, assim marchou para o desterro, assim foi transportado á cidade da Bahia, onde entre as vaias e apupos da desenfreada população, foi arrastado aos carce-

res da cadeia da Relação. O que ahi soffreram os patriotas pernambucanos, o quadro de miseria e de horrores que ás suas vistas desenrolou a tyrannia, comprehende-se, mas não se pinta. No meio, porém, de todas essas atrocidades, veio em auxilio dos miseraveis proscriptos o anjo da caridade. As freiras requereram ao Conde dos Arcos, a graça de conceder-lhes repartir com aquelles famintos a porção de pão que lhes tocava e de prestar os seus piedosos serviços áquelles maldictos da realaleza.

Foram attendidas, e d'ahi por diante o auxilio e caridade dessas almas candidas e virtuosas, desses anjos de ternura, retirados do mundo por amor do mundo, melhoraram a vida de misérias e privações que passavam esses proscriptos da patria. Frei Caneca de tudo isso gozou com os seus companheiros de infortunio, e então, o reconhecimento e a gratidão brotaram de todos aquelles generosos corações; a lyra dos poetas emmudecida, vibrou então com reconhecimento, e Frei Caneca, inspirando-se em tudo isso fez-se poeta; e em ternissimas estrophes cantou as virtudes e generosidade de suas bemfeitoras.

No carcere compoz elle, entre outras producções, a seguinte quadra melancolica e sinistra, na phrase de um poeta, como que presagiando o fim que o aguardava, nos ultimos versos da glosa que a acompanhou:

*Não posso cantar meus males,
Nem a mim mesmo em segredo;
E' tão cruel o meu fado,
Que até de mim tenho medo.*

Dous annos depois de rigorosa prisão, melhorou a condição dos infelizes prezos. O carcereiro da cadeia que no dia em que alli chegaram e nos subseqüentes dirigia-lhes mil injurias, bradando com ufania *que era o governador daquelle castello e desejara ser o carrasco para enforcar a todos, infames rebeldes*; cujos insultos por muito tempo continuaram, curvara-se então, porque á familia dos presos foi permittida a correspondencia, e o ouro começou então a girar em todos os carcereiros. A par da vida e conforto que ia penetrando naquellas sombrias abobadas, penetrou tambem a luz, e em breve estavam convertidas em diversas aulas, e a Frei Caneca coube as cadeiras de geometria e calculo; elle compoz uma grammatica da lingua portugueza, enviando-a a uma das freiras, sua bem-

feitora, á proporção que ia escrevendo, pedindo-lhe o consultasse em alguma duvida; e assim aprendeu ella a grammatica, longe das lições e das explicações do mestre.

Assim permaneceu Frei Caneca nos carcereiros da cadeia da Bahia por quatro annos. Consumidos os dous primeiros nas atrocidades do despotismo, os dous ultimos passou-os ensinando e aprendendo, até que em 1821 os seus irmãos de Portugal, *rebeldes* como elle, mas victoriosos, reunidos em assembléa constituinte, decretaram uma amnistia geral, e elle recuperou a liberdade, e saudou os lares patrios.

O mesmo homem da liberdade, zeloso do bem e grandeza de sua provincia natal, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, diz o commendador Mello, continuou a tomar parte, quanto lh'o permittiam decentemente o seu estado e occupações, nos negocios e vivissitudes politicas da provincia de Pernambuco, sempre com honra e entepidez, e geralmente mui acatado e estimado.

E' que o martyrio jamais apaga a chamma patriotica que incende e lavra nos nobres e generosos peitos, quando a patria geme oppressa, e sôa a hora da liberdade.

O governador Luiz do Rego capitula á frente de um exercito aguerrido e disciplinado com um punhado de patriotas que haviam constituido em Goyanna um governo provisorio, e embarca para Portugal; a liberdade já assomava nos horisontes da patria, Pernambuco havia conquistado um governo puramente pernambucano, puramente nacional, e no anno seguinte era proclamada a independencia do Brazil, e a 8 de Dezembro tinha lugar na cidade do Recife a solemnidade do acto da acclamação do Imperador D. Pedro I.

Neste mesmo dia celebrou-se um solemne *Te-Deum* em acção de graças por tão faustoso motivo, na egreja do Corpo Santo, e a Frei Caneca coube a honra de subir á tribuna sagrada, donde, fiel interprete dos sentimentos patrioticos dos pernambucanos, ergueu a sua voz cheia de eloquencia, e pronunciou uma bella oração gratulatoria, que logo foi impressa no Rio de Janeiro.

Patriota ardente e exaltado, mas conciliador, elle jamais deixou de envidar todos os esforços, afim de conservar a união entre a familia brazileira e a portugueza; o Brazil já estava independente, os odios e rivalidades deviam acabar-se; e, dominado por esse nobre e generoso sentimento, afim de terminar essas rivalidades, publicou em 1823 um

interessante trabalho com este titulo : *Dissertação sobre o que se deve entender por patria do cidadão e dos deveres de cada cidadão para com a mesma patria.*

Navegava então a não do estado em tormentosos mares. D. Pedro I acabava de dissolver violentamente a Assembléa Constituinte, e os effeitos desse acto arbitrario, e das subseqüentes medidas do governo, abalaram a paz e tranquillidade que reinavam no Brazil.

A junta do governo de Pernambuco exonera-se do seu mandato ; procede-se a nova eleição, e Manoel de Carvalho Paes de Andrade é eleito seu presidente ; mas o Imperador nomeia para dirigir o governo da provincia a Francisco Paes de Barreto. Frei Caneca convidado a dar o seu parecer no conselho convocado para deliberar se se devia dar ou não posse ao novo presidente, apresentou um bello e luminoso parecer, no qual concluia—que não, «dizendo com a franqueza propria do seu character aquillo que sentia naquella questão, sem que se propuzesse a lizongear ao povo, ou ao monarcha, para com a mascara do liberalismo ou servilismo fundar a sua fortuna precaria sobre as ruinas da patria. »

Ainda em mais dous conselhos convocados sobre os negocios politicos de Pernambuco, Frei Caneca foi convidado a dar o seu parecer, e os apresentou encarando as questões por todos os lados, discutindo-as perfeitamente, analysando-as á face da historia, do direito e da philosophia ; e perante a sua logica, e a luz das suas conclusões, triumphava a sua opinião : esses trabalhos, primorosas dissertações sobre os assumptos propostos, acham-se colleccionados em suas obras, e constituem provas do seu talento e de sua variadissima illustração.

Trava-se então terrivel lucta entre a tyrannia imperial e a liberdade ; e Frei Caneca, que em prol da causa da patria já havia escripto a *Resposta ás calumnias e falsidades da Arara Pernambucana*, *O caçador atirando segundaves á Arara Pernambucana* e as famosas *Cartas de Pitia a seu amigo Damão*, obra prima que tanto fez soar os prelos pernambucanos, na phrase do padre Dias Martins, começou a escrever o *Typhes Pernambucano*, cujo primeiro numero sahiu a 25 de Dezembro de 1823, terminando a sua publicação a 12 de Agosto seguinte, imprimindo durante esse periodo 29 numeros. Este periodico, diz o commendador Mello, interessa não só á litteratura da nossa pro-

vincia, pelo bem que é escripto, como á sua historia, por muitas noticias e factos que da mais importante epocha consagra á perpetua memoria dos vindouros.

Annuncia D. Pedro I por um Decreto, uma invasão de tropas portuguezas no Brazil, suspende algumas das garantias constitucionaes, e expede um corpo de exercito sobre Pernambuco; então, Manoel de Carvalho, vendo a provincia invadida, por um lado e por outro, a ameaça de uma proxima invasão portugueza, e descarregada sobre a cabeça dos seus patricios a espada da tyrannia pela suspensão das garantias, proclama a Confederação do Equador aos 2 de Julho de 1824.

Porém os dias de existencia da Confederação foram curtos, tão curtos como o da republica proclamada em 1817. Bloqueado o porto do Recife, as tropas imperiaes marchando sobre a cidade, cahia por terra o imperio da democracia, e reerguia-se o imperio da tyrannia. Estavam perdidos os patriotas e a causa da liberdade. Os dias de Frei Caneca estavam contados, a sua sentença já estava lavrada; procurou pois, como outros companheiros, a salvação na fuga, e partindo para o interior da provincia, atravessa a Parahyba, e chega até o Ceará.

« A fuga do réo, diz elle proprio em sua defesa, nasceu do temor de ser preso; e o ser achado entre a força que fugia, foi uma fatalidade, que não estava em suas forças o evital-a. O réo havia ha muito recebido cartas do Rio de Janeiro, em que se dizia que elle havia de ser preso pelo seu periodico, e que vinham ordens taes para Pernambuco: estas noticias lhe foram confirmadas por uns officiaes do Pará, que ouviram-nas do intendente geral de policia daquella côrte; e quando V. Exc., Sr. Presidente, chegou a Maceió, houve quem dissesse ao réo, que V. Exc. trazia recommendações a seu respeito, porque logo pedira ao morgado do Cabo uma colleccção do *Typhes*. »

Erealmente, tão calculadamente parece que se tratou da perda de Frei Caneca, que a commissão militar munio-se até dos poderes necessarios, delegados pelo bispo do Rio de Janeiro a um dos capellães da brigada, afim de se proceder ao acto pontifical da degradação canonica *daquelles ecclesiasticos de ordens sacras, que desgraçadamente houvessem de soffrer a pena de sangue pelo crime de rebellião e de lesa magestade!* E ainda mais autorisa essa crença, o facto de ter confessado o bispo que isso lhe fôra ensinuado por parte de S. M. o Imperador!

Os dias de Frei Caneca, a sua missão de luz e patriotismo sobre a terra, tocavam ao seu termino; foram dias tristes, trabalhosos e afflictos, exclusivamente empregados no serviço e bem da patria, na melhor bôa fé e total desinteresse. O *Itinerario* que fez e escreveu, e acha-se hoje publicado em suas obras, é interessante e constitue a ultima phase da historia da *Confederação do Equador*. As tropas imperiaes partem em perseguição das tropas patrióticas; alcançam-nas, firma-se a capitulação, e Frei Caneca e seus companheiros cahem em poder dos algozes, illudidos pela perfidia de lisongeiras esperanças.

No dia 17 de Dezembro de 1824, chega Frei Caneca ao Recife, e foi atirado aos carcereiros da cadeia, incommunicavel em um calabouço, que d'antes servia de armario de guardar as cabeças dos enforcados, escuro, immundo e apertado. No dia seguinte foi logo installada a commissão militar, é conduzido á presença desta, e exhibe elle proprio a sua defeza; mas a vontade da *clemencia* imperial era enoxoravel.

A 10 de Janeiro de 1825 ouviu calmo, sem a menor perturbação, a cruelissima sentença de morte que lhe votavam os sanguinarios membros da commissão militar; e immediatamente foi conduzido ao oratorio. Ha dias em que o mais alto lugar do mundo é o cadafalso, diz Lamartine; e Frei Caneca ia chegar a esse dia, ia conquistar, e subir á altura desse lugar, corôa de martyrio, monumento de immortalidade, que só a tyrannia sabe levantar em honra de suas victimas.

Contando por minutos os trez unicos dias de vida que lhe restavam, elle já mais abatera-se, já mais perdera aquella severidade e calma que só os heróes sabem ter, ainda mesmo na hora suprema do sacrificio, dos perigos e do martyrio. Quando os seus amigos enternecidos abraçavam-no, sem poder conter as lagrimas que desprendiam-se de seus olhos, Frei Caneca animava-os, e sorrindo transmittia-lhes um legado de honra, o de velarem pelas liberdades patrias. Nesses momentos, nessas horas de amargura, em que a propria natureza impõe abatimento, elle como que tocado por uma força superior, mostrava-se indifferente ás scenas desse drama em que representava de protagonista. As cartas que nessa situação escreveu ás suas afillhadas, digamos mesmo, as suas filhas, animando-as, aconselhando-as no bem, insinuando-as que recorressem á protecção

Divina, são bellas e ternissimas, cheias de unção evangelica, de amor e de patriotismo. Elle toma de sua lyra, dedilha pela ultima vez as suas cordas; e como o cysne, adivinhando o termino de sua vida canta e morre, assim elle desprende este canto repassado de melancolia, amor e patriotismo:

Entre Marilia e a patria
Colloquei meu coração;
A patria roubou-m'ó todo;
Marilia que chore em vão.

Quem passa a vida que eu passo,
Não deve a morte temer;
Com a morte não se assusta
Quem está sempre a morrer.

A medonha catadura
Da morte feia e cruel,
Do rosto só muda a côr
Da patria ao filho infiel.

Tem fim a vida daquelle
Que a patria não soube amar;
A vida do patriota
Não pôde o tempo acabar.

O servil acaba inglorio
Da existencia a curta idade:
Mas não morre o liberal
Vive toda a eternidade.

A sentença cruel fulminada a Frei Caneca, cobrira de dôr e sentimento a todos os pernambucanos.

O cabido de Olinda, paramentado e de cruz alçada, e os religiosos de todas as ordens, dirigem-se encorporados a palacio, afim de pedir á commissão militar que suspendesse a execução da sentença, até que viesse resposta de uma supplica que iam dirigir ao Imperador. Nem ao menos foram admittidos e receberam ordem de se retirar brusca e grosseiramente á porta do palacio. E sendo isto communicado ao ministerio, respondeu approvando a repulsa, por ser tal pretensão *louca e incurial!*

No dia 13 de Janeiro de 1825, partiu Frei Caneca para o

patibulo; e nesse dia, o ultimo de sua vida, dormiu tão socegadamente, que, chegando a hora fatal, foi acordal-o o seu provincial Frei Carlos de S. José, depois bispo do Maranhão, que o confessara, e ministrara-lhe no dia anterior o Sagrado Viatico.

Parte o funebre cortejo. A' porta da igreja do Terço é Frei Caneca exautorado, e caminha depois para o largo das Cinco Pontas, onde erguia-se a forca, cercada por grossa tropa. Mas nenhum dos designados executores da vontade imperial prestaram-se a exercer semelhante officio. São forçados, impellidos a couces de armas e espaldeiradas até junto da forca, *mas não se abateram á villesza a que os queriam violentar!*

Avisada a commissão militar desse embarço, ordenou verbalmente que o réo fosse fuzilado; sem ao menos reformar a sentença que prescrevia a pena de forca, tal avidez e interesse havia em riscar do numero dos vivos, esse apostolo da liberdade.

« O varão forte e justo, ensinou elle mesmo ao alcaide perplexo e tremulo, o modo como o havia de amarrar a um dos esteios da forca. » Parte a escolta executora, e postase á frente da victima; um dos soldados, reconhecendo-a, cahe fulminado por uma syncope. Sôa a descarga, e o sangue do illustre martyr jorra de suas feridas pela mão tyrannica dos verdugos da patria, nesse mesmo lugar onde outr'ora os seus maiores derramaram-no tambem em pról da mesma causa sagrada que elle defendia—a liberdade. E em quanto a victima debatia-se nas ancias da morte e exhalava o derradeiro suspiro, os *suiços do rei* que guardavam a forca, ergueram vivas a S. M. o Imperador, á Constituição e á Independencia do Brazil, e cantaram, acompanhados da musica militar, o hymno nacional!

.....

Morreu! tinha os seus dias consagrado
Em pról da patria, em pról da humanidade,
Satellite fiel da Liberdade,
Caro a Pallas, das musas embalado.

Marcando ora do globo o espaço dado,
Sábias lições dictava á mocidade,
Ora destro piloto em tempestade
Guiava afoito ao porto a não do Estado.

Deixa, Olinda, correr o triste pranto:
Perdeste um sabio; as vistas eclipsaram
Nesse dia fatal de chorar tanto.

Té mesmo os insensiveis se abalaram,
O dia se vestiu de negro manto
Gemeu natura; as Pallas trovejaram!

Assim foi saudado Frei Caneca no dia de sua execução. Quatro calcetas pegaram no cadaver da illustre victima, depõem-no em um esquife, conduzem-no á igreja do Carmo, e achando-a fechada, largam-no á porta; recolhido então por seus irmãos religiosos, ahi foi sepultado e ahi descansam os seus restos.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, victima de seu patriotismo, do seu amor a liberdade, é um dos vultos homericos desta terra legendaria, quer o encaremos como patriota, quer como homem de letras. Os seus feitos, a sua dedicação á causa da liberdade, constituem hoje uma como que legenda nacional. As suas obras, colleccionadas pelo commendador Antonio Joaquim de Mello e impressas nesta provincia em 1875, em virtude da Lei n.º 900 de 25 de Junho de 1869, formam dous volumes, que são um monumento consagrado á sua memoria pela posteridade.

Esta riquissima collecção, compõe-se de bellas poesias, tres pareceres sobre os negocios politicos de Pernambuco, a sua defesa, e o seu itinerario desta provincia á do Ceará; um compendio de grammatica portugueza, um tratado de eloquencia, taboas synopticas de rethorica, uma dissertação politico-social, duas orações sacro-apologeticas, tres artigos em resposta á *Arará Pernambucana*, Cartas de Pitia a Damão, e finalmente o *Typhes Pernambucano*.

Alem dos trabalhos de que consta essa publicação, outros muitos escreveu o sabio patriota Frei Caneca, que ficaram ineditos, hoje sem duvida perdidos, e outros de publicação posthuma por seu irmão Januario Caneca, em 1846 no periodico *Annunciante*, que não figuram em suas obras, por motivos allegados pelo commendador Mello na biographia que a precede. Relativamente aos primeiros, encontramos noticias sobre os seguintes: *Historia da provincia de Pernambuco até o tempo do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro*, *Bibliotheca pernambucana*, *Notas á logica de Genuense e um Compendio*

de chronologia, além de suas composições oratorias. E relativamente aos segundos, são estes: *Catalogo dos bispos de Pernambuco e dos governadores que existiram no mesmo tempo*, *Espelho das mulheres formosas, ou arte de realisar por meio das graças os encantos da formosura*, (trad. franceza), e a *Historia da Fran-maçonaria*, traduzida da Encyclopedia Igleza, em 1813, trabalho cuja publicação não foi concluida. Tal foi a existencia de 46 annos incompletos ainda, desse martyr da patria, existencia toda consagrada á causa da civilisação e da liberdade.

« Vai-te, alma heroica e bella, exclama Antonio J. de Mello, n'um transporte de eloquencia, no final de sua biographia: vai-te alma heroica e bella, vai-te em paz deste mundo injusto e ingrato; descança no seio da Eternidade, prototypo maravilhoso de todas as virtudes publicas! E pois que foi alvo constante de todos os teus dias trabalhos amar e servir ao Brazil, nossa patria; si lá na immutavel bemaventurança póde haver memoria deste valle de lagrimas, conservando por este Brazil o antigo amor ardente e exemplar, que entre nós e no mundo illustrado immortalisa o teu nome, confiamos que não cesses de implorar a divina misericordia em favor dos brasileiros, que sentem todo o horror do teu assassinio, e todo o peso e desventura de tua perda. »

Joaquim Jeronymo Serpa. Nasceu na cidade do Recife aos 13 de Setembro de 1773. Filho de um babil cirurgião, foi destinado a seguir a mesma profissão de seu pae, estudou o curso de humanidades nesta cidade, e ultimados os seus trabalhos preparatorios, seguiu para Lisboa, e matriculou-se na escola de cirurgia do Hospital Real de S. José; e posto que fosse muito limitada a instrução medica que dava esse estabelecimento, comtudo, observador e intelligente como era, tornou-se por si só tão illustre e insigne nas sciencias medicas, que ainda hoje o seu nome é vantajosamente citado e respeitado.

Obtendo o seu diploma de cirurgião, voltou para Pernambuco, e em 1808, por Decreto de 13 de Maio, conseguiu a nomeação de cirurgião-mór do regimento de artilharia da cidade de Olinda.

Serpa foi um dos denodados paladinos da cruzada republicana de 1817. O acreditado cirurgião Serpa, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, seguiu o grande resultado do formoso 6 de Março, para o qual estava pro-

fundamente iniciado, sendo adepto dos secretos democraticos, e em perfeita fraternidade com todos os chefes da revolução: na quêda da liberdade foi denunciado aos tyrannos, e a Alçada pronunciando-o o fez prender (a 6 de Abril de 1818) e o remetteu aos carceres da Bahia, onde gemeu até que a amnistia das côrtes, em 1821, o restituiu á sua patria, honra e familia.

Pelo longo espaço de quatro annos em que jazeu nos carceres da cadeia da Bahia, Serpa não esteve sem aproveitar esse tempo. Foi alli, entre as privações e os inevitaveis dissabores de uma rigorosa prisão que elle aperfeiçoou e concluiu o primeiro trabalho que publicou. A revolução do Porto de 1820 dera-lhe a liberdade; foi solto, e aportou ás plagas de sua terra natal, mas tão pobre e tão onerado de compromissos, que sómente depois de largos annos, poucos mezes antes de fallecer, é que veio a terminar o pagamento das obrigações contrahidas durante a sua prisão!

Em 1834, foi Serpa provido por concurso na cadeira de botanica e agricultura do Jardim Botânico de Olinda, passou em 1835 a exercer interinamente o cargo de director desse estabelecimento, e em virtude da Lei Provincial n. 49 de 17 de Junho de 1837 foi provido effectivamente; percebendo o ordenado de 800\$ annuaes.

A insufficiencia dos compendios adoptados nas aulas do Jardim Botânico, que infelizmente desapareceu, graças ao máo entendimento, zelo e economia do governo, induziram-no a elaborar um resumido compendio da obra de *Richard*, que modestamente intitolou: *Compendio de Botanica para o uso dos alumnos que se quizeram dedicar ao estudo desta sciencia. Pernambuco, na typographia de M. F. de Faria. 1835.*

A vida de Joaquim Jeronymo Serpa foi inteiramente dedicada ao sacerdocio da medicina e ás sciencias naturaes, que por elle foram tão zelosa e cuidadosamente cultivadas e propagadas. Alem dos *Elementos de Botanica*, compoz varios trabalhos scientificos, alguns dos quaes foram publicados nos *Annaes da Medicina Pernambucana*, taes como uma *Lista dos vegetaes que servem para o uso caseiro dos habitantes desta provincia de Pernambuco*, que já havia sido publicada na *Revista Medica Fluminense*, e um outro sob o titulo — *Topographia da cidade do Recife*, tambem já publicado na mesma *Revista*.

« A posição da cidade, os perniciosos effectos dos pan-

tanos e lagôas das visinhanças, as inuteis tentativas que por vezes fez o autor para induzir as autoridades a seccar o pantano mais nocivo, as molestias endemicas da provincia, e os remedios indigenas vulgarmente usados, diz o Dr. Sarmento, estão resumidamente descriptos com exactidão e a simplicidade encantadora de todos os escriptos de Serpa.»

Além destes trabalhos, apresentou a Sociedade de Medicina de Pernambuco, da qual era socio correspondente, uma interessante memoria sobre a molestia vulgarmente chamada — *bobas* —, a qual porém não foi publicada em sua *Revista*, e no *Diario de Pernambuco* de 12 de Maio de 1837 publicou um bello artigo demonstrando a utilidade dos jardins botanicos.

Tambem no periodico — *A Quotidiana Fidedigna*, de 14 de Maio de 1834, n. 161, publicou um artigo demonstrando a vantagem de se propagar nesta provincia a creação das bichas ou sanguesugas medicinaes. Neste mesmo artigo propoz tambem elle que se propagasse a cultura da *Althea* (*Althea officinalis*), e a plantação da piassava; e submettendo todas estas propostas a consideração da Camara Municipal de Olinda, da qual fazia parte, foram todas approvadas, porém cremos que não passou de projecto a execução de taes medidas.

Já anteriormente a todos estes trabalhos havia elle publicado nesta provincia, em 1828, na typographia do *Diario de Pernambuco*, uma interessante obra por titulo — *Tratado da educação physico-moral dos meninos*, extrahido das obras de Mr. Gardien, e ampliado com illustrações extrahidas dos melhores autores.

« Serpa, diz o Dr. Moraes Sarmento, não quiz imitar os autores, que, não juntando uma só idéa propria ao fundo commum dos conhecimentos em alguns ramos das sciencias, chamam suas as producções que nem pelo estylo differem das que já existem. Limitou-se ao modesto titulo de traductor das obras de Gardien; mas logo, nas primeiras paginas da sua dedicatoria ás mães de familia, nos faz sentir que não quizesse por demasiada modestia dar o cunho do seu estylo á moeda corrente da sciencia. Sem educação (diz Serpa) a moral não é fructifera, as leis são freios impotentes para as paixões desenvoltas; os costumes desaparecem, e um povo que a não teve não offerece mais do que uma horda de selvagens sem virtudes, discordes entre si mesmos, e inimigos de visinhos. As notas

que o traductor faz ao texto francez mostram que, se não quiz passar por autor original, nunca perdeu occasião em que podesse ser util ao leitor. Com esta traducção Serpa fez um serviço incontestavel a provincia, e provera a Deus que ella fosse mais lida pelas mães de familia, as quaes, pela maior parte, nem della teem noticia, em quanto que com repetidos annuncios se lhes inculca agora (1843) um escripto sobre o mesmo assumpto, que em verdade nada excede ao do nosso Pernambucano. »

Serpa não só era habilissimo cirurgião e botanico, como tambem insigne desenhista. Em 1834 enviou á Academia de Medicina do Rio de Janeiro, da qual era socio correspondente, dous volumes de desenhos de anatomia humana, feitos por si; e o relatorio apresentado pela commissão incumbida de dar parecer sobre esse importante trabalho é o mais lisongeiro e significativo possível.

No meio dos seus afanosos trabalhos, já soccorrendo a pobre humanidade como medico, já encaminhando a mocidade pernambucana nos mais difficeis segredos da sciencia como professor, não se esquecia, e nem tudo isso o impedia, de tentar novas investigações enriquecendo assim com os seus trabalhos as sciencias que tão sabiamente professava.

Conhecendo da absoluta necessidade do uso da lingua grega nos estudos scientificos, aprendeu por si só esse bello idioma, quando já se achava em uma idade avançada.

Bem raros, porém, são os poucos e importantes trabalhos de tão insigne botanico, que viram a luz da publicidade; e grande devia ser o numero dos seus ineditos, que hoje infelizmente se ignora onde param e talvez mesmo nem mais existam. A Academia de Medicina do Rio de Janeiro deve possuir uma grande copia delles, alguns dos quaes foram publicados ainda em sua vida.

Serpa estava escrevendo um compendio de agricultura, apropriado ao clima desta provincia, em cujo manuscripto, diz o Dr. Moraes Sarmento, mostra espirito observador e não vulgar lição, quando foi accommettido por uma *ascitis*, *symptomatica de alteração organica do figado*, que o prostrou no leito e da qual veio a fallecer aos 17 de Julho de 1842.

« Este facultativo, que honra a Pernambuco, seu paiz natal, diz o illustre Dr. Simplicio Mavignier, tinha bastante instrucção, era dotado de talento, e mui curioso e investigador. A morte rapida que em tão pouco tempo arrebatou o Sr. Serpa do meio dos seus collegas, que o respeitavam, e dos amigos que o presavam, será sempre sentida; ella

privou a Sociedade de Medicina das interessantes produções que elle elaborava e meditava. O vasio que o Sr. Serpa deixou, não será tão cedo por certo occupado por outrem de tanto merito. »

Joaquim Jeronymo Serpa, segundo discreveu o illustre padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, em um artigo necrológico publicado no *Diario de Pernambuco* de 2 de Agosto de 1842, « era dotado de um genio jovial, a sua conversação era adubada de graciosas facecias, de ditos sentenciosos, que a todos regosijavam e a ninguem offendiam. Homem de palavra, amigo fiel e seguro, honrador de todos, compadecido das fraquezas humanas, tolerante, generoso, a todo mundo afagava, a todos mettia no coração; finalmente, Joaquim Jeronymo Serpa era dotado de todas as virtudes que constituem um cidadão honrado e prestante: su'alma, pura e sincera, não conhecia as artimanhas da traição e da perfidia, em summa elle sabia guardar a dignidade de homem; mas como tal devia pagar o irrevogavel tributo de nascido, e de desaparecer da face da terra, sim, porém não da memoria de seus amigos e de innumerass pessoas, a quem tanto beneficiou. O seu nome passará a posteridade de parceria com os nomes dos mais prezados e dignos filhos de Pernambuco. »

Serpa viveu sempre pobre, retirado a sua habitação na velha e pittoresca Olinda, sem ambicionar honras nem representações, e morreria mesmo desconhecido, se a grandeza do seu merito e sabedoria e os seus importantes trabalhos não fossem ainda hoje os pregoeiros da sua fama. E' que os livros, na phrase do Samuel Smiles, têm alguma cousa de immortaes, porque são os productos mais duradouros do esforço humano.

« Embora em tão prestante cidadão não achassem seus coetaneos meritos para cargos publicos; embora acabasse seus dias na solidão e na pobreza; quem negará, diz o Dr. Moraes Sarmento, que Serpa foi até hoje o pernambucano, que mais se esmerou na cultura das sciencias naturaes? A indifferença, a injustiça para com os homens uteis, não impedirá o nome de Serpa de radiar glorioso na posteridade. Quando tantos homens, que na imperfeição de nossas organizações sociaes, astuciosos, ou nocivamente usurpam funesta celebridade, e adquirem fama, que nenhuma intenção honrada justifica; quando esses homens tiverem desido á sepultura, nenhum vestigio deixarão na memoria

dos vindouros: mas ao pé da sepultura de Serpa dirão todos com justiça: *Aqui jaz um cidadão que manifestou o seu amor á patria, não com palavras vãs, muitas vezes dissimuladoras do mais abjecto egoismo, mas expondo-se a perigos reaes, trabalhando até na cadeia em escriptos uteis, prestando constantemente aos pobres soccorros da sua profissão, publicando varias obras necessarias e dando, no meio da corrupção geral, o exemplo das virtudes antigas.* »

A igreja de N. S. do Guadalupe em Olinda guarda os restos mortaes de tão illustre quão benemerito varão.

Joaquim Nunes Machado. Nasceu aos 15 de Agosto de 1809, na cidade de Goyanna, e foi baptisado no dia seguinte na igreja do convento do Carmo; e foram seus paes Bernardo José Fernandes de Sá. e D. Margarida de Jesus Nunes Machado.

Filho de paes abastados, gosando sua familia de merecida estima e influencia, Nunes Machado recebeu uma educação esmerada; a sua intelligencia fecunda, manifestou-se logo na vivacidade de sua infancia, e no estudo das disciplinas preparatorias conquistára louvores e applausos de seus mestres e condiscipulos.

Nunes Machado terminou exactamente o seu curso preparatorio, quando o governo imperial lavrava o decreto de 11 de Agosto de 1827, creando os cursos juridicos de S. Paulo e Olinda; e no anno seguinte abrindo-se as suas aulas, foi elle um dos primeiros estudantes matriculados na academia de Olinda.

Cursava Nunes Machado o seu 4.º anno em 1831, quando rebentou a 14 de Setembro a sedição militar conhecida na historia por *Setembrisada*, commettendo a tropa desenfreada, senhora da cidade, os mais barbaros attentados, roubos e toda a sorte de crimes, durante 3 dias. O povo arma-se, e reune-se a milicia para occorrerem a commum defesa, os academicos de Olinda, improvisam de repente um batalhão patriotico, marcham para o Recife, e muito concorreram para suffocar a terrivel sedição; e na phalange d'esses filhos de Minerva, lá estava o menino patriota Joaquim Nunes Machado de arma á cara, em defesa da honra, vida e bens dos habitantes do Recife. No anno seguinte, em 1832, a academia confere-lhe o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes; e no immediato, promulgado o codigo do processo, recebe elle a nomeação de juiz de

direito de Goyanna, e depois, em 1835, passou a juiz da primeira vara criminal do Recife, e como tal, exerceu o cargo de chefe de policia.

A phase da vida de Nunes Machado que agora segue, uma das mais bellas de sua vida, é assim descripta por um dos mais possantes talentos de Pernambuco, o Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, em um discurso que recitou aos 2 de Novembro de 1863, em homenagem á sua memoria e de seus companheiros de infortunio, na revolução de 1848.

« Corria o anno de 1836 quando a provincia de Pernambuco se achou, por causa de actos legislativos filhos de circumstancias especiaes, enfeudada a uma familia que se queria constituir a unica arbitra de seus destinos. Cidadãos respeitaveis, cheios do sagrado sentimento da liberdade e da independencia pessoal, souberam protestar bem alto, e em nome dos imprescriptiveis direitos que a lei fundamental outorga ao cidadão brasileiro, contra o aviltamento que de semelhante ordem de cousas resultava para á provincia. Em 1842 esse poder feudal se achou aliado ao despotismo central que resultava das leis constitucionaes então promulgadas pelo principio que havia assumido o governo do paiz em 1837 e se havia consolidado em 1841.

« Então o elemento popular de Pernambuco se achou horivelmente comprimido, quér pelo poder central, quér pelo feudalismo provincial. Quem ergueria um brado em favor d'este povo tão torturado tão martyrisado? Quem defenderia os seus direitos com denodo proporcionado ao desespero da situação? Quem seria o Oconnel d'estes pobres irlandezes, votados ao despreso e á exclusão dos direitos constitucionaes? Era mister um homem que unisse uma grande alma a um grande coração! Pois bem! o desembargador Joaquim Nunes Machado foi esse homem, que, sabendo identificar-se com os soffrimentos do povo, foi o incansavel athleta d'esses direitos que a mais feroz das oligarchias tão tyrannamente conculcava.

« Sua vida parlamentar desde 1842 a 1848 foi uma luta incessante, na qual o povo pernambucano foi o objecto exclusivo do seu culto. E' cousa admiravel vêr como esse homem dominando todas as causas de dissolução lançadas á porfia no meio da população, ora levava o povo aos triumphos eleitoraes, ora sabia refreial-o quando o via arrebatarse por instigações de falsos amigos. Os ultimos an-

nos desse periodo foram uma série de actos heroicos, e estes em tal gradação que tiveram por coroamento o maior dos sacrificios. »

Creada as assembleas provincias, e installada a de Pernambuco, Nunes Machado toma assento como deputado logo na primeira legislatura, merecendo ainda depois, a honra de ser reeleito. A sua attitude na assemblea provincial, o interesse particular que tomava em todas as questões de magno interesse, o seu amor e empenho pela prosperidade e progressos de sua provincia, a sua palavra eloquente, sempre erguida em pról dos direitos populares, tudo conquistou-lhe applausos e reconhecimentos, e na legislatura da assemblea geral, que principiou no anno de 1838, Nunes Machado recebe o diploma de deputado á camara temporaria, e em outras legislaturas, os seus comprovincianes ainda o distinguiram como seu representante no parlamento nacional.

Então, Nunes Machado era o chefe do partido popular, e aqui, como no Rio de Janeiro, era acatado, venerado mesmo, e respeitado por todos. Nunes Machado, diz o Dr. J. M. de Macedo, reunia com effeito as condições mais notaveis para sê-lo: no parlamento, bem que pronunciasse alguns discursos eloquentes e vigorosos, nunca foi tido em conta de orador de primeira ordem; mas, nas assembleas populares era tribuno arrebatador: de elevada estatura, agradável presença, olhos cheios de fogo, tinha voz que se prestava á todos os tons, desde a doçura da amabilidade alliciadora, até o rugido do leão: fallava com facilidade e energia: dispunha de grande força physica e de coragem inabalavel: além d'isso era generoso e beneficente, e nenhum como elle sabia tanto mover o povo.

A 29 de Setembro de 1848 o partido liberal é apeado do poder, e sóbe ao governo o partido conservador. Em Pernambuco estavam então os animos em combustão; conflictos e desordens já se haviam dado em alguns pontos da provincia, quando é publicado o acto do governo adiando a reunião das camaras. Resolvido em numerosa reunião de senadores e deputados liberaes na côrte do imperio, que, cada um se empenhasse em suas provincias no arrefecimento dos animos exaltados, Nunes Machado apoia e applaude muito esta medida, mas teme comtudo de voltar á Pernambuco, prevendo o rompimento da revolta, apesar de todos os esforços em contrario.

Os amigos de Pernambuco reclamam a sua volta, elle resiste, mas afinal parte, confiado porém em sua immensa e merecida influencia e popularidade. Incapaz de dissimulação, diz o autor da *Apreciação da Revolta Praieira*, por toda a parte foi manifestando os fins pacíficos de sua viagem precipitada: chegando ás Alagoas, achou a noticia do rompimento. Tão puras eram suas intenções, tanto estava a revolta fóra de suas vistas e esperanças, que nos assomos da surpresa lançou imprecações contra seus amigos e alliados, e partiu na firme resolução de fazer desarmar o partido.

A 17 de Novembro de 1848 chegou á Pernambuco o desembargador Nunes Machado, a bordo do vapor *Bahiana*, e immediatamente com outros companheiros, dedicada e afincadamente se entregou com todo o ardor de seu character ao desempenho de sua missão pacificadora e patriótica. Mas, a desattenção da presidencia ás suas proposições, adversarios politicos adrede fazendo espalhar que Nunes Machado e seus collegas se tinham bandeado, vendendo-se ao governo, a desconfiança que então começava a lavrar entre seus proprios amigos, e o epitheto de trahidor que já lhe davam, arrastaram-n'o ao campo, a revolta, ao sacrificio; *eu bem annunciei que vinha ser victima!* disse então aos seus collegas de deputação, *vou sê-lo!* E partiu do Recife, e pôz-se a frente das tropas rebeldes como seu chefe.

Em 31 de Dezembro de 1848 partiu Nunes Machado para o sul da provincia, vai ás Alagoas, dirige e encaminha todos os negocios, atravessa para Pernambuco, e percorre differentes pontos; mas reclamando a marcha dos acontecimentos a sua presença no Recife, vò a esta cidade, e occulta-se, e depois de terminado o fim de sua missão, parte de novo para o campo. Depois de diversos ataques e combates, em que o desembargador Nunes Machado dir-se-hia um soldado corajoso e valente, affeito as lides das campanhas militares, foi resolvido dar-se o ultimo golpe, o ataque da capital.

Aos 2 de Fevereiro de 1849, ao romper da aurora, as columnas rebeldes chegam as portas da cidade do Recife; uma ataca pela Boa-Vista, a outra pelos Afogados, com cerca de 2,000 homens. A' columna do sul penetra na cidade, e occupa os bairros de São José e Santo Antonio, mas a columna da Boa-Vista encontra sérios obstaculos.

Chegando até a Soledade sem difficuldade alguma, ahi achou porém a sua frente tomada pela tropa estacionada no quartel d'essa localidade.

As tropas rebeldes entrincheiram-se no sitio e casa fronteira ao quartel; rompe o fogo, e Nunes Machado tomando a temeraria resolução de expôr-se á animar as tropas, e dirigil-as ao assalto, ao sahir da casa em que se achava a observar o posto inimigo, vôa o raio da morte sobre a sua cabeça e elle cahe morto.

O que valia o desembargador Joaquim Nunes Machado entre os seus companheiros, o seu prestigio, a coragem e o animo que infundia em todos, disse-o bem alto a consequencia de sua lamentavel morte. A tropa se apoderou do maior desanimo, dissolveu-se em grupos fugitivos, e conduzindo o cadaver do chorado chefe, o foram depositar na capellinha de Belém.

No dia seguinte, marcha por ordem da presidencia, o chefe de policia a frente de 50 praças de primeira linha e de muitos voluntarios, á conduzir para o Recife o cadaver da illustre victima. Chegam a Belém, acham a capella fechada, procuram o guarda, e não o encontrando porque havia elle se occultado, vão ter á sua mulher; mas ella negando-se a entregar a chave, pretextando que não a tinha, foi seveiciada, presa e conduzida ao quartel do corpo de policia.

Arrombadas as portas da capella, jazia o cadaver de Nunes Machado sobre o ladrilho do corredor, em uma rêde, en'esta mesma conduzem-n'o para o Recife. « Muitas vezes teve o funebre cortejo de parar em caminho, diz Figueira de Mello, já para que podessem descansar os carregadores da triste victima, já porque muitos cidadãos se arrojavam á rêde em que vinha, para a reconhecerem e lastimarem. O chefe de policia, (é o proprio Figueira de Mello) e toda a força que o seguia, ou porque lamentassem o passamento de um cidadão, que em epocha futura ainda poderia ser util a patria, — ou porque certo das grandes peripicias da voluvel roda da fortuna, conhecessem que ninguém pôde considerar-se isento de desgraças taes, mostravam-se tristes, e communicavam estes sentimentos a todos quantos os acompanhavam. »

« De distancia em distancia, falla agora Urbano Sabino, parava o impio prestito, para se expôr o corpo, e mostrar que era do proprio desembargador Nunes Machado! e toda

essa infame profanação era acompanhada de gritos desentoados — Viva o imperador! — viva o presidente! morram os cabanos! »

Quer segundo Figueira de Mello, quer segundo Urbano Sabino, ambos historiadores d'essa mesma revolta que ensanguentou e enlutou a provincia de Pernambuco, e que por tantos annos impedio o seu augmento e prosperidade, foi conduzido o cadaver de Nunes Machado, e sepultado no cemiterio do Convento de S. Francisco, depois de feito um auto de vistoria, verificando-se que, *«tinha uma ferida penetrante de arma de fogo na região temporal direita, interessando o musculo e osso respectivo e a massa cerebral, de profundidade de 6 pollegadas, do que lhe resultou immediatamente a morte.»*

Assim acabou o desembargador Joaquim Nunes Machado, essa alma «generosa e pura, amigo leal e dedicado, patriota eximio, coração elevado, sempre incendiado no amor da patria.»

Joaquim Nunes Machado, diz o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, morto a 2 de Fevereiro de 1849 em campo armado, em revolta contra o governo legal, em acção criminosa, e peor do que isso em gravissimo e lamentavel erro politico expiado longamente pelo seu partido em todo o imperio, foi em todo o imperio chorado. O retrato de Nunes Machado multiplicou-se em milhares de cópias, ou de estampas, e ainda hoje se vê conservado em muitas casas, principalmente sob o tecto modesto ou pobre de gente do povo. Joaquim Nunes Machado, homem de probidade inatacavel, typo de generosidade e de dedicação, leal até o sacrificio, corajoso até a bravura, morreu, sendo realisada a sua previsão, quasi prophetisa : *se eu fôr para Pernambuco, serei victima.*

Um quarto de seculo depois, a 2 de Fevereiro de 1874, era assignalado o lugar em que por 24 horas jazeu o cadaver de Nunes Machado na capella de Belém, assentando-se uma lapida commemorativa. Foi uma solemnidade modesta, mais bem significativa, um acto tocante, uma romaria patriotica e concorredissima, em que se fizeram ouvir os Drs. Aprigio Guimarães, José Austregesilo, José Avelino, Albino Meira, Clodoaldo de Souza, Maciel Pinheiro e os Srs. Romualdo de Oliveira, Pelino Guedes e Jersey. Sobre a lapida, lê-se gravada a seguinte inscripção:

JOAQUIM NUNES MACHADO

*No chão que defronta com esta lapida
Foi depositado*

Aos 2 de Fevereiro de 1849

*O cadaver do grande pernambucano
Que não poude ter sepultura
por mão amiga*

*E no dia seguinte violentadas as portas
desta capella*

*Foi condusido como tropheo de victoria
para a cidade do Recife
e depois de ostentosa victoria
entregue aos religiosos franciscanos.*

*Admiradores do grande cidadão
collocaram esta lapida
aos 2 de Fevereiro de 1874.*

Honra ao heroico Pernambucano.

O desembargador Joaquim Nunes Machado, não era sómente um orador eloquente e inspirado, tribuno ardente e arrebatador, magistrado intelligente e honesto, integro e circumpecto; era tambem litterato de gosto aprimorado, e modesto cultor das musas. De suas inspirações poeticas, restam apenas dous sonetos, cheios de ternura e sentimentalismo; damol-os pois, e por elles, julguem os entendidos.

A PAIXÃO DE CRISTO

Que negra scena, lugubre e sombria,
A Santa madre Igreja commemora!
De luto com as roupas traja agora
E vai tocando os dobres d'agonia!

Lembra quando Jesus da Cruz pendia,
Entre angustias passando a extrema hora!
A paixão sacrosanta se deplora
Do predilecto filho de Maria.

Caso cheio de horror! atroz supplicio!
Jesus victima nobre e generosa
Entregou-se por nós ao sacrificio!

Ah! prasa ao Céu, que a raça criminosa,
De todo abandonando o torpe vicio,
De Deus a luz abraçe fervorosa.

Em tudo grande e cheio de bondade,
De Ser Supremo o filho não trepida;
Missão tremenda acceita de co'a vida
Remir da culpa a triste humanidade

No Céu fica de Deus a qualidade,
O homem baixa a terra corrompida,
E sua voz soltando esclarecida,
Do erro contrafaz a escuridade.

Tido como impustor, é prisioneiro,
E' coberto de opprobrio, atropellado,
E' sujeito a morrer sobre um madeiro!

Morreu!!!... Mas, oh! prodigio sublimado!
Ressuscita sem mancha o Deus cordeiro,
O vencedor do crime e do peccado!

O nome do desembargador Joaquim Nunes Machado, é hoje um nome legendario, pertence ao dominio da historia. A penna do escriptor, a lyra do poeta, hão perpetuado a sua memoria. E encheria volumes, aquelle que se entregasse a patriotica tarefa de colleccionar tudo que se ha escripto sobre esse nome legendario, todos os monumentos que se hão levantado á sua memoria no Brasil inteiro desde 2 de Fevereiro de 1849, dia em que morreu para o mundo, e abriu-se de par em par as portas do pantheon da immortalidade.

As maiores notabilidades politicas e litterarias de Pernambuco, quicá do Brasil, hão pago a memoria de Nunes Machado o seu tributo de homenagem, inscripto o seu nome com indeleveis caracteres, nas paginas dos seus annaes.

São passados mais de 30 annos depois de sua morte, e ainda assim a romaria patriotica de 2 de Novembro, annualmente celebrada em sua honra, em sua memoria, não arrefeceu a constancia dos peregrinos, que vão depôr sobre a urna que encerra as suas cinzas, corôas de goivos e saudades.

O Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, foi um dos

peregrinos d'essa romaria patriotica, que jámais deixou de pagar o annuo feudo de sua vassallagem a memoria de tão illustre e benemerito pernambucano; e assim, na apothese aos martyres de 1848 que recitou no anno de 1868, consagrou estes versos ao mais illustre d'entre todos os martyres, o desembargador Nunes Machado :

.....

D'entre os martyres de então que todos eram
Nossos irmãos no popular conflicto,
Um — embora cahisse — entre os mais nobres
Era um heróe invicto.

Alma romana, espirito altaneiro,
Coração magnanimo elevado,
Intelligencia audaz... um patriota !
Era Nunes Machado !

.....

Joaquim Vilella de Castro Tavares. Nasceu na cidade do Recife a 2 de Fevereiro de 1816, e foram seus paes o Dr. Joronymo Vilella Tavares e D. Rita Maria Theodora de Castro Tavares.

Privado de seu pae ainda bem criança, sem protecção nem herança, tendo apenas encetado os seus estudos, Joaquim Vilella somente com os seus esforços e dedicação pôde vencer todas as difficuldades, matriculou-se no Curso Juridico de Olinda, e em 7 de Novembro de 1836 recebeu o gráo de bacharel em direito; e logo depois defendendo theses e obtendo plena approvação, viu emfim terminados os seus trabalhos, e enramou a sua frente com os louros da sciencia, recebendo a borla doutoral.

Vagando posteriormente uma cadeira de lente dessa mesma Academia, o Dr. Joaquim Vilella oppoz-se em concurso, obteve completo triumpho, e o governo imperial fazendo-lhe justiça, nomeou-o lente por Decreto de 11 de Agosto de 1841, contando elle apenas 23 annos de idade. Dotado de vigorosa intelligencia, enriquecendo o seu espirito com aprofundados estudos, d'ahi marca o começo da gloria e do renome que elle soube conquistar, não só sobre os seus discipulos que o ouviam com attenção, respeito e enthusiasmo, como tambem sobre todos em geral, que sabem distinguir o verdadeiro merecimento e prestar o devido culto á sabedoria.

Na sua vida de mestre, coube ao Dr. Joaquim Vilella leccionar varias materias, entre ellas o direito ecclesiastico, em cujo ramo adquiriu profundos conhecimentos pelo particular estudo a que se entregou, e compoz uma obra que *por si só bastava para tornar illustre o seu nome, e recomendar-o a posteridade*; obra esta constante de dous volumes e que tem por titulo: *Instituições de direito publico ecclesiastico, precedidas de uma introdução em que se explicam os fundamentos da religião christã*, impressa no Recife em 1856.

Um consumado theologo, diz uma autoridade competente, não expenderia melhor doutrina da egreja romana, mãe e mestra de todas as egrejas. Passando em 1855 a lente cathedratico e cabendo-lhe então a regencia da cadeira de direito commercial, que, com a sua costumada modestia, dizia que estava estudando, o Dr. Joaquim Vilella não se limitava aos estudos das materias do seu magisterio; elle se dedicava a outra serie de estudos, principalmente sobre direito administrativo.

Amante da liberdade, segundo um escripto a seu respeito, odiava a licença, amigo da monarchia, detestava a tyrannia; a constituição era o seu evangelho civil e politico; o engrandecimento, a prosperidade do Brazil, o termo de seus votos. Neste sentido escreveu em varios jornaes, nunca pregou a anarchia, nunca occupou-se com individuos; fez por algum tempo opposição sem ser exagerado, e muito menos injusto; seus compatriotas souberam apreciar o seu merito elegendo-o deputado provincial em varias legislaturas, e em uma coube-lhe a honra de ser deputado a assembléa geral legislativa. Ahi tomou sempre parte nas discussões mais importantes, e seus collegas o ouviam com attenção.

Nomeado presidente da provincia do Ceará em 21 de Março de 1853, « para ahi partiu com o proposito firme de fazer justiça a todos, e promover o melhoramento moral e material dessa porção do territorio brasileiro, que lhe cumpria bem administrar. » Mas o partido dominante vendo frustradas as suas exageradas pretensões rompeu em hostilidades, as quaes mais se accenderam á proporção que o recto e consciencioso administrador apresentava maior firmeza e dignidade nos seus actos. A deputação cearense na côrte exige a demissão do illustre presidente, intima até o ministerio de lhe negar o seu apoio se isto não fosse deli-

berado, e afinal, aquelle mesmo ministerio que havia officialmente approvado a conducta desse seu delegado, vê-se coagido a demittir um fuccionario que tão dignamente exercia o alto cargo que lhe fôra confiado.

Eis o fuccionario publico, o cidadão. Como homem particular, não menos virtudes o distinguiram. Litterato distincto, poeta de gosto aprimorado, ahi correm os seus escriptos, as suas poesias, mimosas composições, principalmente as satyricas e joco-serias, em cujos generos possuia dotes elevadissimos; e cultor apaixonado da sciencia do direito, foi mestre abalisado e legou-nos um monumento que perpetuará o seu nome: as *Instituições de direito publico ecclesiastico*.

O Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares falleceu aos quarenta annos de idade no dia 11 de Março de 1858. Homem de subido merecimento, talento superior, illustração profunda, a sua curta existencia não lhe permittiu deixar mais solidos e copiosos movimentos do seu saber. Os seus discipulos que o ouviam com enthusiasmo, e que lhe dedicavam verdadeira affeição, receberam a noticia do seu passamento com indiseveis provas de sentimento, e foram prestar no acto do seu enterro, as suas derradeiras homenagens de saudade e condolencia, externando o sentimento dos estudantes da Faculdade, os academicos Gomes Coimbra e Franklin Doria.

Dr. em direito, deputado geral e provincial, presidente de provincia, lente da Faculdade de Direito, official da Ordem da Rosa, e presidente da associação academica *Atheneu Pernambucano*, a qual inaugurou em 1855, eis os titulos que possuia o illustre Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares. Os seus discipulos da Faculdade erigiram a sua memoria um modesto mausoléo no Cemiterio Publico do Recife, alli depositaram os seus restos mortaes, e no marmore que os sella gravaram esta inscripção: *O corpo Academico de Pernambuco mandou fazer para receber os restos mortaes do Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares, nascido a 2 de Fevereiro de 1816 e fallecido a 11 de Março de 1858. Testemunho de respeito, gratidão e eterna saudade.*

Jorge de Albuquerque Coelho. Nasceu em Olinda aos 23 de Abril de 1539. Foram seus paes Duarte Coelho, primeiro donatario de Pernambuco, e D. Brites do Albuquerque.

Jorge de Albuquerque abraçou a carreira das armas,

e fez a sua educação em Portugal, para onde seguiu ainda bem jovem.

Fallecendo seu pai em 1554, e assumindo sua mãe o governo da colonia, bem depressa se viu sem recursos, e e em viva guerra com os indios. Partindo seu irmão para Pernambuco, então constituido seu donatario, Jorge de Albuquerque o acompanhou, e logo que aqui chegou foi nomeado capitão e general da guerra e conquista dos indios, contando apenas a idade de 21 annos.

Jorge de Albuquerque partiu para o interior do paiz, chegou até ás margens do rio S. Francisco, d'onde de volta para o norte, bateu os indios e afugentou-os, e no fim de 5 annos de um constante batalhar, de continuos trabalhos e penosas fadigas, estabeleceu-se a paz e a tranquillidade da colonia.

Jorge de Albuquerque nessa campanha dos indios sublevados, sustentou a sua custa alem dos seus escravos e familiares, a todos que o acompanharam. Igualmente repartiu os despojos da guerra, comprehendendo até os proprios indigenas prisioneiros, e nada reservou para si.

Terminada a sua missão, no desempenho da qual ostentou muito valor e heroicidade, deliberou partir para Portugal e aos 16 de Março de 1565 embarcou com destino a Lisboa. Mas, sendo o navio arrojado atravez dos baixios de Olinda e soffrendo grandes avarias, foi preciso concertarem-no, e de novo partiu aos 29 de Junho. Deste dia, á 4 de Outubro, quando aportou em Cascaes, menos porem os seis primeiros em que navegou com bonança, toda a mais viagem foi um continuo naufragio; e para cumulo de maiores desgraças, foi o navio no meio da sua tormentosa derrota, preso pelos corsarios francezes que o roubaram completamente, deixando-o a mercê das ondas pelo máu estado em que se achava. O mar invadindo o convéz do navio, desarca as pipas d'agua e todos se viram privados desse elemento, e mortos a sêde. A tempestade enfurecendo, arranca-lhe as velas, mastros e leme; privados de todo o alimento, miseravelmente sustentou-se a tripulação e passageiros, por espaço de 17 dias. Alguns já estavam quasi mortos á fome e sêde, e os mais extenuados pela miseria e trabalhos; desde o sexto dia de viagem, que o navio fazia agua, e chegando a altura do cabo da Roca, ia levado pelas correntes, e daria mesmo a costa, se lhe não acode uma caravela que passou-lhe um cabo e o conduziu ao porto de Cascaes.

Jorge de Albuquerque, diz Frei Jaboatão, repartindo por suas proprias mãos o pouco ou quasi nada que havia de sustento, ficava sempre menos provido, sendo elle o primeiro que era para tudo e o que mais trabalhava e cuidava de todos. Bento Teixeira Pinto que tambem ia de passagem no navio, escreveu a historia de tão lamentavel acontecimento, e elle refere, que a constancia e o animo de Jorge de Albuquerque pouparam os mais lamentaveis desastres, já acalmando aquelles que desesperados tentavam matar-se, e já incitando os brios da tripolação, que, quasi enlouquecida pretendia commetter barbaridades, e nem se queria empregar na manobra do navio.

Chegando Jorge de Albuquerque a Portugal, diz Pereira da Silva, entregou-se ao exercicio das armas, que era a profissão da nobreza : chegou ao posto de general : teve entrada no paço ; fazia-se na côrte considerar tanto pelo seu valor, ardidez e sangue, como pela generosidade do seu character ; pelo povo grangeara sympathias pelas suas acções caritativas e briosos procedimentos.

Por espaço de oito annos, demorou-se elle em Portugal, até que á pedido de Duarte de Albuquerque voltou á Pernambuco, e em Janeiro de 1573 tomou posse do governo da capitania, o qual dirigiu até 1576 ; seguiu de novo para Portugal, entregando então as rédeas da administração da colonia a seu tio Jeronymo de Albuquerque.

Dous annos e alguns mezes iam correndo, diz Frei Jaboatão, que na côrte gozava Jorge de Albuquerque Coêlho entre os applausos de heróe, as estimações de grande, quando se lhe offereceu acompanhar ao rei D. Sebastião na infausta jornada da Africa, por enfermeiro-mór do exercito. Desde os seus primeiros annos, havia Jorge de Albuquerque revellado um genio audaz e apprehendedor. Bem jovem ainda, achou-se envolvido nas lutas militares, e derramando o seu proprio sangue em varias expedições que apprehendera contra os tamoyos e os francezes que infestavam os portos do Brazil, e sempre a sua bravura e intrepidez conquistaram-lhe fulgentes louros.

Igual ou maior bravura do que aquella que já tinha admirado a America, conquistando-lhe um nome honroso, ostentou elle na celebre guerra da Africa, para onde seguiu em 1578 com o rei D. Sebastião, na qualidade de enfermeiro-mór do exercito. Ahi, na grande batalha de Alcaer-kibir, ferida aos 4 de Agosto de 1578, Jorge de Albuquerque portou-se heroicamente ; e depois de mortalmente

ferido, encontrou-se com El-rei D. Sebastião no momento em que o exercito portuguez estava já inteiramente derrotado, e pedindo-lhe o monarcha o seu cavallo, pois havia perdido o que montava, elle promptamente lh'o deu, afim de acudir com mais presteza os pontos ameaçados, e ver se ainda seria possivel salvar tão fatal calamidade.

Esse cavallo comprara Jorge de Albuquerque em Evora por subido valor; era mui lindo e de raça arabe. D. Sebastião quando o viu, mostrou-se muito desejoso de o possuir, mas Jorge de Albuquerque recusou-se cedel-o, dizendo ao monarcha que o queria para o seu proprio serviço quando fosse occasião, mas que então não podia se desfazer delle, porque era o unico que possuia, emquanto S. Alteza o conseguiria tantos, quanto fosse de sua vontade. Effectivamente, na desastrosa batalha de Alcacer-kibir, em que D. Sebastião sacrificou comsigo a liberdade, independencia e glorias da patria, e quando El-rei já havia perdido o seu cavallo e corria eminente perigo, apresentase-lhe Jorge de Albuquerque, apeia-se, e lhe offerece o cavallo, dizendo: « *Senhor, é agora a occasião. Aqui está o meu cavallo: monte V. Alteza, e salve Portugal e o meu Brasil.* » Este facto, nenhum interesse e importancia historica tem; damol-o apenas como uma curiosidade, como uma particularidade da vida de Jorge de Albuquerque.

Ferido, e atropellado pela cavallaria inimiga, cahiu prisioneiro, e foi conduzido quasi agonisante em um carro á cidade de Féz, soffrendo para ser curado do ferimentos que recebeu, dolorosa operação, do que resultou andar quatro mezes arrimado sobre duas molêtas. Frei Jaboatão descrevendo os feitos de Jorge de Albuquerque, diz, que a elle aconteceu, entre os alfanges e lanças dos mouros, o que a uma forte e levantada torre, quando combatida de abrasadores raios, que, como alli acham mais resistencia nella causam maior estrago.

Fallecendo seu irmão Duarte de Albuquerque, nessa mesma batalha de Alcacer-kibir, passou a Jorge de Albuquerque a Donataria de Pernambuco, e d'ahi por diante todos os seus governadores foram por elle constituídos, mediante a competente carta de confirmação dos seus titulos, pelo rei de Hespanha, a quem Portugal ficou sujeito.

Jorge de Albuquerque, como afamado cabo de guerra, não sabia somente manejar a espada. Elle tambem foi escriptor, e como tal, a sua habilissima penna produziu

varias obras, que infelizmente não viram a luz da publicidade; porem o abba de Barbosa Machado as enumera na sua *Bibliotheca Lusitana*, e diz que existiam na livreria do Marquez de Valença; são ellas as seguintes:

Falla que fez aos governadores e defensores destes reinos de Portugal aos 19 de Julho de 1580, e assim aos procuradores dos povos que estavam juntos em Setubal para começarem a fazer côrtes.

Dita em o dia que veio a nova que o campo e exercito de El-Rei Felipe de Castella entrava por este reino de Portugal, sem querer esperar que se julgasse quem era herdeiro destes reinos.

Conselho e parecer que deu a alguns parentes e amigos seus, e aos criados de sua casa.

Reconciliação, protestação e supplicação feita a Nosso Senhor Jesus Christo, e a Virgem Maria Nossa Senhora, em o dia dos trez reis magos, era de 1558 annos, na Sé desta cidade de Lisbôa na capella do SS. Sacramento o dia em que o recebeu.

Como vemos pelas duas primeiras destas obras, Jorge de Albuquerque era orador, e tomou parte na luta que alguns principes portuguezes sustentaram sobre a successão ao throno, depois da morte do cardeal rei D. Henrique, e ainda mais, que nessa época (1580) já se achava livre em Portugal do seu captiveiro de Marrocos.

Jorge de Albuquerque casou duas vezes; a primeira em 1583 com D. Maria de Menezes, sua prima, filha de D. Pedro da Cunha e D. Anna de Menezes, de quem teve uma filha, e passou a segundas nupcias em 1587, com D. Anna de Menezes filha de D. Alvaro Coutinho. Deste consorcio nasceram: D. Brites de Albuquerque, Marquez de Bastos, Conde e senhor de Albuquerque, gentil-homem da camara de Felipe IV de Hespanha, e do seu conselho, quarto donatario de Pernambuco, Mathias de Albuquerque, que nasceu em Olinda, e Paulo de Albuquerque Coelho.

Passando a herança da capitania de Pernambuco a Jorge de Albuquerque, elle independente de governar por seus agentes, e fóra d'aqui, della não se esquecia, pois ella era a sua patria, a terra que lhe déra o berço.

Por suas instancias e intervenção, fundaram-se os conventos de S. Francisco de Olinda, para o que fez grandes doações, o do Carmo da mesma cidade, o de S. Francisco da villa de Iguarassú, e o de S. Bento de Olinda, doando-

lhe o terreno necessario, e alguns bens, e quando governou esta capitania por parte de seu irmão, fundaram os padres Jesuitas o seu collegio de Olinda.

Jorge de Albuquerque introduziu o theatro em Pernambuco, e inaugurou-o, levando-se a scena em Olinda, em 1575, *O Rico Avarento e o Lasaro Pobre*, cujo effeito muito produziu.

Por esse tempo Olinda contava cerca de 700 casas de pedra e cal, varios edificios publicos, principalmente templos e conventos, primando pela magnificencia da sua construcção o Collegio dos Jesuitas, onde havia aula de bellas letras e de humanidades. O Recife já começava a ser regularmente povoado, a capitania contava mais de 20 engenhos, Iguarassú, S. Lourenço e Nazareth, haviam attingido a um estado de muita prosperidade, e contavam-se já estabelecimentos mais ou menos consideraveis desde Olinda até o Rio S. Francisco. Progredia a agricultura, desenvolvia-se o commercio, e Pernambuco caminhava na senda do progresso e da prosperidade.

Tal era pois, o estado a que havia chegado a capitania no tempo do governo do seu terceiro donatario, notando-se apenas um revez, que foi a ephemera occupação do Recife por Jayme Lancaster e João Venner, em 1595.

A época do fallecimento de Jorge de Albuquerque, não é assignalada por nenhum dos escriptores ou chronistas portuguezes que trataram de sua vida; mas cremos que elle morreu em 1596, pois neste anno nomeou para governador desta capitania a Manoel Mascarenhas Homem, e no anno seguinte o governador geral do Brazil lhe ordenou que entregasse a administração da capitania ao bispo D. Antonio Barreiros que então se achava em Olinda, e ao vereador mais velho da Camara do Senado da mesma cidade, afim de seguir para a conquista do Rio Grande do Norte, de cuja expedição o havia encarregado e nomeado commandante por ordem de El-Rei D. Felipe II. Vemos, pois, o governador n'um anno constituido por Jorge de Albuquerque, unica e competente autoridade para isso, e no anno seguinte esse mesmo governador retirado, e substituido por outros, não por ordem d'elle, mas pelo governador geral do Brazil, e por ordem real; á vista do que, parece-nos justificada a época de 1596 que demos do seu fallecimento.

Depois da campanha da Africa, Jorge de Albuquerque apenas veio uma vez a Pernambuco, e fixando-se em Lisboa, ahi, sem duvida, teve lugar a sua morte.

Guerreiro illustre, soldado coberto de cicatrizes, visíveis attestados do seu valor e heroismo na America e na Africa, elle foi bem mal remunerado; e ainda hoje devem existir as petições que dirigio a El-Rei Felippe, o prudente, sobre o despacho dos seus serviços, as quaes eram mui extensas, e se conservavam todas colleccionadas em um volume in folio, na livraria do Marquez de Valença, em Portugal, cujas peças trariam muita luz a historia da sua vida, e quiçá a historia do Brazil, se fosse possível obtel-as. « Jorge de Albuquerque Coelho, diz o Sr. Conselheiro Pereira da Silva, morreu general reformado do exercito portuguez, guerreiro coberto de cicatrizes e de gloria, e litterato conceituado pela sua erudição e pelos seus talentos. »

José Antonio de Figueiredo. Nasceu na villa do Cabo a 15 de Dezembro de 1823, e foram seus paes Antonio José de Figueiredo e D. Rosa Maria da Conceição Figueiredo.

José Antonio de Figueiredo começou os seus estudos preparatorios na cidade do Recife, e revelando logo o elevado talento de que era dotado conseguiu optimos resultados; matriculou-se na Academia Juridica de Olinda, e depois de um brilhante tirocinio de 5 annos, recebeu a 22 de Outubro de 1845 o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Ainda no 5.º anno da Faculdade Figueiredo apresentou-se em concurso ao preenchimento de uma vaga das cadeiras de philosophia e geometria do Collegio das Artes, foi approvedo plenamente, regeu por algum tempo interinamente uma dellas, mas a nomeação recahiu sobre um outro pretendente. Dedicou-se primeiramente a profissão de advogado; foi nomeado official de gabinete da presidencia por portaria de 14 de Abril de 1847, mas pouco tempo depois pediu a sua exoneração, e foi então nomeado promotor da comarca de Páo d'Alho, cargo que não aceitou.

Em 1849 tomou assento na Assembléa Provincial, na qualidade de supplente, e foi tão heroica e grandiosa a attitudé que manteve, elle só e Mendes da Cunha, em luta constante com a maioria conservadora, ainda exaltada dos seus triumphos sobre os infelizes liberaes que haviam ousado erguer o grito da revolta, que, ás glorias e os louros collidos na tribuna da Assembléa, conquistou amigos, sympathias e geral consideração. « Moço, sem compromissos politicos, sem fortuna, dotado de talento, quando podia

ambicionar um brilhante futuro alistando-se nas phalanges de Cezar, preferiu a melicia pompeana, já destrocada e vencida. » E ao mesmo tempo que defendia a causa liberal na Assembléa, elle escreveu para o *Diario Novo* até que foi interrompida a sua publicação por ordem da presidencia ; e passou então o *Macabeu* com outros compa-
nheiros.

Por este tempo abriu banca de advogado, depois foi agricultor e trabalhou no engenho S. Paulo, exerceu por algum tempo a regencia da cadeira de philosophia do Seminario Episcopal, foi presidente da Sociedade Liberal Pernambucana, e nomeado lente substituto da Faculdade de Direito por Decreto de 26 de Abril de 1855, cuja nomeação deu-lhe jus ao titulo de doutor, entrou no exercicio de sua cadeira a 23 de Junho do mesmo anno.

Eleito deputado a Assembléa Geral pela provincia do Ceará, teve assento na legislatura que comprehendeu os annos de 1864 a 1866, e fez a sua estréa parlamentar n'uma das primeiras sessões, pronunciando um brilhante discurso sobre as eleições desta provincia. Occupou ainda a tribuna fallando sobre varios assumptos, e em 1865, na sessão de 26 de Maio, fallou acerca da falla do throno, na de 5 de Julho justificou um projecto que apresentou sobre a creação de asylos ruraes de orphãos, expostos e meninos desvalidos ; em 1866, em sessão de 19 de Junho fallou sobre as estradas de ferro desta provincia, na de 23 de Julho sobre *ex-informata conscientia*, fallando ainda nas sessões seguinte sobre o mesmo assumpto, e finalmente nas sessões de 22 e 29 de Agosto sobre a navegação de cabotagem, e assim cumpriu o seu mandato parlamentar muito digna e honrosamente.

Se o Dr. José Antonio de Figueiredo conquistou na camara dos deputados os fóros de parlamentar distincto pela attitude brilhante e honrosa que manteve, não menos se distinguio como lente, como publicista e como advogado. Como lente, foi um dos ornamentos da Faculdade de Direito, gosava de grande conceito pela sua elevada illustração e talento, e de grande estima pelas suas qualidades pessoas ; como publicista, os seus numerosos artigos nas columnas do *Diario Novo*, *Macabeu*, *Atheneu Pernambucano*, *Opinião Nacional*, *Diario de Pernambuco*, *Americano* e *Provincia*, o seu escripto sobre a eleição directa, a sua memoria academica relativa ao anno de 1855, os seus discursos parlamentares e na Assembléa Provincial, e ou-

tros trabalhos quer scientificos quer politicos, são attestados muito eloquentes do seu merecimento; como advogado em fim, elle foi um dos mais distinctos do fôro do Recife.

Lente da Faculdade, o Dr. Figueiredo regeu as cadeiras de Direito Natural e Direito Romano e a de Direito Publico e e Constitucional, e nomeado lente cathedratico por Decreto de 4 de Setembro de 1858, a 13 de Outubro tomou posse da sua cadeira de Direito Natural e de Direito Publico. Condecorado em 1874 com a commenda da Rosa por seus serviços e antiguidade no magisterio, os seus discipulos apressaram-se em offerecer-lhe a respectiva venera, mas elle agradeceu-lhes reconhecidamente, dizendo que não aceitava a condecoração que o governo lhe conferira.

O Dr. José Antonio de Figueiredo falleceu a 18 de Abril de 1876. O partido liberal de Pernambuco, que o tinha como vice-presidente de seu directorio, a imprensa, e os seus amigos e discipulos, pagaram o merecido tributo ao talento ao merito, a probidade e aos serviços do illustre morto, de uma maneira honrosa e condigna, e no seu funeral celebrado no 30.º dia do seu fallecimento, coube entre outros, fallar o Dr. Aprigio Guimarães, o qual em desenvolvimento e eloquentissimo discurso, consagrou-lhe estas palavras :

« O Dr. José Antonio de Figueiredo foi ao mesmo tempo um homem da sciencia e um homem da politica. Que duas tarefas esmagadoras, quando se é homem de bem, quando se professa a religião das proprias convicções !

« O homem da sciencia foi-se todo no tumulto: nem uma monographia, nem uma prelecção impressa: apenas os echos de sua voz poderosa e convencida, que hão de ser sempre repetidos pelas centenas de discipulos dos seus 20 annos de magisterio.

« Para que mais ? (Dizia-me elle meio sarcastico, e meio indignado, naquellas oscillações nervosas que lhe eram habituaes.) Para que mais ? Não fazem caso de nós...

« Aquelle talento vigoroso, aquelle coração de homem de bem, como que sceptico, parece que sempre tinha pressa de acabar...

« Mestre, estudava hoje, aguçava as potencias do seu talento, dizia brilhantemente amanhã, e no dia seguinte não lhe acharieis, nem ao menos, uma nota marginal no compendio...

« Legislador (elle dizia-me), apertavam-n'o os amigos em nome de tristes e enganadoras conveniencias politicas, e elle nunca chegou ao meio do seu caminho...

« Jornalista (eu tive'a honra de contal-o por meu collaborador), jornalista, elle atirava a barra muito longe, e de repente estacava.

« Era um defeito do espirito, era falta de coragem? — Não, que pela sua coragem falla muito alto a sua entrada na vida publica, quando fez-se, elle só, entre os phariseus da Assembléa Provincial de Pernambuco, um baluarte dos infelizes liberaes pernambucanos, trucidados a ferro bruto nas ruas do Recife, votados friamente a um calculado extermínio!

« Era, sim, severidade catonica: se envelhece, elle acabaria com a ardente cabeça involta na fria toga da indifferença, como o gigantesco e mallogrado general Abreu e Lima... Era, devo dizel-o, um desespero pelos publicos negocios do paiz, desespero que elle mal disfarçava nos intermitentes e arrojados tentamens de sua propaganda...

« O Dr. J. A. de Figueiredo protestou sempre, com a sua resistencia activa ou passiva, quér como professor, quér como politico.

« Professor, deixou o campo aberto aos escrevinhadores da côrte, que se baptisam no Instituto, que merca-dejam com cartilhas e compendios improvisados, fazendo monopolio de pontos, programmas e livros, firmando um cortezanismo scientifico e litterario, e segundo o material e o moral das pobres provincias.

« Sempre de lança em riste contra a centralisação, o Dr. Figueiredo, quando quebrava o silencio, dava tremendos botes... Que pena, que o gigantesco Achilles se recolhesse asinha a sua tenda!

« Mas, a sua resistencia, quasi toda passiva, foi um serviço immenso do mestre e do cidadão...

« Cidadão, mestre, homem particular, sempre um vulto credor da nossa agradecida admiração!

« O homem era digno e chão: o mestre era altiloquo e modesto: o cidadão era inflexivel com a idéia e ameno com o proximo!

« Foi um raro mixto de harmoniosas contradicções: cordeiro na apparencia e leão no arrojo, expansivo no riso e imponente no tonitruante do verbo, aqui modesto como uma donzella e alli altivo como um athleta na arena...

« Foi uma não de nobres dedicações ideaes encalhada n'um recife de materialistas e indifferenças: forcejou, fez agua, foi a pique...

José de Barros Falcão de Lacerda. Nasceu na freguezia da Boa-Vista, do Recife, a 23 de Dezembro de 1775, e foram seus paes o tenente José de Barros Falcão de Lacerda Cavalcanti de Albuquerque, natural de Goyanna, e juiz almotacel dessa mesma villa, e sua mulher D. Ursula Maria de Abreu e Lima.

Assentando praça de soldado voluntario no extincto regimento de infantaria do Recife, em 22 de Fevereiro de 1788, passou a anspeçada em Dezembro desse mesmo anno, foi reconhecido cadete em 18 de Abril de 1792, passou a alferes em 13 de Maio de 1797, a tenente de granadeiros em 9 de Novembro de 1799 e a capitão em 13 de Maio de 1808.

Seguindo com um destacamento para a ilha de Fernando de Noronha, em Agosto de 1797, José de Barros prestou immenso serviço, conseguindo apasiguar a tropa e presidiarios levantados contra o respectivo commandante, por falta de pagamento de seus vencimentos e prender os cabeças da revolta, serviço este que espontanea e corajosamente prestou, quando a ilha se achava em um completo estado de desordem e anarchia, e entregue ao furor dos amotinados, pois o dito commandante e outros officiaes se tinham encerrado em seus quarteis, donde não ousavam sahir pelo terror de que se achavam possuidos. Regressando de Fernando em 1799, coube-lhe seguir de novo para o mesmo presidio na qualidade de commandante, para onde embarcou em Janeiro de 1811, e terminando a sua commissão no anno seguinte regressou para o Recife.

Em 1815, quando constou ao governador Caetano Pinto os preparativos para uma revolta ou insurreição de escravos em toda a capitania, José de Barros partiu por sua ordem para as Alagôas com uma companhia do seu regimento, pois dizia-se ser aquella comarca o centro da revolta. José de Barros seguiu em Agosto para as Alagôas, e a sua presença foi bastante para conter todo o plano assentado, conservar em socego a comarca, e fazer desaparecer os atterradores boatos que corriam.

Em 1817, já elevado a patente de capitão, e condecorado com o habito da Ordem de Aviz, José de Barros tomou parte na revolução de 6 de Março, a qual *sustentou com mão forte, unindo-se briosamente ao regimento de artilharia, e*

trabalhando em commun com os demais chefes até o embarque do governador Cnetano Pinto. José de Barros que, segundo o padre Dias Martins, fôra um dos grandes adeptos dos principios democraticos, socio effectivo das academias do Cabo e Paraizo, e de tantas prendas e talentos, foi então promovido ao posto de major, e incumbido pelo governo provisorio de partir para a ilha de Fernando, á trazer toda a guarnição, armamento e munições de guerra que alli encontrasse.

Cumprindo-a sua missão, e não podendo entrar em Pernambuco por achar o porto bloqueado pela esquadra da Bahia, voltou para a Parahyba e foi desembarcar na Bahia da Traição; mas, rompendo naquella provincia a contra-revolução, José de Barros foi preso, remettido para Pernambuco, e daqui seguiu para a Bahia, onde gemeu por 4 annos, exposto a todas as privações e rigores, até que em 1821 conseguiu a sua liberdade.

José de Barros Falcão e o vigario Cavalcante Lins, refere o padre Martins, foram dos primeiros presos que saltaram em Pernambuco; é-nos impossivel descrever o alvoroço geral do povo com que foram recebidos: o mesmo general Luiz do Rego, já bracejando com a liberdade, chegou á estremecer! O destemido José de Barros começou a desafogar francamente as chammas da liberdade que lhe incendiaram o peito, e querendo ensaiar a opinião, declarou-se chefe da guerra ecclesiastica entre os dous vigarios da freguezia do SS. SS. de Santo Antonio, e conseguiu, que triumphasse o seu collega e amigo o padre Cavalcanti Lins, contra o intruso realista, vigario Ignacio Patriarcha.

Preso novamente em Julho de 1821, como suspeito na conjuração contra Luiz do Rego, José de Barros seguiu para Lisbôa, porém sendo solto por deliberação das côrtes constituintes, voltou immediatamente para Pernambuco, onde logo que chegou foi nomeado, a 20 de Janeiro de 1822, commandante da policia do bairro de Santo Antonio, passando depois a commandante geral da policia de toda a provincia, por nomeação de 16 de Agosto do mesmo anno.

Nessa epocha, José de Barros prestou immensos serviços á causa da integridade do Brazil, oppondo-se com todas as forças a separação desta provincia da do Rio de Janeiro, para o que seriamente se trabalhava, concorrendo e promovendo até com escriptos seus que circularam impressos, a união de Pernambuco com a còrte do Rio de Janeiro.

Nesse mesmo anno de 1822, José de Barros marchou para as Alagôas commandando um batalhão, afim de defendel-a de qualquer invasão hostil pela Bahia, ainda em poder das tropas portuguezas. Requisitadas as suas forças pelo general Labatut em operação contra os portuguezes, José de Barros seguiu para a Bahia poucos dias depois, no dia 2 de Novembro chegou ao quartel-general do Engenho Novo, no dia seguinte foi nomeado commandante da brigada da direita, composta de algumas tropas da Bahia que guarneciam o ponto de Pirajá, e das que tinha conduzido de Pernambuco, e no dia immediato tomou posse do seu novo commando.

Atacado no dia 8, quando ainda descansava das fadigas de uma viagem de 240 legoas, e tratava da organização e disciplina da sua brigada, José de Barros não esmoreceu ante o numero superior das aguerridas tropas que o atacaram, lançou-se intrepido no combate, bateu-se briosamente, e dirigiu a acção com tanto acerto e heroismo, que o inimigo foi batido completamente; e este memoravel e extraordinario feito, que cobriu de eterna gloria os bravos pernambucanos em Pirajá, decidiu no mesmo campo dos futuros destinos deste vasto imperio, salvou a Bahia do dominio portuguez, e assegurou ao Brazil o complemento da sua independencia e integridade.

Em consequencia da gloriosa victoria alcançada naquella dia contra as melhores tropas portuguezas sob o commando do general Madeira, diz o general Abreu e Lima, victoria devida as tropas de Pernambuco e ao seu illustre commandante, como asseverou em ordem do dia o general Labatut, foi o major José de Barros feito tenente-coronel no campo de batalha pelo referido general, para isso autorisado pelo Imperador do Brazil. O feliz combate de Pirajá, arrojando os portuguezes para dentro do recinto da cidade, foi apenas o preludio de outras victorias, com que se cobriu de gloria a expedição de Pernambuco e seu illustre chefe o tenente-coronel José de Barros, nos dias 3 e 29 de Dezembro de 1822, e 15 de Fevereiro de 1823, indo procurar o inimigo em seus proprios entrincheiramentos.

O general Labatut, dirigindo-se agradecidamente ao governo de Pernambuco sobre os serviços e bravura das suas tropas, diz o seguinte em officio de 16 de Dezembro de 1822: «por quanto já experimentaram o valor dos pernambucanos no dia 8 de Novembro, no qual os lusitanos deixaram no campo mais de 200 mortos, e os seus hospi-

taes cheios de feridos; e fallando com ingenuidade, o feliz successo deste dia, deve-se quasi exclusivamente aos heroicos filhos do ameno Pernambuco. Elles soffreram com apurada paciencia as operações que lhes fizeram os professores de saude, e beijavam as suas feridas... Tal é a justa reacção de um povo, que tanto soffreu da tyrannia lusitana! O triumpho do dia 3^{do} corrente, é devido tambem aos filhos de Olinda. Eu poderia dizer, como disse Pyrrro vendo e bravura dos romanos, ainda depois de mortos: *com taes soldados eu seria vencedor de todo o mundo.*»

Não foi só como soldado que se distinguio o tenente-coronel José de Barros, diz o general Abreu e Lima, mas tambem como cidadão, amparando e protegendo as familias que procuravam o seu campo, acossadas de fome e de miseria, e para quem a sua bolsa e os seus minguados recursos estavam sempre á disposição, e ainda mais depois de entrar na cidade, onde a sua intervenção salvou por mais de uma vez o commercio do furor popular, grangeando por sua docilidade e lhaneza immenso prestigio entre o povo. Assim foi que o nome do tenente-coronel José de Barros ficou sendo classico na Bahia por mais de um principio depois da guerra da Independencia. Em virtude da prisão do general Labatu, a cujo acto de indisciplina elle sempre se recusou, ficou o tenente-coronel José de Barros mandando o exercito como adjunto do coronel José Joaquim de Lima e Silva.

Promovido a coronel, condecorado com o officialato da Ordem do Cruzeiro, e nomeado commandante das armas de Pernambuco, por Decreto de 12 de Outubro de 1823, José de Barros partiu para esta provincia com as tropas do seu commando, entrou em exercicio a 13 de Dezembro do mesmo anno, e começou a dirigir as funcções do seu elevado cargo *com geral applauso dos seus concidadãos.*

No anno seguinte de 1824, adherindo a causa separatista da Confederação do Equador, José de Barros representou importante papel, e foi um dos vultos mais salientes desse movimento liberal. Terminada a luta pelo triumpho das armas imperiaes, José de Barros teve de abandonar esta provincia, pela qual elle acabava de sacrificar todo o seu futuro, o seu elevado posto, os seus immensos serviços, a sua fortuna, e até a sua propria familia. Emigrando para os Estados-Unidos, mesmo assim elle foi alvo das maiores perseguições e calumnias, e condemnado á morte;

e regressando em 1829, e vivendo occultamente para escapar da furia dos seus inimigss, pôde enfim apparecer livremente em 1831, quando foi annistiado.

José de Barros que deixára então de ser perseguido, teve de lutar d'ahi por diante com o indifferentismo, injustiças e ingratidão; e desgostoso, desilludido de todas as suas esperanças e aspirações, elle preferiu antes a sua reforma do que passar pela humilhação de se ver preterido até por aquelles mesmos contra quem combatera nas trincheiras da Bahia, e reformado no mesmo posto de coronel, que havia conquistado pelo seu heroismo nos campos da batalha, quando lhe competia o de brigadeiro, deixou as fileiras do exercito, a que tanto soubera honrar e respeitar.

Mesmo assim, José de Barros continuou á prestar os seus serviços ao paiz; em 1831, por occasião da *Setembrizada*, foi incumbido pela presidencia da direcção de um grupo de cidadãos á bater os revoltosos; em 1842 foi nomeado administrador fiscal das obras publicas, e depois promovido ao de inspector, cargo que exerceu até 1850, desempenhando ainda entre outros os de vereador da Camara Municipal do Recife, cuja presidencia lhe coube dirigir interinamente, de provedor da saude do porto e o de presidente dos estabelecimentos de caridade.

Coronel reformado do estado-maior do exercito, official da Imperial Ordem do Cruzeiro, cavalheiro da de S. Bento de Aviz, e condecorado com a medalha de distincção da campanha da Bahia, José de Barros Falcão de Lacerda falleceu aos 77 annos de idade, no dia 22 de Julho de 1851. A' simples exposição da sua vida, feitos e serviços nada nos parece licito accrescentar, porque elles por si sós, eloquentemente traduzem todo o seu merecimento, toda a sua grandeza, heroismo, serviços e dedicação á causa da patria, da liberdade e da independencia do seu paiz.

José de Barros Lima. Nasceu em meados do seculo passado. Seguindo a carreira das armas, em 11 de Abril de 1783 foi despachado alferes porta-bandeira do regimento de linha do Recife, e posteriormente dando baixa do serviço militar, foi nomeado director da aldeia de indios do Limoeiro, por portaria do governador D. Thomaz José de Mello, de 10 de Dezembro de 1794, em cujo cargo se conservou até Outubro de 1796.

Barros Lima entrou de novo no serviço do exercito, conservando a sua patente de alferes, e requerendo ao go-

verno da metropole a sua elevação ao posto de tenente, e informando a junta do governo provisório desta capitania o seu requerimento em officio de 23 de Junho de 1800, diz ser elle, *um official de boa conducta, e que sempre foi prompto nas obrigações do real serviço, em que se empregou com honra e satisfação dos seus officiaes, o que também faz certo pelas attestações que ajunta, nas quaes mostra ter sido alumno da aula de geometria e que fez exame publico de arithmetica, trigonometria, algebra e fortificações, frequentando além disso a aula repentina regida pelo lente da academia de marinha Manoel Jacintho Nogueira da Gama;* e fazendo de novo valer a procedencia da sua pretensão, a mesma junta informou ainda em 27 de Setembro do mesmo anno, dizendo que elle *pela sua boa conducta e merecimento, era digno da graça que solicitava.*

Nada obtendo, apesar do seu merecimento, serviços e honrosos attestados dos seus superiores, como pelos seus conhecimentos relativos a arte militar, elle partiu para Portugal, e matriculou-se em Lisbôa no curso de mathematicas, obtendo então entrar no regimento de artilharia que se acabava de organizar em Pernambuco, sendo despachado 2.º tenente por patente regia de 8 de Setembro de 1801: foi promovido a 1.º tenente por patente de 9 de Novembro de 1808 e a capitão por patente de 12 de Abril de 1813.

Em 1815 já Barros Lima possuía como vimos as dragonas de capitão, e aspirando á posto superior, o governador Caetano Pinto informou a sua pretensão, dizendo, que, *«era um official muito digno, e que, conformando-se com a informação do chefe do seu regimento, julgava estar nas circumstancias de ser graduado no posto de sargento-mór, como o mesmo chefe lembrava na sua proposta.»*

O mesmo governador remettendo para a corte em officio de 4 de Abril de 1816 o plano da nova organização do exercito, e conjuntamente um requerimento de Barros Lima pedindo accesso de posto, diz ainda: *o capitão José de Barros Lima é digno da Real contemplação de Sua Alteza, pela sua boa conducta civil e militar e pelos seus conhecimentos; accrescendo mais, ser presentemente substituto da aula do seu regimento, sem gratificação alguma.*

Nesse mesmo anno, por Patente Regia de 31 de Agosto, foi o capitão Barros Lima nomeado commandante da companhia de cavallos, annexa ao mesmo regimento.

Vamos agora entrar na ultima, mas ephemera e gloriosa phase da vida do illustre capitão José de Barros Lima,

phase em que se immortalisou nos annaes da historia das lutas em prol da independencia e liberdades patrias, a revolução emancipadôra de 1817.

Barros Lima, já pelos seus variados conhecimentos, como pelo seu espirito patriotico e liberal, foi um dos conspiradores, e um dos mais ardentes apostolos da causa emancipadora da patria. Intrepido, bravo até á temeridade, valente e destemido, Barros Lima, o *Leão Coroado*, alcuinha que a sua affoutesa nos perigos lhe havia bem merecido, foi um dos conspiradores contra o estado, e como tal ordenada a sua prisão, sendo della encarregado o commandante do seu regimento brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro.

Effectuada a prisão de Domingos Theotonio, em conselho de officiaes, convocado pelo mesmo brigadeiro, dirigiu-se elle a Barros Lima, e dá-lhe tambem ordem de prisão. Exaltado porém, indignado com a reprehensão geral, ferido nos seus brios pelos qualificativos de infamia e traição, o seu commandante designára os brasileiros, Barros Lima com que levanta-se, e lhe pergunta audazmente a causa do seu castigo. O brigadeiro exproba-lhe a insurreição, e começava a atirar-lhe as mais afrontosas injurias, quando Barros Lima arranca da espada, ergue-se com a velocidade do raio, e lh'a embebe no peito pronunciando estas palavras: *pois morre infame*.

Assim rompia prematuramente a revolução a 6 de Março de 1817, assim o capitão José de Barros Lima lavava com sangue a afronta atirada aos brios e a honra pernambucana. Morto o brigadeiro banhado em seu proprio sangue, Barros Lima manda immediatamente tocar a rebate, solta e arma os soldados presos no calabouço, e expede o capitão Pedroso contra o general, e fica no quartel reunindo os conjurados, que a proporção que iam chegando, beijavam a ensanguentada espada, como um juramento inviolavel de vencer ou morrer pela patria.

Sabida a fuga do governador, e á liberdade daquelles patriotas cujas prisões já haviam sido effectuadas, Barros Lima marchou com a sua tropa á reunir-se com as outras, e seguiu então para o campo do Erario, cuja capitulação se effectuou á tarde desse mesmo dia. No seguinte, 7 de Março, Barros Lima segue incorporado ao exercito, e marcha em direcção á fortaleza do Brum, onde o general se havia fortificado, e capitulando elle, e evacuada a fortaleza, desarmada a tropa, e substituida pela dos patriotas, Barros

Lima ficou no commando dessa importante fortificação; e reorganizado o exercito, e convertido os dous antigos regimentos de artilharia e infantaria em dous batalhões da primeira arma, Barros Lima foi elevado ao posto de coronel commandante do primeiro, por decreto do governo provisório de 26 de Março.

Em todos os actos, em todos os movimentos do ephemero imperio da liberdade, Barros Lima representou um papel superior, e ostentou-se um dos patriotas mais illustres e distinctos. Não lhe permitindo a segurança da patria sahir do Recife, pela confiança que inspirava e pela direcção que lhe coube da guarnição da praça, elle não teve occasião de bater-se nos campos da batalha, em que heroica e briosamente se disputou a honra e a liberdade da patria; mas prestou innumerous serviços, e só deixou o seu posto na ultima extremidade, quando o Recife ia ser presa das tropas reaes que já lhe batiam ás portas, e quando nenhuma negociação admittiu o commandante do bloqueio, em frente do porto.

Barros Lima seguiu então a sorte dos seus infelizes companheiros, e na ultima contenda abandonou o Recife, e marchou encorporado ao exercito para o engenho Paulista, ao Norte da provincia, e ahi acampou. A' deserção dos soldados á approximação das tropas reaes, quando se viram baldos de recursos, sem armas e munições, restando apenas 60 artilheiros, foi resolvido o abandono do campo, e cada qual seguiu caminho diverso.

Descoberto por traição, depois de errar por algum tempo pelas mattas, soffrendo todas as privações, faminto e sem recursos, Barros Lima foi preso, remettido para o Recife, e a 6 de Julho recolhido em segredo na cadeia, e dous dias depois condemnado a morte pela commissão militar, «*por ser o motor, e dar principio ao desenvolvimento da rebellião.*»

No dia 10 de Julho de 1817, foi elle executado, pagou na forza o crime de tentar libertar a sua patria do jugo que a opprimia; e cortadas as sua cabeça e mãos, estas foram pregadas no quartel, e aquella fincada em um poste na cidade de Olinda; e o seu cadaver atado á cauda de um cavallo, foi arrastado ao cemiterio, e sepultado.

Assim terminou a vida o illustre patriota José de Barros Lima, o *Leão Coroado*, martyr pelo patriotismo, victima da tyrannia, mas sagrado heróe pela patria, cujo nome glorioso, honra e exalta.

José Camello Pessôa de Mello. Filho do capitão-mór Francisco Camello Pessôa e D. Anna Maria do O'e Mello, nasceu no seculo passado. Foi militar e serviu no regimento de linha da praça do Recife até 1814, quando deu baixa do serviço do exercito, occupando já o posto de tenente; e nesse mesmo anno, por Patente Real de 15 de Outubro foi nomeado sargento-mór do regimento de cavallaria auxiliar da villa de Goyanna.

Quando rompeu a revolução democratica de 1817, o sargento-mór José Camello abraçou-a com ardor e enthusiasmo, e na attitude que manteve revellou-se homem illustrado e de idéas adiantadas. Tomando a si a adhesão da villa de Goyanna ao pronunciamento do Recife, teve de travar luta com o commandante do seu regimento e com o juiz de fóra da villa, porem triumphou a sua causa, a liberdade foi proclamada, o governo provisorio reconhecido, e o novo estandarte da patria livre tremulou por toda a parte.

Quando a sorte das armas, e mais que tudo, as circumstancias em que se achavam os patriotas pelo antecipado rompimento, trouxeram-nos os revezes da adversidade, José Camello consegue reunir parte do seu regimento, junta-lhe a companhia do valente Henrique Poppe Girão, e tomando o commando dessa força marcha para a campanha e vae reunir-se ao exercito do general José Mariano de Albuquerque Cavalcante, contra os rebeldes de Páu d'Alho. Mas as desgraças da patria, a retirada do governo da capital do Recife, e os infortunios que pesaram sobre esta provincia, apagaram-lhe as glorias do seu triumpho, elle resignou-se e recolheu-se ao seu domicilio de Goyanna.

Cahindo em mãos dos seus inimigos, preso e remetido á alçada do Recife, foi pagar o crime da sua rebeldia nos cárceres da cadeia da Bahia, onde gemeu por 4 annos, até que, em 1821, restituiram-lhe a suspirada liberdade. Regressando á Pernambuco, e achando-o sob a pressão do governo despotico do general Luiz do Rego, José Camello uniu-se logo á briosa phalange que tramou e conseguiu livrar a sua patria do jugo ferreo que a opprimia.

Frustrada a tentativa contra a vida de Luiz do Rego, este protestou vingar-se com o geral exterminio dos presos de 1817 que voltavam da Bahia, attribuindo-lhes esse attentado. Elles, porem, refugiam-se em Goyanna, reúnem o povo e cream um governo temporario que velasse pela

salvação do paiz, e o livrasse do despotico governo de Luiz do Rego. Organizando-se simultanea e repentinamente um exercito de milicianos e paisanos, e o illustre José Camello investido do cargo de general em chefe, poz-se logo em movimento, e apesar do numeroso cortejo de tropas com que se achava guarnecido Iguarassú, Olinda e outros pontos, avançou intrepido sobre o Recife.

Quando chegou a Iguarassú, e achou esta villa fortificada e guarnecida por dous batalhões de caçadores, o bravo patriota não esmoreceu. Penetra elle só nas linhas avançadas, proclama aos soldados, os quaes selhe reúnem e fasem causa commum com as suas tropas, e marcham todos sobre a cidade de Olinda.

Fazendo alto a duas leguas de distancia, José Camello reúne então os officiaes em conselho, e decidiu o simulacro de um ataque sobre a povoação de Afogados, enquanto se marchava á tomada de Olinda, estabelecendo-se o quartel general como ponto de apoio na povoação de Beberibe, onde tambem ficaram os membros do governo provisorio.

No dia 21 de Setembro de 1821, foi a cidade de Olinda atacada pelas sete horas da manhã, dirigindo a acção o intrepido general José Camello Pessoa de Mello. Dado o signal do combate, e enquanto em Afogados se entretinha a divisão da Bahia alli estacionada, José Camello dispõe as suas tropas em numero superior a 3000 homens, ataca-a por todos os lados e trava-se renhido combate até a noite, cabendo a victoria as valentes tropas patrioticas, victoria esplendida que decidiu da causa pernambucana, e obrigou a Luiz do Rego acceitar as clausulas humilhantes que lhe foram impostas, as quaes eram : pagar pelo Erario as despesas da guerra e o soldo das tropas, despedir immediatamente as tropas da Bahia, ficar elle no governo do Recife somente enquanto as côrtes não decidissem o contrario, ouvindo os dous procuradores, que por parte de uns e outros partiriam immediatamente para Lisboa.

Firmada a convenção do Beberibe a 6 de Outubro de 1821, e ratificada por Luiz do Rego no dia 9, José Camello ficou guarneecendo Olinda, o theatro das suas façanhas e heroismo, e quando veio a decisão das côrtes e foi eleita a junta do governo provisorio, recebeu della os mais lisongeiros elogios á frente dos seus bravos soldados, e recolheu-se á Goyanna onde teve recepção estrondosa e triumphal. Vieram depois as lutas da independencia, e o velho soldado já glorificado por tantos feitos do mais acrysolado

patriotismo, por tantas acções da mais inexcedivel bravura e heroismo, atira-se de novo na crusada patriotica da liberdade, e vê firmada a sua independencia, e o nome do Brazil traçado no mappa das nações como estado soberano e independente; e após essa phase gloriosa da sua vida, investido do cargo de commandante das armas desta provincia, do qual tomou posse a 2 de Maio de 1823, prestou ainda valiosissimos serviços á causa da ordem publica, ainda alterada pelas commoções politicas por que acabava de passar o Brazil.

O illustre soldado da liberdade, o valente patriota José Camello Pessoa de Mello morreu encanecido pelos annos, e legou a posteridade um nome legendario e memoravel, por seus feitos de patriotismo, por sua bravura e distincção e pelo seu acrysolado amor da patria.

José Correia Picanço, Barão de Goyanna. Nasceu na villa, hoje cidade desse nome, a 10 de Novembro de 1745.

Estudando na villa do Recife os primeiros rudimentos de humanidades, e dedicando-se ao estudo da cirurgia, foi nomeado pelo governador conde de Villa Flor, em 30 de Dezembro de 1766, cirurgião-mór do corpo avulso dos officiaes da ordenança das entradas e reformados, *por concorrer nelle todos os requisitos necessarios, por seu honrado e distincto procedimento, e um dos de melhor nota desta praça*. Correia Picanço dirigiu-se depois para Portugal, frequentou o curso de cirurgia do hospital de S. José de Lisboa, e desejando alargar a esphera dos seus conhecimentos profissionaes, seguiu para a França afim de ouvir as lições dos grandes mestres, foi discipulo dos celebres Dasault e Sabatier, e doutorou-se em medicina na Universidade de Montepellier.

A sua demora em Pariz, e as relações de amisade que contrahiou com o Dr. Sabatier, deram-lhe ingresso no seio da familia deste distincto professor, e se afeiçoando a uma sua filha, pediu-a em casamento, e se alliou á ella. Regressando então para Portugal, mereceu, pelos creditos de que já gosava, não só como habilissimo anatomico, mas tambem como medico notavel, a conferencia do capello de doutor em medicina, offerecido pela Universidade de Coimbra, assim como a nomeação de lente de anatomia e cirurgia da mesma Universidade, em substituição ao professor Cicchi; e coube-lhe a gloria de pôr em pratica, no ensino da

sua cadeira, as novas theorias, aperfeiçoando e desenvolvendo a sciencia medica, e creando ao mesmo tempo na Universidade um amphitheatro anatomico, o primeiro que houve em Portugal.

Nomeado conselheiro, primeiro cirurgião da casa real, e cirurgião-mór do reino, acompanhou em 1807 a familia real ao Brazil. Aportando á Bahia com o principe regente D. João, suggeriu-lhe a idéa da creação de uma escola de cirurgia no Hospital Real, o que aceito pelo principe, foi dirigida uma Ordem Regia ao Conde da Ponte, governador da Bahia, e assignada por D. Fernando de Portugal e Castro, a qual diz que, « o principe regente annuindo á proposta que lhe fez o Dr. Jose Correia Picanço, cirurgião-mór do reino, e do seu conselho, sobre a necessidade que havia d'uma escola de cirurgia no Real Hospital da mesma cidade, para instrucção dos que se destinassem ao exercicio da dita arte, tinha commettido ao dito cirurgião-mór a escolha dos professores que não só ensinassem a cirurgia propriamente dita, como tambem a obstetricia, tão util como necessaria. »

Lente jubilado da Universidade de Coimbra, socio da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, os seus serviços mereceram a graça de uma pensão de 600\$000, por Decreto de 23 de Abril de 1816, e por occasião do nascimento do principe da Beira, teve o titulo de Barão de Goyanna, por Decreto de 26 de Março de 1821, e depois foi elevado as honras de grandeza, por Decreto de 22 de Janeiro de 1823.

O Barão de Goyanna falleceu no Rio de Janeiro aos 10 de Outubro de 1823. Medico distincto e illustrado, elle foi uma das celebridades do seu tempo, conquistou honrosos e elevados titulos pelo seu merecimento e distincção, e deixou o seu nome intimamente ligado á historia, quer da phase progressiva do estudo da medicina em Portugal, como na da sua propagação no Brazil. Homem de talento superior, e de illustração variadissima, acompanha a fama proverbial do seu nome, muitos de seus trabalhos scientificos, entre elles um de muito interesse, que publicou no Rio de Janeiro em 1812, com o titulo: *Ensaio sobre o perigo das sepulturas nas cidades e seus contornos.*

José Correia da Silva. Nasceu no Recife no anno de 1746, e foram seus paes o capitão Francisco da Silva Correia e D. Maria de Abreu e Lima. Antonio da Silva Cor-

reira e D. Agueda Barbosa, foram seus avós paternos; e maternos, o capitão Antonio Teixeira Peixoto e D. Luiza da Veiga Cabral.

Destinado por seus paes á carreira militar, Correia da Silva assentou praça de soldado voluntario aos 14 de Junho de 1760, passou a cabo de esquadra em 3 de Abril de 1763, a furriel a 11 de Junho de 1774, a sargento de granadeiros a 8 de Janeiro de 1776; finalmente quando contava 19 annos de praça e 33 de idade, cingiu a banda de official do exercito, sendo nomeado alferes de granadeiros do regimento de infantaria paga do Recife, por patente do governador José Cesar de Menezes, de 8 de Maio de 1779.

Em 1777 achava-se Correia da Silva em Santa Catharina, para onde havia marchado em 1774 com o regimento de infantaria do Recife, a que pertencia, quando appareceu a esquadra hespanhola; e a sua vista foi tal o terror que se apoderou dos principaes cabos de guerra portuguezes quando viram o inimigo prompto á romper em hostilidades, que o commandante da praça general Antonio Carlos Furtado de Mendonça, a entregou por indigna e vergonhosa capitulação ao general hespanhol D. Pedro Cevallos, a 27 de Fevereiro, apezar de estar a ilha bem provida de gente e munições, e por conseguinte em estado de oppôr seria resistencia aos invasores.

Mas o estandarte real, o simbolo da honra e do patriotismo do regimento do Recife, foi arrojada e heroicamente salvo das mãos dos inimigos. Quando os hespanhoes desembarcaram e marchavam á tomar posse da praça, Correia da Silva corre ao quartel do seu regimento, toma o seu estandarte, cinge-se com elle, passa da ilha ao continente, occulta-se e demora-se por dous dias á espera das consequencias da capitulação, e quando soube que os hespanhoes haviam firmado a conquista da praça, parte a 2 de Março em demanda de Pernambuco, a pé, em longiqua e perigosissima viagem, atravessa os invios sertões de Minas Geraes e S. Paulo, affronta e vence os maiores obstaculos e perigos, e chega finalmente a Pernambuco, e vae depôr nas mãos do governador a glorificada bandeira do seu regimento: e assim cumpria heroica e nobremente o seu dever de soldado, assim salvava a honra e a dignidade do nome e do estandarte portuguez.

Mas o audacioso soldado que assim tão arrojadamente havia sabido manter os brios e as tradições de sua patria, como havia praticado outr'ora João Fernandes Vieira sal-

vando o estandarte portuguez que tremulára nas muralhas do forte de S. Jorge, nenhuma recompensa teve por esse feito de audacia e patriotismo, nem ao menos um simples accesso de posto!

Alferes, como vimos em 1779, foi nomeado quartel mestre do seu regimento por patente do governador José Cezar de Menezes, de 28 de Setembro de 1786, e capitão por patente regia de 29 de Maio de 1793, vencendo o soldo mensal de 19\$700. D. Thomaz José de Mello, na informação que deu ao governo da metropole, em 15 de Dezembro de 1788, da conducta, antiguidade e merecimento dos officiaes do seu regimento, disse o seguinte em observação ás datas de praça e postos de José Correia da Silva: *este official é muito cuidadoso na sua obrigação, serve com honra e virtude.*

Correia da Silva que na vida militar fôra um dos homens de merecimento, e um daquelles que pelos seus serviços e obrigações, era digno de mais significativas distincções, foi uma das victimas do esquecimento, as remunerações e distincções não o alcançaram, e depois de muitos annos de serviço, e de uma dedicação e honestidade a toda a prova, a par de uma intelligencia não vulgar, chegou até ao posto de sargento mór. O governador Jose Cesar de Menezes o elevou a tenente, diz um escripto que temos sob as vistas, e logo depois a tenente ajudante do regimento de granadeiros; e como José Correia se distinguisse por muito intelligente, e escrevesse com lettra admiravel, foi encarregado de organisar os mappas estatisticos, que seguidamente se remetteram para Lisbôa, recommendados não só pela precisão, claresa e importancia, como pelo esmerado trabalho caligraphico.

José Correia da Silva tendo direito pelos annos de praça e serviços prestados, á conferencia do habito da Ordem de Christo, abriu mão desse mesmo direito em favor de seu entiado o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, um dos martyres mais illustres da revolução de 1817; e assim, o unico premio que por lei lhe era destinado, reverteu em favor de seu entiado, o que realça o seu character, e prova evidentemente o seu desinteresse.

Nomeado commandante do Forte do Mar sobre os arrecifes, pelo governador D. Thomaz José de Mello, cuja nomeação foi confirmada por Patente Regia de 29 de Maio de 1793, *«em attenção aos seus serviços, louvavel procedimento, capacidade e préstimo, dando provas de sua intelligencia tanto nas occasiões de guerra, sendo destacado o*

seu regimento para a capital do Rio de Janeiro, como em todas as ordens de que foi encarregado na dita praça»; e em 1787 encarregado da policia da villa e termo do Recife, Correia da Silva prestou tão assignalados serviços a causa da ordem e tranquillidade publicas, que ainda hoje são elles proverbiaes, e relatados com admiração pelas pessoas antigas.

Era enormissima a ultima tarefa, diz o escriptor de uns ligeiros traços sobre a sua vida. Abundavam ladrões e assassinos: as noites eram de cuidados e de apprehensões no Recife e seus proximos bairros: José Correia, que não se recommendou pela estricta legalidade de seus actos policiaes, e que arbitrariamente foi prendendo e soltando, ou mandando para a ilha de Fernando faccinoras conhecidos, e homens suspeitos e de envolta com elles talvez alguns innocentes, procedeu com energia tal, que no fim de um anno de seu absolutismo official, os habitantes do Recife dormiam tranquillamente, e seguros sem mais receio de perturbação de seu somno, e de algum descuido na segurança das portas. José Correia atravessou quatro governos da capitania, dirigindo á contento geral por mais de 20 annos a policia do municipio do Recife. A's vezes arbitrario; mas sempre bem intencionado, foi a amada garantia da vida e da propriedade, e por isso mesmo elemento civilizador proprio e adequado áquella epocha.

José Correia, a quem o povo denominou o—*Onça*, pela energia e actividade que desenvolveu no exercicio desse cargo, e a promptidão com que se achava em todos os conflictos, quando menos o esperavam, constituiu-se um elemento de ordem e confiança, e o terror dos criminosos e vadios a quem não dava treguas. Envolvido em um capote, empunhando uma espada, em cujo jogo era amestrado e insigne, rondava toda a noite, e a confiança era tal, que os moradores em diversas ruas, para refrigerarem a calma do dia, dormiam de portas abertas.

José Correia Onça, como geralmente foi depois conhecido, diz um chronista, era homem de estatura mais que ordinaria, robusto e de uma coragem a toda a prova, e coragem que elle mostrou por mais de uma vez em prender criminosos que ostentavam de valentes.

Depois de uma longa vida publica, já como militar, já como agente policial do Recife, na qual consumiu 50 annos de serviços, cada qual mais valioso e importante, apenas

attingira ao posto de sargento-mór para o qual foi nomeado pór Patente de 11 de Julho de 1808, e morreu em Julho de 1811, contando 65 annos de idade. José Correia da Silva, no horisonte modesto de sua vida se distinguira e se exaltára tanto, na phrase de um escriptor, que tem direito á honorifica menção na historia da patria.

José Gomes da Costa Gadelha. Nasceu na povoação de S. Lourenço de Tejucupapo, e foi baptisado na capella de N. S. do Rosario da mesma povoação, aos 30 de Julho de 1743; o capitão Manoel da Costa Gadelha e D. Manoela Isabel de Barros Pacheco, foram seus paes, seus avós paternos o coronel Jorge da Costa Gadelha e D. Mariana Teixeira da Silveira, e maternos o capitão-mór Antonio Gomes Pacheco e D. Maria Coelho de Roboredo, todos naturaes de Pernambuco.

Gadelha dedicou-se á vida ecclesiastica, fez os seus estudos em Olinda, e habilitado para ordens sacras, em 1768, foi ordenado presbytero pelo bispo diocesano D. Francisco Xavier Aranha. Dotado de talento não vulgar, espirito illustrado pelo mais acurado estudo, poeta distincto, de imaginação viva, e genio perspicaz e indagador, o Padre Gadelha emprehendeu uma viagem pelos nossos sertões, como declara em uma de suas poesias; e depois, com o fim de cultivar ainda mais o seu espirito visitando outras plagas, e vêr, na phrase de Camões

Varias gentes, e leis, e varias manhas,

embarcou de capellão de um navio mercante, visitou diversos paizes, e assim conseguiu o seu intento.

Em suas viagens compôz o Padre Gadelha dous poemas joco-serios: *A marujada, ou vida maritima*, composto de 127 quintilhas, e *Os suspiros da aletria pelo seu anado assucar*, de 29 oitavas, ambos publicados pelo commendador Mello em suas obras. Bellezas poeticas, e não poucas, encerram os *Suspiros da aletria*, segundo aquelle escriptor. Quantos seres não animou a imaginação do poeta nessa linda composição! Como lhes deu, com a mais brilhante propriedade, linguagem e acção!... E ainda que não particularisasse a *Marujada*, diz comtudo, o mesmo escriptor, « que em ambos os poemas nos parece haver, além da originalidade, imaginação fecunda e gravissima, erudição, linguagem castiça, harmonia, poesia em fim. »

Na *Marujada* descrevendo as suas viagens maritimas, assim refere com estas *exactas e poeticas imagens*, os riscos e os trabalhos de um proximo naufragio :

Mostra o tempo alegre o rosto,
Apparece o vento amigo,
Solta-se o panno com gosto;
Porem não tarda o desgosto,
Quando está perto o perigo.

De repente a embarcação
Por parte occulta se arromba :
Que triste situação !
Pedem todos confissão,
Grita o Mestre: A' bomba! A' bomba!

Uns na bomba a repuchar,
Outros a brecha buscando,
O licor a borbulhar,
O navio a se agachar,
e a morte caminhando.

Eas tempestades, a furia dos elementos, assim as pinta:

Roucos aquilões berrando,
Pelas enxarcias zunindo,
Muras, escotas quebrando,
Duras vergas mastigando
Rotas velas engulindo.

O mar convulso de ira,
Meneando a verde trança,
Contra todos se conspira;
Ao abysmo aqui se atira,
A's nuvens ali se avança.

Descrevendo o perigo dos incendios, a escassez de vento, e por fim o ataque dos piratas mouros, correndo

..... risco o christão
De lèr o torpe Alcorão
Em Berberia ou Argel,

trata em fim das calmarias, e assim conclue estes bellissimos quadros:

Se deste perigo escapa,
Cahe nas podres calmarias,
E seja rei, seja papa,
Ali fica posto á capa
Oito, quinze, e vinte dias.

Não menos bello e interessante são estes versos sobre o celebrante á bordo :

Vae o padre a celebrar:
E que tenha devoção,
Não a pôde conservar;
Pois por força ha de dansar
Pelo tom da embarcação.

Alem dos dous poemetos do Padre Gadelha, recolhidos e publicados pelo commendador Mello, consta que havia elle colleccionado os seus versos para os publicar, o que talvez não realisou. Nós porem, encontramos duas bellissimas poesias suas, ineditas ainda, as quaes foram recitadas na sessão academica celebrada em Pernambuco no dia anniversario natalicio do governador José Cesar de Menezes, em 19 de Março de 1775, as quaes publicamos no *Jornal do Recife* de 13 de Janeiro de 1876. Constan estas composições, de uma Ecloga em louvor ao *prudente governo* de José Cesar, sob o nome de *Montano*, e em que são interlocutores *Frondelio*, *Eulino* e *Urbano*, constando de 289 versos, terminando por um soneto ; e de mais um outro soneto, sob a epigraphie: *Nada assegura mais o governo publico, que a affabilidade para com os subditos*.

Poeta distincto, de uma indole prazenteira, de uma conversação e companhia amavel e encantadora, o Padre Gadelha foi ao mesmo tempo um sacerdote de eminentes virtudes; mas aquelle que havia reconhecido e passado pelos riscos da vida maritima, e protestado abandonal-a, na ultima quintilha da sua *Marujada*, não pôde evitar o cruel destino de acabar desgraçadamente sobre os mares.

O Padre José Gomes da Costa Gadelha falleceu na altura do Cabo Frio, em viagem de Angola para o Brazil, terminando os seus dias o golpe de uma verga sobre a cabeça, por occasião de um temporal. « O oceano foi o seu tumulo. »

José Ignacio de Abreu e Lima. Nasceu aos 6 de Abril de 1794; seu pai foi o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, descendente de preclara linhagem. Era neto paterno do capitão Francisco Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima e D. Rosa Maria de Abreu Grades.

Os seus titulos de nobreza, são por elle proprio apresentados em uma luminosa questão que sustentou, sobre as Biblias Falsificadas, quando o seu contendor lhe chamou filho de Agar. Disse elle: « Fomos 4 irmãos *cadetes*, 2 em tempo do rei velho (quando eram senhores cadetes) e 2 primeiros cadetes depois da lei de 1820, que alterou o Alvará de 1757. Ora, não sendo nosso pai major de linha e d'ahi para cima, está claro que para serem cadetes era mister que tivessem 4 avós nobres, e quem tem avós nobres tem pais conhecidos; portanto ahi tendes 4 processos e 4 julgamentos, provando não só a legitimidade do nosso nascimento, como a nobreza da nossa familia. Bem vêdes, pois, que não posso ser filho de Agar *escrava* porque nasci nobre. » Além disso, consta por fonte autorisada, que seu pai, na viagem que fez a Roma, obteve da Santa Sé um Breve Apostolico, pelo qual foram seus filhos reconhecidos legitimos, por terem nascido antes d'elle haver recebido ordens sacras.

Abreu e Lima recebeu uma acurada educação. Nesta provincia estudou elle o latim, philosophia, rhetorica, francez e inglez, e depois de concluir esses estudos preparatorios, começou em 1811, ainda em Olinda, o curso regimental de artilharia, ao mesmo tempo que cultivava com seu pai a litteratura e d'elle recebia as primeiras noções do grego. Em 1812 embarcou para o Rio de Janeiro e matriculou-se no 1.º anno na Academia Real Militar.

Ahi, pelo precoce desenvolvimento do seu bello e robusto talento, muito distinguio-se, e a obtenção de premios em todos os annos do curso de mathematicas, foi a aureola conferida por seus mestres ao seu aproveitamento e distincção.

Em 1816 concluindo os seus estudos, foi-lhe conferida a patente de capitão de artilharia, quando apenas contava 20 annos, e logo despachado lente do seu regimento, e posteriormente designado para servir em Angola.

Em Dezembro desse mesmo anno chegou a Pernambuco; mas veio feril-o um acontecimento, que bastante o contristou. Dotado de um character energico, altivo e in-

dependente, não sabemos porque motivo, foi pronunciado logo depois da sua chegada pelo ouvidor de Olinda, por crime de « assuada, resistencia e ferimentos ! » Abreu e Lima foi preso, mas aggravando da pronuncia, acompanhou o aggravado para a provincia da Bahia, em principios de Fevereiro de 1817, e logo que ahi chegou o Conde dos Arcos o mandou recolher á fortaleza de S. Pedro.

Ahi estava, quando rompeu em Pernambuco a revolução de 6 de Março de 1817. Seu pai, um dos vultos mais proeminentes dessa cruzada liberal, tendo sido enviado á Bahia no caracter de commissario dos pernambucanos, foi denunciado, e logo que saltou foi preso e condemnado a morte. No dia 28 de Março, a pedido do infeliz patriota, Abreu e Lima sahiu da fortaleza para a cadeia, e ahi, banhado em lagrimas, abraçou seu idolatrado pai, que no dia seguinte foi arcabusado no campo de Sant'Anna; e para maior ostentação dessa scena tristissima, obrigaram ao joven Abreu e Lima a assistir a lugubre festa da tyrannia, a execução de seu pai!!

«Facil é de comprehender-se como uma mão de ferro *arrancava o coração traspassado de vivissima dor* de Abreu e Lima, na sua propria phrase, quando elle, debilhado em copioso pranto, foi arrancado para sempre dos braços de seu querido pai para dar-se começo ao sacrificio desse martyr da liberdade, dessa victima do puro enthusiasmo pela emancipação politica da patria. Esta lugubre scena impressionou tão intimamente o seu espirito que protestou naquella solemne occasião do barbaro sacrificio de seu prezado pai, que, a exemplo d'elle, por suas venerandas cinzas, d'ahi por diante tudo arriscaria, até a propria vida — pela liberdade de seu paiz, ou de outro qualquer, onde a sorte o conduzisse.

Depois desse horrivel transe, Abreu e Lima ainda passou alguns mezes na cadeia, em companhia de um seu irmão e de outros patriotas que eram remettidos presos de Pernambuco. Em Outubro de 1817, conseguiu ser solto com seu irmão, e obtendo da Maçonaria o auxilio de uns 100 pesos em moeda, abandonaram a patria e embarcaram-se para os Estados-Unidos, onde chegaram em Fevereiro de 1818.

Nos Estados-Unidos, Abreu e Lima procurou a Antonio Gonçalves da Cruz Cabugá, commissionario da revolução pernambucana; mas diz elle proprio em ligeiros apontamentos autobiographicos, que esse enviado se negou a

prestar-lhe o menor soccorro, quando dispunha de *bastante dinheiro*. Neste ponto Abreu e Lima foi injusto. Cabugá já não possuia bastante dinheiro. Partindo de Pernambuco, na qualidade de embaixador do novo governo, levou consigo a quantia de 60:000\$ para a compra de armamentos e munições de guerra, e apenas chegado a Baltimore, satisfiz essa incumbencia e fez remessa dos objectos para Pernambuco, onde infelizmente bem tarde chegaram! De Baltimore partiu para Washington a tratar da sua missão diplomatica, mas logo depois recebeu a infausta noticia da queda da liberdade. Cremos, pois, que esse heróe, pintado pelo autor dos *Martyres Pernambucanos* com tanto patriotismo, com tanta dedicação, já nada possuia quando foi procurado por Abreu e Lima, e que isso mesmo talvez lhe assegurando, elle não o acreditasse!

Bem pouco tempo permaneceu Abreu e Lima nos Estados-Unidos. Em Abril de 1818 seguiu com seu irmão para a ilha de S. Thomaz, e o deixando como caixeiro de uma casa commercial em Porto Rico, seguiu para Venezuela, onde depois de adversa fortuna e grandes contrariedades, chegou em Novembro, quando o general Bolivar voltava da sua mallograda campanha de Caracas. Então elle offerece-se e é admittido ao serviço de Venezuela no mesmo posto de capitão de artilheria com que havia sahido da escola, e foi addido ao estado-maior do exercito.

Luctavam então as possessões hespanholas da America do Sul pela sua liberdade, contra o jugo da metropole. Abreu e Lima foi um dos heróes dessa guerra, foi um dos patriarchas da liberdade Sul-Americana. A elevada patente de general, as suas condecorações e outros titulos nobilissimos, tudo são attestados, tudo isso falla bem alto do seu merito, do seu valor e intrepidez.

Não tentamos enumerar e descrever os seus feitos, nessa longa e gloriosa guerra da independencia dessa parte da America. Venha elle proprio em nosso auxilio e conte-nos essa pagina brilhante da sua vida, esses feitos gigantes e immorredouros, que tanto ennobrecem o seu nome, nos seguintes periodos de uma carta que em 18 de Setembro de 1868 dirigiu ao general J. A. Paez:

« Ha 43 annos que o não vejo, e separei-me de V. bem descontente. Eu era embaraço para os intrigantes de Venezuela por causa da intimidade que eu gozava junto de V.; portanto intrigaram-me com V. e quando suppuzeram que V. me havia abandonado, se arrojavam sobre mim;

porém eu estava tão irritado, tão irado, que commetti a loucura de acutilar o primeiro canálha que me provocou. O que eu soffri então, sabe V. melhor do que ninguém...; porém aquelles infames não triumpharam de mim.

« Separei-me de V., levando uma chaga no coração, e quasi com a certeza de que Colombia desappareceria pela gangrena de Venezuela. E porém quer V. saber uma cousa muito importante? E' que briguei em Bogotá com Santander por causa de V., em fins de 1826 ou principios de 1827! V., meu General, não conhecia, nem nunca pôde conhecer a Santander pelo que li nas suas Memorias. V. sabe que eu tive com elle intimidade, e lhe juro que o conheci perfeitamente em Bogotá; e posso assegurar-lhe, que nunca conheci um intrigante e um perverso tão subtil, tão fino e tão astucioso. Elle foi a causa primaria da sua accusação ante o senado; elle concorreu para a desmoralisação e revolta do exercito de Columbia no Perú e em Bolivia: assim como para o attentado de 25 de Setembro em Bogotá; e deixou plantado o germen da revolução de Cordova em Medellín, e do assassinato de Sucre; porque elle estava em immediatas relações com Lopes e Obando—Lopes que V. conheceu tanto e serviu com V. de 1821 a 1823.

« V. sabe que fui para o Zulia cumprir a sentença do conselho de guerra, que se fez na sua propria residencia em Caracas; mas todo esse artefacto desabou e eu fui logo nomeado chefe do E. M. do Zulia para servir com Urdaneta. Dalli me enviou Urdaneta a Bogotá a entender-me com Santañder por certas desavenças entre os dous.

« Aplanei tudo, mas conheci a Santander, por occasião dos grandes successos de Venezuela—e nessas circumstancias se revellou elle tal qual era. Então V. era o alvo de quanta injuria, de quanta infamia podiam assaçar; e eu não o podia tolerar. Um dia tive tão calorosa disputa com o proprio Santander a seu respeito, que me obrigou a pedir minhas lettras de retiro, e voltei para o Zulia; mas logo tornei a Bogotá com Urdaneta e a divisão do Zulia á chamado do libertador. Chegando a Bogotá em 1827, eu não quíz ficar alli por causa de Santander, nem ir para o sul, preferindo ir como chefe do E. M. para o departamento de Magdalena, onde servi até 1831; indo entretanto duas vezes ao Bogotá, uma em 1829 ou 1830, quando o general Bolivar me encarregou, á vista de todos os seus documentos, que pôz á minha disposição, de escrever um esboço

da sua vida publica para mandar ao Abbade de Pradt que acabava de defendel-o na Europa de uma tremenda accusação de Bemjamin Constant.

« V. não faz idéa como o libertador me ficou agradecido por esse trabalho, e do que fez por mim antes de morrer. E' a elle a quem devo o meu posto de general, cujo diploma foi expedido por Urdaneta. Saiba V. que conservo todos os meus diplomas, attestados, cartas particulares, com poucas que se perderam; e que de V. conservo muitos documentos honrosos.

« General! ninguém sabia quem eu era; ninguém sabia que eu pertencia á uma das mais distinctas familias deste paiz; que tinha nascido rico, que tinha tido uma educação de príncipe; que possuia varios titulos scientificos; que tinha sido capitão de artilharia na idade de 18 annos; e ultimamente que tinha sido victima da primeira revolução, que se fizera no Brazil (1817) pela independencia deste paiz; em que meu pai fôra fuzilado, e eu escapei por milagre, da cadeia da Bahia. E sem embargo servi em Colombia com os mais distinctos chefes; e apezar de muitas intrigas de que fui victima, adqueri a reputação de um chefe valente, illustrado e muito fiel—acompanhei a Colombia até á sepultura! Então eu não tinha patria, e fiz de Colombia a minha patria. Eu vi nascer Colombia nas Queceras del Medio; eu vi a V. com 150 homens arrojar todo o exercito de MURILLO; eu vi fugir a cavallaria hespanhola diante dos pelotões de V.; eu vi a infantaria inimiga recuar até a orelha do monte—tudo vi em companhia dos Generaes SOUBLETTE e BOLIVAR da margem direita do Arauca; e fui eu quem escreveu o bolletim dessa jornada. A nossos pés vinham cahir as ballas da artilharia hespanhola, ou passavam por sobre nossas cabeças.»

« Tambem assisti á infancia de Colombia na Nova Granada. Sou dos poucos de Vargas, de Topaga, dos Molinas, e ultimamente de Boyacá! Ainda conservo a mesma medalha, que me deu SANTANDER do seu uso com a esmeralda de Muzo pelo arrojo com que passei a ponte com os guias, creio que de Mugica. De bogotá vim com SOUBLETTE para o norte, como seu chefe do E. M.—bati-me em Cucuta, e salvei nesse dia a divisão, que se havia embriagado com aguardente. D'ali vim ao Agueré, estive com V. em Achaques, e mi fui com SOUBLETTE ao Oriente buscar a legião irlandeza. Ali me abandonaram muribundo; e por um milagre dos céus vim para Angustura mais morto que vivo.

Porém, apesar de ser Edecán o secretario de SOUBLETTE, logo que me restabeleci, fui expontaneamente para o Anguere a servir com V. ; e lhe tomei tão grande amisade que preferia ser seu ajudante de campo a ser chefe do E. M. de Venezuela e Agueré, ou qualquer commando de armas. »

« E ainda quando eu tivesse outras commissões, voltava sempre ao seu quartel general. Eu lhe era tão dedicado, que me batia por V. como se fosse meu pai e não meu chefe. Carabobo, onde verti o meu sangue, Savana de la Guardia, Porto Cabello, me viram sempre de lança em punho como o mais simples Panero ; porque V. era tudo para mim, eu o adorava. »

« A V. eu devia a minha carreira ; os postos de tenente-coronel e de coronel foram-me dados por proposta sua. Eu vivi no centro da sua familia, a quem devo mil obsequios, mil favores ; não esqueço, general, de BARBARITA, da boa e sympathica BARBARITA, de sua irmã D. LUIZA, de suas sobrinhas ; emfim não me esqueço ACHAGUES, VALENCIA e MARACAY. Porque, pois, me separam de V. os intrigantes ? General, quando me lembro de NARINO, CARABANO, GUSMAN, LANDER, PEDRO P. DIAS e outros, tenho gana de fazer a todos o que fiz a GUSMAN, a esse miseravel que V. diz nas suas memorias, que se jactava de ser seu inimigo ; canalha ! »

« Quando me recordo essa série de successos, das Queceras del Indio á Boyacá, de alli a Porto Cabello ; de alli á expedição do Perú e a missão aos Estados-Unidos, (ainda me lembro da nossa despedida em Porto Cabello), e que ainda tive parte no ultimo successo de armas no Portete de Tarqui ; que servi com os mais distinctos generaes da America, com BOLIVAR, com PAEZ, com SOUBLETTE, com URDANETA, com MONTILLA [MARIANO], com SUCRE, e que todos me prodigalisaram os mais subidos elogios ; quando me recordo que B. me distinguia com o titulo de *guapo*—guapo na sua bocca era o maior elogio que se podia fazer em Colombia a um chefe ! declaro formalmente que tenho orgulho de haver servido a Colombia. Quando um official era designado por V. como valente, todos lhe abaixavam a cabeça ; e essa reputação de bravura a adquiri eu debaixo de suas ordens. Creia V., general, que conservo todas as minhas patentes de Colombia, todas as minhas condecorações—que me desvaneco de ter sido general na velha republica de Colombia. Tenho orgulho de chamar-me um dos libertadores de Venezuela e dos da

Nova Granada, e sem usar das minhas veneras. Faço garbo das minhas cruces de Boyacó e de Porto Cabello, e do meu nobre escudo de Carabobo. Tenho e conservo o busto de ouro do libertador, que elle mesmo me deu como um diploma muito honroso.

« Saiba mais que nunca pretendi entrar para o quadro do exercito do Brazil; que nunca acceitei nem solicitei emprego, condecoração ou missão alguma, quer em mando de provincias ou em missões diplomaticas; que apenas o poder legislativo por duas declarações a meu favor; uma de que estava no gozo dos direitos de cidadão brasileiro; outra do gozo e uso do meu titulo de general com todas as honras inherentes. A isto seguiu-se a permissão de usar das minhas condecorações, unicas de que tenho usado e uso no paiz. A ultima vez que vesti farda foi no anno de 1840 para comprimentar o imperador pela sua maioridade—d'ahi por diante enterrei a farda, e apenas uso uma ou outra vez da placa dos libertadores de Venezuela.

« General, nasci rico, e estou pobre; mas vivo independente do governo e de todo o mundo com um pequeno capital, que pude accumular pelo meu trabalho—vivo geralmente estimado em todos meus amigos e os meus parentes—vivo no meio da classe mais distincta—e sempre lembrando-me de Colombia e de Caracas. Diga-me: o que é feito dessas familias com quem eu mantive as mais estreitas relações, como da familia BOLIVAR (D. MARIA ANTONIA e suas filhas, D. JOANNA e BENIGNA) de BENIGNA de quem fui tão amigo, e por quem soffri por alguns annos aquella furiosa intriga com o tio? Mas desde 1826 o libertador começou a tratar-me com muita amizade e carinho (é que BENIGNA já estava casada com o seu protegido BRISEÑO MENDES) a ponto de dar-me as maiores provas de amizade e de consideração, vindo de Baranquilla para Santa Marta, logo que soube que eu havia desbaratado os rebeldes de Rio Macha. Desgraçadamente poucos dias viveu em Santa Martha onde morreu a 17 de Dezembro de 1830. Quer V. saber uma muito galante do general BOLIVAR a meu respeito? Fallando-se um dia diante d'elle de officiaes e chefes valentes, elle disse que eu era um dos mais distinctos, porque o general PAEZ lhe havia dito, depois da batalha de Carabobo, que eu era *mui guapo*? Isto quer dizer que a autoridade de V. era decisiva nesse assumpto; e para ser valente era mister ter a sua approvação...

« General, como diabo tiveram aquelles canalhas a

habilidade de me separarem de V.? E' que elles sabiam que eu tinha por Colombia todo o amor de patria, e que morreria pela sua integridade; sabiam das minhas relações com SANTANDER; e talvez suppuzeram que eu fosse um obstaculo para seus planos; mas essa gente não ignorava que ácima de tudo eu idolatrava a V., e que por V. estava prompto a dar a vida. E' verdade que eu faria tudo pela integridade da republica; é verdade que sempre fugi da guerra civil; mas uma fatalidade inexoravel me acompanhou sempre em Colombia, e afinal não me pude esquivar de cahir nella.

« Estava em Bogotá, quando se dissolveu a Convenção de 1830, e o general BOLIVAR não consentiu que lhe dessem um voto para presidente—elle queria sahir do paiz—elle via já que Colombia se ia desmoronar e temia sublevações no Magdalena para onde se queria retirar á fim de embarcar alli para a Europa; e me mandou adiante para ter mão as facções como chefe que eu era alli muito conceituado. Assisti, portanto, as ultimas agonias de Colombia, assisti a sua morte, fiz tudo por ella—despedacei as facções, esmaguei Carujo em Rio Hacha, bati-me com os Goagiros corpo á corpo, libertei Santa Martha; mas não pude livrar Carthagená da traição do general LUQUE, e ali succumbiu o general MONTTLA, e eu com elle. Eu porém, estava preparado para essa funesta eventualidade.

« Logo que morreu BOLIVAR, pedi ao governo minhas lettras de quartel, e licença para ir aos Estados-Unidos, a Europa e o Brazil pelo tempo que me conviesse, e com o competente passaporte de ida e de volta. Assim que entrou LUQUE na praça apresentei-lhe esses documentos, e embarquei para os Estados-Unidos. Se durante 13 annos que servi naquelles paizes, contando com as commissões fóra, tive muitos desgostos, soffri muitas intrigas como estrangeiro; por outro lado nenhum official mereceu nunca as distincções e amizade de tudo quanto havia de mais grado no paiz como eu—essa amizade foi sempre tão distincta entre os homens, como entre as mulheres. General, ainda conservo o relógio que V. me deu, depois da batalha de Carabobo, ha 47 annos!! poderia eu esquecer-o nunca?»

Esta importante carta, esse *testemunho de recordações de meio seculo*, como elle proprio disse, é um documento valioso, é a propria historia de sua vida nas memoraveis campanhas da independencia de Venezuela e da Colombia.

O *Novo Mundo*, publicando tão valioso documento de-

pois da sua morte, precedeu-o de algumas lisongeiros palavras á memoria desse illustre pernambucano, e entre ellas disse o seguinte: « Não è, porém, como historiador, mas como guapo soldado que o seu nome merece-nos maior respeito. Como se sabe, elle tomou parte activissima nas luctas que estabeleceram a independencia da Venezuela e da Colombia. Elle batalhou sob o general J. A. Paez, o primeiro presidente de Venezuela e o braço direito de Bolivar, de quem este disse uma vez que lhe devia os louros dessas luctas. »

Da sua posição e influencia, aproveitou-se o general Abreu e Lima, para ser util a dous brasileiros que alli se refugiaram, abandonando sua patria, pelo compromettimento na revolução de 1817, e mais tarde, o foi tambem do infeliz poeta José da Natividade Saldanha.

A patente de general, o titulo de libertador da Nova Granada, e o de membro da Ordem militar dos libertadores de Venezuela, as importantes missões diplomaticas que lhe foram confiadas junto ao governo dos Estados-Unidos, o cargo de secretario geral na vice-presidencia do governo de Angustura, exercida pelo general Soublette, de quem foi ao mesmo tempo ajudante de campo, e outros titulos, distincções e condecorações, taes foram os louros colhidos por esse illustre brasileiro fóra da patria, dessa patria que pelo despotismo dos seus algozes, vivia fóra della!

Fallecendo o general Bolivar em 1830, Abreu e Lima deixou a Colombia, e seguiu para os Estados-Unidos, onde recebeu a noticia da abdicação de D. Pedro I, e dalli partiu para a Europa. « Na Europa, diz elle proprio, contrahi com o Imperador muito boas relações, e suppuz que talvez conviesse ao Brazil a sua volta; porem, Deus o levou antes da realisação desse plano; e desde então assentei de renunciar a politica. » Abreu e Lima visitou alguns paizes, e demorou-se por algum tempo em Pariz, onde foi alvo das maiores distincções, até do proprio rei Luiz Felippe, que recebia-o em seu palacio, e conferiu-lhe a honra de o admittir á sua meza.

Em 1832 Abreu e Lima toma o caminho da patria, e fixa a sua residencia no Rio de Janeiro. Mas elle tinha perdido os seus direitos de cidadão brasileiro, por haver accettato honras e mercês de uma nação estrangeira, sem consentimento do governo. Requereu elle a Assembléa Geral o goso dos seus direitos, e lhe sendo conferido, a regencia sanccionou esse acto do poder legislativo em 23 de

Outubro de 1832, e por portaria de 12 de Novembro do mesmo anno, lhe foi permittido o uso de todos os titulos e distincções que lhe haviam sido conferidos pelos governos de Venezuela e Colombia.

Em 1833, Abreu e Lima ligou-se no Rio de Janeiro ao partido Caramurú, cuja bandeira era a restauração do governo de D. Pedro I, e foi então um dos mais denodados batalhadores em prol dessa ideia sustentando uma viva e ardente lucta com Evaristo Ferreira da Veiga. Já em 1832, ao voltar á patria, « horrorisado pelo cynismo, (diz elle proprio) pela impudencia, com que se calumniava torpemente o Sr. D. Pedro I de gloriosa memoria, alcei a voz, e oppuz uma barreira de bronze contra semelhante torrente de iniquidade. Sim, eu fui o primeiro que, depois de 7 de Abril, gritei a uma facção immoral e corrompida—*parai*—e ella parou: eu fui o primeiro que gritei—*ingratidão infamia*—e o povo me ouviu, porque o povo era sincero e agradecido, e os *Januarios* recuaram. Trez annos depois, em 1835, ainda fui eu o unico, que alcei a voz, que me lancei na arena da imprensa para defender o Sr. D. Pedro II, ameaçado de uma nova proscripção; ahi estão os *Mensageiros de Nictheroy* e o *Bosquejo historico, politico e litterario do Brazil*. »

Em 1833, o conego Januario da Cunha Barbosa, que pertencia ao partido opposto a restauração, recitou na loja *Commercio e Artes*, da qual era Veneravel, um fogaoso discurso, em que tratava a D. Pedro I por *vil traidor*, e por *fratricida, abominavel, perjuro e monstro*; e no anno seguinte ventilou-se na Camara dos Deputados a questão do projecto de banimento do imperador. Então, Abreu e Lima oppõe pela imprensa a tudo isso, uma brilhante *Representação*, a qual, diz elle proprio: « foi tida e havida por tudo quanto ha de illustrado no paiz, como uma brilhante dissertação de direito publico constitucional e como um desaggravo do povo brasileiro contra a injuria de ingratidão, que lhe irrogavam os *Januarios* daquelle tempo. »

Em 1836, manifestou-se no Rio de Janeiro uma vivissima opposição ao regente do imperio Padre Diogo Antonio Feijó, e rompendo a luta, manifestou-se logo entre os dous poderes um antagonismo flagrante, aggravado de mais a mais pela dura tenacidade, com que o regente tratava o corpo legislativo. Abreu e Lima procura então os arraiaes do partido contrario, e em opposição ao governo do regente, publica *O Raio de Jupiter*, pregando a ideia de

passar a regencia do imperio á princeza D. Januaria; e tal foi a opposição, e tão renhida a peleja, que o regente deu-se por vencido e retirou-se do poder, dirigindo em 19 de Setembro de 1837 um *Manifesto aos Brasileiros*.

Em 1840 trabalhava elle na sua *Historia do Brazil*, e mesmo assim occupava-se na collaboração de alguns jornaes, entre elles o *Maiorista*, e publicando depois aquelle trabalho, Abreu e Lima prestou um grandioso serviço á sua patria, pois constitue a primeira historia que o Brazil possuiu, restando-lhe tambem a gloria de ser o primeiro brasileiro que offereceu ao seu paiz um corpo de historia, senão perfeito como era de desejar, segundo suas proprias palavras, ao menos escripto conforme as regras da chronologia, e o mais completo de quantos existiam até então (1844).

Depois de haver illustrado o seu nome na côrte do imperio, e de firmar uma reputação honrosa e invejavel, partiu para Pernambuco, e aqui aportou em 1844, depois de 27 annos de ausencia.

Abreu e Lima foi recebido pelos seus comprovincianos, com esse enthusiasmo que só a religião do saber e do heroismo sabe conquistar. E nem era possivel que os pernambucanos fossem indifferentes ao fixar-se entre elles o vulto legendario de Abreu e Lima, que na phrase do Dr. Moreira de Azevedo, «tornou-se no Brazil o homem do gabinete e do estudo: que fez da penna o seu gladio, e dos livros seus companheiros das fadigas, das vigalias, dos trabalhos e das lutas, mas lutas de paz, lutas do espirito; que illustrou as letras patrias e dedicou-se ao estudo da historia, e que deixou um nome que a patria ha de perpetuar.»

Nesta provincia, além dos trabalhos litterarios e scientificos em que trabalhava, tomou conta por esse tempo da redacção do *Diario Novo*, orgão do partido liberal, e foi um dos baluartes na imprensa politica desse partido, chamado naquelle tempo *praeiro*, por ser a typographia do seu jornal situada na rua da Praia, hoje de Pedro Affonso; e em 1848 escreveu o periodico *A Barca de S. Pedro*.

Logo que aqui chegou, diz elle proprio, «aproximava-se o momento critico para os partidos, isto é, a intervenção popular nas eleições, era a força publica e o povo em lucta; eu tinha passado dous mezes nessa expectativa, Julho e Agosto; era mister tomar parte no conflicto, e tomal-o só de palavras e não de vias de facto; cedi por fim

a instancias repetidas, e decidi-me a escrever no dia 3 de Setembro: 20 dias depois tinha triumphado completamente a imprensa opposta; estava senhor do campo. Estabeleci algumas idéas, excitei os sentimentos populares, criei novos interesses, e houve uma explosão, que deu um completo triumpho aos praeiros. » Rompe a *revolta praeira* em 1848, mas Abreu e Lima não acompanha os seus correligionarios aos campos da batalha, e ficou no campo da imprensa, batendo-se denodadamente sustentando com a penna as idéas liberaes.

Debellada a revolução em 1849, abre-se o livro da tyrannia, e o nome do general Abreu e Lima não foi esquecido; e só pelo crime de ser o redactor do órgão do partido liberal, sem haver sido *rebelde*, foi preso, arrastado pelos seus perseguidores aos immundos porões de um navio de guerra, depois á fortaleza do Brum, e finalmente remettido para o presidio de Fernando, aos 18 de Outubro de 1849; e submettido a processo, foi pronunciado por crime de *rebellião*, e comparecendo no tribunal do Jury, foi condemnado, mas o presidente Dr. José Thomaz Nabuco de Araujo, appellou ex-officio da decisão desse tribunal para a Relação, « submettendo-lhe mui doutas e juridicas razões desse seu recurso, onde triumphou por fim aquella causa da justiça opprimida. »

« Ainda bem me recordo das honrosas palavras, diz o Dr. Menezes de Drummond, em um discurso lido junto ao seu tumulo, que ouvi do eximio Marquez do Paraná a respeito do alto conceito, que elle fazia, do subido juizo sobre o merecimento moral e scientifico, que elle reconhecia no general José Ignacio de Abreu e Lima, quando lhe fui fallar para não o enviar á ilha de Fernando. E' bem sabido, que o austêro Marquez do Paraná não thuriferava a quem quer que fosse, nem prestava immerecidamente elogios; e por conseguinte suas palavras valerão sempre como a propria verdade. Bem frescos, ainda ahi estão na memoria de todos os valiosos serviços por elle prestados, depois da sua absolvição, para obter a libertação das victimas daquella revolta de 1848, seus companheiros de infortunio, e sobre tudo para pacificação desta provincia, que havia sido impellida ao abysmo de uma revolução medonha por occasião da execução da lei censitaria. Para esses factos muito deverão valer os testemunhos dos honrados presidentes desta provincia naquellas epochas os Exms. Srs. Drs. Victor de Oliveira e José Idelfonso de Souza Ramos. »

Em um artigo publicado no *Diario de Pernambuco* de 28 de Abril de 1857, diz elle proprio em um topico que trata das lutas politicas desta provincia : desde 1817 até hoje, eu, meu pai, meus irmãos e até meus sobrinhos temos participado dessas lutas horrorosas; eu fechei o circulo de ferro começado em 1817 na cadeia da Bahia, e concluido nas presigangas de Pernambuco em 1849.

Dessa epocha por diante, o general Abreu e Lima absteve-se inteiramente de todos os negocios politicos do Brazil. Só, isolado, e recolhido ao seu gabinete de estudo, elle dedicou-se inteiramente aos seus trabalhos litterarios e scientificos, cujas produções são soberbos monumentos de erudição, e de verdadeiro merito e valor.

Para nós, descrever o vulto proeminente de tão illustre e distincto cidadão, seria empreza superior as suas forças, tamanha é a grandeza do assumpto. Venha pois em nosso auxilio, um amigo dedicado de Abreu e Lima, uma autoridade competentissima, o mesmo Dr. Drumond, que no discurso citado, esboçou com traços firmes, com vivissimas côres, e com pincel de mestre, o vulto immenso do general José Ignacio de Abreu e Lima.

« Recolhido ultimamente a vida particular, estava pacifico considerando-se prejudicado nas difficeis épocas, em que se occupou dos negocios publicos, e até lastimando o seu precioso tempo assim perdido, e fazia delles total abstenção. Pouco sahia do seular domestico. Evitava mesmo achar-se em reuniões, porque preferia absolver o seu tempo em tenacissima applicação, ardentes aspirações scientificas, estudos laboriosos e sérias meditações. De espirito atilado, perspicaz, e indagador, de amplas concepções recreava-se em colher novos productos para robórar sua intelligencia, e adquirir instrucção não superficial, que só pôde ser adaptada as mediocridades.

« Apenas elle procurava o circulo dos seus mais intimos amigos, e ahi sempre era acolhido com a mais subida consideração, e particular estima; a que lhe davam justos titulos — sua importancia social, seu reconhecido merito, seus honrosos precedentes; tratamento este tão benevolo, que elle não cessava de confessar cheio de acrisolada gratidão.

« Era tambem visitado por esses mesmos seus particulares amigos, a quem elle recebia sempre com indisivel satisfação, ou com os braços abertos, na boa phrase portugueza.

« A gravidade do seu porte ; suas maneiras delicadas e insinuantes ; sua vida simples e irreprehensivel ; seus sentimentos nobres ; sua vasta illustração ; suas virtudes civicas ; as venerandas cões, que coroavam-lhe a cabeça, grangeavam-lhe as affeições e os respeitos de todos aquelles, que o conheciam ; aos quaes elle do mesmo modo retribuia, e por isso e elles tambem se consideravam felizes. *Beati qui te viderunt et in amicitia tua qui decorati sunt.*

« As suas poucas desaffeições nunca procederam de defeitos, e vicios pessoas ; mas sim das pungentes provocações que immerecidamente lhe faziam uma aluvião de ingratos, e emulos, que avultam na sociedade.

« Respeitado na vida, mas já sentindo-se desfallecido, e proximo da sepultura, sorria-se calmo perante o grande numero de pessoas, que o visitavam.

« Com toda a placidez de um espirito pacifico, de uma consciencia pura — elle nesses ultimos instantes agradecia fervorosamente as manifestações de apreço, que lhe prestavam.

« Em verdade, caracteres dessa tempera sempre foram rarissimos, sempre foram dignos de admiração, e respeito geral: bem como a sua perda sempre foi deplorada com vivissima saudade por todos os homens de bem.

« O general Abreu e Lima era sem duvida alguma o perfeito typo do amigo leal, dedicado, sincero e desinteressado.

« O maior prazer, que elle poderia ter era achar-se em occasião, que deveria prestar seus serviços, e fazer mesmo qualquer sacrificio em prol de um seu amigo, como por vezes testemunhei. Nesses momentos era elle incançavel, pressuroso, exforçado.

« Como cidadão era tambem um verdadeiro modello ; respeitador das leis, não se apartava da observancia dellas um sò apice, cumpria á lettra todos os seus deveres. Era filho obediente, extremoso e abençoado ; parente desvelado ; patriota exemplar. De caracter austero, incorrupto e independente elle nunca pedio, nem deveu cousa alguma a quem quer que seja ; accrescendo, que poucos dias anteriores a sua morte inutilisou todos os titulos dos que lhe deviam.

« Era o protector nato das lettras ; o arrimo dos indigentes que a ellas se dedicavam ; em uma palavra — o animador do merito desvalido.

« Sobrio, quanto era possivel, e assaz economico,

procurava viver fóra de precisões adstricto sómente aos rendimentos do seu peculio, e fazendo com todo o recato os beneficios, que podia, porque considerava que a revelação e á jactancia delles fazia perder-lhes o valor, como o ar faz perder os aromas das flôres.

« Chão, e modesto a toda prova elle parecia inteiramente esquecido do fastigio de sua elevada posição; antes a todos tratava com affabilidade e benevolencia, a todos se tornava mui accessivel.

« O amor da patria, e das sciencias eram as suas duas unicas, e douradas idéas, e a par disto era o symbolo da honra, de uma alma pura, de um coração bondadoso. »

Como homem, como patriota, como cidadão, e como escriptor, por todos os lados que se encare o general Abreu e Lima, encontrar-se-ha sempre um vulto proeminente, illustre, e grande. As suas obras, correm apreciadas e encarecidas e o seu nome respeitado e citado em todo o imperio e no estrangeiro. Vapereau no seu *Diccionario dos Contemporaneos*, Netscher, na sua obra *Os Hollandezes no Brazil*, Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico*, o Dr. Macedo no seu *Anno Biographico Brasileiro*, e muitas outras obras de reconhecido merito, mencionam seu nome, consagram-lhe paginas, e tecem a corôa das suas glorias politicas, militares e litterarias.

Não pequeno é o numero das obras que publicou, cujas edições acham-se esgotadas, tal o seu merito e valor, e a avidez com que eram procuradas. Eis a sua enumeração:

Bosquejo historico, politico e litterario do Brazil; ou analyse critica do projecto do Dr. A. F. França offerecido em sessão de 16 de Maio a Camara dos Deputados, reduzindo o systema Monarchico Constitucional, que felizmente nos rege, á uma Republica democratica: seguida de outra analyse do Projecto do Deputado Raphael de Carvalho, sobre a separação da Igreja Brasileira da Santa Sé Apostolica. *Cidade de Nicheroy*, 1835, in-4.^o

Manifesto da M.: Aug.: e Resp.: Loj.: Constit.: do Rt.: Esc.: Ant.: e Acc.: para o Imp.: do Brazil. Rio de Janeiro, typ. *Fluminense* 1835.

Compendio da historia do Brazil, desde o seu descobrimento até o magestoso acto da coroação e sagração no Sr. D. Pedro II. *Rio de Janeiro*, typ. *Universal*, 1843, 2 vol. in 4.^o com 7 retratos.

Desta obra ha uma edição resumida, em um só volume.

Resposta ao conego Januario da Cunha Barbosa ou analyse do primeiro juizo de Francisco Adolpho Varnhagem acerca do Compendio da Historia do Brazil. Pernambuco, typ. de M. F. de Faria, 1844.

Historia universal desde os tempos mais remotos até os nossos dias; relatando os acontecimentos mais notaveis em todas as epochas, e os feitos dos homens mais celebres de todos os povos. Composta sobre o plano de Gabriel Gottofredo Bredoffl. Rio de Janeiro, 1846—1847, em 5 vols. ornados com 24 estampas a buril.

Esta obra, assim como outras, não traz o seu nome; diz apenas que foi escripta por um brasileiro: mas lhe é geralmente attribuida a sua autoria e Vapereau no seu *Diccionario dos Contemporaneos* as menciona.

Synopsis ou dedução chronologica dos factos mais notaveis da historia do Brasil. Pernambuco, typ. de M. F. de Faria, 1845.

A Cartilha do Povo. Pernambuco, typ. da Viuva Roma & Filhos, 1849.

O Socialismo. Recife, typ. Universal, 1855.

As Biblias falsificadas ou duas respostas ao Sr. conego Joaquim Pinto de Campos. Recife, typ. Commercial, 1867.

O Deus dos judeos e o Deus dos christãos. Terceira resposta ao Sr. conego Joaquim Pinto de Campos. Pernambuco, typ. Commercial, 1867.

Além destas obras, Abreu e Lima publicou no *Correio Official* da côrte do anno de 1838, e na *Revista Medica Fluminense*, do mesmo anno, um trabalho sob o titulo: *Memoria sobre a elefancia*, e nesse mesmo volume um outro—*Memoria sobre a planta conhecida na republica da Colombia pelo nome generico—Guaco—propria das regiões equinociaes; e sobre suas principaes virtudes: offerecida e dedicada a Sociedade de Medicina de Bogotá*.

A redacção da *Revista Medica Fluminense*, inserindo estes trabalhos em suas columnas, disse o seguinte relativamente a primeira: « Esta memoria, versando sobre um objecto de summo interesse para a Medicina Brasileira e pelos factos curiosos que contém, publicados em uma pura e clara linguagem, merece bem ser lida por todos os praticos do Brazil, e por isso nos apressamos em a inserir na *Revista Medica*. O seu autor, posto que não seja homem da arte, é pessoa todavia, que pela vastidão dos seus conhecimentos, acha-se bem nas circumstancias de fazer um

tal trabalho, que sempre será considerado como um dos melhores até hoje publicados á este respeito, pelo que a humanidade lhe deve ser sempre mui grata. »

Abreu e Lima deixou preparada a segunda edição do Socialismo, escreveu uma obra sob o titulo de *Mulher Catholica Brasileira*, e uma outra sobre direito criminal. Esta ultima, submetteu elle ao juizo do Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, competentissima autoridade para isso, o qual ao devovel-a, escreveu-lhe uma carta datada de 15 de Setembro de 1853, na qual se lê o seguinte :

« Obedecendo á ordem que me transmittes em seu bilhete de hoje, remetto as notas do Codigo Criminal, sem faltar a folha avulsa.

« Li com muito cuidado esse trabalho, que suppõe uma grande paciencia e uma preciosa precisão de espirito, não só pela combinação de tantos actos legislativos e regulamentares, como pelo apanhamento do verdadeiro sentido da legislação, que é exposto em phrase resumida e clara. Ha muitos artigos sobremaneira interessantes pela philosophia e fina critica que a elles presidiram.

« E' portanto, em minha humilde opinião, um grande serviço prestado ao nosso Direito Criminal a publicação deste trabalho consciencioso, producto de uma das nossas mais respeitaveis illustrações.

« Muito augmentaria o merito da obra uma introdução contendo os prolegomenos da sciencia do Direito Criminal.

« Se quizer honrar-me com a communicação do seu indice, far-me-ha um grande obsequio.

« Creia, que foi para mim de immenso preço a cultura de sua amizade: o conhecimento de um grande coração unido a uma grande cabeça.

« A minha nullidade não me permite dispor do menor prestimo; mas como nada ha neste mundo, que não sirva para alguma cousa, se o meu amigo descobrir em mim cousa em que possa servil-o, achar-me-ha prompto a pôr tudo á sua disposição com o prazer que resultará de haver merecido tão distincta honra. »

Tratando especialmente das *Notas do Codigo Criminal*, o Dr. Feitosa refere-se a um *Indice*, que sem duvida será uma outra obra sobre direito, mas que nenhuma informação podemos obter.

Além de todos estes trabalhos que vimos de enumerar, a imprensa periodica teve em Abreu e Lima um dos

seus mais denodados e illustres campeões. Nesta provincia, o *Diario de Pernambuco*, *Diario Novo*, *Barca de S. Pedro*, *Jornal do Recife* e muitos outros, illustraram as suas columnas com artigos seus, todos de subida importancia pelos variados assumptos de que tratavam.

Ainda encontramos de Abreu e Lima na collecção dos —*Discursos recitados no acto da installação solemne do hospital portuguez provisorio em Pernambuco, em 16 de Setembro de 1855*,—um discurso seu, pronunciado nessa solemnidade; e no livro que em 1862 publicou o Illm. Sr. Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira, sobre a eleição directa, um artigo seu sobre tal assumpto, escrevendo o Sr. Dr. H. Bandeira nas palavras que precedem esta collecção de escriptos sobre a eleição directa, o seguinte sobre Abreu e Lima :

« Constava-nos que o muito distincto e illustre Sr. general José Ignacio de Abreu e Lima tinha sobre esta questão algum trabalho de alta importancia, como sôem sempre ser todos os que sahem de sua penna, principalmente na parte relativa aos meios praticos para a realisação de tão desejada reforma nos limites da Constituição. Procuramos pois o nobre general, e ainda por esta vez não desmentiu elle o amor e patriotismo, com que se dedica a fazer sempre o bem que pôde ao seu paiz, concedendo-nos promptamente os seus escriptos para os publicar. »

Dos seus trabalhos litterarios na America hespanhola, apenas consta um esboço da vida publica do general Bolivar, escripto em 1830, para ser enviado ao abbade de Pradt, que acabava de defendel-o na Europa de uma tremenda accusação de Benjamim Constant, e o boletim que escreveu da jornada de Colombia.

Em 1826, o governo de Colombia o encarregou de escrever uma memoria sobre os limites entre o Brazil e aquella republica, para o que teve de estudar a materia e de procurar esclarecimentos por toda a parte, além dos immensos e preciosos documentos que se achavam nos archivos do vice-reinado da Nova Granada.

Não agradando porém, esta memoria ao general Santander, vice-presidente encarregado do poder executivo, « porque, diz o proprio Abreu e Lima, era contraria ás instrucções, que havia dado ao ministro plenipotenciario daquella republica, residente na côrte do Rio de Janeiro, sem embargo de modificar as referidas instrucções por avisos posteriores, em virtude da mesma memoria, com

tudo mandou-se archivar com muito cuidado. Eu porém possuo hoje (1844) a memoria original, obtida por mim em 1830, quando estive em Bogotá em companhia do Sr. Conselheiro Luiz de Souza Dias, nosso plenipotenciario, acreditado junto ao Libertador Bolivar. »

Para esse trabalho, além de varias obras que consultou, Jayme Henderson, que por esse tempo occupava o cargo de consul geral da Inglaterra, na republica de Colombia, lhe proporcionou a sua historia do Brazil, impressa em Londres em 1821; e como Abreu e Lima notasse nella muitos erros de historia e de geographia e muita má vontade aos brazileiros, aos quaes tratava como selvagens, escreveu uma analyse e refutação a essa obra e a dedicou ao general Santander.

Estas notas bibliographicas minuciosas e já um pouco extensas, não comprehendem porém, todos os seus trabalhos, quer publicados, quer ineditos. Estes, devem ser numerosos e preciosissimos, pois os ultimos trinta annos de sua vida, foram exclusivamente consagrados a vida litteraria.

Em 1844, estava revendo e extractando duas memorias importantes, escriptas no fim do seculo passado; uma sobre os nossos limites pelo Oyapoch e a outra sobre a antiga colonia do Sacramento e sobre os nossos primeiros estabelecimentos no Rio da Prata, provando que os portuguezes foram os primeiros, que fundaram um estabelecimento em Montevidéo no anno de 1723.

E toda essa riqueza, quem sabe se não estará perdida? Em mãos de quem parará? Não menos importante era a sua collecção de documentos historicos e não menos rica a sua bibliotheca, quasi toda composta de livros rarissimos e de subido valor bibliographico.

Na sua resposta ao conego Januario, impressa em 1844, falla Abreu e Lima desse thesouro e diz já nessa época, que era precioso e rico pela qualidade dos documentos. « Muitas pessoas, diz elle, me tem dado manuscriptos preciosos, outras m'os tem confiado para extractar ou copiar; e ultimamente até uma pessoa muito ligada ao padre Januario, deu-me um documento tão importante para o acto da nossa independencia, que me sorprehendeu pela sua originalidade e desconhecida existencia. Tenho manuscriptos preciosos sobre a provincia de Matto-Grosso e seus limites occidentaes e meridionaes; tenho tambem um documento official do descobrimento de uma mina de prata

em Santa Catharina, extrahido do gabinete d'el-rei D. João VI, e outros varios sobre acontecimentos mui notaveis em diversas capitánias e épocas; uma memoria sobre a fundação da capitania de S. Vicente e seus administradores, desde que se retirou Martim Affonso e por ella se vê que estão em erro quasi todos os escriptores até frei Gaspar da Madre de Deus, que não é mais exacto que os anteriores; possuo finalmente documentos preciosos sobre a capitania de Pernambuco. »

E toda essa riqueza immensa, que sem duvida devia estar consideravelmente augmentada na época de sua morte, pôde se considerar perdida e a historia privada de todos esses importantes subsidios. Ha homens, cujos thesouros não deviam passar aos seus parentes, muitos dos quaes, as vezes, não os sabem apreciar; e considerando-os como verdadeiras inutilidades, e inconscientes do seu valor, deixam-nos perder e inutilisar! Entendemos, que os herdeiros de semelhantes riquezas, devia ser o estado, por que o bem que dellas resulta, é geral e não individual; e mesmo, quando o governo não as podesse vulgarisar, ao menos ellas seriam cuidadosamente guardadas em um estabelecimento publico e não condemnadas a ficarem perdidas para sempre!

Eis pois o que foi o benemerito pernambucano general José Ignacio de Abreu e Lima, como patriota, como soldado e como homem de letras.

Accommettido de uma grave enfermidade, ainda mais complicada pelo peso dos annos, falleceu aos 8 de Março de 1869. No seu cadaver, vingaram-se os seus inimigos e obtiveram arrancar do bispo diocesano D. Francisco Cardoso Ayres, uma ordem que negava-lhe um pedaço de terra no Cemiterio Publico desta cidade! Foi elle pois sepultado no Cemiterio Inglez, e ahi descansam ainda os seus restos mortaes.

Esse acto deu lugar a uma grande questão agitada nesta provincia, na côrte e outras mais. Nós, porem, humilhados pela nossa obscuridade não ousamos dizer cousa alguma sobre esse assumpto, contentamo-nos apenas em trasladar para aqui as seguintes palavras do Dr. Antonio de Vasconcellos Menezes de Drumond, contidas no discurso que pronunciou no septimo dia do seu fallecimento, junto ao seu tumulo:

« Está na consciencia dos homens de bem e destituidos de quaesquer prevenções, daquelles que não tem espi-

rito eternamente rançoroso, ou não são inimigos d'alem tumulo, que o illustre general José Ignacio de Abreu e Lima, embora fosse condemnado á separação do asylo ultimo, e commum dos catholicos, o que aqui não nos cumpre apreciar, não baixou a sepultura, como o perverso com a sua memoria conspurcada, sem esperanças de remissão — *Nulla redemptio*.

« Não, mil vezes não; elle não desceu a campa ralado dos remorsos inherentes aos scelerados, ou transgressores, nem perseguido pela execração publica. Neste lugar não póde obscurecer-se quem na vida não foi obscuro pela pratica de suas acções meritorias.—O sepulchro não é o inteiro esquecimento da vida, porque o do justo é um templo erigido a virtude.

« Senhores, o tumulo é sempre cercado de uma atmosphera de luz, que lhe é propria.

« Ha uma especie de aurora, que precede á Eternidade.

« A que circumda o leito mortuario do verdadeiro heróe, por certo fascina e exalta.

« Mas, a que acompanha o cadaver do homem virtuoso, sobretudo infunde respeito, veneração e saudade a todos que o cercam.

« Feliz, e bem feliz quem assim póde despedir-se deste mundo de illusões, tendo cumprido nelle a sua espinhosa missão e voar a morada dos justos, a melhor recompensa por Deus decretada para os que na terra nunca praticaram o mal, mas sómente o bem que lhes foi possível.

« E' para mim mais acerba esta dôr, quando penso que daquella tão rigorosa pena foi victima aquelle brasileiro e verdadeiro catholico que foi o unico em 1835, que escreveu e publicou uma luminosa obra, sob o titulo de *Bosquejo Historico, Politico e Litterario* contra o desgraçado, irreli-gioso projecto, ou aliás *indiscreto e absurdo*, como qualificou o venerando marquez de Olinda, então presidente da camara temporaria, em cuja sessão de 6 de Março daquelle anno foi offerecido—*para a separação immediata da igreja do Brazil da Santa Sé*, para romper o precioso vínculo da unidade do catholicismo, ficando incluído o *supremo sacerdocio no governo*!... contra aquelle verdadeiro catholico, que por longo tempo escreveu nesta cidade o periodico intitulado a *Barca de São Pedro*, cujo titulo, e cujas doutrinas por si só bastam para demonstrar plenamente suas profundas convicções, seu espirito orthodoxo, em uma pa-

lavra contra aquelle verdadeiro catholico e nosso illustrado concidadão, que entre muitos dos seus brilhantes escriptos ineditos, que legou, deverá apparecer um que elle pretendia sob o titulo de *Mulher Catholica Brasileira*, dar a estampa, e offerecer a uma matrona, nossa patricia, e digna de todos os respeitos, por enxergar nella principalmente a distincta qualidade de—orthodoxa—, como por vezes me disse em confiança, mostrando-me até de tão sublime obra—alguns trechos; em uma palavra contra aquelle verdadeiro catholico, que nos seus ultimos instantes deu inequivocas provas desses seus sentimentos profundamente arraigados, já pedindo que se conservassem sempre accezas as velas junto as imagens do Crucificado, e de Nossa Senhora, proximas do seu leito; já repetindo até que cessou-lhe a voz, inesperadamente, que ninguem acreditava mais do que elle na religião, que ellas symbolisavam; já pedindo aos seus amigos que o seu corpo tivesse na capella do cemiterio publico uma encomendação rezada, e sem pompa, já mandando alforriar uma escrava alheia que lhe servira de enfermeira, alem de outros factos bem conhecidos, e significativos das crenças religiosas, que elle sempre seguiu, e defendeu com toda dedicação.

« Isto posto, não é muito natural que quem assim procedeu no longo periodo de quasi oitenta annos de idade, venha nos ultimos momentos da vida, quando a resignação do philosopho christão estava bem patente em seu rosto, quando elle só aspirava a eternidade, como unica realidade de improvizo, deslisar-se dessa exemplar conducta.

« *Nemo repentè pessimus.*

« Por isso com todo criterio dizia um Varão Santo no leito de um moribundo—tambem de alta gerarchia social: *Partirei deste mundo com a profunda convicção, de que não é mesmo possivel—que um Christão—nos seus ultimos momentos torne-se infiel á sua religião, traia a seu Deus, morra em peccado mortal...* »

José Ignacio Borges. Nasceu em fins do seculo passado, e assentou praça no regimento de infantaria do Recife, passando depois a servir no de artilharia.

José Ignacio Borges seguindo a carreira militar, elevou-se por seu merecimento e distincção. Fazendo o curso completo da arma de artilharia, e especialmente o de mathematicas, foi promovido a ajudante por Portaria do

governo provisório de 22 de Outubro de 1801, passou a capitão por Patente de 7 de Junho de 1808, e a sargento-mór em 31 de Outubro de 1810.

Nomeado ajudante de ordens do governador Caetano Pinto, por Decreto de 12 de Setembro desse mesmo anno, e promovido a sargento-mór, foi dispensado do serviço do seu regimento para continuar no exercicio de ajudante de ordens. O mesmo governador informando uma sua petição ao governo da metropole, em officio de 16 de Maio de 1814, diz o seguinte: *José Ignacio Borges é um official de merecimento, e tanto no regimento de artilharia em que primeiro serviu, como no actual exercicio das ordens deste governo, tem desempenhado com louvor os seus deveres.*

Elevado a patente de tenente-coronel, e nomeado governador da capitania do Rio Grande do Norte, tomou posse do governo a 16 de Novembro de 1816. Rompendo em Pernambuco a revolução republicana de 1817, a causa da liberdade e independencia patrias proclamada no Recife, foi ecoar no Rio Grande do Norte, mas José Ignacio Borges julgando prematuro esse pronunciamento, e mais que tudo, sendo militar e delegado do governo portuguez, manteve-se fiel no seu posto, e não adheriu a causa revolucionaria. Preso e deposto do governo a 23 de Março, foi mettido em escolla e remettido para Pernambuco, onde apenas chegou foi atirado aos carcereiros da fortaleza das Cinco Pontas, protestando previamente pelos imprescriptiveis e inalienaveis direitos do soberano, pelos armamentos e numerario dos cofres publicos, e pelas vidas e fazendas dos habitantes da capitania.

Debellada a revolução, e restaurada a autoridade real em Pernambuco, José Ignacio Borges obteve a sua liberdade em 20 de Maio, *e sendo muito conveniente ao real serviço e bem commum dos povos da capitania do Rio Grande do Norte que fosse tomar conta daquelle governo, que S. M. tão dignamente lhe confluou*, segundo lhe communicou o chefe de divisão, Rodrigo Lobo, então no governo desta capitania, em officio que lhe dirigiu em 12 de Junho, foram dadas as necessarias ordens para a sua partida, e a 17 do mesmo mez José Ignacio Borges desembarcou na cidade do Natal, *entre vivas e actos do mais justo jubilo praticados por todos os vassallos de Sua Magestade.*

Um dos primeiros actos de José Ignacio Borges, foi escrever uma *Memoria resumida dos acontecimentos politicos que soffreu a capitania do Rio Grande do Norte no presente*

anno de 1817, a qual remetteu ao general Luiz do Rego Barreto governador de Pernambuco em officio de 18 de Julho; trabalho notavel e de grande valor historico, não só pela verdade da narração dos factos, como pela preciosa collecção de documentos que ao mesmo addicionou, cujo trabalho se conserva em original no archivo da secretaria do governo desta provincia.

José Ignacio Borges obteve por instancias suas, o desmembramento da capitania do Rio Grande do Norte da de Pernambuco, por Decreto de 3 de Fevereiro de 1821, ficando assim com governo proprio e independente, sendo então estabelecidas uma alfandega, inspecção e junta de fazenda; creou o Trem Militar, e deu regulamento para o estabelecimento do correio, e depois, quando o congresso de Lisboa mandou adoptar a nova constituição do estado, e se elegeu a junta do governo provisorio, José Ignacio Borges entregou a administração da capitania, na qual deixou memoria veneranda e respeitada pela sabedoria e justiça do seu governo, e pelo seu empenho em prol do engrandecimento e progresso do paiz.

Condecorado pelos seus serviços com o habito da ordem de Christo, José Ignacio Borges figurou dignamente no periodo da nossa emancipação politica, e mais tarde, quando se creou o Senado, foi um dos seus membros como representante de sua provincia natal, sendo escolhido por Carta Imperial de 19 de Abril de 1826, e tomando assento a 4 de Maio do mesmo anno.

Em 1824 José Ignacio Borges foi nomeado commandante das armas do Pará, e sendo-lhe negado o acto de posse pelo estado anormal em que se achava aquella provincia, emigrou para a Europa, percorreu diversos paizes, e no anno seguinte regressava ao Brazil. Fazendo parte do ministerio de 7 de Abril de 1831, após o acto da abdicção de D. Pedro I, occupando a pasta da fazenda, na qual se conservou até 3 de Junho, entrou de novo no ministerio e occupou a pasta do imperio de 5 de Fevereiro a 3 de Junho de 1836, e interinamente a dos estrangeiros, nesse mesmo periodo.

Reformando-se em 1831 no posto de marechal de campo, conselheiro, senador e grande do imperio, José Ignacio Borges subiu á elevadissimas posições sociaes do paiz, conquistando-as pelo seu merecimento e elevados dotes. Um jornal do Rio de Janeiro, que se publicava em 1839, o *Despertador*, escrevendo algumas linhas sobre o passa-

mento desse illustre e benemerito cidadão, disse estas palavras sobre o seu character politico e dotes parlamentares :

« Jose Ignacio Borges apresentava com franqueza a sua opinião e a defendia com coragem ; o seu estylo, ainda que incorrecto, era quasi sempre energico, e algumas vezes tocava á raia do sublime. Durante o pouco tempo, que podemos ouvil-o nas discussões parlamentares, por vezes nos pareceu um pouco mais caustico de que cumpria, e deixando-se arrastar, em prejuizo da discussão, daquellle prurido de fallar que é a molestia dos velhos. Nunca se declarou de partido nenhum ; onde quer que divisasse a verdade e a justiça, fosse do lado direito ou do esquerdo, para lá tendia como necessitado, do mesmo modo que o iman para o ferro. A sua maxima, era a de ser constante em seus principios : nunca seguiu o deploravel systema de accommodar-os á força das circumstancias... »

Tal foi em breves traços a vida de José Ignacio Borges, a qual se finou aos 6 de Dezembro de 1838.

José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima. Nasceu na cidade do Recife, no anno de 1768. Foram seus paes o capitão Francisco Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, e D. Rosa Maria de Abreu Grades. Era neto paterno do coronel Lourenço Gomes de Abreu e Lima e D. Ignacia Ribeiro de Abreu e Lima.

Na cidade do Recife encetou Abreu e Lima os seus estudos de humanidades, *mostrando notavel intelligencia e character independente e um pouco aventureiro*; e deliberando seguir a vida religiosa, abraçou o instituto carmelitano, e professou no convento de Goyanna em 1784, tomando o nome religioso de Fr. José de Santa Rosa.

No intuito de adquirir maior somma de illustração e sabedoria solicitou licença dos seus prelados, e a expensas de seus paes seguiu para Portugal, e matriculou-se no curso de theologia, em cuja sciencia recebeu a laurea de bacharel que lhe conferiu a Universidade de Coimbra.

Terminando os seus estudos, passou-se de Portugal para a Italia, e na capital do mundo catholico, recebeu ordens sacras das mãos do Eminentissimo Cardeal Ludovico Bernabé Chiaramonti, o qual subiu depois a cadeira de S. Pedro sob o nome de Pio VII. Em Roma gosou Fr. José de Santa Rosa de estima e consideração bem honrosas, por seu merito e illustração, e deliberando então, dei-

xar a vida de religioso, obteve do Summo Pontifice breve de secularisação, voltou a Pernambuco, e tratando do processo da nullidade de sua profissão religiosa, isso obteve no anno de 1807, por sentença dos tribunaes ecclesiasticos desta provincia.

Estes apontamentos, extrahidos cuidadosamente dos archivros da Ordem, pelo Padre Lino do Monte Carmelo Luna, são de uma authenticidade incontestavel; no entanto, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos* que elle apostatou e desapareceu por uns tempos, e voltando a patria, disse que fôra a Roma e conseguira do Papa secularisar-se e ordenar-se de sacerdote, porém, que, *não apresentou certidões!*

A viagem do Padre Abreu e Lima pela Europa, e principalmente a sua estada em Roma muito lhe aproveitou. Obteve um grande cabedal de illustração; sabia perfeitamente o latim, conhecia o grego e até mesmo outras linguas vivas, estudo este de sua predilecção; sendo que, a sua estada na cidade eterna, e o enthusiasmo com que della fallava, deram origem ao nome de Padre Roma, com que era geralmente conhecido.

Em Pernambuco, abriu banca de advogado na cidade do Recife, e seriamente dedicando-se a vida judiciaria, era apontado como um dos mais insignes advogados, com muita clientella e fundada reputação e estima: occupou o cargo de promotor de ausentes e capellas, e era condecorado com o habito da Ordem de Christo.

Quando chegou a Pernambuco a noticia da vinda da familia real portugueza ao Brazil, o Padre Abreu e Lima convoca os seus amigos e lhes propõe que se não recebesse o principe regente D. João, sem que elle se prestasse a outorgar uma constituição politica; porém essa idéa de grande alcance e importancia, não foi aceita.

Mais tarde, Abreu e Lima uniu-se á conspiração que trabalhava pela independencia e foi elle um dos patriotas mais ardentes e entusiastas dessa generosa idéa; e quér pelas suas qualidades pessoaes, quér por seus talentos e illustração, foi elle um dos patriotas que mais se distinguiram na propagação da idéa e nos meios da sua realisação.

Rompendo a revolução em 1817, o Padre Abreu e Lima não desmentiu os seus creditos e o seu conceito. Elle figurou em todos os movimentos, fez parte da expedição que reduziu capitular a fortaleza do Brum, foi um dos elei-

tores do governo provisorio, e finalmente escolhido pelo seu generoso offerecimento, para encarregado da difficil e perigosa missão do sul.

A commissão destinada para a Bahia, diz Muniz Tavares, apresentava muitas difficuldades; requeria-se por conseguinte na pessoa para ella nomeada, dotes muito mais relevantes, isto é, desprezo da vida, patriotismo ardente, e entendimento sagaz; taes dotes possuia o Padre José Ignacio Ribeiro, por antonomasia Roma.

Aceita a commissão, e munido de cartas credenciaes e proclamações, partiu com destino ás Alagôas. Em todas as villas por onde passava, diz um historiador contemporaneo, não occultava o seu caracter nem o fim a que se propunha; aos parochos e aos demais sacerdotes, aconselhava que se valessem do seu santo ministerio para instruir os fieis no odio a monarchia; com fogosos discursos estimulava as autoridades municipaes, e aos cidadãos mais conspicuos, a manifestarem sentimentos patrioticos: na villa de Serinhãem elle mesmo appareceu no pulpito prégando as vantagens da revolução.

Em Maceió freta uma balsa e segue para a Bahia, onde já sendo sabida a noticia da revolução e da sua missão, o esperavam. O conde dos Arcos toma todas as providencias necessarias, destaca patrulhas pelo litoral, ordenou que se examinasse cuidadosamente todas as pessoas que saltassem a terra, e fazendo dar os signaes caracteristicos do enviado republicano, ordenou que apenas apparecesse o prendessem!

Cegamente nevegava o Roma, diz o historiador da revolução de 1817, presumindo encontrar nos bahianos a mesma disposição liberal, que havia observado por todos os lugares por onde passára. Elle tinha sempre ouvido fallar com reverencia dos personagens que trabalhavam alli na regeneração do Brazil, e pouco, ou nenhum apreço fazia do conde dos Arcos, que mais dedicava-se aos passatempos feminis do que aos negocios do estado. A balsa em que embarcou-se, distinguia-se como todas as de Pernambuco pela forma da vela; este distinctivo em tal occasião o atraçoava, qualquer que apparecesse no litoral da Bahia, não podia deixar de excitar suspeita, e ser sujeita a rigorosa busca. Outra circumstancia particular concorreu a fixar ainda mais a attenção; a patrulha collocada na barra de Itapoam viu bordejar aquella balsa na tarde de 26 de Março hesitando em aproximar-se á terra. A esta

vista os soldados puzeram-se alerta, e ao escurecer da noite quando aquella dava fundo, elles a invadiram, apoderaram-se dos individuos que ali encontraram, e os levam a cadeia da cidade.

No dia seguinte entrou o Padre Abreu e Lima para o carcere, onde foi insultado pelos portuguezes que emigraram do Recife, e que o iam reconhecer para attestarem ao governador ser aquelle mesmo o enviado de Pernambuco! Os bahianos compromettidos na revolução, tremeram ao saber de tão triste e lamentavel acontecimento; porém o illustre patriota teve uma especie de presentimento, a feliz resolução de lançar ao mar toda a correspondencia e demais documentos; compromettedores aos bahianos, quando viu-se irremissivelmente perdido.

Grandioso rasgo de abnegação e patriotismo!

E os bahianos em vez de darem o grito de liberdade e livrar aquelle que por elles se ia sacrificar, humilham-se, acobardam-se e lançam-se servilmente aos pés do conde dos Arcos, affiançando-lhe extremosa dedicação pelo mais querido dos reis!!

O conde dos Arcos tinha já em seu poder o corpo de delicto, que era a acta da eleição do governo provisório de Pernambuco, na qual o seu nome figurava em segundo lugar.

Verificada a identidade da pessoa, compareceu algemado o illustre patriota perante o tribunal ou commissão militar, presidida pelo conde dos Arcos, patenteando um valor e coragem admiraveis. Protestou contra a incompetencia do tribunal a que o submeteram, nada negou a respeito da sua missão, e instado para que declarasse a que pessoas eram dirigidas as cartas e papeis que lançara ao mar, nada revelou, a ninguem comprometteu!

Grandioso rasgo de heroicidade e abnegação, que a historia bem poucas vezes registra em seus annaes!

Não tendo o illustre réo nada que allegar em sua defesa, sobre os acontecimentos de Pernambuco e Alagôas, e do objecto de sua missão, a commissão militar o condemnou á pena ultima.

O Roma, diz um historiador, ouviu a sentença sem mudar de côr; encarando com fronte altiva os ferozes algozes, pareceu annunciar-lhes em tom prophético que bem cedo seria vingado. Transferido ao oratorio da cadeia, recebeu com edificação exemplar os soccorros da religião. Com seguro passo, sem pronunciar queixa contra pessoa alguma, communicando familiarmente com os ecclesias-

ticos que o rodeavam, caminhou para o campo de Sant'Anna, rogou aos soldados apontando-lhe o peito que lhe poupassem as agonias da morte. Os bahianos viram como morreu um homem livre; a lição devia ficar-lhes impressa.

Seu filho, o general José Ignacio de Abreu e Lima, que se achou presente a lugubre e barbara execução de seu pai, assim descreve os derradeiros momentos de sua existencia.

O seu porte em presença do conselho, no oratorio e durante o tracto para o lugar do supplicio, foi sempre o de um philosopho christão, corajoso, senhor de si, mas tranquillo e resignado. Suas faces não se desbotaram senão quando o sangue que as tingia correu de suas feridas, regando o solo onde, seis annos depois, se firmou para sempre a independencia da sua patria.

E assim terminou a existencia esse martyr da patria, esse generoso apostolo da liberdade, na tarde de 29 de Março de 1817. A sua morte foi ignominiosa, o seu nome foi coberto de maldições pela tyrannia real; *rebelde, infame etrahidor*, taes foram os qualificativos que lhe deram, mas a posteridade o engrandece, chama-lhe de martyr, heróe e benemerito, e a patria o perpetua abrindo-lhe honroso espaço nas paginas dos seus annaes; e a lyra dos poetas o tem celebrado em bellissimas e cadenciaes estrophes.

O Padre Abreu e Lima, não só tem direito pelos seus feitos e patriotismo, valor e abnegação a honorifica menção nas paginas da historia patria, como tambem pelos seus meritos, illustração e sabedoria.

Como orador sagrado, deixou um nome respeitavel; e ainda que bem poucas vezes subisse á tribuna em virtude dos seus labores da vida forense, mas naquellas occasiões em que se fez ouvir, sorprehendia o auditorio com sua eloquencia, sua voz poderosa e harmoniosa, e o estylo claro e elegante com que adornava os seus panegyricos, tudo isto os constituia, verdadeiros primores de eloquencia sagrada.

O Padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima deixou muitos manuscriptos, principalmente sobre melhoramentos de agricultura, e tambem um commentario ás Ordenações do Reino, considerado por uma autoridade competente, um dos melhores expositores do direito patrio, porém infelizmente todos estes trabalhos desapareceram.

José Luiz de Mendonça. Nasceu na segunda me-

tade do seculo passado. Assentando praça num dos corpos milicianos desta provincia, foi promovido a alferes, passou a tenente por Patente Regia de 19 de Agosto de 1802, servindo então no regimento de cavallaria auxiliar de Olinda, e foi elevado a capitão do mesmo regimento por Patente de 13 de Janeiro de 1814.

Homem de talento e de força de vontade, espirito penetrante e avido de illustração, Jose Luiz de Mendonça atirou-se aos estudos, seguiu a profissão de advogado, e sem sahir de sua provincia adquiriu taes conhecimentos, que tornou-se um dos maiores litteratos de sua epocha, versadissimo na sciencia do direito e particularmente em negocios forences, conquistando tanta reputação e renome, que todos davam por segura a causa de que elle se incumbisse.

Iniciado nos planos revolucionarios da independencia de sua patria, o seu talento e illustração, e o seu conceito e popularidade, tornaram-no o homem necessario por excellencia, e elle constituiu-se como que a cabeça pensante dos clubs democraticos, onde exercia verdadeira influencia e gosava immenso prestigio, occupando ao mesmo tempo lugar elevadissimo. Autor da idéa da criação de dous centros de acção fóra da capital, as academias do Cabo e Suassuna, e fundador da do Paraíso no Recife, elle era como que o oraculo dos patriotas; porém foi inteiramente alheio as imprudencias que fizeram precipitar o rompimento da revolução na manhã de 6 de Março de 1817, mas dado o passo, ainda que lamentasse a inopportuniidade, elle não abandonou os seus amigos, atirou-se intrepido na revolução e começou a figurar distinctamente.

Occupando o cargo de juiz de fóra da comarca, corre ao toque de rebate que annunciava a morte do brigadeiro commandante do regimento de artilharia, e com o pretexto de acalmar o tumulto popular na qualidade de juiz da policia, não temeu expôr-se ao furor dos partidos dirigindo-se a fortaleza do Brum á conferenciár com o governador Caetano Pinto ahi refugiado; e pintou de tal modo as consequencias de qualquer resistencia, que fez dissipar semelhante idéa, julgando-se até, que chegou a accordar com o governador a capitulação do dia seguinte, compromettendo-se porém, a encaminhar as cousas que ficassem salvas todas as apparencias, attenuando assim a fraqueza de Caetano Pinto, que aliás dispunha de meios de resistencia.

No dia seguinte quando os patriotas avançaram sobre

a fortaleza do Brum, e fizeram alto nas suas immediações, José Luiz de Mendonça é nomeado parlamentar para intimidar a capitulação, segue para a fortaleza, apresenta as bases da mesma, e aceita e firmadas volta aos seus companheiros e parte com elles para o Campo da Honra á tomar parte nas eleições do governo provisório, do qual sahiu eleito membro, como encarregado dos negocios da justiça.

No intuito de melhor se fixar o systema de governo adoptado, e a proclamada independencia, José Luiz de Mendonça propoz em uma das primeiras sessões do governo, que muito convinha á segurança da causa arvorar de novo a bandeira real, e que remettendo-se para a côrte o governador Caetano Pinto, se remetteste igualmente ao rei um memorial expondo os justos motivos que haviam forçado os pernambucanos a ultrapassar os limites da obediencia, pedindo-lhe a abolição de alguns impostos, e melhores leis que reprimissem a arbitrariedade do poder dos capitães generaes, concluindo que lhe parecia de grande alcance protestar-se então fidelidade ao monarcha, em quanto se ia instruindo o povo no regimen democratico, creando-se um exercito conveniente e tomando outras medidas, o que se obteria durante o tempo necessario áquellas negociações.

Mas as suas palavras foram mal interpretadas, e elle teria sido mesmo victima, se os seus companheiros não o livrassem do arrojo inconsiderado de um exaltado patriota. Como justificativa da sua dedicação e patriotismo, Mendonça publicou no dia 10 de Maio um escripto sob o titulo —*Preciso* em que relata em phrases entusiasticas e ardentes os motivos do rompimento e a marcha revolucionaria até o dia antecedente, escripto avidamente devorado, primeiro fructo da imprensa então estabelecida, cuja vida lhe dá a revolução.

A marcha da revolução, certo desalento que se foi notando, a fraqueza de meios pelo inopinado rompimento e outras circumstancias, e finalmente o bloqueio do porto e marcha de uma columna de tropas sobre Pernambuco, preoccuparam-no assaz, e presentiu logo o eminente perigo em que se via a causa da independencia. José Luiz de Mendonça foi um dos patriotas que acompanhou as forças republicanas á Paulista, quando o exercito realista já batia ás portas da cidade do Recife. Ahi despersado em a noite de 20 de Maio, elle volta immediatamente para a

capital e se occulta em casa de um amigo que se atreveu a recebê-lo. Apparece então um bando proscrivendo as victimas e aquelles que lhe dessem asylo, e Mendonça não querendo comprometter as pessoas que o receberam em sua casa, determinou-se ao sacrificio; mettendo-se n'uma cadeira, fez-se conduzir ao pateo de palacio, e chegando em frente a casa da guarda, sahe de repente, deixa cahir o capote e o chapéu, abre os braços e grita para os soldados: *Camaradas! Eu sou o proscripto José Luiz de Mendonça; atirae se quizeres, e matae-me!*

Preso e conduzido a presença de Rodrigo Lobo, « este teve a baixa covardia de mandal-o immediatamente aguilhoar e mettel-o a bordo do navio *Carrasco*, no qual partiu para a Bahia, e onde chegou a 9 de Junho. Mo dia seguinte entrou para o oratorio onde fez a sua confissão e os seus embargos a commissão militar, mas estes foram desprezados, e indignado exclamou no momento em que seguia para o patibulo: *Juizès malvados, cegos e vis instrumentos da tyrannia, eu vos emprazo para os infernos. 60 réos de pena ultima tenho livrado da forca sem allegar um só facto, que tivesse meio peso dos muitos dos meus embargos: Juizes...* e ia continuar, quando o Padre Miguelinho volve os olhos para elle e diz-lhe enternecidamente: *Querido amigo; façamos e digamos unicamente aquillo para que temos tempo.* E dizendo estas palavras, ajoelhou diante do crucifixo e começou a recitar o *Miserere*. Mendonça não pronunciou mais palavra, ajoelhou-se, perdoou aos seus inimigos, e marchou para o supplicio alternando com aquelle desditoso amigo os versos do *Miserere*, e chegando ao Campo da Polvora foi arcabuzado. Esta data, marca o dia 12 de Junho de 1817, dia de luto e de tristeza, mas que abriu-lhe as portas da immortalidade, conferindo-lhe a palma do martyrio e o nome de heróe.

José Mamede Alves Ferreira. Nasceu no Recife a 17 de Agosto de 1820, e foram seus paes o Dr. Antonio José Alves Ferreira e D. Izabel Ribeiro Pires Ferreira.

Encetando ainda bem creança os seus estudos primarios, aos 10 annos de idade José Mamede já os havia concluido, e começando a estudar os preparatorios necessarios á matricula nos cursos superiores, no fim de 3 annos achava-se habilitado a prestar os respectivos exames, o que fez de alguns, obtendo approvação plena no Curso Juridico de Olinda.

No intuito de seguir a profissão de medico, embarcou para Portugal em 1838, e desembarcando no Porto, seguiu depois para Coimbra, onde novamente prestou exame dos preparatorios, e foi admittido á matricula na Universidade, no curso de medicina. Conhecendo porém que a sua vocação era para as sciencias exactas, e que de preferencia devia seguir o curso de mathematicas, passou para este. Logo no primeiro anno começou José Mamede a distinguir-se, e a Universidade conferindo-lhe o merecido premio, teve ainda de galardoal-o nos terceiro e quarto annos, até que em 9 de Junho de 1843 terminou os seus estudos e recebeu o gráo e bacharel formado em mathematicas.

Rico de talentos e illustração, possuindo um titulo scientifico que abria-lhe as portas á mais brilhante carreira, José Mamede ainda não estava satisfeito dos seus triumphos; queria conquistar novos titulos, devassar mais largos horisontes, ver as obras dos grandes mestres e estudar nos monumentos da velha Europa o que havia de mais arrojado e prodigioso na profissão de engenheiro. Neste intuito o Dr. José Mamede partiu da cidade do Porto para o Havre em Julho de 1843, e no mez seguinte chegou a cidade de Pariz, onde fez o curso de engenharia na *Escola de Pontes e Calçadas*. Terminando os seus estudos, durante os quaes visitou alguns paizes da Europa, em fins de 1845 se retirou para o Brazil, e chegou á Pernambuco no 1.º de Janeiro do anno seguinte.

O Dr. José Mamede consumindo em seus estudos academicos e na sua peregrinação scientifica pela Europa o espaço de 8 annos, muito aproveitou, porque entesourou avultado cabedal scientifico, e a sua illustração e merecimento conquistáram-lhe logo um lugar de engenheiro na repartição das Obras Publicas, por expontanea nomeação da presidencia, acto muito honroso para si, mas que, agradecidamente não aceitou. Nomeado em 1847 membro da commissão incumbida de estudar e dar parecer sobre o projecto da creação de uma penitenciaria nesta provincia, e posteriormente fazendo parte da commissão incumbida do projecto da Casa de Detenção, ao Dr. Jose Mamede coube o trabalho de apresentar o plano desse edificio, que foi aprovado e executado no começo sob a sua direcção, constituindo não só o primeiro monumento que neste genero possui o Brazil, como tambem uma gloria para o distincto engenheiro que o projectou e executou.

Em Março de 1846, quando a administração dos estabe-

lecimentos de caridade, emprehendeu a fundação de um grande hospital nesta capital, o Dr. José Mamede offereceu-lhe um projecto, acompanhado do respectivo orçamento, desenhos e detalhes, cujo plano foi acceito, approvedo e posto em immediata execução sob a sua direcção, sem receber por todo esse trabalho remuneração alguma; e hoje o hospital Pedro II, pela sua elegancia, disposições e solidez, é um dos melhores edificios publicos da provincia, e um valioso attestado do merecimento e aptidão do illustre engenheiro que o projectou e dirigiu a execução das obras.

Nomeado em 1848, membro da commissão encarregada de rever a estatistica da provincia, organisada pelo Dr. Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, assim como engenheiro da commissão que tinha de confeccionar o projecto do melhoramento do porto do Recife, ainda nesse mesmo anno foi eleito deputado a Assembléa Provincial. Como deputado provincial, apresentou diversos projectos de leis de utilidade publica, como fosse o do desecamento do pantano de Olinda e outros, os quaes foram approvedos, e mais tarde executados.

Fazendo parte da commissão incumbida de estudar o porto do Recife, o Dr. José Mamede entregou-se aos mais serios e acurados estudos sobre o assumpto, e se o resultado dos seus trabalhos, e se a gloria que obteve no desempenho dessa importante missão, não lhe cabe exclusivamente, porque o seu nome vem associado aos seus dous companheiros de commissão, comtudo, é sabida a sua iniciativa, os seus esforços, e o interesse que ligou no estudo necessario, e bem conhecidos os seus trabalhos profissionaes, trabalhos que foram approvedos pelo governo geral, executados sob a sua direcção até 1859. Sir John Hawkshaw, notavel engenheiro inglez que veio em 1875 dar parecer sobre as obras á executar para o melhoramento do mesmo porto, ao apresentar o seu relatorio ao governo Imperial, disse estas palavras sobre os trabalhos da commissão de 1848, juizo honrorissimo para o engenheiro que fez parte da commissão: *estes senhores, diz elle referindo-se aos seus membros, trataram cabalmente do assumpto, fizeram esmerado estudo e escreveram um relatorio.*

Organisou ainda o Dr. Mamede o plano do Cemitério Publico do Recife, trabalho notavel pela sua disposição e gosto, e especialmente pela sua elegante capella gótica, cuja cupula, fechada em abobada, acompanhada a fórma

do edificio, que é de uma cruz grega, é uma obra arrojada e elegante, trabalho que fez gratuitamente á Camara Municipal. Encarregado em Fevereiro de 1850 da conclusão das obras do theatro Santa Izabel, realisou em pouco tempo esta incumbencia, e em 18 de Maio do mesmo anno teve lugar a inauguração do theatro que desde então começou a funcionar.

Nomeado engenheiro encarregado das obras do porto do Recife em 1849, e no anno seguinte incumbido da direcção da repartição das Obras Publicas, o Dr. José Mamede dirigiu os trabalhos desta repartição até Fevereiro de 1856, quando pediu a sua exoneração; e no desempenho desse ultimo cargo deu largas ao seu genio activo e emprehendedor, constituindo a sua curta administração, periodo notavel nos annaes desse importante ramo de serviço da provincia. Para dar uma idéa resumida da sua administração, basta o seguinte topico do officio que dirigiu a presidencia em 2 de Agosto de 1855, e que sahiu publicado no *Diario de Pernambuco*: « No entanto, duas epochas bem distinctas separam o seguimento e execução das obras publicas nesta provincia: ao estudo dellas convidaria eu os que quizessem apreciar os trabalhos dos actuaes engenheiros. Compare-se o que se fez em 13 annos, de 1837 a 1850, despendendo-se mais de 1:600 contos de réis, com o que se ha feito em 5 annos, de 1850 a 1855, despendendo-se menos de 1:000 contos de réis; apreciem-se as obras de ambas estas epochas. Na primeira, achar-se-ha 29:500 braças correntes de estrada feita, a ponte do Caxangá, a ponte sobre o Jaboatão, a da Boa-Vista, a ponte e aterro do Bujary. Na segunda encontrar-se-ha 25:183 braças de estrada executada e mais 18,943 em execução; a obra da casa de Detenção, o Hospital Pedro II, 700 braças de caes nesta cidade, diversas pontes novas, além de outras em substituição de antigas, varias obras pelo interior da provincia, etc., não fallando na obra do Cemiterio Publico e sua capella, feitas a custa da Camara Municipal, e outros trabalhos preparatorios de valor. São taes obras, que um dia no futuro, eu o espero, hão de responder a esse espirito de maledecencia que se ha manifestado no presente. »

Nesse mesmo anno de 1855, o Dr. José Mamede entre outros trabalhos, apresentou diversos projectos de uma ponte que ligasse os bairros de Santo Antonio e do Recife, e os discutiu pela imprensa, e o de um edificio para

Academia, assim como organisou o plano do Gymnasio Pernambucano, que foi approvedo, dirigindo elle a sua execução até que se demittiu da directoria das Obras Publicas, no anno seguinte. Nota-se ainda a publicação de um seu importante trabalho, a *Planta da cidade do Recife e seus arrabaldes*, assim como em 1856 a do *Mappa demonstrativo das distancias entre as freguezias de Pernambuco pelos caminhos mais curtos*.

O Dr. José Mamede occupou lugar distincto entre os engenheiros brasileiros, sempre esteve prompto a discutir, e discutiu na imprensa todas as questões relativas a sua profissão, e em que elle tomou parte. As columnas do *Diario de Pernambuco*, registram muitos dos seus trabalhos, e os relatorios que annualmente apresentava ao governo da provincia sobre a marcha da repartição á seu cargo, são trabalhos que attestam o que acabamos de dizer.

Em Agosto de 1859 deixou a direcção das obras do porto, como havia solicitado desde Maio do anno anterior, e durante o tempo que as dirigiu, tiveram ellas grande encremento, executando-se a maior porção dos caes que bordam a cidade, o dique do Nogueira, tomadas das brechas dos arrecifes, e excavações do porto, de cuja epocha data a regularidade deste serviço.

O Dr. José Mamede contractou em 1859 a construcção das estradas de rodagem em direcção do norte e a de Nazareth, trabalhos que nas discussões da Assembléa Provincial tomaram a denominação de *Empresa Mamede*. Elle realisou a construcção das estradas contractadas satisfatoriamente, principalmente no que diz respeito ás obras de arte, e pouco faltava para a conclusão do seu contracto, quando falleceu.

Nomeado em Outubro de 1862 primeiro supplente de director da Caixa Filial do Banco do Brazil, nesta provincia, coube-lhe exercer o cargo de director por não ter accettato este lugar o nomeado, até que foi exonerado.

Official da Ordem da Rosa pelos serviços que prestou em 1854 por occasião da grande enchente do rio Capibaribe, engenheiro distincto, empregado publico solícito, zeloso e honesto, cidadão prestimoso, character circumspecto, o Dr. José Mamede Alves Ferreira legou titulos tão recommendaveis e honrosos, que a inclusão do seu nome nestas paginas é um merecido tributo á sua illustre e veneranda memoria.

José Maria de Vasconcellos Bourbon. Natural do Recife, recebendo de seus paes esmerada educação litteraria, intelligente e estudioso, José Maria de Vasconcellos Bourbon, sem sahir de sua terra, com os seus proprios recursos, adquiriu variados conhecimentos, e foi um dos primeiros discipulos da aula de mathematicas regida pelo Dr. Antonio Francisco Bastos, que tanto o distinguia e tanto merecimento reconhecia nelle, que costumava pô-lo á frente de todos os seus discipulos.

Dominado das mais nobilissimas aspirações, e do desejo de illustrar o seu espirito com maior somma de conhecimentos, Vasconcellos Bourbon atravessa o Atlantico com destino a Coimbra, mas circumstancias imprevistas não o permittiram passar de Lisbôa, e falhados os seus planos de cursar a universidade, voltou á Pernambuco, e aqui veio concluir os seus estudos.

Intelligente e illustrado, possuindo solidos conhecimentos quer artisticos quer litterarios e scientificos, e gozando de geral estima e conceito, Vasconcellos Bourbon obteve provimento regio da cadeira de geometria da villa do Recife, emprego que a revolução de 6 de Março de 1817 veio privar-o do respectivo exercicio.

Recolhendo-se a Pernambuco na epocha em que tramava-se o movimento separatista, as suas luzes e as suas theorias sobre as idéas democraticas da França, começaram a elevar-o no conceito publico, e extremando-se os dous partidos que então nasceram pela invasão dos francezes na peninsula hespanhola, elle não tardou em pôr-se á testa do grupo ante-europeu. Associado ás duas academias, ou centros democraticos, do Cabo e Paraíso, Vasconcellos Bourbon apenas ecoou o prematuro rompimento de 6 de Março, foi um dos primeiros patriotas que acudiram armados ao grito da liberdade.

Tomando parte muito activa em todos os episodios que se deram até o acto da capitulação do governador Caetano Pinto, voltou encorporado ao exercito para o campo do Erário, e na immediata eleição que se procedeu foi um dos eleitores do governo provisorio. Prestando no curto periodo de vida que teve a nascente republica, consideraveis serviços, realçou o seu patriotismo e coragem, offerecendo-se para ser o embaixador da arriscada missão de ir ao Rio de Janeiro á tratar negociações com o governo portuguez, o que não sendo aceito pela temeridade da empre-

za, nem pôr isso arrefeceu o ardor e patriotismo que manifestou no serviço da patria, nem por isso deixou de servir a causa da liberdade enquanto ella pôde sustentar-se.

Restaurada a autoridade real, e mallograda a tentativa da independencia da patria, Vasconcellos Bourbon não se occultou aos primeiros impetus da vencedora tyrannia. Preso e mettido em ferros no porão de uma sumaca, que levantou ferros e seguiu para a Bahia a 28 de Maio de 1817 levando as primeiras victimas ao sacrificio, e condemnado a galés perpetuas e a cumprir o seu degredo em Angola nas inhospitas regiões dos rios de Sena, permaneceu porem nos carcereiros da cadeia da Relação da Bahia, até que foi decretada pelas côrtes constituintes de Lisboa a amnistia geral aos compromettidos politicos de 1817, e em Junho de 1821, após 4 annos de martyrio regressou á esta provincia.

Vasconcellos Bourbon veio encontrar Pernambuco em luta com o despotico governo do general Luiz do Rego, e a tentativa contra a sua existencia deu-lhe enejo de exercer ainda mais a sua pressão e tyrannia sobre o opprimido povo. Multiplicaram-se então os insultos e os ultrages, e a sua ira recahiu especialmente sobre os patriotas de 1817, que acabavam de chegar do seu desterro da Bahia. Treze presos seguem deportados para Fernando de Noronha, e quarenta e dous mettidos á bordo do brigue *Intriga*, seguem para Lisboa, sem processo e culpa formada, á despeito das mais terminantes disposições de leis, e neste numero figurava o vulto respeitavel de Vasconcellos Bourbon.

A 21 de Agosto de 1821, dous mezes apenas, depois que chegára da Bahia, seguia de novo para as terras do degredo, soffrendo na tormentosa e perigosa viagem indescriptiveis encommodos e privações; mas a 27 de Outubro, a attitudo dos deputados pernambucanos no congresso de Lisboa, restituiram-lhe a liberdade, e apenas solto partiu de novo para Pernambuco, que o recebeu com pompa e solemnidades triumphaes.

« A 13 de Dezembro, diz um jornal desta provincia, de 1821, narrando a chegada do illustre patriota, descobriu-se pelas duas horas da tarde uma vela no horisonte; era o navio *Incomparavel*, que depois de 42 dias de viagem chegava a este porto. Pernambuco se abala, todos voam ao lugar do desembarque; esperam e veem um proscripto pelo despotismo, e outro degredado pela injustiça; esquece-se o mal, quando se gosa de tanto bem... Povo imenso coalha as ruas e acompanha os martyres até o Pa-

lacio, querendo todos fazer honra aos seus. Foguetes e musicas, annunciavam a geral alegria; e voluntariamente se illuminaram muitas casas, e a noite que fecha a porta á dor, desta vez a fechou bem tarde ao contentamento. O preso que foi restituído ao seu paiz natal, é José Maria de Vasconcellos Bourbon... »

Tal, foi a condigna recepção que teve em sua patria o illustre martyr da liberdade. Entrando no goso de seus bens sequestrados em 1817, Vasconcellos Bourbon retirou-se á vida privada, foi ser agricultor e entrou na administração de um seu engenho de assucar. Em 1824, servindo no cargo de conselheiro do governo, não adheriu o movimento democratico da Confederação do Equador, e prestou valiosísimos serviços a causa da integridade do imperio. Desta data por diante o nome de José Maria de Vasconcellos Bourbon desapareceu da scena politica, elle retraiu-se e morreu mesmo ignorado, mas os seus serviços a causa da independencia, os seus feitos de patriotismo, e o seu martyrio pela generosa ideia da liberdade, recomendam-no a posteridade, e nós cumprimos um grato dever registrando nestas paginas o seu nome illustre e benemerito.

José Marinho Falcão Padilha. Nasceu na freguezia de S. Lourenço da Matta, e foi baptisado a 8 de Julho de 1787. Antonio Fernandes Padilha e D. Josepha Teixeira de Lyra, foram seus paes.

Fazendo os seus estudos no Seminario de Olinda, recebeu ordens de presbytero, e abraçando assim a vida ecclesiastica, viu satisfeita a sua mais nobre aspiração, chegando ao estado a que o inclinara a sua vocação, os seus mais intimos desejos.

Nomeado por provisão do general Luiz do Rego, de 17 de Maio de 1820, lente da cadeira de rethorica e poetica da villa do Recife, vencendo 20\$000 mensaes, entrou em exercicio, passou depois a reger a mesma cadeira no Lyceu Pernambucano, por nomeação da presidencia de 14 de Abril de 1826, na qual foi confirmado lente pelo governo imperial. Em 1834 foi incumbido de visitar as escolas de instrucção elemental da provincia, do que apresentou ao governo um minucioso relatorio; por portaria de 23 de Abril de 1839 foi nomeado secretario do Lyceu, e exerceu o cargo de director interino do mesmo estabelecimento, por nomeação de 2 de Outubro de 1846.

Sacerdote illustrado, respeitado pelo seu merecimento e por suas virtudes, o Padre José Marinho Falcão Padilha distinguuiu-se não só como homem de letras, mas tambem como homem publico pelos seus serviços, especialmente na quadra da independencia.

Serviu de secretario da junta do governo provisorio de 1823, da qual foi presidente Affonso de Albuquerque Maranhão, e os seus serviços valeram-lhe a conferencia do habito da Ordem do Cruzeiro, condecoração esta que bem poucas vezes usou.

De talento raro, erudição profunda, sacerdote de um character severo, porem affável e caridoso, sem ambições nem vaidades, o Padre Marinho gosava de subida estima, a sua dedicação e zelo no magisterio que lhe fôra confiado eram immensos, e só depois de muitos annos de serviços, já com os pés á beira da sepultura, recebeu a sua jubilação por acto de 3 de Junho de 1848; e pouco mais de um anno depois, a 3 de Julho de 1849, falleceu o Padre Marinho esse *ornamento do clero pernambucano*, e foi sepultado na egreja de S. Pedro do Recife.

Litterato, legou-nos o Padre Marinho um optimo compendio de rhetorica, que foi impresso e adoptado no Lyceu, e muitas composições poeticas, porem esparsas e de difficil obtenção. Atacado pelo Padre Lopes Gama no seu poema *Columneida*, porque era elle um dos membros do partido da *columna*, creado em Pernambuco em 1831, em cujo poema, elle e o Padre Ferreira Barreto eram os protagonistas, escreveu em resposta a *Migueleida*, no qual, por sua vez, era protagonista o Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama. Porém inutilisou-o á hora da morte, e foi essa a prova de reconciliação com o seu antagonista litterario e politico. Poeta excellente, escrevendo sobre as impressões instantaneas do sentimento, era uma torrente, mas esgotado o sentimento callava-se a lyra. As festas campestres, e a commemoração do natal que entre nós tem uma feição muito particular e caracteristica dos nossos costumes, concorria immenso com as suas producções, escrevendo canticos e dramas pastoris, distinguindo-se entre estes o que foi representado no theatro *Natalencia*, que trabalhava na hoje reconciliada egreja do Espirito-Santo.

Escreveu tambem o Padre Marinho um *Officio de Santa Rita* que corre impresso, e que no genero poetico-religioso é tido como um dos melhores; e das suas poesias avulsas

encontramos dous hymnos ao anniversario natalicio de S. M. o Imperador, publicados no *Diario de Pernambuco* de 2 de Dezembro de 1840, uns versos gravados nas pyramides e arcos dos festejos da coroação de S. M. que fiseram-se no quartel do corpo de policia, e publicados a 29 de Julho de 1841 na mesma folha, e a traducção de um soneto do poeta francez Debarreaux, publicado tambem na mesma folha em seu numero de 30 de Março de 1857. E o *Diario de Pernambuco* ao publicar esse trabalho, precedeu-o destas palavras, que são o mais fiel e exacto caracteristico dos elevados dotes e virtudes do illustre Padre Marinho :

« Uma das illustrações de Pernambuco, d'aquellas que só lhe pertencem hoje por uma recordação, foi, na verdade o Padre José Marinho Falcão Padilha. Homem de costumes rigidos, de um character severo mas affavel e caridoso; singularmente desambicioso para commodidades em que o luxo vem á insinuar-se, e tambem para honras em que a vaidade gosta de apascentar-se, elle juntava a essas excellentes qualidades moraes um talento superior que não tinha uma só face, que não era de alguma especialidade, porque palpitava com a mesma força por todas as vocações, porque enfim era, por assim dizer, um talento cosmopolita, dando-se em todos os climas da litteratura.

« Como ministro do altar, que foi somente por amor da egreja de Jesus Christo, o Padre Marinho foi mestre-theologo, profundo e atilado explicador das materias dogmaticas. No ensino da arte dos oradores, elle não tinha quem o rivalisasse, que tamanha era a vantagem de seu saber. Como poeta, não era muito menos que o grandiloquo Barreto, que nesta parte, segundo temos para nós, foi o mais brilhante genio que Pernambuco tem visto. »

José Mauricio Wanderley. Natural da villa de Serinhãem, filho do sargento-mór Christovão da Rocha Wanderley, sacerdote de eminentes virtudes e exemplar vida, o padre José Mauricio Wanderley, foi um homem distincto pelo seu merecimento e elevado patriotismo.

Na luta politica de 1710, aos prenuncios da revolução, ás perseguições dos Mascates contra os pernambucanos, o padre José Mauricio Wanderley pronunciou-se decididamente pela causa de sua provincia, prestando patriótica e dedicadamente valiosos serviços. Travada a luta, ferida a batalha de Sibiró, o padre Wanderley tomou parte nessa heroica peleja na qualidade de capellão do terço do mestre

de campo Christovão de Mendonça Arraes, assim como também figurou no combate de Ipojuca, sem desamparar o seu posto, arrostando mesmo os maiores perigos.

Marchando do interior um corpo de tropas para reforçar o cerco do Recife, o padre Wanderley abandona as suas propriedades e os seus commodos, e faz parte desta expedição, e durante a marcha distinguio-se pelos serviços que prestou, especialmente naquillo que dizia respeito ao seu character sacerdotal.

Quando terminou a luta e o governador Felix José Machado fez recahir toda a responsabilidade sobre os pernambucanos, e exerceu sobre elles a mais desabrida perseguição, o padre Wanderley condoido da sorte que aguardava aos prezos remettidos á Lisbôa, victimas do odio dos Mascates, promove uma subscrição afim de se mandar um procurador para tratar de advogar a causa dos infelizes desterrados, e ao mesmo tempo offerecendo-se para se incumbir dessa missão, abre uma outra subscrição em Porto Calvo e Serinhãem, entre os seus parentes e amigos, afim de effectuar a sua viagem.

Esse acto de patriotismo e philantropia que praticára o padre Wanderley, fez recahir sobre si a parcialidade do governador, que instigado pelos Mascates fez-lhe soffrer crueis e amargos dissabores. Queixando-se o governador ao provisor e governador do bispado, do padre Wanderley, servindo-lhe de motivo a subscrição que promovia, e pretextando frivolas razões, qualificando esse acto de perturbador da paz e da tranquillidade publica, e tanto influio no animo do provisor, que pôde conseguir uma ordem de prisão para esse respeitavel sacerdote.

Preso no dia 18 de Março de 1714, como réo de lesa magestade, e mettido entre uma escolta de soldados de ordenanças, o padre Wanderley veio de Serinhãem conduzido pelos officiaes de justiça, e foi recolhido no seguro da cadeia de Olinda. A' pretexto de offerecer pouca segurança essa prisão, poucos dias depois foi transferido para a cadeia do Recife, soffrendo então os maiores insultos do sargento que o conduzia, que até ousou erguer mãos violentas sobre elle, deixando-lhe sobre o corpo visiveis sgnas da sanha brutal que o dominava.

Victima da mais atroz violencia, calcado aos pés de seus inimigos, injuriado e soffrendo os encommodos e privações do carcere, pagando as culpas do seu patriotismo, e expiando o crime de promover os meios de patrio-

nar a causa dos seus infelizes contrerraneos degredados em Lisbôa, o padre Wanderley dirige uma carta ao provisor, na qual protestou pela sua prisão, demonstrando com expressões energicas e quixosas, o quanto era irregular, senão injusto o seu procedimento, ouvindo e accolhendo as insinuações hostis do governador, carta que a chronica do tempo nos transmittiu, e se acha transcripta nas *Memórias Historicas de Pernambuco*, por Fernandes Gama.

Não satisfeito ainda, o governador, do martyrio que supportava heroica e resignadamente o padre Wanderley, quiz dar mais expansão ás suas perseguições, e ordenou-lhe então o desterro para a capitania do Ceará.

Curvado á ordem superior, elle seguiu para o seu desterro, e alli chegando inqueriu do mestre do barco que o conduzia das ordens que recebêra a seu respeito, o qual respondeu que apenas a de o botar em terra. Indagou tambem do capitão-mór e de outras autoridades da capitania se haviam recebido communicação e ordens sobre o caso, tirou certidões em que todos diziam não constar cousa alguma que impedisse o seu regresso, e munido destes documentos, partiu por terra, e em longa e penosa travessia, veio chegar a Pernambuco em principios de Fevereiro de 1715. Um mez depois, divulgado o regresso do padre Wanderley, foi immediatamente ordenada a sua prisão, e em principios de Março apresenta-se-lhe o capitão-mór de Serinhães, Pedro de Mello Falcão, com uma escolta de ordenanças, prende-o e leva-o para a cadeia da mesma villa, e depois de alli detel-o por algum tempo, em satisfação dos seus inimigos, manda-o para o Recife.

O padre José Mauricio Wanderley soffreu crueis tormentos e longos padecimentos, e só pôde conseguir a sua liberdade depois que Felix José Machado deixou o governo, e assumiu ás redeas da administração desta capitania o seu successor D. Lourenço de Almeida, em Julho de 1715. Sacerdote respeitavel por suas virtudes, e por seu acrysolado patriotismo, o padre Wanderley nobilitou-se por sua attitudo honrosa e patriotica na quadra da guerra dos Mascates, e a barbaridade exercida sobre elle por seus crueis inimigos, e os soffrimentos que supportou, sagraram-no martyr no altar da patria.

José da Natividade Saldanha. Nasceu a 8 de Setembro de 1796. Foram seus pais o vigario João José Saldanha Marinho e a parda Lourença da Cruz.

Saldanha fez os seus estudos de humanidade no Seminario de Olinda, e tendo de seguir pela vontade de seus pais a vida ecclesiastica, a sua entrada no Seminario, era já o primeiro passo dado para isso: mas a sua vocação era outra. Elle aspirava a laurea de bacharel em direito. Saldanha assim conta-nos os primeiros passos da sua vida e educação, e os seus primeiros conhecimentos, no seguinte soneto, que em 1818 compoz e dedicou a Sebastião do Rego Barros:

Em Setembro nasci, no mesmo dia,
Em que nasceu do Eterno a Filha pura;
Soube aos cinco fazer qualquer leitura,
E aos dez annos a muzica aprendia.

Aos dez annos uma rabeca eu já tangia,
E mil versos compunha com doçura;
Aos quinze do latim tomei tintura,
E aos dezoito estudei philosophia.

Estudei com prazer Quintiliano
Em desenho empreguei a mocidade,
Quiz da sã theologia entrar no arcano.

Eis, ó Rego) eis em que posteridade,
Já tem gasto o Saldanha de anno em anno,
Vinte e dous que hoje tem de idade.

Consequindo em fim tratar da realisação dos seus desejos, Saldanha encetou os estudos necessarios ao curso de direito, e depois seguiu para Portugal, e matriculou-se na Universidade de Coimbra, em 1819.

A vida academica do joven poeta, foi um completo triumpho, e o premio de *accessit*, que obteve e que segundo os estatutos da Universidade elle os recebeu em dinheiro, (400\$000 rs. cada um) é o mais solemne attestado da sua applicação e do seu merito; e a 2 de Julho de 1823, depois de 4 annos de curso, fazia Saldanha o seu ultimo acto, e sendo approvado *namine discrepanti*, recebeu a carta de bacharel *in utroque jure*.

Saldanha não só havia conquistado reputação como estudante, mas também se havia celebrado como poeta mavioso e inspirado. A patria e os seus heroes, os amigos, as amenas e pitorescas quintas das Lagrimas, Lapa

dos Esteios e Penedo da Saudade, lugares já tão celebrados pelos mais illustres poetas portuguezes, tudo o inspirava, e as dôces vibrações da sua lyra, e os seus triumphos academicos, compõem a mais bella pagina da sua vida.

Em 1822, quando cursava o terceiro anno, colleccionou e publicou em Coimbra todas as suas poesias, e deu-as ao prelo sob o titulo — *Poesias offerecidas aos amigos amantes do Brazil*; — este livro foi impresso na typographia da Universidade, e consta de 42 sonetos, 16 odes, 4 anacronicas, 2 cantatas, 2 dithyrambos, 2 idilios, etc., etc.

O que resta de Saldanha, no seu voluminho de versos, diz o Dr. Torres Bandeira, é um cofre de joias inestimaveis, bem superiores, sem duvida alguma, a muitas *composições poeticas*, a que em nosso mundo litterario, se tem querido á *fortiori* emprestar o nome de *inspirações*, e impôr o baptismo de *creações d'arte*.

No mesmo anno da sua formatura, em 1823, voltou á patria, e a recepção, e os testemunhos de apreço que recebeu dos seus comprovincianos, foram dignos de um moço já tão vantajosamente conhecido pelo seu talento e illustração, e laureado pelo primeiro estabelecimento scientifico que então possuíamos. Saldanha foi logo nomeado auditor de guerra, porém em breve deixou este cargo e abriu escriptorio de advogado na cidade do Recife.

Por esse tempo, Pernambuco havia chegado a um tal estado de desenvolvimento em idéas democraticas, que custosamente se tolerava os actos e desmandos do governo. Saldanha bem cedo familiarisou-se com os mais illustres patriotas, e conquistou tal reputação, que no mesmo anno em que regressou a Pernambuco, procedendo-se á eleição de um secretario em junta governativa de 13 de Dezembro, elle sahiu eleito; e proclamada a confederação do Equador em 1824, elle continuou a exercer o cargo de secretario do governo, com aquelle zelo e proficiencia que lhe eram peculiares. Grandes serviços prestou então ao novo governo, e pelas suas idéas, talento e tino era consultado, e ouvido em todos os negocios e questões que se agitavam.

« O pernambucano, em cujo coração se ateavam tantos sentimentos patrióticos, diz Torres Bandeira, era um insigne poeta, já conhecido na metropole, onde fizera a publicação de suas primeiras inspirações, e onde estava ainda bem viva a impressão exercida pela escola de Bo-

cage, a que elle irrecusavelmente pertencia. José da Natividade Saldanha, pertenceu a essa geração eminentemente liberal e generosa, que, a partir de 1817, e ainda de alguns antes, inscrevera seu nome illustre no martyrologio do paiz. Era dessa pleiade de mancebos entusiastas das grandes e auspiciosas idéas, lançadas ao mundo, através das velhas gerações, pelo espirito regenerador de 1789; e se algum excesso acaso lhe notavam os mais exagerados d'entre os inimigos politicos, era o *ultra liberalismo*, que em todo o caso significava uma nobre paixão, nunca, porém, um defeito sensível no homem publico. »

Com a restauração do governo imperial, Saldanha prevendo o fim que lhe aguardava, abandona a patria em Novembro de 1824, e refugia-se na liberrima republica dos Estados unidos; e no dia de sua partida, elle enviou á patria o seu derradeiro adeus pela linguagem da poesia.

Quando as tropas imperiaes entraram na cidade do Recife, procedeu-se a um rigoroso varejo em casa dos complicados na revolução; e a casa de Saldanha, situada á rua das Trincheiras, foi varejada; e como não o encontrassem, contentaram-se em damnificar os seus moveis, e em rasgar á ponta de baioneta um bello retrato seu, que pendia da parede da sala de visita!

Dos Estados-Unidos, passou-se á França logo depois. « Muito me custou aqui não trazer passaporte, diz elle em uma carta á sua irmã, escripta do Havre a 13 de Janeiro de 1825, e valeu-me conhecer eu de Coimbra um filho do consul portuguez, que me deu passaporte, e foi preciso ir a Pariz para de lá me vir a licença. »

Da França passou-se a Inglaterra, e a 28 de Março de 1825, escrevendo de Liverpool á sua irmã, pedia que lhe remettesse os seus dous livros em manuscripto que tratavam das guerras de Pernambuco, um folheto tambem em manuscripto intitulado *Noticia dos limites do Brasil*, os seus versos, umas cartas em hespanhol, e mais um outro escripto que estava em casa de um amigo, e uma cantata a D. Inez de Castro.

Em 1826, já o illustre expatriado se achava em Caracas, capital da republica de Venezuela. A sua vida nessa capital, é narrada por elle proprio em uma carta á esta mesma sua irmã, em data de 24 de Agosto de 1826:

« Eu estou vivendo em um convento, pois não posso ainda pagar casa, e o general com quem vivia se mudou para um sitio distante daqui.

« Já me concederam licença para advogar, fazendo exame; porém, tenho estado muito doente, e por isto não me tenho examinado.

« Cada vez tenho menos meios de passar, e vendi já um relógio que aqui tinha comprado, e até camisas, porque com a minha molestia não tenho podido trabalhar. »

Já em Agosto de 1825, se achava Saldanha em Caracas, quando recebeu a noticia de que havia sido condemnado á morte, e chegando ao seu conhecimento a sentença contra elle dada pelo Dr. Manoel Pedro de Moraes Mayer, na qual por escarneo o tratara de *mulato*, Saldanha justamente indignado pelas grosseiras expressões desse seu collega, escreve-lhe uma carta em data de 3 de Agosto e com a altivez e nobreza de character de que era dotado, lembra-lhe que, *esse tal mulato Saldanha, era o mesmo que adquirira premios, quando elle Mayer tinha approvação por empenho, e quando o tal mulato recusava o lugar de auditor de guerra em Pernambuco, elle o alcançava por bajulação, etc, etc.*; e nesta mesma carta lhe enviou um soneto não menos altivo e repassado de odio e indignação, *odio eterno e de guerra*.

Nessa mesma occasião, remetteu Saldanha uma procuração ao seu collega o Dr. Thomaz Xavier Garcia de Almeida, um dos juizes que tomou parte na sua condemnacão, a qual sendo um documento bastante curioso, a transcrevemos: « Pela presente procuração, por mim feita e assignada, constituo por meu bastante procurador na provincia de Pernambuco ao meu collega o Dr. Thomaz Xavier Garcia de Almeida, para em tudo cumprir a pena que fôr imposta pela commissão militar, podendo este morrer inforcado, para o que lhe outorgo todos os poderes que por lei me são conferidos. Caracas, 3 de Agosto de 1825. — *José da Natividade Saldanha*.

A commissão militar o condemnou á morte, e mandou affixar editaes, facultando a quem o encontrasse de o matar!

Em Venezuela encontrou Saldanha o seu comprovinciano general Abreu e Lima, que servia no exercito daquelle paiz, o qual muito o recommendou ao general Escalona. Cremos que é esse o general de que falla Saldanha em uma carta a sua irmã, como já vimos.

Dessa época em diante melhorou de vida, adquiriu fama e reputação como homem de lettras, e foi professor de humanidades em Bogotá.

Em 1830, segundo uns apontamentos do general Abreu e Lima, ainda vivia este infeliz emigrado e desditoso poeta; e neste mesmo anno, quando em um dia de grandes chuvas recolhia-se á sua casa alta noite, cahio na valla da rua por onde seguia, e morreu afogado. Esta noticia do general Abreu e Lima, é corroborada pelo Sr. conselheiro Felippe Lopes Netto, quando ministro plenipotenciario do Brasil na Bolivia, o que lhe foi referido pelo consul geral de Venezuela, que fôra discipulo de Saldanha, e que, alli se achava quando se deu o lamentavel acontecimento da perda de seu mestre, de quem ainda se lembrava e fallava com enthusiasmo.

No entretanto, essa noticia que para nós merece o maior credito, por ser ministrada por duas respeitaveis autoridades, é porém contestada por alguns amigos, que asseveram ter ouvido dos fallecidos senador Manoel de Carvalho Paes de Andrade, e coronel José de Barros Falcão de Lacerda, companheiros de Saldanha, que, tendo elle na qualidade de advogado de fazer uma defeza no tribunal, a sua fama attrahira grande concorrência, e que ahi comparecendo e não lhe sendo possivel fazel-a, retirou-se, desapareceu, e nunca mais se houve d'elle noticia alguma!

Seja porém esse ou aquelle o fim do desventurado poeta, sempre guiado pela fatal estrella da infelicidade, á sua morte perdeu Pernambuco um dos seus mais illustres filhos, o inspirado cantor das suas glorias e dos seus heroes. O proprio Saldanha conhecia as desventuras de sua vida, o triste caminhar por entre espinhos, e no soneto — *A inconstancia da sorte*, — elle pintou com traços firmes e com as mais bellas figuras, as desventuras de sua vida.

De José da Natividade Saldanha, apenas resta o livro de versos que publicou em Coimbra em 1822, e uma ou outra poesia avulsa. Os seus manuscriptos desapareceram, a *Noticia dos Limites do Brasil, das Guerras de Pernambuco*, dous volumes de versos, tudo em manuscripto, e mais outros trabalhos, de cousa alguma existe a menor noticia!

Graças, porém, á patriotica iniciativa de um nosso comprovinciano o illustrado e talentoso Dr. José Augusto Ferreira da Costa, o nome de Saldanha é repetido, e os seus versos lidos com avidez e enthusiasmo.

Esse moço, verdadeiramente pernambucano, e incansavel obreiro do esplendido edificio das nossas glorias e

tradições, coadjudo pelo concurso de um editor que não vive sómente do calculo e pelo calculo, o Sr. João Wal-fredo de Medeiros, a um e outro devemos a reprodução dos versos de José da Natividade Saldanha, cujo livro foi nitidamente impresso em Lisboa em 1875.

Não foi tarde, porém, o pagamento dessa divida de honra e gratidão que deviam os pernambucanos ao illustre cantor das suas glorias, o inspirado poeta José da Natividade Saldanha, a cujo merecimento, as mais competentes autoridades tem tecido a merecida corôa das suas glorias litterarias.

O Sr. conselheiro Pereira da Silva, chama-lhe litterato de gosto fino e poeta brilhante; Fernando Hoff, no seu Brasil Litterario, exalta os seus meritos, e transcreve alguns de seus versos; e Varnhagem, Torres Bandeira, Innocencio Silva e Joaquim Norberto de Souza e Silva, cada qual que se vantagem mais em memorar e exaltar os seus meritos, e em conferir-lhe o honroso lugar que lhe compete como poeta lyrico.

« Hardido como Pindaro, diz este ultimo, patriotico como Ecouchard Lebrum, magestoso como Diniz, abalançou-se á elevada e pomposa poesia pindarica e emparelhou com Pindaro na hardidez, com Ecouchard Lebrum no patriotismo, com Diniz na magestade e pompa da versificação e deixou-nos quatro bellas odes pindaricas. — A primeira dirigida a Vidal de Negreiros, brasileiro illustre e laureado pela victoria em algumas batalhas, parece ter sido o primeiro vôo do poeta, mas nem por isso lhe falta a energia nos versos, a nobreza nos pensamentos e essa *bella desordem*, que requer similhante casta de poesia. — Na segunda ao grande Camarão, tomando azas de aguia, mais e mais se remonta. — Na terceira a Henrique Dias é ainda mais pindarica, seus pensamentos são nobres e seu estro encendeia-se com furor. — Na quarta tudo cresce; as acções do immortal Rebelinho inflammam a mente do Pindaro brasileiro, que com elle se arroja ao meio dos pe-lejadores: — o sonido das armas, — o sibilar das balas, — os gritos dos guerreiros, — os trovões da guerra lhe retinem nos versos! »...

« Não menos para prezar-se são os seus sonetos, suas odes horacianas e anacreonticas, seus dithyrambos e suas cantatas, que encerram grande copia de elegancias e bellezas poeticas. »...

« E longe da patria, carpindo seus males viveu en-

volto em gloria e miseria e assim terminou existencia tão apreciavel. »

« Esse o destino de nossas notabilidades. »

« Não somos nós netos de Albuquerquea de Lusos? »

José do O' Barbosa. Homem pardo, natural do Recife, e capitão do regimento miliciano dos homens de sua côr, foi um dos herôes-martyres da revolução regeneradora de 1817. Assentando praça em fins do seculo passado, foi promovido a alferes pela governador D. Thomaz José de Mello, a tenente pela junta do governo provisório, cujo posto lhe foi confirmado por Patente Régia de 29 de Outubro de 1802, *em attenção a achar-se exercendo o posto de alferes com honrado procedimento, zelo, prestimo, capacidade e distincção*, e a capitão da nona companhia do regimento de milicias dos homens pardos da praça do Recife, por Patente de 15 de Dezembro de 1811.

Sem fazer parte dos clubs revolucionarios em que se tratava da causa da independencia e liberdades patrias, ignorando mesmo os projectos e inciativa dos seus compatriotas, tendentes á realisação de tão nobre e generoso commettimento, o seu prematuro e fatal rompimento no dia 6 de Marco, foi um acontecimento imprevisto para o capitão José do O' Barbosa; mas elle era um patriota exaltado, as suas idéas, o seu amor pelo engrandecimento de sua patria fizeram-no immediatamente unir-se a aquelles que haviam proclamado a sua independencia, e a causa da sua liberdade encontrou nelle um apostolo dedicado e entusiasmado; e prestou consideraveis serviços no exercicio do seu posto, enthusiasmando com persuasiva e natural eloquencia os seus soldados e homens da sua côr á acompanhá-lo, e á prestar os seus serviços em prol da obra da regeneração da patria.

A' par dos serviços que prestou como militar brioso e patriota, realçam tambem os que desinteressada e dedicadamente prestou como artista. Exercendo a profissão de alfaiate, de cuja arte era *mestre peritissimo*, segundo um historiador do tempo, José do O' Barbosa foi convidado pelos membros do governo provisório para se incumbir da execução do plano das bandeiras nacionaes da proclamada republica, assim como do uniforme dos seus embaixadores, incumbencia esta que perfeitamente executou ajudado por seu irmão o capitão Francisco Dornellas Pessoa, trabalhando ambos desvellada e gratuitamente.

A descripção das bandeiras nacionaes da republica pernambucana proclamada em 1817, que os historiadores nos transmittiram, composta de duas côres parallela e horizontalmente dispostas, azul no alto e branco em baixo, ostentando-se na parte superior uma estrellla representando Pernambuco, cujo numero se iria augmentando á proporção que outras provincias fosse adherindo a causa da independencia, em baixo o arco-iris com as côres brillhantes de que se compõe, e no semi-circulo formado, o sol ostentando os seus fulgores das regiões tropicaes, e finalmente em baixo, na parte branca uma cruz vermelha, symbolisando a liberdade, todo este trabalho feito em seda, composto de pequenas partes desta fazenda para representar não só o colorido como o dezenho de todos os emblemas de que se compunha o estandarte, requeria muita habilidade e pericia da parte do artista cuja execução lhe foi confiada; e o capitão José do O' Barbosa executou-o com a pericia e mestria de um bom artista, e com o zelo e dedicação de um verdadeiro patriota, sem receber remuneração alguma, contentando-se com a gloria de ser obra sua, de sahir de suas mãos, o symbolo da nacionalidade de sua patria, o penhor da sua liberdade e independencia.

Sem nos restar outros documentos que atestem a sua pericia na arte que professava, basta o primoroso trabalho da confecção das bandeiras nacionaes, em numero de trez, cuja benção solemne teve lugar no Campo da Honra, hoje das Princezas, no dia 2 de Abril de 1817, as quaes foram destinadas aos trez corpos militares que então guarneciam a praça do Recife.

Artista peritissimo, executando perfeitamente o plano das nossas bandeiras patrioticas, na phrase do autor dos *Martyres Pernambucanos*, militar brioso, patriota que se distinguio pelo ardor e enthusiasmo com que se identificou ao movimento regenerador de sua patria, « estes e outros serviços lhe conciliaram um odio tão entranhavel da parte dos tyrannos, quando vencedores, que custa a concordar com a popularidade e estima, e mesmo amizade fraternal que todos lhe tinham antes da revolução; os europeus se singularisaram em accusal-o de blasphemias publicas pronunciadas contra o rei e a familia real, e contra tudo que era da Europa; de ameaças sanguinolentas e mil outras provocações com que os aviltava, ainda mesmo nos paroxismos da liberdade expirante »

Possuindo o capitão José do O' Barbosa um unico es-

cravo de nome Melchior, a sua eloquencia inflammou-o no heroico amor da liberdade, e sem duvida por influencia sua, foi elle um dos primeiros escravos que correram á alistar-se voluntariamente, quando no extremo perigo da patria o governo os chamou invocando os seus serviços em prol da causa da liberdade, o que importaria as suas proprias liberdades individuaes.

Taes foram os serviços que prestou o benemerito capitão José do O' Barbosa á causa da independencia da sua patria, tal foi a sua attitude e o papel que representou na quadra ephemera mas notabilissima em que foi ella proclamada, para attrahir sobre si todos os odios, e para merecer da vencedôra tyrannia a perseguição e os horrores do martyrio votados aos infames rebeldes, como então qualificavam áquelles que ousaram emprehender a patriotica e nobilissima idéa da regeneração e independencia do seu paiz, que por tantos annos gemia sob o peso da oppressão dos Cezares do poder.

Preso, quando as tropas patrioticas evacuaram a cidade do Recife, e o exercito realista se apoderou do vencido baluarte, o capitão Barbosa foi atirado aos carcerees da cadeia, e apesar de todas as torturas e barbaridades de que foi victima, quizeram e perseveraram até em applicar-lhe a pena cruel de o açoitar nas grades da cadeia, pena esta de que já havia sido victima o seu fiel escravo! Avisado porém dessa infamia, valeu-lhe o expediente de conservar-se sempre fardado com o seu uniforme de capitão, uniforme este que jamais despiu nem mesmo para dormir; e assim, não offerecendo aos seus inimigos occasião em que podessem descarregar o golpe, livrou-se da pena cruel e infamante que lhe estava reservada!

Homem brioso, de character firme e resolutivo, o capitão José do O' Barbosa perseverou heroicamente em ser antes condemnado a morte por um conselho de guerra, unico tribunal competente para o julgar na sua qualidade de militar, do que viver a troco de ser açoitado publicamente, e passar o resto de sua vida deshonorado e infamado. Com a chegada do novo governador o general Luiz do Rego, os seus amigos obtiveram livral-o da commissão militar, e aguardar o seu julgamento pela Alçada que se tinha de abrir posteriormente, o que pouco melhoraria a sua condição, se não fosse publicado o Decreto de perdão de 6 de Fevereiro de 1818 lavrado por occasião do acto da exalta-

ção de D. João VI ao throno portuguez, em virtude do qual obteve a sua liberdade, depois de um anno de prisão, de tormentos e martyrios.

O capitão José do O' Barbosa, sahio da prisão abatido, humilhado e sensivelmente envergonhado das atrocidades e despresos de que foi victima, e mais que tudo, pela infame tentativa dos açoitamentos publicos. Despiu então a farda de capitão, a cujo posto havia attingido pelo seu merecimento; abandonou as fileiras do seu regimento, deixou a sua officina e a arte que professava; e metteu-se pelo interior da provincia exercendo o officio de mascate ou negociante volante, e assim acabou os ultimos dias de sua existencia, desconhecido e occulto ás vistas daquelles em cujo seio tinha nascido, vivido feliz e respeitado.

O capitão José do O' Barbosa na esphera limitada em que viveu na sociedade, pobre e laborioso artista, condemnado as agruras de um incessante trabalho para manter-se honesta e honradamente, foi um pernambucano duplamente illustre e patriota. Como homem, consagrando o seu braço e o seu peito ao serviço da patria, quando ella reclamou a generosidade e patriotismo de seus filhos, e como artista contribuindo com o seu trabalho na obra do symbolo da sua nacionalidade e independencia, elle conquistou um nome digno da memoria dos posteros, nome ainda mais charo pelo martyrio que soffreu, victima das suas idéas, do seu patriotismo e dos serviços que prestou a causa da liberdade.

José Paulino da Camara. Nasceu no engenho Queluz, freguezia de Ipojuca aos 31 de Julho de 1838, e foram seus paes o coronel Bernardo José da Camara e D. Maria Eulalia Nobre da Camara, depois barão e baroneza de Palmares.

Fazendo o curso preparatorio, no qual patenteou a sua intelligencia lucida, e desenvolveu grande applicação, José Paulino da Camara prestou os respectivos exames, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1858, e merecendo sempre a nota de distincção entre os seus contemporaneos, e terminou os seus estudos academicos em 1862, quando recebeu o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Começando a sua vida como promotor publico desta capital, por nomeação de 10 de Maio de 1864, Paulino Camara cortou a sua carreira tão brilhantemente encetada,

por um acto do mais acrisolado patriotismo, que tornou o seu nome popular, que immortalisou a sua memoria e o recommendou á honrosa missão da historia.

O Brazil acabava de declarar guerra ao Paraguay, e publicado o celebre Decreto chamando os brasileiros as armas e creando os corpos de Voluntarios da Patria, Paulino Camara foi o primeiro pernambucano que alistou-se voluntario, e a esse nobilissimo e patriotico exemplo, seguiram-se muitos outros, e d'ahi o enthusiasmo que fez incorporar 5 batalhões de Voluntarios, que marcharam á vingar a honra nacional tão vilmente ultrajada pelo Paraguay.

No dia 24 de Fevereiro de 1865, Paulino Camara apresenta-se ao presidente da provincia, pede a sua exoneração do cargo de promotor publico, e se alista voluntario no corpo que então se organisava; segue então para o engenho de seus paes, reúne uma companhia de 74 praças, composta em grante parte de parentes e amigos seus, volta para a capital, e a 20 de Março recebe a nomeação de capitão da 1.^a companhia do 1.^o corpo de Voluntarios da Patria. O Sr. Dr. Camara, diz um jornal desta capital noticiando o acto do seu offerecimento voluntario, começou aqui a sua carreira publica sob os mais brilhantes auspícios. Moço distincto por sua intelligencia e character illibado, filho de um agricultor abastado e muito considerado de nossa provincia, elle faz a sua patria o sacrificio mais honroso e patriotico de todos esses dons, com que approve a fortuna mimoseal-o. O seu acto, é um desses feitos de generoso e nobilissimo enthusiasmo, acima de todo o elogio, um desses actos que bastam por si sós para nobilitar a quem quer que os pratica, e que recommendam seus autores ás sympathias e ao amor dos seus considadãos. Em uma palavra; o Dr. Paulino Camara honrou com este acto, o nome pernambucano que recebeu em seu berço.

No dia 25 de Março, foi o Dr. Paulino Camara alvo de uma esplendida e significativa demonstração por parte de seus collegas bachareis em direito. Pelas 11 horas apresentou-se no quartel uma commissão, e em nome dos seus companheiros lhe offereceram uma chapa de ouro, de conformidade com a mandada usar pelo Decreto que creou os corpos de Voluntarios da Patria, tendo no alto a corôa imperial circundada por uma canna de assucar, e um ramo de café, entretecidos na extremidade por uma fita, em cuja largura estavam gravadas as palavras: *Voluntario da Pa-*

tria, sendo todo esse trabalho em alto relevo, e levantado a cinzel, com a maxima perfeição possível, tendo porém no verso esta inscripção aberta a buril : *Deus, Patria, Imperador. 25 de Fevereiro, 25 de Março de 1865. Offerecida ao Bacharel José Paulino da Camara, por alguns de seus collegas e amigos.*

Ao ser-lhe entregue este valioso e significativo presente, foram pronunciadas algumas palavras repassadas de enthusiasmo e patriotismo, e cheias dos mais merecidos louvores ao brioso Voluntario da Patria; elle respondendo-as commovida e agradecidamente, pronunciou entre outras, estras palavras dignas e memoraveis :

« Empunhando as armas, e deixando a cadeira de orgão da justiça publica, corro aos campos onde se propugna pelos direitos e dignidade do Brazil. Tenho simplesmente cumprido um dever que reputo sagrado. Offereceste-me a chapa que distingue o *Voluntario da Patria*, trazendo a eloquente inscripção : *Deus, Patria, Imperador*; trindade magestosa que reunindo o infinito e o finito, o sublime e o grandioso, resumem tambem uma multidão de idéas e sentimentos, cada qual mais nobre, mais tocante e mais veneravel !... *Deus! Patria! Imperador! Deus!* Ser dos seres, a justiça da causa invoca a vossa protecção; protegei o Brazil. *Patria!* Mãe commum de todos os brasileiros, acceitai o meu sangue; contente verterei em vossa defesa. *Imperador!* Senhor, vós, que collocado na cupula do poder social, imprimis o movimento ao grande corpo brasileiro, e velaes no destino do vasto imperio da Santa Cruz, acceitai o fraco contingente da pessoa de um vosso fiel subdito, que se vos offerece em defesa da patria. »

No dia 27 de Abril de 1865, quando seguiu para o sul o 1.º corpo de Voluntarios de Pernambuco, embarcou tambem o Dr. Paulino Camara; o trajecto do batalhão, lusada e garbosamente preparado, composto de quasi 800 praças, desde o quartel do Hospicio até o ponto do embarque no Arsenal de Marinha, foi o de um verdadeira marcha triumphal, e constituiu uma festa esplendida, magnifica e imponente.

Paulino Camara tomando parte nos primeiros movimentos da campanha, esteve no acampamento da Concor dia, e depois seguiu com o exercito até o de Talá-Corá, na margem esquerda do Paraná, onde chegou adoentado de molestias peculiares á esses inhospitos climas. Em vão instaram para que deixasse o theatro da guerra á tratar de

sua saude, mais a idéa de deixar os seus companheiros, principalmente aquelles que havia alistado, a quem protestára acompanhar-os sempre, levaram-no a esperar; mas a molestia progredia rapidamente, e quando se decidiu a partir, chegou a Corrientes e d'ahi se transportou a Buenos Ayres, já era tarde.

Recolhido ao hospital, e sob os cuidados do nosso ministro o Sr. Conselheiro Octaviano Rosa, nada lhe faltou; porém baldados esforços, a 10 de Junho de 1866 apagou-se a luz daquella grande alma, e em apparatusa solem-nidade foram os seus restos mortaes entregues á sepul-tura. A Camara Municipal do Recife deliberou então que se officiasse ao ministro brasileiro residente em Buenos Ayres, para enviar os seus restos mortaes para Pernam-buco afim de se mandar erigir um mausoléo no Cemiterio Publico para os receber, mas chegando elles em 1870, fo-ram depositados na igreja do Espirito Santo, achando-se ainda por satisfazer aquella deliberação da Camara.

L

Laurentino Antonio Moreira de Carvalho. Nasceu na cidade do Recife em fins do seculo passado, e foram seus paes Laurentino Antonio Moreira de Carvalho e D. Izabel Francisca Cesaria.

Entrando na Congregação do Oratorio de S. Felipe Nery, ali fez todos os seus estudos, ordenou-se presbyte-ro, e permaneceu nesse instituto religioso até a sua ex-tincção em 1831. Homem de talento e de reconhecido saber, o padre Laurentino leu theologia em uma cadeira do curso da mesma Congregação, e por nomeação da presidencia de 12 de Agosto de 1825, foi provido na cadeira de geometria do Recife. Creado o Lyceu Pernambucano, o padre Lau-rentino foi nomeado seu director, installou-o solemnemen-te no dia 10 de Setembro de 1827, e continuou a funcção na cadeira de geometria, até que, por portaria de 9 de Mar-ço de 1841, recebeu a sua jubilação.

O padre Laurentino foi um patriota que muito figurou e distinguio-se no movimento emancipador de sua patria. Deputado pela Camara da villa do Cabo, elle tomou parte no conselho celebrado na povoação de Beberibe, em 5 de Outubro de 1821, no qual se tratou da capitulação do general Luiz do Rego, e da installação da junta constitucional, mandada crear pelas côrtes portuguezas, e na eleição dos seus membros celebrada a 26 do mesmo mez, o padre Laurentino ficou fazendo parte da mesma junta, exercendo o cargo de secretario. Por portaria de 15 de Dezembro desse mesmo anno, foi elle nomeado membro da commissão incumbida de estudar o estado economico de todas as repartições da provincia, e de propôr os melhoramentos que lhe eram necessarios, assim como as novas fontes de receita e despeza da sua fazenda, fórma da sua arrecadação e escripturação, afim de ser remettido o respectivo relatorio ao congresso de Lisboa, para serem tomadas as convenientes medidas.

O padre Laurentino aceitando esta incumbencia, desempenhou-a dignamente, e prestou muitos e valiosos serviços nos trabalhos da secretaria a seu cargo, pela sua intelligencia e perspicacia, pelo seu patriotismo e abnegação. Membro do conselho do governo, deputado provincial em diversas legislaturas, o padre Laurentino Antonio Moreira de Carvalho exaltou o seu merecimento, nobilitou-se pelos seus serviços e patriotismo, e legou-nos um nome venerando e respeitavel.

Frei Leandro do Sacramento. Nasceu na cidade do Recife no anno de 1778. Jorge Ferreira da Silva e D. Thezera de Jezus, foram os seus progenitores.

O convento dos Carmelitas Reformados o recebeu em seu seio, e aos 5 de Maio de 1798, aos 20 annos de idade, professou a sua regra. Frequentando com grande aproveitamento as aulas do curso do seu convento, Frei Leandro revellou um talento robusto, e precocemente adquiriu um grande cabedal de instrucção. Recebendo as ultimas ordens, havia elle tocado ao termino da escala dos conhecimentos que ministrava o seu convento; mas para aquella grande alma, sedenta de illustração e sabedoria, era pequenino, insignificante mesmo, o limitado circulo em que se achava.

Novos e mais vastos horisontes rasgam-se ante os seus

olhos. Solicita dos seus superiores a necessaria licença para deixar o seu convento, e parte para Portugal e matricula-se no curso de philosophia da Universidade de Coimbra, e o concluindo, apresenta a Faculdade a sua these sob o titulo: *Theses ex philosophia naturali*, a qual lhe conquista o titulo academico de licenciado.

Em 1806 já estava Frei Leandro do Sacramento de volta á Pernambuco, laureado pela Universidade de Coimbra. A fama dos seus dotes e illustração precedera-o, e elevou-se ainda mais, quando se lhe offereceu occasião de exhibir-se, principalmente na especialidade dos seus grandes conhecimentos de sciencias naturaes, a botanica; e assim, que em 1808 foi incumbido pela Junta do Governo de escrever uma *Memoria sobre as nitreiras naturaes ou artificiaes deste paiz*, o que executou, trabalho este que foi remettido ao ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, em officio de 22 de Abril do mesmo anno.

Pouco tempo depois de aqui chegar, Frei Leandro do Sacramento emprehende uma viagem ao Rio de Janeiro, onde chegando, sem que o pensasse e ainda menos pedisse, é sorprendido com um Decreto do governo, nomeando-o lente de botanica da Academia Medico-cirurgica.

Exercendo o magisterio, diz o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Frei Leandro não só leccionava no edificio da Academia, como costumava ir fazel-o em um dos dous antigos pavilhões ou mesmo passeando pelas alamedas do Jardim Publico da cidade do Rio de Janeiro. Tão abalisado lente, como homem virtuoso, tão profundo como eloquente em suas lições, tão affavel como attractivo em suas maneiras, Frei Leandro era por todos venerado, e com os seus discipulos muitas vezes se ajuntavam, para ouvir-o no Passeio Publico, varões já de esclarecida nomeada.

No Rio de Janeiro, além das funcções de lente de botanica da Academia Medico-cirurgica, foi tambem Frei Leandro do Sacramento, procurador geral da sua ordem, e Director do Passeio Publico, até que em Maio de 1824 foi nomeado director do *Jardim Botanico da Lagôa de Rodrigo de Freitas*, de cujo estabelecimento, dizem alguns escriptores, fôra elle o fundador.

Foi este o ultimo cargo que exerceu Frei Leandro, e os estudos e os trabalhos que ahi fez, deram-lhe um nome respeitavel, que lhe conquistou fama e renome não só entre os seus, como tambem no estrangeiro. A Sociedade

Real de Agricultura e Botanica de Gand, o Instituto Columbiano, a Academia Real de Sciencias de Munich, e Orticulural de Londres, a Academia da Russia, e outros estabelecimentos scientificos da Europa, inscreveram o seu nome nos quadros dos seus associados; e Guiseppe Raddi, celebre botannico italiano, que em 1817 visitou o Brazil, perpetuou o seu nome na historia da Botanica, propondo o genero *Leandra*, na ordem das *melastomaceas*.

Frei Leandro do Sacramento, prestou ao estabelecimento do Jardim Botanico, acertadamente confiado á sua direcção, os mais importantes serviços, e quando se preparava para executar o plano de grandes reformas e melhoramentos, que traçara, aggravaram-se os males de uma affecção pulmonar que o affligia, e no dia 1 de Julho de 1829, aos 50 annos de idade, apagou-se a luz daquella grande alma, naquelle mesmo Jardim Botanico, onde habitava.

Este illustre Brasileiro, diz o Dr. Macedo no seu *Anno Biographico Brasileiro*, escreveu pouco, ensinou muito, e sabia muito mais. Escreveu pouco e infelizmente não deixou documentadas em obra dada ao prelo numerosas plantas medicinaes, que fez conhecidas e applicadas no tratamento de molestias: na phitologia não igualou, não pôde ter o renome de Frei Velloso, o autor da *Flora Brasileira Fluminense*; mas poderia tel-o acompanhado de perto, se houvesse escripto a historia de suas conquistas phitologicas, e se menos doente e debilitado, pudesse ter-se dado ás laboriosas explorações botanicas, que poude effectuar aquelle sabio franciscano.

Mas o sabio brasileiro Frei Leandro do Sacramento, não era sómente versadissimo em botanica; a chimica e outros ramos das sciencias naturaes, tinham nelle tambem despertado os seus conhecimentos. Quando a Academia Militar desejou obter uma collecção de conchas e de agathas orientaes, afim de enriquecer o seu gabinete mineralogico, e a obteve, o sabio carmelita foi um dos incumbidos de a examinar, e dar o seu parecer.

Incumbido tambem, em virtude da Portaria de 7 de Janeiro de 1825 de preparar collecções de sementes de chá, cravo e outras plantas afim de serem remettidas as provincias do imperio, o illustre naturalista Frei Leandro do Sacramento não se limitou sómente a isto executar. Escreveu uma *Memoria economica sobre a pluntação, cultura*

e *preparação do chá*, a qual foi impressa no Rio de Janeiro no mesmo anno de 1825, e a fez acompanhar com a remessa das sementes dessa planta.

Saudado e respeitado, conhecido na Europa como um sabio, como um illustre brasileiro, mereceu sempre o culto e preito que só a sabedoria e as virtudes sabem infundir e conquistar. Martius, S. Hilaire, Raddi e outros sabios do velho mundo, renderam-lhe os merecidos louvores, e apregoaram o nome desse sabio e illustre brasileiro que o conquistando, não o foi sómente para si, mas tambem para sua patria.

St. Hilaire, que tão deperto o conheceu e apreciou, assim teceu a corôa das glorias e sabedoria desse illustre brasileiro, nas suas *Viagens pelo interior do Brazil*:

« O padre Leandro do Sacramento, professor de botanica, director do Jardim das Plantas do Rio de Janeiro, cultivava com vantagem a sciencia que o encarregaram de ensinar, e possuia conhecimentos de chimica e zoologia. Deve-se a elle a analyse das aguas mineraes d'Araxá, observações botanicas impressas nas *Memorias da Academia de Munich*, e uma memoria sobre as Archimédias ou Belanophoreas que segundo espero, será publicada brevemente. Leandro era um homem de costumes brandos, accessivel, cheio de candura e de amabilidade. Acolhia os estrangeiros com benevolencia; é, cumpre dizel-o, nem sempre foram reconhecidos para com elle. Como justificação das queixas que os brasileiros teem dos habitantes da Europa, basta citar o modo pelo qual foi tratado o padre Leandro. Communicou as suas collecções aos nossos navegantes; enviou plantas seccas ao muzêo de Pariz; mandou seis caixas com plantas ao governo francez com destino á colonia de Cayenna, e foi em vão que, por muito tempo, eu e o consul de França no Rio de Janeiro solicitamos uma simples carta de agradecimento a duas de nossas administrações.

« Os sabios que, amando ás sciencias, deveriam animar por todos os meios possiveis aos americanos, dos quaes ha tanto a esperar, os sabios, digo, não foram perfeitamente justos para com o padre Leandro. Como se houvesse a idéa de fazer desaparecer até a memoria deste homem recommendavel, destruiu-se um genero que elle formou em uma das suas memorias; para explicar esta suppressão, diz-se, é verdade, que o genero existia já em manuscripto, porém jamais deveriamos perder de vista

esta regra sabiamente estabelecida por M. Candolle na admiravel *Theoria Elementar*, a saber: que por prioridade não é necessario ter em linha de conta os trabalhos inéditos. »

Conversava um dia St. Hilaire e Frei Leandro sobre botanica, especialmente sobre a acclimação das plantas, quando St. Hilaire volta-se para elle mostrando-lhe uma planta dizendo: *Eis uma planta de vosso paiz, que não é vista senão no Rio de Janeiro, e d'ahi até a provincia de Santa Catharina.* Frei Leandro toma-a, examina-a, e replica com vivacidade: *Esta especie, ou outra que muito se assemelha, vive no Rio Doce, e eu mesmo encontrei-a na provincia de Pernambuco, onde colhi uma para o meu herbario.* St. Hilaire deixa ver em um gesto involuntario as duvidas que oppunha; e Frei Leandro isto divisando, examina attenta e rapidamente as plantas seccas da ordem das *Leguminosas*, provenientes de Pernambuco, e com expressões radiante e alegre, apresenta a que procurava ao sabio St. Hilaire e diz-lhe: *a amostra que possuo não está classificada; mas é identica ao vosso Sophora littoralis. Colloquei-a no meu herbario com o nome vulgar de Feijão da Praia.* Annos depois publicava o sabio europeu a descripção desta planta, notando que o sabio brasileiro a havia descoberto em Pernambuco.

Frei Leandro do Sacramento trabalhou muito, mas infelizmente dos seus trabalhos bem poucos viram a luz da publicidade, e por isso, além dos que se dedicam ao estudo das sciencias naturaes, e do conhecimento daquillo que nos diz respeito, bem poucos o conhecem.

O maior e mais perfeito monumento erguido á memoria deste sabio brasileiro, teve por architecto o illustre Dr. José Saldanha da Gama, cujo nome é o maior garante da perfeição desse trabalho. É uma extensa e luminosa biographia, apresentada ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, inserta no volume 38 de sua revista, na qual vem enumerados todos os trabalhos de tão sabio tão virtuoso varão, e do qual extractamos as seguintes informações, a elles relativas:

« Leandro do Sacramento começou a escrever a sua monographia relativa as *Balanophoreas*, plantas parasitas das raizes das arvores, mas não se sabe até que ponto chegou elle em suas discripções.

« Escreveu uma memoria interessante acerca da cultura do chá, e processos da preparação das folhas, toman-

do por base as experiencias feitas durante sua administração no Jardim Botânico da corte.

« Nos jornaes scientificos da Europa, appareceram diagnoses suas de especies novas de flora brazileira, algumas das quaes foram acceitas e outras apenas como synonymias.

« Nada menos de oito generos foram creados por elle para plantas do Brazil; destes adoptaram as Botânicas legisladoras apenas o *Funifera*, ficando os outros prejudicados pelo direito de prioridade. D'entre as especies por elle descobertas, figura em primeiro lugar a embira branca, *Funifera utilis*.

« Raddi perpetuou o nome de Leandro na historia da Botânica propondo o genero *Leandra*, na ordem das *melastomaceas*. Diversas especies classificadas na Europa trazem a dedicatória á memoria do illustre brazileiro. O Jardim das plantas de Pariz possui bom numero de especies de plantas seccas enviadas pelo sabio americano, das suas arborisações.

« Saint Hilaire faz menção destes notaveis serviços á França, quando rememora os laços de amizade que uniram-no a Leandro na capital do Brazil.

« Professava sabiamente a sciencia das plantas e a ensinava com applauso dos ouvintes no Passeio Publico.

« Conhecia a sciencia dos mineraes e tanto assim que existe registrada uma nomeação do punho do conde da Barca para que Leandro fizesse parte da commissão encarregada de dar o preço e estudar a collecção que o Estado desejava comprar.

« Do Archivo da antiga Academia Medico-Cirurgica extrahimos provas comprobatorias de seu curso e das lições que dava sobre agricultura e botânica, e até com referencia ao modo porque elle organisára os pontos para os exames de seus discipulos.

« E mais teriamos achado sobre o mesmo assumpto si o incendio havido no morro do Castello não houvesse consumido maior numero de documentos.»

Sobram titulos portanto, diz o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, para que Frei Leandro do Sacramento figure distinctamente na galeria dos benemeritos e varões illustres do Brazil.

Leonardo Bezerra Cavalcante. Filho legitimo de Cosme Bezerra Monteiro e D. Leonarda Cavalcante de Albu-

querque, neto paterno de Domingos Bezerra Felpa de Barbuda e D. Antonia Rodrigues Delgado, e materno de Antonio Cavalcante de Albuquerque, *o da guerra*, e D. Margarida de Souza, Leonardo Bezerra Cavalcante nasceu na segunda metade do seculo VXII, no meio da opulencia e da grandeza, e, por sua riqueza e influencia de sua familia, uma das mais antigas e distinctas desta provincia, occupou subida posição social, elevando-se ainda mais pela franqueza e generosidade do seu nobre e elevado character.

Coronel honorario, e morador na freguezia da Varzea, onde possuia ricas propriedades agricolas, em 1710, quando os pernambucanos oppozeram barreiras ás pretensões dos Mascates, elle representou papel proeminente, e *com direito de ser chamado o primeiro pernambucano livre, se a primazia podesse nascer da precedencia e soffrimento pela liberdade*. Patriota exaltado, homem de temperamento forte e contumaz, Leonardo Bezerra publica e francamente não cessava de fustigar os inimigos, até que cahiu em suas mãos e foi arrastado á uma prisão; mas, rompendo a revolta após a tentativa contra a vida do governador Sebastião de Castro e Caldas, o povo entrando tumultuosamente no Recife livrou-o da prisão.

Partindo para Olinda e tomando parte no conselho celebrado pela camara do Senado, Leonardo Bezerra foi um dos que apoiaram a idea da independencia pela fôrma republicana, porém, conformou-se com a maioria, approvando a eleição do bispo D. Manoel Alvares da Costa para governador interino da capitania. Rebellando-se os Mascates contra o governo do mesmo bispo em 18 de Junho de 1711, Leonardo Bezerra foi um dos primeiros e mais intrepidos patriotas que correram para sitiar o Recife, *«em cujo assedio fez taes serviços a patria e a nobresa, que o seu nome era o terror dos Mascates, que o imaginavam ver em qualquer sombra.»*

Chegando, porém, o novo governador Felix José Machado, e tomando posse do governo da capitania, rompeu tremenda reacção contra os pernambucanos, e os Mascates conseguiram a ractificação da erecção da villa do Recife e da eleição da nova camara do senado celebradas em 1710. Perdida inteiramente a causa que tantos sacrificios e dedicação, á par de tanto heroismo, custaram aos valentes pernambucanos, cresceu a insolencia dos Mascates, e Leonardo Bezerra foi tomado por alvo dos seus insultos. Os ditos burlescos e injuriosos ferviam sobre elle logo que

apparecia em publico, ditos que o fizeram desesperar a tal ponto, que subiu furioso as escadas de palacio, penetrou no gabinete do governador e gritou: *V. Exc. castigue estes Mascates; se não, esta espada...* e empunhou-a com tal movimento, que o governador estremeceu. Este facto deu-se no dia 17 de Fevereiro de 1712; mas ao descer as escadas de palacio, sahe-lhe ao encontro o ouvidor Bacalhão seguido de numerosos esbirros, prendem-no á ordem de El-Rei, e conduzem-no para bordo de um navio onde esteve por trez dias mettido na arcada da bomba, concedendo-se-lhe então um camarote, onde permaneceu por algum tempo.

Transferido depois para as enxovias da fortaleza das Cinco Pontas, foi remettido no dia 9 de Outubro para bordo de um dos navios da frota, e acompanhado por seus dous filhos e outros companheiros de martyrio seguiu para Lisboa e foi encerrado na cadeia do Limoeiro. Condemnado a degredo por 10 annos para cumpril-o nas possessões portuguezas da India, Leonardo Bezerra cumpriu resignado o martyrio que lhe foi votado, e depois de 13 annos de prisão obteve a sua liberdade, teve ordem de voltar para o Brazil, mas não para Pernambuco.

Leonardo Bezerra fixou-se então na provincia da Bahia, e ainda magoado das tyrannias e insultos de que foi alvo; da oppressão exercida sobre a sua patria e os seus conterraneos, escrevia aos seus parentes de Pernambuco, dizendo: *não corteis um só quiri das mattas; tratai de popal-os para em tempo opportuno quebrarem-se nas costas dos marinheiros*; epitheto applicado por escarneo aos nascidos em Portugal; expressão de odio que as chronicas do tempo nos transmittiram, e que a consignamos sómente como uma homenagem á verdade historica e caracteristica da epocha.

Leonardo Bezerra Cavalcante acabou os seus dias no seu degredo da Bahia, em avançada idade, triste pela cegueira senil que sobreveio-lhe, ralado de saudades da terra natal, e com o coração magoado das injustiças de que foi victima.

Libanio Augusto da Cunha Mattos. Nasceu na cidade do Recife aos 2 de Outubro de 1818; seus paes, foram o marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos, distincto militar e escriptor, e D. Maria Venancia de Fontes Pereira,

Acompanhando seu pae ao Rio de Janeiro, lá enriqueceu o seu espirito com o estudo das lettras, e ainda bem jovem, em 1836, obteve entrada na secretaria do Ministerio da Guerra como addido, sem perceber vencimento algum. Trez annos depois, em 1839, foi nomeado primeiro official da mesma secretaria.

Em 1844 foi Cunha Mattos nomeado chefe de secção, em 1849 official maior e em 1860 foi elevado a cathegoria de director geral, aposentando-se em 1861 depois de haver prestado ao paiz, por espaço de 25 annos, grandes e valiosos serviços, em remuneração dos quaes o governo o agradeceu com o officialato da Imperial Ordem da Rosa.

Os ministros da guerra conselheiros Antonio Manoel de Mello, João Paulo dos Santos Barretto, Manoel Felisardo de Souza e Mello, Pedro de Alcantara Bellegarde e o seu comprovinciano Sebastião do Rego Barros, apreciando-o devidamente, e distinguindo-o pela sua capacidade e dotes que possuia, o tomaram por official de gabinete durante o tempo que occuparam o lugar.

Libanio Augusto da Cunha Mattos entre outras provas de apreço aos seus talentos e trabalhos, recebeu do governo o titulo de Conselheiro, e o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o receberam em seu gremio, e em ambas estas associações prestou tantos e valiosos serviços, que o tinham como um dos seus mais prestimosos e beneméritos confrades; e a provincia de Goyaz o elegeu deputado a Assembléa Geral, e como tal tomou assento na camara, na legislatura de 1857 a 1860.

Depois de uma curta existencia de 48 annos, porém assignalada por tanta abnegação e trabalho, pelo seu talento e illustração, a morte o surpreheende, e exhalou o derradeiro suspiro aos 29 de Agosto de 1866.

Para completar o esboço da vida de tão illustre e distincto pernambucano, bastam as seguintes e eloquentes palavras do Dr. Joaquim Manoel de Macêdo, proferidas na qualidade de orador do Instituto Historico, no discurso da sessão anniversaria do mesmo Instituto, em 1866:

« Repertorio vivo dos negocios da repartição da guerra, actividade infatigavel, que não marcava as horas do trabalho, e confundia a noite com o dia no desempenho delle; memoria feliz que ia diante ao caso pedido aos archivos do passado; pratica d'um quarto de seculo na administração militar; methodo que poupa o labor e duplica o

tempo, intelligencia que dá luz, modestia que ignora o que vale; eis o que Libanio Augusto da Cunha Mattos era na secretaria, onde começou no mais humilde e acabou no mais elevado lugar. Pobre e abatido, o nosso consocio passou seus ultimos annos em melancolico retiro; ainda assim consagrou horas longas e nobres vigalias á patria, escrevendo um indice da legislação militar, que offereceu gratuitamente ao governo em 1864, sendo ministro da guerra o Sr. conselheiro Dr. Francisco Carlos de Araujo Buarque. Os desgostos apressaram-lhe o passamento: serviu vinte e seis annos ao paiz; morreu esquecido; em seu tranze de agonia houve lagrimas arrancadas pela lembrança da esposa e dos filhos deixados em penuria, sua ultima oração foi talvez ao anjo da caridade. »

Lino do Monte Carmello Luna. Nasceu na freguezia de S. Antonio do Recife aos 23 de Setembro de 1821; foram seus paes o negociante portuguez José Joaquim de Mello e D. Maria Francisca de Luna.

Começando a sua vida como escrevente do cartorio de Guilherme Patricio Bezerra Cavalcante, e sentindo-se com irresistivel vocação para o estado sacerdotal, e trocando a vida civil pela religiosa, entrou como noviço no convento do Carmo do Recife no 1.º de Fevereiro de 1842, e fez a sua profissão solemne no anno seguinte, nas mãos de Frei Carlos de S. José, depois bispo do Maranhão, de quem fôra discipulo e depois amigo e confessor. Preparado com os estudos proprios que fez no mesmo convento, subiu ao gráo de presbytero, e no dia 8 de Dezembro de 1844 cantou a sua primeira missa. Foi logo eleito, em capitulo, mestre de noviços, e as eminentes qualidades que ornavam o distincto religioso elevaram-no depois a grãos mais subidos, e assim exerceu os cargos de sub-prior do convento do Recife, no mesmo anno de 1844; em 1848 foi designado para lér na cadeira de Dogma no collegio do mesmo convento, e exercendo effectivamente o magisterio, recebeu em 1850 a patente de Leitor em Theologia. Exerceu tambem o cargo de secretario da provincia Carmelitana no Brazil, e o de provincial da mesma ordem, por Breve da Nunciatura Apostolica de 8 de Junho de 1850, sendo elle o primeiro religioso do tempo do seu noviciado que chegou a taes dignidades, cujo zelo, bom desempenho e serviços á sua ordem mereceram condigna remuneração da Santa Sé, que

lhe conferiu os privilegios de uso de *solí-deo* e *anel*, por Breve de 26 de Setembro de 1854.

Em 1856, por circumstancias imperiosas, e principalmente pela necessidade de cuidar de sua mãe e familia, Frei Lino obteve a sua secularisação por Breve de 6 de Outubro. Por Decreto de 14 de Março de 1855 foi nomeado pregador da capella imperial; e por portaria da presidencia de 6 de Junho de 1859 foi nomeado bibliothecario da Bibliotheca Publica Provincial de Pernambuco. No exercicio desse cargo conseguiu dar uma nova organização ao estabelecimento, transferil-o de uma acanhada sala do Collegio das Artes para local mais commo e adequado, fazendo a sua inauguração com toda a solemnidade a 25 de Março de 1860.

Nomeado cavalleiro da Ordem de Christo em 14 de Março de 1860, conego honorario da cathedral de Olinda por Decreto de 17 de Junho de 1872, exerceu tambem o cargo de promotor deste bispado de 1869 até o começo do episcopado de D. Frei Vital, sendo por este exonerado, por motivos, que muito honram o demittido.

Dedicando-se desde o tempo religioso ao ministerio do pulpito, o conego Lino « gosou dos creditos de orador distincto, e fez ouvir a miudo a sua voz nos templos desta diocese, principalmente no anno de 1856, em que a epidemia do cholera-morbo invadiu esta provincia, pregando por esse tempo numerosos sermões, para exhortar o povo à penitencia, e prestando outros serviços proprios do seu estado, sem mais interesse que o de acudir quanto nelle era possivel aos males que pesavam sobre seus concidadãos. »

Das produções oratorias do conego Lino, algumas viram a luz da publicidade, entre ellas: Sermão pregado no Te-Deum Laudamos, celebrado na igreja matriz do Cabo, por occasião da visita de S. M. o Imperador áquella villa, em 1859; Discurso pronunciado na abertura da Bibliotheca Publica Provincial no dia 25 de Março de 1860; Oração fúnebre recitada nas solemnes exequias celebradas por alma do bispo de Chrysopoles, em 1864; Oração fúnebre pronunciada na cathedral de Olinda nas exequias do bispo D. Manoel do Rego Medeiros, em 1866; a do funeral do general Flores, e das exequias da princeza Duqueza de Saxe, em 1871.

Como socio effectivo e fundador do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, o conego Lino prestou

a esta associação immensos serviços, e enriqueceu as paginas das suas revistas com estes trabalhos de sua composição: *Memoria sobre o monte das Tabocas e a igreja de N. S. da Luz*; *Biographia do Marquez do Recife*; *Memoria sobre a verificação do lugar chamado Boqueirão nos montes Guararapes*; *Memoria sobre os montes Guararapes e a igreja de N. S. dos Prazeres, edificada sobre um delles*. Tambem socio do Instituto Historico Brasileiro, o conego Lino compoz um trabalho sob o titulo: *Galeria dos Bispos Brasileiros*, que lhe offereceu, e uma *Biographia de D. Frei Paulo de Moura*, que vem nas revistas d'aquelle Instituto.

Em 1852 publicou uma Exposição sobre a devoção do santo escapulario de N. S. do Carmo, e uma Noticia concisa dos factos mais notaveis da vida de Santa Thereza de Jesus; e em 1855 uma Breve noticia do culto á immaculada Conceição de Maria, e da definição deste mysterio dogmamente firmado em 8 de Dezembro de 1854; alem de varios artigos publicados no *Diario de Pernambuco*, *Progresso e Jornal do Instituto Pio e Litterario*, dos quaes alguns foram depois reproduzidos em outras folhas do paiz. Porém de todos os trabalhos do conego Lino, occupa primeiro logar a sua *Memoria historica e biographica do Clero Pernambucano*, impressa em 1857 nesta provincia, e que tão merecidos louvores recebeu do erudito bibliographo portuguez Innocencio Silva, assim como do *Diario de Pernambuco*, do *Jornal Ecclesiastico do Maranhão*, do *Correio Mercantil do Rio*, e de outras folhas do paiz. «E' sem duvida o trabalho mais importante e valioso até agora publicado por seu erudito autor, diz aquelle escriptor, elaborado tão acurada e exactamente quanto é possível em uma primeira tentativa de tal natureza.»

Vê-se, pois, por esta succinta enumeração dos cargos que exerceu, e dos trabalhos litterarios do conego Lino, que elle foi um homem util e aproveitavel, por seus serviços ao paiz, á religião e ás letras. O conego Lino do Monte Carmello Luna falleceu a 23 de Junho de 1874, na idade de 53 annos, e foi sepultado no Cemiterio Publico desta capital. O *Jornal do Recife*, no dia seguinte consagrou estas palavras á sua memoria: «Homem de letras, distincto orador sagrado, o que lhe valeo o titulo de pregador da imperial capella, membro installador e muito prestimoso do Instituto Archeologico e Geographico desta provincia, e honorario de muitas outras associações litterarias; su-

cerdote que soube sempre respeitar o altar sem mentir, nem negar a face á sociedade; sua morte deve pungir acerbamente no coração desta provincia, que lhe foi berço e lhe vae ser tumulo, e para a qual foi elle luzimento em vida, e depois de morto honrosissima recordação. Eis uma sepultura, a do Rvm. conego Lino do Monte Carmelo Luna, sobre a qual corre á imprensa o dever de depôr uma corôa de cypreste. Era um operario tão modesto, quão esforçado da civilisação. Pranteamol-o. »

Luiz Alves Pinto. Nasceu na freguezia da Boa-Vista da cidade do Recife, pelos annos de 1749, e foram seus paes os pardos Bazilio Alves Pinto e sua mulher D. Euzebia Maria de Oliveira.

Demonstrando muita vivacidade e talentos nos seus estudos de primeiras lettras, seus paes, bem que pobres, empenharam-se em dar-lhe uma educação esmerada, e elle cursou com aproveitamento as aulas de latim, philosophia e rhetorica. A' par desses estudos, Luiz Pinto se applicou especialmente á musica, *em cuja arte se lhe admiravam os prenuncios de um genio luminoso*. Terminando os seus estudos, alguns amigos sollicitos no aproveitamento do seu talento, prestaram-se a facilitar-lhe os meios de estudar em Portugal, principalmente quanto a musica; e elle seguiu para Lisboa, e estudou a arte de composição ou contra-ponto, do que *fez solenne exame, com approvação e louvores mui lisongeiros*.

Ainda no tirocinio dos seus estudos começaram a escacear os supprimentos de Pernambuco, e por fim privado de todo o auxilio, viu-se obrigado pelas circumstancias, á lançar mão dos seus proprios recursos, e passou a exercer a profissão de musico. Começou então a trabalhar, foi admittido na capella real, tirava copias, compunha alguma cousa, e em fim, dedicando-se ao ensino, geralmente bem-quisto, gosando de nomeada por sua habilitade profissional, e suas maneiras e educação, foi admittido á ensinar em algumas casas da primeira nobreza do paiz, e assim permaneceu por algum tempo na côrte de Lisboa sem ser pesado a ninguem, conseguindo até formar um pequeno peculio para regressar a Pernambuco.

Aqui chegando, Alves Pinto abriu uma aula de musica e de primeiras lettras, empregando-se tambem no ensino destas materias suas duas filhas; *elle no primeiro, e ellas*

no segundo andar da casa de sobrado, ultima da rua Estreita do Rosario, lado do norte, caminhando de nascente á poente.

Luiz Alves Pinto teve praça de soldado no batalhão dos homens pardos da praça do Recife, subiu a todos os postos, e chegando a capitão commandou por algum tempo o terço de infantaria auxiliar dos mesmos pardos do Recife, *trazendo o seu terço bem disciplinado e mostrando-se muito activo e destro nas operações militares*; e promovido em fim ao posto de sargento-mór pelo governador conde de Pavolide, foi confirmado por patente Regia de 15 de Novembro de 1778, no qual se reformou, percebendo o respectivo soldo.

Musico e compositor distincto, Alves Pinto gosou de fama e merecida reputação, foi mestre de capella da egreja de S. Pedro do Recife, e foi elle, por assim dizer, o fundador da escola musical de Pernambuco. Ainda que se tenha perdido em grande parte as suas composições, ou que existam sem se saber que foram producção do seu engenho, comtudo muitas nos restam, taes como as dos trez hymnos á N. S. da Penha e do de N. S. Mãe do Povo, poezias do padre Souza Magalhães; a do officio da Paixão, a das matinas de S. Pedro e S. Antonio e muitas novenas, missas, *Te-Deuns*, ladainhas e sonatas, notando-se, que tudo que era concernente á musica, que então se tocava ou cantava em Pernambuco, era producção sua.

Mas elle não inscreveu sómente o seu nome nos annaes musicaes desta provincia. Intelligente, espirito mais ou menos cultivado pela pequena educação litteraria que teve, elle foi professor regio de primeiras lettras, e em 1784 publicou em Lishôa um trabalho seu sob o titulo: *Diccionario pueril para o uso dos meninos, ou dos que principiam o A B C, e a soletrar dicções*. Cultivando tambem a litteratura, elle foi poeta, e escreveu alguns disticos e epigrammas latinos, algumas glozas de quadras suas e alheias, sonetos e uma comedia sob o titulo—*Amor mal correspondido*, em tres actos, a qual foi representada no theatro publico do Recife pelos annos de 1780.

O assumpto do *Amor mal correspondido*, segundo A. J. de Mello, era este: Florisbello e Celauro, alliados de Clorinda, marcham contra Troante, tyranno da Grecia, com forças suas e de Albania, á vingarem esta das correrias, e devastações de Troante nas fronteiras. Avistam-se os exercitos, e fere-se a batalha, mas suspende-se para que

se decida pelo duello singular de Florisbello, e Troante, no qual este é morto por aquelle, que faz o seu reino tributário de Albania. Tudo isto é só narrado. De volta os principes em Albania, namoram-se de Clorinda, que procuram tornar sensível á sua ternura; incobrando-se ambos elles principes, reciprocamente, a sua paixão. Clorinda declara-se em favor de Florisbello, a quem assegura fidelidade; mas depois captivam-na os modos, e sympathia de Celauro, e despede a Florisbello do reino. Sahe este por causa da sua despedida, a tempo que já Celauro tambem sciente da versatilidade de Clorinda, que delle procura fazer entender o seu amor, a detesta. Clorinda se quer tornar a Florisbello; mas este, presente Celauro, lhe exprobra o vil procedimento. Então Celauro por principios de cavalheirismo a defende, do que resulta irem ás armas, e em campanha vencer Florisbello a Clorinda, e a Celauro, e obrigar a estes a casarem-se. Vê-se deste modo em varias relações o *amor mal correspondido*, o que melhor manifesta o todo da peça. Um anel que Clorinda deu a Estojo, e um collar dado por Celauro a Lanceta, são a fonte das jocosidades e risos da lacaiada. Tem uma especie de côro figurado pela musica uma só vez, a qual canta á Florinda esta quadra :

*Tristes lagrimas cançadas,
De amor mal correspondidas,
Se amar promette acabar-me,
Privae, privae os meus dias.*

O *Amor mal correspondido*, segundo A. J. de Mello, é a primeira comedia composta por brasileiro, que se representou em theatro publico do Brazil; toda em verso, e não irregular, mormente medida pelo gosto então dominante nos theatros portuguezes, onde frequentemente se representavam as operas de Metastasio e outras, traduzidas e postas ao gosto portuguez. O autor do *Amor mal correspondido*, não era um abalisado litterato; era muito estudioso e apaixonado da poesia, mormente dramatica, e lastimava-se de que os poetas seus contemporaneos e patriocios não compuzessem para o theatro. Sim; não é a sua comedia uma obra prima, o interesse é pequeno, o enredo poderia ser mais forte, e talvez mesmo não haja toda a conveniencia relativa aos caracteres dos altos personagens; mas não é absolutamente sem merito: em sua marcha e incidentes não perde o autor o fito de attingir, e verificar

o amor mal correspondido; é toda em versos, toantes e consoantes, notando-se alguns de harmonia imitativa; e a fabula é de pura invenção do poeta, empreza custosa, e arriscada, do que nos avisa Horacio: *Difficile est propria communia dicere*. E não é benemerito de louvor a memoria daquelle, que primeiro e só a impulsos do amor das bellas artes, na arena destas se abalança a uma nota difficil, que os genios do seu paiz temerosos evitam, e de modo que lhe permittem as proprias forças preenche a carreira, e consegue dobrar a meta? Sem duvida; e seja tão nobre coragem poderoso estimulo aos genios de hoje, que mais robustos e galhardos vençam o devoluto estadio.

Luiz Alves Pinto escreveu tambem uma pequena arte de musica que foi traduzida em França, e uma outra mais desenvolvida, não menos apreciada pelos entendedores. O sargento-mór Luiz Alves Pinto falleceu aos 70 annos de idade, no anno de 1789 e foi sepultado na igreja de N. S. do Livramento do Recife.

Luiz Barbalho Bezerra. Nascceu em Olinda ao alvorecer do seculo XVII, e foram seus paes Antonio Barbalho Felpa de Barbuda e D. Camilla Barbalho; Antonio Bezerra Felpa de Barbuda, natural de Ponte de Lima, em Portugal, e D. Maria Angela, que vieram para Pernambuco com o primeiro Donatario Duarte Coelho, foram seus avós paternos, Braz Barbalho, um dos mais conceituados colonos desta capitania, pelos seus haveres e nobilissima ascendencia, foi seu avô materno.

Luiz Barbalho Bezerra, assentando praça no exercito pernambucano em 1614, servindo gratuitamente, era já um militar distincto em 1630, quando teve de medir as suas armas com o aguerrido exercito hollandez que invadiu esta capitania. Ao brado de guerra, quando a patria afflicta invocou o patriotismo de seus filhos, Luiz Barbalho correu ao seu appello não só com a sua pessoa, mais tambem com os seus filhos, escravos e criados, mantidos por si, sem estipendio e indemnisação qualquer do estado.

Tomando parte nos primeiros encontros dos dous exercitos, coube-lhe pela bravura que ostentou o commando de uma das mais arriscadas posições, quando o general Mathias de Albuquerque levantou o Arraial do Bom Jesus, e estabeleceu uma linha de fortificações no intento de apartar o inimigo nos limites da povoação do Recife.

Quando os hollandezesprehenderam o ataque do

Arraial, e marcharam com 800 homens de Olinda, Luiz Barbalho foi um dos capitães que sahiram ao seu encontro em Agoa Fria, fazendo-lhes 40 mortos e muitos feridos; assim como foi o commandante da força que accommetteu a hollandeza que se dispoz á passar o Recife, causando-lhe grande numero de mortos e feridos, e foi ainda o commandante de um destacamento de 200 homens, que accommetteu á noite a fortificação do Brum, que os hollandezes levantavam, conseguindo assenhorenhar-se della, e depois de bastante a damnificar retirou-se á sua trincheira.

Assaltado no seu ponto por 1,500 homens, Luiz Barbalho defende-se heroicamente com a pequena força de que dispunha, mas quando carregou o grosso do exercito inimigo, viu-se obrigado ao desamparar. Reunindo-se-lhe então a gente dos postos visinhos e um contingente do Arraial, Luiz Barbalho volta sobre os inimigos, e no mesmo dia arranca do seu poder a conquistada estancia.

Os hollandezes no intuito de prevenir os danos constantes que lhes causavam a estancia de Luiz Barbalho, pela magnifica posição que occupava, resolveram levantar mais um reducto e deram começo aos seus trabalhos. Luiz Barbalho investe-o arrojadamente, desfaz todas as obras, deixa mortos 30 hollandezes que guarneciam o local, e retira-se por não poder manter a sua posse, não só por ficar situado entre as linhas inimigas, como tambem por ser garantido pelos fortes do Recife.

No ataque das trincheiras que cercavam a povoação do Recife, no qual Luiz Barbalho avançou pela frente, ganhou-a e entrou na povoação, e nos diversos feitos que se deram no correr de tão memoravel campanha, realça o nome de tão valente guerreiro, e resplende a gloria dos seus heroicos feitos.

No combate de Tigipió e no do reducto da sua estancia, atacada em 21 de Dezembro de 1633 por 1,800 soldados, «fulgurou tambem victoriosa a espada de Luiz Barbalho Bezerra, ajudado no ultimo destes combates de mais 5 capitães, não tendo todavia todos mais de 50 soldados.»

Promovido ao posto de mestre de campo pelo general em chefe, foi-lhe confiado o commando e chefia do Arraial do Bom Jesus, em cujo posto bateu por duas vezes o inimigo em vigoroso ataque. Posteriormente destacado com o seu terço para a povoação de S. Lourenço, Luiz Barbalho guarneceu diversos pontos com pequenas partidas, á impedir o passo ao inimigo quando se dispôzesse a conti-

nuar a conquista do interior do paiz; e conservando consigo apenas 100 homens, partiu immediatamente sobre Muribeca quando soube que os hollandezes se apossaram desse ponto, reunindo-se-lhe alguns moradores e mais 200 homens commandados por D. Fernando de Riba Agüero; porém vendo ambos que não dispunham de força sufficiente para abertamente atacar o inimigo, seguiram para Serra d'Agua, onde andava um troço a saquear, deram sobre elle com ardor, e já tinham obtido grande vantagem, quando appareceu um esquadrão de reforço que fez mudar a situação, obrigando os nossos a forçada retirada.

Luiz Barbalho acompanhado de alguns indigenas tomou o caminho de Sapupema, e inesperadamente dando de rosto com uma partida inimiga, viu-se cercado e intimado á render-se; mas salvou-o a sua coragem e a sua intrepidez, e dias após fez pagar bem caro esse revez, batendo essa mesma força em uma emboscada perto do Cabo.

Incumbido do commando da fortaleza de Nazareth, conjunctamente com o sargento-mór do Estado, Pedro Correa da Gama, Luiz Barbalho para manter a defesa desse ponto, teve de bater-se com os inimigos por muitas vezes; e posto finalmente no mais rigoroso assedio, e quando a fortaleza estava completamente arruinada, sem tropas, e a penuria era tão extrema que os seus valentes defensores cahiram extenuados á fome, viu-se forçado a capitular, 4 mezes depois do assedio, porém com as maiores honras que em taes circumstancias se podem obter.

Luiz Barbalho Bezerra cahindo em mãos dos seus inimigos, ficou prisioneiro com sua mulher e filhas, sendo elle logo depois mandado para a Hollanda. Mas em pouco tempo consegue a sua liberdade, volta para a Hespanha, e ali chegando ao tempo em que se levantava um terço em Lisbôa para reforço do exercito do Brazil, foi nomeado seu commandante, e a 16 de Agosto de 1637 aporta á cidade da Bahia conduzindo dita tropa, apenas composta de 250 soldados. Um dos primeiros cuidados de Luiz Barbalho foi tratar da restituição de sua mulher e filhos prisioneiros no Recife, ao que generosa e cavalheirosamente accudiu o principe Mauricio de Nassau, apressando-se em mandal-os para a Bahia.

Em 1638, quando os hollandezes com forças numerosas atacaram a cidade de S. Salvador da Bahia, Luiz Barbalho «distinguiu-se como heroe, e rechaçados os inimigos, recebeu no anno seguinte, premio conferido pelo rei, e

deixou seu nome perpetuado em importante forte que construiu. » Agora vamos entrar na phase mais brilhante da vida do heroico e valente Luiz Barbalho, acontecimento tão notavel, de tanta audacia, abnegação e patriotismo, que bastaria para immortalisar o seu nome, e para conferir-lhe as honras de um heroe, se tantos outros não fossem por demais para isso.

Em 1639, relata um escriptor, chegára a Bahia com poderosa armada o conde da Torre, e quasi no fim de 1 anno pondo em execução um vasto plano de campanha, deu á vela com numero excedente a 80 navios, levando forças de desembarque e os principaes chefes brasileiros, entre os quaes Luiz Barbalho. Todo o plano do conde da Torre falhou : as tempestades o contrariaram, e a esquadra hollandeza em combates e batalhas navaes deixaram muito duvidosa a sua capacidade militar. Depois dessas crueis contrariedades o conde da Torre poz em terra na povoação dos Touros, 14 legoas ao norte do Rio Grande Luiz Barbalho com a gente do seu commando, e fez-se ao mar. Era quasi um sacrificio barbaro. Luiz Barbalho assim abandonado com algumas centenas de valentes á quem o conde da Torre déra apenas ração para dous dias, ou tinha de entregar-se prisioneiro com os seus camaradas, ou atravessar o Rio Grande, a Parahyba e Pernambuco, 3 capitancias sob o dominio hollandez, e ainda Sergipe, sem pontos de apoio e completamente exposto ás forças inimigas.

Luiz Barbalho não hesitou : preferiu a retirada quasi impossivel á render-se ao hollandez. Elle commandava cerca de 1,000 soldados e alguns bravos capitães : fallou-lhes com energia, e deu principio a retirada, sahindo de um verdadeiro deserto : avançando para o sul, procurou de proposito as povoações, naquellas que não tinham guarnições hollandezas recebeu acolhimento e soccorro alimenticios, nas outras occupadas pelo inimigo entrou á força, tomou o necessario, e incendiou o que não podia levar. Depois de mil trabalhos e difficuldades chegou a villa de Goyanna, onde os hollandezes tinham 530 soldados, Luiz Barbalho atacou-os, e em furente peleja os venceu, e mandou passar á espada os prisioneiros por não podel-os levar consigo. 3,000 hollandezes divididos em 3 columnas sahiram do Recife em perseguição de Luiz Barbalho, cuja retirada tornou-se mais aspera e tremenda. O impavido mestre de campo viu-se forçado a marchar, fazendo grandes ro-

nuar a conquista do interior do paiz; e conservando consigo apenas 100 homens, partiu immediatamente sobre Muribeca quando soube que os hollandezes se apossaram desse ponto, reunindo-se-lhe alguns morador es e mais 200 homens commandados por D. Fernando de Riba Aguerio; porém vendo ambos que não dispunham de força sufficiente para abertamente atacar o inimigo, seguiram para Serra d'Agua, onde andava um troço a saquear, deram sobre elle com ardor, e já tinham obtido grande vantagem, quando appareceu um esquadrão de reforço que fez mudar a situação, obrigando os nossos a forçada retirada.

Luiz Barbalho acompanhado de alguns indiginas tomou o caminho de Sapupema, e inesperadamente dando de rosto com uma partida inimiga, viu-se cercado e intimado á render-se; mas salvou-o a sua coragem e a sua intrepidez, e dias após fez pagar bem caro esse revez, batendo essa mesma força em uma emboscada perto do Cabo.

Incumbido do commando da fortaleza de Nazareth, conjunctamente com o sargento-mór do Estado, Pedro Correa da Gama, Luiz Barbalho para manter a defesa desse ponto, teve de bater-se com os inimigos por muitas vezes; e posto finalmente no mais rigoroso assedio, e quando a fortaleza estava completamente arruinada, sem tropas, e a penuria era tão extrema que os seus valentes defensores cahiram extenuados á fome, viu-se forçado a capitular, 4 mezes depois do assedio, porém com as maiores honras que em taes circumstancias se podem obter.

Luiz Barbalho Bezerra cahindo em mãos dos seus inimigos, ficou prisioneiro com sua mulher e filhas, sendo elle logo depois mandado para a Hollanda. Mas em pouco tempo consegue a sua liberdade, volta para a Hespanha, e ahi chegando ao tempo em que se levantava um terço em Lisbôa para reforço do exercito do Brazil, foi nomeado seu commandante, e a 16 de Agosto de 1637 aporta á cidade da Bahia conduzindo dita tropa, apenas composta de 250 soldados. Um dos primeiros cuidados de Luiz Barbalho foi tratar da restituição de sua mulher e filhos prisioneiros no Recife, ao que generosa e cavalheirosamente accudiu o principe Mauricio de Nassau, apressando-se em mandal-os para a Bahia.

Em 1638, quando os hollandezes com forças numerosas atacaram a cidade de S. Salvador da Bahia, Luiz Barbalho «distinguiu-se como heroe, e rechaçados os inimigos, recebeu no anno seguinte, premio conferido pelo rei, e

deixou seu nome perpetuado em importante forte que construiu. » Agora vamos entrar na phase mais brilhante da vida do heroico e valente Luiz Barbalho, acontecimento tão notavel, de tanta audacia, abnegação e patriotismo, que bastaria para immortalisar o seu nome, e para conferir-lhe as honras de um heroe, setantos outros não fossem por demais para isso.

Em 1639, relata um escriptor, chegára a Bahia com poderosa armada o conde da Torre, e quasi no fim de 1 anno pondo em execução um vasto plano de campanha, deu á vela com numero excedente a 80 navios, levando forças de desembarque e os principaes chefes brasileiros, entre os quaes Luiz Barbalho. Todo o plano do conde da Torre falhou : as tempestades o contrariaram, e a esquadra hollandeza em combates e batalhas navaes deixaram muito duvidosa a sua capacidade militar. Depois dessas cruéis contrariedades o conde da Torre poz em terra na povoação dos Touros, 14 legoas ao norte do Rio Grande Luiz Barbalho com a gente do seu commando, e fez-se ao mar. Era quasi um sacrificio barbaresco. Luiz Barbalho assim abandonado com algumas centenas de valentes á quem o conde da Torre dera apenas ração para dous dias, ou tinha de entregar-se prisioneiro com os seus camaradas, ou atravessar o Rio Grande, a Parahyba e Pernambuco, 3 capitánias sob o dominio hollandez, e ainda Sergipe, sem pontos de apoio e completamente exposto ás forças inimigas.

Luiz Barbalho não hesitou : preferiu a retirada quasi impossivel á render-se ao hollandez. Elle commandava cerca de 1,000 soldados e alguns bravos capitães : fallou-lhes com energia, e deu principio a retirada, sahindo de um verdadeiro deserto : avançando para o sul, procurou de proposito as povoações, naquellas que não tinham guarnições hollandezas recebeu acolhimento e soccorro alimenticios, nas outras occupadas pelo inimigo entrou á força, tomou o necessario, e incendiou o que não podia levar. Depois de mil trabalhos e difficuldades chegou a villa de Goyanna, onde os hollandezes tinham 530 soldados, Luiz Barbalho atacou-os, e em furente peleja os venceu, e mandou passar á espada os prisioneiros por não podel-os levar consigo. 3,000 hollandezes divididos em 3 columnas sahiram do Recife em perseguição de Luiz Barbalho, cuja retirada tornou-se mais aspera e tremenda. O impavido mestre de campo viu-se forçado a marchar, fazendo grandes ro-

deios, á internar-se pelos sertões aridos e desertos, a abrir caminho atravez das florestas, a transpor alguns rios engrossados pelas cheias, e outros em todo o tempo mais ou menos caudalosos: as vezes urgido pela fome e pelas privações despedia partidas ligeiras em busca de alimentos: as vezes apparecendo á descoberto opportunamente, batia-se, e forçando á recuar a columna inimiga que de mais perto o perseguia, de novo penetrava nas mattas, e illudindo com marchas falsas os hollandezes, continuava a sua heroica retirada.

Por fim Luiz Barbalho chegou á margem do S. Francisco, e atravessando, fez alto da parte do sul, dando descanso e allivio a seus admiraveis soldados e não poucos emigrantes de ambos os sexos que fugindo ao jugo estrangeiro os acompanhavam. O hollandez não ousou perseguil-o além do S. Francisco, e Luiz Barbalho depois de alguns dias de repouso, proseguiu em sua retirada, atravessou Sergipe, entrou na Bahia, e foi chegar á cidade de S. Salvador no fim de 4 mezes de marchas calculadas em mais de 300 legoas, tendo combatido muitas vezes sempre com vantagem. Foi este o feito talvez mais portentoso de toda a guerra hollandeza. A retirada de Luiz Barbalho mereceu o louvor insuspeito de escriptores hollandezes; os portuguezes a compararam a dos 10,000, e a elle chamaram o novo Xenofonte.

Pouco depois da sua chegada á Bahia, Luiz Barbalho recebeu ordem de marchar á desalojar o inimigo que se havia fortificado no rio Real; atacou-o, rompeu as suas fortificações, e conseguiu desbataral-o e pol-o em fuga, depois de lhe matar mais de 300 homens, e com esta esplendida victoria terminaram as tentativas de invasão na Bahia pelos hollandezes, e ainda com ella coroou o illustre Luiz Barbalho os brilhantes feitos da sua vida militar.

Permanecendo na Bahia, Luiz Barbalho fez parte do governo do Estado quando foi deposto o vice-rei Marquez de Montalvão, e o dirigiu por mais de anno, terminando a sua missão quando tomou posse do governo Antonio Telles da Silva. Preso e remettido para Portugal, victima das intrigas e dolo do Padre Vilhena que tramára a deposição do Marquez de Montalvão, Luiz Barbalho justificou-se, e teve como premio dos seus serviços, a nomeação de governador da capitania do Rio de Janeiro por Patente de 21 de Fevereiro de 1642. Diligente e infatigavel, Luiz Barbalho entregou-se aos cuidados e inspecção pessoal

dos concertos e trabalhos das fortificações, e ostentou no governo confiado ao seu zelo e patriotismo, toda a sua actividade e acção administrativa zelosa e energica, illustrando ainda mais o seu nome no honroso desempenho desse cargo; e após 2 annos de governo, elle succumbiu victima da molestia que contrahiou no desempenho dessa missão.

Luiz Barbalho Bezerra falleceu em 15 de Abril de 1644, e jaz sepultado na capella-mór da egreja dos Jesuitas no Rio de Janeiro. Mestre de campo, commendador da Ordem de Christo e fidalgo da casa real, « o nome de Luiz Barbalho Bezerra perpetua-se magnifico em 3 grandiosos monumentos, as 3 provincias principaes do Brazil, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, theatros immortaes do seu patriotismo, do seu valor e de suas virtudes. »

Frei Luiz Botelho do Rozario. Nasceu na freguezia de S. Antonio do Recife, a 25 de Agosto de 1695, e foram seus paes João Baptista Campelli, escrivão da fazenda real desta capitanía, e D. Brites Bandeira de Mello.

Estudou humanidades no collegio dos Jezuitas, e na idade de 17 annos entrou para os claustros do convento dos carmelitas observantes, da cidade de Olinda, onde recebeu o habito a 26 de Dezembro de 1713 e professou a 27 de Dezembro do anno seguinte. Ordenado sacerdote, Frei Luiz Botelho seguiu para Portugal, e passou a frequentar as faculdades de philosophia e theologia da Universidade de Coimbra, *com tanto disvelo e capacidade, que mereceu ser laureado na de theologia, em 1722*, como diz Barbosa Machado.

Regressando então para o Brazil, o Dr. Frei Luiz Botelho do Rosario, foi residir no seu convento da provincia da Bahia, onde foi incumbido da regencia da cadeira de theologia, *fazendo patente o seu raro talento e a sua grande erudição.* Sacerdote respeitavel por seu saber e merecimento, elle occupou na sua ordem elevados cargos, sendo director dos estudos do collegio d'aquelle convento, qualificador do Santo Officio, membro do capitulo geral da sua ordem celebrado em Ferrara em 1726, primeiro definidor residente dos estudos, presidente do capitulo da Ordem do Carmo, e seu chronista especial.

Orador sagrado de reconhecidos dotes, dos muitos sermões que escreveu e recitou, apenas publicou os seguintes: *Sermão panegirico da invenção da Santa Cruz*, Lisboa,

1740; *Sermão nas exequias dos sacerdotes irmãos de S. Pedro da congregação dos clérigos da Bahia*, 1740; um outro sermão sobre o mesmo assumpto, impresso no anno seguinte; *Sermão panegyrico na solemnidade da canonisação de S. Francisco Regis*, 1741; um outro sermão ainda sobre as exequias dos padres irmãos de S. Pedro, em 1742; e o *Sermão moral, historico e panegyrico no dia em que o bispo D. José Botelho de Mattos recebeu a investidura do pallio archieptiscopal*, impresso em Lisbôa, em 1743.

O Dr. Frei Luiz Botelho do Rosario gosou de grandes creditos como homem de talento e como sacerdote illustrado e virtuoso. Seu nome figura dignamente na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, nos *Varões illustres* do Sr. conselheiro Pereira da Silva, na *Memoria historica e biographica do clero pernambucano* do padre Lino, e no *Anno Biographico* do Sr. Dr. J. M. de Macedo, que assim ajuizou de tão respeitavel varão: *Gosou reputação de grande pregador, e muita consideração entre os carmelitas... Foi homem sabio, varão de grandes virtudes, orador sagrado famoso.*

Luiz Ignacio Ribeiro Roma. Nasceu em Maio de 1797 e era filho do padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima.

Estudando todas as disciplinas que então se ensinava em Pernambuco, obteve provisão para advogar nos tribunaes desta provincia no anno de 1815, e em 1817 acompanhando seu pae á Bahia, enviado emissario para tratar alli da adhesão ao movimento separatista de Pernambuco, viu mallograda a sua empresa, e foi companheiro e testemunha do cruento sacrificio do autor de seus dias, ficando então em misera orphandade, e entregue a todos os horrores da prisão a que o condemnaram.

Seis mezês depois Luiz Roma conseguiu escapar das mãos do governador Conde dos Arcos, e em fins do mesmo anno de 1817 emigrou para os Estados-Unidos, em companhia de seu irmão o capitão José Ignacio de Abreu e Lima, d'onde partiram ambos para Venezuela, que então lutava pela sua independencia. Abreu e Lima passou a servir no exercito e combateu pela liberdade venezuelana, Luiz Roma, porém, dedicou-se ao commercio, a fortuna foi-lhe propicia e reuniu soffrível riqueza.

Sem jamais se esquecer da sua terra natal, patriota ardente e estremecido, Luiz Roma deixou Venezuela, e em

principios de 1827 chegou a Pernambuco; seguiu depois para a Bahia, começou a figurar nas questões politicas que então se agitavam, e por fim cahindo sob as vistas da policia como autor de uns pasquins incendiarios, foi preso e sem a minima fórma de processo, deportado para a Inglaterra. Voltando occultamente para Pernambuco em 1828, accommetteu por si só uma daquellas emprezas, que costumam trazer grandes consequencias pela magnitude dos seus resultados. De feito, na noite de 1 de Fevereiro de 1829, pôz em campo a revolta em Afogados, seguiu depois para Santo Antão, onde pretendeu formar um governo rebelde, mas não encontrou o apoio que esperava; o presidente da provincia fez immediatamente marchar tropas sobre os revoltosos, elles se viram forçados a uma debandada, e cada um procurou refugiar-se pelo interior do paiz.

Luiz Roma entranhando-se pelos sertões da provincia, chegou em fim a Sergipe, onde foi preso e remetido para Pernambuco em Julho do mesmo anno de 1829, e só obteve a sua liberdade depois do acto da abdicção, em meados de 1831. Complicado na revolução que rebentou no Recife a 14 de Janeiro de 1834, capitaneada pelos irmãos Carneiros, Luiz Roma foi preso e remetido para Fernando de Noronha, mas foi absolvido pelo jury em Abril do anno seguinte. Ainda accusado em 1835 como cumplice no crime de *tentativa contra a integridade do imperio, constituição e throno de S. M. o Imperador*, foi unanimemente absolvido pelo tribunal do jury.

Desses dous processos, em que teve por companheiros dous de seus irmãos, e cuja defesa foi confiada ao Dr. França Leite, publicou Luiz Roma um folheto contendo a mesma defesa, e precedendo-a de uma ligeira *introducção* em que narra os soffrimentos e as perseguições de que foi victima, escreveu estas palavras que deixam ver os motivos de taes perseguições, e os da tranzição de sua vida politica :

« Nós aproveitamos a occasião para declarar, que temos em nossos mais verdes annos seguido os principios republicanos, e que por esse systema perdemos nosso pai no cadafalso da Bahia, e todos os nossos bens e propriedades, que hoje outros estão de posse, e desfructarão, em quanto nós procuravamos em paizes estranhos um azylo. Passados esses tempos, em que as paixões não representão, senão imagens de uma felicidade perfeita em systemas imaginarios, nos reconhecemos, que só a monarchia

representativa convinha ao caracter, e costume do nosso povo, e que esse deveria ser o governo do nosso paiz; com estes sentimentos o dia 7 de Abril, cujos funestos effeitos a Nação de dia em dia vai conhecendo, não nos podia ser lisongeiro, tanto mais quanto nós viamos figurar nelle aquellas mesmas figuras, que mais tinham representado na nossa scena politica contra a liberdade do povo. Não vimos nelle senão traição, e acostumados a odiar traidores, nós não podíamos amar o fructo delles.»

Nomeado solicitador dos feitos da corôa, soberania e fazenda nacional por portaria de 27 de Agosto de 1835, exerceu este cargo por bem pouco tempo, e nomeado a 4 de Novembro commissario pagador da brigada expedicionaria desta provincia, que foi pacificar o Pará, seguiu para allí e voltou em 1840; e em 1845 foi nomeado thezoureiro da administração do patrimonio dos orphãos.

Luiz Roma dedicou-se então exclusivamente ao commercio, montou uma typographia e um estabelecimento de livros, e em 1842 fundou o *Diario Novo*, publicação esta que se prolongou por muito tempo.

Homem de uma constancia á toda a prova, segundo um artigo á seu respeito, de grande intelligencia, e de uma tenacidade admiravel, tudo conseguia á força de trabalho, de perseverança, e de uma probidade incorruptivel. Amestrado pela dura experiencia de tantas revoluções, elle previra a que rompeu em 1848, ainda que fosse sorprendido pela presteza de um movimento, que desejára ver retardado. Patriota decidido, elle sonhava com as venturas da patria, e deplorava ao mesmo tempo tanta cegueira da parte de todos os governos, que se tem succedido desde 1840 até o presente. Victima da tyrannia, a liberdade foi sempre o seu idolo, e por ella viveu e morreu como o mais resolutu patriota. Em 1842 foi elle o primeiro, que começou essa opposição, que afinal tomou o corpo gigantesco de um partido politico; a sua typographia deu o nome ao partido praieiro, cujas idéas, doutrinas, e principios formão, por assim dizer, a bandeira politica do partido liberal em todo o Brazil.

A ultima phase da vida de Luiz Roma foi ainda a revolução. O seu jornal era o órgão do partido da Praia, a sua casa um dos centros do movimento revolucionario de 1848, Adoecendo gravemente, prostrado sobre o leito de dores, viu a sua casa cercada e varejada pela policia, e isso com aparato e estrondo militar, chegando o insulto

a tal ponto, que arremecam-se sobre o leito, descobrem bruscamente o enfermo, tudo é minuciosamente examinado, e a indignação causada por esse choque, por esse insulto, apressaram a marcha da molestia; desde então perdeu o uso da falla, soffreu horivelmente por muitos dias, até que a morte veio cortar-lhe a existencia a 19 de Dezembro de 1848.

Não deixem cahir a Praia; quero que a minha typographia continue a ser o órgão das idéas do partido....; assim fallou elle aos seus amigos pela ultima vez. No meio de uma numerosa multidão de liberaes, recebeu a sepultura o cadaver de Luiz Ignacio Ribeiro Roma, na igreja matriz de S. Antonio do Recife, e nesse acto teve honras militares como major, que era da guarda nacional.

M

Mamede Simões da Silva. Nasceu a 17 de Agosto de 1824, e foram seus paes Francisco Simões da Silva e D. Catharina de Jezus.

Perdendo seu pae ainda creança, recebeu de um seu tio a animação e os recursos necessários para completar os seus estudos preparatorios, afim de matricular-se na escola de marinha, carreira que pretendia abraçar por sua vocação.

Assentando praça aos 15 de Fevereiro de 1840, na companhia de aspirantes, a 9 de Dezembro de 1843 foi promovido a guarda-marinha, sahindo então da Academia para a viagem de instrucção, a qual fez nas fragatas *Paraguassú* e *Euterpe*. Com o fim de exercitar-se nos constantes cruzeiros ao longo do nosso littoral, Mamede Simões recebeu ordem de embarcar-se na charrúa *Carioca*, sendo depois transferido para o brigue-escuna *Olinda*, e voltando outra vez para a fragata *Paraguassú*.

Estacionando então nas aguas do Brazil uma divisão naval americana composta das fragatas *Raritan*, *Congress*

e corveta *Neipsic*, sob o commando do almirante D. Thurner, o ministro da marinha, V. de Albuquerque, achou conveniente instruir alguns officiaes modernos da nossa armada nas praticas e disciplina navaes de um paiz, cuja armada se apresentava pelo seu denodo e aperfeiçoamento como modelo á seguir-se, e o guarda-marinha Mamede Simões foi um dos escolhidos entre os muitos que aspiraram essa honrosa commissão, e por Aviso de 22 de Agosto de 1845, foi designado pelo ministro para embarcar na fragata *Raritan*, *afim de adquirir conhecimento dos melhoramentos praticos a bordo de taes navios*.

Mamede Simões fez parte então de duas commissões que á Bahia fez a fragata americana, e ao recolher-se ao Rio de Janeiro, um novo ensejo se lhe offereceu a proseguir nos seus estudos e instrução profissional, pela viagem que ia emprehender ao Pacifico, pelo Cabo da Boa-Esperança, a não americana *Colombus* e a corveta *Levant*, sob o mando do almirante Beadle. Todos os officiaes e guardas-marinhas que haviam tomado parte na expedição do almirante Thurner, solicitaram e obtiveram do governo fazer parte desta empresa, e Mamede Simões embarcando na corveta *Levant*, partiu do Rio de Janeiro em meados de Novembro de 1845. A sua vivacidade e ardor no serviço, foi logo motivo de um desgosto, que poderia trazer-lhe mais funestas consequencias do que felizmente teve: ao suspender ferro, a corveta americana foi de encontro a um navio que lhe ficava pela pôpa, e na inevitavel rascada que se seguiu a este successo, procurando dar arrhas de si o guarda-marinha brasileiro, feriu-se gravemente em uma perna, o que o obrigou a guardar a macca durante uma grande parte da viagem.

Mamede Simões visitou n'esta expedição alguns portos da India, China e Japão, e d'ahi atravessando o oceano Pacifico tocou á California; mas havendo-se declarado a guerra entre os Estados-Unidos e o Mexico, e não podendo os officiaes brasileiros fazer parte dos estados-maiores dos navios da esquadra americana, pela neutralidade guardada pelo Brazil nesta questão, o almirante Bealde determinou embarcar a todos na corveta *Levant*, que em viagem para New-York pelo cabo de Horn, os deixou no Rio de Janeiro. Terminando a sua viagem de circumnavegação, encontrou a sua promoção ao posto de segundo-tenente, em 1847 foi mandado embarcar na corveta *Januaria*, no

anno seguinte na *União*, da estação naval do Rio da Prata, e desta passou para o brigue-escuna *Eólo*, como immediato.

Estava Mamede Simões no desempenho desta ultima commissão, quando em 1850 deu-se o desastre da não portugueza *Vasco da Gama*, em frente a cidade do Rio de Janeiro, e largando em soccorro o vapor nacional *D. Affonso*, elle se offereceu para tomar parte em tão arriscada empreza, e portou-se tão briosamente, que mereceu do governo portuguez a venera da Conceição de Villa-Viçosa.

Em Setembro desse mesmo anno seguiu para Santa Catharina á bordo do *Eólo*, e depois recebeu ordem para se encorporar á divisão naval do Rio da Prata, e tomando parte na campanha contra o ditador Rosas, muito se distinguuiu, especialmente na celebre passagem de Tonelero, por cujos serviços teve a condecoração commemorativa desse glorioso feito da nossa armada, e a promoção a primeiro-tenente, por merecimento. Terminada a campanha, recolheu-se ao Rio de Janeiro, e então foi-lhe dado o commando do *Eólo*, designado á estacionar no Rio da Prata, onde prestou immensos serviços, commandou depois o brigue *Cearense* e o hiate *Capibaribe*, e em fim, completando os seus 20 annos de *bons e continuados serviços*, foi condecorado com o habito de Aviz, por Decreto de 14 de Junho de 1861.

Em 2 de Dezembro do mesmo anno, então incumbido do commando do vapor *Viamão*, foi promovido por merecimento ao posto de capitão-tenente. Mamede Simões passou depois ao commando do *Jequitinhonha*, foi transferido para o da *Magé*, e no rompimento da guerra do Paraguay, foi incumbido, nos primeiros mezes de 1865, do transporte de tropas das provincias do norte para a côrte, até que em Junho seguiu com a *Magé* para o Rio da Prata e reuniu-se á esquadra, recebendo ordem do almirante Barão de Tamandaré, de encorporar-se a divisão bloqueadora do Paraguay, sob as ordens do chefe Barroso, hoje Barão do Amazonas.

A 12 de Agosto Mamede Simões toma parte na passagem de Cuevas, « e d'ahi por diante a *Magé* anda associada a quasi todas as operações em que se distinguiram os navios de madeira. Ao mover-se a esquadra de Corrientes para as Trez-Boccas, foi a *Magé* que primeiro entrou e explorou o rio Paraguay, e ao seu commandante ficou por

muito tempo commettido o commando da divisão de observação na confluencia do Trez Rios, até a passagem do exercito alliado para o territorio inimigo. No combate de Curupaity, a 16 de Setembro de 1866, era o terceiro navio da linha dos navios de madeira, que fundeando abaixo da estacada, bateram a posição inimiga pelo lado do rio, ao tempo em que as nossas tropas assallavam-na por terra. Esses serviços do capitão-tenente Mamede Simões foram pouco depois recompensados com o officialato do Cruzeiro e o posto de capitão de fragata. »

Mamede Simões passou então a commandar o encouraçado *Herval*, tomou parte na passagem de Curupaity, e ficou collocado em frente aos terriveis bastiões de Humaitá, valendo-lhe a bravura e intrepidez que ostentou esse distincto marinheiro na jornada de Curupaity, as dragonas de capitão de mar e guerra e a commenda da Ordem da Rosa. Obrigado por sua nova patente a ausentar-se do centro das operações, em virtude da sua nomeação de commandante da divisão do Alto Paraná, foi logo chamado e incumbido do commando da 1.^a divisão de encouraçados abaixo de Humaitá, arvorando a sua insignia na fragata *Lima Barros*, em cujo posto tomou parte no reconhecimento dessa famosa fortificação, assim como foi incumbido do bombardeio de Tebiquary e campo de S. Fernando, e do reconhecimento das baterias de Angustura.

Terminada a guerra, Mamede Simões regressou ao Rio de Janeiro, e obtendo uma licença partiu para Pernambuco, onde recebeu o Decreto de sua nomeação de chefe de divisão, sendo depois nomeado commandante da divisão naval do 2.^o districto. Trez annos depois desta commissão, foi transferido para a chefia do 3.^o districto naval, cargo que desempenhou de Maio de 1872 a fins de 1873, por ser nomeado inspector do Arsenal de Marinha da Bahia, mas não aceitando este cargo, foi de novo incumbido do commando do 2.^o districto, onde se conservou até 1878.

Solicitando a sua reforma, que lhe foi concedida por Decreto de 2 de Março desse mesmo anno, no posto de chefe de esquadra, regressou para Pernambuco, e aqui veio passar os derradeiros dias de sua vida.

Mamede Simões da Silva falleceu na cidade do Recife a 7 de Julho de 1880, contando 56 annos de idade, 38 de serviços militares, e 2 de reforma.

Um seu illustre companheiro de armas, o Sr. capitão-

tenente M. Pinto Bravo, *prestando a derradeira homenagem do seu profundo affecto e respeito filial*, á memoria do chefe de esquadra Mamede Simões, desse *bravo entre os mais bravos da porfiada campanha do Paraguay*, na phrase de um conceituado jornal desta capital, escreveu a sua biographia, e estampou-a nas paginas da *Revista Maritima Brasileira*, cujo trabalho serviu-nos de guia neste artigo, e assim ajuizou do merecimento de tão distincto e benemerito cidadão :

« Era sempre a justiça que guiava o seu proceder ; o desinteresse que o inspirava e influia nos seus menores movimentos ; o amor da familia, o qual só sacrificava ao amor da patria, que lhe accendia no peito as mais ternas effusões ; inaccessible a inveja, ao odio, como a todos os ruins sentimentos, generoso, franco e cheio do respeito de si proprio, tal era elle, alma grande e homem puro, se jamais o houve... »

« Como militar, alimentava no mais subido gráo o culto do dever... Como commandante de navio e na posição de chefe a que o ergueram os seus serviços na paz e na guerra, soube, com pasmoso tacto, conciliar a estima e o respeito de seus subordinados com as exigencias multiphas da sua responsabilidade militar. Elle realisava um typo de official, difficil de ser reproduzido, porque tantos predicaos que nelle se reuniam, raramente se encontram juntos e vão-se sumindo hoje no triste conflicto de personalidades egoistas. »

« Bravo, mas d'essa calma bravura que mede o perigo e o affronta sem temor. Imperturbavel nas maiores crises, o seu animo sereno estava sempre na altura dos mais imprevistos accidentes. Em Tonelero e em toda a campanha do Paraguay, a sua espada brilhou com bravura diante dos inimigos de seu paiz e contribuiu para o renome da marinha de guerra d'este Imperio, d'esta sua patria que elle estrema com intenso amor. »

« Hoje, ei-lo ferido pela lei fatal da morte que nol-o roubou d'entre nós, seus companheiros d'armas, ao affecto, á reverencia, á consideração que todos lhe deviamos. Mas a sua vida é um precioso legado que nos deixou e que merece ser narrada para exemplo e lição da moderna geração de officiaes que são a esperanza da nossa marinha de guerra. »

Manoel Antonio Vital de Oliveira. Nasceu na ci-

dade do Recife a 28 de Setembro de 1829, sendo seus paes Antonio Vital de Oliveira, e D. Joanna Florinda de Gusmão Lobo Vital.

Estudando em Pernambuco as linguas nacional, latina, franceza e ingleza, e philosophia e rethorica, em cujas materias obteve plena approvação, Vital de Oliveira seguiu para o Rio de Janeiro em Dezembro de 1842, e matriculou-se na Escola de Marinha em 1 de Março do anno seguinte. Logo nos primeiros tempos dos estudos superiores começou a distinguir-se pelo seu aproveitamento e desempenho de suas obrigações escolares, e no primeiro anno do seu curso foi louvado em ordem do dia, na qual se lê o seguinte trecho: *O Illm. Sr. commandante manda louvar o Sr. Vital pela qualidade de bom estudante, e bom comportamento, e espera que, segundo o seu exemplo, todos os desta classe se esforcem para prestar-se ao exame com bom êxito.*

Promovido a guarda-marinha em 12 de Novembro de 1845, pouco depois fez a sua primeira viagem de instrução, para Pernambuco, no brigue de guerra *Calliope*, e ganhando reputação como estudantetalentoso e applicado, *era apontado como exemplo de disciplina, admirado e louvado pela sua constancia e pela sua aptidão zelosa no trabalho*, e 2 annos depois da sua primeira promoção, passou a 2.º tenente, por Decreto de 2 de Dezembro de 1847.

De volta de uma de suas viagens de instrução a Europa, Vital de Oliveira achou-se em Pernambuco, e tomou parte no combate de 2 de Fevereiro de 1849, do que teve o habito de Christo pelos serviços que prestou. Em 2 de Dezembro de 1854 foi promovido a 1.º tenente. Nomeado commandante do hiate *Parahybano*, emprehendeu trabalhos importantes, como seja, *Discripção da costa do Brazil, de Pitimbú à S. Bento, e de todas as barras, portos e rios do litoral da provincia de Pernambuco, seguido de um roteiro para se demandar as mesmas barras, acompanhando a planta geral da costa*, trabalho este que publicou no Recife em 1855. Tirou a planta dos baixos das Rocas, das 2 lagôas do norte e sul da provincia das Alagôas, e fez as explorações e estudos necessarios para se estabelecer a navegação a vapor naquelles logares.

Em 1862 Vital de Oliveira publicou, em 5 mappas, as cartas maritimas das provincias do Rio Grande do Norte ás Alagôas, desde o rio Mossoró até o S. Francisco, trabalho, que, impresso no Rio de Janeiro na lithographia de Ed. Rensburg, mereceu immensos louvores da imprensa

e do governo. Nesse mesmo anno, dirigindo o commando do vapor *Jaguarão*, procedeu a exames e estudos para o reconhecimento de certos pontos da costa do sul, de Santa Marta, no Rio Grande do Sul; verificou e determinou a posição da pedra denominada *Hermes*, existente nas costas septentrionaes de Cabo Frio; encarregado pelo ministerio do imperio em 1863, examinou e sondou o rio Miriti, ajuntando ao respectivo relatorio uma planta desse rio; foi o presidente da commissão encarregada de averiguar e estimar o computo dos prejuizos que haviam soffrido os proprietarios e interessados nos cascos,apparelhos e carregamentos dos navios apresados pelo almirante inglez Warren, a titulo de represalias, e de terminar os pontos onde se effectuaram os apresamentos, afim de reconhecer se tinham sido feitos nas aguas do imperio, sendo elogiado por Aviso do ministerio dos estrangeiros, de 19 de Julho de 1863, *pela intelligencia e zelo com que se houve no desempenho de tão melindroso dever*; em 1864 foi incumbido pelo mesmo ministerio de dar parecer sobre uma carta de todo o curso do rio Amasonas, na parte pertencente ao Brazil, levantada pela commissão encarregada de demarcar e reconhecer a fronteira do Brazil com o Perú; commandando a canhoneira *Ypiranga*, encetou e continuou por mais de 2 annos o levantamento da carta geral da costa do sul do Rio de Janeiro; e em 1864 começou a impressão do seu *Roteiro da costa do Brazil, do rio Mossoró ao rio de S. Francisco do Norte*, a qual foi concluida em 1869, depois de sua morte.

Promovido a capitão-tenente em 2 de Dezembro de 1862, e agraciado anteriormente com o officialato da ordem da Rosa, pelos seus importantes trabalhos scientificos, Vital de Oliveira havia altamente honrado a terra do seu berço e conquistado um nome illustre entre os seus compatriotas e no proprio estrangeiro. Geographo profundo, segundo um juizo competente, nenhum mais que elle conhecia o Brazil debaixo do ponto de vista da geographia physica, nem sabemos de outro que tanto como elle achasse luz para resolver na comparação de denominações antigas e modernas de pontos do litoral do imperio problemas escuros e duvidosos: podemos dizel-o, e damos testemunho de que nas pobreza da nossa ignorancia mais de uma vez recebemos rica esmola da sua sabedoria. Abalisado hydrographo, os raios da sua sciencia brilhavam não somente no seio da patria, mas no velho mundo: seus tra-

balhos e estudos da costa do Brazil foram as bases confessadas da obra do hydrographo francez M. Muchez, e os governos da França, Italia e Portugal assignalaram o seu merecimento, condecorando-o com o habito da Legião de Honra, com o de S. Mauricio e S. Lasaro e com a comenda da Ordem de Cristo.

Incumbido por Aviso de 21 de Fevereiro de 1865 do commando do vapor de guerra *S. Francisco*, por varias vezes o conduziu a diversas provincias do norte, até a do Maranhão, afim de transportar para o sul os primeiros batalhões de voluntarios da patria; e exonerado dessa commissão, partiu para Bordeaux em 8 de Fevereiro de 1866, afim de tomar conta do commando do encouraçado *Nemesis*, e o trazer ao Brazil. A tarefa era ardua, elle desempenhou-a dignamente; a travessia do *Nemesis* constitue um triumpho da navegação hodierna, uma pagina brilhante da vida do intrepido marinheiro que a emprehenheu, cujo periodo de mais heroismo assim foi narrado por um seu biographo:

« Com effeito, não fôra Vital de Oliveira um habil marinheiro, não fôra elle digno daquella banca de commando que acabava de ser-lhe confiado, e o encouraçado *Nemesis* não faria parte da nossa esquadra, porque teria sosso-brado aos contratempos que sobre elle investiram, atravessando o Atlantico. E houve um dia, que não podemos deixar de mencionar, porque é o romance da vida de nosso marítimo.

« Era na altura de Pernambuco, e os negrumes da tempestade tinham-lhe completamente cerrado o horisonte de sua terra natal; Eólo desenfreára os ventos, que pareciam dispostos a destruir em suas furias todo o ferro das couraças do *Nemesis*; o mar bramindo ao longe por ter sido esmigalhado nas quebradas dos recifes, espumando raivosamente investia o navio em ondas montuosas, que no meio da bruma da tormenta semelhavam monstros famintos dispostos a engolir-o; e o trovão com o seu ribombo convulçando a natureza, dava vida a essas aguas, dava vida a essas nuvens, que pareciam outros tantos monstros, a moverem-se n'essa scena de horrores; e o raio rompendo em fitas de fogo a immensidade das trevas, mostrava o aspecto da morte no fundo de um abysmo illuminado pelos fuzis, que de espaço a espaço se accendiam.

« No fim do terceiro dia, o commandante com aquella serenidade que caracteriza o homem do mar, no tombadi-

lho dirigia a manobra, e encarava a tormenta; mas de repente uma nuvem de desgosto veio perturbar a impossibilidade daquella physionomia, enrugar-lhe a fronte, e empalidecel-a... E' que elle vira a magnitude do perigo e certa a morte d'aquella pobre gente a quem conduzia... Escaleres ao mar! Ordenou por fim, e fez com que todos se distribuissem em justa proporção, para em caso extremo soltarem as talhas e salvarem-se. Só elle queria ficar, e mais alguém que se resolvêra a partilhar de sua sorte; era sua esposa D. Adelaide Calheiros da Graça Vital. E essa moça pallida e convulsa pelo terror da morte, desgredinhada pela afflicção, de joelhos aos pés de seu esposo, sem querer abandonal-o, e invocando o céu em suas preces, representava o anjo da dedicação, ou a estatua do amor e do dever lacrymosa sorrindo ao sacrificio.

« As orações dos anjos sobem ao céu com o incenso das offerendas recebidas! A tempestade acalmou-se, e uma estrella espiando no orisonte veio denunciar aos navegantes afflictos, que era chegada a bonança com o seu prestito de luz e de encantos.

« Aportou-se a Pernambuco, e foi preciso ficar ali 8 dias para concertar o navio dos estragos do temporal; em compensação a tantos contratempos gozou o nosso heróe dos abraços e benções maternas, e saudações de seus parentes e comprovincianos; e para que fosse mais completa a felicidade e a gloria dessa familia pernambucana, que sem o saber apertava pela ultima vez em seu seio o filho quirido de suas entranhas, teve a lisonjeira noticia de que Vital depois de uma viagem feliz chegára ao Rio de Janeiro a 11 de Setembro de 1866, e que poucas horas depois de ancorado fôra cumprimentado pelo almirante dos Estados-Unidos, que então commandava alguns vasos d'aquella nação surtos neste porto, ouvia delle estas expressões: *é um triumpho para a navegação ter-se atravessado o Atlantico em um navio encouraçado da construcção do Nemesis, que só é proprio para navegar rios.*

« A este elogio, que vale uma corôa, não só para o individuo, como para a nação a que elle pertence, o governo juntou os seus louvores em aviso de 29 de Outubro do referido anno. »

Recebendo o *Nemesis* o nome de *Silvado*, Vital de Oliveira seguiu com elle para o theatro da guerra, onde recebeu o Decreto de sua promoção a capitão de fragata, por merecimento, em 21 de Janeiro de 1867.

A 2 de Fevereiro, ao romper da aurora, a esquadra imperial disposta em 3 divisões atacou a fortificação de Curupaty e as trincheiras inimigas penetrando na lagôa Pires. A's 6 horas, ao signal do navio chefe, rompeu o fogo da esquadra sobre Curupaity, e entre os encouraçados se ostenta o *Silvado*, galhardo e feroz, sobre cuja escotilha se erguia o vulto impavido e severo de Vital de Oliveira, trajando rigorosamente á militar, com o seu grande uniforme, ostentando em seu peito todas as suas condecorações, oculo em punho, dirigindo já a manobra do navio, já a direcção do cambate. Vital de Oliveira, diz o Dr. J. M. de Macedo em um brilhante rasgo de eloquencia, sobre a escotilha, desafiando as balas paraguayas, offerecendo-se como alvo, provocando-as, sereno em face da morte, firme como estatua de bronze, Vital de Oliveira esquece o instincto da conservação, o amor da esposa, o esplendor do futuro, e, só lembrado do pundonor brasileiro, vae alem da bravura, e com impavidez sublime dá nessa guerra mais um exemplo de acções famosas, para as quaes é preciso crear um nome nas linguas, porque audacia indica vaidade, e nos sacrificios sorprendentes, sublimes dos nossos heroes, ha abnegação patriotica, que exclue aquella condição em que a audacia se amesquinha. Bravura é pouco, audacia é injustiça: oh! inventae, dai-nos um nome na nossa lingua que exprima idéa tão magestosa, como são magestosas essas acções dos nossos guerreiros.

Aquelle vulto homérico de Vital de Oliveira, continua ainda o mesmo escriptor, aquella firmeza de cavalleiro de ferro, immovel, indifferente aos vomitos de flammæ e balas da artilharia paraguayã, aquella surdez sublime ao estampido dos canhões, e sublime cegueira á chuva de bombas e de horrores, aquella figura impavida, inabalavel, que era de homem vivo, porque levantava o braço brandindo a espada refulgente, e porque tinha voz que bradava — fogo! Aquelle assombro de intrepidez serena mostrou-se ao inimigo, não como simples heroe, sim como heroica fortaleza; o inimigo fez honra a Vital de Oliveira, julgou preciso duplicar a morte para poder matal-o, e com 2 projectis a um só tempo feriu duas vezes mortalmente o heroe e derribou o colosso. Vital de Oliveira cahiu e expirou nos braços de um companheiro, de um outro bravo dessa phalange maravilhosa que escreveu com o seu sangue a epopéa da herocidade dos brasileiros.

No dia seguinte, 3 de Fevereiro de 1867, ás 10 horas da

manhã, o cemiterio da Cruz, da cidade de Corrientes, recebeu em seu seio o cadaver do heróe, e teve elle sepultura entre os tumulos de mais dous heróes: Mariz e Barros de um lado, e Muller do outro.

E coincidencia notavel! A 2 de Fevereiro de 1849, diz o *Jornal do Commercio*, da côrte, combatia o então 2.º tenente Vital de Oliveira contra uma revolução que queria erguer o seu collo, nesse mesmo dia recebia elle um ferimento de bala, e era condecorado com a ordem de Christo.

« A 2 de Fevereiro de 1867 nas aguas do Paraguay o bravo Vital de Oliveira cahia ferido e espirava batendo-se com um inimigo ousado.

« A 2 de Fevereiro de 1849 servia o capitão-tenente Vital de Oliveira sob as ordens dos chefes conselheiro Joaquim José Ignacio e Eliziario Antonio dos Santos. A 2 de Fevereiro de 1867 dirigia a esquadra no Paraguay o mesmo conselheiro, e era chefe do estado-maior o capitão de mar e guerra Elisiario.

« A 2 de Fevereiro de 1849 tinha elle por companheiros o capitão-tenente Antonio Manoel Fernandes, hoje secretario do almirante, e o curava do seu ferimento o então 2.º cirurgião Dr. Carlos Frederico, hoje chefe de saude da esquadra, e a 2 de Fevereiro de 1867, estes companheiros de armas, depois do combate, conduziãam seu cadaver á Corrientes e o levavam á sua ultima morada. »

Vital de Oliveira, foi, na phrase do conselheiro Dias da Motta, o peregrino que, depois de longa viagem, depoz o bordão para descansar, e olhando para o céu, voou á reunir-se aos seus companheiros de gloria; e segundo o illustre almirante, *morreu pela patria, legou-lhe o nome de mais um heróe!*

Os restos mortaes de Manoel Antonio Vital de Oliveira, o heróe de Curupaity, repousam hoje no seio da terra que lhe serviu de berço, e jazem no Cemiterio Publico do Recife, em um modesto e elegante tumulo de marmore, sobre o qual se lê este epitaphio:

*Aqui jazem os preciosos restos
do
Capitão de Fragata
Manoel Antonio Vital de Oliveira
Nascido a 28 de Setembro de 1829
e
morto no combate de Curupaity
a 2 de Fevereiro de 1867.*

Manoel de Arruda Camara. Nasceu em 1752, e foram seus paes Francisco de Arruda Camara, depois capitão-mór e commandante da nova villa do Pombal, na Parahyba, e sua consorte D. Maria Saraiva da Silva.

A 23 de Novembro de 1783 professou a regra dos Carmelitas calçados, no convento de Goyanna, e tomou o nome religioso de Frei Manoel do Coração de Jezus. Seguindo depois para Portugal, matriculou-se na Universidade de Coimbra, mas não podendo concluir os seus estudos em virtude das medidas rigorosas empregadas contra os estudantes que se mostravam affeiçãoados as doutrinas proclamadas pela revolução franceza, deixou em meio caminho os seus estudos de philosophia e medicina, emigrou para a França, e foi concluil-os na escola de Montpellier, onde recebeu o grão de doutor em medicina.

Obtendo por esse tempo da Curia de Roma o breve de sua secularisação, partiu para Lisbôa, foi eleito socio da Academia Real das Sciencias, e foi logo nomeado pelo governo, e por indicação da mesma Academia, para acompanhar ao Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva na sua excurção scientifica pela Europa, como naturalistas e pensionistas pelo Estado.

Arruda Camara deixou Lisbôa em 1790, mas não acompanhou a José Bonifacio em toda a sua peregrinação scientifica pela Europa, regressou ao Brazil, e em 1796 já se achava em Pernambuco, entregue ao exercicio da medicina.

Na serie de seus estudos, Arruda Cara havia particularisado os das sciencias naturaes e com especialidade a botanica, e côm tanto amor e dedicação, que continuando a cultival-as no Brazil, ganhou logo bem merecida reputação, sendo aproveitado pelo governo em diversas comissões scientificas, quer no Rio de Janeiro, quer em Pernambuco.

Por Ordem Regia de 10 de Novembro de 1796, foi encarregado do exame e indagações das nitreiras naturaes desta provincia; e posteriormente, querendo o governo possuir noticias exactas e circumstanciadas dos mineraes desta mesma provincia, foi elle incumbido dessa missão, e ao mesmo tempo de ir a Jacobina, na Bahia, e ao rio S. Francisco, afim de examinar as minas de cobre daquelle lugar, e as salitreiras descobertas em tempos anteriores, neste outro, arbitrando-se-lhe uma pensão de 400\$000 por anno e 200\$000 de ajuda de custo, o que consta do officio

que lhe dirigiu o governador D. Thomaz José de Mello, em 12 de Julho de 1797. Já anteriormente á esta commissão, havia elle sido encarregado de obter productos naturaes e artefactos indigenas, para serem enviados ao museu real e jardim botânico de Lisboa, assim como de indagar se havia aqui a arvore da quina, para o que recebeu uma descripção acompanhada de um desenho da planta.

Arruda Camara consumiu largo tempo em todas estas excursões scientificas, mas conseguiu reunir uma riqueza inestimavel em documentos sobre a mineralogia e botanica desta provincia. Passando-se ao Rio de Janeiro, foi eleito membro da nova academia, creada no tempo do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, e fez parte da commissão de naturalistas incumbida de dar parecer e aperfeiçoar a—*Flora Fluminense*, por Frei José Mariano da Conceição Velloso, tendo por companheiros o bispo de Anemúria e o Dr. João da Silveira Caldeira.

Em 1802 Arruda Camara se achava em Pernambuco, pois neste anno arrematou perante a camara de Olinda, a marchanteria das carnes, por 3 annos, comprehendendo a cidade de Olinda, villa do Recife, Serinhãem, Iguarassú e Goyanna.

Arruda Camara trabalhou muito, quer nas suas investigações scientificas, como escrevendo o resultado dellas, e se nem todos os seus trabalhos vieram a luz da publicidade, ao menos consignemos a enumeração daquelles de que podemos conseguir informações exactas, sendo, a este respeito, o mais importante documento, uma carta do proprio Arruda Camara, escripta ao padre João Ribeiro Pessoa, em 2 de Outubro de 1810, de Itamaracá, onde então se achava gravemente doente, carta esta que não é sómente de interesse para a sciencia, mais tambem um importante documento para a historia politica desta provincia, pois deixa ver claramente que existia assentado o plano da mallograda revolução de 1817. Eis pois a sua integra :

« João.—A morte se me aproxima a passos largos. Por temer de ahi chegar vivo, faço-te esta bem attribulado, pois conheço o meu estado.

Avisa ao Tinoco de ir morrer em sua casa, caso lá chegue vivo. Estas linhas são escriptas por cautella, para depois de minha morte saberes mais Tinoco, o que devem fazer quanto algumas alfaias que ficam. Não ignoras a demasiada ambição de meu mano Francisco, que tudo ha de praticar para não ter effeito minha ultima vontade. O

nosso amigo João Fernandes Portugal nunca fique em esquecimento de você. A minha Flora de capa encarnada que Francisco tem em vistas, chama a ti com tempo. A minha obra secreta manda com brevidade para a America ingleza ao nosso amigo N. por nella conter cousas importantes, que não convém ao feroz despotismo ter della menor conhecimento, e por ter então muito que perder os da tua familia do ramo do general André Vidal de Negreiros, que padre Mathias Vidal de Negreiros, e marquez de Cascaes hão despojados dos bens do dito general furtivamente. Tem toda cautella na minha miscelanea, onde estão todos os apontamentos das importantissimas minas. Se succeder algum desar, em que vires perigo á tua existencia, faz sciente alguém de tua familia do ramo de Negreiros, ao amigo da America ingleza para prevenir tudo, e nunca sujeitarem os meus papeis a ingratos, embora fiquem por tempos privados dos seus bens.

Tambem não devem esclarecer aquelles que os tem defraudado. Estou fallando sobre os herdeiros roubados do ramo do general Negreiros. Os bens ficam a disposição dos meus testamenteiros, tu, Tinoco, e João Fernandes Portugal. Conduzam com toda a prudencia a mocidade em seus inspiros para que nenhuma provincia a exceda. Tenham todo o cuidado no adiantamento dos rapazes Francisco Muniz Tavares, Manoel Paulino de Gouveia, José Martiniano de Alencar, e Francisco de Brito Guerra; como assim acabem com o atrazo da gente de côr, isto deve cessar para que logo que seja necessario se chamar aos lugares publicos haver homens para isto, porque jamais pôde progredir o Brazil sem elles intervirem collectivamente em seus negocios, não se importem com essa acanalhada e absurda aristocracia cabundá, que ha de sempre apresentar futeis obstaculos.

Com monarchia ou sem ella deve a gente de côr ter ingresso na prosperidade do Brazil. A conhecida prohibidade de Caetano Pinto não deve ser constrangida. Tú és o meu escolhido. As fazes porque tem de passar o Brazil mostrarão em que deve ficar o seu governo sobre representante da nação. Sou dos agricultores que não colherei os fructos de meu trabalho, mas a semente está plantada com boas batatas. D. Barbara Crato devem olhal-a como heroína. Remette logo a minha circular aos amigos da America ingleza, e hespanhola, sejam unidos com esses nossos irmãos americanos, porque tempo virá de sermos todos

um; e quando não for assim sustentem uns aos outros. Como ainda não póde o Brazil com grandes obras, falla no entretanto a Caetano Pinto para mandar por via dos commandantes de ordenanças abrir essas estradas até cincoenta leguas a machado e foices com o que muito lucrará o commercio e agricultura. Não trato de abrir canaes, porque sustentem os que ha feito pela natureza, não vala a pena o serviço que com elles se despende. Mauricio situou mal o Recife, sem ter ancoradouro e em cima de bancos de areia inestinguíveis.—Adeus.—Itamaracá, 2 de Outubro de 1810.

P. S. Se ainda vires Frei Gaifundo dize a esse frade que não levo queixas d'elle, pois tudo lhe perdão.»

Alem dos trabalhos mencionados nesta carta, Arruda Camara deixou muitos outros, como consta de um officio do governador Caetano Pinto dirigido ao juiz de fóra de Goyanna, em 3 de Abril de 1811, determinando que sem perda de tempo lhe remetteste todos os manuscriptos deixados por Arruda Camara, os quaes segundo as informações que tinha eram os seguintes: 1.º Flora Pernambucana, com estampas e desenhos. 2.º Tratado de agricultura. 3.º Tradueção da obra de Lavoizier. 4.º Tratado sobre a logica. 5.º A sua Insectologia, ou collecção de desenhos sobre insectos.

Além dos seus numerosos e importantes trabalhos inditos, hoje perdidos na sua maior parte, Arruda Camara publicou os seguintes:

Aviso aos lavradores sobre a inutilidade da supposta fermentação de qualquer qualidade de grão ou pevides, para augmento da colheita. Lisboa, 1792.

Memoria sobre a cultura dos algodoeiros. Lisboa, 1799.

Discurso sobre a utilidade da instituição dos jardins nas principaes provincias do Brazil. Rio de Janeiro, 1810.

Dissertação sobre as plantas do Brazil que podem darinhos proprios para muitos usos e supprir a falta do canhamo. Rio de Janeiro, 1810.

Alguns de seus trabalhos tiveram publicação posthumamente no *Archivo Medico Brasileiro*, em 1845, assim como se encontra um outro—*Memoria sobre as plantas de que se pode fazer a barrilha*, nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*; e o *Diccionario de Botanica* do pharmaceutico Joaquim de Almeida Pinto, teve como poderoso auxiliar os trabalhos de Arruda Ca-

mara. A parte notavel que tem os escriptos daquelle venerando naturalista n'este Diccionario, diz uma autoridade competente, constitue o seu maior titulo de merecimento, e pelo qual mais se recommenda a sua leitura a todos quantos presam e cultivam o estudo de botanica.

Em muitas ordens de plantas da *Flora Brasileira*, diz o Dr. J. M. de Macêdo, depara-se ora com especies, ora com generos mencionados como homenagem á memoria deste botanico brasileiro, além das notas relativas á parte util e industrial de varios vegetaes da flora brasileira. Saint Hillaire perpetuou o nome do botanico brasileiro creando o genero *Arrudea* na familia das Guttíferas.

Henry Koster, visitando Arruda Camara em 1810, por occasião de sua primeira viagem ao Brazil, diz o seguinte no livro que escreveu á tal respeito: Era um homem estimavel, e estava então em Goyanna muito doente de um ataque de hydropesia, causada pela sua residencia em um lugar sugeito á febres. Elle cultivava a botanica, de cuja sciencia era entusiasta. Um governo providente que calcula todos os serviços que póde prestar um homem de um talento tão superior, em um paiz sem cultura, mas que faz alguns progressos rapidos, não podia deixar de o acolher com enthusiasmo.

O Dr. Manoel de Arruda Camara falleceu na cidade do Recife, em fins do anno de 1810, e deixou nome distincto e apreciado pelos naturalistas sabios do velho mundo, em cuja sciencia, segundo Varnhagem, disputou a palma ao illustre botanico Frei José Marianno da Conceição Velloso.

Manoel Buarque de Macedo. Nasceu na cidade do Recife, em 1 de Março de 1837, e foram seus paes o commerciante Manoel Buarque de Macedo Lima e D. Lourença Buarque de Macedo Lima.

Começando a sua educação litteraria em Pernambuco, foi terminal-a no Rio de Janeiro, matriculou-se na antiga Escola Central, hoje Escola Polytechnica, e em 1856 recebeu o grão de bacharel em mathematicas, quando contava apenas 19 annos de idade. Em 1855, ainda estudante, Buarque de Macedo serviu o cargo de repetidor no Imperial Collegio D. Pedro II, e seguindo depois para a Europa, frequentou a Universidade de Bruxellas, a qual lhe conferiu em 1859 o diploma de doutor em sciencias politicas e administrativas.

Nomeado por esse tempo, addido de primeira classe

á legação imperial de Pariz, demorou-se na Europa algum tempo, passou-se depois para o Brazil, e exerceu o cargo de engenheiro ajudante da estrada de ferro de Pedro II no Rio de Janeiro, e nomeado em 1860 engenheiro fiscal da estrada de ferro do Recife ao S. Francisco, regressou para Pernambuco e entrou no exercicio do seu novo cargo, onde prestou immensos serviços até fins de 1873, quando ao ser reorganizada a secretaria de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, foi nomeado com honrosa espontaneidade, chefe da directoria de obras publicas.

Já então Buarque de Macedo tinha um nome conhecido, havia representado um papel muito importante como deputado á Assembléa Provincial de Pernambuco, por diversas vezes, e uma vez á de Alagoas, e como deputado a Assembléa Geral Legislativa, representando sua provincia, na legislatura de 1867, mandato que recebeu ainda em 1878, quando subiu ao poder o partido liberal. Nomeado para um cargo elevadissimo por seus adversarios politicos, esse acto traduz o merecimento e conceito de que gosava, e na phrase do *Jornal do Commercio*, da côrte, constitue *uma honra para a situação conservadora, ter chamado por occasião da reorganisação da secretaria da agricultura, este adversario, e pelo acto de 31 de Dezembro de 1873 tel-o encarregado da direcção technica dos mais difficeis trabalhos do país; e foi de certo o seu incontestavel merecimento que o elevou, e nunca maior dedicação, mais incansavel esforço correspondeu a uma previsão intelligente e generosa.*

Membro proeminente e prestimoso do partido liberal, e um dos mais assíduos collaboradores do órgão do partido em Pernambuco, *A Provincia*, ao partir para a côrte, em Fevereiro de 1874, este jornal inseriu em suas columnas um artigo de despedida, no qual entre outras phrases, assim ajuizou do merecimento e serviços de Buarque de Macedo:

« O politico, o mathematico, o financeiro, o parlamentar assidado, o escriptor, o engenheiro, o estadista, o patriota illustrado e sincero, orador de idéas elevadas, de elocução facil, de estylo correcto e puro, de vigor de logica, elegante, erudito e eloquente, que sempre sabe aprofundar as questões, e aclarar-as ao nivel de qualquer intelligencia e comprehensão; encontraram no talento, dotes, saber e feitos do Dr. Buarque, um fiel representante. Era

um dos nossos mais activos e constantes collaboradores da imprensa ; no *Liberal* primou elle em toda a variada redacção que exhibia aquelle órgão do partido, sobresahindo sempre em seus artigos ; na *Provincia* continuou a primar, mostrando-se cada vez mais amestrado e senhor na arte difficil de fazer opposição. »

Não foi sómente por seus trabalhos publicados no *Liberal* e na *Provincia*, que Buarque de Macedo conquistou os foros de escriptor notavel ; por muito tempo as columnas do *Jornal do Recife* abriram espaço a artigos seus de variados assumptos, especialmente sobre aquelles que entendiam com as sciencias de sua predilecção, e na côrte do Imperio, continuou na *Reforma* a serie dos seus acurados trabalhos, notando-se principalmente os seus artigos politicos e economicos, e sobre o desenvolvimento material do paiz.

Em Pernambuco, os serviços do seu cargo, a sua actividade politica, e os seus trabalhos na imprensa, não o absorviam de todo ; e jamais recusando os seus serviços e o seu concurso a administração da provincia, por se achar á cargo de adversarios, elle desempenhou diversas e importantes commissões, principalmente na presidencia do conde de Baependy, notando-se dentre ellas as de algumas exposições industriaes e agricolas, como commissario do governo, quer em Pernambuco, quer no Rio de Janeiro.

Com a subida do partido liberal em 1878, Buarque de Macedo teve um assento na Camara dos Deputados ; representando sua provincia natal, e durante a dupla sessão legislativa de 1879 elle discutiu quasi todos os dias, e sobre todas as questões importantes que foram assumptos de debates parlamentares, elle manifestou a sua esclarecida opinião na tribuna ; e foi tal a sua attitudo e os seus serviços, especialmente como membro da commissão de orçamento, que o seu nome se impoz para o lugar de ministro do gabinete que subiu em 27 de Março de 1880 : e dando copia na tribuna da mais solida preparação do seu espirito, segundo um jornal da côrte, pôde dizer-se, que foi dalli, daquella bancada da deputação pernambucana, que elle conquistou verdadeiramente a posição de ministro da corôa.

« O que foi na qualidade de ministro o conselheiro Buarque de Macedo, não é preciso recordar e o publico que tão

de perto pôde admirar a indefessa actividade, a rigidez de character, o profundo conhecimento dos negocios, a honrosa docilidade e o respeito pela opinião que captáram para o joven ministro applausos e sympathias muito geraes. Vi-mol-o incessantemente applicado ao trabalho, dia por dia, hora por hora; repartindo ingenhosamente a attenção por multiples negocios; acudindo com providencia á qualquer fundada reclamação; explicando-se e defendendo-se com exemplar moderação, ou retocando e completando os seus actos, se o mereciam; cortando por praticas abusivas e substituindo-as; colligindo cuidadosamente materiaes para as diversas reformas que trazia em mente; preocupando-se das grandes e das pequenas questões; impri-mindo a todos os ramos do serviço uma direcção activa e energica; projectando o que não podia realisar e realisan-do o que lhe permittiam os meios postos á sua disposição.

« Será difficil apontar um só dos numerosos serviços da repartição da agricultura em que o ministro Buarque de Macedo não haja deixado claros vestigios da sua laboriosa administração. Reviu tudo, examinou tudo, e tudo procurava melhorar. Nem sempre o terá conseguido, mas nunca melhores intenções influirão o espirito de um administrador. Só por si seria titulo de merecimento para o ministro Buarque de Macedo trazer de tal modo em dia o enorme e variado expediente da sua pasta, que, ao seguir para S. João d'El Rei, pôde declarar que ficavam despachados todos os papeis sujeitos á sua apreciação. Foi esta extraordinaria actividade que lhe arruinou a saude até cortar o fio de existencia tão util:—util para a sua gloria, para a patria, e para a esposa e filhos, a quem ficou por unica riqueza a valiosa herança de um nome immaculado e laureado. »

No dia 26 de Agosto de 1881 seguiu Buarque de Macedo com a comitiva imperial para assistir a inauguração da via-ferrea do Oeste da provincia de Minas Geraes, e accommettido no comboio pela fatal molestia que o arrancou deste mundo, falleceu na manhã do dia seguinte em S. João d'El Rei. S. M. o Imperador, que não cessou de prodigalisar o maior interesse na dolorosa situação em que se achou o seu illustre ministro, logo depois de assistir aos seus ultimos momentos, retirou-se ao palacio onde se achava hospedado, e participou que dispensava os festejos que lhe estavam preparados, conservando-se encerrado

todo o dia, e só recebendo no seguinte as pessoas que o desejavam comprimentar.

.....
 « O infatigavel trabalhador estava morto; para elle só havia uma vida, a da gratidão da posteridade. Uma porta abriu-se para ascensão do seu nome á memoria popular: a da mais indefectivel probidade. Os amigos foram correr-lhe os bolços para inventariar-lhe os papeis e os haveres. Acharam-lhe uma carteira, abriram-n'a, percorreram-lhe os escaninhos e encontraram sómente—4\$000 em notas do thesouro e alguns niqueis. Nunca houve testemunho mais eloquente da honradez de um homem! O pequeno pedaço de couro da Russia fallava por um archivo de economia e de honradez; era o Pantheon glorioso da probidade do morto. »

No dia 30 chegou o cadaver á cidade do Rio de Janeiro, e foi dado á sepultura com todas as honras e pompas funerarias a que tinha direito o illustre finado, sendo collocadas sobre o caixão grande numero de corôas, pela familia, pela imprensa, associações e emprezas, parentes e amigos.

Foi indisivel o geral sentimento e pezar manifestados em todo o paiz á noticia da morte do conselheiro Buarque de Macedo. O ministerio, a imprensa, repartições publicas, associações scientificas e litterarias, artisticas e beneficentes, corporações municipaes, commerciaes, agricolas e industriaes, por toda a parte em fim, levantavam-se manifestações de pezar e condolencias, e á sua familia que ficára pauperrima, accudiu o governo concedendo-lhe uma pensão, e os seus amigos e admiradores formando um patrimonio que subiu a uma quantia avultada.

Deputado, ministro, conselheiro, bacharel em mathematicas, doutor em sciencias politicas e administrativas, commendador das ordens da Rosa, Legião de Honra, Conceição de Villa Viçosa, e de S. Mauricio e S. Lazaro, membro de varias associações scientificas e litterarias, entre ellas o Instituto dos Engenheiros Civis de Londres, Manoel Buarque de Macedo foi um homem que subiu e nobilitou-se pelo seu elevadissimo merecimento, que deixou um nome memoravel por seus serviços á causa publica, e a cuja memoria, a gratidão nacional manifestou-se immediatamente, decretando-lhe um monumento na còrte do Imperio, collocando o seu retrato em diversos estabeleci-

mentos publicos, e estampando-o diversos jornaes nacionaes e estrangeiros, e dando o seu nome a diversas ruas, e por fim a uma das pontes na cidade do seu nascimento.

O conselheiro Buarque de Macedo, diz o *Diario de Pernambuco*, destacava-se do vulgo, do commum dos homens, quér pela sua intelligencia, prompta e facil, quér pelo seu trabalho, sério e esforçado, quér pela riqueza de conhecimentos adquiridos mediante aquelles outros elementos; e tudo isso elle pozera boamente ao serviço do seu paiz, e mais particularmente ao serviço de Pernambuco, como filho estimado desta terra, como membro distincto da communhão brasileira, para a qual sonhava elle um mundo de venturas no seio de uma prosperidade sem limites.

« Eis um homem que, sem nenhuma hyperbole, falla agora o *Jornal do Commercio*, da côrte, pôde ser apontado como victima da sua dedicação pelo bem geral. Em tão curta vida não ha brasileiro que se lhe tenha avantajado em serviços á patria. A sua tão prematura morte abre na alta administração um grande vacuo, difficil de ser preenchido. A uma intelligencia prompta e lucida Buarque de Macedo reunia grande cabedal de conhecimentos especiaes que o tornaram em pouco tempo um dos maiores ministros que o Brazil tem visto passar na importante repartição a cuja frente se finou. A honradez e o amor do trabalho eram-lhe qualidades caracteristicas. Estava-lhe com certeza reservado grande futuro no scenario da vida politica. O Brazil perde nelle um estadista. »

« Buarque de Macedo, diz o *Diario da Bahia*, foi um desses homens, que os povos rijos do norte chamam filhos de si mesmos, obra da sua propria força, criação do seu proprio caracter.

« Pertencia á estirpe dos athletas. O seu destino não foi nunca o desses que se insinuem, e cortejam, mas o dos que se impõem, e conquistam.

« Toda a sua existencia, porém, está resumida na ultima phase della. Trabalho, fecundidade, abnegação, firmeza: eis, em quatro palavras, a sua administração das obras publicas, do commercio, da agricultura. Nenhum ministro dessa secretaria o excedeu, e quasi nenhum o igualou. As opiniões mais hostis curvaram-se diante dos seus serviços, que só a ignorancia e a malevolencia desconheceraam. »

« Buarque de Macedo, diz em fim o *Cruzeiro*, era uma

força e uma esperança. O paiz desenganado de promessas e programmas, indifferente ás questões politicas e ás agitações partidarias, teve um momento de entusiasmo, sentio-se remoeçar ao influxo da palavra perenne, do pensamento sempre activo de seu reformador. E' que o joven estadista não tinha sómente a eloquencia da phrase, possuia outra mais convencedora, mais poderosa, a dos actos. A sua fé politica estava exarada nos diuturnos esforços pelo bem da patria. Encontrára o povo gelido, descrido, sceptico, sorrindo ás mais altas promessas da administração e mostrou-lhe em poucos mezes que um ministro, sem o prestigio de longas e repetidas victorias parlamentares, podia pelo simples prestigio do trabalho arrancar da apathia as forças latentes do paiz.

« *Buarque de Macedo* foi, portanto, um eloquente apostolo do trabalho, e o foi perante nós que tantas vezes desanimamos diante das difficuldades da iniciativa particular. Dava-nos o exemplo da actividade continua, da attenção directa, do exame prescrutador, e, em vez de aspirar á omnipotencia do Estado, aconselhava aos particulares que empregassem a propria iniciativa, deixando ao governo apenas o auxilio indirecto. Era um ministro da verdadeira escola constitucional. Estadista moderno, aproveitava a cooperação popular para o andamento dos negocios publicos. Tinha amenidade, o desprendimento do fausto, a lhaneza democratica e o trato facil e accessivel. Sentar-se-hia, sem constrangimento, entre os proceres ao trabalho, que a força da opinião leva ao Capitolio da União Americana. Tinha a mesma indole aberta a todas as idéas, a mesma infatigabilidade, a mesma indifferença pelos pequenos e mesquinhos obstaculos....

« *Buarque de Macedo* tocou de perto os limites que approximam o homem superior dos engenhos excepçionaes que se chamam Stein, Pombal, Colbert, Chatam ou Paraná, e imprimem a uma nação o cunho immortal de suas idéas. Foi um precursor, mas mostrou-nos no prestigio que cercou o seu ministerio e no sentimento que rodeia o seu funeral, o que póde entre nós o homem de bem e de intelligencia, que appella para a abnegação e civismo do povo. Diante desse verdadeiro patriota depuzeram as armas os partidos e viram em seu gesto eloquente a imagem da patria appellando para seus filhos. »

Eis a justa apreciação dos principaes orgãos da im-

prensa do paiz, sobre os serviços e merecimento do illustre e preclaro conselheiro Manoel Buarque de Macedo.

Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque. Nasceu na cidade do Recife aos 11 de Novembro de 1753, e foi filho do tenente coronel Francisco Antonio de Almeida e de sua mulher D. Josepha Francisca de Mello e Albuquerque; neto paterno do coronel Francisco de Almeida Catanho e de D. Izabel Gomes Correia, e materno, do capitão-mór da villa do Recife Manoel da Silva Ferreira e de D. Josepha Francisca de Mello e Albuquerque, predendo-se a sua genealogia, quer por um como por outro lado, ás mais illustres familias desta provincia.

Educado desveleada e esmeradamente, Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque obteve um certo gráo de illustração na altura das nossas circumstancias coloniaes, e preparou-se convenientemente no latim, francez, inglez, geometria, philosophia, poetica e musica. Nomeado capitão do regimento miliciano do Recife, denominado dos nobres, succedeu a seu pae no officio de escrivão dos defunctos e ausentes, capellas e residuos, por acto do governador de 1 de Julho de 1787, passando á vitalicio por Carta Regia de 12 de Maio de 1815, distinguindo-se pela sua intelligencia, pleno desempenho e honradez. Litterato e poeta, homem de amena e attractiva sociabilidade, na phrase de um seu biographo, sempre civil e respeitoso, eis os dotes que lhe conquistaram as attensões e amisade de todos os seus superiores e de muitos personagens da provincia.

Casando-se a 7 de Janeiro de 1780 com uma filha do tenente coronel Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, litterato distincto e autor da *Nobiliarchia Pernambucana*, teve do seu consorcio 18 filhos, 9 de cada sexo, occupando os homens elevada posição na sociedade, pois, 2 foram senadores do imperio, 2 deputados, 2 desembarcadores, 1 ministro de estado, 1 commandante das armas do Piahy e outro presidente do Rio Grande do Norte. Poucos paes terão tido tal fortuna!

Almeida e Albuquerque illustrou tambem o seu nome adherindo ao pronunciamento emancipador de 1817, cuja causa abraçou com enthusiasmo e serviu constantemente. Elle mostrou um alvoroço tão estrondoso, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, que custava a combinar com a sua idade octogenaria. Celebrou nas suas lyras ou versos de toda a sorte o imperio da liberdade, elevando poetica-

mente até ás estrellas as futuras vantagens da patria livre. Foi continuo assistente e comparsa sempre activo em todas as festas e assembléas, que, tinham por objecto celebrar e exaltar a liberdade e destruir a tyrannia. Nada, porém, pôde comparar-se ao entusiasmo que ostentou na solemnidade da benção e juramento das bandeiras patrióticas, na qual recitou hymnos a liberdade e a felicidade da patria; e alem de muitos outros factos que realçam a sua dedicação e adhesão a causa emancipadora, compoz elle muitos outros versos, entre os quaes notam-se a seguinte quadra, que distribuiu uma tarde no pateo da egreja matriz de S. Antonio :

Sem grande côrte na côrte,
Não se gosa um bem geral;
Que o côrte é quem nos faz bem,
A côrte é quem nos faz mal.

Taes foram os crimes porque foi denunciado perante a alçada, arrancado de sua familia, privado do seu officio, e atirado aos carceres da cadeia da Bahia, onde gemeu por 4 annos, mas sem se abater ante os revezes da sua sorte, e pelo contrario, sempre alegre e jovial, calmo e resignado; e nesta vida de martyrio e contemplação, elle afinou as cordas de sua lyra, e escreveu mimosas composições, entre ellas umas quadrinhas dedicadas a duas senhoras bahianas, que foram por algumas noites tocar e cantar de fóra da cadeia aos presos pernambucanos, e uma outra que continha esta quadra, que tornou-se mui popular e proverbial em Pernambuco :

Não ha ventura
Como ser tolo,
Que o ter miolo
E' mal sem cura.

Recobrando a sua liberdade, restituído a sua patria em 1821, Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque « ainda chegou curvado de annos, virtudes e heroismo, abençoando com versos harmoniosos a causa do seu martyrio. » Nas suas poucas poesias recolhidas e publicadas pelo commendador Antonio Joaquim de Mello nas suas obras, deixou-nos Almeida e Albuquerque primorosos modelos do seu genio poetico, alem de muitas composições que tinha

colleccionado para publicar, na maior parte sonetos, decimas, epithalamios, lyras, um dithyrambo e algumas odes, mas, infelizmente não chegaram a ser impressas e perderam-se.

Em 1813 compoz uma tragedia em verso sobre o assassinato do administrador do vinculo do Monteiro, « ampliando e disfarçando a verdade historica com verosimilhanças poeticas, nomes e local suppostos, no intuito de diffcultar a transparencia do verdadeiro facto. » *A Justiça da ilha dos Lagartos*, é tambem uma mimosa composição sua, entremez em prosa, escripto ao correr da penna, cujo original possuia o commendador Mello, assim como um dithyrambo dedicado ao Marquez de Inhambupe, quando ouvidor de Pernambuco e membro do governo interino em 1788, composições ineditas e talvez perdidas.

Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque falleceu em avançada idade em 11 de Janeiro de 1834, e foi sepultado na egreja da Ordem Terceira do Carmo do Recife, e despediu-se deste mundo pela linguagem da poesia, escrevendo a *Oração universal do Christianismo*, « que foi o ultimo perfumado bocejo desta musa encanecida. »

Homem de alma nobre e independente, na phrase do commendador Mello, nunca se arrastou em humilhações e supplicas ao poder ou a opulencia. Delle cabe dizer como outr'ora Marmontel de Du Ryer: Tinha uma qualidade muito preciosa em todos os estados, e mais essencial no dos homens de letras, a de saber ser pobre; qualidade sem a qual não ha nada solido, nem na firmeza do espirito, nem na honestidade dos costumes. A estreita mediocridade em que vivia não o amargurava nem o humilhava, porque elle não conhecia nem o orgulho, que se irrita contra a má fortuna, nem a vaidade, que della se envergonha.

Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Nasceu a 21 de Dezembro em um dos annos decorridos entre os de 1774 e 1788, e foram seus paes Manoel de Carvalho Paes de Andrade, e D. Catharina Eugenia Ferreira Maciel Gouvin. Seu pae pertencia a casa dos Paes de Mangualde em Portugal, e veio para Pernambuco com o governador José Cezar de Menezes, na qualidade de secretario do governo; era filho do sargento-mór Braz Ferreira Maciel e D. Catharina Bernarda de Oliveira Gouvin, filha do general João de Oliveira Gouvin, oriunda de familia hollandeza.

Em principios do presente seculo, partiu Manoel de

Carvalho para Portugal á instancias de seu tio paterno o ouvidor José Januario de Carvalho Paes de Andrade; mas em consequencia da invasão franceza, passou-se para a ilha da Madeira, e dahi voltou á Pernambuco, e entregou-se a vida commercial, e logo envolveu-se na conspiração da independencia.

Admittido nos clubs secretos, Manoel de Carvalho soube sempre dirigir-se com muito tino e prudencia, e jamais se suspeitou de sua influencia politica. Relacionado pela sua vida commercial com os estrangeiros, muito adquiriu, muitas idéas e illustração obteve sobre a forma e governo republicanos; e rompendo inesperadamente a revolta aos 6 de Março de 1817, Manoel de Carvalho ainda que lamentasse essa precipitação, mostrou-se superior ao que se julgava, praticando em publico as grandes idéas que muitas vezes apresentára aos seus associados nos clubs secretos.

« Manoel de Carvalho Paes de Andrade, illustrissimo pernambucano de 1817, diz o Padre Dias Martins, foi sempre indefectivel, mas sempre prudentissimo nos conselhos, sessões e mais factos da ephemera liberdade; em favor della, foram sempre os seus votos, e terrivelmente se assanhou, quando o governador José Luiz de Mendonça de accordo com Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, propoz que, se submettessem ao rei e lhe pedissem Constituição. *Republica e só republica*, grita Manoel de Carvalho, *e morra para sempre a tyrannia real!*

Porem máo fado presidira o nascimento da independencia da patria. Os pernambucanos viram-se sós, completamente sós, no momento supremo do sacrificio, e de novo firmou-se o governo da escravidão e tyrannia.

Manoel de Carvalho, como muitos outros patriotas, procurou escapar-se, e refugiou-se nas mattas do engenho Santa Anna da freguezia de Jaboatão, até que lhe foi possivel embarcar-se furtivamente para os Estados Unidos. O Dr. Bernardo Teixeira de Carvalho, presidente da alçada de 1817, primo de Manoel de Carvalho, muitas vezes insinuou a sua mãe que solicitasse o perdão de seus filhos; mas ella respondia-lhe sempre com altivez espartana: *que seus filhos não tinham de quê pedir perdão, porque não era crime pugnar-se pela liberdade da patria!!*

Manoel de Carvalho mesmo ausente, espatriado, alterava com o seu nome os portuguezes europeos e ao proprio governador Luiz do Rego. O terror que este monstro

concebera deste grande Andrade, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, lhe fez acreditar, que sob o nome de corsario lhe andava devastando a costa de Pernambuco, roubando os navios de commercio, e fornecendo de armas os rebeldes do Bonito. E houve testemunhas que isto affirmaram, e por milagre se desvaneceu uma terrivel tormenta que esteve a desabar sobre sua innocente familia ! Entretanto, tudo prova o respeito que se tinha ao nome do nosso heroe !

Decretada em 1821 a amnistia geral, voltou Manoel de Carvalho do seu voluntario desterro para Pernambuco, e recebeu então da Junta do Governo Provisorio a nomeação para o cargo de Intendente da Marinha por Portaria de 11 de Janeiro de 1822, assim como depois a da presidencia da Junta da Fazenda ; mas em breve um outro acontecimento, ou por outra um erro politico do primeiro reinado, o veio lançar de novo nos braços da revolução.

Dissolvida em 1823 a Assembléa Constituinte, voltaram á Pernambuco alguns de seus deputados, e publicaram então um manifesto sobre esse violento acontecimento, o que produziu exaltações populares, de sorte que, a junta do governo se viu em breve sem forças e recursos para manter-se no seu posto ; e assim, perante um grande conselho que convocou, e se reuniu a 13 de Dezembro, isso o declarou, e pediu que se lhe acceitasse a demissão que dava do governo. Acceita a exoneração, procedeu-se immediatamente a nomeação do novo conselho, e Manoel de Carvalho sahio eleito presidente.

Ratificada a sua eleição, assim como a de alguns dos membros eleitos da nova junta, pelo corpo eleitoral de Olinda e do Recife a 8 de Janeiro de 1824, reunido sob a presidencia da Camara de Olinda, foi elaborada e remettida ao Imperador uma respeitosa bem que energica representação, na qual pedia desculpa deste passo, de que esperava decidida approvação, vistas as circumstancias melindrosas da provincia, cujos males se exacerbariam si se verificasse a nomeação do presidente da provincia a Francisco Paes Barreto, que se dizia estar feita, visto ser elle um dos membros que compunham a junta demittida, que se reconheceria sem força moral para continuar no governo.

Verificando-se porém a nomeação de Paes Barreto, Manoel de Carvalho reuniu um grande conselho para consultar se devia ou não dar posse ao presidente nomeado,

o que teve lugar a 7 de Abril de 1824. Expõe então o presidente do conselho o Padre Venancio de Resende, qual o seu fim, e depois de haver fallado os delegados das Camaras, e de corporações ecclesiasticas, civis e militares, e considerada sufficientemente discutida a materia, foi decidido, que, devia ser conservado na presidencia Manoel de Carvalho Paes de Andrade, « primeiro por ser uma pessoa de publica confiança pelo seu decidido patriotismo e bom governo que tem feito, segundo porque o eleito por S. M. Imperial, pelos passos anarchicos e subversivos que tem dado, promovendo a insubordinação de parte da tropa, accudindo a guerra civil e derramando o sangue pernambucano, a despeito das resoluções de muitos conselhos, que se esperasse a resolução de S. M. Imperial, tinha perdido a opinião publica, e contrahido o odio e geral execração da provincia, que de nenhum modo pôde ser senão desgraçada com o seu governo. »

A este conselho, assistiu tambem um delegado do commandante da divisão naval ancorada no porto do Recife, o qual declarou que o fim desta expedição, era o empossamento de Paes Barreto na presidencia da provincia, reconhecendo-se assim, que as representações dirigidas ao Imperador não haviam chegado ao seu conhecimento, e por isso foi accordado tambem, que se mandasse uma deputação ao Rio de Janeiro para apresentar a S. Magestade uma exposição de todos os acontecimentos havidos em Pernambuco sobre esse assumpto, rogando-lhe que houvesse de confirmar o acto popular da eleição de Manoel de Carvalho, « *como aquelle que mais merecia a confiança publica,* »

Accordou finalmente o Imperador em nomear a José Carlos Marink da Silva Ferrão para presidente da provincia, por acto de 24 de Abril de 1824. Manoel de Carvalho apenas recebe a carta imperial em que participava essa nomeação, officia a Marink pedindo que designasse o dia para tomar posse do governo. Marink responde no mesmo dia, dizendo *que assentára logo ao receber o decreto de sua nomeação, em pedir a sua demissão*, ao que Manoel de Carvalho replicou ainda no mesmo dia, dizendo-lhe *que não tinha authorisação para acceitar a sua demissão.*

Longa seria a enumeração dos officios trocados entre Manoel de Carvalho e Marink. Aquelle, mostrando a conveniencia em não demorar um só instante a execução das

ordens de S. M. o Imperador, esse a protestar em não acceitar a nomeação, allegando continuadamente, que Manoel de Carvalho devia continuar no governo da provincia.

Estavam então os animos em combustão. Todas as provincias do sul, haviam aceitado a consequencia da dissolução da Assembléa Constituinte, e jurado a Constituição outorgada por D. Pedro I, mas os pernambucanos ergueram-se altivos, e protestaram não jurar-a. Já a 20 de Março haviam travado um conflicto, de que resultou a prisão e deposição de Manoel de Carvalho; mas a guarnição da fortaleza do Brum, onde o recolheram, revolta-se a seu favor, soltam-no, e em poucas horas é reintegre da presidencia. Mas a tropa divide-se em opiniões, e as que seguiam o partido de Paes Barreto, marcharam a sua frente e foram acampar na Barra Grande.

Manoel de Carvalho, jamais em acto algum dessa ephemera administração, quiz que sómente prevalecesse a sua opinião. Elle não era um despota, diz Antonio Joaquim de Mello, que impunha ás camaras e a outras quaesquer influencias governamentaes legitimas, os caminhos que se deviam tomar, e seguir na marcha politica da provincia; o impulso de todo o andamento politico desta, elle o recebia da opinião publica e do jogo e manifestação dos outros instrumentos do poder: não forçou, não se insinuou á nenhuma corporação ou pessoas, para este ou aquelle commettimento ou empreza: é esta a pura verdade. Seja isto aqui dito de passagem em contraposição e rebate á inexatidão, com que alguns historiadores superficiaes lhe imputam o contrario, por meras supposições ou phantasias.

Além dos actos de prudencia ja mencionados, que constituem uma prova evidente do que vimos de apresentar, outros realçam ainda mais esta qualidade de Manoel de Carvalho. Estacionada uma força no limite desta provincia com a de Alagôas, deram-se algumas deserções, e os dissidentes se haviam com estes fortificado no territorio daquella; e Manoel de Carvalho podendo por si só mandar invadir a provincia de Alagôas e destruir as fortificações que se haviam feito, convocou um conselho para deliberar sobre esse fim. Sabendo-se ou conjecturando com bons fundamentos que a Camara Municipal do Recife se dispunha a jurar e fazer jurar o projecto de Constituição de D. Pedro I, por influencia sua são depostos pelo povo os seus vereadores, e eleito outros, affixou-se editaes convidando o povo de todas as classes, para em reunião

darem o seu voto sobre a execução do decreto que mandava jurar a Constituição, o que verificando-se venceu-se que, se não devia receber nem jurar o projecto; 1.º por ser illiberal, contrario a liberdade, independencia e direitos do Brazil, e apresentado por quem não tinha poder para o dar, e 2.º por involver o seu juramento perjurio ao juramento civico, em que se prometteu reconhecer e obedecer á assembléa brasileira constituinte e legislativa.

Estavam pois os negocios politicos de Pernambuco neste estado, quando surge o decreto de 11 de Junho de 1824, annunciando que uma esquadra portugueza se apresentava no Tejo, contra o Brazil; foi o grito da revolução. Manoel de Carvalho põe-se a frente dos pernambucanos livres, e proclama aos 2 de Julho de 1824, aos povos do Norte convidando-os a ligarem-se por um pacto, que se chamaria—*Confederação do Equador*, e assim terminou esse celebre e memoravel documento, depois de demonstrar que a salvação da honra, da patria, e da liberdade, reclamavam em sua defesa, e os actos de impolitica e perjurio e as perseguições e tyrannias do governo, reclamavam pela sua affronta, a demonstração do valor e patriotismo dos brasileiros :

« Os pernambucanos já costumados a vencer os vandalos, não temem suas bravatas : doze mil baionetas manejadas por outros tantos cidadãos soldados da primeira e segunda linha, formam hoje sua muralha inexpugnavel; em breve teremos forças navaes, e algumas em poucos dias. Segui, oh ! brasileiros, o exemplo dos bravos habitantes da zona torrida, vossos irmãos, vossos amigos, vossos compatriotas ; imitae os valentes de seis provincias do Norte, que vão estabelecer seu governo debaixo do melhor de todos os systemas representativos. Um centro em lugar escolhido pelos votos dos nossos representantes, dará vitalidade e movimento a todo nosso grande corpo social. Cada estado terá seu respectivo centro ; e cada um destes centros, formando um annel da grande cadeia, nos tornará invenciveis. »

« Brasileiros ! Pequenas consequencias só devem esportar pequenas almas ; o momento é este, salvamos a honra, a patria e a liberdade, soltando o grito festivo—*Viva a Confederação do Equador !* »

O fraco entusiasmo com que foi recebida a proclamação da Confederação do Equador, não correspondeu porém o effeito que se esperava, e á revolta succedeu uma tre-

menda reacção. A columna de infantaria que Manoel de Carvalho tinha enviado contra os dissidentes de Barra Grande, diz Abeu e Lima, apenas serviu para pôr á prova o valor pernambucano, combatendo quasi diariamente uns contra os outros sem nenhuma vantagem de parte á parte. Em Agosto chegou á Barra Grande o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, vindo do Rio de Janeiro com uma brigada, e dahi marchou sobre a capital de Pernambuco, servindo-lhe de vanguarda a tropa dissidente desta provincia.

Bloqueiado o porto do Recife, occupando o sul da provincia pelas tropas imperiaes, as provincias de Alagôas e Parahyba a hostilizar-nos cada uma por seu lado, começou a sentir-se falta de suprimentos de guerra e bocca, e em breve voltavam as tropas pernambucanas, e acampão-se nas fraldas dos memoraveis montes Guararapes.

Aos 11 de Setembro, pelas 6 horas da manhã, recebeu Manoel de Carvalho uma intimação do brigadeiro Lima e Silva, datada já do engenho Garapú, do dia anterior, para que lhe entregasse a cidade e depuzesse as armas. Manoel de Carvalho parte sem demora para o acampamento dos Prazeres, toma consigo 300 homens, e dirige-se a reforçar o unico posto por onde poderia passar o brigadeiro Lima e Silva em sua marcha sobre o Recife, mas logo em caminho soube que se havia já effectuado a passagem. Tornou-se então impossivel a Manoel de Carvalho unir-se ao grosso de suas tropas, e nesta situação os seus amigos aconselham-no, e instam para que pozesse a salvo a sua pessoa. Manoel de Carvalho resiste, procura um jagadeiro que o conduzisse a lugar de poder reunir-se ao exercito, mas não encontrando nenhum que se quizesse prestar, por temer o fogo continuo que reinava em todos esses lugares, recolheu-se em ultimo recurso a bordo da fragata ingleza *Tweed*, no dia seguinte.

Apezar da ausencia de Manoel de Carvalho, houve ainda resistencia ás tropas invasoras, e os combates da Ponte dos Carvalhos, aterro dos Afogados e Boa-Vista, patentearam o valor e intrepidez das tropas republicanas; e aos 12 de Setembro de 1824, o brigadeiro Francisco de Lima e Silva entrava na vencida cidade do Recife. Manoel de Carvalho tentou ainda realisar uma capitulação honrosa e em forma a garantir de alguma maneira a sorte dos patriotas compromettidos nesse generoso movimento contra os primeiros ensaios do despotismo de D. Pedro I; mas nada pôde conseguir.

Partiu, pois, Manoel de Carvalho, deixando a patria, familia e bens, tudo entregue ás mãos dos seus inimigos, e seguiu para a Inglaterra. Em 1817, no governo do absolutismo, todos os seus bens foram sequestrados em nome da lei, pelo seu compromettimento na revolução; em 1824, no governo chamado constitucional, as tropas imperiaes invadiram sua casa, saquearam-na, e causaram-lhe consideravel prejuizo! Manoel de Carvalho, exilado, longe da patria, almejava a sua volta; mas os annos succediam-se, e elle continuava espatriado. Rompe porém a patriótica revolução de 7 de Abril, D. Pedro I vê-se coagido a abdicar, succede-lhe o governo da regencia, e o exilado de 1824 sauda esse arrojado feito de patriotismo que abrija-lhe de novo o seio da patria,

Depois de uma auzencia de mais de 7 annos, Manoel de Carvalho volta á patria, e aos 11 de Dezembro de 1831 pisa terras pernambucanas; e então o povo mostrou que não lhe eram indifferente os feitos e patriotismo dos grandes homens, e o recebeu enthusiasamente, e no dia seguinte ao seu desembarque, renovaram-se as festas, e por muitos dias ainda foi elle o alvo das saudações e applausos populares; e logo depois, os seus suffragios elevaram-no como seu representante ao seio do parlamento nacional. Mas não chegou a tomar assento na camara temporaria, porque fôra eleito senador pela provincia da Parahyba, e escolhido por carta da regencia de 11 de Janeiro de 1834.

Nesta epocha, occupava Manoel de Carvalho o cargo de conselheiro do governo, quando lhe coube tomar conta interinamente da presidencia da provincia de Pernambuco, e continuou a dirigil-a effectivamente em virtude do acto da Regencia de 22 de Fevereiro de 1834, que lhe confiou dito cargo, do qual tomou posse aos 4 de Junho. A sua nomeação para a presidencia de Pernambuco, no estado de agitação em que se achava pela guerra dos Cabanos, foi um acto acertadissimo da Regencia, pois em taes circumstancias só o zelo e patriotismo de Manoel de Carvalho, e a sua actividade e empenho pela manutenção da ordem publica, diz um jornal desse tempo, seriam capazes de levar a effeito a terminação dessa luta, que tantos e incalculaveis males havia causado.

Esse grandioso serviço prestado por Manoel de Carvalho a causa publica, fizera ainda mais elevada a justa estima e consideração que o povo lhe tributava. A Camara municipal do Recife dirigiu-lhe uma felicitação, por esse

faustoso successo, festejos esplendidos foram celebrados, o Theatro Nacional trajou-se de galas, e levou a scena um elogio dramatico sob o titulo—*O Brazil Triumphante*, tendo por heróes Manoel de Carvalho e o presidente da provincia das Alagoas, em fim Pernambuco ergueu-se festivo, saudando a terminação da guerra, e áquelle que tanto para isso contribuiu.

« Dous annos havia decorrido, disse a Camara em sua felicitação, que essa orda de abjectos bandidos, seduzida por inquietos noveleiros principiou a hostilisar-nos, roubando e assassinando sem piedade, nem respeito a sexo, idade ou condição, sob principios virtiginosos, e que só a demencia ou interesses pouco honestos, podiam inventar; e desde então que medidas de vigor se empregaram para repremil-a; mas da maior publicidade é, que infelizmente se malograram, augmentando-se a ousadia da aggressão, como o numero dos aggressores; o descaroçoamento de nossos agricultores e proprietarios daquelles contornos, a perda de vidas, e o dispendio dos dinheiros publicos que eram todos absorvidos nessa guerra desastrosa. Mas, apenas V. Exc. tomou as redeas do governo desta provincia, e a resolução heroica de ir pessoalmente pôr-se a frente de nossas briosas tropas, que se limitava a defensiva dos poucos pontos que occupavam, apenas V. Exc. apresentou-se a dirigir pessoalmente os planos de ataque, e a partilhar as fadigas e encommodos da guerra, entrando com nossos soldados nos ataques, vimos mudar de face nossa affligente situação, nossas bravas tropas recobram energia e coragem; os agricultores e proprietarios dos importantes estabelecimentos daquelles pontos da provincia, desassombrarem-se, e não mais desampararem suas lavouras e propriedades, as despesas diminuirer e economisarem-se, e os revoltosos, como feridos do raio, confundidos e em desaccordo, recuarem das hostilidades, deixarem de aggreir, e por ultimo com as armas na mão, não saberem mais fazer uso dellas, e entregarem-se. »

« A V. Exc. pois, cabe a gloria de haver acabado com essa dessoladora guerra que de mui perto ameaçava nosso socego e tranquillidade, e a posteridade um dia bem dirá aquelle que, se não abateu as orgulhosas tropas de Nassau, se não libertou a patria do dominio do atrevido belga, se as aguas do Tapacurá, se os escarpados montes Guararapes não testemunharam suas victorias, venceu e aniquilou uma facção desorganisadora que no seio da patria crava o

punhal matricida, e tramava contra suas liberdades e garantias; e testemunhas indeleveis, e eternos serão desse serviço do verdadeiro brasileiro, do patriota sincero, o impenado Jacuipe, e os embrenhados Castelhanos, Brejo, Tigre, Frio e Barro-branco, guaridas do crime, da traição e aleivosia, e os mesmos vencidos, para os quaes não esqueceu a V. Exc. a maxima que, se a justiça urge o castigo do delinquente, a humanidade exige a protecção do inno-cente, e do incapaz por seu estado de vontade livre e de accommetter crime. »

Ainda na sua presidencia, rompeu uma pequena sublevação conhecida por *Carneirada*, mas que não tomou serias proporções. Deu-se porém um interessante episodio quando Antonio Carneiro Machado Rios intimou-lhe para deixar a presidencia. Carneiro diz-lhe que deixasse o governo, *por ser Carvalho madeira velha*; mas elle re-turque-lhe a queima-roupa: *Carvalho é madeira velha, mas cozinha bem um Carneiro!*

Tendo de tomar assente no Senado, Manoel de Carvalho deixou a presidencia e embarcou para o Rio de Janeiro, coberto de benções e de applausos do povo pernambucano. Quando no Senado discutia-se a amnistia dos *Cabanos*, attribuindo-se exclusivamente ao Bispo D. João da Purificação Marques Perdigão o acabamento da revolta, Manoel de Carvalho péde a palavra, e pondêra que, *era grave injustiça referir o apasiguamento da revolta ao Bispo, pois que estando ella nos ultimos paroxysmos, elle não havia feito mais do que todos os padres, que fazem preces para chover em tempo de chuva!*

Travada em 1840 a campanha parlamentar sobre a maioridade de S. M. o Imperador D. Pedro II, o Senador Hollanda Cavalcante, depois Visconde de Albuquerque, convida e insta com Manoel de Carvalho para unir-se ao partido que sustentava a maioridade; Manoel de Carvalho cede afinal, mas diz-lhe: *tenho entrado em revoluções para derrubar, mas não para levantar reis. Assim o querem, eu os acompanho; mas talvez tenham de arrepender-se.*

Manoel de Carvalho Paes de Andrade, falleceu no Rio de Janeiro aos 18 de Junho de 1855, sendo Senador do Imperio e coronel de legião da Guarda Nacional, unicos titulos que possuiu em sua vida! E essa elevada posição a que chegou, deveu-a unicamente ao seu patriotismo, a sua probidade politica e honestidade. Viveu sempre abraçado

á bandeira republicana que seguira desde os seus principios, e por ella pugnando sempre, apesar de 11 annos de exilio e da perda da maior parte de sua fortuna.

Em 1824, embarcou Manoel de Carvalho um carregamento de páo-brazil, então monopolio do estado, e na qualidade de presidente da Confederação do Equador, destinou o seu producto para compra de materiaes de guerra. O plenipotenciario de D. Pedro I, em Londres, exigiu dos consignatarios do navio, a entrega do páo-brazil; mas elles recusam-se, e declaram que só entregariam a mercadoria, ou o seu valor, ao remettente, ou a sua ordem. Estava então Manoel de Carvalho na Inglaterra, e nobre e desinteressada manda entregar ao ministro o carregamento, declarando que não era propriedade sua, mas do governo da decahida Confederação do Equador. Entretanto, o páo-brazil produziu cerca £s. 200:000, quantia de que, se quizesse, ter-se-hia apoderado!

Manoel de Carvalho era um homem dotado de grande intelligencia, perspicacia e vivacidade, mas de pouca illustração e conhecimentos; elle tivera a infelicidade de perder seu pae ainda bem creança, e então, a sua educação correu descuradamente. Altivo, impetuoso, decidido republicano, achava-se um dia no Paço com seu tio o Dr. José Januario de Carvalho Paes de Andrade, quando passa D. João VI; seu tio beija a mão de El-Rei, mas elle recusa-se; e exprobadado pelo tio por esse procedimento, responde-lhe: *Não beijo a mão de homem como eu, além disso muito porco e repugnante, pois não tira a mão do alcapão das calças.* E sempre coherente com os seus principios, morreu, apesar de senador, sem possuir uma única condecoração!

Manoel de Carvalho Paes de Andrade, é um vulto proeminente e legendario nos annaes da independencia do Brazil; e enastram a sua corôa de glorias, o patriotismo, a honra, a dedicação e os sacrificios em prol da causa da liberdade e da patria.

Manoel da Cunha Wanderley Lins. Nasceu em Serinhãem em 1820, de familia pobre e desconhecida.

Começando a sua vida militar em 1836, como soldado do corpo de policia, passou depois para o exercito como praça voluntaria em 27 de Junho de 1839, e em Setembro deste mesmo anno marchou para as Alagôas, quando rebellada; em Janeiro de 1840 seguiu para o Maranhão, fez

toda a campanha até a pacificação daquella provincia em 1841, e foi então promovido ao posto de alferes por Decreto de 16 de Junho.

Wanderley Lins fez a campanha do Sul em 1844, assistiu á sorpresa feita ao exercito inimigo em Porangos, foi promovido a tenente, e marchou para a campanha do Estado Oriental em Junho de 1851. Durante o periodo de um anno, em que se prolongou a guerra, assim como no decorrido desde a campanha das Alagôas, Wanderley Lins foi por diversas vezes honrosamente elogiado, « pelos valiosos serviços que, com todo zelo, bravura, tino e honradez prestou á causa da ordem e da integridade do paiz, » quér pelo governo Imperial, como por muitos commandantes das armas e presidentes de diversas provincias.

Por Decreto de 29 de Julho de 1852 foi promovido a capitão. Achava-se em Pernambuco servindo no 2.º batalhão de infantaria quando rompeu a guerra com a republica Oriental e ao depois com a do Paraguay marchou para a campanha com o mesmo batalhão, fez parte da 3.ª brigada da 1.ª divisão ligeira, que seguiu para as pontas do Ibi-rocaý, e passando depois para a 5.ª brigada, marchou em observação ao inimigo, para a cidade de Uruguayanna, sitiando a mesma, sendo por seu honroso procedimento dignamente elogiado pelo general em chefe conde de Porto Alegre, em ordem do dia de 19 de Setembro de 1865, e depois, por Aviso do ministerio da guerra, e ordem do dia do commandante em chefe do exercito de 23 do mesmo mez, foi tambem elogiado por S. M. o Imperador « *pela sua attitude, enthusiasmo e pericia, testemunhadas pelo mesmo senhor na marcha para o inimigo,* » assim como condecorado com a medalha de prata commemorativa da rendição d'aquella praça.

Em 1866, promovido por merecimento ao posto de major, por Decreto de 22 de Janeiro, passou o Rio Paraná com a 1.ª divisão a 16 de Abril, e *heroicamente* tomou parte no combate de 17 junto ao forte de Itapirú, sendo elogiado em ordem do dia do commando em chefe do 1.º corpo, *pela actividade e bravura que patenteou durante o dito combate,* e por Aviso de 2 de Junho foi louvado em nome de S. M. o Imperador, pelo brilhante feito de armas da passagem do Paraná. A 2 de Maio tomou parte no ataque de Estero Bellaco, no qual patenteou muita intrepidez e valentia, assistiu ao combate de 20, tomando as trincheiras inimigas no Passo da Cidra, a 24 tomou parte na grande

batalha de Tuyuty, no centro da linha do exercito, sendo louvado em ordem do dia de 28, *pelo seu valor, calma, e sangue frio com que sempre dirigiu o seu batalhão*, e neste mesmo dia assistiu ao ataque do inimigo sobre esse mesmo ponto; e a 9 de Junho, achando-se com o seu batalhão nas linhas de frente da vanguarda, resistiu briosamente ao ataque do inimigo, e durante 2 horas de fogo e da mais porfiada luta, brigou com o maior denodo e a mais impassível calma, sustentando a fama de seu nome, já tão gloriosamente respeitado por todo o exercito e temido pelos inimigos.

Wanderley Lins passou então a fazer parte do exercito alliado, e sempre na vanguarda, assistiu aos bombardeios de 14 e 19 de Junho, quando foi gravemente ferido, e mal restabelecido ainda, apresentou-se no acampamento, tomou parte nos diversos recontros que se deram, pelo que mereceu honrosos elogios do commandante da 14.^a brigada, e pelo seu brioso comportamento, foi depois elogiado officialmente pelo commandante em chefe do exercito alliado D. Bartholomeu Mitre, *pelo heroismo e valor com que portou-se no ataque de 28 de Maio*, e por um outro officio do mesmo general, foi tambem elogiado *pelo denodo e sangue frio que mostrou nas 5 horas do bombardeio no dia 14 de Junho*.

Agraciado com o habito do Cruzeiro em attenção aos importantes serviços prestados nos combates de 16 e 17 de Abril, e 2 e 24 de Maio, foi promovido a tenente coronel por actos de bravura, por Decreto de 22 de Setembro, e enfechou os seus louros colhidos em 1866, assistindo na vanguarda ao bombardeio de 17 de Outubro.

Wanderley Lins começou o novo anno de 1867 assistindo ao bombardeio de 19 de Janeiro, á frente do seu batalhão, de guarnição ás linhas dos morteiros da vanguarda do exercito. Embarcando depois no Passo da Patria, protegeu a passagem do 3.^o corpo do exercito no alto Paraná, e passando a commandar uma brigada, foi elogiado pelo general marquez do Herval, pelos importantes serviços que prestou em Tuyuty e Tuyucué.

Assistindo na vanguarda do exercito, onde sempre se achou, ao bombardeio de 19 de Fevereiro de 1868, Wanderley Lins foi elogiado pelo duque de Caxias general em chefe de todas as forças, *por ter cumprido satisfactoriamente os seus deveres, provando mais uma vez, por modo muito distincto e honroso, a justiça com que adquiriu o*

nome de valente e brioso. Muito se distinguindo no combate de 21 de Março, foi depois destacado nas linhas avançadas em sitio a fortaleza de Humaytá, tomou parte nos successivos bombardeios de quasi todo o mez de Junho, e nos do mez seguinte até o dia 16, quando a viva força atacou essa importante fortificação no combate travado em suas trincheiras, merecendo pelo arrojo e valentia que ostentou nesse brilhante feito de armas, ser elogiado de uma maneira muito honrosa e significativa pelo general Marquez do Herval.

Wanderley Lins ficou então fazendo parte das linhas que sitiaram os fugitivos de Humaytá, onde permaneceu até 15 de Agosto, quando se renderam; foi elogiado pelo commandante em chefe *pelo empenho, valor e dedicação com que trabalhou para o bom exito dessa operação*, e de 10 de Agosto a 24 de Setembro fez as marchas contra as fortificações de Tybiquary, S. Fernando e Palmas. Em 1 de Outubro tomou parte no reconhecimento e combate das trincheiras de Angustura, e foi elogiado *pela coragem, galhardia e calma com que se portou*; fez a marcha de flanco na vanguarda do 3.º corpo do exercito. tomando parte no combate de Lambaré, em 6 de Dezembro, e a 11 inscreveu ainda o seu nome no livro dos heroes, tomando parte na batalha de Avahy, feito memoravel, cujo episodio constitue uma epopéa nacional, e no qual elle combateu na vanguarda, intrepida e valentemente. E notavel coincidência; quando Wanderley Lins conquistava mais um louro para a sua corôa de heroe, quando batia-se valentemente nos campos de Avahy, e quando cahia gravemente ferido por uma bala de fuzil, nesse mesmo dia, e talvez nessa mesma hora, lavrava-se o Decreto que o elevava ao posto de coronel, por actos de bravura!

Wanderley Lins teve então a medalha de merito militar *pelos seus reiterados actos de bravura e heroismo*, e foi comprehendido nos louvores feitos por S. M. o Imperador e pelas Camaras do Parlamento, pelos seus importantes serviços na campanha.

O anno de 1869 abriu ainda novos horisontes á vida memoravel de tão illustre e valente soldado. Depois de diversas e penosas marchas entre Luque, Taquaral, Passo de Pirahyu, tendo flanqueado as posições inimigas pela sua esquerda até o desfiladeiro de Sapucahy, abriu uma picada, pela qual penetrou e tomou a fortificação inimiga com toda a sua artilharia, e na tarde desse mesmo dia em

reconhecimento ás fortificações da estrada de Valenzuela, e depois de um renhido combate tomou ditas fortificações, desalajou o inimigo que em sua fuga deixou sobre o campo, mortos, prisioneiros e armamentos; marchou então, sobre a villa e deixando seguro esse ponto avançou sobre a praça de Peribebuy.

Wanderley Lins avançou na mesma noite sobre Barreiro Grande, atacou depois as fortificações inimigas e tomando-as de assalto, pol-os em debandada até que elles se renderam, sendo por este heroico feito de armas elogiado pelo commandante do 2.º corpo do exercito e pelo general em chefe conde d'Eu, *pela bravura, calma, e pericia com que animou e guiou as forças sob o seu commando, que foram as primeiras de todo o exercito a se arremessarem e tomarem a dita praça.* Dahi marchou em direcção a Cacupê, contra-marchou depois com a brigada sob seu commando para Barreiro Grande, afim de cortar a retirada do inimigo vindo de Ascurra, onde assistiu a batalha que ali se travou.

Commandando as forças que na vanguarda atacaram e heroicamente tomaram as fortificações da matta de Caguijurú, foi de novo elogiado pelo general em chefe *pela sua intrepidez e decidida bravura, ainda desta vez provada diante de tão feroz inimigo.* Sem descansar, seguindo em perseguição do inimigo fugitivo, acampou em fim na villa de Caraguatahy; marchou depois com a brigada para Ibitimy, passou pelas villas de Barreiros, S. José e Valenzuela, seguiu para Caaguazu por villa Rica e villa de Itapê, cortando assim a retirada do inimigo que se achava em S. Joaquim, tudo em dias do mez de Setembro.

Estava pois terminada a guerra; o anno de 1870 que marcou o seu termo, em 1 de Março, foi apenas de perseguição aos restos disimados do exercito paraguay, e Wanderley Lins recolheu-se a sua patria ennobrecido pelas glorias dos seus feitos, e o seu nome foi comprehendido nos agradecimentos da Assembléa Provincial do Rio Grande do Sul, *pelos extraordinarios e importantes serviços prestados em toda a campanha,* no elogio feito pelo general em chefe conde d'Eu, por S. M. o Imperador e pelas camaras legislativas, foi em fim agraciado com uma medalha pelos serviços prestados na campanha, e com o officialato do Cruzeiro, pelos combates de Dezembro de 1868, e pelos das Cordilheiras.

Wanderley Lins voltou para o Brazil commandando o

14.º corpo de linha, e foi servir na guarnição da provincia da Bahia, onde teve occasião de commandar as armas interinamente. Promovido a brigadeiro por Decreto de 10 de Abril de 1871, dirigiu por algum tempo o commando das armas do Pará, até que foi nomeado para o de Pernambuco por Decreto de 22 de Fevereiro de 1873, em cujo cargo entrou em exercicio a 10 de Abril do mesmo anno. No anno seguinte, a 16 de Maio, esta capital foi theatro de um acontecimento em consequencia da dissolução de uma reunião politica, em que elle tomou parte principal, do que resultou-lhe amargos e crueis dissabores; e pode-se affirmar, marcou o termino de sua vida triumphal.

Exonerado por Decreto de 23 de Fevereiro de 1878, passou o commando das armas a 28 de Março, afastou-se inteiramente dos negocios publicos, dedicou-se a vida agricola, não vestiu mais a sua farda, a qual lh'a vestiram depois para ser com ella enterrado.

O General Manoel da Cunha Wanderley Lins falleceu a 12 de Julho de 1881 na sua chacara á estrada de Beberibe, proxima ao Fundão, e foi sepultado no dia seguinte no Cemiterio Publico do Recife, prestando-se-lhe todas as honras inherentes á sua patente de brigadeiro. Era dignitario das ordens da Rosa e Cruzeiro, tinha o habito de Aviz, a medalha de merito e bravura militar com os passadores ns. 5, 11, 21 e 27; medalha da campanha do Paraguay com o passador n. 5; medalhas das duas campanhas do Uruguay de 1852 e de 1864, e a da batalha de Jatahy, com a qual o distinguira o governo da republica Argentina.

Manoel Figueirôa de Faria. Nasceu em Dezembro de 1801; foram seus paes Manoel Figueirôa e D. Thereza Figueirôa de Faria.

Perdendo o amparo paterno na idade de 8 annos, sua familia que fôra residir em Olinda, o collocou no Seminario Episcopal, onde cursou differentes aulas; mas não podendo continuar os seus estudos pela falta de recursos em que ficára, dedicou-se á vida commercial, entrando para a casa de seu tio Domingos Antonio de Faria, onde adquiriu não só a pratica necessaria ao meio de vida que abraçára, como tambem um pequeno capital, com o qual estabeleceu uma casa de negocio a retalho, até que por fim fez aquisição da typographia do *Diario de Pernambuco* em 1830, d'onde data a quadra auspiciosa para a imprensa desta provincia.

Em 5 de Agosto de 1818 Manoel Figueirôa assentou praça n'um dos corpos de 2.^a linha da guarnição do Recife, passou a alferes quartel-mestre do 3.^o batalhão de caçadores por patente de 27 de Junho de 1826, foi promovido a capitão por patente imperial de 16 de Janeiro de 1830, e reformou-se no posto de major em 1856, por patente imperial de 3 de Março.

Em 1831—1832 por occasião das commoções politicas porque passou esta provincia, na quadra afflictissima do *colera-morbus* em 1856, e em outras occasiões quer anteriores á esta, como posteriores, Manoel Figueirôa muito se distinguio pelos serviços que prestou, e foi agraciado com o habito de Christo, posteriormente com o officialato da Rosa, e em fim com a commenda daquella ordem, pelos serviços que prestou por occasião da exposição agricola e industrial de 1862.

Como jornalista, porém, fazendo acquisição da typographia do *Diario de Pernambuco*, Manoel Figueirôa foi entre nós o continuador das tradições da imprensa, soube eleval-a vantajosamente, foi um operario intelligente e pertinaz, um dos patriarchas da imprensa jornalística desta provincia, deixando assim um nome honroso, e que assás se prende á sua historia. Desenvolvendo e dando incremento á sua empresa, procurando por todos os meios eleval-a convenientemente, trabalhando, lutando, sacrificando-se mesmo, foi heroica a sua perseverança, ingentes os seus esforços, immensa a sua dedicação; porém viu a sua empresa florescer, chegar ao termo das suas aspirações, e o *Diario de Pernambuco* tornar-se indisputavelmente a primeira empresa jornalística do norte do imperio.

Não menos serviços prestou Manoel Figueirôa ao desenvolvimento das letras, e não menos contribuiu para a sua elevação e engrandecimento. No seu jornal encontrava a mocidade estudiosa, columnas francas para a publicação dos seus trabalhos, e nelle proprio, animação e encorajamento para novos commettimentos. Não foi sómente por esse lado, que tornou-se benemerito pelos serviços prestados ás letras; são innumerables as edições que fez em sua officina, innumerables tambem as obras que reimprimiu ou foram traduzidas, sobre os assumptos de mais interesse e transcendencia, divulgando-as assim, e derramando por conseguinte novas e vivificantes luzes por entre a população ávida de aprender e instruir-se.

Deixando assim um nome respeitavel por serviços que

um dia serão melhor julgados pela historia da imprensa e da litteratura pernambucana, Manoel Figueirôa falleceu no dia 1.º de Agosto de 1866, legando um nome honroso, illustre e veneranda memoria. Membro installador do Instituto Archeologico desta provincia, honorario das Associações Commercial Beneficente, Artistas Mechanicos e Liberaes, Atheneu Maranhense, Soccorros Mutuos, União Beneficente dos Alfaiates, Typographica Fluminense e Pernambucana; bemfeitor do Hospital Portuguez de Beneficencia; protector da Beneficente Maritima, e correspondente do Instituto Historico da Bahia e da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro, estes titulos dão ainda mais realce ao nome e serviços de Manoel Figueirôa.

Concorridissimo o seu enterro, prestando-se-lhe todas as honras militares a que tinha direito, fallaram á beira do seu tumulo os Srs. Dr. José Bento Filho, por parte do Instituto Archeologico, Leopoldino Lobo e V. Palhares; e aquelle primeiro fazendo a apologia do finado e syntheticamente memorando os seus serviços, pronunciou estas palavras, que constituem, por assim dizer, um resumido e fiel traço sobre a vida de Manoel Figueirôa de Faria.

« Uma das infelicidades que—de certo tempo para cá—tem pesado sobre os destinos do paiz, são as perdas mui frequentes e profundamente sensiveis de seus filhos benemeritos. A lousa do sepulchro acaba de occultar aos nossos olhos mais um desses vultos historicos. O commendador Manoel Figueirôa de Faria, foi por assim dizer o principal fundador da imprensa pernambucana. O jornalismo que creára em epocha remota, elle o foi augmentando com esforços sempre perseverante até ao ponto de tornal-o o mais collossal do imperio, e capaz de emparelhar com os maiores do mundo inteiro. Em outros espiritos esse grande empenho podia ser apenas um calculo de ambição politica ou mercantil. Para o illustre finado, quasi que não havia mais que uma aspiração patriotica. Elle revia-se contente na sua grande empresa, porque a considerava um symbolo do progresso de sua terra natal...

« Lhano e dotado de uma modestia bem rara, nunca se impoz, como podéra fazel-o com successo, á mercê do prestigio immenso que lhe assegurava um grande orgão de publicidade. Desde que elle conseguia salvar as exigencias de seu proprio pondonor, que tão extremamente zelava; desde que suppunha satisfeitos os reclamos do bem publico, ficava-lhe a unica ambição de entregar-se com

aferro proverbial a esse trabalho sem treguas, que apesar da regularidade de sua vida, cavou-lhe tão cedo a sepultura...

« Cercado ás vezes de difficuldades urgentissimas, não arrefecia nelle o anhelos constante de manter a regularidade e credito de sua empresa, e ser prestimoso aos seus amigos, com quem parecia em certas occasiões preoccupar-se mais que de si proprio... O commendador Figueirôa foi um desses homens que se fazem por si mesmo, que tudo devem a si e ao seu trabalho, sem auxilio de ninguém. A' sua familia deixou elle não sómente um nome honroso e tradicional, mais ainda um bello exemplo digno de geral imitação. »

Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça. Nasceu no Recife, no anno de 1795, e foram seus paes o tenente-coronel José Xavier de Mendonça e D. Anna Victoria de Mendonça.

Assentou praça no regimento de artilharia do Recife, foi reconhecido cadete em 16 de Dezembro de 1811, frequentou as aulas do curso do mesmo regimento, e passou depois a servir no 2.º batalhão de fuzileiros dos *Voluntarios Leaes de El-Rei*, por se haver dissolvido o regimento de artilharia. De 1818 a 1820, Carvalho Mendonça serviu de ajudante de ordens do commandante militar de Olinda, e nomeado alferes da 1.ª companhia do corpo de linha da provincia de Sergipe, por Decreto de 12 de Outubro de 1820, ahi serviu por algum tempo.

Por occasião da guerra da independencia, já se achava elle em Pernambuco, acompanhou ao engenheiro Niemeyer no serviço de fortificação da costa do sul desta provincia, em cuja commissão desenvolveu grande aptidão e intelligencia, em 1822 foi promovido a 1.º tenente, e logo no anno seguinte passou a capitão, distincções estas que recebeu em premio dos seus serviços na quadra da independencia.

Em 1824 Carvalho Mendonça acompanhou o movimento revolucionario da Confederação do Equador, prestou muitos serviços a sua causa, e valendo-lhe a resolução de não acompanhar o exercito liberal em sua marcha para o interior da provincia, foi incumbido do commando da fortaleza de Tamandaré, e depois seguiu para o Ceará como ajudante de ordens do commandante das armas. Carvalho Mendonça fez toda a campanha do Ceará em fins de 1824,

e em 1826, quando o norte da provincia estava á braços com os corsarios que a infestavam, elle foi incumbido de commandar e fortificar a costa, e pouco depois da organisação de um corpo de caçadores, do qual foi nomeado commandante.

Em fins de 1828 Carvalho Mendonça seguiu para o Rio de Janeiro, no anno seguinte matriculou-se na Academia Militar, e em 1834 recebeu a carta de engenheiro geographo e do curso de artilharia, havendo-se distinguido entre os seus companheiros pelos seus talentos e applicação, o que conquistou-lhe um premio no segundo anno do curso. Neste periodo, de 1831 a 1833, serviu elle no batalhão de voluntarios da côrte, prestou valiosos serviços na quadra revolucionaria da abdicação, e só deixou as suas fileiras quando foi restabelecida a ordem publica, recebendo então por taes serviços, um voto de agradecimento dado pela Assembléa Geral.

Em 1834 veio á Pernambuco, organisou um corpo de artilharia a pé, e foi incumbido do seu commando. Promovido a major por Decreto de 2 de Dezembro de 1839, a tenente-coronel graduado em 1841, teve então a commenda de Aviz, de cuja ordem já era cavalheiro; e sendo nomeado inspector das fortificações da provincia, propôz ao governo os melhoramentos necessarios ás mesmas, e apresentou um plano geral de defeza da costa.

Em 1845 desempenhou interinamente as funcções de inspector do Arsenal de Marinha, em 1847 foi de novo nomeado commandante das armas por Decreto de 20 de Setembro, entrou em exercicio a 9 de Outubro, e terminou esta commissão em 19 de Abril de 1848, quando partiu de novo para a côrte.

Carvalho Mendonça representou honrosa e dignamente a sua provincia na Assembléa Geral Legislativa, durante os annos de 1838 a 1848, sendo que, na legislatura que começou em 1842, teve assento na Camara na qualidade de supplente.

Official intelligente e illustrado, contando em sua vida immensos serviços ao paiz, quer scientificos como militares, e tambem como deputado, além de muitos outros, viu-se mal apreciado e preterido constantemente, e victima dos odios politicos por suas idéas liberaes, foi esquecido, soffreu injustiças, e depois de 40 annos de praça e de serviços ao paiz, atravessando nesse longo periodo a quadra revo-

lucionaria de Pernambuco e Ceará, e as lutas da independencia e da abdicação, e a campanha parlamentar da maioridade, tinha chegado apenas a tenente-coronel!

Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça falleceu no Rio de Janeiro, fóra da cidade, a 13 de Abril de 1851, e foi sepultado na capella da imperial fazenda da Santa Cruz.

Frei Manoel de Macedo. Nasceu em Olinda no anno de 1603. Foram seus paes, o Dr. Cosme Rangel, desembargador da Relação do Porto, e sua consorte D. Joanna Cavalcante, oriundos de illustre e distincta familia.

Bem jovem ainda, deixou Manoel de Macedo os lares patrios, seguiu para Portugal, ahi completou a sua educação litteraria, e começou logo a engrandecer-se no pulpite, conquistando os fóros de pregador notavel: entrou no convento de S. Domingos de Lisboa, da ordem dos Pregadores, e terminando o curso da regra dominicana, foi elevado ao presbyterato e graduado Dr. em Theologia. Talento robusto, litterato distincto, orador eloquente e arrebatador, Frei Manoel de Macedo grangeou subida estima e respeito, justissima homenagem que somente ao genio e ao talento, as virtudes e sabedoria, são rendidas e tributadas.

Por esse tempo, gemia Portugal debaixo do jugo de Hespanha, mas o fogo sagrado do amor e independencia da patria ardia em todos os peitos portuguezes, e as suas chammas incendiavam, espalhavam-se e iam tomando volcanicas proporções. A côrte de Madrid, empenhada summamente na posse e conservação de tão ricos dominios, attrahia, seduzia mesmo á sua causa, todos quantos se apresentavam dotados de talento e illustração, e que podiam exercer tal ou qual influencia sobre o animo e tendencia dos portuguezes; e tão brilhante reputação tinha o Padre Manoel de Macedo, que a côrte procurou attrahil-o, e assim recebeu da duqueza de Mantura, D. Margarida d'Austria, governadora então do reino de Portugal, a nomeação de seu capellão e pregador, honrando-o ao mesmo tempo com a maior estima e consideração.

Quando rompeu a revolução patriótica, em 1640, que deu o grito de liberdade e independencia da pataia, proclamando rei a D. João IV, Manoel de Macedo achava-se em Lisboa; mas as suas relações com altas personagens e ministros hespanhoes, os favores e as honras que rece-

bera da cõrte de Madrid, tornaram-no suspeito ; e vingada a revolução, foi arrastado ás barras do tribunal da inconfidencia.

Manoel de Macedo, injustamente accusado, como autor da precipitada fuga de alguns fidalgos portuguezes como partidarios da Hespanha, em 1641, gemeu largo tempo nos carceres, e finalmente, depois de rigorosa prisão, de superar graves incommodos, privações e dissabores, foi desterrado para as inhospitas regiões das Indias portuguezas. D. Antonio Caetano de Souza, na sua *Historia genealogica da casa real portugueza*, tratando deste facto, não affirma a intervenção de Frei Manoel de Macedo; diz apenas *que era fama*, que os interessados deste negocio, serviram-se da autoridade de Frei Manoel de Macedo, «re-religioso dominico de grande discripção, e com grande applauso da nobreza. »

Achava-se pois Frei Manoel de Macedo desterrado nas Indias, victima innocente dos triumphos e louvores que os seus talentos conquistaram dos hespanhóes, quando a verdade dos factos fez reconhecer a sua innocencia, á despeito de miseraveis intrigas; e D. João IV, com a prova nas mãos da injusta prisão e desterro do illustre dominicano, ainda no calor da contenda, quando o exercito hespanhol já se movia em marcha sobre Portugal, confere a graça ao exilado de voltar ao reino, restitue-lhe a liberdade; e naturalmente ao reconhecimento da innocencia, diz o Dr. Macedo, ajuntou-se a esplendida fama do eloquente e profundo orador sagrado para apressar a sua volta da India.

Mas os dias desse *brazileiro distincto e celebre* estavam contados. Recebendo o real decreto da restituição de sua liberdade, Frei Manoel de Macedo parte da India em um navio com destino á Lisbõa, e arribando a Angola, ahi falleceu no anno de 1645, longe da patria, mais defronte da patria, e com os olhos no horisonte, em cujo fundo escondia-se a terra que lhe déra o berço, enviara o seu ultimo adeus, as suas derradeiras despedidas, cerrando os olhos á mesma luz do sol que saudara ao seu nascimento. Terminando a sua vida, aos 42 annos de idade, «digna pelos dotes de que era ornado de ser mais feliz e prolongada, » quando ante ella rasgava-se largo e esplendido horizonte, Frei Manoel de Macedo, o sabio e eloquente orador cujo verbo inspirado conquistara applauso e renome, morreu sem duvida ralado de desgostos, victima da injustiça dos homens.

Mas os proprios contemporaneos lavaram a nodoa que sobre elle lançaram, e a posteridade ergue monumentos as suas glorias, sabedoria e virtudes. Autoridades competentes, como Barbosa Machado, Conde da Ericeira e Frei Pedro Monteiro, são pregoeiros dos seus talentos, tecendo honrosos louvores ao seu merecimento, aos seus dotes e virtudes.

Das produções de Frei Manoel de Macedo, apenas uma é conhecida, escripta em hespanhol, lingua predominante naquelle tempo, cujo trabalho tem por titulo :

Politica religiosa, y carta de um padre a um hijo. Saragoça 1633 in 16.

Esta obra foi traduzida em portuguez por Frei Manoel de Lima, e impressa em Lisboa. Segundo Barbosa Machado, *consta de uma instrucção que dá um pae a seu filho, do modo como se ha de haver com os religiosos, dos quaes vae ser companheiro.*

Manoel Madeira. Nasceu aproximadamente no primeiro quartel do seculo XVII. Homem de cõr preta, de humilde nascimento, mas nobre por suas acções, e por seus feitos, Manoel Madeira conquistou na guerra da restauração de Pernambuco do dominio hollandez, um nome honroso e illustre; mas a sua memoria, como a de tantos outros heróes, tem passado esquecida, porque a historia celebrando os feitos gloriosos, essas epopéas de um povo, esquece quasi sempre os nomes de muitos d'aquelles que os praticaram.

Devemos estas linhas consagradas a memoria de Manoel Madeira, á inclusão do seu nome em um documento relativo ao mestre de campo Domingos Rodrigues Carneiro, em cujo documento vem uma succinta exposição dos seus serviços, os quaes, julgados por sentença do Juizo das Justificações, recahiram em favor do dito mestre de campo Rodrigues Carneiro, seu sobrinho, por elle não haver logrado a justa e merecida remuneração, a que por laes serviços tinha incontestavel direito.

A phase da vida de Manoel Madeira que tanto o nobilitou, resume-se, pode-se assim dizer, na historia dessa epopéa pernambucana chamada—guerra da restauração do dominio hollandez. Proclamada a revolta em 1645, Manoel Madeira reune uma companhia de homens pretos, marcha aos acampamentos do exercito libertador, e penetrando na tenda de João Fernandes Vieira que se achava á frente dos

revoltosos, offerece os seus serviços e os daquelles que o acompanhavam, recebe a patente de capitão, e assume ao commando da companhia que havia reunido.

Na batalha de Tabocas, Manoel Madeira bateu-se com as tropas hollandezas sob o commando do general Henrique Hus; pouco tempo depois tomou parte no combate do encontro do rio Capibaribe, e logo após na batalha da Casa Forte, em cujo feito cahiu prisioneiro o commandante em chefe das forças hollandezas,

Uma noite, por ordem do seu mestre de campo, Manoel Madeira parte do acampamento, atravessa as linhas inimigas, penetra dentro dos muros da fortaleza das Cinco Pontas, agarra a um soldado hollandez, põe-no sobre os hombros, e parte immediatamente; porém cahindo sob as vistas das sentinellas inimigas, é perseguido até ao Capibaribe, e elle, sem largar a sua presa, lança-se ao rio, atravessa-o a nado, e consegue ganhar a margem opposta, ainda que ferido em uma perna. Este feito de coragem e de audacia que praticou Manoel Madeira, foi-lhe de graves consequências; o ferimento que recebeu, aggravou-se e elle correu eminente perigo, mas salvou-se, ainda que aleijado.

Esta aventura de Manoel Madeira, tem alguma cousa de romanesca, e não parece indicar um plano de ordem militar, mas sim a satisfação de alguma contenda com os seus camaradas, na qual dicesse ter a coragem de ir a fortaleza inimiga, agarrar a um hollandez, pol-o ás costas e trazel-o vivo ao seu acampamento. Seja como fôr, o facto é real, e imprime no character daquelle que o praticou, uma coragem immensa, um arrojo inaudito, e ao mesmo tempo a sua temeridade, em desafronta talvez do seu brio posto em duvida.

Apezar de defeituoso em uma perna, cujos movimentos seriam sem duvida penosissimos, Manoel Madeira ainda illustrou-se em outros feitos de armas; e assim, elle foi um dos herões dos dois assaltos que os hollandezes deram á Estancia de Henrique Dias, do combate da Campina do Taborda, do encontro de Muribeca, da primeira batalha dos Guararapes, e de outros feitos que são como que estrophes brilhantes d'essa soberba epopéa que se chama—guerra da restauração de Pernambuco.

Não finda ainda aqui a serie dos serviços prestados a causa da patria por Manoel Madeira. Elles foram mais além, e só terminaram quando Pernambuco entoou o hym-

no da victoria pela terminação da guerra, e quando após a capitulação do Taborda as tropas victoriosas marcharam em triumpho pelas avenidas da vencida Mauricéa, a capital do imperio batavo da America.

Manoel Madeira illustrou-se ainda na marcha que se fez á ilha de Itamaracá e no rendimento da força que alli havia; na pendencia do sitio Imbiribeira; no encontro dos Afogados, e na peleja que houve em outro lugar do mesmo sitio, em cuja occasião recebeu no hombro o ferimento de um pelouro; do que muito soffreu, correndo a sua vida emminente perigo. Incumbido ainda uma vez de buscar nos acampamentos inimigos um hollandez para servir de lingua ou interprete do nosso exercito, Manoel Madeira com a intrepidez e audacia que o caracterisava, atravessa os arraiaes contrarios, agarra a um hollandez, amarra-o, e entra com elle no seu acampamento! Fazendo estas acções e outras semelhantes na bateria e rendimento da força do Rego, diz o documento de que nos servimos, apertando o inimigo de sorte que se rendeu a partido, largando as forças do Buraco de Santiago, Barreta e Afogados, e tres casas fortes cercadas de trincheiras e estacadas; passando noite e dia com as armas nas mãos até se renderem as praças do Recife, obrando tudo com satisfação, assim foram preenchidos por Manoel Madeira os ultimos dias da guerra hollandeza, assim elle rematou o tecido da corôa de suas glorias e façanhas militares.

Firmada a paz, livre Pernambuco do dominio hollandez, Manoel Madeira não continuou no serviço militar; mas em 1656 entrou no quadro do exercito, onde serviu até 1 de Julho de 1683, em cujo dia falleceu. Soldado do Terço de Henrique Dias, não sabemos até que posto chegou; no entretanto no tempo da guerra occupava o de capitão; assim como tambem ignoramos as recompensas que tiveram os seus serviços prestados por essa occasião.

Homem de côr preta, vivendo em uma epocha de prejuizos e preconceitos sociaes, talvez o seu merito e os seus serviços de nada valessem áquelles de quem dependiam as remunerações e recompensas dos esforços, dedicação, valor e heroismo; e realmente, Manoel Madeira nada obtivera de tantos e valiosos serviços que prestara, não só no glorioso periodo da guerra da restauração, como depois no serviço do exercito por mais de 31 annos, o que demonstra a Carta Regia de 23 de Abril de 1688, que reconhecia os

seus serviços, e por elles galardoava a um seu sobrinho, o mestre de campo Domingos Rodrigues Carneiro, 5 annos depois do seu fallecimento.

Eis pois em largos traços a vida de um homem illustre e arrojado, bravo e audacioso, cujo nome, cujos feitos a historia calou. Salvou-o porém do esquecimento a Carta Regia de que fallamos acima, unico documento que serviu-nos de guia para traçarmos estas linhas em homenagem á sua memoria.

Manoel Mendes da Cunha Azevedo. Nasceu a 2 de Dezembro de 1797, e foram seus paes José Manoel Mendes de Azevedo e D. Maria Placida da Conceição Mendes.

Concluindo os seus estudos primarios, estudou o latim, philosophia, rhetorica, geographia e geometria, seguiu para Lisbôa em 1824, e no anno seguinte matriculou-se na Universidade de Coimbra. Mas as commoções politicas de que Portugal foi theatro por esse tempo, e o acto do governo mandando fechar a Universidade, decidiram Mendes da Cunha a partir para a Italia, á terminar os seus estudos; e matriculando-se na Universidade de Bolonha, recebeu em 1830 o gráo de doutor em Direito e em Canones.

Mendes da Cunha visitou então os principaes estados da Europa, e dispondo do conhecimento de varias linguas, especialmente da franceza, italiana e hespanhola, adquiriu grande somma de conhecimentos, que ainda mais realçaram a sua bella intelligencia, e o seu espirito já bastante cultivado; e resolvendo regressar ao Brazil após um anno de viagem pela Europa, aportou a Pernambuco em 1831 com sua esposa, cujo consorcio contrahira na cidade do Porto, em 1825.

Mendes da Cunha foi logo nomeado guarda-mór da alfandega desta cidade, o que não aceitou, e posteriormente foi despachado juiz municipal e de orphãos do Rio Formoso em 16 de Julho de 1835, juiz de direito da mesma comarca em 20 de Abril de 1836, e em 7 de Setembro do mesmo anno foi removido para a cidade do Recife, sendo effectivamente nomeado por Decreto de 17 de Setembro de 1838.

Magistrado rigido, justiceiro e independente, os seus despachos e sentenças eram revestidos de erudição e logica profundissimas; e a honestidade de seus costumes, a sua sabedoria e rigidez de caracter, e por conseguinte sua justeza e imparcialidade, tornaram-se proverbias no

Brazil, e o seu nome considerado e respeitado. Tendo por maxima de que os juizes *deviam ser fracos para com os fracos, e forte para com os fortes*, « nunca pactuou com o potentado nem com o capricho; punio sempre o delinquente, attendendo ao crime, desprezando a pessoa. Ninguém em occasião alguma ousou peital-o nem corrompel-o, porque sua rigidez era tão notória que fazia recuar o mais atrevido e intrepido. »

Removido para a comarca do Ipú, no Ceará, em 1849, por suas idéas politicas contrarias á situação dominante, Mendes da Cunha não se curvou a humilhação de uma remoção accintosa, permaneceu avulso, até que em 23 de Julho de 1853 foi aposentado como desembargador da Relação do Recife.

Representante de sua provincia no parlamento nacional em trez legislaturas, e em muitas da assembléa provincial de Pernambuco, Mendes da Cunha se ostentou orador imponente, de logica profundissima, e de elevados merecimentos. Era timido, diz um seu biographo. A fortaleza da sua logica, a sua elevada intelligencia, e mais que tudo a independencia de seu character, e o seu genio um pouco indocil, eram qualidades que o faziam respeitar; e ainda hoje os seus eloquentes discursos parlamentares, são apontados como modelos de logica e erudição.

Tratando da reintegração dos conventos da Gloria do Rio de Janeiro, como dos de S. Bento e Carmo, e tambem do hospicio dos Capuchinhos do Recife, aos seus respectivos religiosos, Mendes da Cunha pronunciou então um discurso tão importante e honroso, que a Santa Sé, conferiu-lhe o titulo de *pregador evangelico*, o primeiro com que foi honrado um brasileiro. Na assembléa provincial, elle ostentou-se vulto elevadissimo e proeminente, principalmente na sessão de 1849, quando após a revolução liberal, sustentou e defendeu intrepida e valentemente a causa do seu partido e dos seus amigos politicos.

Desinteressado, de uma abnegação a toda a prova, sem vaidades e ambições, nunca usou do titulo honorifico que lhe conferiu a Santa Sé, não aceitou a chefatura de policia desta provincia, que lhe foi offerecida, nem a sua presidencia, assim como a do Maranhão, nem tão pouco a pasta da justiça que lhe offereceu o Marquez do Paraná, na formação de um dos seus gabinetes. Ainda mais; escolhido para a commissão da falla do throno, por occasião da aclamação do actual Imperador, não aceitou as conde-

corações das ordens de Christo e da Rosa com que foi agraciado, assim como não aceitou a commenda daquelle ordem que lhe foi conferida em 1855.

Jurisconsulto de nomeada, qualificado mesmo um dos mais profundos do paiz, já no fim da vida subiu a cadeira de mestre, e foi lente da Faculdade de Direito do Recife, nomeado por Decreto de 23 de Abril de 1855. A 28 de Maio teve lugar a inauguração da cadeira de direito romano, e ao illustre professor o Dr. Mendes da Cunha, coube a honra de, com o seu nome, marcar a era do ensino publico do direito romano entre nós, pronunciando nesta solemnidade um eloquentissimo discurso, no qual, *a prudencia do ancião, a sabedoria do mestre e a religiosidade do catholico formam o seu todo*. Mendes da Cunha, diz um contemporaneo, era ouvido como oraculo, considerado e respeitado como sabio; julgavam-no o—*Justiniano brasileiro*.

Mendes da Cunha publicou os seguintes trabalhos:

Conducta dos governos da Europa nas suas relações exteriores. Rio de Janeiro, typ. de R. Ogier, 1834.

Razões de appellação interposta pelo Dr. Felippe Lopes Netto da decisão do jury para a Relação do districto, com observações sobre o accordam que confirmou a decisão appellada. Rio de Janeiro, typ. de F. de Paula Brito, 1850.

O Codigo Penal do Brazil, com observações sobre alguns de seus artigos. Recife, typ. Commercial, 1851.

Observações sobre vários artigos do Codigo do Processo Criminal, e outros da Lei de 3 de Dezembro de 1841. Pernambuco, typ. da Viuva Roma, 1852.

Alem destes trabalhos, encontram-se mais os seguintes que foram publicados no *Diario de Pernambuco*: diversos discursos recitados por occasião da abertura da sessão do Jury nas comarcas do Recife e Olinda, em os numeros de 26 e 29 de Julho e 28 de Setembro e 6 de Outubro de 1837, 27 de Agosto e 23 de Outubro de 1838, e 13 de Setembro de 1842; *Discurso recitado na Faculdade de Direito por occasião da abertura da aula de Direito Romano*, 30 de Maio de 1855; e uma poesia sob o titulo *O caminho da Morte*, e mais um soneto, em 19 de Julho de 1842.

Mendes da Cunha trabalhava em uma obra de Direito Romano, em dous volumes, em latim e portuguez, *importantissima obra que vinha reformar as Instituições de Waldeck* que servem de compendio na nossa Faculdade, quando a morte o sorprendeu em 13 de Julho de 1858.

Magistrado, parlamentar, jurisconsulto, litterato e mestre, eis os titulos que engrandecem e nobilitam a memoria desse vulto homerico, que honrou a toga de magistrado e as bancadas da representação nacional, que foi jurisconsulto notavel, escriptor distincto, e mestre abalisado, eloquente e proficiente. « *Meia duzia de homens como o Dr. Manoel Mendes da Cunha Azevedo, faziam a felicidade do Brazil, se fossem comprehendidos.* »

D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, Conde de Irajá. Nasceu na freguezia da Boa Vista a 17 de Março de 1798, e foram seus paes João Rodrigues de Araujo e D. Catharina Ferreira de Araujo.

Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, que de simples padre subiu a dignidade de principe da egreja da capital do imperio, titular e coberto das maiores honras e dignidades, nasceu em berço humilde e pobre, lutou com difficuldades immensas, mas perseverou, venceu todos os obstaculos que se lhe opposeram, e viu coroados todos os seus esforços, satisfeitas as suas aspirações.

Perdendo seu pae ainda bem creança, sua mãe tomou então o seu posto. Mulher dotada de animo heroico e varonil, não desanimou ante a difficultosa situação em que se viu, atirou-se ao trabalho, resignada e corajosamente, fez-se quitandeira, e assim conseguiu educar seus filhos na mais honrada pobreza. Sim, não esqueçamos nenhuma destas particularidades da vida do principe da egreja, do titular, e mais que tudo do sabio, porque isso constitue mais uma grandeza, mais uma gloria para o varão illustre que somente por seu saber e virtudes subiu do nada ás sumidades da grandeza. E o bispo Monte, o Conde de Irajá, a todos repetia a humildade da sua origem, as lutas que sustentára para ser padre, o seu mais ardente desejo, a sua unica aspiração.

Sem meios e recursos, sem poder encetar a serie de estudos necessarios ao sacerdocio, apenas concluiu as primeiras letras foi ser escrevente de um cartorio de tabelião, e á par dos trabalhos do seu pequeno emprego entregou-se aos estudos com uma dedicação heroica, com uma perseverança invejavel. Estudou philosophia com os padres da Madre de Deus, geometria e mathematicas com Frei Pedro de Santa Marianna, depois bispo de Chrysopolis, e ao mesmo tempo que se aprofundava nos conheci-

mentos do latim, passou a estudar o francez, inglez e italiano e depois o grego.

Em 1817 entrou no Seminario de Olinda, repetiu alguns estudos que já havia feito, e apenas concluiu o curso de theologia moral, foi incumbido da regencia dessa mesma cadeira de que acabava de ser discípulo. Concluindo os seus estudos ao tempo em que se achava vaga a sé de Olinda, partiu para o Rio de Janeiro, recebeu o presbyterado das mãos do bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, em 17 de Fevereiro de 1822, e veio celebrar a sua primeira missa em Pernambuco, consagrando assim esse acto, o mais solemne da vida do padre, á sua patria e á sua familia.

Vagando por esse tempo a cadeira de theologia moral do Seminario e posta a concurso, o Padre Monte apresentou-se, foi o primeiro classificado e proposto, e nomeado pelo governo. Sequioso de illustrar-se ainda mais, apenas abriu-se o Curso Juridico de Olinda foi elle um dos primeiros estudantes que se matricularam; mas depois de cursar dous annos em que foi o primeiro premiado no acto dos exames, ao entrar no terceiro, foi contrangido a deixar a Academia, abandonando em meio os seus estudos de direito tão brilhantemente encetados. Mas elle continuou a estudar comsigo mesmo, e adquiriu taes conhecimentos, que um dos ornamentos do fôro do Rio de Janeiro disse ser *elle não só um eminente theologo e canonista, mais tambem um abalisado juriscônsulto que lhe causava muita inveja.*

Inteiramente consagrado ao ministerio do ensino, e aos seus estudos de direito e theologia, completamente retirado ao silencio de seu gabinete, o Padre Monte graças a sua dedicação e ao bello talento que possuia, conseguiu reunir avultado cabedal scientifico, e apesar da sua modestia e timidez, o seu nome era apontado como um dos homens de mais sabedoria do seu tempo. D. Thomaz de Noronha, um dos prelados mais illustres da diocese de Olinda, dizia já nesse tempo do illustre sacerdote: *O Padre Mestre Monte, é um monte de sabedoria e debondade.*

Em 1837 os seus comprovincianos o sorprehenderam com a eleição de deputado a Assembléa Geral. O Padre Monte obedeceu, e tomou assento no parlamento nacional. Sabio de gabinete, padre exemplar e patriota sincero, diz o Dr. Raposo de Almeida, taes foram os traços de sua physionomia politica quando appareceu no parlamento.

A sua vida parlamentar, teve por principio politico defender a autoridade, e principio pessoal defender a religião. Se ahi não brilhou pelo prestigio da palavra como seu illustre collega D. Romualdo, prestou com a sua variada instrucção importantes serviços nas commissões de que era membro. D. Romualdo com a palavra fallada, e D. Manoel do Monte com a palavra escripta, prestaram no parlamento relevantes serviços á igreja brasileira, de que foram os dous primeiros luminares.

Se, porém, o illustre deputado pernambucano não pôde chegar á craveira do illustre metropolitano D. Romualdo, continua o mesmo escriptor, nem por isso deixou de legar paginas preciosas aos annaes do parlamento de então, um dos mais gloriosos que temos tido no Brazil. Por occasião de discutir-se a resposta à falla do regente, que pretendia effectuar a confirmação dos bispos independente da autoridade exclusiva do pontifice romano, proferiu um discurso, que só por si é bastante a fazer uma reputação litteraria: esse discurso é substancial de doutrina, e brilhante de erudição.

Eleito bispo do Rio de Janeiro por Decreto de 10 de Fevereiro de 1837, quiz a principio recusar a mitra allegando a falta de capacidade e a sua inexperiencia administrativa, mas impellido por seus amigos á aceitar, foi preconisado a 23 de Dezembro do mesmo anno, e logo que as Bullas de sua confirmação tiveram o beneplacito imperial, entrou no governo da diocese a 27 de Abril de 1840. A 24 de Junho do mesmo anno recebeu D. Manoel a sua sagração episcopal na capella imperial, sendo consagrante o bispo de Cuyabá D. José Antonio dos Reis, acto solemne a que assistiu a familia imperial, membros de uma e outra casas do parlamento, corpo diplomatico e immenso auditorio.

O Sr. D. Manoel do Monte, diz um seu biographo, foi o homem providencialmente talhado para a diocese do Rio de Janeiro.... Por suas altas virtudes, e sobre tudo pelas da resignação e paciencia, pela sua illustração que ninguem contestava, e pelo seu trato de uma affabilidade proverbial, tornou-se uma das glorias da nossa igreja, um dos nobres orgulhos da sua provincia natal, e uma das maximas honras do Brazil: o seu nome era sempre repetido ao par do nome immensamente illustre do Sr. D. Romualdo.

Em 1845 D. Manoel acompanhou a S. M. o Imperador a provincia do Rio Grande do Sul, e de volta visitou a de

Santa Catharina, e portoda a parte recebeu inequivas provas de consideração e acatamento, deixando entre todos as mais gratas recordações das suas virtudes e proverbial affabilidade.

Porém durante o seu longo episcopado, duas questões encheram-no de amarguras e dissabores, a primeira, a competência entre elle e o arcebispo da Bahia sobre a sagração de S. M. o Imperador, e a segunda, a questão Kerte, escrevendo sobre a primeira um folheto que publicou no Rio de Janeiro em 1841 sob o titulo : *Opusculo sobre a questão que tivera o Exm. Arcebispo da Bahia e metropolitano do Brazil D. Romualdo Antonio de Seixas, com o bispo Capellão-mór do Rio de Janeiro a respeito do ministro a quem competia fazer a cerimonia da benção e coroação de S. M. o Imperador do Brazil.*

Preterido em seu direito, D. Manoel submetteu a questão ao conhecimento da Santa Sé, que a decidiu a seu favor, ainda que resolvesse que tal decisão não fosse publicada durante a vida de D. Romualdo.

Tempos decorridos, escrevendo o arcebispo as suas Memorias, disse o seguinte sobre esta questão : « Releva declarar, que nunca tive a menor intenção de offender o meu collega e antigo amigo ; e que nada me havia mais sensível do que o rasaibo ou resentimento, que parece haver deixado em seu, aliás tão generoso coração, essa triste occurrencia, privando-me assim dos soccorros, que eu me lisongeava de receber da sua interessante correspondencia, e coadjuvação de seus profundos conhecimentos, que sempre tive no mais subido apreço. » D. Manoel tratando em sua obra *Direito Ecclesiastico*, do acto da sagração, disse apenas estas palavras : « O principal ministro da cerimonia, a que assistiram outros bispos, foi o Arcebispo da Bahia, que S. M. o Imperador resolveu fosse o consagrante, como metropolitano do Brazil. »

Eleito deputado pelo Rio de Janeiro, D. Manoel esquivou-se dessa honrosa incumbencia, inteiramente alheia ás suas inclinações e desviadoras de sua missão pastoral.

Ainda em Pernambuco e simples padre, D. Manoel publicou em 1837 o seu *Compendio de Theologia moral para uso do Seminario de Olinda*, em 2 volumes, obra esta que pela sua importância foi adoptada em Portugal, onde conta diversas edições, independente das que tem tido no Brazil. Mas tarde publicou os *Elementos de Direito ecclesias-*

tico publico e particular, em relação á disciplina geral da igreja, e com applicação aos usos da igreja do Brazil, em 3 volumes, impressos no Rio de Janeiro em 1857 — 1859.

Homem ornado de eminentes virtudes, era nimeamente caritativo e zeloso do engrandecimento do povo pela instrucção, e como tal mereceram-lhe especial cuidado o Seminario Episcopal, e os estabelecimentos de educação e beneficencia. A sua congrua, os rendimentos da mitra, e os seus bens particulares, tudo consagrou á caridade e á beneficencia. Fallecendo seu irmão o conego João Rodrigues de Araujo, herdou toda a sua fortuna, e em pouco tempo desapareceu ella, e ninguem soube em que tinha sido empregado o seu producto porque nada respirou. Mas depois de sua morte, os hospitaes de Santa Catharina e da cidade de Campos, e o Seminario, faziam publico a doação dos bens que recebera. Por occasião da epidemia que assolou o Rio de Janeiro em 1856, deu tudo quanto tinha, e quando nada mais lhe restava, sahe á esmolar o obulo da caridade publica, e a somma que arrecadava passava logo ás mãos dos pobres.

No seu episcopado de 23 annos, na sua vida de 65 annos, o amor das sciencias, o amor dos pobres, foram os dous unicos nortes para onde se encaminhavam todas as suas vistas. Sciencia e caridade, eis a sua unica missão sobre a terra.

Conselheiro, capellão-mór do imperio, Conde de Irajá, grande dignitario da ordem da Rosa, grã-cruz da do Cruzeiro, e commendador de Christo, titulos estes conferidos pelo governo imperial, tinha ainda a grã-cruz das ordens de S. Januario e de Francisco I das Duas Sicilias, a grã-cruz de Santiago da Espada, de Portugal, e os titulos de prelado domestico de S. Santidade e o de bispo assistente ao solio pontificio.

D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, falleceu a 11 de Junho de 1863, e embalsamado o seu cadaver e revestido das vestes pontificaes, foi exposto por 3 dias na sala do docel do seu palacio, convertida em camara ardente, sendo depois sepultado na capella do mesmo palacio, prestrando-se-lhe honras e funeraes solemnißimos.

« Exclusivamente dedicado ao governo espirital da sua diocese, diz um seu biographo, o venerando bispo D. Manoel do Monte não foi sempre feliz nesse grandioso mas arduo ministerio. A's vezes um só defeito compromette, e apouca o poder das mais preciosas qualidades. O unico

defeito de D. Manoel do Monte foi a sublime exaggeração da sua bondade, e da sua admiravel humildade. Sabio, caridoso até o extremo, tão modesto que vivia á arreceiar-se da sua supposta ignorancia, humilde, tímido, bom como um anjo, com a innocencia de uma virgem á acreditar nas informações de qualquer padre, que o quizesse enganar, exemplo de todas as virtudes, e á julgar os homens sempre com indulgencia e com credulidade como que infantil, na pureza das intenções de quem o procurava, homem santo, o bispo D. Manoel do Monte compromettia todas as suas singulares e veneraveis qualidades pela falta de energia e de accção severa e forte. »

« Elle foi a victima dos máos padres e de alguns dos empregados da administração da sua diocese. Quando algum amigo, e algum padre de seu alto ministerio francamente lhe diziam que elle se deixava cahir em ardiz de hypocrisia ou por exagerada credulidade em perfidos manejos, o santo bispo respondia as vezes chorando: *Como hei de pensar que alguém toma o trabalho de subir a ladeira da Conceição só com o empenho abominavel de me enganar!... Não é presumivel tanta maldade!... mas eu prefiro ser enganado á expor-me a julgar injustamente mal daquelles que procuram o seu bispo.* »

« A sua virtude, a sua moral transluz em breves palavras por elle proferidas um dia. Subindo a ladeira do morro da Conceição para recolher-se ao seu palacio, D. Manoel do Monte viu de longe dezenas de pobres mendigos sentados nos degraos, e enchendo a entrada principal do edificio: surriu-se docemente, e disse aos padres que o acompanhavam, apontando para a multidão de pobres: *Eis alli a guarda de honra do bispo.* E o bispo D. Manoel do Monte, que viveu sempre com o mais modesto tratamento, sem luxo algum e sempre restricto á mesa tão limitada, que era quasi mesquinha para si, tinha as mãos cheias do pão da caridade, e de ouro para soccorrer familias desafortunadas, e á sua *guarda de honra.* »

« Quaesquer que fossem suas fraquezas, sua inconveniente indulgencia, seus erros de bondade angelica no bispado do Rio de Janeiro, fôra indisculpavel ingratitude, chegaria a ser revoltante, criminoso a injustiça não render cultos de admiração á memoria desse bispo, Manoel do Monte, a quem poucos igualaram, e nenhum o excedeu em sabedoria, e em virtudes sem jaca. Se não foi bispo, foi padre modelo: no seu unico defeito como bispo, exaltou-se, apu-

rou-se sua virtude como padre, e como homem. Mas o sabio não levou egoista, ou indolente sua sabedoria para a sepultura. O sabio escreveu, e suas obras perpetuam seu nome, á cuja gloria bastava aliás a santidade de sua vida na terra. O bispo D. Manoel do Monte deixou a sua patria, e as sciencias ecclesiasticas, obras que os theologos mais eminentes louvam, citam e applaudem. »

Manoel Pereira de Moraes. Nasceu no engenho Caraubá, fréguezia de Tracunhãem, aos 20 de Janeiro de 1803, e foram seus paes o capitão de ordenanças Manoel Pereira de Moraes Campello e D. Anna Maria Rosa.

Em 1821, ainda bem jovem, mas entusiasmado no santo amor da patria, Manoel Pereira de Moraes prestou voluntariamente os mais relevantes serviços em prol da liberdade e novo regimen constitucional, marchando incorporado ás forças de Goyanna contra Luiz do Rego, sem que por taes serviços tivesse remuneração alguma. Em 1824, por portaria de 12 de Junho, foi incumbido de organizar uma companhia de guerrilha em Pindoba, e nomeado commandante da mesma; e concluindo a sua missão, marchou para o Recife, prestou grandes serviços á causa da liberdade no ephemero periodo da Confederação do Equador, merecendo sempre ser considerado pela sua distincção, patriotismo e desinteresse.

Envolvendo-se em 1835 nos movimentos politicos que tiveram lugar nesta provincia, o presidente Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo lavrou uma portaria em 29 de Março, mandando-o prender e trazer ao Recife com muita segurança, *por ter-se revoltado contra o governo, tomando armas e pondo-se em campo e unindo-se aos sediciosos Antonio e Francisco Carneiro Machado Rios.*

Retirado inteiramente á vida privada, cuidando particularmente dos trabalhos de seu engenho, mesmo assim Manoel Pereira de Moraes jamais se eximiu de prestar os seus serviços sempre que foram reclamados; e exerceu diferentes cargos de policia em Iguarassú, foi juiz de paz e vereador da Camara Municipal; e entrando no serviço da Guarda Nacional foi nomeado capitão da quarta companhia do batalhão daquelle municipio, em 1837, reformando-se no posto de tenente-coronel commandante do mesmo batalhão em 13 de Março de 1848, e a 22 de Abril do mesmo anno, foi nomeado coronel chefe da segunda legião da Guarda Nacional de Olinda e Iguarassú.

No movimento politico de 1848, Moraes representou um papel importante e foi um dos seus chefes. Rompendo a revolução, elle foi um dos primeiros que se pôz á sua frente, desempenhou a commissão de chefe de divisão, dirigiu o commando das forças que atacaram Goyanna, em 13 de Dezembro, o combate de Cruangy, o do engenho Camaragibe, em Serinhãen, e foi um dos chefes do assalto do Recife em 2 de Fevereiro de 1849. Moraes fez parte do Directorio da revolução, e depois do revez do dia 2, seguiu com as forças para o interior da provincia, passou-se depois á Parahyba, e vendo perdida a causa que defendia, voltou occultamente para o Recife e embarcou para os Estados-Unidos.

Durante a quadra revolucionaria, Manoel Pereira de Moraes soffreu todas as vicissitudes e privações de uma guerra desigual, sem preparos e sem recursos, mas sem desanimar e encorajando a todos com o seu exemplo. Intrepido, corajoso, dotado de nobres e generosos sentimentos, são innumeros e tão notaveis os seus actos de cavalleirismo e humanidade, que o proprio adversario escrevendo a historia desse movimento, referindo um daquelles actos, rende *louvores ao homem corajoso e sensivel, que resistiu aos seus para cumprir um dever de humanidade e religião*. Concluida a luta, e quando nenhum recurso mais lhe restava, elle resigna-se a emigrar, e então dirige uma carta a Borges da Fonseca justificando-se perante os amigos desse seu acto, pelo desamparo em que se viu, e protestando a sua lealdade e dedicação, lamentando a perda da causa, mas que em taes circumstancias a permanencia do movimento armado era reprovado e infructifero, e que elle proprio estava compenetrado desta verdade, e que não se sacrificassem inutilmente.

Manoel Pereira de Moraes permanecendo nos Estados-Unidos por algum tempo, passou depois para Portugal, d'ailli voltou ao Maranhão, e regressou então por terra para Pernambuco, emprehendendo assim uma viagem extensa e arriscada, em que soffreu crueis privações e trabalhos immensos. Chegou em fim a terra querida da patria em 1852, foi amnistiado, e proseguiu na sua vida de agricultor, reparando as perdas que soffrera em sua fortuna durante o periodo revolucionario, mais abalada ainda pela sua ausencia de trez annos. Accommettido de grave enfermidade, deixou o seu engenho Inhamam, em Iguaras-sú, recolheu-se ao Recife, e aqui falleceu a 20 de Abril de

1858. O coronel Manoel Pereira de Moraes, foi um patriota illustre e distincto, generoso e magnanimo, um homem de virtudes eminentes, um cidadão prestimoso e de incontestavel merecimento.

Frei Manoel da Piedade. Nasceu em Olinda no anno de 1572. O capitão João Tavares, um dos conquistadores e fundadores da Parahyba, e sua mulher D. Constançia Dias, foram os seus progenitores.

Manoel Tavares, pois era esse o seu nome no mundo profano, entrou de noviço no convento de S. Francisco de Olinda, professou aos 13 de Março de 1598, e tomou nessa occasião o nome religioso de Frei Manoel da Piedade.

Ordenado sacerdote, pouco depois fez parte da expedição da conquista do Maranhão do poder dos francezes, dirigida pelo intrepido capitão Jeronymo de Albuquerque. « Com as virtudes e dotes da graça, que na sua alma reluziam, diz um historiador, era elle adornado de outros particulares da natureza, douto, sabio, e muito intelligente e versado na lingua brazilica do gentio. Por isso, além de outras varias emprezas, em que era escolhido para pregador, e interprete desta gente, foi tambem enviado a já referida do Maranhão; » e assim, ao lado dos soldados da milicia do rei, seguiam dous soldados da milicia divina: Frei Manoel da Piedade e Frei Cosme de S. Damião.

Os Capuchos de S. Antonio, diz Berredo nos seus Annaes, parece, que já prognosticavam ao gremio da egreja os muitos interesses que lhe grangeou esta expedição, por que offereceram para ella dous religiosos, sorte que coube aos Padres Frei Cosme de S. Damião e Frei Manoel da Piedade; o primeiro, que havia sido guardião no seu convento da Parahyba; e o segundo da principal nobreza do Brazil, e grande theologo; e sendo ambos de uma vida exemplar, e illustrados das maiores virtudes, deixaram bem canonisado, por todos os principios, o acerto da escolha.

Aos 23 de Agosto de 1614, partiu Frei Manoel da Piedade para o Maranhão, encorporado a expedição destinada á sua conquista, e depois de uma longa e penosa jornada, chegou ás plagas maranhenses.

Grandes e valiosos serviços prestou este illustre sacerdote á causa que defendiam os portuguezes, e na primeira batalha ferida, portou-se briosa e heroicamente. Berredo, depois de enumerar os nomes dos principaes heróes

desse feito de armas, diz que «tambem grangearam a immortalidade da memoria em todas as funcções do seu ministerio, os dous religiosos de S. Antonio Frei Cosme de S. Damião e Frei Manoel da Piedade, com novos creditos das suas virtudes no constante desprezo dos maiores perigos.

A esse feito de armas, em que, por assim dizer, fôra o nosso heróe o commandante do exercito indigena, seguiu-se uma suspensão de armas por alguns dias, em cujo espaço se empregou nos exercicios religiosos do seu ministerio.

Temendo os francezes que os indios seus alliados, se levantassem contra elles, não só pelo alcançamento da victoria pelos nossos, como pela paz celebrada, suspeitando que isto redundava em seu prejuizo, no seu captiveiro, o general em chefe do exercito francez, solicitou de Jernonymo de Albuquerque o Padre Frei Manoel da Piedade, afim de os conter e persuadir, pela fama que gosava não só entre os indios, como tambem entre os proprios francezes.

Partiu pois Frei Manoel da Piedade para o campo dos francezes em companhia do sargento-mór Diogo de Campos, afim de persuadir aos indios de que nada receiassem. Foram na ilha bem recebidos, diz Berredo, primeiro no forte de S. José que ficava defronte do nosso Guaxenduba ou Santa Maria, e bem hospedados pelos francezes, onde se detiveram todo aquelle dia, com parte no seguinte na redução dos indios, sobre a desconfiança da presente tregoa; e conseguida com felicidade, continuaram ambos a sua jornada pelo continente.

Assim obtida mais esta victoria pacifica, voltou Frei Manoel ao acampamento portuguez, e terminada a campanha, pela conquista e posse do Maranhão á corôa de Portugal, regressou por terra á Pernambuco, onde já se achava em 1617. Elles caminharam a longa distancia de mais de 200 legoas de terra, diz Jaboatão, por caminhos asperos, despidos de povo, e só habitados de varias nações de gentios, sem estrada, e vereda certa, sem mais provisão que, a que lhes ministravão as hervas que colhiam e animaes que matavam os soldados e indios que os acompanhavam.

Neste mesmo anno de 1617, Frei Manoel da Piedade foi eleito, em capitulo, guardião do convento de Ipojuca, cargo que exerceu por 3 annos, passando em 1620 ao convento de Olinda, em virtude de haver sido incumbido da

regencia da cadeira de philosophia do mesmo convento, a qual deixou em 1627, afim de tomar conta da sua guardiania.

Neste cargo se conservou Frei Manoel da Piedade por quasi 3 annos, até que viu-se forçado a abandonar o seu convento em 1630, em virtude da invasão hollandeza.

Na luta ferida em Olinda entre hollandezes e portuguezes, Frei Manoel da Piedade achou-se sempre nos lugares de maior perigo, animando os nossos a pelejarem.

Vencedores os hollandezes, estava firmada a posse da rica e opulenta villa de Olinda; e então, despojados os religiosos do seu convento, partem para o do Recife, tendo a sua frente o seu venerando prelado o Padre Manoel da Piedade, e aqui se installam.

Poucos dias depois, cabe a nascente povoação do Recife igual sorte a de Olinda. A queda do forte de S. Jorge, onde hoje campêa a modesta capella de N. S. do Pilar, firmada sobre os seus gloriosos baluartes, abriu as portas do Recife ao exercito invasor; e então se viram os religiosos privados desse novo abrigo que buscaram.

Frei Manoel da Piedade abandona então esta provincia e parte para o seu convento da Parahyba, « theatro que lhe tinha o céo destinado para ultima prova do seu espirito, e corôa dos seus merecimentos. » Ao depois comprehendem os hollandezes a conquista da Parahyba, e no assalto que deram na fortaleza do Cabedello, em 11 de Dezembro de 1631, entre os heróes que a historia commemora, destaca-se o vulto do heroico e venerando Padre Frei Manoel da Piedade.

O Sr. José de Vasconcellos, descrevendo nas suas *Datas celebres do Brazil*, esta pagina da historia da invasão hollandeza, assim termina: « Por muito tempo durou a pugna até que os hollandezes cedendo mais á sua fraqueza que ao valor dos nossos, foram abandonando o campo, sendo então metralhados pela artilharia do forte á proporção que se separavam da nossa gente. Este renhido combate custou ao inimigo 140 homens mortos, perdendo a nossa gente 35 e ficando 42 feridos. Entre os primeiros estavam os capitães D. João de Xerada, Sebastião de Palácio, D. Aleixo d'Aza e Belchior de Valadares, o alferes D. Nicoláo de Placaola, e o Padre Frei Manoel da Piedade, franciscano descalço. O seu fervor era tamanho, que andou sempre no meio dos combatentes com um crucifixo nas mãos animando os nossos. »

Frei Manoel da Piedade, foi pois, com o seu exemplo, com o seu heroismo e com a sua abnegação, um dos heróis desse feito d'armas, e no calor do combate, quando uns e outros esforçavam-se e batalhavam denodadamente em defeza da patria, inscrevendo com o seu sangue os seus nomes de heróis nas paginas da historia, e quando o combate tornou-se em campo raso, a arma branca, um hollandez embebe nos peitos do heroico frade uma alabarda, e tirando-a com força, descarrega sobre a sua cabeça novos golpes, estendendo-o moribundo.

Serenado o combate, retirado o inimigo, Frei Manoel da Piedade foi transportado ao convento, e dias depois, aos 18 de Dezembro de 1831, vòu aos céos aquella alma piedosa, cheia de virtudes e patriotismo, « á gosar daquelle premio, que por tantas obras de piedade, beneficio do proximo, e virtudes christãs era merecedôra. »

O convento de S. Francisco da cidade da Parahyba, guarda os restos do illustre e virtuoso varão, Frei Manoel da Piedade.

D. Frei Manoel de Santa Catharina. Natural da cidade de Olinda, filho de Antonio Cavalcante de Albuquerque e D. Izabel de Gôes, D. Frei Manoel de Santa Catharina recebeu de seus paes condigna educação, abraçou a vida religiosa, e entrou de carmelita observante no convento do Carmo de Olinda, onde fez a sua profissão.

Intelligente e illustrado, insigne theologo e excellente pregador, na phrase do autor da *Bibliotheca Lusitana*, mereceu pelo seu merecimento e virtudes a nomeação do cargo de provisor do bispado, que lhe foi dado pelo bispo diocesano D. Manoel Alvares da Costa, correspondendo digna e honrosamente a essa distincção que lhe conferiu o zeloso prelado.

Nas guerras dos Mascates que rompeu em 1710, D. Frei Manoel prestou immensos e grandiosos serviços á causa de sua patria. Celebrando o povo de Olinda uma solemniissima festividade a N. S. do O', implorando o seu patrocínio afim de aplacar o mal que se julgava iminente, D. Frei Manoel *pregou com muita unção e eloquencia* em todas as novenas que precederam á essa solemnidade, e se distinguu por muitos outros actos nessa quadra afflictissima porque passou esta provincia.

Quando o bispo D. Manoel Alvares da Costa teve de ceder aos caprichos dos Mascates que obtiveram do go-

verno da metropole chamal-o á côrte, o illustre prelado confiou á sabedoria e criterio de D. Frei Manoel de Santa Catharina o governo da sua diocese em 1715, cargo que acceitou pela gratidão e dedicação que lhe consagrava, e *que esmaltou com acertos e virtudes*. Investido dessa autoridade, narra um escriptor, D. Frei Manoel teve de lutar com a indignação dos mesmos Mascates, e superou grandes difficuldades, porém cumprindo briosamente as funções do logar eminente que occupava. Não pôde todavia escapar de ser, como foi, accusado injustamente na devassa do ouvidor Bacalhão, e consequentemente perseguido; mas nunca foi preso, e a sua innocencia e os seus serviços tiveram depois justo reconhecimento, triumphando assim das intrigas e violencias dos seus inimigos.

Deixando o governo do bispado de Pernambuco, D. Frei Manoel seguiu para Portugal, exerceu o cargo de examinador synodal do bispado de Angra, e posteriormente o de provisor do de Angola e Congo. Homem de elevado merecimento por suas virtudes e sabedorias, pelos seus serviços e honrosos precedentes, mereceu a honra de ser eleito bispo da diocese de Angola, e apresentado por El-Rei João V a S. Santidade em 20 de Maio de 1720, foi confirmado e recebeu a sua sagração episcopal na egreja patriarchal de Lisboa a 14 de Julho do mesmo anno, sendo um dos assistentes o bispo que fôra de Pernambuco, D. Manoel Alvares da Costa, celebrando o acto o cardeal patriarcha de Lisboa.

Elevado a esta dignidade de bispo de uma das mais importantes possessões portuguezas, D. Frei Manoel de Santa Catharina partiu para Angola, fez a sua entrada solemne na cidade episcopal de S. Paulo de Loanda, e tomou posse do governo da sua diocese no mesmo anno de 1720. Bispo, que honrou por suas virtudes e santidade a mitra que cingiu em sua fronte nobre e esclarecida, grande theologo e pregador eloquentissimo, D. Frei Manoel foi tambem escriptor de nota, mas a sua obra inedita *Suave harmonia sobre as cinco vozes ou palavras que fallou Maria Santissima Senhora Nossa*, obra que segundo informações se conserva em manuscripto e se tem em muita estima, talvez tenha desaparecido. Resta, porém, um seu trabalho em resposta a uma carta do conselheiro de estado Diogo de Mendonça Corte Real, datada de 30 de Maio de 1722, na qual pedia informações sobre as missões do Congo, em virtude de uma queixa dada pelos Capuchinhos

contra os padres das mesmas ; trabalho extenso, energico e de argumentação logica, e que destruiu as queixas produzidas pelos referidos missionarios. E' este o unico trabalho que nos ficou da penna do sabio bispo de Angola, e que se encontra na obra do Visconde de Paiva Manso—*Historia do Congo*.

D. Frei Manoel de Santa Catharina falleceu no anno de 1737, e foi sepultado na cathedral de S. Paulo de Loanda, deixando entre os seus diocesanos grata e veneranda memoria, e um nome respeitavel e benemerito como bispo, escriptor, theologo e orador sagrado.

Frei Manoel de Santa Thereza. Natural da cidade do Recife, filho legitimo de Manoel Correia de Araujo e D. Thereza de Jesus, Frei Manoel de Santa Thereza professou a regra da Ordem Carmelitana, no convento de Goyanna, a 14 de Fevereiro de 1744, e fazendo os seus estudos regulares no respectivo collegio, foi-lhe conferida a patente de leitor de theologia.

Homem de talento superior e de reconhecida illustração, Frei Manoel de Santa Thereza occupou os logares de *secretario da provincia* no anno de 1759, e o de prior do convento da Parahyba, eleito no capitulo celebrado em 1763. Neste cargo, prestou Frei Manoel importantes e reaes serviços a religião e particularmente a sua Ordem, e durante o longo espaço de 15 annos em que dirigiu o priorado da Parahyba, conseguiu fazer de novo a igreja do seu convento, em cuja obra empregou a maior solicitude possivel, despendendo não pequena somma de dinheiro do convento, avultados donativos que pôde adquirir entre os moradores do lugar, assim como o que obteve de seus paes, bastantes favorecidos de bens da fortuna.

Concluindo a obra da igreja do convento da cidade da Parahyba no anno de 1778, exactamente quando deixou o seu priorado, Frei Manoel de Santa Thereza legou-nos um bello e magestoso monumento, uma obra de subido gosto e valor artistico. E' com effeito bella a igreja, que o Padre Santa Thereza fez surgir das ruinas em que se achava, segundo um escriptor ; ella é hoje apontada naquella provincia como um dos seus magnificos templos, tornando-se recommendavel, e tendo preferencia aos demais, pela sua moderna architectura, elegancia e bom gosto, e sobretudo por ser toda de pedra a sua construção, até mesmo a talha e relevo dos altares, columnas, nichos e tudo o mais que

concerne a belleza e disposições de um tal monumento, primando ainda o polido do dourado sobre as mesmas obras, o que tudo revela o apurado gosto artistico do seu fundador.

Recebendo dos seus superiores, dignos e merecidos elogios, pelo reconhecimento e importancia dos serviços que prestara, gosando em sua Ordem merecida estima e subido conceito, Frei Manoel de Santa Thereza teve a honra de ser escolhido visitador geral e reformador de sua ordem, na provincia de Pernambuco, por Breve do Nuncio Apostolico de Lisboa, de 20 de Fevereiro de 1799, e investido desta subida dignidade, desempenhou com acerto e intelligencia tão espinhosa quão importante e elevada incumbencia; e no capitulo celebrado a 10 de Maio de 1781, a unanime votação dos seus irmãos religiosos, elevaram-no a dignidade de provincial da Ordem.

Nomeado, por Breve de S. Santidade o Papa Pio VI, o Dr. Frei José Caetano de Souza, religioso carmelita de Lisboa, visitador e reformador apostolico da Ordem Carmelitana em todos os dominios da corôa portugueza, com poderes illimitados de delegar a visita de alguns conventos á outros religiosos, o Dr. Frei Caetano de Souza nomeou seu delegado visitador e reformador o Padre Frei Manoel de Santa Thereza, em 12 de Setembro de 1781, não só da provincia carmelita de Pernambuco, como especialmente da provincia carmelita da observancia da Bahia, em virtude das grandes questões sobre jurisdicção que ahi se suscitavam. Incumbido dessa importante commissão, Frei Manoel deu começo aos seus trabalhos em Pernambuco, e passando-se depois á Bahia á concluir os seus trabalhos, desempenhou-os tão plena e cabalmente, que apresentando ao referido Dr. Frei José Caetano o relatorio da sua commissão, recebeu merecidos encomios, e o mesmo visitador apostolico passando-lhe uma patente honorifica em 3 de Outubro de 1782, dispensou-lhe estas palavras, que bem revellam o seu merecimento e o alto apreço em que era tido entre os prelados superiores da sua Ordem:

« E attendendo muito mais aos relevantes serviços, que o dito Rvm. Sr. Padre Mestre Provincial tem feito á Religião, não só fazendo no convento da Parahyba uma igreja desde os seus fundamentos, não só adornando-a toda, mas também proximamente incumbindo-se da visita e reforma da provincia da Bahia, que lhe commettemos, e desempe-

nhou com zelo, prudencia e religião, do que somos plenamente informados por alguns religiosos da mesma provincia da Bahia ; portanto, esperando no Senhor lhe remunerar todos estes serviços, somos servidos fazer e constituir o Rvm. Padre Mestre Frei Manoel de Santa Thereza, actual Provincial e nosso delegado, como com effeito pela presente o fazemos e constituimos perpetuamente conventual do nosso convento do Carmo do Recife.

Frei Manoel havendo desempenhado na sua Ordem os cargos de mais elevação e confiança, coberto de honra e dignidade, venerado e respeitado por tantos titulos de illustração, serviços e character religioso, teve de tragar no ultimo quartel da sua vida o calix de amarguras, e tanto teve de illustre e gloriosa a carreira de sua vida religiosa, como de lastimosa e fatal o seu fim.

Deram-se na sua ordem scenas desagradaveis, narra um escriptor, e houve uma epocha em que a paz do claustro foi alterada em virtude da celebração do capitulo, que o Padre Santa Thereza, na qualidade de provincial, tinha de convocar para eleger os novos prelados. Em 1784, um Breve expedido pela Nunciatura apostolica de Portugal, e impetrado pela rainha D. Maria, e com o seu beneplacito regio, foi apresentado ao capitulo, em cujo Breve se designavam os religiosos para as respectivas prelasias, e dado pelos Padres por subpreticio, procederam segundo as constituições claustraes no capitulo que celebraram a 6 de Maio de 1784. Chegando este acto ao conhecimento da cõrte de Lisbõa, foi considerado como uma formal desobediencia, e immediatamente solicitado um outro Breve, foi este expedido pela Nunciatura, contendo a nomeação dos novos prelados, e declarando nullo e irritado o mesmo capitulo.

Uma carta do ministro de estado dirigida ao governador de Pernambuco ordenou-lhe, que, sem perda de tempo se dirigisse em companhia do ouvidor geral ao convento de Goyanna, fizesse reunir o capitulo e desse execução ao dito Breve, o que teve lugar em 13 de Setembro de 1785. Entretanto uma provação bem dolorosa aguardava áquelles religiosos que haviam dado o referido Breve por subpreticio e em virtude de uma Ordem Regia foram considerados desobientes, e como taes deportados para os conventos de outras provincias ; e o Padre ex-Provincial e Visitador geral Frei Manoel de Santa Thereza seguiu para o da Bahia, que lhe fôra designado para o seu desterro, o

mesmo convento onde outr'ora fôra recebido com todas as honras e dignidades no seu character de Visitador Apostolico e Reformador da sua Ordem !

No fim de sua vida, ferido pelo raio do infortunio, exilado e cheio de desgostos, Frei Manoel resignou-se á sua sorte, e soffreu com humildade verdadeiramente christã o seu desterro. Terminado este, não voltou a Pernambuco, e no convento da Bahia passou os seus derradeiros dias de vida, e ahi falleceu em idade adiantada esse bemerito soldado da milicia divina, « que havendo fruido por suas qualidades e talentos, as mais altas dignidades e subidas honras na sua ordem, deixou murchar o viço dos louros que conquistára, por uma dessas fatalidades. »

Manoel de Souza Magalhães. Nasceu na freguezia da Sé da cidade de Olinda, e foi baptisado nessa mesma igreja no dia 19 de Novembro de 1744, e foram seus paes o Dr. Antonio de Souza Magalhães e D. Maria José de Jesus.

Dotado de talento, cuidadosamente educado por seus paes Manoel de Souza Magalhães fez rapidos e brillhantes progressos em seus estudos, e não menos no cultivo da litteratura, a que se dedicou particularmente. Depois de residir por algum tempo no Rio Grande do Norte, voltou para Pernambuco, e fixando-se em Pão d'Alho, abriu um curso de latim, e ahi residiu por 3 annos, desde 1768 até 1771, e ao depois passou-se para a cidade de Olinda, onde continuou no ensino da mesma disciplina por espaço de 7 annos.

Em 1776 Manoel de Souza Magalhães resolveu abraçar a vida ecclesiastica, fez o curso necessario, e os seus examinadores o declararam sempre *muito digno, e sufficientissimo*; e na informação que deu a seu respeito o Padre Manoel do Espirito Santo Saraiva, coadjutor da freguezia de S. Pedro Martyr, o declara de estatura mediana, de côr clara, olhos pardos e rasgados, cabello crespo; e muito bem procedido.

Ordenado presbytero em 1778 pelo bispo diocesano D. Frei Diogo de Jesus Jardim, o Padre Manoel de Souza Magalhães, foi nomeado capellão do presidio de Fernando de Noronha, por provisão do governador José Cesar de Menezes, de 9 de Outubro de 1780, *visto ter o merecimento preciso e necessario*. Recommendo-se logo pelo seu talento e por outros titulos de distincção, o Padre Magalhães « frequentou o pulpito com muita acceitação e applausos. »

Cultor apaixonado da litteratura, adquiriu solido e brilhante erudição, e foi poeta desde a sua mocidade, e as suas composições, ainda que em numero limitadissimo, recolhidas e publicadas pelo commendador Mello, constituem o apanagio dos seus fóros de poeta.

Constam ellas de 3 canticos á N. S. da Penha e um hymno a N. S. do Carmo, 4 sonetos, 2 glosas, e umas decimas em numero de 17, offerecidas ao governador D. Thomaz José de Mello, de quem, e do seu antecessor José Cesar de Menezes, gosou o Padre Magalhães particular estima e amisade; cujas decimas desenvolvem este argumento :

Refutam-se os fundamentos
De alguns homens entendidos,
Que ralhão dos instruidos
Em outros conhecimentos :
Mostrão-se os merecimentos,
E excellencias da poesia:
Que qualquer sabedoria
(Se não abusamos della)
A nossa ventura assella,
A nossa fama avalia.

Refere-se como causa dessas *Decimas*, diz A. J. de Mello, a pouca consideração, senão claro desprezo, com que perante o governador se expressaram sobre a poesia, descachando um pouco no poeta ausente, alguns figurões, que alias por suas profissões e character, não deveriam assim comportar-se. Nos versos de N. S. da Penha, diz ainda o mesmo escriptor, parece-nos, que os leitores entendidos acharão com prazer um hymno sacro sublime. Os gregos, cuja orelha era tão sensivel e delicada para o numero, tinham reservado o pé dactylo para os poemas heroicos: e he o que fez o Padre Magalhães empregando-o em maior quantidade nessa primorosa composição. Os similes, as mysticas e bellas alegorias, a riqueza dos termos, e expressões, fortes e imitativas, a doçura e harmonia, o fogo e a união desses poucos versos caracterisam a sublimidade do seu estylo; pois que este, segundo D'Alembert, é o que faz reinar a nobreza, a dignidade e a magestade em uma obra, na qual todos os pensamentos são elevados, todas es expressões graves, sonoras e harmoniosas.

Alem dos versos recolhidos pelo commendador Mello,

o Padre Lino do Monte Carmello Luna, na sua *Memoria historica e biographica do clero pernambucano*, offerece-nos mais um soneto do Padre Magalhães feito ao natalicio da rainha D. Maria I, em cujo dia se festejaram conjunctamente em Pernambuco os casamentos dos infantes de Portugal e Castella.

Sem contar com essas poucas, porem mimosas produccões do Padre Magalhães, compoz elle duas obras, que infelizmente perderam-se: *O Monte de mirra*, e uma traducção em portuguez das *Noites Clementinas*; esta, como declarou elle proprio em seu testamento feito 2 dias antes da sua morte, fôra entregue ao Padre Congregado Manoel José de Goes, para a fazer imprimir em Lisboa, e aquella já estava á imprimir-se na officina de Galhardo, na mesma cidade; porem quer de uma como de outra, não ha noticia alguma.

O Padre Manoel de Souza Magalhães falleceu aos 11 de Novembro de 1800, e jaz sepultado na igreja de S. Pedro do Recife.

Manoel de Souza Teixeira, Barão de Capibaribe. Natural da cidade do Recife, oriundo de uma familia importante, rica e abastada, Manoel de Souza Teixeira seguiu a vida militar, e foi promovido a alferes de caçadores do regimento de linha do Recife por patente de 20 de Outubro de 1808, e passou a segundo ajudante do mesmo regimento por patente de 7 de Novembro de 1815.

Em 1811 Souza Teixeira fez uma viagem á côrte do Rio de Janeiro, e voltando começou a tomar parte nos planos do movimento separatista que rompeu em 1817. As suas idéas, o seu patriotismo, e as suas relações intimas com Domingos José Martins, Padre João Ribeiro e outros patriotas, deram causa á ser preso no dia 6 de Março. Atirado na fortaleza das Cinco Pontas, o rompimento da revolução abriu-lhe as portas do carcere, e elle começou a figurar distinctamente nesse generoso movimento, que tinha por fim a liberdade de sua patria.

Mallograda essa tentativa, preso e mettido em ferros á bordo do brigue Carrasco, foi elle uma das primeiras victimas que seguiram para a Bahia; e condemnado á degredo perpetuo na costa d'Africa, foi-lhe commutada essa pena, e permaneceu em prisão naquella mesma provincia, até que a amnistia geral das côrtes de Lisboa, em 1821, permittiu-lhe voltar a sua provincia.

Souza Teixeira começou de novo a servir no exercito, e em 1830 se reformou no mesmo posto de ajudante do extincto regimento de infantaria, por Decreto de 21 de Outubro; e posteriormente passando a servir na Guarda Nacional, reformou-se no posto de tenente-coronel commandante do 5.º batalhão do municipio do Recife, por portaria de 14 de Dezembro de 1843.

Nomeado presidente de Pernambuco por Carta Imperial de 18 de Fevereiro de 1841, *em consideração ao seu distincto merecimento, patriotismo e adhesão a causa sagrada da independencia do imperio, e mais qualidades recommendaveis que concorriam na sua pessoa*, tomou posse da administração a 3 de Abril, e dirigiu-a até 7 de Dezembro do mesmo anno. Na qualidade de vice-presidente, dirigiu ainda o governo da provincia por duas vezes, sendo a primeira de 5 de Junho a 11 de Julho de 1845, e a segunda de 19 de Abril a 27 de Maio de 1848.

Administrador zeloso e consciencioso, honesto e diligente, Manoel de Souza Teixeira prestou valiosissimos serviços a sua provincia, e ao deixar a sua primeira administração em 1845, um acreditado jornal desta capital inseriu estas palavras em suas columnas, louvando-o pelos serviços que acabava de prestar: « Quem attentamente tiver observado o estado desta provincia, não póde por certo deixar de louvar os relevantes serviços do Exm. Sr. Manoel de Souza Teixeira, cobril-o de benções, e recommendal-o a gratidão de Pernambuco, e do Brazil todo, vendo que a sua vice-presidencia foi o balsamo consolador, que veio cicatrizar todas estas feridas que se achavam abertas, foi o iris de paz que veio remover a inquietação, o susto, e a consternação, que já se ião apoderando dos espiritos menos fortes, foi o sol radiante, que veio dissipar o espesso nevoeiro, que ameaçava desabar sobre nossas cabeças. »

Tal foi uma das situações em que lhe coube dirigir o governo desta provincia, e tal o honroso desempenho que lhe deu. Agraciado com o titulo de Barão de Capibaribe, com as honras de grandeza, por Decreto de 2 de Dezembro de 1849, fidalgo cavalheiro da casa imperial, commendador da ordem de Christo, e tenente-coronel da Guarda Nacional, estes titulos resumem o merecimento e patriotismo de tão distincto cidadão, e a justa apreciação do governo aos serviços que prestára ao seu paiz; assim como o do reconhecimento

popular, as eleições de vereador da Camara Municipal do Recife, cuja presidencia occupou, de deputado provincial e de senador do Imperio. Manoel de Souza Teixeira falleceu a 11 de Agosto de 1861.

Martim Soares Moreno. Bem poucas informações podemos obter sobre a sua vida, e absolutamente nada relativamente as epochas do seu nascimento e fallecimento, filiação e outros dados de sua vida. Como ponto de partida, encontramos apenas, que, em 1603, ainda bem creança, foi mandado na expedição de Pedro Coelho de Souza, afim de aprender a lingua dos indigenas, expedição esta que tinha por fim a descoberta do *El Dorado*. Martim Soares partiu para a Parahyba, e dalli seguiu pelo interior do paiz até a serra do Ibiapaba, no Ceará; e conduziu-se tão acertadamente, e conquistou de tal maneira a confiança e affeição dos Tapuias, que tornou-se estimado e conceituado, á ponto de não consentirem na sua volta.

Pedro Coelho retirando-se sem nada conseguir, e desacreditado mesmo pelas suas barbaridades e reprehensivel comportamento, Martim Soares ficou, e manteve as relações que conquistou dos indios, o que mereceu a sua nomeação de tenente da fortaleza do Rio Grande do Norte. Servindo com *distincção* nas guerras de Ibiapaba, *moço de espirito*, «Martim Soares depois da retirada do capitão-mór Pedro Coelho, sustentou sempre o credito com aquelles Tapuias, e com uns taes respeito, que até o seu principal *Jacaúna* lhe chamava filho.»

Incumbido em 1610 pelo governador geral D. Diogo de Menezes, de fundar um estabelecimento colonial no Ceará, que servisse de avançada para outras fundações, «porque bastando o merecimento pessoal para qualificar o acerto da escolha, concorria nelle tambem a circumstancia tão especial das attensões com que era tratado de todos os indios,» Martim Soares teve então a patente de capitão-mór, deixou o Rio Grande e partiu para o Ceará, apenas acompanhado de dous soldados, para não infundir no espirito dos indios a idéa de guerras e hostilidades.

Escolhido o local apropriado á fundação da nova colonia, Martim Soares deu começo a fundação de uma igreja sob a invocação de N. S. do Amparo, e ao mesmo tempo a de um forte, obras estas que avultaram em poucos dias de trabalho, pelo auxilio que lhe prestou o chefe *Jacaúna*, o

qual apenas soube da sua chegada, e do objecto da sua empreza, veio com a sua tribu e estabeleceu a sua aldeia no sitio onde se achava Martim Soares.

Assim ficaram lançados os fundamentos da hoje cidade da Fortaleza, capital do Ceará.

Por esse tempo appareceu alli um navio hollandez, e Martim Soares reunindo um certo numero de indios, metteu-se entre elles, tingiu o corpo com genipapo para se assemelhar á côr delles, partiu com uma flotilha de canoas, e foi abordar o navio. Os hollandezes não suspeitando do ardil, foram tomados de surpresa, e Martim Soares apodeitou-se do navio, tirou toda a sua artilharia, munições e mantimentos, deixando-o partir depois.

Eternisou Martim Soares a sua fama, diz Berredo, e ao mesmo tempo a reputação das armas portuguezas, nas aclamações daquelle victória, que se fez ainda muito mais importante pelas consequencias, pois esta noticia afugentou um outro navio hollandez que se achava perto.

Martim Soares viu-se completamente abandonado pelo governo, e teria mesmo naufrado a sua empreza, se não lhe valesse a ascendencia que tinha sobre os indios, a vantagem de corresponder-se com elles em sua propria lingua, e o completo conhecimento dos seus uzos e costumes; e só muito tempo depois é que chegaram-lhe os primeiros soccorros, que deviam ter seguido immediatamente á sua partida, como se havia convencionado.

Em 1613, quando a expedição do Maranhão tocou no Ceará, Martim Soares offereceu-se para fazer o reconhecimento de toda a costa e pelo rio Maranhão acima, afim de prestar informações exactas das posições occupadas pelos francezes; e quando terminou a sua missão e vinha expôr as suas observações, o seu navio foi arrastado á outro rumo pelos ventos e correntes, e foi arribar ás Indias Hespanholas. Martim Soares seguiu depois para a Europa, deu conta da sua missão ao governo de Madrid, e em meados de 1614 escrevia de Lisbôa dizendo, que alli se achava, e informando que havia descoberto a colonia dos francezes e reconhecido bem a sua força, e ministrando outros dados, e relatando os obstaculos que encontrou á sua volta.

Em 1615 Martim Soares chegou a Pernambuco, e partiu para o Maranhão incorporado a expedição aqui organizada pelo governador Gaspar de Souza, tomou parte nas ultimas operações da conquista daquelle capitania,

tocando-lhe na distribuição dos pontos fortificados, o commando do districto de Cumá.

Nomeado governador da capitania do Ceará em 24 de Maio de 1619, repelliu vigorosamente os hollandezes quando em 1624 tentaram a sua posse. No anno seguinte fizeram ainda uma outra tentativa, e de novo Martim Soares oppoz heroica resistencia, obrigando-os a retirarem-se bastante damnificados.

Em 1634 Martim Soares militava na campanha da invasão hollandeza em Pernambuco, tomou parte no combate de Iguarassú em 25 de Janeiro, em 1 de Março foi assaltar a povoação do Recife, empreza perigosissima, que não surtiu o fim desejado, porque faltou-lhe o resto da tropa que lhe fôra confiada, e em Dezembro marchou para o Rio Grande afim de bater os indios Janduis; mas acampando no engenho Cunhaú, e constando-lhe que o inimigo ia atacar a Parahyba, não julgou prudente adiantar-se, e demorou-se então, pela conveniencia que havia em sustentar aquelle ponto. Sabendo porém da invasão da Parahyba, contra-marchou immediatamente seguido dos moradores daquella localidade, e de um reforço de indios, e fez alto em Mamanguape, afim de impedir a passagem do inimigo que vinha em sua demanda.

Depois partiu para o forte do Cabedello, conseguiu passar por entre o estreito sitio em que o tinham os hollandezes, e deu as providencias necessarias á sua defesa. Rendida a cidade, marchou com as tropas do seu commando para o interior, e acompanhou toda a marcha e movimentos do exercito até que forçado pelas circumstancias emigrou para Pernambuco. Em Janeiro de 1635, quando o inimigo tomou a villa de Goyanna, foi elle um dos capitães nomeados para o bater, e inutilisar todos os recursos de que podesse lançar mão; e depois da rendição do forte Bom Jezus seguiu com o exercito para as Alagôas, e foi incumbido de diversas e difficeis commissões, taes como a de occupar o posto do rio Una, percorrendo todas as proximidades até Rio Formoso.

Tomando parte em todos os movimentos do exercito em sua retirada para a Bahia, ahi permaneceu até que rompeu a guerra da restauração, quando veio de novo militar em Pernambuco. Martim Soares foi logo incumbido do sitio da fortaleza de Nazareth, a qual se rendeu em 8 de Setembro de 1645. Em Janeiro do anno seguinte coube-lhe o commando da fortaleza do Arraial do Bom Jezus, e fi-

gurou briosa e dignamente na primeira phase da guerra, até que por ordem regia deixou o campo e seguiu para Portugal.

Daqui por diante a historia não menciona mais o nome de Martim Soares Moreno. Cremos que tomou parte ainda na guerra da restauração de Portugal do dominio da Hespanha, e lá terminou os dias de sua vida, vida glorificada pelos seus feitos de mais grandioso valor e patriotismo.

Mathias de Albuquerque Coelho. Nasceu em Olinda em fins do seculo XVI, e foram seus paes o do 3.º donatario desta capitania, Jorge de Albuquerque Coelho, e D. Anna de Menezes; e seus avós paternos Duarte Coelho e D. Brites de Albuquerque, e maternos D. Alvaro Coutinho e D. Brites da Silva.

Mathias de Albuquerque seguiu a carreira das armas, em 1620 foi encarregado por seu irmão Duarte de Albuquerque, 4.º donatario de Pernambuco, do governo desta capitania, o qual dirigiu até 1626, quando seguiu para Portugal, cabendo-lhe ao mesmo tempo dirigir o governo geral do Brazil, quando em 1624 a Bahia foi invadida pelos holandezes, e cahiu prisioneiro o respectivo governador Diogo de Mendonça Furtado.

Por este tempo havia a capitania de Pernambuco atingido a um estado prospero e vantajoso, e Olinda a sua capital, era uma cidade rica, luxuosa e opolenta, mas ao mesmo tempo sem meios de defesa, e á par do seu esplendor e magnificencia reinava a desorganisação social, e imperava todos os vicios.

A Hollanda que acabava de firmar a sua independencia, atirou-se aos mares, e procurando cortar todos os recursos da Hespanha, e assim concorrer para o seu abatimento, lançou as suas vistas sobre as colonias portuguezas debaixo do seu dominio, e o Brazil foi então o alvo dos seus calculos politicos e commerciaes.

Não se ignorava na Hollanda o estado em que se achava Pernambuco, sem meios de defesa e resistencia, a sua marcha e desorganisação social, a depravação dos costumes, tudo finalmente, assegurando por conseguinte a sua empreza um feliz resultado. Alem disto, os judeus que haviam abraçado o Christianismo, e que por cautella se refugiaram aqui, para se livrarem das tyrannias da inquisição, sabendo que este horrivel tribunal vinha ser estabelecido em Pernambuco, julgaram-se perdidos, e então

tomaram a desesperada resolução de auxiliar aos hollandezes, sob cujo governo se veriam livres da inquisição, e no goso de suas crenças religiosas.

Mathias de Albuquerque achava-se em Portugal, quando ahi chegou a noticia de que se preparava na Hollanda uma grande armada contra esta provincia, por ser, como diz o conde da Ericeira, « a mais facil empreza pela debilidade das fortificações do Recife e da villa de Olinda, e pelo descuido dos portuguezes, a quem o paroxismo da larga servidão havia suffocado o alento, e entorpecido os braços. »

Recebeu pois Mathias de Albuquerque a missão de governar Pernambuco, « por ser o mais capaz de se lhe fiar esta empreza, porque além do seu valor e largas experiencias, era Pernambuco de seu irmão mais velho Duarte de Albuquerque Coelho, e aqui senhor de uma grande fortuna »; dando-se-lhe o titulo de superintendente na guerra e visitador e fortificador das capitánias do Norte com total independencia do governo geral da Bahia.

Aceitando a commissão, Mathias de Albuquerque partiu para Lisbôa, com ordens francas para que se lhe desse toda a infantaria e munições necessarias; porém ahi chegando, todas as suas vistas e diligencias foram frustradas, e apenas pôde conseguir 3 caravellas equipadas por pouca gente, e bem mal municuada.

Mathias de Albuquerque ao receber tão diminuto socorro para um paiz ameaçado, « protestou aos ministros a perda e damnos que succedesse, diligencia inutil na felicidade e na desgraça dos que tomam por sua conta grandes empregos; porque, se se logram, não serve, e se não conseguem não val. » Sem embargo, partiu de Lisbôa somente com uma caravella aos 12 de Agosto de 1629, acompanhando-o apenas 27 *soldados*, e aos 18 de Outubro aportou a Pernambuco; e apenas tomou posse do governo, começou a dar as providencias necessarias, não perdendo um só momento, um só instante. Percorreu os presidios, examinou as fortificações e achou tudo em tal estado de ruina e desmantelo, « que se arrependera do posto que acceitara se não fôra maior o seu animo que todas as difficuldades. »

Porém este lamentavel estado não o desanima; continuou as obras de defesa do porto, attendeu á disciplina e armamento da tropa, organisou mais duas companhias de gente de mar, ordenou que todos os homens de armas do

interior da capitania e das visinhas e assim aos indios, estivessem preparados para acudir em onde se mostrasse o inimigo; e todas estas providencias e todo esse afanoso trabalho a que se entregou foi impotente ante o poder da força inimiga. Mathias de Albuquerque, diz um escriptor, dispoz tudo o que julgou util para a defensão; porém como havia de animar 60 leguas de costa, em que se contavam 26 portos capazes de desembarcarem nelles os hollandezes, e a gente era pouca e mal disciplinada? Não foi possível que o effeito correspondesse a diligencia.»

Existia então para defender a praça uma guarnição de 130 homens, poucas armas e artilharia e mesmo assim desmanteladas; quatro companhias em Olinda, com 550 homens, outra no Recife com 100 e as do interior estavam desarmadas e sem nenhuma disciplina. Luctando com todas estas difficuldades, sem meios de fortificar-se para oppôr-se a já sabida invasão, e sem elementos de outra qualquer ordem, não era possível que pudesse resistir a um numeroso exercito, aguerrido e bem provido.

No entretanto Mathias de Albuquerque tem sido clamorosa e injustamente accusado; porem o juizo autorisado de alguns contemporaneos taes como Brito Freire e o Conde da Ericeira, vem restabelecer a verdade, pois elles são accôrdes em asseverar que Mathias de Albuquerque fez então tudo quanto estava a seu alcance.

« Já passou felizmente o tempo, diz Warnhagem, de serem os escriptores obrigados a inventar falta aos agentes do governo para desculpar os erros destes. Quando appareceram os desastres, não deixou de haver quem por elles increpasse unicamente a Mathias de Albuquerque, e ainda em nossos dias varios escriptores o tem censurado de haver perdido tempo festejando com disparos de artilheria a noticia do nascimento de um infante; como se ainda assim fosse, não pudesse desse mesmo apparatus bellico resultar um protesto para o alardo de toda a milicia. A verdade em todo o caso é que o novo governador nos cinco mezes menos quatro dias que esteve no seu posto, antes de se apresentar á esquadra inimiga, fez quanto podia. »

Estavam pois, as cousas neste estado, quando chega a esta provincia um patacho de Cabo-Verde trazendo a noticia de que alli havia tocado uma poderosa armada hollandeza, e que por intermedio de alguns soldados que saltaram a terra, se pôde colher que o seu destino era sobre

Pernambuco, aviso este que, em vez de produzir o desejado effeito, serviu de argumento contrario; e então conjecturaram: *Se esta frota se tivesse dirigido para o Recife, não chegaria ella primeiro do que o patacho, que partio depois della de Cabo-Verde?*

Entretanto, Mathias de Albuquerque, convoca em conselho as pessoas que mais interesse deviam ter na defesa do paiz. Neste conselho deliberou-se que, nenhum morador tirasse da villa pessoa alguma de sua familia, nem cousa que pertencesse á sua fazenda. Consideraram que sendo igualmente de todos o interesse, seria tambem de todos o dever do empenho na defeza, e dos seus meios. Alguns, porém, foram de opinião contraria, dizendo que, cada qual pozesse a salvo o mais precioso e mais estimado de suas familias, para que na occasião da defeza e do perigo se empenhassem sómente em sustental-a. Mas prevalecendo a primeira opinião, Mathias de Albuquerque publicou um edital em nome de El-Rei, no qual ordenava aos habitantes que se não ausentassem, e que nenhuma de suas fazendas e haveres tirassem de suas casas. No entretanto, apesar desta terminante prohibição, foi tal a desconfiança, que os habitantes secretamente conduziram para o interior a melhor parte das suas riquezas.

Oito dias depois da chegada do patacho, surgiu na altura do cabo de Santo Agostinho a armada hollandeza. Então, o desanimo, o temor e a consternação se espalharam immediatamente, e pintavam-se em todos os semblantes.

Mathias de Albuquerque, porém, não desanima, activa os meios de defesa, encoraja aos timidos inspirando-lhes a confiança com a sua presença em toda a parte, e armando a todos que estavam nas circumstancias de tomar parte na defesa do paiz, chegou a formar um corpo de exercito de 2,000 homens e 100 cavallos, guarneecendo e fortificando todos os pontos.

No dia 15 de Fevereiro de 1630, a armada hollandeza, composta de 64 vasos, surge em frente do Recife, vistosamente embandeirada, e com todo o pano demanda a sua barra. Tenta entrar no porto, mas não lhe sendo possivel, destaca 16 vasos, e as suas tropas desembarcam em Pão-Amarello, marcham sobre Olinda, tomam-na de assalto, e no dia 1.º de Março estavam no Recife, com a quêda do forte de S. Jorge.

Mathias de Albuquerque envida todos os meios para

impedir o passo aos inimigos, combate á frente de suas tropas, mas o numero e a disciplina dos holandezes tudo conseguiram. Com o intuito de cortar a communicação do inimigo com o interior do paiz, fundou a fortaleza do Arraial do Bom Jesus, e fez outras fortificações, porém tudo depois de longa e heroica resistencia, cahiu em poder dos inimigos, e em breve tempo ficou Pernambuco possessão holandeza !

Obrigado pelas circumstancias, depois de uma luta heroica e de immensos sacrificios, Mathias de Albuquerque abandona o campo ao inimigo, e concentra as suas forças em Alagôas, onde se lhe offereciam mais vantagens e meios mais facéis de proseguir na guerra ; levanta o acampamento, e com todo o exercito e povo que o acompanhava, embrenha-se pelo seio das mattas em penosa peregrinação ás Alagôas.

Tal foi a ultima phase da guerra da invasão holandeza no territorio pernambucano.

Mathias de Albuquerque, nesta guerra de infortunios e privações, conquistou um nome immorredouro, o nome de heróe. Cada pagina da historia da guerra da invasão holandeza, é uma pagina gloriosa da vida desse illustre general pernambucano. Abra-se esta historia, e na descripção dos seus mais brilhantes e notaveis episodios, encontrar-se-ha a narração dos seus feitos heroicos e gigantes. Mas sempre o infortunio a perseguil-o, sempre guiado por uma funesta e má estrella.

El-rei Felipe de Hespanha o apreciava devidamente, e lhe dirigia honrosissimas cartas, entre ellas a seguinte, em data de 26 de Janeiro de 1631, quando em remuneração dos seus serviços, e como galardão dos seus feitos, lhe enviou o titulo de conselheiro de guerra : « Em consideração
« ao zelo e cuidado com que sempre me haveis servido, e
« do bem e do valor com que ultimamente procedestes na
« occasião da invasão de Pernambuco, em submergir e
« queimar os navios ; hei tido por bem fazer-vos mercê de
« nomear-vos do meu conselho de guerra, esperando que
« em tudo cumprireis com as vossas obrigações, como até
« aqui o haveis praticado ; do que vos hei querido advertir
« para que assim o tenhaes entendido. »

Bem bastavam por certo as singulares expressões desta carta, diz o Marquez de Bastos nas suas *Memorias Diarias da guerra do Brazil*, a honra e o premio que ellas invol-

vem, para classificação do procedimento de Mathias de Albuquerque neste successo; mas ao odio e á emulação, nada é sufficiente.

Não foi sómente com os inimigos que Mathias de Albuquerque teve de lutar; além da insufficiencia do numero dos seus soldados, da sua disciplina, e do completo abandono em que estava Pernambuco, outras circumstancias bem poderosas o inquietavam bastante:—a traição.

Lutando com o abandono da metropole, com a superioridade de numero, e com a deslealdade daquelles que tanto o deviam auxiliar, não era possivel que pudesse impedir o passo a um inimigo poderoso, que apoiado pelo seu governo, cada vez mais audaz se ostentava.

Em vão tentava Mathias de Albuquerque conter a invasão dentro dos limites das trincheiras erguidas; privado de tudo, e sem poder receber auxilio algum pelo litoral, que era dominado pelos hollandezes, em breve a fome invadio os arraiaes pernambucanos.

A miseria entre os nossos chegou a ponto tal, que muitas vezes se deu de ração aos soldados uma espiga de milho! Para prevenir essa calamidade, Mathias de Albuquerque mandou plantar mandioca, milho e varios ligumes. A falta de polvora, era tambem extraordinaria, assim como de balas para arcabuzes, sendo que, para remediar esta ultima, lançou-se mão do chumbo das rêdes de pescaria.

Grandes por certo, foram os serviços prestados por Mathias de Albuquerque, esse martyr da dedicação e do patriotismo. Mas elle não era sómente um general illustre e distincto, um bravo e valente cabo de guerra; possuia outras qualidades que ainda mais o nobilitavam. Magnanimo, caridoso, humanitario e generoso, abandonava o seu quartel general, e quando se devia entregar ao repouso depois das batalhas, elle entrava no abarracamento do exercito, curava os feridos e enfermos, animava-os, provia-os de mantimentos e outros soccorros, tudo á sua custa! Para essas despezas, deu aos officiaes da fazenda real 4.000 ducados que lhe emprestaram, de que passou letras sobre os seus bens, e com esse dinheiro suppriram-se algumas faltas das muitas que se sentiam, e deu ordem para que se lançasse mão das fazendas que se encontrassem de seu irmão, o donatario desta capitania.

A' estes rasgos de magnanimidade e heroismo, varios proprietarios vieram offerecer as suas fazendas, e os mais proximos do acampamento, levavam para as suas casas

os feridos e enfermos, onde com mais cuidado e commo-
didade eram tratados, do que no hospital do Arraial. Neste
lugar, escapou Mathias de Albuquerque de morrer suffo-
cado, na occasião em que temeraria e corajosamente lan-
çou-se a apagar uma bomba impregnada de materias ve-
nenosas, que havia sido lançada pelos inimigos.

Eis pois o lamentavel estado de abandono em que se
viu. Em vão Mathias de Albuquerque reclamava para a
côrte, expondo as circumstancias, e pedindo soccorros
instantemente. Mas eram surdos aos seus reclamos, tudo
era baldado. Estavam pois as cousas nesse estado, quan-
do foi sorprendido por uma absurda ordem para que
entregasse o commando das forças e partisse immediata-
mente para Lisbôa!

Em Novembro de 1635, chega a esta provincia uma
grande esquadra hespanhola e portugueza, a qual condu-
zia um consideravel reforço, afim de activar a guerra, cujo
fim teria conseguido, se desembarcassem as tropas e mar-
chassem sobre o Recife, apenas guarnecido por 200 ho-
mens! Mathias de Albuquerque ao receber a noticia da che-
gada desse poderoso auxilio, sentira por certo um prazer
immenso; porém, quão estranhas eram as instrucções ré-
gias que trazia o commandante daquelle reforço?

Quando esperava marchar em defesa do patrio torrão,
usurado pelo poderio da força inimiga, El-Rei por influen-
cia e insinuação do seu ministro, o conde-duque de Oliva-
res, arrancava o bastão de general das mãos daquelle que
por mais de 5 annos havia prestado os mais relevantes ser-
viços ao estado, sacrificando-se, conquistando um nome
heroico e immorredouro, defendendo denodadamente a
causa da liberdade de sua patria!

Este procedimento inqualificavel, mereceu a reprova-
ção geral não só aqui como em Portugal e Hespanha. Para
justificar-se, ousou o perfido ministro ajuntar a calumnia
ao insulto: fez circular que havia assim procedido, porque
Mathias de Albuquerque só desejava augmento de força
para, debellando os hollandezes, tornar-se independente,
e formar em Pernambuco um estado soberano!

Era pois necessario cumprir-se a ordem real, entregar
o commando a D. Luiz de Roxas e Borja, nomeado mestre
de campo general para o substituir, e partir para a Europa.
Desejou Mathias de Albuquerque seguir na mesma esqua-
dra portadora da sua demissão, afim de evitar as fadigas

de uma penosa viagem por terra á Bahia ; mas a precipitação da sua partida não lh'o permittiu, e por isso vio-se forçado a emprehendel-a, e caminhar para mais de 100 leguas por caminhos invios e escabrosos.

« Deixou este conspicuo chefe o exercito em 16 de Dezembro de 1635, diz Warnhagen, depois de haver militado com tanta constancia e firmeza no Brazil, durante 6 annos. O sentimento geral que se observou na sua partida, serviria de fazer-lhe esquecer alguns desgostos anteriores. Não cobrara jámais ordenados, e grangeára sempre merecida reputação por sua honradez e prudencia. A julgar pelas geraes demonstrações de sentimento que neste dia appareceram, diz um escriptor contemporaneo, o marquez de Basto, podia elle com razão dar por bem empregados tantos trabalhos e privações que nesta guerra supportou pelo decurso de 6 annos, nos quaes procedeu do modo que se póde inferir da leitura destas memorias, conforme se vê de varios documentos, que de certo merecem mais fé que os emulos inimigos, os quaes nisto o foram mais capitaes do serviço de El-Rei que os proprios hollandezes ; porque negando aquelles a verdade, estes confessavam, dizendo constantemente, que emquanto Mathias de Albuquerque lhes fez a guerra com esses poucos meios que possuia, lhes fizera perder mais de 16,000 homens, sem poupar sua pessôa aos maiores perigos nas occasiões em que o conde Bagnuolo e outros lhes faziam protestos sobre os riscos a que expunha tudo, expondo-se tambem a si ; julgando difficilissimo achar quem o substituisse se elle chegasse a faltar. »

« Devido sómente aos seus esforços e actividade, muito dispendeu e soffreu o inimigo, antes de chegar a se assenhorear do paiz. Grangeara sempre merecida reputação por sua honradez e prudencia, e o seu desinteresse e probidade eram exaltados por seus proprios inimigos. Nunca recebeu o soldo a que tinha direito, ficando o estado a dever-lhe mais de 36 mil ducados, e da sua immensa fortuna muito gastou, e tanto que ficou empenhado. Não é menos qualificada a prudencia com que governou por 6 annos tão longe da Hespanha, em uma guerra tão licenciosa, e sempre com tanta falta do necessario para animar os soldados, mantendo a maior união entre nações tão bellicosas e opiniosas, como hespanhoes, portuguezes, italianos, mamelucos, indios e negros, sem que nunca apparecesse o menor descontentamento. Certo ministro e conselheiro de

estado, de grande experiencia na guerra, quando isto lhe chegou á noticia, louvou-o summamente como cousa mui rara. »

Partiu, pois, Mathias de Albuquerque para a Europa, e lá chegando, não foi gozar do premio dos seus serviços, e readquirir a vida quasi exhausta pelos soffrimentos e fadigas dessa penosa guerra, lutando sempre com o infortunio e com a adversidade. Esperavam-n'ò as sombrias prisões do castello de S. Jorge em Lisbôa, onde logo que chegou o encarceraram ! « Punia-se como crime o infortunio, e chamava-se impericia do general ao que fôra apenas desleixo do governo. »

Em observancia á carta regia de 31 de Janeiro de 1640, a Mesa de Consciencia lhe mandou tirar devassa pela perda de Pernambuco, e por todo o seu procedimento como governador desta capitania, a qual foi incumbida ao Dr. Francisco Leitão ; e ainda em fins desse anno se dava andamento no juizo dos cavalheiros ao processo que lhe instauraram, quando rompeu a revolução de 1 de Dezembro de 1640, e lhe abriu as portas do carcere.

Mathias de Albuquerque sahiu do carcere abatido por tantos revezes e injustiças, mas fremente de vingança. Apresenta-se a D. João IV proclamado rei de Portugal, offerece a sua espada em defesa da liberdade desse povo oprimido, e aceito o seu offerecimento, elle vae organizar as fortificações do Além Tejo e instruir o exercito dessa provincia no exercicio das armas.

Mathias de Albuquerque parte para Elvas, e reconhecendo que esta praça estava em bastante estado de defesa, passa para Olivença, onde era mui necessaria a sua presença, por ficar exposta além do Guadiana, a invasão dos hespanhóes.

Deu começo ás obras de fortificação escolhendo os pontos mais dominantes, e coadjuvado pelos moradores, em poucos dias já estavam mui adiantadas, e os baluartes em sufficiente altura. Deixando as suas instrucções para a continuação da marcha dos trabalhos, passou-se para Elvas, deu andamento ás obras de fortificação, as quaes terminadas, ficou estabelecida uma via de communicação entre essa cidade e a de Olivença. Passou-se depois para Campo Maior, approvou o plano das suas fortificações, e para ainda maior defesa, accrescentou o baluarte de S. Sebastião.

Quando voltou a Elvas, já achou formadas algumas

plataformas, montou a artilharia, e deu principio á fabrica dos cavallinhos de friza, de que usou em muitas occasiões de combate, com muita vantagem para a infantaria contra a cavallaria hespanhola.

Em 1641, D. João IV o nomeou Conselheiro de Estado e quando rompeu a guerra, foi nomeado governador das armas da provincia do Além Tejo. O primeiro rompimento teve lugar na cidade de Elvas onde elle se achava : mas a sua disposição, o seu valor e a sabia execução de suas manobras, conquistaram os louros da victoria, cobriram de gloria as armas portuguezas.

Foi, pois, o heroico pernambucano Mathias de Albuquerque, o homem que na phrase do Sr. Pinheiro Chagas, primeiro cingiu com a aureola da victoria a resurgida bandeira de Portugal!

Porém os infortunios e os soffrimentos desse heróe, ainda não estavam terminados.

Quando se descobriu a conspiração antipatriotica do marquez de Villa Real e do arcebispo de Braga, as suspeitas de D. João IV pela simples e ominosa informação de um só homem, recahiram tambem sobre Mathias de Albuquerque, apesar do absurdo dessa áccusação, indigitando como cumplice dos hespanhóes aquelle que fôra victima delles.

Constava apenas que o conde de Vimioso em uma conferencia que tivera com o arcebispo de Braga, indiscretamente lhe perguntara se Mathias de Albuquerque entrava na conspiração inferindo-o da co-relação que tinha com o marquez de Villa Real. O arcebispo respondeu affirmativamente, sem mais motivos que lembrar-lhe, que Mathias de Albuquerque tinha em Madrid seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho, e que constava mais, que determinavam os conjurados mandar o bispo eleito de Malaca a sondar-lhe o animo : falsos e pequenos indicios na verdade, diz um escriptor, para proceder-se desattenciosamente com um homem tão grande, tão leal e tão generoso, como era Mathias de Albuquerque!

No dia 28 de Julho de 1641 são presos esses dous personagens e mais outros conjurados, e no mesmo dia mandou El-Rei a Estremaz Manoel Lobo da Silveira, onde então se achava Mathias de Albuquerque, afim de observar o effeito que produzia nelle a noticia da descoberta da conjuração e da prisão dos seus cumplices, e que se informas-

se em grande segredo de pessoas de maior confiança do seu procedimento, « por ser mui pequenas as provas que havia contra elle, e mui grande os seus merecimentos. »

Chegando Lobo da Silveira a Extremaz, procura informar-se do procedimento de Mathias de Albuquerque, mas ouvindo de preferencia aos seus inimigos estes sempre o julgaram culpado em alguma cousa, e dando credito a todas as falsas e apaixonadas informações, e sem esperar por Martin Affonso de Mello nomeado para substituir Mathias de Albuquerque no governo das armas, dirige-se a sua casa, apresenta-lhe a ordem regia, e dá-lhe a voz de prisão, infringindo desta maneira as instrucções que lhe foram dadas, as quaes determinavam que, no caso de não encontrar indicios bastantes contra elle, aguardasse a vinda de Martin Affonso, porque ficando Mathias de Albuquerque privado do governo das armas, desapareceriam todos os receios.

Sorprehendido ao receber semelhante ordem, Mathias de Albuquerque não fez a mais leve opposição, e conhecendo a sua procedencia obdeceu, e entregou todos os papeis e as chaves do archivo da repartição a seu cargo. A' noite partiu escoltado em uma liteira para Setubal, mas insultado, injuriado, coberto de maldições e de opprobrios por esse mesmo povo, que pela fama de suas gloriosas acções, poucas horas antes lhe permittiam as honras do triumpho! Chegando a Setubal, foi encerrado na torre de Outão; mas foram taes e tão desordenadas as manifestações e insultos do povo, que o governo o transferiu para a torre de Belém.

Porém, por bem pouco tempo permaneceu privado da sua liberdade. Processados e condemnados todos os conjurados, e executados no dia 29 de Agosto de 1641 o Marquez de Villa Real, seu filho, Duque de Caminha, o Conde de Armamur e D. Agostinho Manoel, examinaram-se as culpas dos que foram presos, e não se encontrando provas bastantes do seu compromettimento, foram todos postos em liberdade: Mathias de Albuquerque, que havia sido preso, não por sua infidelidade, mas sim victima de vis inimigos, e escudado nos seus direitos e na sua honra, procurou que se investigasse rigorosamente o seu procedimento, o seu processo, tudo finalmente, e então com a altivez da innocencia, ferido na sua honra e nos seus bríos, exigio que por justiça, e não por favores e graças, lhe res-

tituíssem o goso dos seus direitos, a sua honra e a sua dignidade, e os titulos que pela sua dedicação, valor e heroismo havia conquistado.

Fizeram-se então as maiores diligencias e pesquisas; especularam até as mais leves circumstancias, e a miseravel calumnia e intriga dos seus vis inimigos cahio impotente, e Mathias de Albuquerque sahiu do carcere triumphante, ea sua honra e fidelidade lustrosamente apuradas.

Entrou, pois, Mathias de Albuquerque no goso da sua liberdade, e em 1643 já vemos o monarcha entregando em suas mãos o bastão de general, « com grande satisfação dos soldados, de quem era summamente amado, porque nelle tinham um amigo e um protector, que não cessava de prodigalisar-lhes todos os cuidados e commodidades. »

Empossado do cargo do commando do exercito e depois de diversas escaramuças, marcha a 29 de Setembro de 1643 sobre Arconchel e occupa o alto de um elevado monte, e no dia seguinte ferindo batalha com o exercito hespanhol, os louros da victoria coroaram as suas armas. Antes de deixar Arconchel, manda reconhecer Figueira de Fragas, e rendida esta praça, marcha sobre a Villa Nova del Fresno, acampa em uma eminencia, e passa depois a outros pontos.

Em 1644 parte Mathias de Albuquerque de Lisbôa onde se achava, a tomar conta do seu governo do Alê m Tejo, onde a guerra estava eminente e mostrava indicios de ser disputada vigorosamente de parte a parte. Chegando a Estremoz, preparou tudo que era necessario para a futura campanha; neste interim, o castello de Ouguella foi atacado pelos hespanhóes, e quando Mathias de Albuquerque soube desse acontecimento em Estremoz, marchou para Elvas, destacou um corpo de exercito sob o commando de D. Rodrigo de Castro a occupar e incendiar a villa de Montijo, e em seguida despede a D. Nuno de Mascarenhas á queimar Membrulho.

Depois de todas estas disposições, Mathias de Albuquerque marchou sobre Villar del Rei, praça grande e rica, entra nella facilmente, e a manda incendiar; e o mesmo soffre Puebla e Roca de Mansanete. Dahi passa a Montijo, lugar de grande estrategia, acampa e espera o inimigo por 2 dias, e como este não o procurasse, segue para Campo-Maior.

Neste mesmo anno de 1644, feriu-se a celebre batalha de Montijo, em terras da Hespanha, contra o Barão de Mol-

lingen. Nesta esplendorosa pagina da historia portugueza, nesta famosa batalha, correu o illustre general Mathias de Albuquerque grandes e iminentes perigos, aos quaes affrontou com heroico denodo. Acode aos pontos de mais renhida peleja, vóa em toda a linha do exercito, e neste desespero heroico perde o seu cavallo, e os inimigos lançam-se sobre elle. Então, vem em seu auxilio um dos seus officiaes, Henrique Lamarte, valente francez, defende-lhe a vida as cutiladas, e heroicamente despresando a sua, desmonta-se e offerece-lhe o seu cavallo. Revive a sanha do combate, peleja-se corpo a corpo, braço a braço, e o exercito hespanhol é derrotado, e a victoria vem coroar as armas portuguezas.

« A victoria de Montijo, diz o Sr. Pinheiro Chagas, teve uma influencia incalculavel, porque deu aos portuguezes confiança em si mesmos, e foi a bellicosa sanção do movimento de 1.º de Dezembro. »

Chegando a Lisbôa a noticia dos feitos de Montijo, a cuja gloria se associava o nome do illustre pernambucano Mathias de Albuquerque, foi ella festejada com pomposas e solemnes festas, e tal foi a importancia desta victoria das armas portuguezas, que El-Rei D. João IV a noticiou a todas as nações amigas, ufano de tão grande e esplendido triumpho, e lavrou um decreto conferindo a Mathias de Albuquerque, o heróe de Montijo, o titulo de conde de Alegrete, « como galardão do seu valor »

Neste mesmo anno de 1644, Mathias de Albuquerque passa-se a Olivença e a fortificou, e em 1646 foi pela terceira vez nomeado governador do Alemtejo, com a patente de capitão-general.

Terminou em fim a celebre guerra da restauração que firmou o throno e a independencia portugueza, e Mathias de Albuquerque fatigado, cansado e exausto de forças, pediu uma licença ao governo e recolheu-se a sua casa.

Bem pouco tempo, porém, logrou elle desse repouso nutriente e vivificador, a sombra dos louros de tantas e famosas victorias que alcançára. O ferro e a balas inimigas, sempre o respeitaram, e vinham submissas cahir a seus pés; mas accommettido de uma gravissima molestia, ante a qual todos os cuidados, todos os recursos da medicina foram improficuos, succumbiu este famoso heróe, honra e lustre desta terra aos 9 de Junho de 1647, na cidade de Lisbôa.

O seu cadaver foi sepultado em um jazigo na igreja da

Trindade, e o seu funeral foi celebrado com toda a pompa e solemnidade, prestando-se-lhe todas as honras inherentes ao seu titulo de conde, a sua patente de general e as suas condecorações e outros titulos.

Mathias de Albuquerque é um vulto monumental na historia do Brazil e de Portugal. « Elle mecereu a opinião que conseguiu, diz o conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, porque era valeroso sem jactancia, entendido sem desvanecimento, liberal por natureza e prudente por experiencia; e logrou no Brazil e em Portugal valerosas acções, com menos encarecimento do que mereceram. »

Mathias de Albuquerque Maranhão. Nasceu em Olinda. Era filho de Jeronymo de Albuquerque Maranhão e D. Catharina Pinheiro Feio, filha de Antonio Pinheiro e D. Leonor Guardes; pelo lado paterno era neto de Jeronymo de Albuquerque, e da india D. Maria do Espirito Santo Arco Verde.

Mathias de Albuquerque seguiu a vida militar, foi um dos voluntarios da expedição do Maranhão, acompanhou a seu pae, batalhou a seu lado, e como elle conquistou um nome que a historia honrosamente menciona. Datam pois os seus serviços de 1614, quando partiu para o Maranhão. Levada a effeito a restauração dessa capitania do poder dos francezes, Mathias de Albuquerque alli permaneceu em companhia de seu pae, que ficou dirigindo-a na qualidade de governador.

Em 1617 achava-se Mathias de Albuquerque no governo das aldeias de Cuma, pouco distante de S. Luiz, possuindo então a patente de capitão de infantaria. Ao tomar conta desse cargo, encontrou elle o aldeamento em completa desordem, o trabalho sem regularidade alguma, e os indios com muita altivez e assaz desconfiados da amizade dos portuguezes, *por se lembrarem das sinistras praticas dos seus primeiros hospedes*, na phrase de um chronista.

Procurou elle reduzil-os com suavidade á merecida confiança, diz Berredo nos seus Annaes, e o conseguiu com grande fortuna. Mandou levantar egrejas com a decencia que lhe foi possivel, e os indios penetrados da verdade catholica, não só publicamente reconheciam as conveniencias que tinham grangeado na mudança da sua sugeição, mas tambem se inclinavam com taes demonstrações ao culto divino, que cada dia davam maiores espe-

ranças do seu amor ao christianismo; e vivendo tão conformes, se empregavam todos na cultura do campo com geral utilidade. Obtido este resultado, ganha estas vantagens, e sem mais receiar dos indios, partiu para S. Luiz a chamado de seu pae para tratar de negocios importantes, deixando 30 soldados guarnecendo a aldeia.

Em sua ausencia, porém, levantaram-se os indios, mataram todos os soldados, e resolveram passar a Tapuytaperá, sublevar os indios d'ahi, e seguir depois á S. Luiz, onde com os Tupinambas sorprehenderiam a cidade, e a reduziriam a cinzas. No entretanto terminando Mathias de Albuquerque os seus negocios em S. Luiz, voltava para Cuma, e já se achava em Tapuytaperá, quando chegam os indios revoltosos. Immediatamente atacou-os com a pouca tropa que trazia, obrigando-os a retroceder em vergonhosa fuga; e com os soccorros que recebeu, marchou á perseguil-os, e em seu alcance caminhou 50 legoas, « com um nobre desprezo das asperezas do caminho, » conseguindo batel-os completamente; e então voltou embarcado para S. Luiz, á dar conta dessa inesperada empresa.

Em 1618, quando já não existia seu pae, e assumira ao governo da capitania seu irmão Antonio de Albuquerque, levantaram-se os indios Tupinambas, e caminhavam já pelo rio Gurupy a unir-se com os de sua tribu no Pará, quando chegou a S. Luiz a noticia desse facto; tomou então o governador a resolução de os atacar em sua marcha, « com a esperança de que venceria toda a difficuldade a bôa diligencia, maiormente quando por aclamação universal a encarregou a seu irmão Mathias de Albuquerque. »

A 24 de Agosto partiu a expedição, composta de 650 homens, e foi tal a sua marcha, « que venceu mais de 150 legoas pelas asperesas do sertão em tão pouco tempo, que até pareceu que não cabia nelle a mesma brevidade, quando se regulava pela conta dos dias. » Perto do Pará encontrou Mathias de Albuquerque o inimigo, e cahindo sobre elle destroçou-o completamente, salvando-se os poucos que abandonaram o campo da peleja e internaram-se pelos bosques; assim terminada a sublevação dos indios, depois de uma penozissima campanha de 4 mezes, regressou a expedição.

Deixando seu irmão o governo da capitania do Maranhão e seguindo para Portugal, Mathias de Albuquerque partiu para o Pará, e em 1619 assumiu ao governo dessa

capitania, por occasião do fallecimento do respectivo governador Jeronymo Fragoso, seu primo. Mathias de Albuquerque tomou posse do governo e o dirigiu sem duvidas nem reclamação alguma nos primeiros dias de Setembro; porém 20 dias depois depozeram-no, sob o futil pretexto de que não era valida uma provisão do primo depois de sua morte, a qual conferia-lhe o direito de o substituir em sua falta.

Dessa epocha até 1630, nada encontramos relativo a vida de Mathias de Albuquerque; então achava-se elle na Parahyba com seu irmão o governador Antonio de Albuquerque, quando chegou a noticia da invasão de Pernambuco pelas tropas hollandezas. Antonio de Albuquerque envia immediatamente um reforço em soccorro desta provincia, e nomeia commandante a Mathias de Albuquerque. Partiu pois o pequeno reforço para Pernambuco, e aqui chegando foi aquartellado na ermida de Santo Amaro de Agua Fria, perto de Olinda, cuja estancia lhe foi determinada. A 6 de Janeiro de 1631, teve Mathias de Albuquerque occasião de medir as suas armas com os hollandezes, no lugar chamado então Olariras, e hoje Santa, a meia legoa de Olinda, conseguindo vantajoso resultado.

Distinguindo-se já no Maranhão, como em Pernambuco, Parahyba e Itamaracá, Mathias de Albuquerque se retirou para Portugal após as conquistas dos hollandezes no Brazil, e depois voltou para o Rio de Janeiro, onde chegou em 1643, prestando ainda immensos serviços, como se vê do Alvará de 26 de Maio de 1649, confirmando a promessa, que, da commenda de S. Vicente da Figueira, do Mestrado de Christo, lhe havia feito El-Rei, «por haver assistido a tudo o que se offereceu, acompanhado de criados, desde 16 de Agosto de 1643, em que chegou aquella capitania, até 22 de Julho de 1646; e proceder sempre com satisfação.»

Mathias de Albuquerque se conservou no Rio de Janeiro até 1655, e muito concorreu para o apresto da armada que dalli partiu para a restauração de Angola, já com o donativo que fez de 400 crusados, como tambem por outros serviços que prestou, os quaes foram remunerados com o nomeação de governador da capitania da Parahyba, por carta patente de 20 de Agosto de 1656.

Partindo do Rio de Janeiro com destino a Parahyba, tomou posse do governo no dia 17 de Outubro de 1657, e

governou até o anno de 1663. Mathias de Albuquerque foi na ordem chronologica o 12.º governador e capitão general da capitania da Parahyba, e um dos que mais contribuiu para o seu augmento e prosperidade. A administração da justiça, a fortificação da praça, e o desenvolvimento da agricultura, mereceram-lhe particular interesse; e em quanto a esta ultima parte, basta dizer, que, achando apenas na praça dous engenhos de assucar, quando deixou a administração da capitania, elevava-se já esse numero a 42, e isso no curto espaço de 5 annos.

Daqui por diante nada mais sabemos da vida desse heróe; cremos, porém, que retirou-se á vida privada, e recolhendo-se ao seu engenho Cunhaú, no Rio Grande do Norte, ahi terminou os seus dias em 1685, já em avançada idade. Mathias de Albuquerque Maranhão, era fidalgo cavalheiro da casa real, commendador da commenda de S. Vicente da Figueira, da Ordem de Christo, e cavalheiro professo de S. Bento de Aviz.

Miguel Rodrigues Sepulveda. Nasceu na villa de Iguarassú e recebeu as aguas do baptismo na capella do engenho Novo da mesma villa a 21 de Abril de 1699; foram seus paes Carlos Teixeira de Azevedo, fidalgo cavalheiro da casa real, e sua mulher D. Catharina de Faria.

Fidalgo cavalheiro como seu pae, rico e abastado, educado digna e esmeradamente, Miguel Rodrigues Sepulveda desprendeuse de todas as grandezas do mundo, despresou elevadas posições a que podia attingir, foi ser padre, e foi sacerdote de virtudes singulares, e de uma vida a toda a prova exemplar. Passando o padre Antonio Fialho em missão pela villa de Iguarassú, as suas palavras e o seu exemplo, tocaram tão intimamente o coração do Padre Sepulveda, que foi espontaneamente unir-se aos Padres Manoel David dos Passos, André de Souza Sepulveda e Serafim de Souza, que inteiramente segregados do mundo formaram uma especie de retiro, onde se entregavam a todos os actos de piedade, cuidando do serviço de Deus e do bem espiritual do povo.

A resolução desses padres, os seus exercicios de devoção e piedade, e particularmente as suas virtudes, levaram algumas senhoras a formar uma especie de congregação religiosa em suas proprias casas, tendo como confesores e directores de sua vida espiritual, aquelles mesmos sacerdotes. Após 5 annos da mais exemplar vida pra-

ticada por essas senhoras, o Padre Sepulveda apprehendeu fundar uma casa apropriada em que ellas podessem viver em communidade, e assim melhor empregarem-se no serviço religioso a que se haviam votado.

Communicando o seu projecto ao Padre Gabriel Malagrida, missionario jesuita, incumbido da fundação de novos recolhimentos no Brazil, e recebendo a necessaria approvação e consenso para a sua empresa, o Padre Sepulveda espontanea e generosamente firmou uma escripturação de doação de todos os seus bens, constantes de varios predios e escravos, uma grande propriedade perto da villa de Iguarassú e uma fazenda de gados no sertão.

Não sendo sufficientes os bens que doára, quer para a fundação do recolhimento como para formar o seu patrimonio, o Padre Sepulveda unido com os seus companheiros resolveu acompanhar o Padre Malagrida em missão aos sertões desta e de outras capitanias, afim de agenciar donativos para coadjuvação da obra. Difficil e trabalhosa foi a jornada do Padre Sepulveda, mas elle superou heroica e resignadamente todas difficuldades, e depois de 1 anno de peregrinação voltou á Iguarassú, deu começo as obras do recolhimento, e no dia 1.º de Março de 1742, estavam ellas concluidas, e as senhoras faziam a sua entrada religiosa nesse novo monumento erguido a virtude e a piedade christã.

A solemnidade desse acto, narra um escriptor, foi sobremodo tocante. Formadas em communidade, acompanhadas do Padre Sepulveda, se dirigiram á igreja matriz dos Santos Cosme e Damião, confessaram e commungaram, ouviram uma pratica analoga ao acto, recitada pelo Padre Antonio Luiz de Sena Cavalcante, e depois seguiram em numero de 20 com o protector e fundador de sua nova casa, com os Padres companheiros do mesmo Sepulveda, com o vice-Vigario da freguezia, o Padre João Pereira Lima, e mais povo do logar, e assim entraram e tomaram conta da sua casa.

Vendo assim coroados os seus esforços, satisfeito por vêr realisada parte da sua empresa, o Padre Sepulveda tomou á si a direcção do estabelecimento, confeccionou os seus estatutos, prescreveu regras para o bom regimem do claustro, e prodigalisou outros beneficios. Pouco tempo depois, os créditos da casa deram-lhe grande affluencia de recolhidas, e em tão grande escala, que as suas modestas proporções já não permittiam accommodação para tanto.

O Padre Sepulveda tratou então da construcção de uma nova casa mais commoda e espaçosa, obteve avultadas esmolas, e no andamento da obra, elle proprio, acompanhado de seus escravos, ia as pedreiras, tirava com suas mãos as pedras necessarias, e no silencio da noite as conduzia para o recolhimento ; e depois de 5 annos de fadigas e trabalhos, sem desprezar os cuidados da direcção do estabelecimento, a idéa e realisação de uma outra empresa o absorvia inteiramente : a fundação de uma igreja para o mesmo recolhimento.

Passando a sua direcção aos cuidados dos seus companheiros, os preditos Padres, Sepulveda parte de novo para o sertão, agencia avultados donativos, conclue a situação de uma fazenda de creação, que havia começado o Padre Malagrida, e após 2 longos annos de trabalhos consumidos nessa peregrinação volta a Iguarassú, dispõe os materiaes para a obra, e em 1747 o bispo diocesano D. Frei Luiz de Santa Thereza lança a primeira pedra fundamental da nova igreja, sob a invocação do SS. Coração de Jesus.

Nomeado vice-Vigario da igreja parochial de Goyanna, o Padre Sepulveda obedeceu a determinação superior, partiu para alli, porém jámais se esqueceu de prodigalisar as religiosas todos os seus beneficios, e até os seus proprios benesses elle os remettia para sustento do refeitório. Terminando o seu vice-vicariato de Goyanna, o Padre Sepulveda regressa á Iguarassú, dedica-se todo á construcção da sua igreja, vel-a finalmente concluida, e a 30 de Janeiro de 1758, o bispo diocesano D. Francisco Xavier Aranha celebrava o acto solemne da sua sagração.

Assim, viu o respeitavel e virtuoso sacerdote, coroada a grandiosa empresa da fundação da igreja e recolhimento do SS. Coração de Jesus da villa de Iguarassú. Poucos homens tem tido uma dedicação tão pronunciada, e um zelo tão fervoroso no serviço de Deus, como o Padre Miguel Rodrigues Sepulveda, segundo um escripto á seu respeito. Na fundação da igreja e do recolhimento, elle consumiu os seus bens, suas forças e sua vida em fim, para receber de Deus a avultada recompensa, reservada aquelles que assim praticão.

Em 1768 falleceu o benemerito e virtuoso Padre Sepulveda, a sua sepultura foi regada de lagrimas e a sua memoria abençoada e santificada por todos aquelles a quem havia prodigalisado toda a sorte de beneficios, e

especialmente pelas recolhidas, que sentiram á sua morte, a perda irreparavel de um bom pae, e generoso protector.

Miguel do Sacramento Lopes Gama. Nasceu na cidade do Recife aos 29 de Setembro de 1791. Foram seus paes o Dr. João Lopes Cardoso Machado e D. Anna Bernarda do Sacramento Lopes Gama.

Dedicando-se a vida ecclesiastica, entrou em 1805 como noviço no mosteiro de S. Bento de Olinda, e depois seguiu para a Bahia, onde continuou o seu noviciado no mosteiro de S. Bento, ahi professou, e foi logo nomeado lente substituto de uma das aulas do curso daquelle mesmo convento.

Demorando-se algum tempo na Bahia depois de receber as ultimas ordens religiosas, regressou então á Pernambuco, e recolheu-se ao mosteiro de sua ordem na cidade de Olinda. Frei Miguel dedicou-se ao ministerio da predica, para o qual a natureza enriquecera-o de todos os dotes. Figura elegante, alto, bella physionomia, olhar radiante, palavra facile e eloquente, gesticulação e transportes naturaes, taes eram os dotes que distinguíam-no; e a tudo isso unindo a sua intelligencia vigorosa, e a illustração que ostentava em seus discursos, tornou-se um orador sagrado de primeira ordem, conquistou louvores e renome, e o titulo honorifico de pregador da Capella Imperial.

Em 1817 Frei Miguel do Sacramento recebeu do governador Luiz do Rego a nomeação de lente da cadeira de rhetorica do Seminario de Olinda, o que foi confirmado por Carta Regia de 20 de Setembro de 1821, e depois passou a ler a mesma cadeira no Collegio das Artes, na qual conservou-se até o anno de 1839, quando foi jubilado.

Nomeado em 1823 pela junta provisoria redactor do *Diario do Governo*, ficou dispensado do exercicio da sua cadeira; em 1824 foi nomeado director da Typographia Nacional, e pedindo a sua exoneração no anno seguinte, o governo respondeu-lhe em officio de 6 de Agosto, *que sentia não poder elle continuar na direcção da typographia, á prestar ao publico os uteis serviços que eram proprios do seu patriotismo, zelo e saber*; e em 1826 foi nomeado visitador das aulas primarias e secundarias da capital, e director do Lyceo.

De 1829 a 1831, Frei Miguel empenhou-se na sustentação das liberdades publicas, defendendo com toda a elo-

quencia que lhe era propria, na gazeta—*O Constitucional*, a monarchia constitucional representativa, contra as idéas absolutas de uns, e as democraticas de outros.

Terminada a luta dos partidos que então agitavam o Imperio, com a abdicação de D. Pedro I, dissolveu-se a sociedade absolutista do Recife—*A Columna*, e Frei Miguel do Sacramento tomando por assumpto a sua iniciativa politica, escreveu um interessante poema em quatro cantos, intitulado—*A Columneida*, em estylo heroi-comico, e abreviada, mas engraçadamente, historiou a vida da *Columna*, discrevendo ao mesmo tempo os seus filiados. O Padre Marinho Falcão, escreveu então um poema rebatendo a *Columneida*, e denominou-o—*Migueleida*, no qual, segundo informações de pessoas dessa epocha, exclusivamente se occupou de Frei Miguel; mas não publicou o seu poema, e consta mesmo que o lançára ás chammas dias antes de sua morte.

A instrução publica teve em Frei Miguel um apostolo dedicado e zeloso. Como mestre, elle sabia infundir aos seus discipulos o respeito e o amor, e em jorros de eloquencia, inflammava-os e transmittia-lhes claramente toda a riqueza de sua proficiencia nas materias que leccionava; e como escriptor, ali corre como padrão de seu amor e dedicação pelo magisterio, as suas obras, variadas em assumptos, bellas na forma e contextura.

Além dos seus trabalhos para o magisterio, a educação em geral, mereceu-lhe tambem particular attenção, assim como o estudo das sciencias e litteratura; e na propagação dos bons costumes e da moral, e no combate do vicio e dos crimes, elle foi incansavel, manejando então a arma do ridiculo muitas vezes, á critica quasi sempre.

Tornado o ultimo arrimo de sua familia, Frei Miguel impetrou da Santa Sé breve de secularisação, e deixou o habito de religioso beneditino. Recebendo em 10 de Novembro de 1839 a sua jubilação da cadeira de rhetorica, occupou depois varios cargos, taes como a vice-directoria do Curso Juridico de Olinda, em 1841 foi nomeado professor da cadeira de eloquencia nacional e litteratura do Lyceo do Recife, passou em 1843 a reger a de lingua nacional, e em 1848 foi removido para a de rhetorica; em 1850 foi nomeado director do mesmo Lyceo; em 1834 foi nomeado director do Collegio dos Orphãos, e em 1851, director geral dos estudos. Em todos estes cargos, Frei Miguel foi sempre o typo do empregado zeloso e intelligente, prestou a

causa da instrucção publica serviços reaes e valiosissimos, mas em todo esse afanoso trabalho, consagrava ardente culto ás lettras, e os productos do seu trabalho fallam bem alto do seu merecimento.

Deputado á assembléa provincial de Pernambuco, eleito em 1852 representante da provincia das Alagoas no parlamento nacional, o Padre Lopes Gama não desmentiu do honroso mandato que lhe fôra confiado, e correspondeu plenamente a sua missão de representante do povo.

No Rio de Janeiro, publicou no *Marmota Fluminense*, do anno de 1852, uma serie de artigos sob o titulo—*O philosopho provinciano na corte a seu compadrena provincia*, artigos estes muito applaudidos e apreciados. Os primeiros, tratam da cidade do Rio de Janeiro, seus usos e costumes, civilisação, etc.; e os ultimos, da litteratura, especialmente sobre a questão do classismo e romantismo, e sobre o theatro, ostentando nesse trabalho uma riqueza de erudição e conhecimentos immensos; e no mesmo jornal, publicou tambem algumas producções poeticas, sob o pseudonymo—*O Solitario*, e um artigo sob o titulo—*A mulher e o seu character*.

Nas columnas do *Diario de Pernambuco*, muito escreveu, e entre os seus artigos ali publicados, notam-se, uma *Traducção da 7.^a meditação de Lamartine-Bonaparte*, em o numero de 11 de Outubro de 1841, e sob o titulo *Litteratura*, uma serie de artigos litterarios, em os numeros de 8 de Junho a 17 de Setembro de 1836. Dos seus trabalhos publicados, encontramos os seguintes:

Memoria sobre quaes são os meios de fundar a moral de um povo. Trad. do francez do Conde de Destutt de Tracy. Pernambuco, typ. Fidedigna, 1831.

A Columneida. Poema heroi-comico em quatro cantos. Pernambuco, typ. Fidedigna, 1832.

Refutação completa da pestilencial doutrina do interesse, propalada por Hobbes, Hobac, Helvecio, Diderot, J. Bentham, e outros Filósofos sensualistas e materialistas, ou introdução aos princípios do Direito Político de Honório Torombert, (trad.) Recife, typ. de M. F. de Faria, 1837.

Princípios geraes de Economia Publica e Industrial, em forma de conversações, por P. H. Suzanne. (trad.) Pernambuco, typ. de M. F. de Faria, 1837.

A religião christã demonstrada pela conversão e apostolado de S. Paulo, por Lytelton. (trad.) Pernambuco, typ. de M. F. de Faria, 1839.

Novo curso de philosophia redigido segundo o novo programma para o bacharel em lettras. Trad. do francez de E. Géruez. Pernambuco, typ. de M. F. de Faria, 1840, (2.^a edic.)

Codigo criminal pratico da simi-republica de Passa-mão na Oceania, organizado segundo os principios do projecto da Constituição—republico-demagogico—do Dr. Marche-marche. Pernambuco, typ. de M. F. de Faria, 1841.

Este escripto não traz o seu nome, mas geralmente lhe é attribuida a sua autoria.

A pharpeleida, ou principio, meio e fim das filhas de Jeruzalem, com seus visos de poema. Pernambuco, typ. Imp. de L. I. R. Roma, 1841.

Este escripto está nas mesmas condicções que o antecedente.

Lições de eloquencia nacional. Rio de Janeiro, typ. Imparcial, 1846, 2 vol.

Desta obra ha uma segunda edição impressa em Pernambuco, na typ. de Santos e Comp., em 1851.

Observações criticas sobre o romance do Senhor Eugenio Sue, o Judeu errante. Pernambuco, typ. de Santos e Comp., 1850.

Hum lição academica sobre a pena de morte. Trad. do italiano de Carmignani. Pernambuco, typ. de M. F. de Faria, 1850.

Dos deveres dos homens. Discurso dirigido a um mancebo. Trad. do italiano de Silvio Pellico. Pernambuco, typ. de M. F. de Faria, 1852. (2.^a edic.)

Selecta classica para leitura e analyse grammatical nas escolas de instrucção elementar, e para analyse oratoria e poetica nas aulas de rhetorica. Pernambuco, typ. de Santos e Comp., 1866, 2.^a edic.

Estes trabalhos que vimos de enumerar, os seus artigos de collaboração nos diversos jornaes desta provincia e da corte do Imperio, e o seu jornal—*O Carapuceiro*, são titulos que bastam á conferir ao illustre sacerdote, lugar muito elevado entre os litteratos e jornalistas do Brazil. O seu jornal *O Carapuceiro*, cuja publicação começou a 7 de Abril de 1832, é um dos periodicos mais interessantes que tem sido publicado nesta provinca. Pequeno, constando apenas de 4 paginas, e sahindo uma vez por semana, o *Carapuceiro* era lido com interesse e avidez, pelos seus variadissimos artigos sobre politica e litteratura, primando

os de educação, moral e critica, além de uma secção de variedade, constante de poesias, anedotas, contos e outros escriptos desse genero.

Consagrou, pois, o Padre Lopes Gama a sua vida que attingiu a idade de 65 annos, as lettras, a educação da mocidade, a patria e a humanidade. Não cabe no resumido espaço do plano adoptado nesse nosso trabalho, particularisar todos os actos de sua vida; procuramos de preferencia tornar mais saliente os de sua vida publica, e os seus trabalhos litterarios, isto é, simples datas e sua enumeração.

E o que lhe coube como galardão de tantos serviços, que premios, que remuneração teve esse apostolo da instrucção publica, esse litterato distincto, esse sacerdote e pregador illustradissimo? Viver na mais excessiva pobreza, e com as honras de conego e pregador da Capella Imperial, e a commenda da Ordem de Christo!!...

O Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, falleceu aos 9 de Dezembro de 1852, e o seu cadaver foi sepultado no Cemiterio Publico da cidade do Recife.

N

Nicoláo Paes Sarmento. Nasceu na villa do Cabo de S. Agostinho, em meiado do seculo XVII. Foram seus paes Francisco Paes Sarmento e D. Maria Francisca Coelho.

Fazendo em Pernambuco os estudos necessarios á vida ecclesiastica, ordenou-se sacerdote, seguiu depois para Portugal, matriculou-se na Universidade de Coimbra, doutorou-se em canones.

Creando-se por esse tempo o bispado de Pernambuco, foi o Dr. Sarmento investido da dignidade de deão da cathedral de Olinda, exercendo tambem os cargos de provisor do bispado, de vigario geral e visitador.

Rompendo a guerra dos Mascates em 1710, e subindo ao governo da capitanta o bispo diocesano D. Manoel Alvares da Costa, tornou-se o alvo das injurias dos masca-

tes, que pretendiam erigir o Recife em villa. Nestas circumstancias, o deão Dr. Sarmiento convoca o clero, e propõe-lhe a creação de um batalhão sagrado para a guarda e defesa do prelado, e aceita a idéa, foi creado o batalhão, e elle investido da dignidade de coronel commandante.

O Dr. Sarmiento pelo seu talento e illustração, e por sua influencia e criterio, tornou-se o braço direito e conselheiro do bispo. A' frente de seu batalhão composto de todos os clerigos, com seus escravos, e de grande parte das principaes pessoas desta capitania, deste batalhão que na phrase do padre Joaquim Dias Martins, *tanto electrizou as tropas seculares da nobreza, e que a elle deve-se em grande parte os triumphos daquella guerra*, dir-se-hia que o Dr. Sarmiento era um homem affeito as lutas marciaes, e não um sacerdote.

Ao romper a guerra, o bispo delegou o Dr. Sarmiento ao campo dos Mascates no Recife, pedindo-lhes que depuzessem as armas; mas os inimigos prendem o emissario, e depois fazem-o voltar a Olinda, sem nada decidirem.

« Orador terrivel, diz o padre Dias Martins, mas fecundissimo, da patria e nobreza; flagello infatigavel de Mascates e europeos; compositor do primeiro volume das memorias daquella guerra, e do violento manifesto, appenso ao mesmo volume, diz finalmente a tradição que em todo o restante da sua vida, erguia-se de madrugada, accendia velas, e, olhando do alto de Olinda para o Recife, o excomungava, depois da imprecação — *maldito, ainda não estás submergido nas entranhas do abysmo*: — tal era a perpetua indignação deste sublime pernambucano.»

O Dr. Nicoláo Paes Sarmiento era incansavel em empregar todos os meios a seu alcance, para terminar essa lucta de sangue, que portantos annos enlutou e devastou esta provincia. O seu braço, a sua pena, a sua eloquencia, taes foram os meios que empregou nessa lucta que sustentou. Mas, viu a causa pernambucana por terra, e o triumpho dos mascates, e o martyrio dos seus irmãos, victimas do odio dos seus inimigos.

A historia da guerra dos Mascates, ainda está por escrever, mas o que nos legou o Dr. Nicoláo Paes Sarmiento nas suas memorias, e o pouco que existe escripto, é sufficiente, é demais, para tornar execranda, para cobrir de maldições a memoria dos verdugos que tanto nos martyrisaram conservando-nos sob o jugo do mais atroz despotismo.

Renunciando a sua dignidade de deão da cathedral de Olinda, entrou na ordem carmelitana, e professou no convento do Recife aos 24 de Fevereiro de 1724 tomando o nome religioso de Frei Nicoláo de Jesus Maria José.

Illustre e respeitavel sacerdote, foi elle o primeiro deão da nossa cathedral, e um dos mais sabios e virtuosos que tem exercido esse cargo. Dez annos depois de professar, falleceu esse luminar do clero pernambucano, esse varão illustre, esse martyr da patria, no dia 1.º de Maio de 1734, sendo sepultado nos jazigos do convento de Nossa Senhora do Carmo do Recife.



Ovidio da Gama Lobo. Nasceu na cidade do Recife em 29 de Setembro de 1836. Foram seus paes o coronel João Baptista Pereira Lobo e D. Maria Thomasia Nunes da Gama Lobo.

Encetando os seus estudos preparatorios ainda bem creança, Ovidio da Gama Lobo revellou-se uma verdadeira esperança para as lettras, não só pela sua applicação e progressos, como pelos fructos que já apresentava da sua intelligencia e amor ao trabalho, fazendo muitas traducções para o *Diario de Pernambuco*, escrevendo artigos litterarios para pequenos jornaes que corriam entre os estudantes, e publicando a traducção de um opusculo de Charmá sobre *o somno*. Matriculando-se na Faculdade de Direito em 1854, atirou-se dedicadamente aos estudos, fez brilhantes progressos, e conquistou não só a estima e consideração dos seus condiscipulos, como tamhem dos seus mestres, principalmente dos Drs. João José Ferreira de Aguiar, Braz Florentino Henriques de Souza e Joaquim Villela de Castro Tavares, que não duvidavam receber o jovem academico á uma verdadeira e intima convivencia litteraria.

Em quanto seguia o curso academico, Ovidio da Gama entregou-se a outra serie de estudos, cujas producções deu publicidade. Foi por esse tempó que elle traduziu do fran-

cez uma obra de direito criminal, sobre a qual lhe escreveu uma honrosissima carta o Sr. conselheiro Aguiar, a quem offereceu esse trabalho, ao mesmo tempo que escrevia para os diversos jornaes academicos, entre elles o *Atheneu Pernambucano* e *Ensaio philosophico*, a cujas associações pertencia; e tratava com outros companheiros da fundação de um *Monte Pio Academico*, que se propunha manter a um certo numero de estudantes pobres; e collaborava com assiduidade no jornal catholico *O Progresso*, merecendo por seus bellissimos escriptos do sabio arcebispo D. Romualdo, marquez de Santa Cruz, e do venerando bispo de S. Paulo, D. Antonio Joaquim de Mello, honroso acolhimento e animação, externados em estreita e continuada correspondencia.

Assim, entregue inteiramente aos seus estudos, e aos mais acurados trabalhos litterarios e scientificos, passou elle os 5 annos do curso de direito, e ao terminal-os, quando os seus collegas de anno tiveram de eleger um d'entre elles que representasse a nova pleiade de bachareis na solemnidade da collação do gráo, na fórma dos estatutos então em vigor, o seu nome foi quasi que aclamado. Aceitara essa honrosa incumbencia dos seus collegas, Ovidio Lobo recebeu com elles o gráo de bacharel em direito, aos 28 de Novembro de 1858, e o notavel discurso, que por essa occasião proferiu e corre impresso na *Aurora pernambucana*, em seu numero 15 desse mesmo anno, dá testemunho do modo porque se houve no desempenho desse honroso mandato.

Poucos dias depois de formado, a 5 de Dezembro, foi nomeado pela presidencia, para interinamente exercer as funcções de promotor publico da comarca da capital, e no curto espaço que desempenhou este cargo, « fez-se bem conhecido na tribuna judiciaria, pelas accusações que teve de sustentar perante o Jury, as quaes foram modelos de bom senso, de justa moderação e de consciencioso escrupulo no exame e apreciação das provas. » Nomeado delegado de policia da capital em 15 de Janeiro do anno immediato, 1859, pouco tempo exerceu esse cargo, porque o Decreto de 31 desse mesmo mez, nomeou-o secretario da presidencia do Ceará, seguindo em breve á tomar conta do seu novo cargo. Removido por Decreto de 27 de Agosto de 1859, para igual emprego na provincia do Maranhão, entrou em exercicio, e pelo longo espaço de 12 annos que dirigiu os trabalhos da secretaria da presidencia daquella

provincia, o Dr. Ovidio revellou-se funcionario integro e illustrado, gosou da inalteravel confiança de quantos administradores se succederam, e se recommendou pelos seus serviços, circumspecção e elevado merecimento.

Jornalista imparcial e de merito superior, redactor de uma das principaes folhas da provincia *O Publicador Maranhense*, «traduzia a sua linguagem na imprensa os dotes singulares do seu coração, nunca foi impetuoso, arrebatado e severo, e sabia revestir a censura em fórmulas de extrema delicadesa, evitando cuidadosamente descer do dominio dos principios e das idéas para o campo estreito das recriminações pessoasas. »

Cidadão prestante e patriota, o seu interesse era immenso em tudo que tendia ao bem estar e desenvolvimento do paiz, e por occasião da guerra do Paraguay, consagrando o jornal que redigia á iniciar, estimular e promover o generoso movimento da desaffronta dos brios nacionaes, deve-se-lhe em muito o nobre enthusiasmo com que a população do Maranhão correu á alistar-se nas fileiras dos defensores da honra e do brio nacionaes; e quasi que aos seus esforços, a fundação da associação emancipadora—*Vinte e oito de Julho*.

Se como funcionario publico, cidadão e jornalista occupou o Dr. Ovidio da Gama Lobo lugar muito distincto, não menos se recommendou como escriptor, como attestam os seus numerosos trabalhos em uma curta vida de 35 annos. Deixando de parte os seus escriptos nos diversos jornaes em que collaborou, os quaes mencionamos, publicou elle as seguintes obras :

O somno, por A. Charmá. (trad.) Pernambuco, 1854.

Metaphysica da sciencia das leis penaes, por Luiz Zupetta. (trad.) Recife, 1856.

Os Jesuitas perante a historia. Maranhão, typ. Constitucional, 1860.

Indice alphabetico das leis, decretos, avisos e consultas do Conselho de Estado sobre as Assembléas Provincias. Maranhão, typ. do Frias, 1861.

Direitos e deveres dos estrangeiros no Brazil. Maranhão, 1861.

Honrosamente acolhido os seus trabalhos por toda a imprensa do paiz, merecendo bellissimos artigos encomiasticos, elle ainda tinha muito que fazer, trabalhava incessantemente, quando a morte o surpreendeu ainda cheio de vida. O Dr. Ovidio da Gama Lobo falleceu na cidade de

S. Luiz do Maranhão, aos 19 de Setembro de 1871, e o geral sentimento que acompanhou o seu cadaver á ultima jazida, as manifestações de apreço que prestaram a sua memoria os empregados da sua secretaria, não consentindo que as despesas do seu funeral corressẽem por conta da familia, e tomando luto por 8 dias, os quaes em sua vida lhe haviam offertado o seu retrato a oleo em riquissima moldura, e os artigos que por essa occasião teceu a imprensa, lamentando a sua perda e fazendo justiça ao seu merecimento, serviços e virtudes, são eloquentes testemunhos do que valia e prestava o illustre Dr. Ovidio da Gama Lobo.

P

Frei Paulo de Santa Catharina. Nasceu na cidade de Olinda em 1574, e foram seus paes D. Felipe de Moura, que foi capitão-mór e governador de Pernambuco, e D. Genebra Cavalcante; pelo lado paterno era neto de D. Manoel de Moura e D. Joanna de Bulhões, e pelo materno de Felipe Cavalcanti, fidalgo florentino, e D. Catharina de Albuquerque, todos de mui nobre e illustre geração.

Na idade de 20 annos, Frei Paulo de Santa Catharina, que então chamava-se D. Paulo de Moura, contrahiui matrimonio com sua prima D. Brites de Mello, de cujo consorcio teve uma unica filha. Dous annos depois perdeu a esposa, e esse golpe fatal o feriu tão sensivelmente, que desvaneceram-se-lhe as illusões da vida e as aspirações do seu futuro; e elle tudo sacrificou á sua dôr, e procurando um retiro, e inteiramente isolado, passou assim os primeiros tempos da sua viuvez. Quando appareceu, viram-no encaminhar os seus passos para o convento de S. Francisco de Olinda, e no dia 29 de Setembro de 1596, o jovem fidalgo D. Paulo de Moura, fazia a sua profissão religiosa, tomando o nome de Frei Paulo de Santa Catharina.

Elle não havia attingido ainda os seus 22 annos de idade. Moço, abastado de bens da fortuna, ligado as mais im-

portantes familias da capitania, principalmente áquella que dirigia os seus destinos, a dos donatarios, elle tudo sacrificou, mocidade, nobresa, fortuna e posição social em fim. Mas este passo ainda não satisfiz a medida dos seus desejos, elle foi mais além, deixou a terra da patria, parentes e amigos, embarcou para Portugal e se recolheu á casa capitular da sua ordem, em Lisboa. Foi então admittido ao collegio, fez os seus estudos regulares, assumiu ao sacerdocio, e pouco depois, attendendo os seus superiores os seus merecimentos e virtudes, confiaram-lhe a guardiania do convento de N. S. da Conceição de Catanhe-de, e depois a do de S. Antonio da Merciana.

No capitulo celebrado pela Provincia a 14 de Janeiro de 1617, Frei Paulo de Santa Catharina sahiu eleito custodio da Provincia do Brazil, e assim, depois de uma ausencia de mais da 20 annos, voltou á Pernambuco e entrou no exercicio do elevado cargo que lhe fôra confiado. Frei Paulo começou então a visita da custodia, « cuidando dos subditos com exacta vigilancia e religioso desvelo, mas dirigindo tudo com prudencia, mansidão e acerto, e ao mesmo tempo que mostrava para com todos em geral um natural agrado, urbanidade, cortezia e attenção, sabia fazer-se respeitar e obedecer. Abriu um curso de estudos em 1617, cuidando do bem espirital de sua ordem, do aperfeiçoamento material dos conventos e especialmente do que respeitava ao culto, e reedificou a capella-mór da egreja de S. Francisco de Olinda. Concluindo com acerto, prudencia e religião o seu governo, diz Frei Jaboatão, nem a patria, nem as estimações o poderam persuadir a que ficasse na custodia, e entre os seus, antes com estranha resolução se embarcou para o reino, entregando-se resignado ás contingencias de tão incerta e perigosa viagem. »

Chegando a Portugal, e *quando foi tempo de premiar os seus trabalhos e justo merecimento*, elegeram-no guardião do convento de S. Antonio de Castanheira, onde entregou-se ao infadonho trabalho de organizar o cartorio do convento, o que lhe valeu a patente de chronista da sua ordem. Frei Paulo de Santa Catharina falleceu no anno de 1620, e foi sepultado no mesmo convento de Castanheira, onde ainda exercia as funcções de guardião.

Além de ter sido um dos famosos pregadores do seu tempo, na phrase do Padre Jaboatão, foi ao mesmo tempo um religioso de vida exemplar, pelas suas qualidades pessoais e pela austeridade de sua vida; como subdito, foi o

typo da obediencia, da humildade e da modestia, e como prelado, o da caridade, complacencia e urbanidade, edificando com o bom exemplo e exercicio de obras meritorias, e governando com prudencia, acerto e rectidão.

Frei Paulo de Santa Catharina foi um dos nobres ascendentes do Marquez de Pombal, pois de sua filha D. Maria de Mello, casada com Francisco de Mendonça Furtado, nasceu D. Mayor Luiza de Mendonça, a qual casou com D. João d'Almada de Mello, de cujo consorcio nasceu D. Thereza Luiza de Mendonça, que casou com Manoel de Carvalho de Atayde, paes de Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras e Marquez de Pombal, o celebre estadista e ministro de El-Rei D. José I.

Pedro de Albuquerque. Nasceu em principios do seculo XVII, e foram seus paes Pedro de Albuquerque e D. Catharina Camello.

Pedro de Albuquerque assentou praça em 1626, e quando os holandezes invadiram esta provincia em 1630, já elle occupava o posto de capitão da villa de Serinhães, donde partiu para o Recife com uma pequena força que pôde reunir, em numero de 50 homens, e veio tomar parte na guerra; e começou logo a manifestar tão briosamente o seu merecimento e bravura militar, que em 1632 foi incumbido do commando do forte do Rio Formoso, que acabava de ser construido.

Tão importante fortificação pela posição que occupava, destinada não só a defender o porto e a villa, como tambem á impedir a continuação dos ataques e presas aos navios e outras embarcações por aquelle lado, ia de encontro aos interesses dos inimigos, e assim deliberaram logo a sua tomada, e para isso aprestaram uma esquadilha de 10 navios e 15 lanchas, conduzindo 500 homens sob o mando do general Segismundo Van Schkoppe.

No dia 6 de Fevereiro de 1632 fundeou a esquadilha a uma legua ao sul da barra do Rio Formoso, desembarcou parte da tropa, e guiada por Calabar marchou a atacar o forte por terra, em quanto a esquadilha partiu para o investir por mar.

O forte era uma insignificante fortificação, e tão imperfeita, que segundo Brito Freire servia antes de atalaia, que de defesa; era artilhado por 2 pequenas peças de ferro de calibre 4 e 6, e guarnecido por 20 homens sob o commando do capitão Pedro de Albuquerque.

Na madrugada do dia 7, em plena escuridade, atacam inopinadamente o fraco reducto. Pedro de Albuquerque vê-se cercado por todos os lados, sem esperança alguma de receber soccorro, e dispondo apenas de 20 homens, bate-se heroicamente, repelle o inimigo muitas vezes, mata-lhes 80 soldados e quando cahia por terra o seu ultimo soldado, e quando elle proprio achava-se ferido mortalmente, cessa a resistencia do forte, entram os hollandezes !

« Jamais houve soldados que cumprissem melhor o seu dever, do que este punhado de bravos, diz Netscher, historiador hollandez ! Intimado para render-se o intrepido commandante respondeu que defender-se-hia até o ultimo alento, e com effeito resistiu a 4 assaltos consecutivos. Dos 20 soldados que tinha 19 fizeram-se matar ; o vigesimo, ainda que ferido, atravessou o rio a nado, escapou assim aos vencedores, que encontraram no forte o commandante Pedro de Albuquerque estendido ao lado de seus 19 bravos : tinha recebido um tiro de mosquete no peito. Os nossos, assombrados e commovidos de tanto heroismo, prodigalisaram-lhe soccorros, aos quaes esse official deveu o seu restabelecimento.

« Não sei eu quando a fidelidade portugueza se viu mais apurada, diz Frei Raphael de Jesus, nem quando a paciencia militar mais sóffrida ; nunca o valor dos homens sobressahiu mais esclarecido que nesta occasião. Tudo quanto a antiguidade nesta materia nos deixou escripto para assombro, chegará quando muito a ser sombra do que escrevemos.

« A defesa foi heroica, diz Varnhagem, e constitue entre nós uma lenda, semelhante a do passo das Termopilas entre os gregos. »

A tamanho rasgo de valor e heroismo, não foram indifferentes os vencedores. Pedro de Albuquerque, que jazia agonisante estendido sobre a praça do forte, ao lado de seus companheiros, foi cuidadosamente transportado para o Recife, onde foi desveladamente tratado pelos hollandezes, « e assim lhes veio elle por derradeiro a dever a salvação da vida. »

Salvo e completamente restabelecido, foi mandado para as Indias, sob a palavra de não tomar armas contra a Hollanda. Das Indias seguiu para a Hespanha, e d'ahi passou-se a Portugal, cujo resgate valeu-lhe o bellicoso feito do Rio Formoso, patenteando desta maneira El-rei D.

João IV, o seu reconhecimento e homenagem áquelle que immortalisando e nobilitando o seu nome, immortalisára e nobilitára também o de sua patria.

Em Portugal foi Pedro de Albuquerque encorporar-se ao exercito, e tomou parte na famosa guerra da restauração, e batalhando em varios encontros e ataques contra os hespanhóes, deu novas e brilhantes provas do seu valor e intrepidez.

De Portugal partiu Pedro de Albuquerque commandando uma companhia que marchou em soccorro do Rio de Janeiro, alli permaneceu algum tempo, e seguiu depois para a metropole, donde ainda voltou á mesma capitania conduzindo tropas, na qualidade de almirante dos navios que trouxeram o governador do Rio de Janeiro, onde se demorou em serviço anno e meio. Nomeado capitão-mór de uma frota de 28 navios que d'alli partiu para Portugal, Pedro de Albuquerque seguiu para a Europa, recebendo então de El-Rei D. João IV, a incumbencia do governo geral do estado do Maranhão e Grão-Pará, que acabava de ser creado, por Carta Regia de 4 de Setembro de 1642, «*por folgar por todos os seus serviços de lhe fazer honra, acrescentamento e mercê,*» assim como também conferiu-lhe o habito da Ordem de Christo, e depois o fôro de fidalgo de sua real casa.

Foi, pois, o nosso illustre comprovinciano o primeiro nomeado para o governo do novo estado, a cuja honra se juntava a confiança da missão de expellir os hollandezes e recuperar aquelle estado do seu poder.

Aos 29 de Abril de 1643 partiu Pedro de Albuquerque de Lisbôa em demanda do Brazil e a 13 de Junho avistou terras do Maranhão, mas não conseguindo entrar no porto por falta de pratico, fez prôa para o Pará, onde pelo mesmo motivo foi encalhar na restinga de um banco de areia.

Lançaram-se ao mar o escalor e a lancha, refere um escriptor, e acudio com duas canôas, em que andava á pesca na vizinhança do banco, Pedro da Costa Favella. Fez Pedro de Albuquerque embarcar 33 pessoas, entre as quaes algumas mulheres e religiosos, com ordem de desembarcados na primeira praia, voltarem incontinentemente as quatro embarcações para proseguirem na conducção da restante gente. Mas o furor das ondas com a enchente da maré tinha crescido tanto que na volta uma das canôas não podendo rompel-as, arribou á terra, e a outra embatendo, e arrombando-se por varias partes no costado do navio, a

desampararam os remeiros. Comtudo chegaram a lancha e o escaler, e em ambos embarcando Pedro de Albuquerque e as pessoas que couberam, salvaram-se com elle 40. Tudo o mais pereceu lastimosamente. Recolhido á ilha do Sol, onde descansou alguns dias, fez d'ahi a sua entrada solemne na cidade de Belem, onde tomou posse do governo no dia 31 de Julho do predito anno, com reaes applausos dos seus habitantes.

Pedro de Albuquerque, diz Berredo, chegou a cidade de Belém tão opprimido, que mal podia sustentar o peso do governo em uma conjunctura tão cheia de occurrencias as mais trabalhosas pela visinhança das armas inimigas; porém excedendo ás suas mesmas forças, mostrava bem nas promptas providencias, assim politicas, como militares, as louvaveis virtudes que o habilitaram para aquelle emprego; e sem que faltasse á correspondencia que se entretinha ainda com os hollandezes do Maranhão, na conformidade da primeira proposta do seu governador, acudiu logo a necessidade do capitão-mór Antonio Teixeira de Mello com diferentes soccorros, principal objecto do seu grande cuidado.

Porém bem pouco tempo lhe restava de vida. Conhecendo pelo seu estado de saúde que se aproximava o termo da sua existencia, Pedro de Albuquerque nomeou para lhe succeder no governo a Feliciano Corrêa, tendo por adjunto o sargento-mór Feliciano Coêlho de Carvalho, e no dia 6 de Fevereiro de 1644 tendo apenas de governo pouco mais de 6 mezes, exhalou o derradeiro suspiro. A pompa e honras funebres que lhe tributaram os paraenses, foram dignas do heróe que pranteavam; o seu cadaver foi sepultado na capella-mór da egreja do convento do Carmo.

Pedro de Araujo Lima, Marquez de Olinda. Nasceu no engenho Antas, em Serinhãem, aos 22 de Dezembro de 1793, e aos 3 de Março do anno seguinte recebeu as aguas do baptismo na capella do engenho Goyanna, pertencente a mesma comarca. A data do seu nascimento tem sido um ponto controverso entre os seus biographos; mas a que vimos de apresentar, é de uma autenticidade incontestavel, pois consta da sua propria certidão de baptismo, publicada no *Diario de Pernambuco* de 16 de Julho de 1870.

Filho do capitão Manoel de Araujo Lima, commandante do districto de Serinhãem, e D. Anna Teixeira Cavalcanti, neto paterno do sargento-mór Antonio Casado Lima e D.

Margarida Bezerra Cavalcanti, e materno, do coronel Pedro Teixeira Cavalcanti, e D. Luiza dos Prazeres Cavalcanti, o Marquez de Olinda, segundo o Sr. Dr. Mello Moraes, descendia em linha recta da nobilissima familia dos Barbosas Correia de Araujo, de Ponte de Lima, na provincia do Minho em Portugal, que se passaram para Pernambuco com o donatario Duarte Coelho, e que, trazendo comsigo os seus haveres, se foram estabelecer nas terras das Alagoas, hoje provincia do mesmo nome, sendo elles os seus primeiros povoadores, e onde ainda existem os ramos desta antiquissima familia, que se espalhou nos primeiros tempos do Brazil, por Pernambuco e pela Bahia.

Destinado á carreira das lettras, fez os seus estudos de humanidades em Olinda, seguiu para Portugal em 1813, matriculou-se na Universidade de Coimbra, e em 1816 recebeu o diploma de Doutor *in utroque jure*, e em 1820, foi despachado ouvidor da comarca de Paracatú, em Minas-Geraes; mas não chegou a tomar posse desse cargo, em virtude do mandato de deputado as côrtes constituintes de Lisboa, como representante de Pernambuco.

Tomando assento na assembléa em 1821, Araujo Lima «defendeu com vigor os direitos do Brazil; mas desde esse tempo distinguindo-se pela moderação e pelo respeito e obediencia ao poder legal, assignou como outros illustres deputados brasileiros a constituinte portugueza, não acompanhando aquelles que mais melindrosos e ardentes em seu patriotismo negaram-se a fazel-o, ou se retiraram da constituinte e de Portugal.»

Em 1823 embarcou para a Inglaterra, donde voltou para o Brazil, e chegando ao Rio de Janeiro em 30 de Abril, achou-se eleito deputado a constituinte brasileira, e a 3 de Maio tomou assento na camara.

O mesmo ardor e dedicação pela causa do engrandecimento do Brazil, que ostentara o deputado portuguez, ostentava agora o deputado brasileiro. A sua attitudo na assembléa, as suas idéas politicas moderadas, a lealdade de seu character, as suas luzes e prestigio, revellaram o homem de governo; e assim, dissolvida a constituinte, foi chamado ao ministerio com a pasta do imperio. Araujo Lima recusa, protestando a sua mocidade e inexperiencia dos negocios publicos e administrativos, e a falta de conhecimentos politicos e luzes necessarias; o Imperador insiste, elle accita por fim, mas 3 dias depois apresenta a sua demissão.

Desgostoso do acto violento da dissolução da constituinte, afastado dos negocios politicos, emprehendeu uma viagem á Europa, visitou alguns paizes, e voltando em 1827, tomou assento na camara e occupou a cadeira de presidente. Araujo Lima foi então chamado ao ministerio, e occupou a pasta do imperio de 15 de Novembro de 1827 a 15 de Junho do anno seguinte.

Reeleito deputado a assembléa geral na segunda e terceira legislaturas, occupou de novo a cadeira de presidente da camara em 1829 e em 1837, e por vezes foi eleito seu vice-presidente. Nesse anno deixou a sua cadeira de deputado, em virtude de haver sido escolhido senador pela provincia de Pernambuco, por carta imperial de 5 de Setembro de 1837, havendo já em 1832 feito parte do ministerio chamado *dos quarenta dias*, organizado depois de frustado o golpe de estado de 30 de Julho. Araujo Lima occupou então a pasta dos negocios estrangeiros, e interinamente a da justiça, e como encarregado da primeira, conseguiu restabelecer novas relações com a França e com os Estados-Unidos.

A' braços a regencia Feijó com a revolução do Rio Grande do Sul, em luta decidida com a grande opposição da camara, tornou-se então impossivel a sua permanencia no governo. Feijó resigna o seu mandato, e occupando Araujo Lima a pasta do imperio, coube-lhe assumir a regencia, em virtude das prescripções constitucionaes, e assim, interinamente a exerceu de 18 de Setembro de 1837 até 22 de Abril do anno seguinte, quando foi eleito regente em nome de S. M. o Imperador, cessando desde então a sua interinidade.

Calamitosa quadra atravessava então o Brazil, oneroso encargo pesava por conseguinte sobre a regencia. As revoluções da Bahia, Maranhão e Rio Grande do Sul, romperam quasi ao mesmo tempo; estas trez provincias ameaçadas pelos revoltosos, occupando quasi que as extremidades e o centro do imperio, reclamavam forças sufficientes para as aniquilar e restabelecer a paz, sugavam por conseguinte toda á seiva do estado. Mas a actividade e energicas providencias tomadas pelo regente Araujo Lima, fizeram triumphar a causa da ordem publica, as revoltas da Bahia e do Maranhão foram suplantadas, e a do Rio Grande do Sul que não podera ser aniquilada no seu governo, ficou porém bastante combatida, e do governo que o

succedeu não coube senão a gloria de ligar o seu nome ao acto de sua pacificação.

Taes foram no interior os serviços de Araujo Lima, no exercicio da regencia do imperio; e aos que ao mesmo se ligaram no exterior, figura entre outros a terminação da questão com a Santa Sé Apostolica; e descendo do poder para o entregar ás mãos de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II, declarado maior pela assembléa legislativa, o ex-regente Araujo Lima, foi então occupar a sua cadeira no Senado.

Em 1841, por occasião do acto da sagração e coroação de S. M. o Imperador, foi agraciado com o titulo de visconde de Olinda, com grandeza, sendo elevado a marquez em 1854. Ministro de estado em 1823, 1827, 1832 e 1837, organisou o illustre marquez de Olinda, e presidiu os gabinetes de 29 de Setembro de 1848, de 4 de Maio de 1857, de 30 de Maio de 1862 e de 12 de Maio de 1865, tomando sempre parte activa na politica e em todos os negocios importantes, já como parlamentar, já como ministro ou Conselheiro de Estado, desde 1842, cargo que exerceu até os ultimos dias de sua vida; e foi elle um dos mais illustrados membros do conselho de estado, um dos seus mais activos trabalhadores.

Os seus discursos em ambas as casas do parlamento, os seus actos como ministro, e os seus pareceres no conselho de estado, « são documentos authenticos da illustração, grande intelligencia, alto criterio e amor ao trabalho dessa longa existencia, inteiramente devotada a carreira politica, e que nunca conheceu o desanimo nem o cansaço.»

Ao começo de sua vida politica, alistara-se o marquez de Olinda sob a bandeira do partido conservador; porém modificando as suas idéas, começou a distanciar-se d'elle, até que na crise parlamentar de 1857, ao chamado da corôa, organisou o gabinete liberal de 4 de Maio, do qual foi presidente, ministerio que firme em seu posto, resistiu por quasi 2 annos a decidida opposição do partido conservador. E ainda em 1862, em consequencia de outra crise parlamentar, foi elle o organisador do gabinete de 30 de Maio, chamado *gabinete dos velhos*, porque velhos era a quasi totalidade dos seus membros.

No governo desse gabinete, sobreveio a celebre questão *Christie*, ou o insultuoso e violento abuso da prepotencia ingleza, e o gabinete Olinda extremou-se na defeza da honra nacional, e em 1863 recebido no parlamento hostilmente pelos conservadores, dissolveu a camara, e creando

a nova situação, que se denominou *Progressista*, e ainda por outros *Liberal*, entregou-lhe o governo em Janeiro de 1864 em face da nova camara temporaria.

Em 1865 veio o marquez de Olinda a Pernambuco, á sua terra natal, ausente por tantos annos, a 4 de Janeiro saltou no Recife, e a 11 de Abril retirou-se de novo para o Rio de Janeiro, recebendo então as mais significativas e honrosas manifestações de apreço. A camara municipal do Recife, e as de Goyanna, Ipojuca, Rio Formoso, Nazareth, Villa Bella, Olinda, Iguarassú, Flores e Ouricury, enviaram-lhe mensagens de felicitação; Pernambuco cobria assim de louvores o filho illustre, que tanto o honrava e engrandecia, pelos seus feitos, pelos seus triumphos. Em 1866 veio de novo a Pernambuco, e foi esta a ultima vez que saudou a terra natal.

Durante o governo do gabinete de 30 de Maio, uma illustrada e prestigiosa fracção do partido conservador se passara para as fileiras do partido liberal. Em 1865, não estavam bem apertados ainda os laços de alliança entre os novos e velhos liberaes, quando deu-se a queda do gabinete Furtado. Fazem-se algumas tentativas de organisação do novo gabinete, não são levadas a effeito, o marquez de Olinda é em fim chamado, e a 12 de Maio apresenta-se á frente do novo gabinete.

O marquez de Olinda presidindo o conselho de ministros, tomava nessa epoca sobre os seus hombros pesado encargo. A guerra do Paraguay, por si só, absorvia todos os cuidados do novo gabinete; o Brazil atravessava uma epoca difficil e melindrosa. A 5 de Junho de 1865, annunciou o marquez de Olinda ás camaras, a partida de S. M. o Imperador ás provincias invadidas pelos inimigos, e pouco depois annunciava ao Brasil a rendição da praça de Uruguayanna.

No anno seguinte, a 2 de Agosto, deixou o poder o gabinete Olinda, apoiado e louvado sempre que se tratava de medidas relativas á guerra, ainda que vivamente guerreado quanto á politica interna. O marquez de Olinda, diz um seu biographo, incansavel e extraordinariamente assiduo no trabalho, enfraquecido pela idade, abatido por molestias, mas conservando vigorosa, sã e admiravel intelligencia, vio subir ao governo em Julho de 1868 o partido conservador; em 1869 ainda occupou a tribuna do senado, pronunciando-se em opposição; no anno seguinte ainda até os primeiros dias de Junho de 1870 se mostrou em sua

cadeira na camara vitalicia ; mas a 7 desse mez pelas 4 horas da madrugada expirou victima de uma congestão cerebral aos 77 annos incompletos de idade.

A' noticia do seu fallecimento, reunido o senado e a camara dos deputados, suspenderam uma e outra camara as suas sessões em signal de sentimento, merecido tributo á memoria do illustre patriota que acabava de morrer legando um nome honroso e illustre ao seu paiz. No senado a voz eloquente do seu presidente o visconde de Abaeté, e a dos senadores Saraiva e Octaviano Rosa, ergueram-se em homenagem á sua memoria, e na camara dos deputados, a do ministro do imperio.

Eis as palavras do venerando Visconde de Abaeté ao communicar ao Senado a noticia do fallecimento do benemerito marquez de Olinda :

« Senhores, confrange-se-me o coração ao ter de comunicar-vos uma infausta noticia.

« Acaba de fallecer nesta cõrte, hoje pelas quatro horas da madrugada, na casa de sua residencia, um dos nossos mais illustres collegas.

« E' o Sr. Marquez de Olinda, senador pela provincia de Pernambuco, nomeado para este logar por carta imperial de 5 de Setembro de 1837.

« A sua voz sabia e eloquente começou a ser ouvida a favor e em defesa dos direitos do Brazil nas cõrtes constituintes da nação portugueza em 1821.

« Essa voz continuou a ouvir-se, cada vez mais persuasiva e energica, nos tribunaes de uma e outra camara do Imperio defendendo com firmeza os sãos principios da liberdade, da ordem e do progresso.

« Nunca deixou o illustre finado de ter, como nenhum brasileiro deve deixar de ter, uma fé viva nas instituições da nossa patria, para fazer triumphar aquelles principios.

« Poucos dias antes da sua morte nós todos o vimos fazer-se transportar ao senado quasi muribundo, como lord Chatham, e assentar-se na cadeira que tanto honrou e illustrou.

« Já retirado dos negocios publicos, como o estadista inglez, combateu sempre, como elle, todas as medidas que lhe pareciam contrarias á justiça, ou aos interesses da sua patria. Foi conselheiro de estado, e no exercicio deste cargo o seu conselho e os seus trabalhos attestarão quando se publicarem, a sua prudencia, a sua previsão e os seus profundos conhecimentos em politica e administração.

« Foi ministro por vezes no primeiro e segundo reinado, e prestou ao Estado serviços que recommendam o seu nome e a sua memoria ao louvor e ao reconhecimento dos seus concidadãos.

« Foi regente duas vezes, a primeira como ministro do imperio que era, quando renunciou aquelle eminente cargo o Sr. Diogo Antonio Feijó; a segunda, por eleição popular.

« E' este, senhores, o cidadão que acabamos de perder.

« Unamo-nos hoje em um só sentimento—o da dôr—por tel-o perdido; e oremos, para que pelos bens caducos e pelas honras vãs da terra, obtenha elle no céu a bem-aventurança eterna. »

Embalsamado o seu cadaver, foi sepultado no dia seguinte, no cemiterio de S. Francisco de Paula, com todas as honras e pompas funerarias inherentes aos seus titulos.

O marquez de Olinda foi um dos homens que « subio no Brasil até onde era licito subir. » Regente do imperio, 8 vezes ministro, occupando os pastas do imperio, justiça, estrangeiros e fazenda, presidente do conselho de ministros em 4 gabinetes, conselheiro de estado por mais de 27 annos, deputado, senador, grande do imperio, marquez, official do Cruzeiro, Grã-Cruz das ordens de Christo do do Brazil, de Santo Estevão da Hungria, da Legião de Honra, de S. Mauricio e S. Lazaro da Italia, de Medjedie da Turquia e de N. S. do Guadalupe do Mexico, taes eram os seus titulos honorificos, além de muitos outros litterarios e scientificos, como o de doutor *in utroque jure*, socio fundador e depois honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e membro de outras associações litterarias e scientificas, tanto do Brasil como do estrangeiro.

O marquez de Olinda, na phrase de um jornal do Rio de Janeiro, não era sómente uma gloria pernambucana. O Brasil inteiro se desvanecia com rasão de contal-o á frente de seus homens mais eminentes, e disso deu testemunho a imprensa de todos os partidos no conceito unanime acerca do finado, ao noticiar o seu infausto passamento.

Um outro, a *Reforma*, disse o seguinte:

« O illustre morto era um dos ullimos restos da pleiade de talentos notaveis que figuraram nas lutas da independencia e da fundação do imperio. A sua longa existencia foi toda consagrada ao serviço da patria, e quasi não ha uma data historica do Brasil independente, á qual não ande ligado o nome do venerando estadista....

« Durante uma carreira tão longa e tão prehenchida, como outra não ha que se lhe compare, nunca o preclaro varão, tendo por vezes de atravessar períodos dos mais difficeis e agitados de nossa historia, desmentio a prudencia e a moderação de que sempre deu provas.

« Era o nestor de nossa politica.

« Os documentos de sua vida publica, acham-se copiosamente accumulados nos discursos proferidos por elle nas duas casas do parlamento, nos luminosos pareceres do conselho de Estado, e nos actos dos seus differentes ministerios. »

Honra, pois, o marquez de Olinda pelos seus feitos o nome brasileiro, e constitue uma das glorias de que mais se ufana Pernambuco, a terra que lhe dera o berço, cujos filhos com a confiança dos seus suffragios, abriram-lhe as portas da constituinte portugueza, do parlamento e do senado brasileiro, por onde conduzio-se ao pantheon das glorias nacionaes, esse templo da immortalidade.

Pedro Correia Barreto. Illustrissimo pernambucano de 1710, na phrase de um escriptor, capitão-mór de Ipojuca, nobre pelo posto e por sua ascendencia, Pedro Correia Barreto ainda bem moço alistou-se nas tropas de ordenanças desta capitania. Serviu primeiramente como soldado, passou a alferes, e por patente do governador D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, de 8 de Maio de 1699, foi promovido ao posto de capitão de ordenanças da freguezia de Ipojuca, e posteriormente, por patente do governador Francisco de Castro Moraes, de 7 de Setembro de 1703, foi servir no terço de infantaria de Goyanna, « por ser um dos homens nobres e principaes da terra, como pelo bem que tem servido a S. M., em praça de soldado, alferes e capitão de uma companhia de infantaria de ordenanças, procedendo com muita satisfação, zelo e cuidado em suas obrigações. »

Nomeado capitão-mór da freguezia de Ipojuca por patente do governador Sebastião de Castro e Caldas, de 23 de Novembro de 1707, é notavel o seguinte topico desse documento, consignando o merecimento e serviços de Pedro Correia Barreto: « por ser um dos homens nobres, principaes e afazendados desta terra, como pelo bem que tem servido a S. M., no posto de alferes e capitão de ordenanças, e destes passar ao de capitão de cavallaria da freguezia de Itamaracá, que então exercia, havendo-se em to-

dos com grande zelo do real serviço, accudindo promptamente a tudo que era da sua obrigação, tendo sempre os seus soldados bem disciplinados e promptos para qualquer necessidade que podesse haver, como bem mostrou em duas occasiões que tocaram a rebate nas fortalezas de Pitimbú e Catuama, por occasião de apparecer alguns navios de que se não tinha conhecimento, acudir promptamente ao posto da marinha que lhe foi consignado com sua companhia; e sendo levantado o forte de Pitimbú por ordem do meu antecessor, assistir aos seus trabalhos com toda a sua companhia e mais 4 escravos, durante 12 dias, sustentando a todos a sua custa, no que despendeu de sua fazenda: e por esperar d'elle, que d'aqui em diante se haverá da mesma maneira, e muito conforme a confiança que faço do seu procedimento. »

Em 1710, quando surgiram as ambiciosas pretensões dos Mascates, cujo fim era emanciparem-se de Olinda e lançarem os fundamentos da sua dominação, o capitão-mór Correia Barreto uniu-se logo aos seus compatriotas e com elles oppoz todas as forças a fim de coarctar os planos do inimigo. Mallograda a primeira tentativa dos Mascates, tramaram elles uma outra, e a 18 de Junho de 1711 romperam em tremenda reacção.

Correia Barreto, apenas recebeu a noticia do acontecimento, e vendo feridos os brios de sua patria pelos desacatos e insultos commettidos contra o bispo-governador, ouvidor da comarca e camara de Olinda, reúne as tropas do seu commando, e marcha de Ipojuca para o Recife. Calcando e despresando as seducções insidiosas, com que pretenderam corrompel-o alguns de seus degenerados compatriotas e parentes do Cabo, unidos á causa dos Mascates, chegou finalmente a Olinda, e apresentando-se ao bispo e a camara, pediu que lhe permittissem tomar parte no assedio do Recife, sendo-lhe mesmo confiadas as posições de mais risco e importancia. Incumbido de guardar a estancia da Barreta, marchou immediatamente, tomou posição e levantou os seus quartéis, e logo, a 22 de Julho, atacado fortemente por uma força de 500 Mascates, repelliu-os intrepidamente, e ainda que perdesse na acção numero superior de soldados, entre elles o bravo sargento-mór Fernão Bezerra Monteiro, «que valia por muitos centos,» comtudo os triumphos e as honras da victoria lhe couberam, repellindo o inimigo e mantendo o posto que dignamente lhe fôra confiado.

O seu enthusiasmo, os seus serviços, e a confiança que inspirava ao governo, fizeram-no firme no posto da Barreta, e embora solicitasse instantemente a gloria de medir as suas armas nas batalhas campaes contra o inimigo, embora quizesse tomar parte nas jornadas de Sibiró e Ipojuca, jámais o governo o consentiu, e assim se conservou sempre na guarda e defesa da Barreta, cuja posse tanto almejava o inimigo.

Quando chegou o governador Felix José Machado, e entrou na administração da capitania, foi levantado o assedio do Recife, e parecia terminada a luta, o capitão-mór Pedro Correia Barreto se recolheu á sua propriedade de Ipojuca, lamentando em breve tempo as perseguições, que rapidamente se foram praticando sobre os seus infelizes compatriotas, victimas do odio dos Mascates e da parcialidade do novo governador. Correia Barreto conseguindo escapar ás primeiras furias do inimigo, buscou seguro asylo, abandonou as suas propriedades e fazendas, mas veio a ser descoberto e preso a 13 de Dezembro de 1713, « como cabeça de facinorosos; » foi então recolhido aos carceres da fortaleza das Cinco Pontas, e logo remettido para bordo do navio que o tinha de conduzir á Lisboa; mais, publicado o Decreto de perdão, antes de partir a frota, Correia Barreto obteve a sua liberdade em virtude desse acto de clemencia real. Eis os unicos dados que encontramos sobre a vida do illustre capitão-mór de Ipojuca, Pedro Correia Barreto.

Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Visconde de Camaragibe Nasceu a 19 de Abril de 1806, e foram seus paes o capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e sua mulher D. Maria Rita de Albuquerque Mello.

Fazendo em Pernambuco o curso de humanidades, Pedro Cavalcanti seguiu para Portugal em 1821, onde estudou 2 annos na universidade de Coimbra, e passando-se depois para a Allemanha, fez o curso de direito na universidade de Goettingue, na qual se doutorou em 1827.

Voltando para o Brazil no tempo da creação dos Cursos Juridicos do imperio, o Dr. Pedro Cavalcanti foi nomeado lente da Academia de S. Paulo, por Decreto de 9 de Fevereiro de 1829, mas não chegou a tomar posse desse cargo, porque foi logo removido para a cadeira de direito

civil da Academia de Olinda, por Decreto de 17 de Dezembro de 1830, a qual regeu por algum tempo, jubilando-se depois sem vencimento algum. Quando pela reforma decretada em 1854, o Curso Juridico de Olinda passou a ser Faculdade de Direito do Recife, o Dr. Pedro Cavalcanti foi nomeado seu director, cargo que exerceu por muitos annos, e no qual se jubilou por Decreto de 20 de Novembro de 1875, dispensando a percepção do honorario a que tinha direito.

Deputado a Assembléa Geral Legislativa em 6 legislaturas, eleito por esta provincia, tomou assento na camara pela primeira vez em 1832, como supplente, e nessa occasião foi um dos que votou pela vitaliciedade do senado. O Dr. Pedro Cavalcanti foi tambem por diversas vezes eleito membro da Assembléa Legislativa Provincial, cuja presidencia sempre lhe foi confiada. Eleito senador do imperio, e escolhido por Carta Imperial de 25 de Maio de 1869, deixou a presidencia da Assembléa Geral que então occupava, e tomou assento no Senado no dia seguinte ao de sua escolha.

Agraciado pelo governo imperial com o titulo de Barão de Camaragibe por Decreto de 30 de Novembro de 1855, em 1860 foi elevado a Visconde com as honras de grandeza.

Na qualidade de 1.º vice-presidente desta provincia, o Visconde de Camaragibe por duas vezes dirigiu a sua administração; a primeira de 13 de Abril a 2 de Maio de 1844, e a segunda de 29 de Abril a 15 de Outubro de 1859.

Homem de bem, dotado de um caracter nobre e circumspecto, o Visconde de Camaragibe mereceu sempre a consideração com que o acatavam, e como chefe do partido conservador de Pernambuco, gosava de influencia e prestigio não só na provincia como na côrte do imperio. O Visconde de Camaragibe falleceu no dia 2 de Dezembro de 1875, e na manhã do dia seguinte foi sepultado no Cemiterio Publico do Recife. Victima de uma congestão cerosa, quasi repentina como foi a sua morte, essa inesperada noticia causou profunda sensação e sentimento. Transmittida á côrte do imperio pelo telegrapho, o Sr. Conde de Baependy dirigiu um telegramma a sua familia, testemunhando por parte de S. M. o Imperador *os sentimentos de pesar e de condolencia do mesmo Augusto Senhor, pelo fallecimento do Visconde de Camaragibe.*

Senador e grande do imperio, Visconde, fidalgo cavalleiro da casa imperial, do conselho de S. M. o Impera-

dor, grão-cruz da Ordem de Christo, e commendador da de N. S. da Conceição de Villa Viçosa de Portugal, o Visconde de Camaragibe attingiu ás mais elevadas posições sociaes, foi um homem respeitavel, e occupou na politica do paiz logar distincto; e sobre o seu merecimento falla bem alto um jornal insuspeito, a *Provincia*, órgão do partido liberal de Pernambuco, dando noticia do seu fallecimento. Eis as suas palavras:

« Diante do tumulto do nosso adversario, esquecemos a divergencia politica que delle nos separava, para apreciar e prantear o homem, e respeitar a dor que assalta e domina seus parentes, amigos e alliados. O Visconde de Camaragibe representou papel importantissimo na politica de sua patria... Na epocha da *Maioridade*, o Visconde de Camaragibe apoiou o ministerio liberal dos Andradas.

« Foi uma phase curtissima..., e depois tal posição assumiu, tanta força concentrava em suas mãos, que na provincia natal era oraculo, e o apontavam, no partido conservador como o chefe mais considerado em todo o norte do Brazil, pela influencia que ahi exercia. Homem sizudo, de palavra, de trato severo, mas accessivel, era tambem dotado de perspicacia, intelligencia, sobresahindo em seu character a energia de vontade, e a tenacidade na execução de seus planos politicos. Abstrahindo das idéas politicas, não recusamos a confissão de que nos diversos cargos que occupou, prestou serviços a provincia e ao imperio, notando-se que por sua não pequena fortuna, entrou como accionista em varias empresas uteis, e assim concorreu efficazmente para o melhoramento e progresso da sua terra.

« A biographia politica do Visconde de Camaragibe não nos compete fazer. Registramos sómente nestes traços necrologicos, o facto incontestavel de que o nobre Visconde de Camaragibe, figurou e primou no seu partido tanto quanto a ambição do politico pode exigir, e subio até onde o permittiram as nossas leis constitucionaes, e as condições socias do seu tempo. Seu criterio revelou-se mais de uma vez. Não se julgando orador parlamentar, homem da discussão que dá vida ao systema representativo, recusou fazer parte dos ministerios, sempre que o convidavam para isto. Honra o seu nome esta recusa, que é uma gloria para a sua memoria. Pelo passamento dos homens politicos que occuparam elevadas posições, com justiça toma pesado luto o paiz em que elles nasceram.

Pedro Ivo Velloso da Silveira. Nasceu em Olinda no anno de 1811; foram seus paes o coronel Pedro Antonio Velloso da Silveira e D. Helena Perpetua da Silveira, e seus avós paternos Pedro Ivo Velloso da Silveira, conhecido por—*Pedro Ivo Redivivo*, e D. Thereza Francisca de Albuquerque.

Aos 10 annos de idade Pedro Ivo assentou praça no regimento de artilharia do Recife, e foi militar brioso e distincto, valente e arrojado, patriota exaltado e politico de idéas firmes e intranzigentes.

Pedro Ivo era liberal, em 1848 já era capitão de artilharia, e achava-se commandando o destacamento militar de Agua Preta, quando o seu partido foi apeado do poder, e elle demittido daquella commissão.

Pedro Ivo demorou-se em Agua Preta, obtendo uma licença para isso, mas rompendo a revolta, e o governo querendo subtrahir o destacamento á sua influencia, e ao mesmo tempo chamar Pedro Ivo á capital, deu as necessarias providencias, mas nada conseguiu para que elle se retirasse daquella localidade.

Pedro Ivo atirou-se a revolução com toda a impetuosidade do seu genio altivo e bellicoso, ostentou em todas as acções em que tomou parte muita coragem e valentia, conquistando pelos seus feitos no campo da batalha a sua elevação ao posto de brigadeiro, sendo ao mesmo tempo nomeado commandante da 2.^a divisão do exercito, composta de 2 brigadas, por acto do Conselho Director de 23 de Janeiro de 1849.

No ataque do Recife, que teve lugar no dia 2 de Fevereiro, Pedro Ivo commandou a divisão que atacou pelo sul, e rompeu em batalha até o bairro de Santo Antonio, tomou as ruas principaes e quando chegou ás mais proximas ao palacio da presidencia, cuja tomada era o seu alvo, encontrou seria resistencia, travando-se então renhidissima peleja á impedir-lhe o passo. Não conseguindo ir além, desalojado mesmo da magnifica posição que occupava na rua do Sol, e proximo ao palacio, Pedro Ivo contramarchou e foi tomar posição nos largos do Carmo, Livramento e Peha e rua Estreita do Rosario, onde de novo trayou-se a peleja; e no meio de uma luta incessante e renhida, quando talvez a victoria ia pronunciar-se pelas tropas liberaes, entra na cidade, pelo lado da Boa-Vista, uma forte columna sob o commando do general José Joaquim Coelho, e

assim decidiu-se a victoria em favor do governo, *já muito adiantada mais ainda não segura.*

Tentando ainda alguma resistencia nas ruas da Penha, Ribeira, Concordia, Augusta e adjacentes, foi nestes pontos mais do que em todos os outros, renhido e sanguinolento o combate; e na ultima extremidade, quando viu-se completamente perdido, abandonou o campo, rodeou o Capibaribe pela ilha de Anna Bezerra, e ganhou o interior.

No dia 7 de Fevereiro, quando se reuniram as tropas liberaes e o Conselho Director deu nova organização ao exercito, Pedro Ivo foi nomeado commandante da 2.^a divisão composta de 4 batalhões e das forças do Verde e Agua Preta.

Occupando posições vantajosas no sul da provincia, perseguido sempre pelas forças do governo, Pedro Ivo passou-se para as matas e acampou em terras do engenho Verde. Posta a premio a sua pessoa, marcando o governo 8:000\$000 réis a quem a apprehendesse, e 4:000\$000 réis se acaso fosse elle morto no acto da prisão, Pedro Ivo resistiu heroicamente, e nesse difficil empenho, sem recurso algum, lutou, e lutaria até morrer, se não fôra a intervenção de seu pae, que lhe garantiu a amnistia, o que elle já havia regeitado pelas condições humilhantes em que tinha sido proposta.

Pedro Ivo passou-se então para as Alagôas, d'ahi partiu para a Bahia e depois de alguns dias de demora seguiu para o Rio de Janeiro, onde logo que chegou foi recolhido á uma fortaleza, sob sentinellas e immensas precauções. Dias depois apresentaram-lhe o Decreto de amnistia, com a clausula porém, de assignar termo de residencia por 6 annos fóra do Imperio e em lugar approved pelo governo, ao que regeitou, allegando as condições meliores que lhe proposera a presidencia de Pernambuco, e mesmo por não ser o que se havia tratado, pois largou as armas sob promessa de amnistia geral.

Pedro Ivo permaneceu na mais rigorosa e estreita prisão cerca de 1 anno, mas conseguiu evadir-se a 20 de Abril de 1851; e abatido pelos soffrimentos e privações do carcere, pouco sobreviveu á sua fuga. Foi corrente a versão de que elle foi victima de um assassinato, e ainda hoje muita gente o acredita; no entretanto conseguimos averiguar este ultimo periodo da vida de Pedro Ivo, graças as diligencias de um nosso particular amigo o Illm. Sr. Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley Araujo, como se vê

das seguintes informações que dignou-se ministrar-nos:

« Satisfazendo, quanto possível, seu estimavel pedido, passo a referir-lhe o que ouvi dos Srs. João Baptista Freire, morador na cidade de Rezende, provincia do Rio de Janeiro, Dr. José Manoel Freire, morador na fazenda S. Theodoro, comarca de Queluz, provincia de S. Paulo, e Pedro Fagundes morador em S. José dos Campos d'essa ultima provincia, acerca do distincto patriota Pedro Ivo Velloso da Silveira.

« Evadindo-se da prisão em que se achava recolhido na bahia do Rio de Janeiro, Pedro Ivo desembarcou em companhia de seus cúmplices de evasão (um cabo e um furriel) no caes do Pharoux, e immediatamente seguiu para a fazenda Marambaia, do commendador Breves, e d'ahi para a fazenda Pao d'Alho, em S. Anna dos Tocos, do coronel João Ferreira, distincto revolucionario de 1842 e tio dos Srs. Freires. Nessa fazenda esteve Pedro Ivo algum tempo cercado de todas as attentões, não só pelo coronel João Ferreira, como também pelos seus numerosos parentes e correligionarios que a porfia procuravam amenisar os amargurados dias do illustre foragido, já soffrendo muito e extremamente pallido, como attestam duas testemunhas oculares, D. Anna Freire, irmã do coronel Ferreira e mãe dos Srs. Freires, e Pedro Fagundes que então compartilhava a hospedagem do mesmo coronel.

« Da fazenda Pao d'Alho partiu Pedro Ivo, separando-se de seus companheiros de evasão, para o litoral; e, devido a influencia do commendador Breves, embarcou num navio portuguez, com destino á Europa; mas aggravando-se-lhe os padecimentos, falleceu em viagem sendo o seu corpo lançado ao mar.

« Embora, pelas condições especiaes em que se achava Pedro Ivo, não podesse seu passamento ser verificado de um modo legal, comtudo o commandante do navio sciencificou do occorrido o respectivo consignatario, que por sua vez, o participou ao commendador Breves, constando até aos meus informantes existir em poder do mesmo commendador a carta que mencionou o passamento do patriota pernambucano.

« Nesta cidade disse-me o Dr. Joaquim de Aquino Fonseca, cunhado de Pedro Ivo, que o fallecimento tivera lugar na altura desta provincia, e confirmou-me os relevantes serviços então prestados a seu distincto cunhado, pelo commendador Breves.

« São estas as informações que posso prestar-lhe, afiançando a idoneidade dos informantes. »

Eis em ligeiros traços a vida de Pedro Ivo Velloso da Silveira, eis a ultima phase da vida desse valente e brioso militar, desse patriota illustre e benemerito.

Pedro de Moraes Magalhães. Nasceu na villa do Recife em fins do seculo XVII, assentou praça de soldado a 26 de Junho de 1709, passou a alferes de granadeiros e tenente de cavallos, ajudante de infantaria do terço da guarnição de Olinda, por Patente de 13 de Junho de 1723, ajudante de numero do mesmo terço a 13 de Setembro de 1742, ajudante de tenente-general da praça de Pernambuco por Carta Patente de 25 do mesmo mez e anno, sargento-mór de infantaria do Recife a 29 de Novembro de 1743, e a tenente-coronel commandante do regimento de infantaria de Olinda por Patente Regia de 6 de Outubro de 1753.

Seguindo para Portugal, occupando ainda no exercito o posto de official subalterno, Moraes Magalhães tomou parte na guerra contra a Hespanha, achou-se no rendimento da praça de Balaguer, nas batalhas de Almenara e Saragoça, foi incumbido da expedição da tomada de um comboio que os hespanhóes haviam apresado, havendo nesta occasião não só o dito comboio como tambem mais de 100 cavallos, que muito serviram para o augmento da cavallaria, assim como figurou digna e honrosamente em todos os feitos e operações de guerra, até a entrada do exercito portuguez na cidade de Madrid, *servindo com boa satisfação, distincção e honrado procedimento em todas as occasiões que se lhe offereceram, mostrando sempre o zelo e valor de bom soldado*, como diz El-Rei D. João V em uma de suas patentes.

Nessa campanha o illustre capitão Pedro de Moraes Magalhães, cahiu prisioneiro em mãos do inimigo, mas foi resgatado pelo governo portuguez, voltou á Lisboa quando terminou a guerra, e d'ahi veio para esta provincia em cuja praça passou de novo a servir.

Em 1726, por occasião do levantamento da tropa do Recife por falta do pagamento do seu soldo, em consideravel atraso, Moraes Magalhães prestou immenso serviço a causa da ordem publica, e conseguindo ao mesmo tempo trazer os soldados da sua companhia em boa ordem, foi com elles guarnecer a fortaleza do Brum, impedindo assim

a que os revoltosos se apossassem desta fortificação, importantissima pela sua posição.

Fazendo parte da guarnição de Olinda, quando se sublevaram os moradores do Cabo de S. Agostinho, veio de guarnição para a praça do Recife, *onde esteve sempre prompto a tudo que se offereceu e se o encarregou, sendo por varias vezes mandado á reforçar a guarnição da fortaleza de Itamaracá.*

Occupada a ilha de Fernando de Noronha por uma expedição franceza organizada pela *Companhia Oriental*, o governo da metropole immediatamente ordenou ao governador e capitão general desta capitania que fizesse marchar sobre Fernando um corpo de tropas á desalojar os francezes ahi estabelecidos, e aos 6 de Outubro de 1737 partiu do porto do Recife uma expedição sob o mando do tenente-coronel João Lobo de Lacerda, da qual fez parte o intrepido capitão Moraes Magalhães.

Com poucos dias de viagem chegou a expedição ao porto de Fernando, desembarcou, e facilmente rendeu o inimigo, que, sem meios de defesa alguma, não oppoz resistencia séria, e então começaram-se as obras da sua fortificação, que ficaram concluidas dentro de 8 mezes.

Rendida a tropa expedicionaria por um destacamento que partiu desta provincia, Moraes Magalhães regressou então á Pernambuco a 11 de Julho de 1738, mas no anno seguinte partiu de novo para Fernando incumbido do commando da praça, onde se demorou por 5 mezes.

Voltando do commando de Fernando de Noronha, o capitão Pedro de Moraes Magalhães partiu para a capitania do Ceará em missão do governo, em cujo desempenho revellou o *seu zelo e valor de bom soldado*, como diz El-Rei D. João V em uma das patentes que lavrou em remuneração dos seus serviços.

Conquistando pelo seu merecimento e brioso procedimento militar os diversos postos do exercito, elevado em 1753 a patente de tenente-coronel commandante do regimento de infantaria de Olinda, em 1744 já possuia as dragonas de coronel, quando teve de marchar para a colonia do Sacramento.

Invadida essa possessão portuguesa pelas tropas hespanholas, o governador desta capitania José Cesar de Menezes, em cumprimento de ordem da metropole, fez marchar o regimento de infantaria do Recife sob o commando do coronel Pedro de Moraes Magalhães, o qual embarcou

no dia 10 de Dezembro de 1774, com destino á Santa Catharina, afim de se reunir a outras tropas, e dahi marchar para a colonia do Sacramento.

Consequindo as tropas portuguezas a posse da colonia, alli ficaram de guarnição, até que em 1776 mandando o governo da Hespanha uma poderosa armada, a 27 de Fevereiro do anno seguinte foi a colonia rendida vergonhosamente a discripção, pelo terror panico que se apoderou dos principaes cabos de guerra portuguezes, á vista do inimigo, apesar de estar a ilha bem provida de gente e munições, e em estado de resistir por muito tempo.

O coronel Moraes Magalhães, ousando censurar a cobardia do general portuguez que não se quiz bater com os hespanhóes, entregando-lhe vergonhosamente o posto que lhe fôra confiado, sem oppôr a mais insignificante resistencia, foi preso, remettido para Lisbôa, atirado aos carceres de uma fortaleza, e alli falleceu obscuramente em uma rigorosa prisão, sem que nunca se lhe nomeasse o conselho de guerra que requerera para justificar-se!

Assim na obscuridade, victima da cobardia de seus inimigos, falleceu o bravo e illustre coronel Pedro de Moraes Magalhães, na côrte do reino portuguez, cujo monarcha, tantas vezes, nas patentes que lavrara conferindo-lhe postos e distincções, louvara e exaltara o seu merecimento, o seu zelo, dedicação, bravura e heroismo.

Pedro Ribeiro da Silva. Rico e abastado agricultor, capitão-mór da villa de S. Antão, hoje cidade da Victoria, homem de patriotismo e sentimentos nobres e elevados, Pedro Ribeiro da Silva foi um dos vultos proeminentes, e occupou lugar distincto na luta travada em principios do seculo passado, luta conhecida na historia por — Guerra dos Mascates.

Alistando-se bem jovem ainda nas tropas de ordenanças desta capitania, o governador Marquez de Monte Bello o proveu no posto de sargento-mór do regimento de infantaria da freguezia de Nossa Senhora da Luz, no qual foi confirmado por Patente Regia de 30 de Dezembro de 1692, « *por ser pessoa nobre e estar servindo no mesmo posto com satisfação e com a mesma se ter havido no cargo de procurador do conselho da camara da cidade de Olinda e no de juiz de orphãos que exerceu com particular zelo,* » posteriormente foi nomeado capitão-mór da freguezia de

S. Antão pelo governador Caetano de Mello e Castro, por Patente de 4 de Agosto de 1698.

Quando surgiram as pretensões do Recife e começaram os tramas reaccionarios de Olinda, o capitão-mór Ribeiro da Silva pôz-se a frente do movimento, e na phrase de um historiador, ostentou-se tão bravo atleta e fogoso campeão da patria, que bem pôde chamar-se o Domingos José Martins de 1710. Mallograda a tentativa contra a vida do governador Sebastião de Castro e Caldas, Ribeiro da Silva foi alvo de todas as violencias, e de cujas perseguições quiz livrar-se resistindo a mão armada.

Estabelecendo o governador um presidio em S. Antão sob o commando do capitão João da Motta, com o fim de trazer seguro o capitão-mór Ribeiro da Silva, elle convoca todos os conjurados, arma as suas tropas, prende o commandante do presidio e marcha para o Recife. Ribeiro da Silva faz o governador abandonar o seu posto e fugir para a Bahia, demule o pelourinho da nova villa, castiga os intrusos membros do senado da camara servindo-se das suas mesmas bengalas e cabelleiras, e recolhe-se á cidade de Olinda onde foi recebido triumphalmente e entre uni-versaes applausos.

Este acto de audacia e valentia do capitão Pedro Ribeiro da Silva marca o rompimento da celebre guerra dos Mascates, que de tão graves consequencias foi para esta provincia. Convocado o grande conselho no paço da municipalidade de Olinda, afim de tratar-se da direcção dos negocios publicos e fórma do governo, Ribeiro da Silva, opinou como sincero e zeloso patriota, concluindo, que, *os pernambucanos se governassem a si mesmos, porque só assim ficaria a patria livre do risco porque acabava de passar.* Porém, rasoaveis ponderações mudaram-no de opinião, concordou finalmente com a maioria sobre chamar-se o bispo diocesano para tomar conta do governo da capitania, com a clausula de que: *em nome de El-Rei olhasse o passado como innocente desforço da nobreza e povo opprimido.*

Com tal deliberação dissolveu-se a reunião, ficando a camara do senado incumbida da direcção do governo, até que o bispo diocesano regressasse da Parahyba á tomar conta desse novo cargo, que a saberania popular lhe acabava de confiar. Porém os Mascates preparam tremenda reacção, armam-se convenientemente, abastecem o Recife de generos e mantimentos, e tão a seu salvo levaram á effeito todos os seus planos, que o bispo-governador veio a

cahir prisioneiro em suas mãos, e elles levantam o estandarte da revolta, e rompe a guerra com todo o seu ardor.

O capitão-mór Ribeiro da Silva, que então se achava em sua propriedade de S. Antão, vòa á Olinda, reúne-se aos patriotas, e concertado o plano de pôr-se o Recife em apertado cerco, elle pediu que se lhe confiasse a estancia de Afogados, a mais importante pela sua posição, tendo em vistas não só reduzir os sitiados á maior penuria vedando a entrada de generos por aquelle ponto, como tambem para impedir-lhes a communicação com os seus parciaes do Cabo. A 22 de Julho de 1711, Ribeiro da Silva acampava no ponto que lhe fôra confiado, e pelo seu heroismo e arrojado patriotismo, teve elle sempre no decurso da campanha, grande parte e decidida influencia.

Quando a adversidade da sorte feriu os pernambucanos, e triumphou a causa dos Mascates, Ribeiro da Silva fez parte da liga de Tracunhem, cujo fim era fazer-se forte nas mattas, e resistir a oppressão, defendendo-se mutuamente das tyrannias do novo governador Felix José Machado, até que o governo da metropole melhor informado, mandasse pôr termo as perseguições de que eram victimas os pernambucanos. A liga de Tracunhem que tornou-se respeitavel e terrivel, resistiu briosamente a todos os meios de destruição que lhe movera o governador, e só depôz as armas quando foi publicado o perdão geral concedido por El-Rei D. João V.

O capitão-môr Pedro Ribeiro da Silva, pôde então recolher-se em paz ás miseraveis reliquias da sua passada e avultada fortuna, em idade adiantada, quando tinha de colher os fructos do seu trabalho em vida descansada e feliz, viu-se arruinado e pobre, mas resignado por haver cumprido o seu dever, sacrificando-se por bem da patria.

D. Frei Pedro de Santa Marianna. Nasceu no Recife a 30 de Dezembro de 1782. Foram seus paes Carlos José de Souza e D. Marianna Machado Freire.

Aos 14 annos de idade entrou no convento do Carmo da mesma cidade do Recife, recebeu o habito a 17 de Fevereiro de 1797 e professou a 7 de Fevereiro de 1799. Fez com distincção o curso dos estudos de seu convento, distinguindo-se especialmente no de philosophia e theologia, passou depois a cursar as aulas do Seminario de Olinda, e dedicando-se particularmente a geometria, estudo de sua

predilecção, obteve ao prestar o respectivo exame approvação *cum laude*. Frei Pedro cursou ainda a aula de mathematicas regida pelo Dr. Antonio Francisco Bastos, e esgotando-se então os meios de instrucção que offerecia esta provincia, elle volveu os olhos para mais largos horizontes, embarcou para Portugal, e em 1805 recebeu o presbyterado das mãos do bispo paulopolitano D. Frei Miguel na capella de Bemposta, e no anno seguinte matriculou-se na Academia Real de Marinha, ou collegio dos nobres em Lisbôa, onde conseguiu approvação plena e foi considerado pelos seus profundos conhecimentos.

Frei Pedro gosava então de subida reputação, e das considerações que a sabedoria e as virtudes sabem infundir.

No convento do Recife, quando ainda corista, conquistou a patente de leitor de geometria e gosou dos fóros e isenções de mestre abalisado, e na academia « avantajou-se de tal sorte a tantos illustres collegas, que chamou logo a attenção de seus mestres, recebendo os mais justos encomios e o laurel academico, digno premio de seu merito, verdadeira recompensa das lucubrações e tentamens scientificos do esforçado lidador. »

Não foi sem difficuldade que Frei Pedro conseguiu matricular-se na Academia de Marinha. Instituição puramente militar, unicamente reservada á instrucção de uma classe, foi recusada a admissão do religioso brasileiro. Mas fazendo-se ouvir um dia sobre geometria entre os estudantes, em uma das occasiões em que se achou na Academia como visitante, attrahiu tal attenção, patenteou tão vantajosamente o seu talento e os seus conhecimentos, que foi calorosamente applaudido, e os proprios lentes que tão obstinadamente se oppunhão á sua admissão, foram então os proprios em concorrer á que se abrisse uma excepção, a favor de Frei Pedro.

Concluindo os seus estudos academicos ao tempo que se acabava de crear no Rio de Janeiro a Academia Militar, foi-lhe offerecida a cadeira de mathematicas, em 1813 estreou o magisterio como lente substituto, em 1818 teve effectividade, e em 1833 foi jubilado com elogio do governo *pela dignidade e zelo com que desempenhara o seu mandato*.

Escolhido pelo tutor do então principe imperial e hoje Imperador do Brazil, para o honroso encargo de dirigir a educação scientifica e religiosa do principe, o governo da

regencia confirmou a escolha feita, e no mesmo anno de 1833 o ministerio do Imperio lavrou o Decreto de sua nomeação.

Vagando posteriormente a mitra do bispado do Rio de Janeiro, foi designado para a prehender, «mas foram baldados todos os esforços dos amigos, e a vontade imperial encontrou obstaculo invencivel na consciencia excessivamente escrupulosa do distincto mestre, que alta e solememente se reconhecia humilde, pequeno e incapaz de exercer e receber tão alto ministerio.» Entretanto, foi sorprendido poucos mezes depois quando lhe apresentaram as bullas de confirmação de bispo titular de Chrysopolis, as quaes foram impetradas da Santa Sé sem a sua intervenção e sciencia, e teve então de ceder ao nobre impulso do reconhecimento e da gratidão.

Confirmado bispo por Bulla de 6 de Maio de 1841, recebeu a sagração na capella do Paço Imperial da Bôa-Vista a 13 de Junho do mesmo anno, sendo bispo consagrante o da diocese do Rio de Janeiro D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, seu cômprovinciano e discipulo, e assistente o bispo de Olinda D. João da Purificação Marques Perdigão, e o de Anemuria D. Frei Antonio de Arrabida.

Nesse mesmo anno recebeu D. Frei Pedro a commenda da ordem de Christo, e depois foi nomeado esmoler-mór do Imperio, e recebeu o grão de doutor em mathematicas, quando o governo concedeu semelhante titulo aos lentes effectivos e jubilados da Academia Militar; em 1843 recebeu do Santo Padre Gregorio XVI os titulos de seu Prelado Domestico, Bispo assistente ao solio pontificio e Conde Palatino, titulos estes os mais elevados na Curia Romana e com os quaes os pontifices honram as pessoas de sua particular estima, sendo que foi elle o primeiro brasileiro a quem se conferiu a dignidade de Conde Palatino.

D. Frei Pedro de Santa Marianna depois de gozar digna e honrosamente dos mais elevados cargos e dignidades da egreja, falleceu no Rio de Janeiro aos 6 de Maio de 1864 na avançada idade de 82 annos.

Habitando no paço de S. Christovão, a familia Imperial acercou-se do seu leito e prodigalisou-lhe os maiores cuidados, attensões e disvellos; S. M. o Imperador acompanhou os seus restos mortaes ao ultimo jazigo, pegou em uma das argolas do feretro, assistiu a todos os officios e exequias, recommendando até aos prelados respectivos, que nenhum acto começasse sem a sua presença. «A rea-

leza tomou luto em demonstração de sentimento profundo pelo passamento do venerando carmelitano ! »

A' morte do sabio e virtuoso bispo de Chrysopolis, a imprensa pagou o seu tributo de homenagem e respeito a sua veneranda memoria, innumerous artigos biographicos lhe foram consagrados, e sobre a sua sepultura na igreja dos religiosos carmelitas, no largo da Lapa, inscreveu-se um extenso e eloquente epitaphio, memorando as suas virtudes, a sua sabedoria e os seus elevados titulos e datas de sua vida; e dentre os escriptos que lhe foram consagrados, extractamos os seguintes topicos da biographia que escreveu o Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, terminando assim com o seu autorisado juizo o presente artigo.

« A sua vida illibada, a pureza de seus costumes, a inexcusable severidade de sua moral sempre seguida de acções de beneficencia e caridade, sobretudo uma nunca desmentida modestia a par do absoluto desprezo para as grandezas da terra e o luzir do mundo, cada vez mais realçava a fama preclara de que gozava proclamando-o um sabio philosopho, um genio transcendente e um santo varão !...

« No espaço de 31 annos que tantos habitou o venerando bispo o paço Imperial, nem um só momento deixou elle de ser o humilde, modesto e virtuoso monge carmelitano Frei Pedro de Santa Marianna...

« Na verdade é para admirar que um simples monge, que se vê exaltado ás mais altas posições sociaes, preceptor do soberano, seu esmoler-mór, conde palatino, prelado domestico, assistente ao solio pontificio, commendador e doutor em sciencias exactas, gosando da privança dos augustos imperantes, e de effectiva residencia no paço Imperial, nunca em um só instante, por um só momento procurasse exercer a minima influencia no espirito do seu Imperial discipulo, ou se envolver por qualquer modo nos negocios do estado....

« Sabia exercer a caridade, qualidade que muito o distinguia a par de sua inalteravel modestia; nunca a sua bolsa se fechou para o pobre e infeliz necessitado, e jamais a viuva e o orphão desvalido deixou de encontrar o balsamo da consolação, o obulo do crente derramado de sua alma bem formada e eleita para a immortalidade. Elle repartia sempre com seu proximo desventurado, e não podia ouvir o gemido de seu semelhante afflicto, sem que voasse em seu auxilio, levando-lhe a paz e o repouso.

« Era uma alma angelica, um coração bem formado, um seio que rescendia os perfumes do paraíso. Frei Pedro por mais elevado que fosse, acercado de todas as honras e glória, na maxima grandeza social, respeitado pela somma de conhecimentos e virtudes que tanto o distinguíam, nunca se lisongeava nem com seus braços, nem com o seu saber por todos proclamado; e jamais ostentava as graças que recebera da munificencia imperial!

« Era um prototypo de virtude, um modelo de abnegação e de modestia sem par....

« A hora extrema ia soar; o cansado caminheiro sobreergueu-se, e depositou nas augustas mãos de S. M. o Imperador a sua biblia, cruz e anel; elle transmittiu as insignias do episcopado ao soberano principe de quem tinha recebido tão elevadas honras.

« Era a ultima lembrança repassada de nobreza, reconhecimento e saudade.

« Estava tudo consumado '.... »

Pedro da Silva Pedroso. Nasceu em fins do seculo passado; assentou praça de soldado no regimento de artilharia da praça do Recife, foi sargento, passou a segundo tenente por Patente de 13 de Julho de 1808, foi promovido a primeiro tenente da nova companhia de artilharia a cavallo do regimento de Olinda por Patente de 15 de Junho de 1813, e a capitão do regimento do Recife por Patente de 3 de Fevereiro de 1816.

Militar instruido e brioso, iniciado nos tramas revolucionarios da nossa emancipação politica, Pedro da Silva Pedroso foi o principal heroe militar do prematuro rompimento de 6 de Março de 1817. Condemnado á prisão pelo conselho de guerra convocado pelo governador, Pedroso põe-se á frente do movimento que rompeu após a morte do commandante do seu regimento, manda tocar a rebate, posta-se á frente do quartel, e faz cahir morto o ajudante de ordens do governador que vinha indagar do acontecimento. Seguido por alguns soldados e com 2 peças de artilharia foi apoderar-se do governador, mas sabendo da sua fuga para a fortaleza do Brum, contra-marcha e vae fazer alto em frente á cadeia publica. Pedroso solta immediatamente a Domingos José Martids e a todos os presos alli recolhidos, e reforçadas as suas tropas, marcha para o Erario e se apodera desse ponto. No dia seguinte Pedroso toma parte na capitulação do Brum, distingue-se briosamente

em todos os movimentos e trabalhos do novo estado de cousas, principalmente na reorganisação do exercito, e teve condigna remuneração no posto de coronel commandante de um batalhão, e sendo-lhe então confiada a incumbencia de completar com milicianos os novos corpos creados, *commissão delicadissima que executou com rara prudencia*. Os serviços de Pedroso, a sua dedicação e a confiança que o corpo do seu commando inspirava ao governo eram taes, que sempre o fizeram permanecer na capital, sendo o seu batalhão o unico de que se não destacaram soccorros para os diversos pontos ameaçados, nem mesmo no maior auge do perigo da patria.

Perdida a batalha de Pindobas, e com ella a causa da proclamada liberdade, Pedroso acompanhou o dissolvido governo até o engenho Paulista, onde se debandou o exercito e cada qual seguiu caminho diverso. Cahindo priosineiro das avançadas do exercito realista, foi remettido para o Recife e logo que chegou a cadeia metteram-no em um estreito segredo onde os raios do sol não penetravam, e como não bastasse um tal supplicio, despiram-no completamente, e alli o deixaram com grilhões aos pés e corrente ao pescoço.

Remettido depois para a Bahia com os seus companheiros de martyrio e infortunio, Pedroso resignou-se á sua sorte, e entreteve-se em diffundir os seus conhecimentos entre os presos menos illustrados, ensinando-lhes arithmetica e algebra.

Sem lhe valer a amnistia concedida, pelas côrtes de Lisboa aos compromettidos na revolução de 1817, porque a relação o exceptuou como humicida qualificado, e o condemnou a degredo perpetuo nas fortalezas de Momulgão nas costas da Asia, foi remettido para Portugal á bordo da fragata *Principe D. Pedro*, soffrendo na viagem grande trabalhos, encomodos e privações.

Chegando a Lisboa, foi recolhido as prisões do Castello, e a 10 de Abril de 1822 foi intimado pelo regedor das justicas, para embarcar na manhã do dia seguinte para o seu desterro. Porém em sessão das côrtes constituintes desse mesmo dia, o deputado pernambucano João Ferreira da Silva apresentou uma indicação implorando a munificencia do soberano congresso, para decretar o seu perdão e mandar sobre-estar o embarque, o que sendo attendido em parte, foi immediatamente communicado ao ministro da justiça. Dous mezes depois, em sessão de 12

de Junho, um outro deputado apresentou de novo a mesma indicação, e procedendo-se a votação depois de alguma discussão, foi approvada a concessão do perdão, e no mesmo dia foi lavrada uma portaria do governo dirigida ao chanceller da Casa da Supplicação para dar execução a ordem, e Pedroso entrou no gozo da sua liberdade.

Restituído á Pernambuco, Pedro da Silva Pedroso serviu distincta e dedicadamente a causa da constituição e da independencia, e quando a 17 de Setembro de 1822, creou-se nesta provincia o governo temporario pela deposição da junta governativa, elle sahio eleito governador das armas. No anno seguinte, já elevado ao posto de tenente coronel, e ainda no exercicio do commando das armas, Pedroso pôz-se em conflicto com a junta do governo, e chegou ao excesso de cercal-a em palacio com tropa e artilharia, subindo as desordens a ponto de sahir a junta do governo da capital, e ir estabelecer a sua séde na villa do Cabo, ficando a cidade sem governo algum por sete dias consecutivos. Cedendo em fim á instancias da camara municipal, Pedroso resignou o commando das armas, em bem da tranquillidade publica, e foi embarcado para o Rio de Janeiro, onde permaneceu preso por algum tempo.

Voltando a Pernambuco durante o periodo revolucionario da Confederação do Equador, que teve logar em 1824, serviu briosamente a causa da integridade do imperio. Desembarcando na Barra Grande, marchou commandando uma força, de intelligencia com outras, contra a capital, e effectuando a entrada do exercito imperial no Recife, Pedroso poucos dias se demorou, e regressou para o Rio de Janeiro, onde viveu muitos annos tranquillo e inteiramente afastado da politica e da vida publica.

Em 1834, quando se disse que José Bonifacio fôra quem dera o primeiro grito da nossa emancipação politica, Pedroso fez publicar, na *Bussula da Liberdade* de 20 de Setembro, estas palavras em contestação : « Não pude ouvir a sangue frio que o Sr. Dr. José Bonifacio fosse o primeiro, que desse o grito da independencia do Brazil : esta glória só a mim pertence, porque eu é que fui o primeiro que na cidade do Recife de Pernambuco, a 6 de Março de 1817 pelas 2 horas da tarde, fiz soar esta palavra magica, que ao depois foi ecoada em 7 de Setembro de 1822 pelo Sr. Dr. José Bonifacio de Andrada nos campos do Ypiranga. Perdoe-me ! O seu a seu dono. »

O coronel Pedro da Silva Pedroso falleceu no Rio de Janeiro, adiantado em annos, e em epocha que não podemos verificar.

Pedro de Souza Tenorio. Nasceu na freguezia de Santo Antonio do Recife, aos 29 de Junho de 1779, e foi baptisado na matriz da mesma freguezia aos 14 de Julho seguinte; seus paes foram Manoel de Souza dos Santos, e D. Brazida Tenoria dos Santos.

Tenorio fez os seus estudos primarios nesta provincia, e deliberando abraçar a vida ecclesiastica, seguiu para Portugal, e em Lisbôa concluiu o seu curso. Não sabemos, porém, se ordenou-se em Portugal ou em Pernambuco; no entretanto, lá se achava quando no juizo ecclesiastico desta diocese corria o processo *De Genere et Moribus*, para assumir ao presbiterato, o qual foi julgado por sentença de 18 de Setembro de 1799.

Voltando a Pernambuco, foi nomeado vigario collado da freguezia de Itamaracá, e como tal, logo depois foi condecorado com o habito da Ordem de Christo. Sobre o desempenho da sua missão de pastor, ouçamos o testemunho de um estrangeiro illustre, que visitou-nos em principios deste seculo:

« A parochia de Itamaracá, diz *Henrique Koster*, gosa ha alguns annos da felicidade de possuir por cura ao Padre Pedro de Souza Tenorio. Seu merito foi reconhecido pelo governador, de quem foi capellão, e que solicitou do principe regente o lugar que este digno sacerdote ora exerce. Seu zelo pelo bem estar da freguezia que tem sob a sua administração, é infatigavel. Incumbiu-se do trabalho de explicar aos agricultores a utilidade de novos methodos de cultura, das machinas para os engenhos de assucar, e todos os melhoramentos da mesma natureza praticados com successo nas colonias de outras nações; e tudo quanto é innovação não se adopta sem o seu parecer; porém não lhe tem sido facil destruir os velhos prejuizos dos habitantes. Affavel com as gentes das classes inferiores do povo, eu o ouvi por diversas vezes, empregar palavras persuasivas, e pedir a muitos de seus parochianos, de quem tinha conhecimento dos seus costumes desregrados, para que mudassem de conducta. Os sermões sobre alguns pontos de moral, pronunciados no pulpito, com uma voz grave e sonora, por esse homem, de uma figura imponen-

te, revestido da batina preta, vestimenta habitual dos homens de sua classe, produziam uma vivissima impressão. Elle emprega os maiores esforços no aperfeiçoamento da civilisação em sua parochia, em prevenir as discordias entre os habitantes, em os persuadir a abandonar esses prejuizos sobre a relação entre os senhores e seus escravos, o que é ainda mui geral, e os obriga a instruir seus filhos, a trazel-os bem vestidos assim como a suas familias, e a conservarem suas casas em asseio. E' um excellentê homem, que comprehende os seus deveres. e que se esforça para cumpril-os o melhor que é possível. »

Surge porém a revolução de 1817, o governo dirige-se ao vigário Tenorio, não só pedindo a coadjuvação dos seus serviços, como recommendando-lhe particular vigilância sobre o juiz de fóra daquella villa, e casualmente, achando-se este em sua casa quando lhe foi entregue a carta; Tenorio começou então a fallar da revolução, afim de melhor penetrar as intenções do seu recommendado; mas elle retirou-se precipitadamente, e sem nada responder. Tenorio suspeitou então da organização de algum plano que podesse embaraçar o movimento revolucionario, e nestas circumstancias decidiu-se a proclamar a revolta quanto antes.

Esquecendo-se da humilde profissão que exercitava, em vez do breviario empunhou a espada; ao escurecer do dia ajuntou e armou do melhor modo que pôde aquelles dos seus freguezes com os quaes contava, e marchou a executar o seu plano. Postando-se a pequena distancia da fortaleza, a frente do numeroso povo armado, delegou o vigario Tenorio o padre Ignacio de Almeida Fortuna, capellão da mesma fortaleza, para reduzir o commandante a entregal-a. O enviado, porém, nada pôde obter; o commandante declarou formalmente que só trataria com o proprio parcho. Este porém, refere Muniz Tavares, confiado na dignidade do seu ministerio té então respeitado com servilismo, não attendeu ao perigo; vôou á fortaleza só, e armado occultamente de duas pistolas, previnio que se dentro de duas horas não visse alli içada a bandeira branca, tratassem de o livrar. Tanto tempo não intermediou a apparição daquelle signal, que foi acompanhado com salvas de artilharia. O commandante pertencia a numerosissima caterva dos mediocres nascidos para serem commandados, e incapazes de obrar accção estrondosa ou em relação ao bem, ou ao mal; a guarnição era pernambucana, os

pernambucanos no momento não faziam senão um só voto, liberdade e independencia da patria. »

Os serviços prestados pelo vigario Tenorio, no desempenho de tão arriscada e difficil empreza, não foram esquecidos por aquelles a quem a patria havia confiado os seus destinos. O governo provisorio chamou para junto de si o illustre patriota, e o encarregou do cargo de ajudante secretario.

Durante a curta, porém gloriosa marcha da republica, não deixou o vigario Tenorio um só dia de assignalar-se por mais um rasgo de abnegação, por mais um grandioso serviço prestado á causa santa da liberdade de sua patria; e quando o sol da republica começou a empallidecer, elle abandonou o theatro das suas glorias, e seguiu com os seus companheiros para Paulista, onde separaram-se, e cada um seguiu caminho diverso.

Em breve, porém, foi o padre Tenorio descoberto em seu asylo, por Antonio Correia Calheiros, por cuja prisão recebeu o premio de 400\$000, determinado áquelles que realizassem a prisão dos *rêos de alta traição*, pelo Bando de 12 de Junho, e sem demora foi remettido para a fortaleza das Cinco Pontas, donde foi transferido para a cadeia, a 6 de Julho, e posto em segredo.

O padre Tenorio, diz Muniz Tavares, prevendo que lhe seria impossivel affrontar com heroismo a morte ignominiosa, que se lhe preparava, resolveu suicidar-se. Não podendo por falta de meios violentos executar essa resolução, obstinou-se em regeitar os alimentos, preferindo assim muito mais dolorosa morte. A rigida abstinência produziu febre, esta o sustentou. Luiz do Rego, informado, apressou a commissão, perante a qual obrigou o enfermo a comparecer em estado cadaverico. Este estado, produzindo debilidade mental, o fez saltar a barreira da defesa natural; elle disse: « Ser injusta a parcialidade, com que o tratavam, pois que se merecia a pena de morte por ter sido ajudante do secretario do governo provisorio José Carlos Marink, que pena merecia o mesmo secretario? Entretanto achava-se este solto, e exercitando o emprego, que antes e depois da revolução occupara; a prisão do juiz de fôra de Goyanna ter-lhe sido commandada, e coadjuvada por todo o povo da sua parochia, a quem este juiz tinha-se tornado insupportavel. »

Por sentença lavrada aos 8 de Julho de 1817 foi condemnado a morrer enforcado por haver: 1.º accommettido

com uma pistola, e despojado do seu poder e insignia o juiz de fóra de Goyanna quando entrava na fortaleza de Itamaracá: 2.^o por ter arvorado com os seus sectarios a bandeira da liberdade na mesma fortaleza, gritando entre salvas de artilharia—viva a religião e a patria; 3.^o por ter sido ajudante do secretario do governo provisório!

O illustre patriota Pedro de Souza Tenorio subio ao patibulo aos 10 de Julho de 1817, e depois de executado, a sua cabeça e mãos foram cortadas. Estas conduzidas e pregadas n'um poste na villa de Goyanna, nelle estiveram por espaço de seis mezes, até que corrompidas pelo tempo se desprenderam e foram enterradas na capella-mór da igreja da misericordia da mesma villa; a cabeça foi conduzida em triumpho para Itamaracá, e fincada em um poste; e o tronco do seu cadaver, depois de arrastado á cauda de cavallo, foi sepultado no cemiterio da matriz de Santo Antonio do Recife!

Eis como Fernando Diniz discreve a solemnidade da execução dos patriotas de 1817, e particularmente do Padre Tenorio:

« Os habitantes de Pernambuco ainda não perderam a lembrança desta terrivel execução, de que vamos referir as circumstancias principaes. Foi no mez de Julho que se pronunciou a sentença. Os condemnados, com o barão ao pescoço, largo tempo aguardaram que se reunisse a comitiva, que devia acompanhá-los. Os soldados, que faziam parte da referida comitiva, marchavam como nos funeraes. Segundo o antigo uso, as confrarias chegaram a passos lentos, umas após outras, levando pendões, que ante os padecentes successivamente apresentavam. Um ministro vestido de capa e volta, appareceu montado n'um cavallo preto e precedido d'um alcaide vestido de encarnado, tambem a cavallo, tendo na mão uma vara amarella: um momento se presumiu que se ia ler a sentença de morte; porém novas deputações do clero foram chegando, e recitaram as orações das quarenta horas ante o portal da cadeia. O acompanhamento poz-se em fim em marcha e atraz delle caminhavam os executores da alta justiça; estes eram dous pretos condemnados a morte, aos quaes se havia perdoado o ultimo supplicio para que prestassem á justiça o seu terrivel ministerio. Chegado que foi ao sitio da execução, o cura de Itamaracá, o Padre Tenorio, vestido d'alva, pôde apenas dar alguns passos para a força; estava

debilitado por uma enfermidade. Frades franciscanos o sustinham, e um beneditino o acompanhou até junto da fatal escada. O padecente não podia fallar; porém a voz do beneditino se fez ouvir.—Com a vida satisfaz a divida que contrahiu para com a sociedade; além da morte vêde nelle um irmão.—Os verdugos, derramando lagrimas, cumpriram o seu terrivel dever. »

« Este varão insigne, diz o autor dos Martyres Pernambucanos, ser-nos-ha eternamente saudoso, porque sympathisando ambos desde a primeira juventude, condiscipulos nas mesmas aulas e faculdades, e conservando indissolúvel amizade, tivemos tempo e proporções para conhecer a sua bella alma; bella em principios da mais sublime philosophia, bella na pratica de todas as virtudes civis e religiosas, este nosso elogio poderia ser suspeito, se não fosse confirmado pelo testemunho irrecusavel do inglez Henrique Koster, na historia das suas viagens, e ousamos affirmar que o nosso elogio seria hoje o grito universal, se a causa da liberdade não succumbisse, levando-o de rojo comsigo. Amante da liberdade, desde que soube reflectir, mas talvez ignorando em que ella consiste; inimigo implacavel da tyrannia, sem querer desculpar os seus erros, mesmos os necessarios e involuntarios, sabia comtudo ser tolerante na pratica, vivendo em perfeita harmonia com os seus amigos concidadãos, e com o genero humano. Era o idolo das suas ovelhas, a quem infatigavelmente desabusava sem escandalisal-as; n'uma palavra, chegou o dia 6 de Março de 1817, dia em que brilhando como campeões da liberdade quasi todos os seus mais favoritos amigos, pouca duvida houve de ser elle um dos mais profundos adeptos dos mysterios democraticos, segredo que sempre nos occultou tenacissimamente, e para tirar toda a duvida sobre o seu credo politico, declarou-se tambem do numero dos campeões, fazendo muitos mais serviços á liberdade, do que são enumerados nos artigos da sua condemnação. »

Tal foi o illustre patriota padre Pedro de Souza Tenorio, martyr da mais santa e grandiosa idéa—a da liberdade da sua patria, e por ella sacrificada pelos seus despoticos e tyrannos opressores.

O nome de uma das ruas do bairro de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife, (rua do Vigario Tenorio) memora o deste illustre e benemerito pernambucano.

R

D. Rita Joanna de Souza. Nasceu em Olinda a 12 de Maio de 1696, e era filha do Dr. João Mendo Teixeira.

A philosophia, a historia, a geographia e a pintura, tecem a corôa de gloria dessa illustre pernambucana.

« Pernambuco, a provincia heroica, patria de tantos filhos benemeritos, diz o Sr. J. Norberto de S. e Silva, deve ufanar-se de poder contar entre os nomes das senhoras illustres, que ha produzido, o da joven Rita Joanna de Souza, que muito honrou as bellas artes e lettras. Nasceu sob aquelle formoso e esplendido céo, entre aquellas encantadores e rizonhas paisagens, ante todas aquellas bellas e inspiradoras scenas da cidade de Olinda, no anno de 1696, quando Gregorio de Mattos expirava com a poesia do arrependimento nos labios e o cânhão annunciava o aniquilamento da republica africana de Palmares, passou ella a sua mocidade alegre e ruidosa no entretenimento proprio da pintura e quando depunha os seus pinceis, o tento e palheta, era para se entregar ao estudo da historia e da geographia, que faziam os seus encantos, e sobre o que escreveu algumas investigações, que talvez ainda se conservem sob a poeira dos annos, ou tenha, o que é mais certo, levado o descaminho, que tem tido tanta riqueza litteraria, graças ao nosso descuido e incuria, e o nenhum apreço das nossas cousas. »

D. Rita Joanna de Souza, recebeu de seus paes uma desvelada e esmerada educação.

Se attendermos a que nos tempos coloniaes, o derramamento da instrucção, e diffusão das sciencias não passavam além das portarias dos conventos, e se attendermos tambem, a que somente na Metropole se poderia colher certos conhecimentos de outros ramos das sciencias, litteratura e bellas artes, D. Rita de Souza sómente pelo seu bello talento, pela sua vocação e amor aos estudos, e guiada por seu illustre pae, pôde conseguir sem haver sahido de

Pernambuco tamanha somma de illustração, que pelos seus trabalhos, pelas suas locubrações mereceu applausos de Damião de Froes Perim, no *Theatro Heroico*, do abbade Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, de Ferdinand Diniz no *Resumé de l'histoire du Bresil*, do conselheiro Lisboa nas suas *Notas Biographicas*, de José Marcelino P. de Vasconcellos na *Selecta Brasiliense*, de Souza e Silva nas *Brazileiras Celebres*, e de Macedo no *Anno Biographico Brasileiro*.

Nada porém nos resta dos trabalhos de D. Rita Joanna de Souza; nenhum desenho ou quadro, nenhuma das suas memorias e trabalhos de investigações historicas, chegaram aos nossos dias!

Resta-nos porém á sua memoria, a honrosa menção, e o preito de homenagem de tantos e notaveis escriptores, ao seu talento, a sua illustração.

Naturalmente os desenhos e quadros da juvenil pintora, diz o Dr. Macedo, os escriptos sobre historia da novel e candida philosopha se resentiriam de sua idade, rosa em botão mal desabrochada, e de sua inexperiencia de innocente donzella, mas em uns e outros brilhariam lampejos do genio, que a fama, infelizmente não documentada, apregoou por longos annos.

A este juizo do Sr. Dr. Macedo, antepomos o de Damião Froes Perim, autor contemporaneo. Eis o que elle diz no seu *Theatro Heroico*:

« D. Rita Joanna de Souza se fez recommendada na posteridade pelas obras de seu juizo e engenho. Na arte da pintura os mestres que não excedeu, igualou. Na philosophia natural escreveu diversos tratados, e na lição da historia foi tão applicada que revolveu as de Hespanha e França. »

Pernambucana e artista, continúa o Dr. Macedo, o que significava patriota e inspirada, D. Rita de Souza floresceu em epocha notavel para sua capitania, e cujos acontecimentos necessariamente deviam influir em seu espirito: a guerra dos Palmares e a relação da morte pavorosa, do suicidio *buonaresco* do Zumbi e dos principaes chefes dos negros foram as historias que sem duvida ouviu em sua infancia, e a guerra dos *mascates* tão excitadora dos brios e dos ardores pernambucanos terminada tresloucadamente por violenta e tyrannica perseguição, tormento e desterro de seus irmãos pela patria, forçosamente impressionaram sua primeira juventude.

Mas destino fatal do genio, os seus dias estavam contados, a morte a surprende na quadra mais risonha da mocidade, quando apenas 23 primaveras adornavam o cyclo da sua existencia, em Abril do anno de 1718.

D. Rita Joanna de Souza, segundo apontamentos antigos, era uma donzella tão sábia e virtuosa como modesta e formosa; morreu em Olinda; a sua perda foi chorada por todos e o seu cadaver foi levado á sepultura coberto de flores.

D. Rita Joanna de Souza não foi um talento commum, uma illustração vulgar. Duas corôas, cada qual mais brilhante, cada qual mais rica de esplendores, adornavam a sua fronte. E as honras que tributam á sua memoria, e a especial menção que fazem do seu nome autores contemporaneos, como Damião de Froes Perim, Frei João de S. Pedro e o abbade Barbosa Machado, quando ainda existiam os documentos comprobatorios dos seus meritos artisticos e litterarios, são attestados incontestaveis e provas bem robustas de tudo isso.

Tivéssemos a imprensa, fosse ao menos conservada uma pequena typographia que se estabeleceu em Olinda no anno de 1706, que a nossa historia politica e litteraria não teriam de lamentar a perda de tantas producções, de tantos e importantes documentos, uns pela mão implacavel do tempo, outros pela incuria e desamor a objectos de tamanha importancia!

« Que culpa tem a joven e candida donzella inspirada, interroga o Dr. Macedo, que no seu tempo nem houvesse no Brazil typographia para publicar seus escriptos, nem ao menos zelo e amor de thesouros litterarios e artisticos em seus contemporaneos!...

« Flor que perfumou os jardins de Olinda, meteóro que passou rapido, suave harmonia que pouco a pouco se extinguiu no espaço, rica legataria de quem se destruiu por barbara incuria do espolio precioso, donzella formosa e pura que encantou 22 annos Olinda e anjo subiu para o céo, D. Rita Joanna de Souza tem direito á suave, grata e maviosa lembrança na historia da patria.

« Foi arbusto mimoso que em letras e arte de pintura produziu fructos apreciaveis e louvados.

« Os fructos se perderam.

« Fique ao menos no altar da patria por ornamento o seu nome — o nome da flor. »

Frei Ruperto de Jesus. Nasceu na villa de Ignarassú aos 9 de Agosto de 1644 e foram seus paes Manoel de Souza e sua mulher D. Maria dos Santos.

Abraçando a vida religiosa, professou no Institut ode S. Bento da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, onde regeu algumas cadeiras com bastante aproveitamento para os seus discipulos. Passando-se depois á Portugal, Frei Ruperto de Jesus cursou a universidade de Coimbra, e recebeu a borla e o capello de doutor em canones.

Homem de merito, de illustração e virtudes, o Dr. Frei Ruperto de Jesus occupou na sua ordem os cargos mais elevados, e assim exerceu os de qualificador do Santo Officio, de provincial e visitador geral.

Pregador notavel, *de grande litteratura, dos muitos sermões que pregou com applauso*, segundo o autor da *Bibliotheca Lusitana*, apenas os seguintes viram a luz da publicidade : *Sermão de Santa Thereza*, impresso em Lisboa, em 1699; *Sermão de S. Bento*, em 1700; *Trez Sermões de S. Agostinho*; *Sermão do Santissimo Sacramento*, mandado imprimir pelo mestre de campo Antonio Guedes de Brito; e o *Sermão de S. Pedro Martyr*, mandado imprimir pelos familiares do Santo Officio, sendo todas essas peças oratorias proferidas nas diversas egrejas da cidade de S. Salvador da Bahia, e impressas em Lisboa no mesmo anno de 1700.

O Dr. Frei Ruperto de Jesus morreu no mosteiro de S. Bento da Bahia a 9 de Agosto de 1708, na idade de 64 annos, Foi um varão douto e virtuoso, e o seu nome figurando com louvor na *Bibliotheca Lusitana* do abbade Barbosa Machado, no *Diccionario bibliographico portuguez* de Innocencio Francisco da Silva, nos *Varões illustres do Brazil* do Sr. Conselheiro Pereira da Silva, na *Memoria historica e biographica do Clero pernambucano* pelo conego Lino do Monte Carmello Luna, e em outros escriptos, é assás honroso a sua memoria, é uma homenagem digna dos seus merecimentos e virtudes.

S

D. Sebastião Pinheiro Camarão. Nasceu pouco mais ou menos em meados do século XVII. Era filho de D. Diogo Pinheiro Camarão, governador geral dos índios desta capitania, e neto de Francisco Pinheiro Camarão.

Abraçando a nobilíssima carreira das armas, conquistou bem cedo pelo seu valor e merecimento, os mais altos postos do exercito, datando os seus serviços de 1673, quando teve praça. Se D. Sebastião Pinheiro Camarão não se illustrou na homérica e gloriosa campanha da restauração de sua patria do dominio hollandez, porque talvez ainda não podesse manejar uma arma, e nem mesmo fosse nascido ainda, illustrou-se porém na celebre campanha dos Palmares, na qual pelo seu valor e heroismo, patenteou que o sangue do legendario D. Antonio Felipe Camarão que lhe girava nas veias, não se havia degenerado. D. Sebastião Pinheiro Camarão fez parte tambem da campanha do Rio Grande do Norte, contra os índios rebellados, na qual portou-se briosamente, e em 1693 achava-se no exercicio de uma commissão militar na fronteira de S. Miguel de Araripe, na mesma capitania.

D. Pedro II de Portugal, na Carta Regia de 13 de Março de 1688, em que pelos seus serviços lhe concedeu uma tença de 48\$000 rs. annuaes, declara que elle « havia procedido com grande disposição e valor, sendo muito obediente e sujeito ás ordens que recebia, exercitando os seus officiaes e soldados com toda a bôa forma, muito cuidadoso no culto divino, sem agravar morador algum das Alagôas onde assistiu, antes reprehendendo os índios que reconhecia culpados; e nas guerras dos Palmares, se haver como fiel vassallo, sendo dos primeiros no acudir com a sua infantaria aos rebates de guerra, e nas entradas com dilatadas assistencias no sertão, supportando os trabalhos e fomes com valor e constancia, empenhando-se sempre no apasiguamento do povo. »

Tambem o governador desta capitania D. João de Souza muito louvára a D. Sebastião Pinheiro Camarão por tão assignalados serviços que prestára, e El-Rei os reconhecendo, galardoou ao illustre soldado com o fôro de fidalgo de sua real casa, e com o habito de Santiago, em cuja ordem professou.

Por morte de seu pae, foi D. Sebastião Pinheiro Camarão nomeado pelo governador Marquez de Monte Bello para o substituir no governo geral dos indios, cuja jurisdicção comprehendia todo o territorio que se extendia do rio S. Francisco ao Ceará, recebendo ao mesmo tempo a nomeação do commando do terço de infantaria dos ditos indios.

Confirmado no posto de governador e capitão-mór dos indios desta capitania, por Patente Regia de 5 de Março de 1694, são memoraveis e dignas de menção, as palavras com que El-Rei justificou esse acto, e assás honrosas á pessoa do aggraciado: «por ser pessoa pratica e com experiencia na disciplina militar, haver servido com praça de soldado, capitão-mór, sargento-mór e tenente dos mesmos indios, com toda a satisfação, sem faltar a tudo o que lhe foi encarregado, assim nas occasiões das guerras dos Palmares em que se achou por muitas vezes, como particularmente na guerra do gentio barbaro da capitania do Rio Grande do Norte, onde assistiu por cabo de algumas companhias do seu terço, na campanha do Assú enquanto durou a guerra com os tapuias, e nella se haver com assignalado valor nas occasiões de maior importancia, pelejando muitas vezes com o inimigo, fazendo-lhes consideraveis damnos, indo em seguimento por aquelles sertões os perseguindo, tomando-lhes muitos despojos e bagagens que haviam deixado, assistindo depois na aldeia de Araripe governando os indios muitos annos, havendo-se nesta occupação com honrado zelo e trazendo os ditos indios mui bem doutrinados.»

D. Sebastião Pinheiro Camarão morreu nos primeiros annos do seculo XVIII em avançada idade, legando á sua patria um nome honroso e respeitado, pelos seus serviços e merecimento. Fidalgo da casa real, cavalheiro de Santiago, capitão-mór e governador geral dos indios desta capitania e suas annexas, estes titulos são assás eloquentes para conferir á sua memoria merecidos louvores da posteridade, porque significam a sua distincção, o seu valor e o seu merecimento.

Sebastião do Rego Barros. Nasceu a 18 de Agosto de 1803; foram seus paes o coronel Francisco do Rego Barros e D. Maria Anna Francisca de Paula Cavalcante de Albuquerque.

Destinado á carreira militar, teve praça de cadete em Setembro de 1817, interrompendo assim os seus primeiros estudos, e no anno seguinte marchou para o interior da provincia acompanhando a força que tinha de aquietar os espiritos revoltosos, e manter a ordem então perturbada.

Terminado o serviço expedicionario, recolhendo-se á capital com um ferimento que recebeu em combate, em 1819 passou a servir sob as ordens do tenente-coronel Francisco de Albuquerque Mello, e em 1821 pagou nobre tributo ás idéas liberaes excitadas pela revolução de Portugal, sendo preso e remettido para Lisbôa por ordem do governador Luiz do Rego. Conseguindo a sua liberdade pouco tempo depois, Sebastião do Rego obteve licença do governo para cursar as aulas de sciencias mathematicas e philosophicas na Universidade de Coimbra, porém deixou os seus estudos em 1823 pelas rivalidades entre os estudantes brasileiros e portuguezes por motivos da nossa independencia. Foi então concluir os seus estudos na França, em 1825 fez uma viagem á Allemanha e no anno immediato recebeu o grão de bacharel em mathematicas na Universidade de Göttingen, tendo cursado em Pariz a escola pratica do estado-maior do exercito.

Regressando ao Brazil em fins de 1826, foi ao Rio de Janeiro, e obteve passagem do corpo de caçadores a que pertencia para o de engenheiros, foi promovido a capitão, e regressando então á Pernambuco, os seus comprouvicianos distinguiram-no com a eleição de deputado a Assembléa Geral.

Tomando assento no parlamento nacional em 1830, em epocha difficil e melindrosa, prestou immensos serviços a causa brasileira então em luta contra o antagonismo portuguez, e não querendo aceitar a pasta da marinha do ministerio organizado depois da abdicação, recebeu a nomeação de commandante geral das guardas municipaes da côrte, cargo este muito difficil e de muita confiança na situação, e que muito digna e honrosamente desempenhou.

Pedindo a sua exoneração depois de passado o perigo da situação e quando o espirito publico se tinha acalmado, Sebastião do Rego emprehendeu uma viagem a Montevi-

déo, em 1834 foi a Buenos-Ayres, as provincias de Santa Catharina, Rio Grande do Sul, S. Paulo e Minas Geraes, donde veio pelo centro até o rio S. Francisco, e dahiá até o Recife.

Reeleito sempre, á excepção das legislaturas de 1845 e 1848, Sebastião do Rego teve assento no parlamento como representante de sua provincia, foi um dos mais influentes deputados de Pernambuco, e ainda que não por *notaveis condições para brilhar na tribuna, era, quando fallava, conciso e energico, e sempre ouvido com attenção.*

Subindo ao ministerio, no gabinete de 19 de Setembro de 1837, e occupando a pasta da guerra, Sebastião do Rego cuidou especialmente da organização e disciplina do exercito, conseguiu a pacificação da provincia do Maranhão em grave rebellião, e foi pessoalmente ao Rio Grande do Sul sobre os negocios da campanha, animando com a sua presença a forças em operações, que a sua frente chegaram até além do rio Piratinin.

Regressando a côrte e achando dissolvido o ministerio, foi instado á continuar na pasta que occupava, negou-se a isto, e a 5 de Março de 1839 entregou-a ao seu successor. Terminando a sessão parlamentar, Sebastião do Rego voltou a Pernambuco, em 1840 empreendeu uma viagem a Europa e ali demorou-se até 1842 visitando Londres, Pariz, Irlanda, Escossia, Italia, republica de S. Marinho, os Alpes, Saboia, os cantões Suissos, Sachafousse, Basiléa, Belgica, Hollanda e Liverpool, donde voltou a Pernambuco.

Em 1848 foi incumbido do commando do batalhão de voluntarios creado para guarnecer a praça do Recife, quando esta provincia se viu á braços com a revolta praeira. Em 1850 seguiu para a côrte como deputado, e sendo incumbido pelo governo imperial da commissão de contratar tropas estrangeiras, partiu para a Europa, conseguiu em poucos mezes desempenhar a sua missão e em Julho do anno seguinte 2:000 homens de boa-tropa desembarcaram no Rio Grande do Sul. Sebastião do Rego aproveitou então o ensejo de se achar na Europa, e visitou a Suecia Noruega, Russia, Polonia e toda a Hespanha, voltando d'ahi para o Rio de Janeiro.

Foi-lhe então offerecida uma pasta no gabinete Parana, o que recusou, aceitando porem a presidencia da provincia do Pará, cuja posse teve logar a 16 de Setembro de 1851. Voltando depois a côrte, foi-lhe offerecida a presidencia do Rio Grande, mas não aceitou essa nomeação,

regressou ao Pará, e continuou na sua administração até 1857, quando a entregou ao seu successor, partindo então para os Estados-Unidos, visitando depois a ilha de Cuba e o Canadá.

Em fins de 1857 partiu de novo para a Europa, demorou-se em Constantinopla, seguiu para a Terra Santa, visitou Smirna, Rhodes, Chyppe, Beyruth, Damasco, ruínas de Balbeck, Alexandria, Cairo, o mar Vermelho, e ilhas Jonias, Sicilia, Malta e Napoles.

Voltando ao Brazil em 1859, tomou assento no parlamento, e a 10 de Agosto entrou de novo no ministerio, occupando a pasta da guerra até 2 de Março de 1861, notando-se entre outros serviços que prestou, o regulamento organico das escolas militares do imperio, e a impressão que fez das Provisões do Supremo Conselho Militar e de Justiça, dos annos de 1823 a 1856.

Cançado pela idade e pelos trabalhos, e soffrendo da vista por duas cataratas que o tornaram quasi cego, partiu de novo para a Europa, submetteu-se a uma operação na Allemanha conseguindo recuperar a vista, mas voltando a Pariz foi gravemente atacado de uma gastro-hepatite, regressando então para Pernambuco a conselho dos medicos. Porém o mal perseverou, e sobrevindo-lhe um desarranjo nos órgãos do coração, falleceu na cidade do Recife a 7 de Março de 1863.

Conselheiro, bacharel em mathematicas, tenente-coronel reformado, commendador de S. Bento de Aviz e official da Rosa, Sebastião do Rego Barros nobilitou-se por seus serviços, e deixou-nos a gloriosa memoria de seu nome tão merecedor de nossa admiração. Politico, parlamentar e administrador, elle esforçou-se não só pelo zelo e interesse de bem corresponder as missões de que foi encarregado, como tambem em contribuir individualmente em tudo que interessava ao progresso do paiz.

Sebastião do Rego Barros deixou os seguintes escriptos:

Cartas de um americano sobre as vantagens do governo federativo (trad.) Rio de Janeiro, 1833.

Noções elementares das sciencias applicadas a agricultura. (trad.) Pernambuco, 1848.

Simão de Figueiredo. Sacerdote respeitavel por suas virtudes e patriotismo, Simão de Figueiredo foi militar no primeiro periodo de sua vida, e o seu nome figura digna-

mente entre os mais esforçados batalhadores que deixaram, por seus feitos e bravura, um nome immortal nos annaes da guerra da invasão hollandeza.

Em 1630, quando Pernambuco viu em suas plagas as hostes inimigas, e o general Mathias de Albuquerque, no intuito de guarnecer diversos pontos, fez uma divisão da tropa sob o seu commando, creando 22 esquadras, e confiando-as ao commando de diversos cabos de reconhecida coragem e intrepidez, aos quaes conferiu a patente de *capitão de emboscada*, Simão de Figueiredo foi um dos comprehendidos na escolha do general em chefe.

Batendo-se heroicamente pela causa das liberdades patrias, um dos seus primeiros feitos foi a heroica defesa do posto que lhe tinha sido confiado, encarando o inimigo com dignidade e valentia. A 16 de Outubro de 1630, 400 soldados hollandezes de infantaria, com 14 batedores a cavallo, que durante a madrugada tinham sahido da villa de Olinda, atacaram de surpresa a estancia do Rio Doce commandada pelo capitão Simão de Figueiredo; mas elle estava prevenido e vigilante, e apresentou tal resistencia, que o inimigo vendo frustrada a tentativa da posse d'aquelle ponto, e tendo já perdido grande numero de soldados marchou em retirada, sendo perseguido até as proximidades de Olinda.

Figurou ainda em muitos outros feitos dessa guerra memoravel, mas que a historia esqueceu de mencionar o seu nome. Quando se firmaram as treguas e Pernambuco entrou em um periodo de paz, embora sob o jugo dos batavos-invasores, o capitão Simão de Figueiredo despiu a farda que tanto havia honrado pela sua intrepidez e valentia, e deixando a milicia de Marte, alistou-se na milicia de Christo, e devidamente preparado recebeu ordens sacras; e dando dest'arte toda expansão aos seus mais ardentes desejos, tornou-se um sacerdote zeloso e distincto, e por muito tempo exerceu dignamente o cargo de vigario de Olinda.

Apesar de sacerdote, e inteiramente consagrado ao exercicio do seu ministerio, comtudo não se apagara de seu peito a scentelha patriotica, e no padre dominava ainda os mesmos generosos sentimentos, o mesmo fervor e entusiasmo, que na vida militar o fisera heroe. A retirada do principe Mauricio de Nassau, e a subsequente perseguição religiosa votada aos pernambucanos, e outros meios de oppressão exercidos sobre o povo, deram causa a rom-

pimento da guerra da restauração, o Padre Simão de Figueiredo alliou-se aos conspiradores, foi nomeado capitão do posto de S. Lourenço, e quando o exercito independente occupou o monte Tabocas e feriu-se a porfiada batalha, a sua attitude, a sua coragem, e a tatica militar que desenvolveu, ennobreceram ainda mais o seu nome, tão honrosamente mencionado na historia.

Frei Raphael de Jesus descrevendo, no *Castrioto Lusitano*. a batalha de Tabocas, diz: *Entre os capitães que se acharam no conflicto...* O Padre Simão de Figueiredo, sacerdote e capitão, igual no zelo de encaminhar as almas, ao valor de esgrimir as armas. E mais adiante tratando dos sacerdotes que tambem tomaram parte na acção, diz: *O Padre Simão de Figueiredo, já mencionado entre os capitães, é agora nomeado de novo, porque offeceram duas vezes conhecido a dignidade e o posto.*

D'aqui por diante a historia não mais menciona o nome do Padre Simão de Figueiredo, desse sacerdote que foi «um astro luminoso» do clero pernambucano, desse patriota illustre e distincto, que soubera honrar e bem servir a sua patria, quér como padre cultivando zelosamente da vinha do Senhor, quér como soldado afouto e valente batalhando em prol da causa da liberdade de sua patria.

Simplicio Antonio Mavignier. Nasceu na cidade do Recife no anno de 1800; era filho legitimo do negociante desta praça Joaquim Ignacio Mavignier, e D. Cordula Maria das Virgens Mavignier.

Fazendo os seus estudos de humanidades no Seminario de Olinda, Simplicio Mavignier seguiu para Portugal em 1818, e matriculou-se na Universidade de Coimbra, no curso de mathematicas, o qual frequentou até o quarto anno, não o concluindo porém, para não ir de encontro aos desejos de seus paes. Seguiu então para Pariz, matriculou-se na escola de medicina, e terminando emfim os seus estudos, nos quaes muito se distinguuiu entre os seus collegas, apresentou a Faculdade a sua these, que versou sobre o *Clima de Pernambuco*, sustentou-a brilhantemente, revelando muito talento e aprofundados conhecimentos, e a 30 de Maio de 1829 recebeu a laurea de doutor em medicina.

De volta á sua patria e começando a exercer a sua profissão, o Dr. Mavignier «deu prova do seu talento, empenhando-se sempre no progresso civilizador desta provin-

cia, e se aqui, como medico não gosou de toda a reputação a que tinha direito por sua instrução, ninguém deixava de reconhecer nelle um facultativo illustrado e consciencioso. »

Em 27 de Abril de 1831, foi nomeado segundo medico do Hospital Militar; em 24 de Janeiro do anno seguinte, cirurgião-mór do corpo de guardas municipaes voluntarios do Recife; em 6 de Abril de 1835, presidente da administração do patrimonio dos orphãos; em 19 de Dezembro do anno seguinte, lente de physica do Lyceo; em 22 de Janeiro de 1844, lente da cadeira de obstrecticia; em 2 de Março de 1850, membro da administração geral dos estabelecimentos de caridade; no anno seguinte, membro da commissão incumbida de estudar e prevenir a propagação da febre amarella, e em Novembro de 1855 recebeu a sua jubilação de lente de physica do Lyceu.

O Dr. Simplicio Mavignier, além de todos esses cargos que exerceu, occupou dignamente uma cadeira na Assembléa Provincial na sua primeira legislatura de 1835 a 1836, sendo reeleito por varias vezes até 1848. A' sua iniciativa como deputado, deve-se entre outras resoluções a que autorisou o abastecimento d'agua á cidade do Recife, e muitas outras tendentes ao desenvolvimento moral e material da provincia.

Nomeado lente da cadeira de obstetricia do extinto Lyceo, diz o Sr. Dr. Aquino Fonseca em um artigo nechrologico á seu respeito, quando já era conhecido pela sua pericia operatoria, tornou-se um dos mais distinctos parteiros desta cidade e o mais conhecido; e como membro da Sociedade de Medicina, da qual era redactor em chefe, publicou em seus *Annaes*, um mui bem elaborado artigo acerca da constituição medica desta provincia, em que sobressahia o seu talento, e esse golpe de vista apreciador que não é dado a todos, e elle era um desses poucos medicos cuja instrução ultrapassava os limites da sciencia de Hyppocratis, e que só póde ser adquirida dentro dos de outras sciencias.

Além do seu trabalho *Constituição Medica ou molestias reinantes*, inserto nos *Annaes de medicina pernambucana*, publicou em 1829, em Pariz, um importante escripto sob o titulo: *Rapide examen des principales eaux de Pernambuco*, o qual já havia inserido nas columnas do *Journal de chimie medicale et de toxicologie*, da mesma cidade; e em

1834 traduziu do hespanhol por incumbencia da Camara Municipal do Recife a seguinte obra, que nesse mesmo anno foi publicada : *Tratamento therapeutico, e preservativo da cholera espasmodica*, por D. B. Hordas e Valbuena.

Tal foi a vida desse facultativo intelligente e illustrado, desse lidador incansavel na rôta da sciencia, desse homem firme na honradez e nos preceitos da caridade e do amor do proximo, desse cidadão benemerito que soube fazer da sua profissão um verdadeiro sacerdocio, o Dr. Simplicio Antonio Mavignier. Elle deixou um nome respeitavel e venerando como homem de sciencia, um nome honrado e puro como homem publico, e como medico, e como homem particular, a memoria das suas peregrinas qualidades, do seu character franco e leal, e de um coração bondoso e nimiamente generoso. O Dr. Simplicio Antonio Mavignier falleceu na idade de 56 annos, aos 2 de Agosto de 1856, e foi sepultado no Cemiterio Publico do Recife.

T

Tabyra. Filho da nobre e valente tribu dos indios Tabayares, nasceu pouco mais ou menos ao alvorecer do seculo XVI, e pelo seu valor e heroismo, bem cedo conquistou uma das insignias de chefe de sua tribu.

Logo depois do desembarque de Duarte Coelho, primeiro donatario de Pernambuco, ás praias de Iguarassú e da posse desse lugar, os indios Tabayares contrahiram alliança com os portuguezes.

Duarte Coelho fortificando Iguarassú, depois da sua conquista, seguiu para o sul, expellio os Cahetés da magnifica e aprazivel collina que habitavam, a que chamavam Marin, e fundou sobre ella a villa de Olinda, tão celebre depois pela sua opulencia e grandeza.

Os Cahetés cederam ao poder da força, porém, em breve tempo vieram lavar a affronta que haviam soffrido. Os ataques a nascente povoação, por essa tribu barbara e selva-

gem, eram constantes ; mas em 1535 foram elles tão fortes e tão grande o numero de combatentes indigenas, que Duarte Coelho vio-se em grandes perigos e teria mesmo succumbido, se não fosse um general tão habil, e se não tivesse a coadjuvação de cabos tão valentes como elle.

Foi nesses ataques e emboscadas dos indomaveis Cahetés, que Tabyra desenvolveu toda a sua pericia e sagacidade e patenteou os grandes talentos de que era dotado na arte da guerra.

Tabyra era o terror dos inimigos selvagens, principalmente dos Cahetés que o temiam e respeitavam.

Elle mesmo ia espial-os nos seus arraiaes, para descobrir os projectos que porventura quizessem por em pratica, aproveitando-se para esse fim, da vantagem de fallar a mesma lingua. Armava emboscadas, dispunha com habilidade immensa, innumeradas ciladas, atacava os inimigos pela noite, e era tal a sua actividade em os perseguir, que os trazia em continuo sobresalto.

Os Cahetés, já cansados de soffrer tantos revezes, causados sómente pelo valente e intrepido Tabyra, reúnem todas as suas forças, marcham sobre elle, cercam-no, e atacam-no inopinadamente. No maior furor da peleja, quando uns e outros disputavam palmo a palmo o terreno que defendiam, uma flecha parte do bando dos Cahetés e vai cravar-se certa no olho de Tabyra. Elle, porém, longe de abandonar o campo da batalha e de curvar-se a dôr immensa daquelle révez, e sem a menor alteração, arranca a setta e com ella a pupilla do olho e applicando no golpe certa herva que fez estancar o sangue, volta-se para os seus companheiros e lhe diz: *Tabyra com um só olho, vê quanto é bastante para bater seus inimigos.*

Gonçalves Dias, o príncipe dos poetas brasileiros, assim descreveu esse heroismo selvagem de Tabyra, nas suas poesias americanas :

Tem um olho d'um tiro frechado!
Quebra as settas que os passos lh'impedem,
E do rosto em seu sangue lavado,
Frexa e olho arrebatado sem dó!
E aos inimigos que o campo não cedem,
Olho e flecha mostrando extorquidos
Diz, em voz que mais eram rugidos:
—Basta, vis, por vencer-vos um só!

E com furia tão grande arremettem,
 Com desprezo tão nobre da vida;
 Tantos golpes, tão fundos repetem,
 Que senhores do campo já são!
 Potiguares lá vão de fugida,
 Linda á fera mais torva e bravia
 Disputando guarida d'um dia
 No mais fundo do vasto sertão....

E pouco depois de tão renhido combate, apesar do numero superior dos Cahetés, Tabyra entrava em triumpho na villa de Olinda, e depunha nas mãos do donatário os louros dessa esplendida victoria que acabava de conquistar, a qual foi considerada como uma das mais famosas daquelles tempos.

« Tabyra, diz o padre Simão de Vasconcellos na sua *Chronica da Companhia de Jezus*, era um capitão de valor, esforço e arte. Venceu batalhas, e fez taes proezas em armas, que só com Tabyra sonhavam. O mesmo era saber que vinha no exercito, que dar a empreza por perdida.»

Gonçalves Dias, nas suas poesias americanas, consagrou um canto a Tabyra, canto esse, que é por assim dizer a propria apothese desse illustre guerreiro selvagem.

E' Tabyra guerreiro valente,
 Cumpre as partes de chefe e soldado;
 E' caudilho de tribu potente,
 —Tobajaras—o povo senhor!
 Ninguém mais observa o tratado,
 Ninguém menos de p'rigos se atterra,
 Ninguém corre aos acenos da guerra
 Mais depressa que o bom lidador!

.....

Já dos Luzos o troço apoucado,
 Paz firmando, com elle traidora,
 Dorme illeso na fé do tratado,
 Que Tabyra é valente e leal.
 Sem Tabyra dos Luzos que fôra!
 Sem Tabyra que os guarda e defende,
 Que das pazes talvez se arrepende
 Já feridas outr'ora em seu mal!

.....

Nada mais sabemos a respeito desse illustre filho das selvas pernambucanas, desse guerreiro audaz e distincto, que tanto facilitou a conquista e colonisação desta provincia. No entretanto, cremos que veio a fallecer pouco depois do anno de 1535, quando sua fronte já pendia ao peso de tantas corôas que conquistára nos campos da batalha.

Thomaz da Cunha Lima Cantuaria. Nasceu aos 29 de Dezembro de 1800. Dedicando-se desde a sua mocidade ao estudo da musica, passou a servir na banda de um dos regimentos de linha do Recife, e começou logo a revellar o bello talento artistico de que era dotado.

Nas revoluções republicanas de 1817 e 1824, Cantuaria muito se distinguio, e soffreu pelos seus principios democraticos todos os rigores que pesaram sobre a maioria dos seus correligionarios. Em 1821, nas lutas constitucionaes, e em 1822, no movimento politico-emancipador, Cantuaria ainda tomou parte e muito se subresahiu pelos seus serviços e patriotismo, quér n'uma quér n'outra phase politica.

Homem de bem, honrado filho do povo, volveu á vida laboriosa quando a patria não mais precisava do concurso do seu braço em prol da causa da sua liberdade, entregou-se inteiramente a sua profissão, e por annos serviu como mestre da banda de musica de um dos corpos da guarnição desta provincia. Apresentando-se ao concurso aberto para preenchimento da cadeira de musica vocal e instrumental do collegio dos Orphãos, foi plenamente approvedo, e nomeado por portaria de 17 de Agosto de 1837, vencendo o ordenado de 600\$000 rs. Cantuaria regiu a sua cadeira com muito zelo, proficiencia e interesse de seus discipulos, e em 1868, depois de 31 annos de serviços recebeu a sua jubilação.

Geralmente respeitado, quér pelo seu caracter pessoal, quér pelo seu merecimento artistico, as suas numerosas composições tanto sacras como profanas, ainda hoje devidamente apreciadas, grangearam-lhe fama e merecida reputação. De 1838 a 1850, exerceu o cargo de mestre de capella e organista da cathedral de Olinda, desempenhando-o com zelo e dedicação, o que tornou sobremodo sensível a sua retirada, quando alquebrado, mais pelos trabalhos do que pela força dos annos, teve de deixal-o. Em 1854 o Summo Pontifice Pio IX digna e merecidamente conferiu-lhe o titulo de cavalleiro da ordem de S. Gregorio

Magno, titulo que o illustre e honrado artista nunca usou por lhe faltarem os meios de satisfazer ao governo imperial as despesas necessarias, afim de obter a precisa licença para aceitar e usar tão honrosa condecoração!

Volvendo á vida intima e privada, permanecendo em sua residencia de Olinda, Cantuaria passou os derradeiros dias de sua vida na mais honrosa pobreza, mas considerado e estimado; e se como artista de merito e de reconhecido talento, legou-nos um nome illustre, como homem, porém, as suas virtudes e o seu caracter pessoal, honram sobremodo a sua memoria; e depois de Luiz Alves Pinto, cujo vulto, por assim dizer, abre o prologo da historia musical de Pernambuco, elle incontestavelmente occupa lugar immediato.

Se como musico propriamente dito, Cantuaria *era uma verdadeira notabilidade*, como compositor não o era menos, e as suas numerosas produções o attestam vantajosamente, e ainda que desconhecidas, ou mesmo perdidas as suas composições profanas, subsistem porém as sacras, e d'entre ellas as seguintes: 2 grandes missas (S. Salvador e S. Thereza); 1 grande *Te-Deum* (Imperial); diversas antiphonas de Nossa Senhora, e uma de S. Braz; uma *Regina Coeli*, e dos Santos; 3 vespersas solemnes, e uma antiphona a *Me generes surrexit Dominus*; diversos hymnos religiosos, 4 matinas grandes de Nossa Senhora, SS. Sacramento, S. Bento e Santa Thereza, e diversos minuetes. Das suas musicas profanas restam-nos apenas uma collecção de quadrilhas, e copias de umas walsas que offereceu a S. M. o Imperador, do que teve agradecimento muito honroso em seu nome, por intermedio da mordomia da casa imperial. Em 1836 Cantuaria publicou a sua *Pequena arte de musica*, geralmente adoptada por todos os professores, e com tal aceitação que foram successivas suas reimpressões.

Thoniaz da Cunha Lima Cantuaria falleceu a 4 de Setembro de 1878, na cidade de Olinda, e transportado o seu cadáver á igreja do Livramento, alli tiveram lugar as exequias do seu sabimento. Foi um acto solemne, uma homenagem digna do merecimento do illustre artista. A orchestra composta de mais de 60 artistas, na quasi totalidade seus discipulos, o concurso de confrarias e irmandades religiosas a que pertencia, de clerigos tanto seculares como regulares, entre estes os missionarios Capuchinhos, em virtude do seu gráo decavalleiro de S. Gregorio Magno,

uma commissão da Imperial Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes, que apesar de não ser elle membro da associação, foi enviada como uma excepção honrosa, e grande numero de convidados, prestaram assim o derradeiro tributo de respeito e admiração a memoria do illustre e venerando artista.

A imprensa consagrou-lhe os mais bellos artigos ao consignar o seu passamento, ao mesmo tempo que memorava os seus serviços, o seu nome e as suas glorias de artista, e o *Diario de Pernambuco* assim teceu a corôa das suas glorias e renome artisticos: « Thomaz da Cunha Lima Cantuaria era um homem modesto, mas uma verdadeira notabilidade na arte a que se dedicou, e a que soube dar lustre, conquistando louros para si e para a terra de Pernambuco, que lhe foi berço. Sua arte musical, que até hoje não pôde ser supplantada por nenhuma das tantas publicadas depois della, é um verdadeiro florão que fará perdurar sua memoria aliás aureolada por muitas produções musicaes, sacras e profanas, em que o artista revellou todo o seu sentimento do bello, de par com o mais requintado conhecimento das regras da divina arte. Com o desaparecimento de Cantuaria, perdem os seus collegas pela môr parte seus discipulos, um verdadeiro amigo e um mestre digno deste nome, e Pernambuco um filho prestimoso, cuja vida, entretanto, como a de tantos outros talentos de pulso, quasi que passou despercebida no meio dos arruados deste seculo, tão cheios de grandes acontecimentos, como coberto de lantejoulas. »

U

Urbano Sabino Pessoa de Mello. Nasceu no anno de 1811. Era filho legitimo do brigadeiro José Camello Pessoa de Mello.

Fazendo com distincção os seus estudos de humanidades, Urbano Sabino matriculou-se no Curso Juridico de Olinda, e em 1834 tomou o grão de bacharel em direito.

Ainda estudante, Urbano Sabino foi nomeado professor de philosophia e geometria do Seminario de Olinda, em 29 de Abril de 1831, e no anno seguinte teve o titulo de professor vitalicio pelo governo imperial.

Deixando o magisterio pouco depois da sua formatura, foi nomeado juiz municipal e de orphãos de Goyanna em 13 de Julho de 1835, juiz de direito da mesma comarca em 20 de Abril de 1836, passou depois para a do Recife, e contrariado por uma caprichosa remoção para a comarca do Assú, no Rio Grande do Norte, abandonou a magistratura em 1849, « deixando merecida reputação de juiz integerrimo e de superior intelligencia. »

Magistrado e homem politico, a politica arrancou-o á magistratura para dar-lhe completa independencia do governo na banca de advogado.

Em 1836, na primeira legislatura provincial de Pernambuco, Urbano Sabino teve assento na Assembléa, e *exibio logo notavel merecimento como orador*. Eleito deputado a Assembléa Geral, representou sua provincia natal nas legislaturas de 1838 a 1841, e na seguinte de 1843 a 1844 que terminou por dissolução. Reeleito na de 1845 a 1848, deixou neste anno as bancadas do parlamento pela subida do partido conservador, e só voltou de novo á camara em 1864, na qual representou ainda importante papel, unido ao grupo dos *liberaes historicos*, em vigorosa opposição aos ministerios então chamados *progressistas*, de 1865 a 1866, em que terminou por assim dizer, a sua vida parlamentar e politica.

Membro proeminente do partido liberal, ou *praeiro*, como se chamava entre nós, e um dos seus principaes chefes, Urbano Sabino após a subida do partido conservador em 1848, e das medidas tomadas em reunião dos deputados e senadores liberaes na côrte do Imperio, sobre a attitude que deviam manter em suas provincias, principalmente na de Pernambuco, onde havia receios de um rompimento revoltoso, resolveu ficar no Rio de Janeiro, e « começou a exercer a advocacia, ganhando credito e nomeada, que justamente o collocaram entre os primeiros advogados da capital do Imperio. »

Rompendo a revolução em Pernambuco e ainda que não tomasse parte no movimento armado, contudo, Urbano Sabino prestou immensos serviços á causa do seu partido, mostrou-se alliado fiel e dedicadissimo, e foi na imprensa da côrte assiduo e energico defensor das idéas

liberaes, e da causa dos seus correligionarios em Pernambuco; e mais tarde, após á sua derrota, foi generosa e esforçadamente o advogado de muitos daquelles que foram victimas do odio e pressão dos seus inimigos politicos.

Urbano Sabino manteve a sua crusada politica nas columnas do *Correio Mercantil*, em periodo que comprehendia parte dos annos de 1848 e 1849, e neste ultimo publicou um livro sobre a *Revolta praieira*, « historia desse pronunciamento armado, cheia de interessantes noticias e esclarecimentos, mas sem duvida eivada de suspeições, e muitas vezes apaixonada. »

Urbano Sabino, homem de talento superior e de aprofundada illustração, magistrado, parlamentar, politico e jornalista, « foi um homem verdadeiramente grande, foi mais uma victima illustre das injustiças e ingratidões dos contemporaneos, que baixou envolto na immensa grandeza da mais admiravel modestia; foi um gigante de talento e assombrosas virtudes, amesquinhado pela sanha das mediocridades e dos tartufos!... E Pernambuco, que não quiz nunca engrandecer-se, elevando-o?!... »

Em 1863 Urbano Sabino foi candidato á senatoria por esta provincia, mas não logrou essa honra que tanto almejava, elle, a quem sobravam os mais significativos titulos para bem desempenhar o mandato, pois reunia á sua grande intelligencia e sabedoria, o mais acrisolado patriotismo e probidade exemplarissima.

Deputado tantas vezes, havia revellado o que seria o senador, pois « na tribuna da camara foi sempre orador muito estimado pelos seus notaveis dotes: elle tinha voz agradável e insinuante, palavra facil e prompta, força potente na argumentação, e energia no ataque: parecia sempre empenhado em mostrar-se mais logico, do que rhetorico. »

O Dr. Urbano Sabino Pessoa de Mello falleceu na côrte do Imperio aos 7 de Dezembro de 1870. A imprensa pagou á memoria do illustre patriota o justo preito de saudade e homenagem a que tinha jus por tantos titulos, e o Club Popular Pernambucano celebrou uma sessão funebre em sua honra, em 17 de Fevereiro de 1871, na qual foram memorados os seus feitos e os seus serviços. Foi uma modesta manifestação, mas bem honrosa á memoria daquelle que em vida só encontrou ingratidões e indifferentismo!

V

Venancio Henrique de Rezende. Nasceu na villa de Serinhãem no anno de 1784, e foram seus paes José Henrique de Rezende e D. Maria de Nazareth da Graça.

Fazendo em Pernambuco o curso das disciplinas necessarias á vida ecclesiastica, seguiu para a Bahia em 1811, e recebeu ordens sacras das mãos do arcebispo D. Frei José de Santa Escolastica.

Ordenado presbytero, regressou para esta provincia, e em 1813 foi nomeado coadjutor pro-parocho da freguezia do Cabo, onde se conservou até 1817. Sacerdote dignissimo, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, e coadjutor do insigne João Cavalcante de Albuquerque, quando rompeu a revolução de 6 de Março, para seu completo elogio talvez fosse bastante dizer, que, entre elle e o seu vigario, era tanta a semelhança na causa da liberdade, que seria difficil julgar, qual dos dois era modelo ou copia; todavia, devemos acrescentar, que a vasta comprehensão metaphisica, a singular eloquencia e o enthusiasmo marcial do coadjutor diffiria immenso da do vigario. Defendeu em consequencia a estimavel liberdade com a penna, lingua e espada, em quanto foi possivel sustentar-se.

Invadido o territorio de Pernambuco, o Padre Venancio de Rezende acompanhou as tropas patrioticas destinadas á bater o exercito realista, mas a batalha de Pindobas foi adversa a causa dos pernambucanos, elle cahiu prisioneiro, marchou para o Recife, e foi immediatamente remetido para a Bahia, donde voltou em 1821, em virtude da amnistia concedida pelas côrtes de Lisboa.

Obtendo a reintegração da sua coadjutoria do Cabo, o Padre Venancio começou de novo a exercel-a com o mesmo zelo e dedicação, mas sobrevivendo nesse mesmo anno a tentativa contra a vida do governador Luiz do Rego, a unica circumstancia de ser amigo dos irmãos Soutos Maior, seus companheiros de martyrio nas prisões da Bahia, fel-o

suspeito da conjuração, foi preso e remetido com outros companheiros para Lisbôa, desembarcou a 19 de Outubro de 1821 mettido entre numerosa escolta, e marchou para as prisões do Castello.

Obtendo a sua liberdade e voltando para Pernambuco nesse mesmo anno, no seguinte de 1822 quando foi convocada a assembléa constituinte brazileira, o Padre Venancio recebeu dos seus comprovincianos o honroso mandato de represental-os nesse congresso.

Mas o Padre Venancio era republicano, e nos jornaes *Maribondo* e *Gazeta Pernambucana* pregava as suas doutrinas e vantagens, e por isso fizeram-se reclamações á camara apuradora de Olinda, como contrario a causa do Brazil, promovendo o systema republicano, e a camara não lhe conferiu o respectivo diploma. O Padre Venancio appella então para a assembléa constituinte fazendo valer o seu direito, a sua petição é enviada a respectiva commissão, e esta, em luminoso parecer datado de 12 de Maio de 1823, opinou que se lhe desse assento na camara, o que effectivamente teve no dia 17, depois de renhidiissima discussão, na qual tomaram parte os Andradas, Araujo Lima, Pinheiro de Oliveira, Souza Mello, Alencar, Muniz Tavares, Pereira da Cunha e outros vultos.

Nessa mesma occasião, o deputado Carneiro da Cunha, exaltou os méritos do illustre patriota o Padre Venancio Henrique de Rezende; tornou saliente todos os actos de sua vida, expoz todos os serviços que prestára a causa da patria nos momentos mais criticos e perigosos, o seu martyrio, soffrimentos e perseguições, a sua constancia, amor e patriotismo, e de todos esses louros compoz a corôa de suas glorias civicas e patrioticas.

O Padre Rezende tomando assento na assembléa constituinte, não desmentiu da honrosa missão de seus comprovincianos; elle desempenhou-a digna e illustradamente, ostentando muito saber e eloquencia, muito civismo e patriotismo, e muita independencia de character a despeito de alguns embarracos.

Dissolvida a constituinte, o Padre Venancio regressou á Pernambuco, e ao lado de seus compatriotas oppoz energico protesto aos actos do Imperador, e esse protesto foi o grito da revolta, foi a proclamação da Confederação do Equador. O Padre Venancio ostentou-se então o mesmo patriota de 1817 e 1821, e o seu enthusiasmo e patriotismo deixou bem traduzido em diversas proclamações, das quaes

resta-nos uma que figura no processo de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, como sendo de sua composição, mas que, segundo o commendador Mello, *foi escripta pelo muito honrado patriota e sempre homem de bem Padre Venancio Henrique de Rezende, o que assevera por declaração pessoal do proprio escriptor.*

Debellada a revolução, o Padre Rezende espatriou-se em 1825, seguiu para os Estados-Unidos, visitou o Mexico e outros paizes da America, e de volta em 1829, recebeu o diploma de deputado a assembléa geral, como representante de sua provincia.

Nessa legislatura, e em outras em que tomou parte como deputado, muito se distinguiu, foi um dos mais decididos propugnadores da reforma constitucional, e muito concorreu para a resolução do acto addicional. Em 1833 apresentou a camara um projecto de banimento a D. Pedro I, que por muito poucos votos cahiu; occupou dignamente a cadeira de presidente da assembléa, em 1843 foi ainda eleito deputado, sendo que, sómente em duas legislaturas até essa data, deixou de ser eleito.

Desde então, o Padre Venancio renunciou a vida publica, modificou as suas idéas politicas, filiou-se ao partido conservador, mas bem amargos dissabores lhe custou esse passo de sua vida.

A imprensa liberal foi unanime em accusal-o, e até na camara dos deputados ergueu-se contra elle o vulto de Antonio Carlos, e por muito tempo se prolongou a guerra de morte que lhe votaram os seus antigos alliados politicos. Por diversas vezes veio o Padre Venancio á imprensa justificar-se do seu procedimento, mas os liberaes não admitiam que um homem que tanto se havia compromettido nos movimentos politicos de 1817 e 1824, que se havia envolvido nas lutas contra Luiz do Rego em 1821, proposto o banimento de D. Pedro I, e tanto se distinguido nas fileiras do seu partido, se passasse impunemente para os conservadores!

Pobre e sem recursos, e mal chegando para manter-se os meios que lhe proporcionava o sacerdocio, o Padre Venancio abriu um curso de latim, francez e inglez, e por algum tempo leccionou estas disciplinas, até que em 1848 oppondo-se em concurso a vaga parochial da freguezia de Santo Antonio do Recife, foi approvedo e nomeado, entrando em exercicio a 28 de Maio do mesmo anno.

O Padre Venancio entregou-se inteiramente ao serviço de sua parochia, e jamais se envolveo em questão alguma politica. Velho, curvado ao peso de longos trabalhos, desgostoso pelos dissabores que lhe trouxe a modificação politica de suas idéas, mesmo assim retrahido, foi nomeado vice-presidente da provincia em 1848, director do Lyceo Pernambucano em 1853, e depois director geral da instrucção publica.

O Padre Venancio Henrique de Rezende falleceu a 9 de Fevereiro de 1866, na avançada idade de 82 annos, inteiramente consagrados ao serviço da patria, da egreja e da humanidade. A impensa rendeu então o merecido tributo de homenagem a memoria desse homem por tantos titulos illustre, e o *Diario de Pernambuco* consagrou-lhe estas palavras :

« E' mais um vulto importante que desaparece nas sombras da morte; é mais uma reliquia dos primeiros tempos do Imperio do Brazil que se esvae no pó do sepulchro, deixando após si todavia um nome grato á recordação, estampado nas paginas da historia....

« Desde a proclamação da independencia que foi devotado ao systema constitucional, sendo repetidamente eleito deputado, desde a assembléa constituinte até poucos annos; e na assembléa mereceu tanta consideração que serviu quasi sempre de presidente da camara dos Srs. deputados, onde tinha o melhor conceito possivel pela sua austeridade de principios; pois era tal que nunca pediu emprego algum para si, nem para pessoa alguma.

« Occupou por vezes o cargo de director da instrucção publica desta provincia, e ha cerca de 20 annos que exercia o lugar de vigario collado desta freguezia de Santo Antonio, tendo vivido sempre com simplicidade tal, e sendo tão caritativo, que a congrua e os direitos parochiaes mal chegavam para as despezas, não deixando por isso cousa alguma com que se fazer o seu funeral, tanto que, antes de fallecer recommendára este ultimo trabalho a irmandade de S. Pedro dos Clerigos.

« Fez parte de todas as commissões de caridade nas occasiões de epidemia porque tem passado esta cidade; e em consequencia de tão importantes serviços, foi nomeado official da ordem do Cruzeiro e commendador de Christo, e teve o titulo de conego honorario da capella Imperial, bem como o tratamento de senhoria por haver feito parte da assembléa na maioridade de S. M. o Imperador. »

Victorino José Carneiro Monteiro, Barão de S. Borja. Nasceu no Recife no anno de 1816, e foram seus paes o major João Francisco Carneiro Monteiro e D. Izabel Rosa Carneiro Monteiro.

Ainda estudante, offereceu-se e marchou para a guerra de Panellas de Miranda e Jacuipe, e ferido gravemente foi dispensado do serviço em 1833, e recolheu-se a capital. Nomeado amanuense da prefeitura da policia da comarca do Recife em 1836, foi neste mesmo anno nomeado alferes da guarda nacional por eleição popular, passou a ajudante em 16 de Agosto de 1837 e a 16 de Outubro do mesmo anno foi nomeado capitão.

Neste posto offereceu-se e marchou para a campanha do Rio Grande do Sul em 1837, foi nomeado alferes de primeira linha por Decreto de 20 de Agosto de 1838, no anno seguinte serviu de ajudante de campo do commando da 2.^a brigada e foi promovido a tenente, passou a capitão em 1841, e a major no anno seguinte. Fazendo a guerra contra os rebeldes do Rio Grande do Sul desde Novembro de 1837 até a sua pacificação em 1845, Victorino Monteiro muito se distinguuiu, como se vê das successivas promoções que teve, notando-se entre os seus feitos os ataques de Taquary. S. Borja e banhado Inhatium em que foi ferido, e os sitios de Vacacua, rincão do Trilha e villa do Alegrete.

Em 1845 Victorino Monteiro foi transferido para a arma de cavallaria, e passou a servir no 2.^o regimento, o qual fiscalisou posteriormente, cabendo-lhe por algumas vezes dirigir o seu commando, assim como o do 3.^o regimento em que tambem servio. Fez a campanha da republica Oriental do Uruguay, em 1854, tendo partido para o Uruguay commandando o regimento da fronteira de Bagé; foi promovido a tenente-coronel, e condecorado com o officialato da Rosa e nomeado commandante da 1.^a brigada em 1855, regressando então de Montevideo para o Rio Grande.

Promovido a coronel em 1857 foi-lhe confiado o commando do 3.^o regimento de cavallaria ligeira, e no anno seguinte teve a commenda da Rosa e foi nomeado commandante da 1.^a brigada, desempenhando em todo esse tempo difficeis e arriscadas missões, por cujo desempenho mereceu sempre dos seus superiores elogios e louvores.

Marchando com o seu regimento para Bagé em Julho de 1864, chegou a Pirahy Grande, sendo o corpo do seu

commando o primeiro que chegou áquelle logar, e onde se acamparam todas as forças que formaram o exercito que invadiu o Estado Oriental, sendo ao mesmo tempo nomeado commandante geral das mesmas forças alli estacionadas. Nomeado commandante da 1.^a brigada transpoz as fronteiras da republica Oriental do Uruguay, assistiu ao combate contra as fortificações da cidade de Payssandú, commandando a força de cavallaria, marchou depois para o sitio da cidade de Montevidéo, onde permaneceu até a sua capitulação; merecendo então pelo heroismo e valentia que ostentou, a dignitaria da Rosa e depois a medalha da campanha do Uruguay.

Marchando de Montevidéo para a villa Santa Luiza, em Junho de 1865 transpoz o Uruguay e passou-se para a provincia de Entre-Rios, na confederação Argentina, acampando junto a villa da Concordia; e desse ponto onde foi organizado o exercito contra a republica do Paraguay, com elle marchou para a campanha. Chegando a villa de Mercedes em Corrientes, foi designado pelo general em chefe, para buscar e reunir ao exercito uma força que se achava na margem esquerda do Uruguay, por cujo serviço foi louvado *pelo modo activo, zeloso e intelligente com que desempenhou a missão que lhe foi confiada.*

Nomeado commandante da 6.^a divisão de infantaria em 6 de Janeiro de 1866 e promovido a brigadeiro por Decreto de 22, transpoz o Paraná, chegou ao territorio Paraguay, e tomou parte no combate de 2 de Maio, sendo por esse motivo elogiado pelo general em chefe do exercito pela seguinte maneira: «Apreciando devidamente a energia com que avançou com a sua divisão, e a pericia que desenvolveu na distribuição de seus batalhões para repellar e perseguir o inimigo, o louvo e agradeço tão relevante serviço.»

No dia 20 reforçando com a sua divisão o exercito da vanguarda, o general Victorino forçou as fortificações do Estero Bellaco, fazendo alto em Tuyuti diante das de Rojas, onde assistiu a batalha de 24, merecendo por seu brioso comportamento ser elogiado em ordem do dia do general em chefe, quer das forças brasileiras, quer das forças sob o commando do general D. Venancio Flores.

Regressando então para o Rio Grande do Sul em virtude de um ferimento que recebeu no combate, partiu de novo para a campanha em 1867, e assumiu o commando da 1.^a divisão. Commandando depois a 5.^a divisão de ca-

vallaria, combateu em 21 de Outubro em Tatagiba, no flanco direito das fortificações de Humaytá, sendo elogiado em ordem do dia *pela pericia com que se houve e cabal desempenho das ordens que recebeu, tendo tido occasião de, por mais de uma vez, patentear a sua experimentada bravura e denodo.*

Promovido a marechal de campo por Decreto de 11 de Dezembro de 1867, passou em principios do anno seguinte a commandar o 1.º corpo do exercito que se achava em Tagi, fazendo a vanguarda do grande exercito, foi condecorado com a grande dignitaria da Rosa, e em 1869 teve a medalha de merito militar, *em attenção aos actos de bravura praticados em diversos combates.*

Nomeado chefe do estado-maior do 1.º corpo do exercito, commandou depois o 2.º corpo de exercito, « em attenção á distincção e energia com que guiára o mesmo corpo, quando commandante interino, entre as fadigas e privações, e com notavel proveito para a causa nacional. » Comprehendido no elogio mandado fazer por S. M. o Imperador a todos aquelles que tomaram parte no combate contra as fortificações de Pirebebuhy, batalha de Campo Grande e outros feitos, são notaveis as palavras da ordem do dia do principe Conde d'Eu, general em chefe, que lhe diz respeito; sobre Pirebebuhy, disse elle: No centro o Exm. Sr. marechal de campo Victorino José Carneiro Monteiro com a intrepidez que ha muito o distingue, não se limitou a simular um ataque, mas carregou com a força que se achava ás suas immediatas ordens sobre o lado da trincheira que lhe ficava em frente por onde os defensores da praça procuravam evadir-se. » Tratando da batalha de Campo Grande, diz, *que do prompto e conveniente movimento do corpo de exercito de seu commando, pelo qual lhe cabem os mais subidos louvores, dependeu em grande parte o completo destroço do exercito do dictador fugitivo.* E finalmente tratando do combate nos desfiladeiros do Caraguatahy, diz o seguinte: « Neste dia deu-me prova de sua energia, tino militar e incansavel dedicação que tanto o distingue, desempenhando do modo mais prompto e completo a sua missão. »

Passando a commandar as forças em operações ao norte do rio Manduvirá, quando se deu uma nova organização ao exercito, tomou parte então em todos os movimentos que deram fim a porfiada luta da guerra do Paraguay, sobre o que disse o seguinte o general Conde d'Eu

na ordem do dia sobre a final derrota do inimigo: « Se, porém, fosse licito repartir com outros a gloria que pertence aos triumphadores de Cerro-Corá, a maior deveria depois delles, tocar ao Exm. Sr. marechal de campo Victorino José Carneiro Monteiro, commandante das forças no norte do rio Manduvirá, a cujo zelo pelo serviço e incansavel providencia se devem terem aquellas forças podido desempenhar a custosa tarefa, sem que por momentos lhe faltassem o sustento e os meios imprescindiveis de mobilidade. »

Nomeado por Aviso do ministro da guerra de 19 de Março de 1870 para substituir ao general Conde d'Eu, no commando em chefe do exercito, não assumiu á esse cargo pela licença que anteriormente havia obtido do mesmo general para regressar ao Brazil. O governo Imperial galardoou então o heroico e valente soldado honrosa e condictamente, conferindo-lhe o titulo de Barão de S. Borja, a medalha geral da campanha do Paraguay, a dignitaria da ordem do Cruzeiro e o fôro de fidalgo cavalheiro da casa imperial, possuindo já elle a grande dignitaria da Rosa e a commenda de Aviz.

Foi nomeado commandante das armas de Pernambuco por Decreto de 6 de Setembro de 1870, e entrou em exercicio a 1 de Outubro. O velho e heroico general voltando a sua provincia natal depois de uma longa ausencia de 33 annos, trazendo-lhe a gloria dos seus feitos e o renome das esplendidas victorias que conquistára em tantas acções, teve uma triumphal recepção; e não menos digna foi a que teve no Rio de Janeiro, quando por lá passou de volta da campanha, e em demanda de sua provincia natal.

Transferido para o commando das armas do Rio Grande do Sul por Decreto de 18 de Fevereiro de 1871, entregou o desta provincia em 1 de Março, e a 14 de Abril entrou no exercicio do seu novo cargo. No Rio Grande foi elle alvo de novas manifestações, e partindo para a campanha á inspecção das diversas guarnições e fronteiras, por todos os logares em que passou teve recepção estrondosa e esplendida, principalmente em S. Gabriel e Alegrete.

O Barão de S. Borja falleceu na cidade de Porto Alegre em 1877, e legou a sua patria um nome tão verdadeiramente illustre e grande, que a historia não pôde deixar de destinar-lhe um logar de honra.

Virginio Rodrigues Campello. Nasceu na freguezia

da Varzea e foi baptisado a 21 de Agosto de 1770; era filho de Joaquim José Rodrigues Campello e D. Maria do Carmo Bezerra.

Educado no Recife onde fez os seus estudos, «*de uma conducta virtuosa desde a sua infancia e de assidua applicação em seus estudos,*» Virginio Rodrigues Campello seguiu a vida ecclesiastica, ordenou-se no Rio de Janeiro, mais veio celebrar a sua primeira missa em Pernambuco, na capella do engenho S. Braz, na freguezia do Cabo.

Nomeado vigario da freguezia de Campina Grande na Parahyba, e condecorado com o habito da Ordem de Christo, foi collado pelo bispo diocesano de Olinda, entrou no exercicio do seu cargo, e nesta posição o sorprendeu o rompimento da revolução pernambucana de 1817; «a sua surpresa, diz o Padre Dias Martins, converteu-se brevemente em entusiasmo pela causa da liberdade, que permaneceu efficazmente, arrastando para ella todo o povo da sua extensa parochia, que, com facilidade se convenceu da justiça e vantagem de uma causa que via abraçada e elogiada por um parochio tão sabio e virtuoso.»

Debellada a revolução o Padre Virginio foi preso por haver sido um dos enviados pelo governo interino da Parahyba para proclamar o novo systema, não só no interior daquella provincia como no Ceará, foi condemnado a 10 annos de degredo em Angola, e remettido em 17 de Junho á disposição do governador de Pernambuco, d'onde partiu para a Bahia, alli gemeu em estreita e rigorosa prisão.

Consequindo a sua liberdade e entrando no exercicio das suas funcções parochiaes, o Padre Virginio «esmerou-se em edificar suas ovelhas com exemplos novos de virtude, devendo ser especialmente mencionada a heroica humanidade de recolher na sua casa, alimentar, educar e instruir nas sciências, os meninos pobres e abandonados, empenhando-se mesmo com alguns paes para do fundo dos ermos e sertões lhe trazerem seus filhinhos.»

Os serviços do Padre Virginio, quer como paracho, quer como cidadão, não foram esquecidos pelos parahybanos; elles o elegeram deputado ás cortes constituintes de Lisboa em 1821, mandato este que custosamente accitou, e só bem tarde resolveu-se a partir, tomando assento no congresso em 14 de Agosto de 1822; e proclamada a independencia e convocada a constituinte brasileira em 1823, elegeram-no ainda seu representante.

Varão de grandes virtudes civicas e moraes, na phrase

do Sr. Barão Homem de Mello no seu estudo sobre a Constituinte, o Padre Virginio, a par dos seus eminentes serviços á causa da religião, da liberdade e da humanidade nobilitou-se tambem pela elevação e rigidez do seu character, por seus dotes intellectuaes, e por sua não vulgar illustração.

Deixando a sua vigararia, recolheu-se á Pernambuco, e entregou-se exclusivamente ao magisterio, mas por gosto e por dedicação, zelosa e gratuitamente, visando o unico interesse de ser util aos seus patricios e de contribuir o quanto lhe era possivel para a obra do engrandecimento moral de sua patria, preparando e instruindo a mocidade.

Litterato, poeta distincto, as suas innumerables produções não passaram o circulo da familia e dos amigos, e assim esqueceram-se e perderam-se completamente. Escreveu dramas pastoris, comedias e outras peças theatraes que tiveram representação no engenho Brum, na freguezia da Varzea, pelos tempos do natal.

Das suas poesias encontramos apenas 4 glosas em decimas, sobre o mote:

*Os charos pernambucanos
D'Olinda os filhos mimosos,*

e mais uma outra em oitavas, improvisada em uma reunião, sobre os versos de uma modinha então muito em voga e apreciada:

*No livro dos infelizes
O meu nome escripto achei,
Como nasci sem ventura
Sem ventura acabarei.*

O Padre Virginio Rodrigues Campello morreu no engenho Brum, pelos annos de 1836, no mesmo quarto em que nasceu, e foi sepultado na capella de N. S. das Dores, da matriz da Varzea.

D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira. Filho legitimo do capitão Antonio Gonçalves de Oliveira e D. Antonia Albina de Albuquerque, nasceu em Pedras de Fogo (Itambé) aos 27 de Novembro de 1844.

Antonio Gonçalves de Oliveira Junior no lar paterno e na primeira phase de sua vida, Frei Vital Maria de Per-

nambuco no claustro, e D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira no solio episcopal de Olinda, bem jovem ainda veio para a cidade do Recife, fez o curso preparatorio no collegio Bemfica, e depois matriculou-se no Seminario de Olinda onde cursou o primeiro anno de theologia, sendo-lhe conferidas as ordens de prima tonsura a 16 de Dezembro de 1860.

Em 1 de Outubro de 1862 seguiu para a Europa, entrou no Seminario de Issy, perto de Pariz; e um anno depois recolheu-se ao convento dos capuchinhos em Versailles, tomou o habito a 16 de Agosto de 1863; e professou no anno seguinte adoptando o nome religioso de Frei Vital Maria de Pernambuco; e concluindo o seu noviciado, foi completar os seus estudos no convento de Tolosa, onde recebeu ordens menores a 8 de Julho de 1866, das mãos do arcebispo D. Juliano Desprez, de subdiacono a 8 de Dezembro de 1867, de diacono a 6 de Junho de 1868, e de presbytero a 2 de Agosto seguinte, pelo mesmo arcebispo, celebrando a sua primeira missa no dia immediato.

Em Outubro de 1868 regressou para o Brazil com destino a provincia de S. Paulo, em cujo seminario exerceu as funções de professor de theologia, e depois as de capellão e director espiritual do collegio do Patrocinio, em Itú.

Foi nomeado bispo da diocese de Olinda por Decreto de 21 de Maio de 1871, confirmado em consistorio de 22 de Dezembro do mesmo anno, com dispensa de 3 annos da idade legal, e foi sagrado na cathedral de S. Paulo a 17 de Março de 1872, pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda.

D. Vital mandou tomar posse do bispado por procuração passada ao conego João Chrysostomo de Paiva Torres, o que teve logar a 2 de Abril, mas chegando a Pernambuco a 22 de Maio, no dia 24 do mesmo mez fez a sua entrada solemne na cidade episcopal de Olinda, e ratificou a posse que havia tomado por procuração.

Um dos primeiros cuidados do jovem prelado, que tão pomposa e entusiasticamente fôra recebido em sua diocese, em sua terra natal, foi a fundação de um pequeno seminario para os estudos preparatorios do curso canonico, e começava a regularisar o serviço disciplinar do seu elevado ministerio, e a tratar de algumas reformas e outros assumptos tendentes aos negocios da egreja, quando sur-

giu a questão religiosa, em que por assim dizer, fez extremar dous partidos, em luta renhida e porfiada.

Apparecendo na arena da imprensa, em 1872, o periodico livre-pensador *A Familia Universal*, e depois seguido pela *Verdade*, órgão da maçonaria pernambucana, quer um quer outro publicaram alguns escriptos que hiam de encontro ás crenças e idéas religiosas e dahi a iniciativa de D. Frei Vital em rebater taes proposições, zelando e esforçando-se heroica e dedicadamente pela firmeza e sustentação dos dogmas e principios do catholicismo.

Seguiu-se então agitada e calorosa discussão; D. Frei Vital lançou mão das leis ecclesiasticas que condemnam a maçonaria, lançou a pena de interdicção ás irmandades que não obedeceram ao mandato episcopal de expulsar do seu gremio a todos aquelles que pertencessem a maçonaria, e que não abjurassem da sua ordem.

Assim condemnadas as irmandades, uma dellas, a do SS. SS. de Santo Antonio, depois de solicitar em termos convenientes e respeituosos de D. Frei Vital, que, reconsiderando a sentença houvesse por bem levantar o interdito, resolveu interpor da sentença, recurso para o Conselho de Estado, do qual obteve provimento, negando-se comtudo D. Frei Vital a levantar o interdito, fundamentando a sua recusa não só na peça official que dirigiu ao governo, como n'um opusculo que escreveu: *O bispo de Olinda e os seus accusadores no tribunal do bom senso*.

Começou então a instauração do processo contra D. Frei Vital pela desobediencia ás ordens do governo; foi denunciado perante o Supremo Tribunal de Justiça, a copia da denuncia vem ás suas mãos para responder a denunciação, mas elle recusa-se, allegando não conhecer a competencia do tribunal civil em materia religiosa; e assim foi o processo correndo todo o seu turno, sendo pronunciado como incurso na disposição do art. 96 do Codice Criminal, e logo expedido o respectivo mandado de prisão por ser o crime inafiançavel.

Preso e recolhido ao Arsenal de Marinha em 2 de Janeiro de 1874, seguiu depois para o Rio de Janeiro, compareceu perante o tribunal, foi condemnado a 4 annos de prisão com trabalhos e custas do processo, e commutada a pena em 4 annos de prisão simples, recolheu-se a fortaleza de S. João, onde permaneceu pelo tempo de anno e meio, até que foi amnistiado por Decreto de 17 de Setembro de 1875.

D. Frei Vital empreheendeu então a sua viagem *Ad limina Apostolorum*, e a 4 de Outubro partiu para a Europa, desembarcou em Bordeaux, seguiu depois para Londres, visitou Tolosa e Marseille, e d'ahi seguiu para a Italia; aportou em Genova, foi a Florença, e chegou enfim a Roma.

Admittido á presença do Santo Padre, foi bem recebido, e nas diversas occasiões que teve de fallar com Sua Santidade, recebeu sempre as mais elevadas manifestações do apreço em que era tido, assim como dous riquissimos presentes, um cochim de sêda bordado a ouro, dado por Pio IX no dia do seu anniversario natalicio, e um missal romano ricamente encadernado.

D. Frei Vital partiu depois para Pariz, por Turin e Lyon, regressou de novo para Roma, e depois de alguma demora dirigiu-se a Marseille por Genova, e dahi para Tolosa. Visitou Lourdes, Cauterets, Pariz e outros logares da França, seguiu para a Belgica, demorou-se em Mons, Tour-nay, Bois d'Haine, Bruxellas e Antuerpia, voltou de novo á Pariz, visitou Angers e Le Mans, e tomou enfim o caminho de Bourdeaux, com destino a Pernambuco.

D. Frei Vital aportou no Recife a 6 de Outubro de 1876, sendo recebido entre as mais significativas e estrondosas demonstrações, seis dias depois embarcou para o Rio de Janeiro, e após curta demora tomou o caminho de sua diocese, e aqui chegou a 9 de Novembro. No anno seguinte D. Frei Vital foi novamente ao Rio de Janeiro, de onde partiu para a Europa, saltou em Bordeaux, e depois de alguma demora seguiu para Pariz.

D. Frei Vital dirigiu-se então para *Mont-Dore* afim de usar das aguas sulphurozas, passou-se á Tolosa, foi a Marseille, Genova, Florença, Bolonha, Loreto, Napoles e em fim a Rôma, onde chegou em 27 de Setembro de 1877.

Foi nesta cidade que D. Frei Vital sentiu-se accommettido do mal que o levou á sepultura após tão curta existencia. Partindo para a França por prescripção medica, e como já se sentisse muito fraco, foi demorando-se em alguns logares, até que chegou a Pariz e se recolheu ao convento dos Capuchinhos, onde falleceu a 4 de Julho de 1878.

Longe da patria, da familia e dos amigos, mereceu sempre D. Frei Vital as maiores provas de attenção e consideração, do que ha de mais selecto na hyerarchia religiosa, e de todos em geral. Passando os ultimos dias de sua curta existencia em um convento pobre e sem recur-

sos, nada lhe faltou, e teve funeraes solemnes e pomposos sem que nada deixasse para isso.

O seu cadaver foi embalsamado, e sobre o seu ataude ostentavam-se lindas corôas de flores naturaes, algumas de delicado trabalho, que de todos os lados foram enviadas, e collocado o feretro sobre um modesto mas elegante mausoleo, na egreja do convento, ahi tiveram logar as suas exequias, a que assistiram o cardeal arcebispo de Pariz, o nuncio apostolico, e os bispos de Vannes e de Galvetow (Estados Unidos), officiando o bispo de Riobamba, no Equador, e sendo orador da solemnidade o celebre escriptor Monsenhor de Ségur; e transportados depois para a casa de Versailles, foi levado processionalmente para o cemiterio, onde o enterraram em uma sepultura subterranea dos padres capuchinhos.

D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira conquistou pela sua sabedoria, pelo seu heroismo e pela firmeza de suas crenças, nm nome immortal nas paginas da historia ecclesiastica e politica do seu paiz. Uma penna autorizada, o Sr. Dr. Antonio Manoel dos Reis, escrevendo o seu primoroso Livro, *O bispo de Olinda perante a historia*, consagrou á sua memoria um digno e perduravel monumento, monumento este, « que recordará aos vindouros a crença inabalavel, o character illibado, a energia mascula, a abnegação sublime, e o heroismo até o sacrificio dessa honra da patria e gloria da egreja, que mereceu ser cognominado o Athanasio Brasileiro... E' um livro que narra, que discute, que demonstra, que prova, que convence, que interroga, que julga, que condemna, e afinal perdôa... Elle espelha o grande vulto e reflecte a grande alma do herôe que o escreveu pagina por pagina, e rscorda o zelo do apostolo, a sciencia do doutor, a uncção do pontifice, a energia do confessor e a aureola do martyr ! »

Z

Zenobio Accioly de Vasconcellos. Nasceu em Olinda ao alvorecer do seculo XVII. Foram seus paes Gaspar Accioly de Vasconcellos, natural da ilha da Madeira, e D. Anna Cavalcanti de Albuquerque, natural desta provincia.

Em Abril de 1634, no maior calor da guerra da invasão hollandeza, Zenobio Vasconcellos assentou praça de soldado, e encorporou-se ás fileiras do exercito pernambucano, que braço a braço lutava nos campos da batalha pela liberdade de sua patria.

O sitio da praça de Nazareth foi a primeira acção em que tomou parte o joven e novel soldado. O general Mathias de Albuquerque achava-se mui distante desse ponto, acampado com o seu exercito. Era, pois, necessario participal-o de que os hollandezes haviam sitiado a praça de Nazareth, e receber as suas ordens. Zenobio Vasconcellos offerece-se para executar essa perigosa missão, parte, atravessa o campo inimigo com grandes riscos e difficuldades, communica-se com o general, e volta a participar da sorte dos seus companheiros, soffrendo com elles as maiores privações, a fome e outros incommodos, por espaço de 4 mezes.

No ataque de Porto Calvo, portou-se honrosa e briosamente. Accommetteu a principal fortificação que os hollandezes occupavam na villa, e queimou-lhes umas casas fortes. Partindo deste ponto, e encorporado ao exercito, tomou parte no combate junto a força da Barra Grande, no dos campos de Camaragibe, de Porto Calvo e Matta Redonda. Partindo os hollandezes a invadir a Bahia, por mar e terra, Zenobio de Vasconcellos sahio-lhe ao encontro, e o fez retirar-se vergosamente com perda consideravel, e comboiou o soccorro que se enviou áquella praça.

Da Bahia voltou a Pernambuco na armada de soccorro enviado pelo conde da Torre, cuja viagem foi quasi que uma constante batalha naval com a esquadra hollandeza.

Cumprida essa missão, segue de novo para a Bahia em companhia de Luiz Barbalho Bezerra; foi nessa jornada por terra, e nesse immenso caminhar, assaltado a cada passo pelos hollandezes, porem, portou-se sempre com valor e intrepidez tal, que mereceu louvores dos seus chefes.

Zenobio Vasconcellos não ficou, porém, estacionado na Bahia. Elle voltou ao Rio Grande do Norte, bateu o inimigo em Cunhaú, nos engenhos Goyanna e Salgado, e seguiu depois para as Alagoas.

Rompendo a guerra da restauração, corre a unir-se com os seus compatriotas, atravessa pelo centro da provincia, e marcha para o engenho de Izabel Gonçalves, onde se tinham fortificado os hollandezes. Fere-se a batalha, esse memoravel feito de armas conhecido na historia por batalha da Casa Forte e elle recebe um grave ferimento, porém tambem as honras e as glorias da victoria, depois de a ter conquistado em grande parte.

No combate da força de Afogados, e na primeira e memoravel batalha dos montes Guararapes, elle obrou os maiores prodigios de valor. Neste ultimo feito, nessa pagina mais brilhante da historia das nossas glorias militares, Zenobio Vasconcellos teceu a corôa de louros das suas glorias, e inscreveu o seu nome nos fastos immortaes da nossa historia.

Bate-se heroicamente, accommette um batalhão hollandez, e arranca das mãos do official inimigo o seu estandarte, e vem depositar o trophéu das suas glorias, nas mãos do commandante em chefe das nossas forças, o general Barreto de Menezes!

Em muitos outros feitos realça o nome de tão illustre e valente pernambucano. Elle assentara praça no exercito como simples soldado, e pelo seu valor chegara ao posto de coronel, conquistando cada um delles, por um feito notavel, por uma acção heroica e brilhante. Em um documento firmado pelo principe regente, depois D. Pedro II, lê-se que, *nos postos que occupou, procedeu com grande valor e zelo do seu real serviço.*

Assignada a capitulação do Taborda aos 27 de Janeiro de 1654, e restaurada esta provincia e as demais capitánias do poder dos hollandezes, coube a Zenobio de Vasconcellos a incumbencia de ser o portador de tão grande noticia ao governador geral da Bahia.

De volta a Pernambuco, e quando a patria já havia entoado o hymno da liberdade, depoz a sua espada de guer-

reiro, e transpoz os umbraes do santuario da familia, unin-do-se a sua prima D. Maria Pereira de Moura.

Tão grandiosos e assignalados serviços prestados á causa sacrosanta da patria, em uma guerra terrivel e cheia de toda a especie de privações e de incommodos, não po-diam ser esquecidos, e deixar de ter condigna remunera-ção. El-Rei lhe conferiu o foro de fidalgo de sua real casa, a alcaidaria-mór da cidade de Olinda, e a commenda de S. Miguel da Ribeira de Diu, da Ordem de Christo.

Até o anno de 1681, occupou Zenobio de Vasconcellos o posto de coronel das cavallarias da ordenança, *com dis-pendio de sua fazenda, por não ter com elle soldo algum, havendo-se em tudo com muita satisfação*, até que, por carta patente de 22 de Outubro desse mesmo anno, foi ele-vado ao posto de mestre de campo, *por El-Rei esperar delle que da mesma maneira lhe serviria d'ahi em diante em tudo de que o encarregasse do serviço conforme a con-fiança que fazia de sua pessoa*.

Dessa epocha por diante nada mais encontramos so-bre a vida do mestre de campo do terço da guarnição da praça de Pernambuco, Zenobio Accioly de Vasconcellos. Elle consagrou a sua vida inteira á causa da patria; fez a campanha das guerras da invasão e restauração, e o seu valor, os seus actos de bravura, e a sua inexcedivel intre-pidez, sagraram-no heróe e benemerito da patria.

INDICE

A

PAGS.

Affonso de Albuquerque Mello.	1
Agostinho Barbalho Bezerra.	3
Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza.	7
Alvaro Teixeira de Macedo.	12
André de Albuquerque.	21
André Dias de Figueiredo.	25
Anselmo Francisco Peretti.	29
Antonino José de Miranda Falcão.	34
Antonio Affonso Ferreira.	37
Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.	40
Antonio de Albuquerque Maranhão.	46
Antonio de Andrade Luna	52
Frei Antonio dos Anjos	54
Antonio Augusto de Araujo Torreão.	57
Antonio Cavalcante de Albuquerque.	59
Antonio Coelho de Sá e Albuquerque.	62
Antonio Correia Seára.	67
Antonio da Costa	72
Antonio da Costa Rego Monteiro.	74
D. Antonio Felipe Camarão.	78
Antonio Fernandes Padilha	86
Antonio Francisco Bastos.	89
Antonio Francisco de Paula e H. C. de Albuquerque	93
Antonio Gomes Pacheco	98
Antonio Gonçalves da Cruz Cabugá.	100
Antonio Joaquim de Mello.	103
Antonio Jorge Guerra.	121
Antonio José Victorino de Almeida e Albuquerque.	124
Antonio José Victorino Borges da Fonseca	129
Antonio Manoel Felix.	134
Antonio Martins Bayão.	138

Antonio Muniz Barreiros.	141
Antonio Pedro de Figueiredo	145
Antonio Pedro de Sá Barreto.	151
Antonio Peregrino Maciel Monteiro.	156
Antonio Pessoa Arco-Verde	166
Antonio Rangel de Torres Bandeira.	167
Frei Antonio de Santa Maria Jaboaão.	173
Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.	177
Antonio Vieira de Mello.	184
Antonio Vieira da Silva.	186
Apolonio Peres Campello Jacome da Gama.	189
Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.	192
Augusto Netto de Mendonça.	199

B

Barão de S. Borja.—V. Victorino José Carneiro Monteiro.	
“ de Capibaribe.—V. Manoel de Souza Teixeira.	
“ de Caruarú.—V. Francisco Antonio Raposo.	
“ de Cimbres.—V. Domingos Malaquias de A. P. Ferreira.	
“ de Goyanna.—V. José Correia Picango.	
“ de Iguarassú.—V. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.	
“ de Itamaracá.—V. Antonio Peregrino Maciel Monteiro.	
“ de Villa-Bella.—V. Domingos de Souza Leão.	
Bento José Lamenha Lins.	203
Bento Teixeira Pinto.	207
Frei Bernardino das Neves.	209
Bernardo José da Gama.	212
Bernardo Luiz Ferreira Portugal.	222
Bernardo Vieira de Mello	227
Braz de Araujo Pessoa.	234

C

Caetano Francisco Lumachi de Mello.	236
Caetano Maria Lopes Gama.	239
Carlos Ferreira.	243
D. Frei Carlos de S. José e Souza	246
Conde de Alegrete.—V. Mathias de Albuquerque Coelho.	
“ da Boa-Vista.—V. Francisco do Rego Barros.	
“ de Irajá.—V. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araújo.	

D

D. Diogo Pinheiro Camarão.	251
Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira.	253
Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.	256
Domingos Rodrigues Carneiro.	261
Domingos de Souza Leão.	264
Domingos Theotônio Jorge Martins Pessoa.	267
Duarte Coelho de Albuquerque.	273

E

PAGS.

Estevão José Carneiro da Cunha.	276
Estevão Soares de Aragão	279

F

Felippe Bandeira de Mello	283
Felippe Nery Ferreira.	287
Felix Peixoto de Brito e Mello.	290
Fernão de Mello e Albuquerque.	296
Francisco Antonio Raposo	298
D. Francisco Cardoso Ayres	302
Francisco Correia Telles de Menezes	311
Francisco Ferreira Barreto.	315
Francisco Gil Ribeiro	322
Francisco José Arantes	325
Francisco José Marinho.	329
D. Francisco de Moura Rolim.	330
Francisco Muniz Tavares	334
Francisco Nunes Franklin	352
Francisco Paes Barreto	353
Francisco de Paula Baptista.	358
Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque.	364
Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque.	369
Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque Lacerda.	372
Francisco de Paula Gomes dos Santos.	378
Francisco Rebello	380
Francisco do Rego Barros.	387
Frei Francisco de Santo Antonio.	391
Francisco Xavier de Moraes Cavalcante.	393
Francisco Xavier Paes Barreto.	396
Francisco Xavier Pereira de Brito.	403

G

Gervasio Pires Ferreira	405
-----------------------------------	-----

H

Henrique Dias	410
Hermillo Peregrino David Madeira.	418

I

Ignacio Firmo Xavier.	422
-------------------------------	-----

J

PAGS

Jacob de Andrade Velloso.	424
Jeronymo de Albuquerque Maranhão.	425
Jeronymo Cesar de Mello.	430
Jeronymo Fragoso de Albuquerque.	432
Jeronymo Villela de Castro Tavares.	433
João Antonio Salter de Mendença.	443
Frei João da Apresentação Campelli.	445
João Baptista da Fonceca.	447
Frei João Baptista da Purificação.	451
João Barbosa Cordeiro.	453
João de Barros Rego.	457
Frei João da Conceição Loureiro.	462
João Evangelista Leal Periquito.	465
João de Mello.	469
João Nepomuceno Carneiro da Cunha.	470
João do Rego Barros.	472
João do Rego Dantas Monteiro.	473
João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro.	477
Frei João do Rosario.	481
João Soares de Albuquerque.	485
João de Souto Maior.	486
D. João de Souza.	490
João Velho do Rego Barreto.	503
Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.	495
Joaquim Jeronymo Serpa.	506
Joaquim Nunes Machado.	511
Joaquim Villela de Castro Tavares.	519
Jorge de Albuquerque Coelho.	521
José Antonio de Figueiredo.	527
José de Barros Falcão de Lacerda.	531
José de Barros Lima.	535
José Camello Pessoa de Mello.	539
José Correia Picanço.	541
José Correia da Silva.	542
Jesé Gomes da Costa Gadelha.	546
José Ignacio de Abreu e Lima.	549
José Ignacio Borges.	570
José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima.	573
José Luiz de Mendonça.	577
José Mamede Alves Ferreira.	580
José Maria de Vasconcellos Bourbon.	585
José Marinho Falcão Padilha.	587
José Mauricio Wanderley.	589
José da Natividade Saldanha.	591
José de O' Barbosa.	598
José Paulino da Camara.	601

L

PAGS.

Laurentino Antonio Moreira de Carvalho.	604
Frei Leandro do Sacramento.	605
Leonardo Bezerra Cavalcante.	610
Libanio Augusto da Cunha Mattos.	612
Lino do Monte Carmello Luna	614
Luiz Alves Pinto.	617
Luiz Barbalho Bezerra.	620
Luiz Botelho do Rosario.	625
Luiz Ignacio Ribeiro Roma	626

M

Mamede Simões da Silva.	629
Manoel Antonio Vital de Oliveira	633
Manoel de Arruda Camara.	640
Manoel Buarque de Macedo	644
Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque	651
Manoel de Carvalho Paes de Andrade.	653
Manoel da Cunha Wanderley Lins.	663
Manoel Figueiróa de Faria.	668
Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça	671
Manoel de Macedo.	673
Manoel Madeira.	675
Manoel Mendes da Cunha Azevedo.	678
D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo.	681
Manoel Pereira de Moraes.	687
Frei Manoel da Piedade.	689
D. Frei Manoel de Santa Catharina.	692
Frei Manoel de Santa Thereza	694
Manoel de Souza Magalhães	697
Manoel de Souza Teixeira.	699
Marquez de Olinda — V. Pedro de Araujo Lima.	
“ do Recife — V. Francisco Paes Barreto.	
Martim Soares Moreno.	701
Mathias de Albuquerque Coelho.	704
Mathias de Albuquerque Maranhão.	717
Miguel Rodrigues Sepulveda.	720
Miguel do Sacramento Lopes Gama.	723

N

Nicolão Paes Sarmento	727
---------------------------------	-----

O

Ovidio da Gama Lobo.	729
------------------------------	-----

P

PAGS.

Frei Paulo de Santa Catharina.	732
Pedro de Albuquerque.	734
Pedro de Araujo Lima.	737
Pedro Correia Barreto.	744
Pedro Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque.	746
Pedro Ivo Velloso da Silveira	749
Pedro de Moraes Magalhães	752
Pedro Ribeiro da Silva.	754
D. Frei Pedro de Santa Marianna.	756
Pedro da Silva Pedroso	760
Pedro de Souza Tenorio	763

R

D. Rita Joanna de Souza.	768
Frei Ruperto de Jezus.	771

S

Sebastião Pinheiro Camarão.	772
Sebastião do Rego Barros.	774
Simão de Figueiredo	776
Simplicio Antonio Mavignier	778

T

Tabyra	780
Thomaz da Cunha Lima Cantuaria.	783

U

Urbano Sabino Pessoa de Mello.	785
--	-----

V

Venancio Henrique de Rezende.	788
Victorino José Carneiro Monteiro	792
Virginio Rodrigues Campello.	795
Visconde de Albuquerque — V. Antonio F. de P. H. C. de Albuquerque	
“ de Azurara. — V. João Antonio Salter de Mendonça.	
“ de Camaragibe — V. Pedro F. de P. C. de Albuquerque.	
“ de Goyanna. — V. Bernardo José da Gama.	
“ de Mamanguape. — V. Caetano Maria Lopes Gama.	
“ de Suassuna. — V. Francisco de P. C. de Albuquerque.	
D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira.	797

Z

Zenobio Accioli de Vasconcellos.	802
--	-----

